

Céltica

Caderno de Estudos Galaico-Portugueses
Porto (1960-1961)

EDICIÓN FACSIMILAR



XUNTA DE GALICIA

Céltica

Caderno de Estudos Galaico-Portugueses
Porto (1960-1961)

EDICIÓN FACSIMILAR

Coordinador da edición

LUÍS ALONSO GIRGADO

Estudo liminar

MARIA ISABEL MORÁN CABANAS

Edición e notas

CÉSAR CAMOIRA VEGA

Colaboración

MARÍA MONTSERRAT VÁZQUEZ RIVEIRO

Edita:

Xunta de Galicia
Consellería de Cultura, Educación e Universidade
Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades

Secretario Xeral de Política Lingüística:

Valentín García Gómez

Coordinador científico:

Manuel González González

Directora Técnica de Literatura:

Mercedes Brea López

Maquetación e impresión:

Grafisant, S.L.

ISBN: 978-84-453-5371-4

Depósito legal: C 1843-2020

AGRADECEMENTOS

A Maria Isabel Morán Cabanas, pola inestimábel axuda e a erudición incesante.

A Maria Virgínia Santos Guerra (filla do fundador da revista e tamén escritora), pola xentileza e o apoio para materializar este proxecto.

A Carlos Quiroga e Anthero Monteiro, pola amabilidade e a información.

ÍNDICE XERAL

I. ESTUDO LIMINAR	9
1. 1. Sobre o seu fundador: vocación e trajetória	11
1. 2. Uma declaración de intencións e un projeto a seguir	14
1. 3. Primeiros pasos e repercusións no meio intelectual.....	16
1. 4. Crónicas de viaxens e encontros	17
1. 5. Revisando/dinamizando o panorama das letras galego-portuguesas	19
1. 6. Revisando/dinamizando o panorama das artes galego-portuguesas	24
1. 7. Comemoracións de efemérides	27
1. 8. Enfim, una glorificación da lingua e da tradición.....	28
1. 9. Últimos pasos e pegadas de un <i>longo caminho</i>	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33
Criterios de edición	35
II. INTRODUCCIÓN	37
2. 1. Ficha técnica de <i>Céltica</i>	39
2. 2. Panorámica histórica. Catálogo das revistas galegas e portuguesas (1951-1961).....	42
2. 2. 1. Galicia	42
a) Publicacións da Galicia interior	43
b) Publicacións da Galicia exterior	53
2. 2. 2. Portugal	62
2. 3. Arredor de <i>Céltica</i> :.....	79
2. 3. 1. Recepción de <i>Céltica</i>	79
2. 3. 2. O proxecto do Círculo de Estudos Galaico-Portugueses	87
2. 3. 3. Principais colaboradores portugueses de <i>Céltica</i>	88
2. 3. 4. Os colaboradores galegos: prosa e verso	90
III. ÍNDICES	95
3. 1. Textos	97
3. 2. Colaboradores	104

IV. BIBLIOGRAFÍA SOBRE <i>CÉLTICA</i>	113
4. 1. Básica.....	115
4. 2. Complementaria.....	116
V. FONTES HEMEROGRÁFICAS	119
5. 1. Webgrafía.....	121
VI. APÉNDICE	123
6. 1. Cartas	125
VII. <i>CÉLTICA</i>, texto facsimilar	135

ESTUDO LIMINAR

A revista *Céltica*. Caderno de Estudos Galaico-Portugueses, um apelo ao diálogo e mútuo conhecimento

Maria Isabel Morán Cabanas
Universidade de Santiago de Compostela

Dum lado e do outro, então, começaram a surgir intelectuais interessados nessa reaproximação, advogando-a e defendendo-a, procurando-a e preconizando-a em artigos de jornais, em pedaços de prosa e em poemas. Mas os anos foram passando e desses gritos isolados nada resultou senão a preparação, talvez, dum estado de espírito propenso a uma realização que um dia viria a aparecer, que era justo e digno e meritório que um dia aparecesse (...). Sejamos dignos dessa incumbência, aceitemos a herança, trabalhemos para que a amizade galaico-portuguesa aumente e frutifique numa atmosfera de perfeita compreensão.

Manuel Oliveira Guerra

Cartas e telegramas chegam (centenas!) vindas da Galiza —de Pura Vasquez, de Leandro Carré, de Celso Emilio Ferreiro, da Real Academia Galega e de tantos outros... Até da Casa da Galiza em Nova Iorque!... (...).

Depois, foi o silêncio, só interrompido por algumas cartas trocadas, nos últimos anos, entre mim e o Manuel Maria e Pura Vasquez. O silêncio que eu venho tentando quebrar. E, ultimamente, algumas vezes se têm juntado à minha voz, de cada um dos lados do rio Minho.

Maria Virgínia Santos Guerra

1. 1. Sobre o seu fundador: vocação e trajetória

“Poeta e contista. Militante das relações culturais luso-galaicas”, diz o verbete alusivo ao nome de Manuel Oliveira Guerra no *Dicionário cronológico de autores portugueses* (1985), coordenado por Eugénio Lisboa. Com efeito, ao interesse desta figura pelo mútuo conhecimento e fluidez de contactos entre a cultura de aquém e além Minho deve-se toda uma série de iniciativas, das quais faz parte a revista *Céltica*, cujos quatro números foram editados entre os anos de 1960 e 1961. Como veremos, tal publicação pretenderá também servir como órgão porta-voz do Círculo de Estudos Galaico-Portugueses que naquela altura estava em vias de formação e aspirava a se converter num agente aglutinador dos valores da Galiza e de Portugal, sendo inicialmente apoiado por intelectuais e artistas de ambas as partes e, ainda de forma bem particular, pela Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto —nascida nos finais do século XIX e com larga tradição como uma das instituições mais dinamizadora da vida cultural da cidade. O objetivo que perseguiu desde sempre o fundador da revista foi consolidar um ambiente espiritual e sentimental de

aproximações e possibilitar o clima mais adequado para um futuro de intercâmbio promissor.

Foi já desde os seus anos de adolescência e juventude que Manuel Oliveira Guerra se sentiu motivado para o estabelecimento desses vínculos devido a uma circunstância pessoal que o marcaria durante toda a sua vida. Nascido em 1905 na cidade de Oliveira de Azeméis, localizada ao Norte de Portugal, na sub-região Entre Douro e Vouga, ali frequentou a Escola do Conde de Ferreira. Ora, aos onze anos viu-se atingido pelo mal de Pott, tuberculose óssea na coluna vertebral, cujo tratamento o obrigou a passar uma longa estadia de nove anos no Sanatório Marítimo do Norte, situado em Francelos. Durante tal período conheceu uma menina galega chamada cordialmente Luzita, que também estava ingressada e com a qual gostava de conversar. A semelhança linguística impressionou-o e a sua curiosidade foi aumentando cada vez mais. De facto, chegou mesmo a conhecer e folhear com entusiasmo jornais da Galiza que a família da rapariga cortesmente lhe enviava, tal como ele próprio explicou em várias ocasiões:

Un día, há muitos anos (em 12 de Junho de 1923) entrou no Sanatório Marítimo do Norte uma criança vinda da Galiza, que se chamava Maria de la Luce Álvarez Rodríguez e que tratavam familiarmente por Lucita. Gostava-se dela, do seu ar tristonho de doente, e eu e o António Correia da Silva, com a nossa extremada mania de observar tudo e de transformar tudo em motivo de estudo, entretínhamo-nos por vezes a fazê-la falar (e palavra como um papagaio) a fim de lhe apanharmos termos galegos que, por nós postos em confronto com o português arcaico e moderno, nos davam com a sua textura verbal, a sua fonia, o seu sabor dialéctico e o seu poder de expressibilidade, à medida das semelhanças, digamos, das igualdades linguísticas (léxicas, morfológicas e sintácticas) entre o galego e o português —semelhanças ou igualdades que subsistiram particularmente até à altura em que ao lado de cá se acentuou o desenvolvimento, o desembaraço progressivo, a evolução da nossa língua, enquanto que, para além Minho, a língua dos nossos irmãos ficava preza à mordaza histórica, à quietude ou paralisia formal, oprimida pelo predomínio político de Castela e do castelhano (...).

A nossa amizade à Lucita carregou-nos a estima compreensiva e grata da família, que de quando em quando transpunha a fronteira para a visitar em Francelos, e o pai, D. Jacob Álvarez Varela, homem de boas relações com o meio intelectual galego, quiz dar-nos a demonstração dos seus sentimentos afectivos, enviando diariamente *El Pueblo Gallego*, e, mais ainda, trazendo para *O Girassol*, a preciosa colaboração de Amador Montenegro Saavedra, conto escrito expressamente para esse fim e em galego, denominado “Natilhas sin prato” (1955: 1).

Graças a uma professora que se deslocava ao sanatório para dar aulas aos doentes mais jovens, Manuel Oliveira Guerra conseguiu fazer os exames escolares e finalizar o segundo ano no Liceu de Aveiro, única habilitação académica oficial. Com vinte anos saiu da clínica e começou logo a trabalhar na direção da empresa do pai, um industrial do vidro que até chegou a ser proprietário de um conjunto de sete fábricas. Certas desavenças familiares fizeram com que o seu filho Manuel fosse deserdado e apenas ficasse com um armazém como fonte de recursos económicos. Na verdade, o interesse pela leitura e a escrita despertaram-se nele desde bem cedo e manifestaram-se sob várias modalidades. Lembre-se que, na qualidade de criador literário, cultivou o conto e a poesia: já durante o período hospitalar publicou alguns escritos da sua autoria em jornais como *O Girassol*, que ele próprio fundou e do qual dirigiu alguns

números¹, ou *O Correio de Azeméis*, criado pelo jornalista Bento Landureza na cidade que lhe dá nome, servindo, desde o início, como uma verdadeira tribuna de defesa das convicções republicanas —de facto, até ficaram bem célebres algumas campanhas que acolheu entre as suas colunas.



Capa de *Ave Maria*
(Porto, 1922)

¹ Trata-se de uma pequena publicação periódica ligada a pacientes e trabalhadores do Sanatório Marítimo do Norte e, mais tarde, também da Clínica Heliântia, ambas as instituições relacionadas com o trabalho do médico. Ferreira Alves no âmbito do tratamento da tuberculose óssea por meio da helioterapia (daí o seu nome): “A cura ao sol é descrita pelos doentes como um momento de preguiça, não deixando de ser doloroso e penoso. A exposição solar revela-se eficaz na mutação dos corpos enfermos, por isso uma etapa necessária à cura. Na varanda, é companhia privilegiada o livro e os jornais diários. As crianças faziam os deveres escolares marcados pelos seus professores” (AMARAL, 2007: 113). O *Girassol*, que empreenderá uma longa história repartida em várias séries, para além de nos informar com pormenor sobre o quotidiano desses dois centros hospitalares, dos avanços e dos tempos que iam correndo, abriu as suas páginas a colaborações exteriores de autores como o poeta e pensador Teixeira de Pascoaes ou às primeiras experiências poéticas de Eugénio de Andrade ou Pedro Homem de Melo, devido sobretudo à sensibilidade e aos contactos de Oliveira Guerra. Concretamente do espólio do seu fundador fazem parte uma coleção de números do jornal e um conjunto de documentos e relatórios sobre a sua organização: originais, provas tipográficas e correspondência com os órgãos da censura, entre bastantes outros materiais que se podem consultar na Escola Secundária Dr. Fernandes Alves, a quem foi doado.

Foi em 1932 quando saiu do prelo o seu primeiro livro de versos sob o título *Padre Nosso*, o qual apareceu apresentada por um prefácio de Ramada Curto e originou quase de forma imediata uma grande polémica na imprensa, sobretudo entre o citado *Correio de Azeméis* e a *Opinião*, aviventada sobretudo pelo seu forte carácter anticlerical. Tal situação provocou que essa primeira edição se esgotasse ao pouco tempo, apenas em 15 dias. A voz das musas que ali se descobre é de teor satírico e aparece marcada por um tom rebelde, contestatário e contundente, próximo ao do seu conterrâneo Guerra Junqueiro, ou ao do galego Curros Enríquez. Mais ainda: a sua segunda obra, *Ave Maria*, em que predominava a mesma atitude de protesta e denúncia, estava preparada para ser lançada alguns meses depois, mas teve de esperar até ao ano 1960 pelas pressões que o clero exerceu sobre o pai do autor. Com efeito, a sátira ao âmbito eclesiástico e à falsa devoção constituem o eixo principal do livro, sendo fundamentalmente caracterizado o labor dos sacerdotes e dos seus ajudantes nas celebrações religiosas por uma cobiça sem limites nem pudores (MONTEIRO, 2006). Assim, por exemplo, a personagem do Padre pergunta à mãe de um moribundo quantas missas poderá pagar para redimir os seus pecados (tanto mais dinheiro, mais perdão!) e o sacristão, sempre que puder, mete a mão na caixa das esmolas dos fregueses. Tudo se encaminha para uma via de reivindicação social, denunciando-se os novos tempos de tirania da máquina ao serviço dos senhores, onde o velho carpinteiro José, pai de Jesus Cristo, teria mesmo de vender a serra, a túnica e até a jumenta para poder sobreviver.

Posteriormente sai do prelo o volume de contos *Caminho Longo* (1962), que será completado alguns anos mais tarde com outros textos onde o autor irá deixando diversas impressões de viagem, assim como *Algemas*, uma obra de cariz mais intimista. E, apenas um ano mais tarde, aparece *Coisas desta Negra Vida*, em que certa veia biografista se mistura com o discurso cívico: “Poetas, falai da terra / e do povo triste e pobre”, exclama a modo de incitação. Aliás, em diferentes ocasiões, tem declarado na imprensa (inclusive na revista *Céltica*) que estavam já preparados para publicar os seguintes livros: *Passos Incertos; Terreiro da Sé; Caminho de Amor*; o segundo tomo de *Caminho Longo; Maruxa; Grilheta*; ou *Terra Nai*, cuja temática se liga à etnografia galega. Ora, o intelectual morre em 5 de junho de 1964, sem ver concretizada a edição de nenhum deles. Postumamente foram organizadas pela sua filha, Maria Virgínia Santos Teles Guerra Monteiro, duas coleções de textos: *Esta Cidade que eu amo* (1998), dedicada à cidade do Porto, e *Escritos — Dois contos e alguns poemas* (2002), com alguma composição inédita que já tinha sido anunciada em vida do autor e tinha ficado à espera... E, enfim, em 2007 foi apresentado o livro *Caminho Longo. Antologia de sonetos* de Manuel Oliveira Guerra, acompanhado de um prefácio de Salvato Trigo e um posfácio do crítico luso-checo Jorge Listopad (TORRES REGUEIRO, 2007).

1. 2. Uma declaração de intenções e um projeto a seguir

No que diz respeito aos quatro números da revista *Céltica*, o seu diretor optou por apresentá-los sem datar e sem numerar, sendo apenas diferenciados pela cor da cada uma das suas respetivas capas: bege e amarela para o primeiro; verde para o segundo; azul para o terceiro; e rosa para o quarto. Todos estes cadernos —como se denominam no subtítulo— foram impressos na Escola Tipográfica da Oficina de São José do Porto e aparecem paginados de forma sucessiva (até à página 336). Para a sua preparação gráfica contou-se com a colaboração de António Leite, para além doutras intervenções de artistas (“amigos da Galiza e de Portugal”) que ilustram o seu interior e as folhas soltas que se

inserem em cada volume com textos poéticos e desenhos. As peças relativas ao âmbito da criação correspondente a diversos géneros literários (poemas; contos e trechos de novelas; e breves peças teatrais) ou os estudos de uma extensão limitada sobre os mais variados aspetos da cultura e da atualidade galego-portuguesa compartilham espaço, ao longo de toda a revista, com as artes plásticas através da reprodução de desenhos de estilos e inspirações temáticas diversas —e acrescenta-se, ainda, a presença da música. Neste sentido, chama a atenção o caráter tão interdisciplinar da *Céltica*, assim como o contraste entre a vida tão efémera que teve e a grande quantidade de escritores e artistas que nela participaram.



Manuel Oliveira Guerra
(Oliveira de Azeméis, 1905-Porto, 1964)

Ao longo dos quatro cadernos, Manuel Oliveira Guerra, fundador e único diretor, tenta manter uma estrutura regular, mas vai inserindo algumas alterações que respondem sempre a uma intenção de enfatizar esse apelo seu para a fraternidade entre a Galiza e o Norte de Portugal. A cada passo se torna mais explícita a convocatória de intelectuais para empreender um caminho de união e intercâmbio fluido. Desde o primeiro até ao último número insiste no seu empenho de recuperar uma “mãe e irmã Galiza”. Nos preâmbulos intitulados significativamente “Ao que venho” evoca, de facto, a separação em termos históricos que sofreram os dois povos. Remete-nos para os tempos em que o rei Afonso VI de Leão casou as suas filhas com dois membros da família dos duques de Borgonha: D. Urraca desposou-se com D. Raimundo, entregando a este casal o governo da Galiza; enquanto D. Teresa uniu-se a D. Henrique, sendo-lhes confiado o Condado

Portugalense (nº 1, 3-4)². É precisamente a partir daí que o autor lança mão da parábola do filho pródigo ou da metáfora do jovem que abandona “ainda imberbe, mas em sonho alto e crepitante” a casa materna, afastando-se durante uns longos anos até que os desejos de um reencontro sentimental e de boa afeição familiar se despertaram nele. Perante essa situação, Oliveira Guerra reivindica de forma urgente o final de uma atitude de costas votadas entre a Galiza e Portugal, a qual deseja ver substituída por uma natural “troca de valores e de Beleza”.

1. 3. Primeiros passos e repercussões no meio intelectual

Tais apresentações e apelos para o restabelecimento de uns laços cordiais feitos pelo diretor da revista complementam-se nas páginas iniciais de cada número. Assim, no volume inaugural da revista deparamos com o texto “O primeiro passo” (nº 1, 5-6), composto por um dos irmãos Carré Alvarellos, Lois, em apoio a essa iniciativa da criação da *Céltica*, comparando-a com outras aproximações galego-portuguesas através de dedicações de livros; nomeação de académicos correspondentes em Portugal da Real Academia Galega; participações em congressos históricos e etnográficos; etc. No segundo reproduz-se literalmente a carta que o romancista João da Silva Correia tinha enviado ao próprio Manuel Oliveira Guerra em que agradece a receção da revista e elogia o seu nível cultural, artístico e emocional (nº 2, 55-57). E já nos outros dois as secções iniciais levam como epígrafe “Movimento em marcha” (os anteriores números pretendiam ser, portanto, uma preparação do terreno), dedicando-se tanto a mostrar a proposta firme de um estatuto para a criação do Círculo de Estudos Galaico-Portugueses, que viria ter a sua sede no Porto (Rua Pinto Bessa, 603-1º), como a transcrever diversos depoimentos em que alguns intelectuais galegos e portugueses manifestam as suas congratulações por essa empresa em prol da fraternidade (nº 3, 150-154).

Anunciam-se na revista as ações que pretende desenvolver o Círculo (eis sempre presente a ideia de união!): visitas mútuas de observação e estudo; festivais folclóricos; realizações de espetáculos teatrais, musicais, cinematográficos e televisivos; conferências e congressos sobre os mais variados campos da arte; exposições bibliográficas, de artes plásticas e de artesanato; reedições de livros esgotados e publicações de livros inéditos; permutas de noticiários e colaborações literárias; e a fundação de um Boletim que servisse como porta-voz da propaganda dos valores e de todas atividades realizadas e como veículo para propor outras, sempre marcadas pelo princípio de colaboração entre galegos e portugueses. Estabelece-se como principal espaço de difusão O Ocidente peninsular, entre Fisterra e o rio Douro (o Ocidente Sensitivo, como já designaram a esta faixa geográfica), mas manifesta-se a intenção de uma abertura completa para a comunicação interibérica. Com efeito, registam-se ali até vinte e seis artigos classificados em vários capítulos: “Denominação de objectivos e meios”; “Dos sócios”; “Dos órgãos

² A fim de tornar mais esclarecedor o nosso discurso e mais cómoda a consulta de qualquer texto reproduzido na *Céltica*, citaremos os trechos dali extraídos por ordem de aparição nos volumes (1, 2, 3 e 4), assim como pelas suas respetivas páginas. Cabe lembrar que os índices de todos os cadernos se registam sempre no reverso das capas e sem indicação numérica que remeta para cada uma das colaborações, pelo que, mais do que qualquer outra coisa, constituem relações sequenciais dos conteúdos tratados. A capa não passava pelo filtro da censura? Ou tal ausência vem motivada por circunstâncias ligadas apenas ao processo de impressão? (QUIROGA, 2006: 247-248).

directivos”; Do conselho fiscal”; “Da assembleia geral”; “Do fundo social”; e, por fim, uma “Disposição Transitória” com o propósito de realizar as diligências necessárias para a aprovação oficial e promover a primeira reunião.

Quanto aos pareceres de diversas personalidades em relação à *Céltica*, à constituição do Círculo de Estudos Galaico-Portugueses e a todo o labor desempenhado em prol das relações entre os de aquém e além Minho, Manuel Oliveira Guerra recolhe dois tipos de críticas. Em primeiro lugar, algumas tiradas das cartas que tinha recebido, como a do embaixador de Espanha em Portugal; a de Juan Naya Pérez, da Real Academia Galega; a do poeta galego, José Díaz Jácome; ou a do escritor português António Norton. E, a seguir, menciona outras extraídas de jornais publicados em qualquer dos dois lados da fronteira, que, junto com certos programas de rádio, deram notícia deste projeto de fraternidade com desusada extensão e, inclusive, com a inserção de entrevistas ao seu promotor. Entre estes últimos, deparamos com *Ecos de Espanha*, *Faro de Vigo* e *El Ideal Gallego*, nos quais tiveram um especial eco as palavras de Manuel Oliveira Guerra. Com efeito, foram muitos os intelectuais galegos que escreveram artigos na imprensa defendendo tal empreendimento e declarando o seu apoio. Cabe citar, por exemplo, os elogios que lhe dedica Abuín de Tembra em *La Noche*:

Se ha fundado en Oporto una nueva revista galaico-portuguesa. Por si no fuera bastante *4 Ventos*, que ve la luz en Braga, Oporto va a ser la sede de esta espontánea floración literaria, en torno al monumento erguido a Rosalía, en la plaza de Galicia, envuelta en brumas y sauces. El alma del movimiento pro Galicia, que no hace mucho se ha iniciado en Oporto, es Oliveira Guerra. Lo conocemos personalmente y conocemos también muchas de sus andanzas, idas y venidas, por nuestro país. Oliveira Guerra, espíritu inquieto, febril y soñador, ha hecho de su vida una elevada misión poética: la de agrupar ninfas y musas, trovadores y juglares en torno al Miño, por los lados de Caminha, Valença y Monção. No conocíamos las cualidades de Oliveira Guerra como gran poeta. Ahora, nos llega a manos una revista, *Jornal Feminino* y en ella aparecen, tal vez, los mejores versos que, sobre temática gallega, se hayan escrito en los últimos años. Titula él sus versos, “Mensagens para a Galiza”. Son tres los poemitas, por este orden: “Galicia”, “Senhora do Padrón” y “A luz das Rías Baixas”. Oliveira Guerra nos parece un Macías, que rompe lanzas por su amada en fiera lucha, o un Don Quijote que vive y alienta por su Dulcinea. Galicia es, para Oliveira Guerra, dama pobre y campesina, aunque la hidalguía la lleva dentro del espíritu (*apud* DELGADO CORRAL, 2004: 495).

1. 4. Crónicas de viagens e encontros

Como vemos, Manuel Oliveira Guerra denuncia constantemente o esquecimento mútuo entre a Galiza e Portugal, reclamando com urgência um labor de compreensão e intercâmbio. Uma boa amostra de tal interesse são as crónicas de viagens que, por exemplo, Maria Vitória Armesto e ele próprio nos deixaram: aquela, desde Bonn, lembra com entusiasmo a sua primeira visita física e intelectual a Portugal num texto que será reproduzido pouco depois em *La Voz de Galicia*³, enquanto este revela as suas impressões

³ Trata-se precisamente do primeiro texto publicado em galego pela autora, precedido de uma breve nota em que o jornal se congratula com a criação de *Céltica*, que publicita como “recientemente surgida en Oporto y cuyo fin es el acercamiento entre nuestros dos pueblos, fomentando este interés y acercamiento los intelectuales de una y otra riberas del Miño” (16

ao passear pelas terras galegas numa extensa carta dirigida a José Díaz Castroverde, que qualifica como “irmão de raça”, “compatriota de além Minho” e “amigo de todos os tempos, antigo, presente e futuro”, entre outras denominações. Eis algumas das suas observações da paisagem natural e humana que encontrou na Galiza:

“Mais uma vez deixei essa vossa e nossa querida terra da Galiza para nos passarmos a esta vossa e nossa terra de Portugal. Mais uma vez transpuz a fronteira política e oficial que pretende separar-nos ou que nos separa apenas política e oficialmente, para termos a mor e melhor consciência de que ela, essa fronteira, não nos separa quase nada afinal. Mais uma vez... (...)

... Mais uma vez rolei pelas vossas maravilhosas estradas coleantes, sentindo, vendo e ouvindo latejar à minha volta a vossa Natureza verde, húmida, túrgida, raivosa, hubérrima, pletórica de encanto e de fartura (...).

... Mais uma vez eu me detive, emocionado, diante dos vossos monumentos multicentenários, civis, militares e religiosos, tão cheios de história, de lenda, de tradição e de poesia (...)” (nº 1, 16-17).

Foram frequentes as visitas de Oliveira Guerra a Ourense, em companhia de Pura Vázquez, que lhe apresentou ali Antón Tovar; a Pontevedra, onde aproveitou para conversar com Filgueira Valverde e ver o Museu que dirigia; a Vigo, com Celso Emilio Ferreiro, Álvarez Blázquez e alguns membros da Comissão da Imprensa de Vigo; à Corunha, onde precisamente participou com a comunicação “A minha mensagem” na Segunda Assembleia Galega, em Agosto de 1961; a Santiago de Compostela, cidade na qual ficou impressionado pela Catedral e o seu entorno de pedra, que lhe inspirou vários textos em prosa e verso, e onde se encontrou com Isidro Conde, Carlos Eduardo de Soveral (diretor do Instituto de Estudos Portugueses na Galiza⁴) e outros intelectuais com que compartia interesses. Para além destes núcleos urbanos maiores, temos constância das suas viagens a outras diversas cidades e vilas galegas. Entre elas, Guitiriz, onde fazia “cura de águas” e onde nasceu o convívio com José Díaz Castroverde; Caldas de Reis, lugar a que foi convidado pelo pintor Pesqueira Salgado para visitar o seu *atelier*; e, muito particularmente, diversas localidades ligadas de forma bem íntima a Rosalia de Castro, como Padrón ou Lestrove⁵. Sobretudo

de março de 1960). Posteriormente, em “Meditacios a beira do rio Rin” (*sic*), evoca em tons líricos a história comum da Galiza e Portugal a partir das suas relações e dos seus passeios perto da Embaixada de Portugal na Alemanha (nº 3, 223-224).

⁴ Leitor de português nas universidades de Salamanca, Barcelona e Santiago de Compostela, foi nesta última onde dirigiu o mencionado centro. E, entre outros cargos que desempenhará mais tarde, lembre-se que exerceu como Subsecretário de Estado da Educação Nacional (1961-1962) e foi professor-fundador da nova Faculdade de Letras da Universidade do Porto, dedicando-se sobretudo aos âmbitos da história da cultura clássica e da historiologia, quer dizer, da fundamentação filosófica da historiografia.

⁵ Uma antiga máquina de escrever Remington acompanhava-o sempre nas suas viagens, permitindo-lhe recolher as impressões mais imediatas, vivas e diretas. Vale a pena reproduzir, com efeito, alguns trechos de um velho escrito datilografado em que comenta aspetos e aventuras da sua primeira deslocação às terras galegas e confessa as intensas emoções e os desejos que experimentou ao atravessar a ponte de ferro situada sobre o rio Minho: “E ao vêr-me do lado de lá e voltando, com ufania e infantil ar de triunfo, os olhos brilhantes de entusiasmo para as leiras verdejantes e para as negrejantes muralhas de Valença, eu provuei fixar bem tôdas as impressões que ia experimentar e guarda-las no espírito e no coração, sem perda de menor elemento” –agradecemos à filha do autor, Maria Virgínia Santos Teles Guerra Monteiro, que com tanto empenho reivindicou o reconhecimento do labor do seu pai, a doação das folhas soltas que

através dos famosos “Anacos” que o multifacetado jornalista Raimundo Garcia, BOROBÓ, publicava em *La Noche*, dispomos também de informações sobre as idas a Santiago de Compostela de vários colaboradores portugueses de Oliveira Guerra: os artistas plásticos, Barata Feyo e Carlos Carneiro, entre eles.

Aliás, a casa do fundador da *Céltica* converteu-se reciprocamente num ponto de encontro, numa modesta embaixada galega, em que se receberam as visitas de Pura Vázquez, Pura Lugrís Freire, Manuel Maria, Anric Massó e muitos outros. No dia 4 de março de 1961, de facto, teve lugar nessa morada do Porto a reunião em que foi eleita a Comissão Gestora do Círculo de Estudos Galaico-Portugueses, da qual se reproduz uma fotografia na revista. Perante qualquer impossibilidade de comparecer a esse encontro, o convocante pediu através de correspondência epistolar que delegassem nele a encomenda de votar no seu nome, agradecendo-lhes o envio de qualquer consideração que julguem pertinente para ser tratado no debate sobre as disposições estatutárias. As respostas foram variadas, por exemplo: José Maria Álvarez Blázquez manifestou que concordava perfeitamente com tudo, enquanto o português Manuel de Boaventura, desconfiando da difusão do Boletim na Galiza, propunha criar uma revista com a mesma missão que a *Céltica* nalguma cidade galega. Por outro lado, Manuel V. Peña, mandou umas “Acotaciones al reglamento”, em que reivindica a necessidade dalgum distintivo ou insígnia e a presença de representantes das quatro províncias galegas, talvez como vocais da direção que se deveriam deslocar às reuniões marcadas no Porto e em Santiago de Compostela, como pontos neutrais.

1. 5. Revisando/dinamizando o panorama das letras galego-portuguesas

Em termos literários, Manuel Oliveira Guerra declara que apenas uma minoria do Sul do Minho conhece os nomes de Rosalia de Castro (“a santa Rosalia!”, exclama); Eduardo Pondal e Curros Enríquez; e do lado de lá, um grupo não menos restrito faz alguma ideia quanto às figuras de Luís de Camões, Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco ou o saudosista Teixeira de Pascoaes. Eis um panorama que o diretor da *Céltica* pretende mudar com disponibilidade e esperança: “Aqui estou eu e a todos que queiram ajudar-me, muito e muito obrigado” (nº 1, 4). As relações galego-portuguesas tornam-se o *leit-motiv* de toda a publicação ora lembrando diversos períodos da história ora trazendo à colação o presente mais imediato. Em repetidas ocasiões revisa-se ali o percurso da literatura galega desde as suas origens nos Cancioneiros medievais, passando pelos chamados Séculos Obscuros; pelos inícios e florescimento do Ressurgimento; e por uma progressiva recuperação do uso da língua em campos artísticos de que se tinha visto afastada. Aliás, lembram-se nomeadamente a tomada de consciência nacional por parte da intelectualidade galega e os rumos que seguirá a criação literária do século XX até à própria década de sessenta em todos os géneros.

O conhecimento que o próprio Oliveira Guerra tinha da literatura e da cultura galega é decerto amplo, tal como se revela através da sua participação no inquérito que, por iniciativa de Ánxel Fole e sob o título de *Parlamento de las letras gallegas*, realiza o jornal

contêm o texto em questão (MORÁN CABANAS, 2002). Aliás, torna-se especialmente ilustrativo do seu labor de intermediação galego-portuguesa o elenco de cartas manuscritas e escritas à máquina que mandou e recebeu de figuras da cultura coetânea, assim como de fotografias dos seus encontros com colaboradores da *Céltica* e doutras iniciativas intelectuais levadas a cabo em diversas cidades, algumas das quais vieram à luz já há alguns anos (2006: 241-248).

El Progreso em março de 1961 a diversos intelectuais. Ao lado de Ramón Piñeiro, Álvaro Cunqueiro, Otero Pedrayo, Fernández del Riego, Novoneyra, Bouza Brei, Carvalho Calero, Correa Calderón, Álvarez Blázquez, Carlos Rivero, Vicente Risco e outros dezasseis nomes, aparece o mentor da *Céltica*, que se apresenta nos seguintes termos:

Oliveira Guerra, destacado escritor y periodista portugués, ha publicado numerosos trabajos de crítica literaria. A los 18 años fundó el periódico “O Girassol” en el cual daba a conocer su afecto por Galicia que parece ser la constante de su vida. Viajero incansable recorrió en diversas ocasiones nuestra región que proyecto después en su Portugal nativo en múltiples conferencias y artículos. Fundó en Oporto, donde reside, el Grupo de Estudios Galaico-Portugueses, que realiza una gran labor de acercamiento cultural y artístico entre nuestros dos pueblos. Actualmente dirige la magnífica revista “Céltica” en la que se recogen trabajos de etnografía, arte, literatura, historia, arqueología y folklore gallego-luso (*apud* AMADO SILVA, ed, 1995: 142).

Embora as perguntas lhe sejam formuladas a ele e a todos em castelhano, Manuel Oliveira Guerra utiliza a língua portuguesa para as suas respostas, avaliando o fenómeno criador da literatura galega como “o caso mais fascinante da Literatura Universal” e reconhecendo a sua fascinação pela lírica medieval, pela projeção histórica que teve e o deslumbramento que produziu a sua descoberta, assim como pelo século XIX, sem deixar de citar a obra dos seus coetâneos. Destaca algumas antologias de relevo pelo seu poder analítico e esclarecedor e reclama a necessidade de trabalhos de investigação, prospeção e avaliação. Insiste na importância da elaboração de estudos, assim como na conveniência de fazer traduções doutras línguas para a formação/consolidação literária do idioma e na riqueza que resultará do fortalecimento dos nexos galego-portugueses:

A EDIÇÃO DAS “CANTIGAS DE MALDIZER” que Rodrigues Lapa está organizando por incumbencia da benquerita Galaxia e a “Historia da Literatura Galega”, de Carballo Calero, obras estas que pola sua amplitude cíclica, a primeira, e generalizada, a segunda, devem sobrepor-se a todo (...). Lembrarei também que em Setembro fui encontrar Carballo Calero na Real Academia procedendo a buscas de poesias de Pondal não conhecidas afim de ser feita uma edição contendo esses trabalhos do grande Poeta e eu considero, entre outros, essa edição de grande interesse. Como não posso acompanhar de perto toda a actividade literária da Galiza, não sei como está esse empreendimento de Carballo Calero... (...)

SEM DÚVIDA QUE É IMPORTANTÍSSIMA a tradução de Obras primordiais doutras línguas. Há que abrir as janelas e arejas a casa com uma vaga fresca de universalidade, muito embora não se deseje nem pretenda perder a feição peculiar, a personalidade, no contacto com os outros... (...)

HÁ UM TRABALHO MUITO VASTO A REALISAR, à margem da produção literária e de estudo: (...) no âmbito tão vasto das Literaturas Hispánicas será considerável o ramo Galaico-Português que tendo formado um todo nos primórdios na época medieval poderá voltar a uma espécie de unidade nunca tão íntima como noutros tempos, mas sem dúvida meritória na essência e nos resultados positivos, visto que além duma ligação fraterna e dum alargamento espiritual, alargará implicitamente o mercado livreiro para uns e para os outros, mas sobretudo para os galegos... (*apud* AMADO SILVA, 1995: 144).

Na verdade, as colaborações de ou sobre autores galegos são predominantes na *Céltica*, diversificam-se em vários campos e não se reduzem, em geral, a uma única ocasião. Assim, Hugo Rocha, uma das figuras mais ativas e implicadas neste intercâmbio

cultural, ocupou-se na secção Estudos da obra de autores canonizados na literatura galega como Noriega Varela, Eduardo Pondal, Ramón Cabanillas e Francisco Añón. Para além de exercer como chefe da redação do *Comércio do Porto*, este colaborador da *Céltica* recebeu o Prémio Nacional de Jornalismo, foi um assíduo colaborador doutras revistas literárias e de atualidade e estreitou laços de amizade com algumas individualidades galegas de maior prestígio, exercendo mesmo como membro correspondente da Real Academia Galega e participando nalgumas das suas sessões plenárias (nº 3, 160). Os seus livros *Itinerário na Galiza*, *Encontros com a Galiza* ou *Sete vozes perenes na Galiza lírica* informam-nos bem do seu interesse pela terra de aquém Minho e, de forma particular, do intenso culto que prestou a Rosalia de Castro como cantora da Terra-Mãe e a Eduardo Pondal como “bardo” do celtismo.

Igualmente, Leandro Carré Alvarellos traça e comenta o percurso da narrativa e do teatro produzidos na Galiza, tendo como limite *ad quem* o ano de 1959 (coincidentes com a publicação de *A Esmorga*, de Eduardo Blanco Amor, e *O incerto senhor Don Hamlet*, de Álvaro Cunqueiro, respetivamente). Traça-se, assim, um panorama histórico muito atualizado, pois vai-se comentando a produção literária desde os primórdios até praticamente o ano da publicação da revista, tendo em conta a sua fortuna, influências várias e situação no presente: “Hoxe, inda que se non constituiu a primeira Compañía Dramática Galega (...) a nosa dramática tem adequirido tan asombroso desenvolvemento que cada día van aparecendo mais e mais obras, ata o ponto que chegan cuase ás 200 as que hai escritas” (nº 3, 166). Por sua vez, o seu irmão Lois intervém na *Céltica* com amostras de apoio firme ao projeto de Manuel Oliveira Guerra e sublinhando, por exemplo, o labor do escritor e médico José López de la Vega, que deixou uma extensa e variada obra e “contou com moitos amigos literatos cos que levaba moi boas relacións, tanto en Lisboa, como no Porto, e noutras cidades do Norte do país” (nº 2, 70)⁶.

Por sua vez, na secção Letras deparamos com impressões de leitura e comentários críticos de diversos livros de actualidade naquela altura. Assim, Mário Diaz Ramos encarrega-se no primeiro número de deixar as suas reflexões sobre *O sono sulgado*, de Celso Emilio Ferreiro e de vários textos em castelhano de Manuel V. Peña e Miguel González Garcés, mas este será substituído nos volumes posteriores pelo próprio fundador da revista devido a um enfrentamento entre ambos os intelectuais que mesmo se tornou público através da imprensa, com numerosas acusações em forma de réplicas e contra-réplicas⁷. Por sua vez, Manuel Oliveira Guerra faz as suas observações a poemários de Aquilino Iglesia Alvariño, Dora Vázquez e Abuín de Tembra, referenciando também muitos

⁶ Esta prolífica figura mereceu um lugar de destaque, com efeito, no trabalho que Otero Pedrayo preparou para o *Primer Congreso Español de Historia de la Medicina* em 1963 sob o título de “Algunos médicos literatos y poetas gallegos en el siglo XIX”. Junto com a sua, as obras de Juan Barcía Caballero, Manuel Leiras Pulpeiro, Eduardo Pondal, Vicente María Feijóo Montenegro, José María Gil Rey, Alfredo Vicenti Rey, Jesús Rodríguez López, Valentín Lamas Carvajal e outras tornaram-se objeto de reflexión e comentário nesse evento.

⁷ Na verdade, já comentamos acima o eco que obteve a iniciativa da revista *Céltica* nas imprensas galega e portuguesa da época, assim como o debate em torno da sua direção e organização. É mesmo fácil encontrar informação relativas a tais aspetos em jornais como *La Noche*, *El Progreso*, *Faro de Vigo*, *La Voz de Galicia*, *Ecos de España*, *O Jornal de Notícias*, *O Jornal Feminino*, *Notícias de Guimarães*, etc. (DELGADO CORRAL, 2004: 491-506).

outros livros quer redigidos em galego quer em castelhano. Até se detém nos estudos sobre a “obra espanhola” de Luís de Camões realizados pelo português Vieira de Lemos e o Júlio Martínez de Almoyna, este último responsável também de um dos dicionários espanhol-português mais consultado (nº 3, 196-198). E cite-se, ainda, a contribuição de Uxío Novoneyra como crítico e resenhista, que foca o percurso biobibliográfico de Maria Mariño Carou, inclusive apresentando alguns textos da poeta que serão publicados com posterioridade em *Palabras no tempo* —submetidos, isso sim, a certas alterações de extensão e disposição dos versos (DÍAZ-CASTROVERDE GÓMEZ, 2006: 527).

A partir de uma nota que Oliveira Guerra escreve sob a epígrafe “Falta de tempo” sabemos que foram muitos os livros galegos e portugueses que tinha recebido no seu endereço como diretor da revista com o propósito de serem ali anunciados e comentados. Ele lamenta-se de não poder prestar atenção a todos, justifica-se e agradece todos os envios (nº 3, 208). Entre os que conseguiram ser objeto de consideração está *Dia a dia*, de Aquilino Iglesia Alvariño, que mandou o seu volume acompanhado de uma carta e uma dedicatória que se reproduz: “A Oliveira Guerra, pastor de sonhos” (nº 4, 311). Como costuma acontecer nas resenhas ou notas biobibliográficas incluídas na *Céltica*, ao lado das reflexões transcreve-se, em modo de ilustração, o poema “Nena Barqueira”. Aliás, em todos os casos, não deixa de se pôr em destaque o contacto pessoal que manteve com os criadores, tal como sucede com a informação fornecida acerca da cordialidade com António Tovar: “Foi bom que na minha passagem por Ourense, para visitar Pura Vázquez, eu tivesse conhecido António Tovar, aquele António Tovar de olhar calmo, tristonho, como que ensimesmado, com um vago, muito vago sorriso às vezes à deriva” (nº 3, 204).

Na verdade, depara-se na *Céltica* com um amplo domínio de escritores e obras galegas sobre a produção literária portuguesa que é submetida a uma reflexão crítica. Tem-se denunciado, de facto, essa breve seleção de autores de Portugal e a sua sujeição a dois critérios: geográficos (tão-só têm presença os ligados ao Norte de Portugal) e etários (ficam sem representação os criadores mais novos), atitude que contrasta com a flexibilidade linguística, incluindo algumas obras redigidas em castelhano, catalão ou até francês⁸. Exemplos de letras lusas que ali participam de forma ativa e/ou passiva são Jorge Listopad, Guedes Amorim, Serafim Ferreira, Costa Barreto, Alice Vieira, António Norton ou o próprio Oliveira Guerra, para citarmos apenas alguns. Aliás, o leitor encontra na revista vários poemas de diversa autoria portuguesa dedicados precisamente à Galiza e à sua cultura, todos colocados numa posição estratégica quer no seio dos seus quatro números quer fora deles (nas folhas soltas que os acompanham). Assim, por exemplo, numa separata de cor amarela recolhe-se o poema dedicado à fraternidade luso-galega

⁸ Concretamente são muito diretas as críticas que se recolhem nas *Notícias de Guimarães*, em que se ataca Oliveira Guerra por ter uma consideração altiva de si próprio como um “entendedor exclusivo” dos assuntos culturais galego-portugueses; por monopolizar a publicação, inserindo umas cinquenta páginas da sua autoria; e, ainda, por ter colaboradores que não representam “a literatura mais válida” de Portugal: “Ter a pretensão –assaz justíssima– de dar ao conhecimento dos galegos a nossa literatura e não lhes levar a presença literária de Régio, Torga, Aquilino, Virgílio Ferreira, Urbano Tavares Rodrigues, Óscar Lopes, António José Saraiva, entre muitíssimos, é, digamos, o aborto do próprio feto que não chega sequer a vingar a sua existência. *Céltica* não tem uma crítica literária à altura, nem estética e filosófica da nossa literatura; não deu até agora uma noção orgânica e vital da autêntica poesia portuguesa, não tem uma unidade temática nem formal definida e, de forma alguma, serve a nossa cultura actual ou pasada” (*apud* DELGADO CORRAL, 2004: 498).

ilustrado com uma xilogravura de Marginet e destinado ao livro *Maruxa*, que Oliveira Guerra projetava publicar. E nas restantes separatas assistimos também a homenagens à Galiza com mais xilogravuras de Marginet —residente no Porto—; com páginas iniciais em que se repete até seis vezes a palavra Galiza ora de modo horizontal ora vertical ora diagonal; e com versos encabeçados com títulos evocadores da tradição lírica comum como, por exemplo, “Ô Galiza e Portugal, viveiro de trovadores”, do português António Norton; ou “Galiza ten un arcanxo”, da galega Pura Vázquez; ou “Galicia i Portugal”, do artista catalão Tomàs Casals Marginet.



Oliveira Guerra visto por J. Collado
(*Comércio do Porto*, 14 de Julho de 1964)

A diferença do português, o panorama galego mostra-se nas páginas da *Céltica* a partir de diversas gerações, medidas de consagração e géneros cultivados: textos de autores já clássicos (Lamas Carvajal, Rosalia de Castro, Eduardo Pondal, Noriega Varela e Ramón Cabanillas), da chamada Geração de 1936 (Aquilino Iglesia Alvariño, Celso Emilio Ferreiro, Pura Vázquez, José Díaz Jácome, Gonzalo Garcés, Álvarez Blázquez, Antón Tovar e Maria Marinho Carou), da designada Geração das Festas Minervais ou Geração de 50 (Manuel Maria, Xohana Torres e Abuín de Tembra); e, ainda, de bastantes outros (a maioria redigidos em galego e alguns em castelhano). Dois dos autores mais representados são Avelino Abuín de Tembra e Manuel Maria. O primeiro aparece sempre, exceto no último número, e a fluidez de relações entre ele e Oliveira Guerra pode seguir-se perfeitamente através das declarações de ambos:

Numa das minhas antigas e frequentes paragens no Padron para respirar a atmosfera de Rosalia e falar um pouco com Camilo Agrasar Vidal, travei conhecimento com Abuín de Tembra e muito longe estava eu então de penar o interesse que o contacto com esse moço viria a ter para mim e para os meus planos. Soube então da sua estadia bastante longa e como professor em Lisboa, mas, como às vezes acontece, esqueci depois o seu nome e quando, dois anos volvidos, Agrasa Vidal me enviou um exemplar de *La Noche* inserindo um extenso artigo falando de mim, de poemas meus e dos meus intentos de aproximação galaico-portuguesa e não consegui descobrir que era o generoso autor do artigo, aquele Abuín de Tembra, e só mais tarde e quase por acaso o lobriguei...

Abuín de Tembra apareceu-me depois no Porto, de repente, corado ou entusiasmado com as minhas ideias e os meus trabalhos que já vinham sendo carteados entre nós, esteve dois dias aqui, conversou bastante, manifestou-me a mais vida disposição de colaborar, de ajudar de todas as maneiras e com os meus melhores esforços à constituição do Círculo de Estudos Galaico-Portugueses, e, por isso, quando em Setembro, de 60 andei percorrendo a Galiza e parei em Santiago, tive Abuín de braços abertos à minha espera (nº 4, 318).

Quanto ao segundo, também ficou registo das amostras de confiança que se professaram: “Este demónio de Monforte de Lemos... (já viram modo tão abusento de tratar um poeta?...) entrou no meu espírito com os seus poemas e, carta acima carta abaixo, ele cá está muito bem instalado na minha admiração e na minha estima e não há volta a dar-lhe, já está assente” (nº 2, 123). Com efeito, Manuel Maria colaborou com diversas composições poéticas da sua autoria e até com a peça *Auto do labrego*, que se transcreve na revista ao longo de dez páginas e tinha sido galardoadada no Primeiro Certame do Minho, nascido com o propósito de incentivar o teatro (nº 4, 320-330). Aliás, diga-se que precisamente esta obra dramática faz parte, junto com outras, de uma série de textos premiados em concursos literários de alcance galego e português convocados por aquela altura e que ali se reproduzem. Neste sentido, deparamos, para além da representação mencionada, com a dos vencedores dos Jogos Florais de Guimarães, António Norton e José Maria Álvarez Blázquez (nº 3, 227); da Menção Honorífica dos Jogos Florais da Galiza, recebido por Enrique Chao Espina (nº 2, 230); ou do Prémio de Poesia Marina, organizado pela Editora Comercial de Ourense e outorgado a Antón Tovar (nº 3, 204).

1. 6. Revisando/dinamizando o panorama das artes galego-portuguesas

Um bom espaço dos quatro números da *Céltica* aparece dedicado às artes plásticas, às quais se lhes reserva mesmo um lugar específico a partir do segundo volume. Artistas galegos e portugueses intervêm com os seus textos sobre diversas manifestações e/ou são apresentados através de estudos críticos das suas obras, ao mesmo tempo que se anunciam e publicitam as suas exposições em diferentes lugares do Noroeste peninsular. Tal como se observa na colaboração dos criadores literários, neste campo também os nomes se repetem em várias ocasiões. Concretamente ocupa uma posição de relevo na revista Salvador Barata Feyo, com residência fixa no Porto, onde exerceu durante décadas como Professor da Escola Superior de Belas Artes e se tornou uma figura emblemática da escultura do seu país e da Galiza, pois a ele se deve o monumento a Rosalia de Castro, inaugurado em 1954, colocado estrategicamente na Praça da Galiza dessa cidade e fotografado pela revista. Os artigos que publica na *Céltica* sob a epígrafe “Considerações sobre a Arte” ligam-se às suas

colaborações como crítico no jornal *O Comércio do Porto*, nos quais ataca o estilo experimental, qualificando-o como “geometrismo mal compreendido” face às estéticas do realismo, do idealismo e da expressão abstrata (nº 1, 8). De cariz mais específico, ainda deparamos com um texto em lembrança a Hirosuke Watanuki, um pintor japonês que passou alguns anos no Porto e em cujas obras se descobrem a alma e a fisionomia das margens do Douro (nº 3, 186-188).

Uma particular atenção se presta às temáticas e técnicas pictóricas desse e doutros artistas que espelham diversas concepções da “nossa realidade”, que gozam já de reconhecido prestígio público e que se revelam como representantes da pintura nacional (e sobretudo, portuense) através do seu magistério, sabendo transmitir e adaptar as estéticas europeias de maior atualidade: Eduardo Luís; António Quadros; Domínguez Álvarez, de ascendência galega; Margarida Tamegão; ou Júlio Resende. Ora, uma presença particularmente destacada (e repetida) ocupa Manuel d’Assumpção, cuja obra se identifica como a precursora da corrente surrealista em Portugal e se tornou de referência incontestável em tal âmbito, sendo comentada, entre outros, pelo multifacetado António Pinheiro Guimarães (nº 3, 186)⁹. E, entre o elenco português da *Céltica*, um lugar de primeira ordem ocupa também Cláudio Carneiro, pintor e assíduo retratista de autores da época, como crítico com a sua “Visão estética” (nº 2, 97-98) e como protagonista de uma exposição em Guimarães analisada por Barata Feyo e tomada como pretexto para solicitar o reconhecimento do seu labor como mestre no “ofício de pintar” (nº 4, 293). Por outro lado, já mencionámos atrás a colaboração de António Leite no arranjo gráfico da revista, pelo que não se pode deixar de registar nestas páginas a sua primeira exposição no Porto e a reivindicação do valor estético da sua obra pictórica (nº 3, 191).

No que diz respeito ao panorama na pintura galega coetânea, a presença é menor tanto nas imagens registadas (fotografias dos quadros) como nas informações e reflexões críticas que se fornecem. Aliás, é o próprio Manuel Oliveira Guerra quem se encarrega sempre de comentar as obras, reparando no segundo e no último número no trabalho como pintor e ceramista do ferrolano José María González Collado¹⁰:

Não é frequente que numa pequena cidade se crie um ambiente artístico, um nome e quase uma “escola”, como aconteceu no Ferrol com a vivência de pintores diversos, entre os quais, com outros, se destacaram Corral, Piñeiro e Sotomayor, a ponto de se falar da “Escola Ferrolana”, e, por isso, quando um dos artistas da nova geração, González Collado, montou em Setembro ou Outubro de 1959 a sua exposição de cerâmica na Sala de la Cultura na Corunha, eu tive ganas de ir por aí abaixo para ver os amigos corunheses, Collado e os seus trabalhos e dos demais expositores. Tendo-me sido impossível essa deslocação, não hesitei, porém, quando Collado desceu quase até às nossas portas e montou a tenda em Vigo (...).

⁹ A obra do artista está especialmente bem representada, de facto, na famosa coleção de arte *Herdeiros do poeta António Pinheiro Guimarães*.

¹⁰ Lembre-se que, com o motivo do Dia Internacional dos Museus, a Galeria Vieira Portuense organizou em Guimarães uma exposição de pintura de José María González Collado no Palácio dos Duques de Bragança sob o título *O traço e a cor* (2009), remetendo assim para a intercessão de desenho e conjugação de cores.

E reserva um lugar do terceiro volume da *Céltica* para o trabalho do pontevedrês Manuel Pesqueira Salgado, outro dos nomes mais representativos da pintura galega contemporânea que penetra sobretudo em cenas e personagens do mundo rural galego com certo dramatismo e rigidez primitivista, apresentando-se essencialmente como o pintor do povo “porque ele não se preocupa senão com o retrato do povo (...) telas que parecem cruéis, mas que são quando muito imagens dum espelho um pouco convexo em que o próprio artista se revê e em que ele viu, com algumas deformações ampliadas e em cores tristonhas, nevoentas, as gentes da sua terra...” (nº 3, 194).

Por outro lado, o leitor da *Céltica* depara também ali com determinadas considerações sobre alguns aspetos da história da arte peninsular. Neste sentido, José Luís Castroverde fala do “ninféo” (lugar consagrado às ninfas) que se conserva no santuário Santa Maria de Bóveda, datado na época tardo romana, pondo de manifesto a singularidade dos elementos ornamentais e rituais deste templo no âmbito de toda a arquitetura ocidental e as múltiplas interpretações que têm sido dadas a propósito da sua finalidade (nº 1, 33-34). Por sua vez, Tomàs Casals Marginet, cujas xilogravuras ilustram tantos textos da publicação portuguesa em questão, revisa o românico catalão pirenaico (nº 2, 81-85); e o historiador Bertino Daciano Guimarães reflete sobre a lição moral que emana dos museus e arquivos nacionais (nº 2, 66-69) —de facto, noutras ocasiões revela o seu particular interesse pelos cancioneiros medievais galego-portugueses e pelas edições dos trovadores ali recolhidos do ponto de vista filológico, histórico e musical (nº 1, 35)¹¹.

Embora em menor medida, a revista lusa até se ocupa da música sob diversas perspetivas já desde seu o número inicial, predominando a sua ligação com a cultura popular. De facto, é principalmente o célebre etnólogo (ou etnomusicólogo) Rebelo Bonito quem se detém numa abordagem do fado, debatendo acerca da sua identificação como “canção nacional” e refletindo sobre as suas origens e todas as suas variantes: o de Lisboa, o de Coimbra e o do Ribatejo, assim como a canção rural fadográfica, filiada à estrutura musical que gerou a fórmula rítmica do fado (nº 1, 21). Faz também ele a resenha ao ensaio *La música popular Gallega*, de Rodrigo A. de Santiago, diretor da Banda e da Orquestra Sinfónica Municipal da Corunha e compositor de uma vasta produção (suites, rapsódias; uma sonata para violino e piano; etc), cuja atividade o levou alguma vez a Portugal, onde teve a gentileza de interpretar a rapsódia “Uma noite em Alfama” (nº 4,

¹¹ Em geral, a tese que está subjacente a estudos como os de Bertino Daciano Guimarães é justamente a do seu coetâneo, o medievalista Mário Martins, defensor da existência de uma constante no Homem, quando este é considerado globalmente, como ser vivo e senhor de sentimentos e de aspirações em larga medida comuns a todos os tempos. Os termos em que o indivíduo dos séculos passados experimentou e desenvolveu uma complexa teia de relações -de ideias, de gostos, de crenças, de volições e de vivências- e os textos que nos legou constituem para os investigadores que defendem tal orientação um objeto prioritário de atenção. Uma conveniente compreensão e tratamento dos temas implica o reconhecimento da funcionalidade interdisciplinar dos agentes da cultura e a adoção da metodologia comparatista, privilegiando nexos e aproximando doutrinas e estruturas, atitude essa que condiz perfeitamente com o espírito da *Céltica*. Para a revisão dessas novas modalidades de tratamento de textos e imagens na historiografia portuguesa seguimos a linha marcada no projeto “A obra de Mário Martins como estudo das interrelações literárias e culturais no contexto ibérico”, sediado na Universidade de Santiago de Compostela e ligado à *Dirección General de Investigación Científica y Tecnológica* [Ref: FFI2008-00824], e no livro de Maria Isabel Morán Cabanas e José Eduardo Franco (2015).

301). E, ainda, elabora um estudo comparativo entre os cantos de Almuadém (religioso voluntário que, do alto das almenaras, chama os muçulmanos à oração) e os alalás da Galiza, em que mesmo nos fornece exemplificações com as correspondentes notas musicais com a intenção de demonstrar que os primeiros exerceram enorme influência sobre a música popular do folclore ibérico, podendo atribuir-se-lhes a origem de vários géneros: “De Portugal, podem citar-se toadilhas de flauta, de amolador, encomendações das almas, etc; e, da Galiza, cantos de arrieiros, Regueifas, Enchoyadas e, sobretudo, Alalás” (nº 2, 86).

1. 7. Comemorações de efemérides

Na breve (mas muito intensa) vida da *Céltica* assiste-se principalmente a duas comemorações em que aparecem implicados e empenhados colaboradores de aquém e além Minho. Uma delas corresponde ao V Centenário do Infante D. Henrique, que nasceu no Porto e faleceu em Sagres a 13 de novembro de 1960. Recebeu o cognome do Navegador pelo impulso que sob o seu patrocínio recebeu a arte de navegar com a criação da Escola de Sagres, dado o seu entusiasmo pela exploração do Atlântico. Após uma escultura talhada por Barata Feyo que se reproduz no número 1, com uma breve nota em que o Infante é erigido mesmo como o Criador do Mundo Moderno, a homenagem propriamente dita abre-se no seguinte volume com uma imagem de D. Henrique que ocupa toda uma página e com um poema de Oliveira Guerra em cujo léxico e espírito se descobrem claras ressonâncias da *Mensagem* que Fernando Pessoa tinha publicado algumas décadas atrás (nº 2, 60). Assim, o Infante converte-se nestes versos num herói que desvenda o Oceano, que engrandece o homem, que sonha ir mais além e que se proclama, enfim, como “construtor do passado, do presente e do futuro”. Por seu turno, o galego José María Castroviejo redige em castelhano um texto que nos remete constantemente ao Luís de Camões dos *Lusíadas* e a outros cantores portugueses do mar numa viagem através do tempo e do espaço até chegar à desembocadura do Tejo e à Torre de Belém, levantada como celebração das descobertas portuguesas (nº 2, 61-64). E, ainda, Manuel Maria dedica ao Infante o poema “O Navegante”, onde novamente se sentem com força os ecos pessoais e, sobretudo, do poema “Ode ao Mar”, da autoria de Miguel Torga e incluído no seu livro *Odes*, de que se extrai um verso como epígrafe (nº 2, 65)¹².

A outra figura a que se lhe rende culto e admiração na *Céltica* é Rosalia de Castro, que se torna um mito em toda a atividade cultural de Oliveira Guerra. Ele escolhe-a como um ser central ou o mais representativo metonimicamente da Galiza na sua essência e cultura, envolvida no mito de Senhora da Saudade e da Tristeza. Na sua qualidade de diretor da revista, recolhe desde o seu nascimento expressões plásticas relativas a esta figura: o tão famoso retrato que obedece à visão de Barata

¹² Entre os eventos acontecidos em vilas e cidades da Galiza e do Norte de Portugal, até se recolhe a notícia da exposição de trabalhos escolares de Pontevedra ligados às comemorações henriquinas que o próprio Manuel Oliveira Guerra e a sua esposa chegaram a visitar, ficando surpreendidos com as representações da Torre de Belém e da Praça do Comércio, de certos episódios da epopeia dos *Lusíadas*, da divisão geográfica e política de Portugal, da rede turística, da gastronomia e os diversos vinhos ou dos fados e outras músicas populares (nº 3, 158-159). No tocante ao lado luso, cabe lembrar as informações sobre a mostra de artes plásticas que, integrada nesse âmbito de celebração e homenagem, organizou em Viseu o pintor António Leite (nº 3, 191).

Feyo, seguido de uma reprodução de um autógrafo da poeta, assim como uma fotografia do monumento inaugurado no Porto em 1954 —precisamente a edilidade portuense quis celebrar nesta ocasião a “intérprete sublime da alma galega”, com a organização de um serão literário na sua honra em que intervieram prestigiosos intelectuais daquele momento (nº 1, 11-12)¹³ Ao longo de toda a publicação, sobressai a sua presença ora com reflexões sobre ela e a sua obra ora com a transcrição dos seus textos, introduzindo-se também uns versos em que se comemora o centenário dos seus esponsais com Manuel Murguia, da autoria de José Díaz Jácome, com certo cariz neotrovadoresco sob o título “E foi namorada!” (nº 3, 235).

1. 8. Enfim, uma glorificação da língua e da tradição

Através de rubricas como “Galiza em Portugal” e “Portugal em Galiza” que apresentam algumas secções quer-se explicitar o propósito de uma firme intersecção em todos os níveis e campos (inclusive na publicitação das mais variadas sociedades, como os Aero Clubes de Porto e Santiago de Compostela, nº 3, 157-158). O da língua é omnipresente, mas cabe pôr em destaque agora algumas intervenções mais específicas neste sentido. Hugo Rocha reivindica com ênfase o nome de Francisco Añón entre os principais a ter em conta na literatura galego do século XIX, qualificando-o como “o poeta galego que mais prezou Portugal e a língua portuguesa” (nº 4, 269) e rememorando sua estadia naquele país, aonde teve de se deslocar pela sua implicação na célebre revolução de 1846 e donde seria expulso alguns anos mais tarde por ter publicado o seu *Himno dos Povos*. Por sua vez Uxío Carré Alvarellos, em modo de encerramento, elogia todo o labor levado a cabo por Oliveira Guerra, assim como revisa as atividades em que já demonstrou o seu empenho todo o clã Carré: o pai, Eugénio, que tinha recebido na sua livraria tantos livros e opúsculos portugueses¹⁴; e os seus irmãos Leandro e Lois —este último analisou na *Céltica* a história do intercâmbio

¹³ Não só na *Céltica*, mas praticamente em toda a obra de Manuel de Oliveira Guerra, lateja de forma intensa a figura de Rosalia de Castro. Como poeta deixa-nos ouvir o eco rosaliano nos cantos a uma Galiza camponesa, com notas amiúde costumistas e folclóricas, mas carregadas de denúncia e indignação perante as injustiças e opressões que teve e tem de suportar. E sente-se também nos seus versos de cariz mais intimista, dominados por uma Saudade entendida sempre como solidão ontológica e integrada na esfera da fatalidade. Por outro lado, ainda nas suas crónicas de viagem pela Galiza não se deixa de pôr de relevo essa veneração pela escritora padronesa. A sua presença tornar-se-á, de facto, um *leit-motiv* na produção literária do português, que constantemente põe de relevo a empatia que lhe despertaram os seus poemas já a partir do primeiro contacto com eles na edição das *Obras Completas* (Madrid: Aguilar), tal como declara num texto inédito que conhecemos graças à sua filha, Maria Virgínia Teles Guerra, no qual confessa que até os guarda como relíquia ou talismã ao lado do seu leito (MORÁN CABANAS, 2002).

¹⁴ Refere-se à livraria que ficou conhecida como a Cova Céltica, na qual se reuniam os galeguistas que acreditavam nas origens celtas da Galiza. Oliveira Guerra sentia-se firmemente descendente deste povo (dos “celtas perdidos na bruma da memória”) na linha doutros pensadores que divulgaram tais ideias em Portugal, como Leonardo Coimbra, Alexandre de Córdova, Pedro de Menezes, António Correia de Oliveira e Alfredo Pedro Guisado, apenas para citar alguns nomes. Cabe lembrar, aliás, que na terra natal do intelectual em foco, Oliveira de Azeméis, tal como em Porto Novo, Carregosa ou Vale do Cambra, sobreviveu até a actualidade a festa dos druidas, relacionada com essa cultura (DELGADO CORRAL, 2004: 5006; QUIROGA, 2006: 248; e TRIGO, 1996-1998: 204).

literário galego-português desde o século XIX até então, mencionando Carolina Michaëlis, José Joaquim Nunes, Eugénio de Castro e tantos outros¹⁵. Aliás, sublinha nomeadamente a visita de Leite de Vasconcelos e o entusiasmo que este demonstrou perante a Galiza (nº 4, 275) com o seu “multímido talento de arqueólogo, etnógrafo, folclorista, filólogo...” e o seu desejo de animar os novos, como diz Manuel Boaventura ao se deter no seu *Vocabulário Minhoto* e comentar o rigor que sempre preside os seus estudos (nº 3, 175).

No registo das sugestões apresentadas perante as tentativas da fundação do Círculo de Estudos Galaico-Portugueses, observamos como Manuel Maria propôs a criação duma comissão de filólogos portugueses e galegos, em que intervenham figuras e corporações linguísticas de reconhecida autoridade em ambas as terras e no Brasil para estudar a possibilidade de unificar a grafia; advogando por implicar também as comunidades de emigrantes galegos, principalmente de Argentina e Cuba (nº 4). Por outro lado, num artigo que Maximino Castiñeiras García intitula “A defesa do idioma galego”, louva as instituições que protegem a língua e reivindica decididamente a sua valorização a partir de afirmações como “A língua é o meirande valor dunha Nación” (nº 4, 279). Ainda, de forma mais concreta, elogia o empenho do Centro Galego de Buenos Aires, a que se ligou por razões biográficas: exerceu como enfermeiro na marinha (a bordo das naus *Ascania* e *Formosa*), tendo a oportunidade de se relacionar com figuras como Luís Seoane ou Rafael Dieste e constituindo um elo informativo entre a Galiza interior e exterior. Por outro lado, devemos destacar a seleção do poema “Falade Galego” de Eduardo Pondal (nº 2, 117) para incluir na *Céltica*, denunciando o esquecimento dos “pátrios acentos” e a sua substituição por outros alheios.

Através de rubricas como “Galiza em Portugal” e “Portugal na Galiza” que apresentam algumas secções quer-se explicitar o propósito de uma firme intersecção em todos os níveis e campos, tornando-se, antes de qualquer outra coisa, uma revista de atualidade, da atualidade mais imediata e viva, desentranhada a cada passo. Com efeito, o mútuo conhecimento sente-se como uma necessidade fundamental e urgente, tratando mesmo de despir a psique dos povos com a colaboração do antropólogo e professor Jorge Dias sobre os elementos fundamentais do homem português, extraída de um ensaio com elaborado em 1950 e recomposto em 1961 (nº 4, 282-288) ou de Ernesto Veiga de Oliveira (nº 2, 73), ambos ligados de forma sucessiva à direção do Centro de Estudos de Antropologia Cultural e do Museu de Etnologia.

1. 9. Últimos passos e pegadas de um *longo caminho*...

Como vimos, a revista *Céltica* configura a sua estrutura de modo mais sólido a partir do segundo número, mas não conseguirá subsistir para além do quarto. O sonho que o seu fundador começou a fazer realidade quebrou-se em 1961 devido a uma série de circunstâncias das quais se lamenta numa carta encabeçada aos “queridos galegos” em 13 de Maio de 1963. Fala-se ali de um grave caso de saúde e a dificuldades de carácter económico, assim como se faz uma promessa (literalmente, “vaga promessa”) de

¹⁵ Na verdade, os irmãos Carré Alvarellos acabaram por se converter em prefaciadores e posfaciadores da coleção *Céltica*, compondo uns relatórios paralelos tematica e discursivamente, inclusive lançando mão das mesmas expressões.

retomar a atividade algum tempo depois. Queixa-se de não ser submetida à aprovação, quer na Galiza quer em Portugal, o projeto de Estatuto do Círculo de Estudos Galaico-Portugueses; do truncamento da correspondência que mantinha há tanto tempo com muitos escritores, pensadores e artistas galegos; de não ter publicado livros cuja redação já tinha sido acabada; e, o que considera ainda pior, de não ter voltado a andar por terras galegas:

(...) A última vez, salvo erro, que transpuz a fronteira foi para trazer de Vigo ao Porto a querida Purinha Vázquez, que depois de alguns dias entre nós levei a Lisboa, para embarcar com destino à Venezuela.

Ora Purinha Vázquez regressa à sua querida terra, saudosa, e eu que estava sem passaporte, renovei-o para ir abraçá-la no momento de desembarque em Vigo e para a levar de seguida ao seio da família, a Orense. E volto, portanto, à Galiza, depois duma tão longa e penosa ausência. E volto não sei com que esperança de que vou poder retomar a minha actividade antiga, restabelecer o meu contacto, levar por diante o meu sonho de tantos anos! voltar a publicar a *CÉLTICA* e dar corpo jurídico e real ao Círculo de Estudos. Purinha nas suas cartas vindas de Caracas, falou-me sempre no desejo de voltar à sua Galiza e de me ajudar na realização da empreitada que eu me impusera e sustentei durante quase dois anos, e eu não sei se devo a esse incentivo a predisposição de voltar a lutar...

Em vésperas de pisar de novo terra galega, eu quiz mandar a todos os meus amigos da Galiza um abraço, duas palavras de amizade e carinho, uma promessa embora um tanto vaga de próxima actividade. Que o regresso de Purinha Vázquez, minha doce irmã espiritual, seja, no próximo dia 26, um recomeço de actividade tendo o objectivo de estreitar mais o conhecimento e a estima entre portugueses do Norte e os Galegos. Que o regresso de Purinha seja na verdade um recomeço feliz e frutuoso (*apud* DELGADO CORRAL, 2004: 505).

A estes problemas pessoais uniram-se as críticas negativas que fez algum membro do Círculo, certas incompreensões e desídiás alheias e um panorama sociopolítico pouco propício para o desenvolvimento e sucesso de qualquer empreendimento cultural. Para além das políticas ditatoriais sob as quais viviam Galiza e Portugal naquele momento, Oliveira Guerra alude nomeadamente à guerrilha militar em Angola. Tal acontecimento viera monopolizar todas as atenções, atravessando fronteiras geográficas e psicológicas: “Milhares de mortos brancos, pretos e mestiços, velhos, novos, mulheres e crianças horrorosamente mutilados juncam os campos e as povoações angolanas. Muitas e muitas famílias portuguesas estão de luto, estamos todos de luto”, declara no último número da *Céltica* (nº 4, 245). Pouco depois de uma viagem que tinha realizado por América, durante o qual recebeu uma homenagem da comunidade galega em Nova Iorque, o precário estado de saúde do nosso empreendedor autodidacta acabou por sofrer graves perturbações e a morte sobreveio-lhe em 5 de junho de 1964, permanecendo os seus restos enterrados no cemitério de Espinho, em jazigo da família. No fim de uma evocação do seu labor bibliográfico, a filha do intelectual tão empenhado na defesa do património galego-português e cantor de uma Galiza à qual declara poeticamente o seu amor como “Senhora e Camponesa / eu beijo a tua mão fidalga e pobre...”, explicava:

É este em resumo, o percurso de alguém cujo caminho foi desviado, não importa se por culpa própria, se pelo destino —o implacável regente deste *Caminho Longo*. Foi também este o título por mim escolhido para a edição comemorativa do centenário do nascimento de Manuel de Oliveira Guerra —numa colectânea

de duzentos e trinta sonetos, muitos deles inéditos, muitos outros recolhidos da restante obra, já publicada. Aí, neste Caminho Longo, também prefaciado pelo Prof. Doutor Salvato Trigo, estará, porventura, reunido o melhor da obra poética do autor (GUERRA e TAVARES, 2009: 598).

Do seu falecimento encontramos informação na imprensa galega e portuguesa da época, com elogios dirigidos à sua pessoa e ao todo o trabalho cultural que ele levou a cabo, destacando-se principalmente a fundação e direção da revista *Céltica*¹⁶: Neste sentido, cabe lembrar as palavras de Álvaro Paradela, que no jornal *La Noche* solicitou a abertura de uma rua ou praça na Galiza como sinal de gratidão e honra ao nome de Manuel Oliveira Guerra: “Creo que a este gran amigo de Galicia debíasele ya en Compostela, Vigo o La Coruña dedicarle, y solemnemente, una Calle o Plaza” (24-6-1964). E, apenas em modo de ilustração, vale também a pena reproduzir as palavras de Pura Vázquez nesse mesmo jornal:

[Queríamos] llorar la pérdida de un gran colaborador, de un gran forjador de proyectos e ideas grandes de un soñador y realizador de cosas. Escritores y periodistas de este y el otro lado del Miño, artistas de Galicia y Portugal, le quisimos y admiramos. Se le debía un homenaje a su labor incansable, a su amistad de adoptivo gallego que tan entrañablemente amaba lo nuestro. Ahora, aunque sea ya tarde para que él pueda sentirlo, deberíamos rendirle ese homenaje de cariño y admiración que le debemos. Un homenaje póstumo en el que todos los que hemos sido sus amigos y colaboradores de grandes proyectos, deberíamos de participar (15-6-1964).

Após vários anos (algumas décadas mesmo!) de um quase completo silenciamento, sobretudo com o motivo do centenário de Manuel Oliveira Guerra em 2005 tem-se chamado a atenção sobre esta figura e a sua obra e, especialmente, sobre a revista *Céltica* como veículo privilegiado do diálogo entre Galiza e Portugal. Assim, nos últimos anos foram publicados alguns estudos sobre ela e tanto bibliotecas como outras instituições públicas e privadas em cidades de aquém e além Minho, abriram-lhe as suas portas para exposições monográficas e colóquios: Porto, Vila Nova da Gaia, Viana do Castelo, Ourense, Lugo ou Betanços¹⁷, entre outros lugares. A sua cidade natal, Oliveira de Azeméis, baptizou uma das suas ruas com o nome de Oliveira Guerra. E, também com informações várias sobre o percurso bibliográfico do seu mentor, deparamos na imprensa escrita ou digital, em páginas *web* ou blogues —neste sentido, cabe citar nomeadamente a entrevista que foi feita à sua filha para o Portal Galego da Língua, onde é amiúde rememorado (PGL, 2006: *online* e ALONSO ESTRAVIZ, 2008: *online*).

¹⁶ E conhecemos, novamente por gentileza da sua filha Maria Virgínia, as numerosas cartas que a sua viúva e as filhas receberam da Galiza com amostras de admiração por Manuel Oliveira Guerra: Dora Vázquez, Alejandro Requejo Domínguez, José Díaz-Castroverde, Ramón Lugrís, Juan Naya Pérez, Álvaro Paradela ou Manuel Maria, entre outros muitos, foram alguns dos seus remetentes. Aliás, textos epistolares e fotos muito ilustrativas do seu percurso biográfico incluem-se numa publicação coordenada por A. Fabela Ramon (2002).

¹⁷ Destaca-se o papel da Asociación Cultura Eira Vella de Betanzos no reconhecimento ao intenso labor do diretor da *Céltica*, que designou liricamente essa cidade como “Noiva do Mar”: “Betanzos, noiva do Mar / A quem o mar fugiu / Tira o vestido branco de noivado / Que não serviu / (...) / O nobre Reino perdido / Perdido o Reino do Mar” (TORRES REGUEIRO, 2005a e 2005b).

OLIVEIRA GUERRA, el escritor portugués que tanto quería a Galicia, ha muerto en Oporto

El pasado jueves, víctima de una súbita enfermedad cardíaca, ha muerto el notable escritor portugués don Manuel de Oliveira Guerra, tan querido de los intelectuales y artistas de las varias provincias gallegas por su comprometida acción por nuestra región. Amigo entrañable de Hugo Ronda, fundó, con este, el *Círculo de Estudios Galego-Portugueses*, que regularizaba su actividad periódica. Ha escrito un su *Teseo* definitiva. Fundó, asimismo, la importante revista "*Céltica*", de la que se han publicado cuatro números rechazando de enérgica colaboración de poetas, promotores y colaboradores gallegos. Habiendo suspendido, hacía tiempo su publicación, "*Céltica*" ha a reaparecer en octubre, según las noticias procedentes de su fundador y director.

Como hombre de letras, además de una vasta colaboración por periódicos y revistas de su patria, Oliveira Guerra ocupó su carrera de pluma, publicando, hace muchos años, un libro de versos titulado "*Padre Nosso*", que preside un verdadero mecenazgo por su literatura. Entre largos años sin publicar nada en libro y el año pasado, precisamente, volvió a su actividad literaria, publicando, hasta hace menos de dos meses, sucesivamente, una segunda edición, revista, de "*Padre Nosso*", "*Ave Maria*", sonetos, "*Cantares desta Negra Vida*", poemas, "*Caminho Longo*", cuentos, primer tomo, y "*Algrazias*", poemas, muy bien recibidos por la crítica y el público.

Tenia lista para publicar los libros "*Tarrote de lá*", poemas, "*Terra Nal*", versos de zona gallega, "*Terra Nal*", prosa de zona gallega, "*Caminho de Anse*", poemas, y el segundo tomo de "*Caminho Longo*", (Impresiones de viaje).

Oliveira Guerra también pertenecía a la Asociación Galego-Portuguesa de Periodistas, Escritores y Artistas.



O Progresso, 10 de Junho de 1964

Através da *Céltica* ficou-nos registo de muitos encontros, relações epistolares e pareceres em forma de apontamentos pessoais ou à maneira de resenhas de livros. Na verdade, os quatro números publicados constituem um rico manancial de informação sobre múltiplos aspetos e eventos, sejam de maior ou menor alcance —até os pormenores relativos a exposições locais, almoços e festas comemorativas, pregões, reuniões, visitas a casas particulares, falecimentos, etc. Imagens e textos compartilham aí espaço, sempre com a intenção de ilustrar e aproximar, construindo assim um itinerário de Fisterra até ao Douro que o leitor deve percorrer, com breves deslocações a outros lugares. Dezenas de instituições, jornais e nomes de intelectuais coetâneos, colaboradores e contêrtulos implicados no relacionamento galego-português aparecem acima referidos, mas outras muitas dezenas ficaram ainda por citar do “nosso/vosso povo”, como ele costumava dizer. Todos os dados e informações se poderão consultar agora nesta edição com que o Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades, sob a coordenação de Luís Alonso Girgado, vem preencher uma lacuna e salvar uma dívida de reconhecimento ao labor deste “galaicomaniaco”, “profeta luso-galaico”, “autêntico bom e generoso”, “apaixonado pelas coisas galegas”, “grande galego” ou “amigo da Galiza por antinomásia”, conforme o denominaram alguns dos seus coetâneos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALONSO ESTRAVIZ, Isaac (2008): “Exposição Oliveira Guerra na Galiza”, in *Portal Galego da Língua*. Acessível em <http://www.agal-gz.org/modules.php?name=News&file=article&sid=4052>, tal como foi obtido em 31 de maio de 2010.
- AMADO SILVAR, M^a Xesús (ed.) (1995): *Ánxel Fole. Parlamento de las Letras Gallegas. 1961*, Sada: Edicións do Castro.
- AMARAL, Anabela Araújo Carvalho de (2007): *Vivências educativas da tuberculose no sanatório marítimo do Norte e clínica Heliântia (1917-1955)*. Dissertação apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Acessível em http://biblioteca.universia.net/html_bura/ficha/params/id/49353571.html, tal como foi obtido em 3 de agosto de 2010.
- DELGADO CORRAL, Concepción (2004): “Manuel Oliveira Guerra e a revista *Céltica* no caminho da irmandade galego-portuguesa”, in *Anuario Brigantino*, n^o 27, pp. 491-506.
- DÍAZ-CASTROVERDE GÓMEZ, Fernando (2006): “U-la *Atlántida*?: *Céltica*. Caderno de Estudos Galaico-Portugueses (50 anos de oprobio), in *A Trabe de Ouro*, n^o 68 (outubro-dezembro), pp. 521-530.
- GARCIA, Xosé Lois (2011): “Manuel Oliveira Guerra”, in *A Nosa Terra Diario*, 21-02-2011. Acessível em <http://www.anosaterra.org/nova/51054/manuel-oliveira-guerra.html>, tal como foi obtido em 25 de fevereiro de 2011.
- GUERRA, Manuel Oliveira (1955): “De Amador Montenegro Saavedra a Rosalia de Castro”, in *O Girassol*, n^o 10, Ano XXXII (3^a série), outubro, p. 1.
- GUERRA, Maria Virgínia Santos e Vila Boas Tavares (2009): “Manuel Oliveira Guerra e a ‘Terra Nai’”, in *O Pensamento Luso-Galaico-Brasileiro (1850-2000)*. *Actas do I Congresso Internacional*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, vol. III, pp. 593-606.
- LISBOA, Eugénio (1985): *Dicionário cronológico de autores portugueses*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- LISTOPAD (2007): “Posfácio”, in *Caminho Longo. Antologia de sonetos [de] Manuel Oliveira Guerra*. Porto: Papiro.
- MONTEIRO, Anthero (2006): “Os sonetos anticlericais de Oliveira Guerra (No centenário do seu nascimento)” in ABREU, Luís Machado de (coord.), *Incidências Anticlericais*. Aveiro: Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, pp. 141-164.
- MORÁN CABANAS, Maria Isabel (2002): *Reflexões sobre o escritor português Manuel Oliveira Guerra: a sua admiração e culto por Rosalia de Castro*. Palestra proferida na *Homenagem — Exposição bio-bibliográfica de Manuel Oliveria Guerra* (Biblioteca Pública Municipal do Porto, 16 de julho de 2002) [texto inédito].

- PORTAL GALEGO DA LÍNGUA (2006): “A escritora Virgínia Guerra evoca o relacionamento cultural entre galegos e portugueses nos anos 60” [entrevista a Maria Virgínia Santos Teles Guerra Monteiro], in <http://www.agal-gz.org/modules.php?name=News&file=print&sid=3053>, tal como foi obtida em 1 de junho de 2010.
- QUIROGA, Carlos (2006): “Oliveira Guerra, escritor e intermediário”, in *Agália*, 85-86, pp. 241-248
- _____. (2008): “Oliveira Guerra: revista *Céltica* e alguma poesia satírica”, in Villarino Pardo, Carmen; Torres Feijó, Elías e Rodríguez, José Luís (eds.), *Da Galiza a Timor: a lusofonia em foco. Actas do VIII Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, I, pp. 159–169.
- RAMÓN, Alexandra Farela (2002): “In memoriam”, in *Escritos. Dois Contos e Alguns Poemas [de Oliveira Guerra]*. Oliveira de Azeméis: A Voz de Azeméis.
- TORRES REGUEIRO, Xesús (2005a): “O centenário esquecido de Oliveira Guerra”, in *A Nosa Terra*, 1185 (de 21 a 27 de Xuño).
- _____. (2005b), “No centenário do seu promotor. Oliveira Guerra e a *Céltica*”, in *A Xanela*, nº 20 (outono), pp. 17–19.
- _____. (2007): “Os sonetos de Oliveira Guerra”, in *A Nosa Terra*, 1286 (de 25 a 31 de outubro).
- TRIGO, Salvato (1996-1998): “Oliveira Guerra: a convicção das raízes célticas”, in *Nós. Revista Internacional da Lusofonia*, nº 51-58, pp. 203-204.
- _____. (2007): “Posfácio”, in *Caminho Longo. Antologia de sonetos [de] Manuel Oliveira Guerra*. Porto: Papiro.
- VAZ, Rodrigues (coord.) (2008): *Os galegos nas letras portuguesas*. Lisboa: Pangeia.

Criterios de edición

a) Utilizamos a letra versal en vez da cursiva para a representación dos pseudónimos coa fin de evitar confusións cos títulos de obra e as reiteracións gráficas ao longo do texto.

b) Introducimos dous tipos de comiñas altas ou inglesas: “--” para referirnos ás diferentes seccións e / ou citas e “-” para os títulos de textos literarios integrados nunha obra común.

c) Nos índices respectamos a acentuación das cabeceiras orixinais tanto dos títulos dos artigos como dos nomes e apelidos de colaboradores e colaboradoras.

d) No índice de colaboradores citamos o nome e apelidos dos autores e as autoras nas distintas variantes utilizadas ao longo dos catro números da revista.

INTRODUCCIÓN

2. 1. Ficha técnica de *Céltica*

TÍTULO: *Céltica*.

SUBTÍTULO: “Caderno de Estudos Galaico-Portugueses”.

LEMA: Números 1-2: “Inicição para a formação do Grupo de Estudos Galaico-Portugueses em projecto e estudo”.

Núms. 3-4: “Inicição para a formação do Círculo de Estudos Galaico-Portugueses em projecto e estudo”.

LUGAR: Porto (Portugal).

FUNDADOR, EDITOR E COORDINADOR: Manuel Oliveira Guerra.

DESEÑO GRÁFICO: António Leite.

REDACCIÓN E ADMINISTRACIÓN: Rua de Pinto Bessa, nº 603.

IMPRESA: Escola Tipográfica da Oficina de São José, con domicilio no nº 123 da rúa Alexandre Herculano.

DATA DE INICIO: 1960.

DATA DE REMATE: 1961.

TOTAL DE NÚMEROS: Catro, paxinados correlativamente, con cadansúa separata.

FORMATO: 24 x 17.

IDIOMA: Mentres a maioría das colaboracións son en portugués, o galego ocupa un lugar relevante. Doutra parte, localízanse varios textos en castelán e maila composición en catalán de T. Casals Marginet “Poema catalá a Galicia i Portugal”.

CONTIDOS: Trátase dunha publicación cultural, heteroxénea tematicamente (poesía, pintura, historia, escultura e música), que acolleu colaboracións literarias e artigos sobre Galicia e Portugal. Procuraba estreitar relacións entre os dous pobos e restabelecer o espírito galaico. Cabe salientar os números 3 e 4, o primeiro por informar da recepción do Círculo de Estudos Galaico-Portugueses e o segundo leva o estatuto da mencionada iniciativa.

Trazo fundamental do pensamento, emanado do director, é o *celtismo*. Este movemento político e sociocultural fundaméntase na presunción dunha esencia celta en certas comunidades étnicas, nacionais ou relixiosas. Argüía a pervivencia en canto realidade histórica mediante o *volksgeist* e unha serie de elementos históricos e etnográficos. A súa orixe patentízase no século XVIII coa irrupción do romanticismo e a conformación das entidades nacionais, tanto na articulación dos Estados-nación coma na emerxencia de nacións periféricas fronte ao modelo do Estado centralista.

Ó recoller intelectuais de Porto e Galicia, Oliveira Guerra¹ constata unha diferenza etnográfica, cultural e lingüística entre as terras situadas ó norte e ó sur do río Douro, visíbel coa cultura castrexa en tempos prerromanos e presente xa dende a Alta Idade Media cando se configuraron os primitivos espazos lingüísticos ibéricos. Pénsese, por exemplo, na distinción administrativa da Gallaecia e a Lusitania.

Tales datos esgrimidos por Serafim da Selva Neto, na *História da língua portuguesa* (1977), continuounos avalando Joseph M. Piel á hora de empregar a expresión *Gallaecia Magna* ou *Gallaecia Maior* para se referir á homoxeneidade lingüística e cultural do territorio ibérico noroccidental. Xa que logo, isto deixaría entrever unha latinidade vulgar galaica.

SECCIÓNS:

- a) “Movimento em marcha” contén as subseccións “Ao que venho” e “Alguns depoimentos”, inserida esta última no terceiro número.
- b) “Estudos”.
- c) “Artes plásticas”.
- d) “Letras”. Nela, detéctase o subapartado “Impressões de leitura”
- e) “Prosadores da Galiza e de Portugal”.
- f) “Poetas da Galiza e de Portugal”, rexistrada só no primeiro número.

DESEÑO: A maquetación destaca pola cor das cubertas. Deste modo, o primeiro é beixe, o segundo verde, o terceiro azul e o cuarto rosa. Doutra banda, recibiu colaboracións artísticas de “amigos de Galiza e Portugal” e xilografados do artista catalán Tomás Casals Marginet.

COLABORADORES²:

- a) **ACTIVOS:** A. Abuín de Tembra, Leonor de Almeida, Xosé María Álvarez Blázquez, João Apolinário, María Victoria Armesto, Alice de Azevedo, Barata Feyo, Diego Bernal, Manuel Boaventura, Carlos Carneiro, Leandro

¹ Resultan significativas as aseveracións do propio Guerra: “É sobretudo a mocidade com seus sonhos, com as suas aspirações inquietas, que se mostra atraída pela ideia de pôr de novo frente a frente os galegos e os portugueses do norte, restabelecendo entre eles a comunhão espiritual que noutro tempo, mais do que o sangue, os irmanava [...]” e “Esse Circulo que segundo o meu critério, aglutinará a camada pensante e *céltica* da velha região do Noroeste, da região compreendida entre o Finisterra e o Douro, não se encerrará contudo nos estreitos limites dessa área geográfica e humana, histórica, ética, étnica e espiritual, e aceitará todos os concursos, todas as ajudas, todas as colaborações, venham donde vierem, do resto de Portugal, de Castela ou de Catalunha, e nas suas publicações, a começar pela CÉLTICA, é admitido qualquer idioma ou qualquer dialecto”.

² Constatará o lector dos orixinais desta edición facsimilar que neles atopamos con non pouca frecuencia distintas formas concorrentes na onomástica dos colaboradores da revista. Así, non que se refire á autoría de certos textos, rexistramos diferenzas con respecto ó autor que, por exemplo, chama a atención no caso do escritor Henrique Massó que figura como Anrique Massó.

Carré Alvarellos, Lois Carré Alvarellos, T. Casals Marginet, Henrique Chao Espina, Maximino Castinheiras García, José Luis Castroverde, José María Castroviejo, Isidro Conde, Costa Barreto, Bertino Daciano, Jorge Dias, Mário Dias Ramos, José Díaz Jácome, Fernando Echebarría, Serafim Ferreira, Celso Emilio Ferreira, M[iguel] González Garcés, Jaime Izidro, António Lousada, Manuel María, Henrique Massó, António Norton, José António Novais, Novoneyra, Oliveira Guerra, quen ademais utiliza as iniciais O. G., Oliveira Salazar, Álvaro Paradela, António Pinheiro Guimarães, REALVA, Rebelo Bonito, Luís Ribeira Sêca, Hugo Rocha, José M. Ruiz Morales, João da Silva Correia, María José Teixeira de Vasconcelos, Xohana Torres, Antón Tovar Bobillo, Eduardo V. da Fonseca, Manuel V. Peña, Dora Vázquez, Pura Vázquez e Ernesto Veiga de Oliveira.

b) PASIVOS: Rosalía de Castro, Antonio Noriega Varela e Eduardo Pondal.

COLABORADORES ARTÍSTICOS: Barata Feyo, Carlos Carneiro, J. González Collado e Marginet. En moitas ocasións, as ilustracións e as fotografías carecen de sinatura.

2. 2. Panorámica histórica. Catálogo das revistas galegas e portuguesas (1951-1961)

2. 2. 1. Galicia

A precariedade hemerográfica nos anos da Guerra Civil³ (1936-1939) e aínda da posguerra contrasta coa efervescencia da Segunda República, período no que agromaron trescentos trinta xornais⁴ de diferente adscripción ideolóxica (anarquistas —*Mar y Tierra* e *Orientación*—, comunistas —*Revolución* e *Tribuna*—, republicanas —*Galicia Federal* e *La Daga*— e nacionalistas, como *Alento*).

Partindo da situación económica, as disensións internas e a debilidade organizativa da sociedade galega materializáronse no seo do galeguismo coa confrontación entre a Galicia continental ou interior e a Galicia exterior ou alén mar —nomeadamente a radicada na zona de Buenos Aires—. Este panorama evidénciase nas verbas de Emilio Álvarez Blázquez⁵, así:

A prensa galega era, naqueles pesados (sic) tempos, un espello fendido e abafado que non daba, nin de perto nin de lonxe, a imaxen do país e somentes refrexaba a tristura de un camiño choído, que arrincaba de un fastío cotián e negador.

O período 1950-1960 supuxo a “expansión das letras galegas”⁶, promovida polo galeguismo militante da Xeración de 1936, mediante a fundación dos seguintes proxectos culturais:

- a) Editorial Monterrei, baixo a dirección de Luis Viñas e dos irmáns Xosé María e Emilio Álvarez Blázquez, que nos anos 60 mudou o nome por Edicións Castrelos.
- b) As Coleccións Benito Soto (Pontevedra) e Xistral de Poesía (Lugo).
- c) A Editorial Bibliófilos Gallegos (Santiago de Compostela) e, especialmente, a Editorial Galaxia, que comezou a publicar libros en 1951.

Mentres tanto, en Latinoamérica os intelectuais exiliados, enraizados no compostelanismo dos anos 30, asumiron a acción concienciadora e militante. A teor de Méndez Ferrín (1990), a intelectualidade galega, cuxos focos de atención xiraban arredor do federalismo europeísta e do humanismo anticomunista, autoproclamouse *intelligentsia* ou elite para actuar sobre a pequena burguesía.

No ano 2007, Beramendi refírese a dous focos apolíticos no galeguismo interior: o vigués, por ser sede da editorial Galaxia e lugar de residencia dalgúns axentes culturais, e o compostelán, a causa da existencia da Universidade e duns receptores axeitados á mensaxe culturalista. Ambos os dous compartían o nexo dunha resistencia culturalista. Porén, o exterior mantíña un inequívoco posicionamento político. Esta dinámica mudou en 1957 coa xuntanza mantida no domicilio de García Sabell, no salón do chalé da Rosaleda, á que asistiron dous representantes da emigración. Nela, solventáronse os asuntos pendentes coa diáspora e reafirmouse a liña emprendida sete anos antes.

³ Vid. Alonso Girgado (1996a), pp. 36-37.

⁴ Para obter máis datos consúltese Alonso Girgado (1996), p. 39.

⁵ Vid. Álvarez Blázquez, “O Suplemento de *La Noche*, trinta anos despois”, *Grial*, nº LXXI, p. 89.

⁶ Vid. Méndez Ferrín (1990), p. 76, e “Caracterización das fontes principais: poéticas, literarias e culturais”, en Alonso Girgado (1995).

A finais da década de 1950, a irrupción da mocidade nacionalista⁷, parte dela adoutrinada por Ramón Piñeiro en Santiago de Compostela e outra allea á influencia de Galaxia, desencadeou un cambio na situación ao non se limitar á concienciación cultural e ideolóxica. Mostra disto é a constitución en 1958 do Grupo Brais Pinto.



De esquerda a dereita: o matrimonio Oliveira Guerra (Emilia e Manuel) con Mercedes Pintos (esposa de Isidro Conde Botas), Pura Vázquez, Ramón Piñeiro e Enrique Massó. Foto tirada por Alfredo Conde Botas

Malia non ser exhaustiva, ben por delimitar o terreo de investigación ben pola aparición de datos que completen a listaxe⁸, caracterízanse a continuación unha serie de revistas a fin de bosquexar adecuadamente o intervalo temporal no que se insire *Céltica*.

a) Publicacións da Galicia interior

*Alba*⁹ (A Coruña, 1948-Vigo, 1956)

A andaina principiou na Coruña na primavera de 1948¹⁰ e finalizou en Vigo no bimestre abril-maio de 1956, en total dezaseis números. Levou os subtítulos “Hojas de poesía”, “Poesía y prosa” e “Verso y prosa”. Dirixiuna

⁷ Para unha información detallada acerca do tema cotéxese Méndez Ferrín (1990).

⁸ De querermos unha axeitada interpretación da metodoloxía, pódese completar o repertorio de revistas coas notas tiradas doutras revistas pertencentes aos seguintes niveis: as galegas, de carácter non-literario, dadas a coñecer en España, aínda que fóra de Galicia; as publicadas en Galicia, sen achegas literarias significativas; as españolas non-galegas, poéticas ou literarias, con participacións poéticas galegas na lingua vernácula; as galegas difundidas na diáspora hispanoamericana, e as portuguesas con colaboracións de poetas galegos. *Vid.* Alonso Girgado (dir.), 1994, p. 57.

⁹ *Vid.* Alonso Girgado (1995a), p. 64, e VV. AA. (2003), vol. 1, p. 28. En opinión de Dolores Vilavedra (1999), esta cabeceira, xunto a *Mensajes de Poesía*, destacou no renacer da cultura galega por amosar a nova poesía galega.

¹⁰ *Vid.* González Alegre, “Noticia de diecisiete números de la revista Alba”, *Poesía Española* (Madrid), núms. 140-141 (1964), pp. 28-29.

Ramón González Alegre-Bálgoma, que foi o fundador, e nos números 4 e 5 González canda Otto José Cameselle Barcia. A partir do nº 10, amais do director González Alegre, tivo un novo equipo redactor, integrado por Celso Emilio Ferreiro, Bernardino Graña Villar, Luis Santamaría e Cameselle.

Na cidade herculina, as dependencias da redacción estaban no 4º andar, nº 4, da rúa Rosalía de Castro (nº 1) e mais no andar dereito, nº 31, da rúa Picavía (nº 3). Pola súa parte, na urbe olívica a redacción situábase na rúa Marqués de Valladares (oficina nº 1, nº 30 —nº 3— e mais no 2º, nº 47 —nº 4—) e a dirección no 2º dereita, nº 322, da Gran Vía. A pesar dos comentarios expresados por diversos especialistas¹¹, tirou do prelo dezaseis números con modificacións, irregularidades e fluctuacións externas nas dimensións, na tipografía das páxinas e, mesmo, na relación cuantitativa texto–páxina.

Foi unha revista principalmente poética que se singularizou polo predominio das formas poéticas canónicas, de carácter culto e popular, a carón doutros moldes poéticos suxeitos a metro e rima (pareados, tercetos encadeados, cuartetas e poemas con verso libre, entre outros). Así mesmo, detéctanse escolas e tendencias estéticas de xinea galega xunto a outras foráneas. Poñamos por casos o neotrobadorismo, en composicións de Álvaro Cunqueiro e Fermín Bouza Brey; o imaxinismo amadocarballista, en Sebastián Risco e Xosé Otero Espasandín, e as existencialistas dos escritores Manuel María, Tomás Barros e Xosé Luís Méndez Ferrín. Repárese na configuración do universo poético mediante o eixo amor–sentimento relixioso–canto á terra.

Proporcionou noticias culturais (fundación de editoriais e novas coleccións, aparición de revistas, congresos, conferencias, presentacións e antoloxías comentadas ou recensionadas), publicación de poemarios e trazos concretos referentes á historia da literatura galega. Malia existir o galego nalgunhas colaboracións, como as traducións de Rainer Maria von Rilke e Christian Johann Heinrich Heine, o castelán foi o idioma maioritario. A estrutura artellábase, entre outras, nas seccións “Crítica de libros”, “Pulso y tiempo”, “Libros”, “Revista de revistas” e “Revistas recibidas”. Pola contra, no nº 14 modifícase o deseño externo e interno, por exemplo, cos apartados “Arte”, “Ensayo”, “Letras”, “Los libros”, “Miscelánea”, “Poesía” e “El pulso de los días”.

A prosa agrúpase en tres modalidades: a crítica-ensaística, con numerosas recensións de libros e revistas publicadas dentro e fóra de Galicia; a narrativa, composta polo conto “Os tumbos”, de Carballo Calero, e textos, quer líricos quer humorísticos, da autoría de Alfonso Alcaraz, González-Alegre, Celso E. Ferreiro, Leal Ínsua, Emilio Negreira, Elena Quiroga e Mariano Tudela, e, por último, a xornalística de teor informativo nos apartados “Notas de apremio”, “Miscelánea”, “El ruido y las nueces” e “Pulso y tiempo”.

A propósito dos colaboradores literarios, en poesía e/ou prosa, comprenden cento dezasete. Por unha banda, a achega galega (68) nútrese de épocas,

¹¹ Cfr. Artigo de Fernández Teixeira (1964) e os datos proporcionados por Fernández del Riego (1974) e Santos Gayoso (1990).

xeracións e tendencias estéticas. Pénsese, por exemplo, nos escritores Xosé María Álvarez Blázquez; Eduardo Blanco Amor; F. Bouza Brey; R. Carballo Calero, que tamén asinaba co pseudónimo FERNANDO CADAVAL; Augusto María Casas; D. de Castillo-Elejabeytia; Xosé María Castroviejo; Álvaro Cunqueiro; Florencio Delgado Gurriarán; Xosé Díaz Jácome; M. Fabeiro Gómez; Fernández del Riego; Celso E. Ferreiro; M. González Garcés; Bernardino Graña; Aquilino Iglesia Alvariño; ANGEL JOHAN [sic] (pseudónimo de Ángel Juan González López); Manuel María; Sebastián Martínez Risco; Luís Pimentel; Luz Pozo; Julio Sigüenza, e Pura Vázquez. Por outra banda, os leoneses Eugenio de Nora, V. Crémer, González Alegre, Arcadio Pardo, López Sancho e Antonio Pereira nutren a relación das trinta colaboracións do resto de España. Finalmente, os autores estranxeiros son 19, especialmente escritores portugueses como Joaquim Montezuma de Carvalho, José A. Garibáldi e Miguel Torga.

O ensaio cultívase con pequenos traballos, redactados en castelán, acerca de Sarmiento, Nicomedes Pastor Díaz, Manuel Antonio e Manuel María. A excepción ao monolingüismo castelán son os escritos de SALVADOR LORENZANA —trasunto literario de Fernández del Riego— “Onte, hoxe e mañá da nosa lírica” (nº 3) e mais “Cinco poetas gallegos en América” e “Lope de Vega, e Goethe” (os dous no nº 6).

En verso galego publicaron as composicións “Cantiga nova que se chama Riveira”, “Hai unha illa loubada...” e “No sono do cuco novo...”, as tres de Álvaro Cunqueiro; “O medo” e “Ollame ben”, as dúas de Celso Emilio Ferreiro, e “Solpôr”, de Miguel González Garcés. A estas engadámoslles oito de Manuel María: “A Rosalía”, “O carro”, “Cousa sin nome”, “Lume”, “Amor”, “Paz”, “Anxo de silencio” e “Presaxio”.

Mensajes de Poesía¹² (Vigo, 1948-1952)

Revista poética de Vigo que xurdiu en setembro de 1948, encabezada polo poema de Luz Pozo Garza “La espina”, e cesou en xaneiro de 1952, cun total de dezaseis números, pola acción da censura. Promoveuna Eduardo Moreiras, que aunou os cometidos de director, distribuidor, redactor, colaborador e, mesmo, impresor. De periodicidade irregular, carecía de paxinación, publicidade, separatas e textos programáticos.

Trátase dun pequeno feixe de follas soltas remitidas en sobre polo propio Moreiras a uns trescentos receptores, que viñan ser amizades del. Pretendía espaxear os novos valores da poesía galega e os poetas casteláns da posguerra.

Os debuxos de Laxeiro, o autorretrato de Álvaro Cunqueiro, un retrato de Carmen Conde, realizado por Molina Sánchez, e un óleo de Blas de Otero, feito por Párraga, evidencian a abundancia de ilustracións. Por outra banda, merecen atención os números monográficos dedicados a Carmen Conde, con dezasete poemas dela (catro inéditos); Blas de Otero, autor de dezaoito poemas (só dous eran inéditos); Rafael Morales, e Álvaro Cunqueiro, con

¹² Vid. Alonso Girgado (1995b), p. 65.

dezasete poemas (sete inéditos). Por certo, o feito de lle dedicar un número especial a Blas de Otero carrexou problemas coa censura.

A alternancia entre galego e castelán, ao igual que acontece en *Alba e Aturuxo*, é a tónica dominante. Desta maneira, o galego emprégano Emilio Álvarez Blázquez, Carballo Calero, Álvaro Cunqueiro, Celso Emilio Ferreiro, Aquilino Iglesia Alvariño e Xulio Sigüenza e o castelán sempre Pozo Garza, Pura Vázquez, Luís Pimentel e o propio Moreiras.

Pola súa banda, a nómina de colaboradores divídese en asiduos e outros de menor relevo. No primeiro están Cunqueiro, Moreiras, Pimentel, Pozo Garza e Vázquez. O segundo grupo engloba a Alfonso Alcaraz, Álvarez Blázquez, Carballo Calero, Ferreiro, Ánxel Fole, Iglesia Alvariño, Ramón Otero Pedrayo e Sigüenza.

Rexístrase a sinatura de destacados poetas españois non-galegos. Exemplifícase isto con Rafael Alberti, Vicente Aleixandre, Gerardo Diego, Blas de Otero e Juan Ramón Jiménez. Ademais, deuse cabida á lírica nas linguas francesa (Jacques Audiberti, Paul Claudel e Jean Cocteau), inglesa (E. L. Mayo e Mark Turbyfill) e portuguesa, esta última só cunha composición de Ernani de Melo Viana.

Sonata Gallega¹³ (Pontevedra, 1944-1952)

Esta revista de Pontevedra, subtitulada “Publicación de Céltiga”, empezou no inverno de 1944 e rematou no ano 1952. Levaba o lema “Exponente literario, artístico y tipográfico de nuestra tierra, Real Academia Gallega” e despois “Revista de Galicia. Exponente literario y artístico de la Región”. Dirixiuna Ramón Peña e recibiu o asesoramento de Celso Emilio Ferreiro. A partir do nº 2 (primavera de 1944), Ferreiro fixo as escolmas literarias e máis adiante Miguel Monraval en calidade de xefe de redacción. Tirou doce números consonte o ciclo das estacións do ano. Deles varios son extraordinarios.

Reapareceu en 1952 coa denominación *Rianxo. Suplemento de Sonata Gallega. Edición especial dedicada a las Fiestas de la Virgen de Guadalupe*. Neste momento continuou co bilingüismo, reproducindo textos da etapa precedente (poemas, cantigas de transmisión oral, narracións e traballos de política local). Artellábase nos apartados “Colaboración solicitada”, “Colaboración rianxeira” e “Colaboración artística”.

Sonata Gallega foi unha cabeceira executada por “artistas e escritores pontevedreses” que tivo como miolo e xermolo Galicia-Jacobusland. En consonancia con isto último, proporcionou datos literarios, de aí a inclusión de poemas, contos, artigos de temática galega, actos de homenaxe a escritores galegos, retratos biográficos, ilustracións de paisaxes, artigos de crítica literaria e artística, recensións de libros e glosas. As páxinas sobresaen pola cualidade estética das ilustracións (fotografías, debuxos, gravados e linóleos).

¹³ Vid. Alonso Girgado (dir.), 1995b, pp. 60-62, e mais Roig Rechou e Sampedro (2003), pp. 98-101.

A propósito dos diversos números extraordinarios, cabe citar o nº 10 (primavera de 1958), dedicado á cidade de Coímbra, que acolle poemas de escritores portugueses (L. de Carvalho, A. Garibáldi, Augusto Nunes Pereira e Otoniel Beleza) e galegos (Fermín Bouza Brey, R. Cabanillas, M. Cuña Novás, Díaz Castro, M. Fabeiro Gómez, Herminia Fariña, Adelaida Vallejo-Leira, Pura Vázquez e Aurora Vidal) e dous artigos, un de Celso Emilio Ferreiro sobre Antero Quental e outro de Otero Pedrayo acerca de Almeida Garret. No seguinte número, destinado ao emigrante galego, hai traballos en prosa e en verso dos escritores C. E. Ferreiro, Otero Pedrayo e Joaquín Pesqueira. Tamén se reproduce un fragmento do poema de Curros Enríquez “A emigración”.

Malia o castelán ser maioritario, o galego usouse, sobre todo, na poesía. A extensa nómina de colaboradores abrangue J. Carlos Alonso, Emilio Álvarez Negreira, SANTIAGO AMARAL (trasunto literario de Ramón Otero Pedrayo), Manuel Antonio, Alejandro Barreiro, Eduardo Blanco Amor, Antonio Blanco Teijeiro, M. Blanco Tobío, Fermín Bouza Brey, J. Caamaño Bournacell, Carballo Calero, A. Carvalho, Xesús Carro García, Camilo José Cela, José e Isidro Conde, Xosé Díaz Jácome, Rafael Dieste, M. Fabeiro Gómez, Herminia Fariña, J. Ferro Couselo, Matilde G. de Lloria, A. Garibáldi, Aquilino Iglesia Alvariño, Prudencio Landín, R. López Cuevillas, SALVADOR LORENZANA (pseudónimo de Francisco Fernández del Riego), Juan Naya, Otero Pedrayo, J. Rey Porto, Faustino Rey Romero, Sebastián e Vicente Risco, Julio Sigüenza, Sabino Torres, Pilar Ulloa, Adelaida Vallejo, Arturo Vázquez e Aurora Vidal.

O apartado estético forneceuse dos traballos de Abelenda, Castro Gil, Laxeiro, Morán, Paisa Gil, Ramón Peña, Pesqueira Salgado, Pintos Fonseca, Portela, Carlos Sobrino e os irmáns Hernández.

Tapal¹⁴ (Noia, 1950-1955)

Revista independente de Noia que principiou o 1 de novembro de 1950 e cesou o 9 de agosto de 1955, momento no que levaba nove números. Recibe este título polos antigos gremios de Noia (T —pico—, A —compás—, P —fouciño—, A —alicates— e L —eixada—). Malia non levar subtítulo nos dous primeiros números, os outros dous levárono. Deste modo, o nº 3 era “Guía de selección. Playa y campiña”; o nº 4, “Feria y fiesta. Turismo y propaganda”, e os restantes “Fiestas patronales. Programa oficial”. Dirixírona Andrés Rodríguez Millares e Manuel Fabeiro Gómez, que a administraron xunto a Eduardo Ces Iglesias e Ramón Patiño Ronquete. A redacción estaba na rúa San Marcos de Noia.

As diversas periodicidades (mensual, bimensual, cuatrimestral e finalmente anual) motivaron a conversión en “Programa de Fiestas”. Saíu da Imprenta Severiano Loroño Laciana, os números 1-6 e 8, e do coruñés Gráfico Galaico, os números 7 e 9. A cantidade de páxinas fluctuou dende as 16, nos números

¹⁴ *Vid.* Alonso Girgado (dir.), 2003.

1-4, pasando polas 40 dos números 5 e 6, até as 68 dos números 7-9. A propósito do número derradeiro (nº 9), rematado no prelo, non saíu á rúa debido á censura, mais foi recuperado integramente na edición feita por Carmen Fariña Miranda baixo a supervisión de Luís Alonso Girgado.

Esta iniciativa protagonizárona unha serie de intelectuais (Manuel Fabeiro Gómez, Eduardo Ces Iglesias, Ramón Patiño Ronquete e Andrés Rodríguez Millares) con vocación de servir á vila de Noia. Cultivou a temática literario-cultural e a información local, dende noticias deportivas e artísticas até a crónica social, municipal, xeográfica ou biográfica. Prestou atención tamén á riqueza estética ao ofrecer imaxes da igrexa de Santa María, do escudo da vila e de temas mariños (barcos e redes).

Intégrase das seccións fixas “Editorial”, “Ángulos Locales”, “Buenas Costumbres”, “Ecos Sociales”, “Esquinas Estratégicas” e “Nuestra Portada”. A estas amecémoslles outras de aparición irregular, entre elas salientan “Página Taurina”; “Hitos de Selección”; “Página Poética”, mostrada a partir do nº 6 con poemas, entre outros, de Pura Vázquez, Xelo Feroso Siaba, José Fernández da Ponte e Manuel María; “Tipos Populares”, e “Asterisco(s)”, con pequenos textos de denuncia social e municipal.

Redactada predominantemente en castelán, o galego manexouse na prosa e no verso. O localismo constatouse na orixe de moitos colaboradores. Compróbase isto nos fundadores, directores e administradores (Manuel Fabeiro Gómez, que asinou colaboracións cos pseudónimos GONZALO LAGO, LUIS NOGUEIRA, PEDRO ORESTES VIDAL e JOSÉ MARTÍN; Andrés Rodríguez Millares, que colaborou co nome e heterónimos —IGNOTUS, REPORTER, HILDA e BAUTISTA SANTALICES—, e numerosos pseudónimos —ANROMÍ, CYRANO, VÍCTOR SEOANE, MANUEL SALGUEIRO, WALDO CORREDOIRA, GONDOMAR e ONELIA BORREL INCIARTE—). Dentro da listaxe de escritores galegos predominan aqueles nados en Noia (José Antonio Avilés Vinagre, Manuel Blanco Ons, Eduardo Ces Iglesias, Manuel Fabeiro Gómez, Basilio Fernández Barbazán, Isaías Fernández Sánchez, Antonio Gutiérrez de Velasco, Eduardo Núñez Sarmiento, Severo Loroño Viazcochea, Antonio Rodríguez Cadarso).

O repertorio de escritores galegos está formado por José Antonio Avilés de Taramancos, Leandro Carré Alvarellos, Uxío Carré Alvarellos, José Conde, José María Castroviejo, José Ramón y Fernández-Oxea, Basilio Fernández Barbazán, Domingo García Sabell, Ramón González Alegre, José Leyra Domínguez, Manuel María, Manuel Molina Cisneros, Ramón Otero Pedrayo, Valentín Paz Andrade, Paulino Pedret Casado, Rogelio Pérez González, Alejandro Pérez Luján, Ramón Piñeiro, Pura Vázquez, Alberto Vilanova Rodríguez e Ramón Villar Ponte.

No apartado gráfico contamos cun elevado número de fotografías, gravados e debuxos (caricaturas e linóleos) e maila cuberta de cada número, deseñada por Argimiro Suárez Ferreiro (números 1 e 9); Francisco Creo Rodríguez (números 2 e 4); Eduardo Mariño Mirazo (números 3, 5 e 8); Manuel Blanco Ons (nº 6) e Bernardino Moreira (nº 7).

Mostra do verso galego son as composicións “Pensamento. En percura de ti”, de Juan López Medina; “Trova” e “Sol-por”, de Manuel Fabeiro Gómez, e mais “Muñíos da pedra chan”, de Héliida García López. En prosa rexístranse os relatos “A Serea” e “Desencanto”, de Leandro Carré, e outros dous, “Por os vieiros da costa” e “A morte do boi”, de José Leyra Domínguez.

*Posío*¹⁵ (Ourense, 1951-1954)

Revista de Ourense que comezou en xaneiro de 1951 e rematou no período 1953-54, baixo a responsabilidade de Xesús Ferro Couselo. Subtitulouse “Arte y Letras”, a pesar de que se pensara nun principio en “Ciencia, Arte y Letras”. Tivo como constante a irregularidade no formato, na paxinación, na periodicidade, aínda que o propósito inicial era publicar un número por mes, e nos sumarios, incompletos nas catro primeiras entregas.

Debe examinarse en calidade de boletín ou órgano de expresión da Asociación homónima, que tivo o xermolo nalgúns membros do Círculo Azor, e revista non estritamente literaria, posto que abrangueu un extenso número de traballos sobre antropoloxía, historia, psicoloxía, relixión, filoloxía, artes, ciencia, bibliografía e de temática local. Convén mencionar o peso da literatura pola importancia das homenaxes a Manuel Curros Enríquez e Emilia Pardo Bazán, no tomo numerado 6-12 (1951), e pola serie de traballos relativos á historia e a cultura de Ourense.

Redactada predominantemente en castelán, o galego rexístrase, sobre todo, no verso. Un dato sintomático foi o carácter efémero das seccións, xa que ningunha delas superou as seis entregas. Con todo, resultan sobranceiros os apartados “Vida e obra de Posío”, cuxa primeira colaboración foi de Segundo Alvarado e o resto (sen sinatura) probablemente de Ferro Couselo, que viña a ser unha crónica ou rexistro das actividades da Agrupación; “Cousas e linajes del viejo Ourense”, de Xesús Ferro Couselo, con “noticias históricas sobre hechos, familias y personajes” do pasado ourensán; “Orensanos ilustres”, de Alberto Vilanova, e “Bibliografía”, da autoría de Antón Tovar e do propio Ferro Couselo.

A relación de colaboradores engrosábaa Segundo Alvarado, Javier de Burgos, Víctor Campio Pereira, J. Carballo, Augusto M^a Casas, Adelardo Curros Vázquez, José Fernández Gallego, Fernández Oxea (BEN-CHOSHEY), Ferro Couselo, Matilde G. de Lloria, Serafín Gómez Pato, Miguel González Garcés, M^a Antonia de Ibarra, Basilio Losada, Manuel María, J. L. Montes, Ramón Otero Pedrayo, Vicente Risco, José M. Silva, A. Tovar, Pura Vázquez, A. Vázquez Martínez e A. Vilanova Rodríguez.

A estética e a tipografía das páxinas non se caracteriza polo coidado, aínda que as cabeceiras de seccións, artigos e poemas tiñan un maior nivel de elaboración. Introduciu algunha viñeta e debuxo illado, mais a ilustración máis resaltábel é o debuxo feito por Vicente Risco, que reproduce a fonte

¹⁵ *Vid.* Alonso Girgado (dir.), 1996.

do Posío. Por último, a derradeira entrega, ao coidado do artista ourensán Manuel Prego de Oliver, amosa meirande esmero na estética.

No terreo literario cómpre nomear artigos xurdidos co gallo do centenario de Curros Enríquez e Pardo Bazán; diferentes recensións de temática literaria, por exemplo os libros de Ramón González Alegre e Alberto Vilanova; a media ducia de artigos e ensaios breves de interese (“El hijo de Curros está trabajando en la escenificación de A Virxe d’o Cristal”, de José Fernández Gallego), e a disertación de José Luis López Cid acerca da presenza de Ourense na narrativa. Pola súa parte, o resto de traballos pertencen a autores estranxeiros e da literatura castelá. Péñese, por exemplo, no “Estudio psicológico de D. Miguel de Unamuno”, do doutor Cabaleiro; “Carolina Michaelis de Vasconcellos”, de Teodoro López Sanmartín, e o texto da conferencia de Matilde G. de Lloria sobre a lírica dos escritores Juan Ramón Jiménez, Antonio Machado e Vicente Aleixandre.

*Aturuxo*¹⁶ (Ferrol, 1952-1960)

O periplo comezou en 1952 e terminou en 1960, ano da publicación de dous números, baixo a responsabilidade, entre outros, de Tomás Barros, Miguel C. Vidal e Mario Couceiro —este último presente dende o nº 3 da revista—. A data reflexa irregularidades, xa que os nove primeiros números carecen dela.

Esta revista literaria de Ferrol, fundamentalmente poética, tivo dúas épocas. A primeira (1952-1958), codirixida por Tomás Barros e Miguel C. Vidal, consta de nove números. Na segunda, dirixida por Miguel C. Vidal e ilustrada por Ricardo Segura Torrella, dispuxo de dous números. As dependencias da redacción e administración foron, entre outras, o nº 3 da rúa Real e o nº 19 da rúa San Amaro. Pola súa parte, encargáronse da impresión os Talleres Gráficos de La Latina (números 1 e 2), a Imprenta Covadonga (núms. 3 ao 9) e os números finais (10 e 11) do prelo de La Gutemberg. O número de páxinas oscila entre as 20 e as 30.

O nº 1 condensa as finalidades do seguinte xeito:

ATURUXO, con propósitos única y exclusivamente poéticos, tendrá por especial misión relacionar, remover y contrastar nuestra lírica regional, en sus diversos grupos e individualidades, entre sí y con la de otras regiones de España que, hoy en día, gozan ya de un verdadero auge poético.

Esta cabeceira independente difundiu as cabeceiras coetáneas. Na súa curta singradura influíron as circunstancias persoais dos promotores. Isto corroborábase nas diversas ocupacións laborais de Miguel C. Vidal (o traballo no astaleiro Bazán, a impartición de clases particulares e o exercicio da avogacía) e Mario Couceiro (funcionario civil do corpo militar da Armada e profesor na Academia Mercantil). En 1983 tentouse relanzar *Aturuxo* cunha reunión nas instalacións de Sargadelos, que non fructificou. Convén subliñar que non permitiu concesións económicas e/ou presións do “amiguismo”.

¹⁶ Vid. Alonso Girgado (dir.), 1994.

Tampouco recibiu publicidade e subsistiu economicamente grazas á colaboración de Ricardo Carballo Calero, Xosé Leyra Domínguez e Miguel González Garcés.

A maqueta organizábase, entre outros, nos apartados “Reseña de revistas” (ás veces denominada “Reseña de”), “Noticias y ecos” e “Crítica de libros”. Detéctase o bilingüismo galego-castelán, sobre todo, no verso. A nómina de colaboradores componse de 67, dos que corenta e un son galegos, catro vencellados con Galicia (Manuel Rabanal, González Alegre, Francisco J. de la Colina e Tomás Barros), pola obra ou polas circunstancias biográficas, e o resto españois, agás cinco (o francés Paul Éluard, a canadense Suzanne Isadoul, o portugués J. A. Garibáldi, a italiana Elena Bono e a portorriqueña Diana Ramírez de Arellano).

Da mesma maneira que outras cabeceiras coetáneas, concorren poeticamente xeracións e épocas. Deste xeito, temos da Promoción Antre dous Séculos Ramón Cabanillas; da Xeración de 1925 Luís Pimentel, Augusto M^a de las Casas, ÁNGEL JOHÁN e Dictinio de Castillo-Elejabeitia, e da Xeración de 1936 Emilio Álvarez Blázquez, Celso Emilio Ferreiro e Aquilino Iglesia Alvariño. A estes grupos xeracionais hai que lles engadir, de acordo coa clasificación cronolóxico–xeracional de Méndez Ferrín (1984), a Promoción de Enlace, con Ramón González–Alegre, Luz Pozo Garza, Tomas Barros, Miguel C. Vidal, Mario Couceiro e Francisco J. de la Colina, e a Xeración de La Noche ou das Festas Minervais¹⁷, cos membros Xosé Luís Franco Grande, Xosé M. López Nogueira, Manuel María e Xohana Torres.

A prosa rexístrase nas reseñas de publicacións, que son noticias sen exame do contido, excepto os datos obxectivos (título, data e autor); a crítica, relacionada directamente coa personalidade do analista, e unha serie de traballos situados nos lindeiros do ensaio breve, por exemplo a visión de Tomás Barros sobre a lírica de Gerardo Diego e a de Miguel C. Vidal acerca de Pimentel e Miguel González Garcés.

*Nemancos*¹⁸ (Santiago de Compostela-Betanzos, 1953-1954)

Revista da bisbarra de Soneira, subtitulada “Hacia el Finisterre”, tirou do prelo tres números nos anos 1953 e 1954. Dirixiuna Baldomero Cores Trasmonte e financiárona empresas e particulares. Mentres a administración estaba en Santiago de Compostela, a imprenta localizábase en Betanzos. O número de páxinas fluuaba entre as vinte e catro e as vinte e oito.

Ao igual que *Tapal*, proporcionaba importancia á temática local e literaria. No tocante á prosa, forneceu estudos e ensaios de temática variada (literaria, histórica, filosófica e riscos de carácter social, económico e deportivo). Escrita maioritariamente en castelán, dispuxo dunha contribución relevante

¹⁷ A primeira das denominacións, “Xeración de *La Noche*”, responde á clasificación realizada por Franco Grande (1985) e a segunda, “Xeración das Festas Minervais”, a Méndez Ferrín (1990 [1984]).

¹⁸ *Vid.* Fariña Miranda (ed.), 2003, pp. 41-42.

do galego. Na sección “Páxina poética” hai catro poemas en galego de Gonzalo López Abente, un texto de Xosé Fernández Ferreiro e dous de Consuelo Domínguez Rodríguez.

As súas páxinas atéiganse de traballos de BEN-CHO-SHEY (pseudónimo de José Ramón y Fernández-Oxea), Ramón Costa Suárez, Manuel Domínguez Rodríguez, López Abente, Ramón Otero Pedrayo, Paulino Pedret e SALVADOR LORENZANA (trasunto literario de Francisco Fernández del Riego).

*Atlántida*¹⁹ (A Coruña, 1954-1956)

Revista literaria da Coruña dada a coñecer entre xaneiro de 1954, como “una edición de la Delegación Nacional del Distrito Universitario de Santiago de Compostela”, e comezos de 1956. Só o nº 13, dedicado a Valle-Inclán, non saíu á venda polos incidentes acaecidos trala morte de Ortega y Gasset. Acompañábase dunha serie de separatas, escritas principalmente en galego, con poemas de J. A. AVILÉS VINAGRE (pseudónimo de Antón Avilés de Taramancos), Manuel Casado Nieto, Álvaro Cunqueiro, Miguel González Garcés, Pura Vázquez e xograres composteláns dos séculos XII e XIII. A dirección semella desempeñada por Enrique Míguez Tapia e a parcela artística por José María Labra.

Naceu mercé á iniciativa dun grupo de escritores, poetas e artistas coruñeses²⁰ (F. J. Alcántara, Álvaro Cebreiro, Francisco X. de la Colina, Miguel González Garcés, Luís Iglesias de Souza, Urbano Lugrís, Carlos Martínez Barbeito, Emilio Merino, Juan Naya, entre outros) que, baixo unha perspectiva independente e unha clara vontade de renovación europeísta, constituíron unha revista para espallar as súas inquietudes. Tampouco cómpre esquecer a loita contra as correntes oficiais e oficiosas, que ofrecían unha imaxe falsa de Galicia. Todos estes trazos trasladáronse nas páxinas á hora de tratar filosofía existencial e analizar obras coetáneas de filósofos e poetas, tanto españois coma galegos.

Redactada en castelán, o galego quedou reservado á poesía, cun lugar senlleiro das separatas, e, en menor medida, á prosa en artigos críticos, pequenos ensaios, narracións, recensións e noticias. Por outra banda, a nómina de colaboradores computaba, entre outros, a Ángel del Castillo, José María Castroviejo, Álvaro Cunqueiro, Eugenio D’Ors, Fabeiro Gómez, Xosé Filgueira Valverde, Ramón Gómez de la Serna, Antonio García Tizón, Miguel González Garcés, Aquilino Iglesia Alvariño, Luís Iglesias de Souza, Manuel María, Carlos Martínez Barbeito, Fernando Mon, Juan Naya, Ramón Otero Pedrayo, Luz Pozo Garza, Antonio Prieto Puga, Vicente Risco, Alfonso Sastre, Avilés de Taramancos, Antón Tovar Bobillo, Mariano Tudela, Pura Vázquez, Jacobo Viqueira e Genaro Meléndez Cebrián.

¹⁹ Vid. VV. AA. (1974), vol. IV, p. 94; Santos Gayoso (1990), pp. 716-717; Alonso Girgado (dir.), 1994, pp. 35-36; Alonso Girgado (1995b), pp. 74-75, e mais Roig Rechou (2003), pp. 82-93.

²⁰ O núcleo principal e promotor estaba constituído por Urbano Lugrís, Mariano Tudela e José María de Labra. Contou con colaboracións de Ramón Otero Pedrayo, Eugenio D’Ors e Ramón Gómez de la Serna. Vid. VV. AA. (2003), vol. 4, p. 94.

Suscita interese o apartado artístico, ao coidado de Urbano Lugrís, por reunir traballos de Labra, Tenreiro, Abelenda, García Patiño, González Pascual, Villar Chao, Antón Xesús, Pascual, Santo, Petter e A. Cebreiro.

b) Publicacións da Galicia exterior

*Alma Gallega*²¹ (Montevideo, Uruguay, 1919-1967)

Cabeceira de Montevideo vixente dende o 1 de agosto de 1919 e o 1 de novembro de 1967, data do número extraordinario que conmemoraba o cincuentenario da creación da Casa de Galicia. Levou, entre outros, os subtítulos “Revista mensual. Órgano Oficial de la sociedad Casa de Galicia”, “Órgano Oficial de Casa de Galicia”, “Boletín Oficial de Casa de Galicia” e “Revista de Casa de Galicia”. Identifícanse tres épocas: a primeira (1919-1927) contabiliza dezaoto números e mais dous extraordinarios, na segunda (1934-1938) sacou seis números e catro extraordinarios e, por último, a terceira (1941-1967) con once números extraordinarios.

Dirixírona, sucesivamente, José M^a Barreiro, Ricardo Novoa, José L. Pimentel, Pedro G. Acevedo, Ramiro Cantero, Luis Luna, Manuel Domínguez Santamaría, Adolfo Pérez Bermúdez, Carlos Otero, Hermenegildo Ruibal, José Silva Barros, Marcelino Ramos, Elías Montero, Manuel González Noya e Eulogio López Añón. Os administradores foron Ramón Redondo Durán, Ramón Pampín, Luciano Gascue, J. Fontasá, A. Rey e Rodolfo Obregón.

A dirección e administración estaba na rúa Treinta y Tres, nº 1332, e, despois, nos números 1473 e 1010 da avenida 18 de julio. Editouna a Casa de Galicia de Montevideo e saíu, entre outros, do prelo da Tipografía La Liguria (nº 1); La Industrial (nº 2), Fonseca y Moratorio (nº 4), Gráficas Perea (nº 6) e Olivera-Fernández (nº 7). A estes obradoiros hai que lles xuntar outros da capital uruguaia: Arduino Hermanos, Rosgal, Teutonia, La Industrial, La Industria Gráfica Uruguaia (1944-1950), Prometeo (1954-1960) e Goes. Dispuxo de diferentes formatos, aínda que sen alteracións ostensíbeis, e cunha paxinación irregular e cambiante.

Trátase do primeiro voceiro da Casa de Galicia, función asumida posteriormente por *El Eco de Galicia* e *Ecos da Terra*. No “Prólogo” do nº 1 declaraba atender “a Galicia y a todos los gallegos” e ser “libro siempre abierto de la historia de la Sociedad —a Casa de Galicia—”. Así mesmo, concedía importancia ao labor hospitalario, médico e asistencial efectuado pola entidade. Malia o castelán ser maioritario mercé aos traballos de M. Linares Rivas, Manuel Ponte, J. M^a. B., J. de la Luz León ou Santiago B. Blanco, o galego empregouse esporadicamente á hora de se referir a temas galegos dentro das coordenadas culturais e literarias.

O número extraordinario de 1954, dirixido por Elías Montero en calidade de redactor responsábel, aborda a situación económica da Casa de Galicia, as entidades mutualistas e a sanidade, así como as asembleas xerais celebradas

²¹ Vid. Peña Saavedra (dir.), 1998, pp. 240-241, e mais Alonso Girgado e Vilariño Suárez (eds.), 2006.

o 26 de xuño e mais o 3 e 7 de xullo. Resalta o apartado literario-cultural polo amplo número de colaboracións, en prosa e verso, de Amado Carballo, Manuel Antonio, Augusto M^a Casas, Filomena Dato Muruais, Herminia Fariña, Francisca Herrera, Otero Espasandín, Carmen Prieto, SALVADOR LORENZANA (Francisco Fernández del Riego) e Curros Enríquez, este último con catro poemas.

O número de xaneiro de 1960, baixo a responsabilidade de Manuel González Noya, supón a reaparición da cabeceira logo de catro anos. Nel, recoñécense os problemas económicos da Casa e infórmase das obras do Sanatorio Social e do Panteón Social. No terreo literario rexístranse as colaboracións galegas de M. González Noya, Pedro Pereira Carballo, Jesús Carro García e Leopoldo López Márquez, este último co relato “Correndo as bruxas”.

As colaboracións divídense en activas e pasivas. Desta maneira, temos, entre outros, Augusto d’Almar, Concepción Arenal, Gumersindo de Azcárate, Azorín, José M^a Barreiro, Ramón Cabanillas, Alberto Camino, Prudencio Canitrot, Amado Carballo, E. Carré Aldao, Leandro Carré Alvarelos, Augusto M^a Casas, Castelao, Maximino Castiñeiras, Arturo Cuadrado, Manuel Curros Enríquez, Dato Muruais, Avelino Díaz, Aquilino Iglesia Alvariño, Salvador Golpe, Manuel Lustres Rivas, Manuel Antonio, Eugenio Montes, Pablo Neruda, Roberto Nóvoa Santos, Xosé Otero Espasandín, Ramón Otero Pedrayo, Emilia Pardo Bazán, Eduardo Pondal, M. Portela Valladares, Xavier Prado (LAMEIRO), Indalecio Prieto e Ramón del Valle-Inclán.

No deseño sobresaen as fotografías das instalacións da Casa de Galicia e, en menor medida, de Galicia, así como colaboracións artísticas (debuxos, óleos, caricaturas, viñetas, esculturas, etc.) de Álvarez Sotomayor, Asorey, Barrantes Abascal, Bongiovanni, Castelao, M. Colmeiro ou Xaime Prada.

O Irmandino²² (Montevideo, 1934-1961)

Xornal de Montevideo que viu a luz en outubro de 1934, en calidade de voceiro de expresión da Irmandade Galeguista do Uruguai, e cesou en 1961. Percorreu dúas etapas separadas por un hiato de vinte e catro anos. Na primeira (1934-1936), subtitulada “Periódico galego. Órgano (Órgao) da Irmandade Galeguista do Uruguay”, tirou seis números. A segunda (1958-1961), co subtítulo “Órgao da Irmandade Galeguista d’o Uruguai”, dirixiuna Xosé L. Villaverde e Miguel Vázquez Valiño. Agás o n^o 5, que co gallo do Día de Galicia ten oito páxinas, o resto de números conteñen catro páxinas.

Pretendía defender os postulados do Partido Galeguista, o que implicou a reprodución dos postulados do devandito ente e a reivindicación da identidade propia e singular de Galicia fronte ao resto de España. Para conseguir este obxectivo inseriu na segunda etapa, ao igual que na primeira, textos dos principais líderes galeguistas (Castelao, Alfonso Díaz Trigo, Ramón Suárez Picallo e Ramón Vilar Ponte). Respecto á anterior etapa, rexístranse artigos

²² Vid. Alonso Girgado (dir.), 2010.

de tipo crítico, contrarios ao réxime franquista, a prol dos preceptos da Segunda República.

Redactouse en galego, a excepción dalgún artigo extraído doutras publicacións e a meirande parte do nº 3 da segunda época (outubro de 1959, conmemorativo do II Congreso de la Emigración). Na segunda etapa, obxecto da nosa análise, colaboraron Antón Alonso Ríos, Francisco Luís Bernárdez, Ramón Cabanillas, Lois Carré Alvarellos, Castelao, Luís Moure-Mariño, Ramón Otero Pedrayo, Ricardo Palmás Casal, Avelino Rodríguez Elías e Antón Vilar Ponte.

Salientan as poesías “A alborada dende lonxe” (nº 2: xaneiro de 1959), de Avelino Rodríguez Elías, e “En pe [sic]” (nº 4: xuño de 1961), de Ramón Cabanillas.

Saudade²³ (México D. F., 1942-1953)

Subtitulada “Verba Galega nas Américas”, saíu á rúa en México D. F. entre o 25 xullo de 1942 e o 7 de xullo de 1953, data do sétimo e derradeiro número. Dirixírona Marcial Fernández e Florencio Delgado Gurriarán. O equipo redactor estaba formado por Ramón Cabanillas Álvarez, Xosé Caridad Mateo, Ramiro Illa Couto, Manuel Porteiro Viñas, Roxelio Rodríguez de Breña, Lois Soto Fernández, Carlos Tomé, Carlos Velo e o propio Delgado Gurriarán. As dependencias da administración foron, entre outras, o nº 96 da rúa República del Salvador e o nº 40 da rúa Abraham González. Respecto ao domicilio social, situábase nas rúas próximas á praza do Zócalo da Cidade de México.

As súas dúas épocas sepáranse por un hiato de oito anos. Na primeira, 1942-1944, contabilízanse cinco números. A segunda, 1952-1953, contou con dous números, nos que examinaron aspectos e situacións actuais e pasadas da vida política galega. Editouna a Irmandade Galeguista e o Grupo Saudade, baixo a responsabilidade de José Caridad Mateo (números 1 e 2), R. Illa Couto (nº 3), Ramón Cabanillas Álvarez (números 4 e 5) e os dous últimos Roxelio Rodríguez Breña. A periodicidade foi semestral e despois anual. Saíu do prelo do obradoiro das imprentas A. Artís (nº 1) e Gallarda, os restantes números.

Esta revista galeguista, impulsada por exiliados de esquerdas, ofreceu numerosos traballos de temática política co obxecto de reivindicar melloras de todo tipo para Galicia. O enfoque cultural constátase na inclusión de obras literarias, ensaios e artigos históricos e económicos. Excepto un número reducido de traballos, redactouse en galego en consonancia coas finalidades últimas da revista, a defensa da lingua e maila conservación e divulgación desta fóra de Galicia, o que a vencella con outras cabeceiras galegas do alén mar (*A Gaita Gallega* —La Habana—, *O Irmandino* —Montevideo— e mailas arxentinas *A Nosa Terra*, *A Fouce*, *Terra* e *Lar Galicián*).

²³ Vid. Santos Gayoso (1995), p. 149, Peña Saavedra (dir.), 1998, pp. 237-238 e mais Alonso Girgado *et alii* (2008).

Entre os colaboradores, activos e pasivos, estaban Antón Alonso Ríos, Xerardo Álvarez Gallego, Xesús Bal y Gay, BEN-CHO-SHEY (Xosé Ramón Fernández Oxea), Teophilo Braga, Ramón Cabanillas, Basilio Fernández, Eduardo Blanco Amor, Bieito Búa, Ramón Cabanillas, Rafael Cardona, Leandro Carré Alvarellos, Uxío Carré Aldao, Castelao, Rosalía de Castro, Martín Codax, Manuel Colmeiro, Manuel Curros Enríquez, Florencio Delgado Gurriarán, Xesús Dopico, Marcial Fernández, Xohán García, Celestino López, Chita Lamas de I. Couto, Florentino López Cuevillas, Xohán López Durá, E. Martelo Paumán, Ramón Martínez López, Manuel Murguía, Roberto Nóvoa Santos, Ramón Otero Pedrayo, S. Pellit Varela, Emilio Pita, Eduardo Pondal, Ramón Rey Baltar, A. Rey Romalde, A. Rovira i Virgili, Faustino Santalices, Luís Seoane, Arturo Souto, Ramón Suárez Picallo, Luís Tobío, Valle-Inclán, Pura Vázquez e Alberto Vilanova.

Os textos poéticos²⁴ suman arredor do trinta por cento do total: algúns de temática popular, na sección “Fontes e forxas da fala”, e outros de sesgo culto, en “Poetas novos” e en “Poetas vellos”. Amais do “Himno Galego” nos números 4 e 6, este último conmemoraba o “Día da Patrea” —1952—, rexístranse composicións dos autores Pura Vázquez (“Maturidade”, daquela inédito, e “Dous poemas”), Florencio Delgado Gurriarán (“Nemorame o feitizo do tesouro”, “Bocarribeira valdeorresa” e “Vello almanaque”, poesías extraídas do volume *Da Galiza Infinda*).

Malia estar escasamente ilustrada, presenta —xeralmente en pequeno formato e sempre en branco e negro— viñetas inspiradas en figuras, paisaxes, escenas e temas galegos da man dos ilustradores Colmeiro, Dichi (Cándido Sánchez Mazas), Ramiro Illa Couto, Carlos Maside, Arturo e Uxío Souto, Xurxo e Zarzalejo.

Mundo Gallego²⁵ (Buenos Aires, Argentina, 1951-1952)

Co subtítulo “Revista de Galicia en América”, esta publicación apareceu en Buenos Aires dende o mes de outubro de 1951 até outubro–decembro de 1952. O organigrama estaba formado polo director Eliseo Alonso Rodríguez e os redactores José Conde e Teodoro Campos. A administración estaba no nº 555 da rúa Moreno de Buenos Aires. Imprimiuse nos Talleres Gráficos Buschi. Oscilaba entre as cincuenta e dúas páxinas e as trinta e dúas, sen computar aquelas outras pertencentes á publicidade.

Mundo Gallego serviu de canle comunicativa dos galegos aquí e alén mar. A condición galega e cultural amósase na amplitude e a diversificación da creación artística e literaria (poesía, prosa, crítica e bibliografía), así como na difusión da xeografía e a paisaxe galega, dos grandes persoeiros do país, das sociedades mutualistas de Arxentina e de riscos concretos do acervo etnográfico e lingüístico. Detéctase unha exaltación galeguista e

²⁴ Información extraída da introdución de Práxedes García Vázquez no estudo inédito de *Saudade*, que foi presentado ao profesor Claudio Rodríguez Fer no antigo Colexio Universitario de Lugo.

²⁵ *Vid.* Peña Saavedra (dir.), 1998, pp. 161-162, e Alonso Girgado *et alii* (eds.), 2007b.

a verificación do intercambio de ideas entre as comunidades galegas do mundo, obxectivos todos estes acadados mediante textos literarios, notas informativas, breves estudos e reseñas críticas. Polo tanto, o enfoque galeguista guiaba o intercambio de ideas entre as comunidades galegas do mundo e a introdución de todo tipo de textos, entre eles entrevistas e comentarios.

Malia ser o castelán o maioritario, o galego predomina no eido literario. Proba disto son as composicións “O meu amor”, de Victoriano Taibo; “Dous poemas”, de Eduardo Blanco Amor; “A fuestra i-o vento”, de José D. Jácome, e “Candea eterna”, de Fermín Bouza Brey. A estrutura caracterízase pola inestabilidade e a escasa duración. Organizábase, entre outras, nas seccións “Papel y tinta”, dedicada á crítica de libros; “Artistas de cine gallegos”, por R[ubén]. M[uñoz].; “Pantalla y telón”, de temática cinematográfica e teatral; “Deportes”, e “Balcón de malhumorados” co complemento de pequenas viñetas humorísticas.

Os colaboradores literarios eran, entre outros, Eliseo Alonso (E. Alonso/DEGOYÁN), J. A. Alonso, Domingo Álvarez, Julio Arroyo Alonso, AZORÍN, Modesto Bará, os irmáns Eduardo e José Blanco Amor, Fermín Bouza Brey, Francisco Camba, Leandro Carré Alvarellos, José M^a Castroviejo, E. Correa Calderón, Álvaro Cunqueiro, José Ramón y Fernández, Ánxel Fole, Ramón González Alegre, Aquilino Iglesia Alvariño, Manuel María, Ramón Otero Pedrayo, Emilio Pita, Paulo Paixão, V. Paz Andrade, Luz Pozo Garza, Faustino Rey Romero, SALVADOR LORENZANA (Francisco Fernández del Riego), Victoriano Taibo, Francisco Vales Villamarín, Pura Vázquez e Antón Zapata García.

A parte gráfica e de ilustracións son dúas dimensións senlleiras. Temos, dunha banda, reproducións de esculturas de Ángel Alén, Antonio Faílde Gago e Domingo Maza e óleos de Isaac Díaz Pardo, Antonio Fernández, García Lema, Laxeiro, Carlos Maside, Julia Minguillón, Manuel Pesqueira, Xavier Pousa, Prieto Nespeira e G. Solana. Destacan os debuxos, gravados, xilografías e viñetas de Eliseo Alonso, Castelao, Camilo Díaz, Gabi, Lozano, Domingo Maza, Urbano Lugrís, que non asinaba, e W. Watteau.

Galicia²⁶ (Caracas, Venezuela, 1952-1954)

Co subtítulo “Revista del Centro Gallego” xurdiu en Caracas dende o 25 de xullo de 1952 até os meses de xullo e agosto de 1954, momento no que saíu o n^o 10. A dirección asumíuna Antonio Somoza Outeiral (presidente da Junta Directiva do Centro Gallego de Caracas) e nos números 3-5 Eduardo Blanco Amor. O equipo redactor estaba formado por Silvio Santiago García, Carlos Herrero Alonso e, probabelmente, José M^a Mosqueira Manso. As dependencias da redacción e a administración estaban no n^o 168, 8^a, da rúa Este de Caracas, mesma localización da entidade mutualista (Centro Gallego). Tiña unha periodicidade irregular, dende mensual até bimestral e

²⁶ *Vid.* Moreda Leirado e Vilariño Suárez (eds.), 2006.

trimestral. Saíu dos obradoiros Editorial Manchester (nº 2), propiedade de Zavatti y Fernández; Artes Gráficas Venezolanas (números 3 e 4); Gráfica IGSA (números 5 e 6), e Tipografía Velázquez (nº 10). Cun número de páxinas variábel, dende 19 até 27, a publicidade, sen numerar, estaba ao principio e ao final.

Esta publicación galeguista ocupouse do Centro Galego e, sobre todo, da cultura galega, de aí que acollese colaboracións concernentes á lingua, o folclore, os motivos xacobeos e a persoeiros como Alfonso Daniel Rodríguez Castelao. Compartiméntase, entre outros, nos apartados “Cartas al Miño”, por Silvio Santiago; “30 días de vida gallega”, asinado por SALVADOR LORENZANA (trasunto literario de Francisco Fernández del Riego); “Nuestro Centro mes a mes”, e “Contos do povo”, epígrafe literario de carácter popular realizado por Luis Modroño e Saturio C. Caramés.

As achegas literarias divídense en pasivas e activas. Na primeira, amais de trobadores medievais, están Francisco Añón, Concepción Arenal, T. Besteiro Torres, Castelao, Rosalía de Castro, Manuel Curros Enríquez, Federico García Lorca, Salvador Golpe Varela e Ramón del Valle Inclán. A segunda engloba a Modesto Bará, Francisco L. Bernárdez, E. Blanco Amor, Ramón Cabanillas, Julio Camba, Augusto M^a Casas, Camilo J. Cela, Álvaro Cunqueiro, F. Delgado Gurriarán, F. Fernández del Riego, José Ramón y Fernández Oxea, José F. Filgueira Valverde, Ánxel Fole, Antonio Fraguas Fraguas, D. García-Sabell, Florentino López Cuevillas, Ramón Piñeiro, Pura Vázquez e Alberto Vilanova, entre outros. Outras colaboracións rexístranse baixo pseudónimos, algúns tan coñecidos como KEN-KEIRADES (Manuel García Barros), o mentado SALVADOR LORENZANA e outros sen identificar (HIRTO, MARIÑÁ e CARAQUEÑO) .

Nas ilustracións merecen mención especial o material fotográfico, procedente en parte do Centro Gallego e noutra parte de escritores e cidades; a abundancia de viñetas con temas galegos (dornas, traxe tradicional, grupos populares, etc.); caricaturas; paisaxes, e gravados. Colaboraron graficamente Castelao, Jrvelí, Ksado, Carlos Maside, Roca e Luis Seoane.

En galego ofreceu as composicións “Madrigal a cidá de Sant-iago”, de Federico García Lorca; “Dous amores”, de Salvador Golpe; “Este vaise” e “Na catedral”, de Rosalía de Castro, e mais “A espiña”, de Manuel Curros Enríquez. Contabilizanse outras de Delgado Gurriarán, Xosé Luis Baldomir e Ramón Cabanillas.

Eufonía. Rimas y glosas de la poesía gallega²⁷ (Buenos Aires, Argentina, 1958-1959)

Subtitulada “Publicación periódica de circulación intercontinental entre os galegos”, viu a luz en Buenos Aires dende o 1 de setembro de 1958 até o mes de setembro de 1959. Levaba o lema “Que a eufonía destas rimas renda beizós pra Galicia”. Dirixiuna Alfonso Gayoso Frías, que tamén a editaba.

²⁷ Vid. Alonso Girgado *et alii* (eds.), 2005.

As dependencias estaban na rúa Venezuela, 1016 (nº 2). Cunha periodicidade anual, a impresión correu a cargo de Cabrera e Rey (nº 1) e Los Celtas (nº 2). Tirou só dous números, con trinta e dúas páxinas cada un.

No nº 1 declara ser “fiel pregoeiro da presenza, divulgación i enxuízamento da poesía galega”. Trátase, pois, dunha revista literaria cunha fonda vocación poética que focaliza a atención en Galicia. O cotexo dos dous números amosa dúas especificidades, a comparecencia das voces femininas (Xohana Torres e mais Dora e Pura Vázquez) e dos compoñentes do Grupo Brais Pinto (Xosé Fernández Ferreiro, Ramón Lorenzo e Reimundo Patiño).

O carácter efémero e a converxencia do galeguismo interior e exterior, xunto a ausencia dunha orientación estética e dunha tendencia de escola ou grupo, impide unha caracterización mínima. Malia isto, Galicia cobra corpo nas páxinas cos discursos intimista, reivindicativo, amoroso e onírico. Emprégase o castelán e o galego, aínda que con predominio deste último.

Na maquetación, a sección “Aconteceres” difunde novas de natureza heteroxénea, en especial literarias e artísticas. Por certo, os dous números saen á palestra ao abeiro de dúas efemérides, o cincuentenario do pasamento de Curros Enríquez en La Habana (nº 1) e o centenario da voda de Rosalía de Castro en Madrid (nº 2).

O material poético de *Eufonia* adquire fasquía en dous eixos, Galicia e a intimidade do poeta, orientados a revitalizar o sentimento de galeguidade. A nómina de colaboracións abarca, entre outras, as sinaturas de A. D., Gerardo Álvarez Gallego, Enrique Azcoaga, Ricardo Carballo Calero, Xesús Calviño de Castro, Rosalía de Castro, Xosé Conde, Javier Costa Clavell, Manuel Curros Enríquez, Florencio Delgado Gurriarán, Avelino Díaz, Manuel Fabeiro Gómez, Elsa Fernández, Xosé Fernández Ferreiro, Xosé Ramón Fernández Oxea, Celso Emilio Ferreiro, Bernardino Graña, Ramón Lorenzo Vázquez, Eloy Luis André, Manuel María, Anisia Miranda, Manuel Murguía, Xosé Neira Vilas, Eladio Rodríguez González, Victoriano Taibo, Xohana Torres e mais Dora e Pura Vázquez.

En galego publicou as composicións “Namentras imos andando”, de Celso Emilio Ferreiro; “Triloxía da Terra”, de Xohana Torres; “Poemas de ausencia a Galicia”, de Pura Vázquez, e “Poemas de ausencia”, de Manuel María. No tocante á prosa, rexístrase a narración lírica “Unha camelia e unha lembranza”, de Anisia Miranda, e mais os estudos “As cantigas de amigo i o misterio da vida”, por Emilio González López, e “Unha gran figura galega: Ramón Rey Baltar”, asinado coas iniciais A. D.

En verso castelán ofreceu “El poeta barquero”, de Antonio Fernández Pérez; “Volved”, de Rosalía de Castro, extraído do poemario *En las orillas del Sar*, e “Siglos de mar”, de Elsa Fernández. Doutra banda, en prosa hai unha loa de Carlos Maside (“Carlos Maside”, por Enrique Azcoaga) e un fragmento do prólogo da obra de Manuel Murguía *Los Precursores*.

*Vieiros*²⁸ (México D. F., 1959-1968)

Co subtítulo “Revista do Padroado da Cultura Galega” veu a lume en México D. F. en 1959 e cesou na primavera de 1968, data da saída do nº 4. Mentres a parcela artística correu a cargo de Arturo Souto, a dirección asumírona, sucesivamente, Luís Soto Fernández, Carlos Velo, Florencio Delgado Gurriarán e José Caridad Mateos. Administrárona Xermán Rañó (nº 1), Antonio Yáñez Pereiro (nº 2) e Inocencio Ferrer Ovide (números 3 e 4). As páxinas, comprendidas entre a 68 e a 84, saían anualmente do obradoiro da Editorial Muñoz.

Vieiros foi, sobre todo, unha cabeceira cultural, de signo galeguista, que pretendía espaxear “calquera idea literaria artística, filosófica, sempre que fose antifascista e non se apoiase na ditadura”. Determinábase pola defensa do pluralismo ideolóxico, posicionamento alicerzado no recoñecemento da personalidade nacional de Galicia; un enfoque progresista, e o monolingüismo en galego²⁹. A súa chegada³⁰ á palestra informativa foi resultado das publicacións combativas realizadas en México pola emigración galega. Tentou ser aglutinante entre a Galicia interior e a exterior

O carimbo interdisciplinar reflectiuse con traballos de antropoloxía, economía, historia, poesía e agricultura. Así, computamos “Unha supervivenza do réxime feudal”, por Amadeo Varela; “A eletrificazón da Galiza”, de Hilario Caloto; “Necesidade de unha praneazón agro-pecuaria”, de A. Vázquez Humasque, e “O problema forestal”, de Arturo Romaní. Cómpre recalcar dous trazos do deseño, o coidado na tipografía e as ilustracións. Entre estas últimas, citemos reproducións artísticas e debuxos reivindicativos feitos por Castelao, Arturo Souto, Maside, Xaime Quessada, Gironella, Isaac Díaz Pardo e Luis Seoane.

Estruturábase nos apartados “A lingua ios libros”, “As aiciós”, “As ideas”, “As ideas ios [sic] feitos”, “As labouras”, “Os homes”, “Os homes ias [sic] ideas”, “Os homes ias [sic] labouras” e “Os feitos”. Literariamente colaboraron, entre outros, Xesús Alonso Montero, Eduardo Blanco Amor, Fermín Bouza-Brey, Ramón Cabanillas, Ricardo Carballo Calero, José Caridad Mateos, Leandro Carré Alvarellos, Castelao, Álvaro Cunqueiro, Manuel Curros Enríquez, Florencio Manuel Delgado Gurriarán, Manuel Fabeiro Gómez, Xosé Ramón Fernández-Oxea (BEN-CHO-SHEY), Celso Emilio Ferreiro, Ánxel Fole, Manuel García Barros, Domingo García-Sabell, Valentín Lamas Carvajal, Florentino López Cuevillas, Xohán López Durá, SALVADOR LORENZANA (pseudónimo de Xosé Filgueira Valverde), Manuel María, Sebastián Martínez Risco, Xosé Luís Méndez Ferrín, Xosé Neira Vilas, Ramón Otero Pedrayo, Valentín Paz Andrade, Ramón Piñeiro, Luís

²⁸ Vid. Cañada (ed.), 1974, vol. 30, pp. 42-43; A Nosa Terra Edicións (1989); Santos Gayoso (1990), pp. 733-734, e Peña Saavedra (dir.), 1998, p. 238.

²⁹ As colaboracións castelás foron traducidas ao galego por Xohán López Durá e Luis Soto Fernández. Vid. Cañada (ed.), 1974, p. 42.

³⁰ Introduciuse en España clandestinamente mediante envíos postais. Vid. Santos Gayoso (1990), p. 735.

Seoane, Xohana Torres, A[ntón] Tovar Bobillo, Benito Varela Jácome, Dora Vázquez, Carlos Velo, Alberto Vilanova e Johan Viqueira.

Convén reparar no ensaio de Ramiro López “Afirmación da nacionalidade galega”, nº 4 (primavera de 1968). Tras diferenciar os termos políticos nación e nacionalidade, aborda dous episodios históricos: as reivindicacións burguesas sucedidas en Santiago de Compostela no S. XII e as revoltas irmandiñas desenvolvidas durante o S. XV. Conclúe sinalando a necesidade de transformar o Estado Español, previo recoñecemento da personalidade nacional de Galicia, Euskadi e Catalunya, co obxecto de establecer a base do entendemento entre o conxunto das forzas democráticas.

Mostra do monolingüismo en galego foron as poesías “Encomenda”, “A Rosalía” e “O mayo”, as tres da autoría de Manuel Curros Enríquez; “Galicia”, de Valentín Lamas Carvajal, que acompaña ao artigo de Florentino L. Cuevillas “Evocación de Lamas Carvajal”, e os poemas de Celso Emilio Ferreiro “Eiquí Será”, “Ti eres pedra” e “Carta a Fuco Buxán”. En prosa publicou os textos “Diálogo”, de J. V. Viqueira; “Pedimos”, de Alf. R. Castelao, e “O castigo”, de Xosé Neira Vilas.

Ofreceu en portugués algún texto literario, como a poesía de César Teixeira “Lua”. A afinidade co país veciño manifestouse nos estudos culturais “Gil Vicente. Pai do teatro galegoportugués”, de Armando Rey Romalde; “Galicia-Portugal-Brasil”, de Ramón Piñeiro, e mais “João Verde, poeta minhoto”, de Julio [sic] Evangelista.

*Alén-Mar*³¹ (Buenos Aires, Argentina, 1961-1963)

Esta “Revista de la Asociación Argentina de Hijos de Gallegos” viu a luz en Buenos Aires dende o 1 de xuño de 1961 até o mes de novembro de 1963. Os directores foron no nº 1, Antonio Pérez Prado e nos restantes Perfecto López Romero. As dependencias da redacción estaban na rúa Sarandí, nº 847. Tiña unha periodicidade anual, dende o nº 1 até o 2, e, entre o nº 3 e o 4, semestral. Contaba con oito páxinas de pequeno formato.

Trátase dunha revista cultural, de tendencia galeguista, que foi voceira da “Asociación Argentina e Hijos de Gallegos”. Esta entidade promoveu a revista, fortaleceu as relacións culturais con Galicia e outros países (Eire, México, Brasil, etc.), constituíuse en editorial e organizou cursos de lingua galega, baixo a maxisterio de Eduardo Blanco Amor.

Ocupa un lugar relevante dentro da prensa galega por ser unha iniciativa alentada por xente foránea cuxa finalidade era recuperar as señas familiares e identitarias. Xa que logo, documéntase o interese por Galicia, Rosalía de Castro e o Día das Letras Galegas, así como pola actualidade bibliográfica galega e o estado da lingua e da literatura galega.

Malia o castelán ser maioritario, o galego rexístrase nalgunhas colaboracións, nomeadamente as entrevistas a P. Leirado e Salvador García-Bodaño e os

³¹ Vid. Alonso Girgado *et alii* (eds.), 2007a.

traballos procedentes de Galicia coa sinatura de Ánxel Fole, Domingo García-Sabell, SALVADOR LORENZANA (pseudónimo de Francisco Fernández del Riego), Ramón Otero Pedrayo e Ramón Piñeiro. A estas achegas xuntémoslles os versos de Eduardo Jorge Bosco e mailos textos en prosa de Xohan e dun tradutor anónimo, que adaptou ao galego un fragmento da guía *Breizh hor Bro* (1957), redactada en bretón na cidade de Quimper.

A grandes liñas, as colaboracións son breves e prestan atención á lingua e á literatura galega, como o demostra a sección “Mirador bibliográfico” e os traballos acerca da lingua, o teatro e a novela galega. Entre os asinantes encontramos A. R. C., Eduardo Blanco-Amor, E. F. G. (iniciais atribuíbeis a Elsa Fernández G., unha das fundadoras da Asociación Argentina de Hijos Gallegos), Ánxel Fole, D. García-Sabell, Perfecto López Romero, Basilio Losada Castro, Víctor Luis Molinari, Ricardo Palmas Casal, Antonio Pérez Prado, Arturo Prado e Ramón de Valenzuela.

O deseño gráfico, malia existir algún número cunha soa ilustración, singularizouse pola abundancia de ilustracións da autoría de C. Maside, Villar Chao e outras anónimas.

2. 2. 2. Portugal

Antes de comezar a catalogación das revistas do decenio 1951-1961, cómpre analizar dúas pola importancia para a literatura galega: *A Águia* e a *Revista Internacional. O Soneto Neo-Latino*.

*A Águia*³² (1910-1929) foi unha publicación creativa e reflexiva de Porto, subtitulada “Revista quinzenal ilustrada de literatura e crítica”, que viu a luz en decembro de 1910, baixo a dirección de Álvaro Pinto, cunha tiraxe quincenal.

Reapareceu varias veces. Na primeira (decembro de 1910-xullo de 1911), co subtítulo “Revista mensual de Literatura, Arte, Ciéncia, Filosofía e Crítica Social”, saíron dez números. A segunda (xaneiro de 1912-outubro de 1921), cun total de cento vinte números e a título de voceira da entidade cultural Renascença Portuguesa³³, tiña un organigrama directivo formado por tres

³² Vid. VV. AA. (1995a), vol. 1, cols. 85-90, e Busto Abella (1999).

³³ Partindo das reunións celebradas en Coímbra (26 e 27 de agosto de 1911) e Lisboa (17 de setembro de 1911), esta asociación cultural e cívica portuguesa, formada por artistas e intelectuais, enfocaba a acción social educativa para crear un público consciente e ilustrado. A existencia de cadanseu proxecto de Raul Proença e Teixeira de Pascoaes amosa diverxencias internas. Por unha banda, Proença, en liña co pensamento da Revolución Francesa, achaba a instauración da República como a posta en contacto da sociedade portuguesa coa realidade europea. Pola contra, Pascoaes, consonte a grandeza das descubertas, realizaba un chamamento aos portugueses co obxecto de lusitanizar, sen interferencias estranxeiras, a educación, a relixión, a arte e a literatura.

Nos estatutos da Renascença Portuguesa sinalábase que era unha asociación aberta a todos os individuos, constituída en tres comités (Lisboa, Porto e Coímbra), cuxa finalidade era “promover a maior cultura do povo português”. Concibíanse dous tipos de socios: os efectivos, que achegaban cantidades económicas, e os correspondentes (Miguel de Unamuno e Philéas Lebesgue, entre outros), personalidades estranxeiras que divulgaban o ideario da entidade nas

parcelas: a literaria, ao coidado de Teixeira de Pascoaes; a artística, a cargo de António Carneiro, e a científica por José de Magalhães. Na terceira (xullo de 1922-decembro de 1927), ao coidado de Leonardo Coimbra, coñeceu sesenta números. Por último, as dúas últimas saídas foron de escasa duración: a cuarta (xaneiro de 1928-decembro de 1929), con doce números, baixo a responsabilidade de Hernani Cidade, Leonardo Coimbra, Teixeira Rego e António Carneiro e a quinta (xaneiro-xuño de 1932). Na actualidade³⁴ retomouse a idea, baixo a designación *Nova Águia* e o mesmo espírito, co obxecto de homenaxear á súa predecesora.

Orientou a actividade á produción literaria e á intervención social, o que se materializou en debates sobre cuestións educativas. Mantiña un posicionamento encardinado en tres postulados: o republicanismo non-positivista, o nacionalismo cultural e a tutela dunha elite intelectual.

A presenza galega redúcese a diversas composicións literarias: a poesía “Saudade” (números 115-117 da 2ª serie), de Antonio Noriega Varela; as composicións “Despedida” e “Iñoranza” (números 17 e 18 da 3ª serie), de Gonzalo López Abente (denominado erroneamente González Abente), e mailos traballos de Vicente Risco “Cultura e Natura” (nº 5 da 3ª serie), “Da Galiza Renascente”, dado a coñecer fragmentariamente ao longo da 4ª serie, e “Letras galegas”, tamén na 4ª serie.

A *Revista Internacional. O Soneto Neo-Latino*³⁵, subtitulada “Florilégio de sonetos inéditos das linguas latinas e suas afíns”, dispuxo dunha xeira de 1929 a 1933. Dirixírona ÁLVARO DE CASTELHÕES (pseudónimo de Álvaro de Castro Araújo Pereira Ferraz) e Júlio Brandão. Saía trimestralmente do prelo da Tipografía Minerva (Vila Nova de Famalicão). Cada volume, de trinta e seis páxinas, constaba de sete fascículos, dos que seis son de texto e un para o índice e as notas bibliográficas dos colaboradores.

súas terras. Este tipo de membros tiñan dúas obrigas, a entrega dun exemplar das súas obras a cada biblioteca da Renascença (Lusitana, de Educación e a Infantil e Popular) e mailo pago das cotas mensual e de entrada.

Estruturalmente detense en tres organismos: a Mesa da Assembleia Geral, encargada do goberno do ente, e outros dous de deliberacións, o Conselho de Administración e a Comissão Fiscal. En 1913 contou cuns novos estatutos, cuxo obxectivo era “alem do estreitamento das relações de solidariedade dos seus asociados, o desenvolvemento educativo de todos os cidadáos portugueses”.

Esta entidade republicana levou a cabo iniciativas culturais, como as Universidades Populares, consideradas esteos fundamentais para recuperaren o espírito primixenio do pobo portugués. Pola súa banda, a actividade editorial, dato sintomático do dinamismo, constátase na publicación de cento corenta obras, entre 1912 e 1919, e de dúas cabeceiras, a revista *A Águia* e o boletín *Vida Portuguesa*. Por volta de 1980, retomouse a idea no Porto coa publicación *Nova Renascença*. Vid. VV. AA. (1995a), tomo 4, cols. 693-694, e Busto Abella (1999).

³⁴ Cunha periodicidade semestral, a revista tirou o primeiro número a finais do primeiro semestre de 2008. Ten dúas sedes: no norte a Associação Marânus / Teixeira de Pascoaes e no sur a Associação Agostinho da Silva. Conta con correspondentes non só nos países lusófonos, senón tamén na Unión Europea. De aí deriva o feito de tiraren textos bilingües. Vid. Dirección da *Nova Águia* (2007).

³⁵ Vid. Alonso Montero (1996).

Tiña dous obxectivos: a potenciación do soneto e a comunión literaria dos pobos latinos. A nómina de colaboracións abarcou numerosas linguas, entre elas a castelá, a francesa, a catalá, a galega, a romanese e a portuguesa. Mención relevante son as traducións, como a efectuada ao italiano do brasileiro Olavo Bilac, por Sergio Frusoni.

Dos colaboradores escolmamos os franceses Henri de Régnier e Phileas Lebesgue, o italiano Guido Battelli e en lingua castelá Fernando González, Claudio de la Torre e Domingo Rivero (os tres das Illas Canarias). A estes últimos amecémoslles os mexicanos Enrique González Martínez e María Enriqueta [Camarillo de Pereyral]. Non obstante, o apartado máis amplo confórmano as plumas portuguesas, cun total de oitenta e catro poemas. Por outra banda, sobrancea Alberto de Oliveira dentro da reducida nómina brasileira.

No referente ao idioma galego, rexístranse nove sonetos: “Sorrisos d’elas” (nº 1) —que xa fora reproducido no *Almanaque de Ponte-de-Lima* (1924)—; “Bétula fidelis” (nº 1), “Canción d’outono” (nº 3), “Badalada d’outono” (nº 4) e “Na coba de Rosalía” (nº 4), todos eles de Otero Pedrayo, e catro máis (“Os vencidos”, nº 1; “A ti, soneto triste”, nº 3; “Usque-quo, domine...?”, nº 4, e “Camiños no mar”, números 6-7), de Aquilino Iglesia Alvariño.

Para facilitar a comprensión, achégase un cadro³⁶, consonte a tipoloxía poética, coas revistas portuguesas obxecto do noso exame.

DENOMINACIÓN E PROCEDENCIA	TIPOLOXÍA
<i>Cadernos de Poesia</i> (Lisboa, 1940-1953) <i>O Cavalo de Todas as Cores</i> ³⁷ (Barcelona, 1950) <i>Távola Redonda</i> (Lisboa, 1950) <i>A Árvore</i> (Lisboa, 1951) <i>Sísifo</i> (Coimbra, 1951) <i>Graal</i> (Lisboa, 1956) <i>Rumo</i> ³⁸ (Lisboa, 1957)	Poesía pura ³⁹

³⁶ Toma como punto de partida a clasificación (capítulo IV), de Clara Rocha Crabbé (1985), mais o lector observará outras cabeceiras de Porto que non foron tratadas pola citada especialista.

³⁷ Revista de Barcelona que tirou un só número en 1950. Dirixiuna Alberto de Serpa e João Cabral de Melo Neto. Veu ser un punto de encontro para algúns membros de *Presença*. Entre os colaboradores estaban Pedro Homem de Melo, Vinícius de Morães, José Régio e E. Tormo. *Vid.* Rocha (1985), pp. 486 e 658.

³⁸ Subtitulada “Revista de problemas sociais”, esta publicación de Lisboa apareceu en 1957, ao coidado de Mário Pacheco. Incluía informacións diversas, dende economía e política até cinema e textos literarios (crítica e creación). O nº 46 dedicouno a lembrar a revista *Cadernos de Poesia* con artigos de Sophia de Mello Breyner e de poemas de José Blanc de Portugal, Rui Cinatti e Tomás Kim. *Vid.* Rocha (1985), p. 502.

³⁹ Con esta denominación alúdese á teoría poética orientada ontoloxicamente que cobra corpo mediante a eliminación dos elementos alleos á poesía, acercándose así á obxectividade coa fantasía e coa inserción de sentidos equívocos e misteriosos na palabra. Desta maneira, o acto de escritura convértese en lírico, abandonándose as percepcións sensitivas, as emocións persoais e o acto declamatorio e anecdótico. O concepto da arte pola arte apareceu en Edgar Allan Poe

DENOMINACIÓN E PROCEDENCIA	TIPOLOXÍA
<i>Vértice</i> (Coimbra, 1942 até a actualidade) <i>Contraponto</i> (Lisboa, 1950) <i>A Serpente</i> (Porto, 1951) <i>Bandarra</i> (Porto, 1953) <i>Cassiopeia</i> (Lisboa, 1955) <i>Notícias do Bloqueio</i> (Porto, 1957) <i>Cadernos do Meio-Dia</i> (Faro, 1958)	“A arte empenhada” (literatura social)
<i>Unicórnio, Bicórnio, Tricórnio, Tetracórnio e Pentacórnio</i> (Lisboa, 1951) <i>Anteu</i> (Lisboa, 1954) <i>Pirâmide</i> (Lisboa, 1959)	Surrealismo ⁴⁰
<i>Atlântico</i> (Lisboa, 1942-1950) <i>Tempo Presente</i> (Lisboa, 1959)	Ideoloxía reaccionaria
<i>Eros</i> (Lisboa, 1951) <i>Colóquio</i> (Lisboa, 1959-1971)	Movemento da “filosofía portuguesa”
<i>Poesia 61</i> (Lisboa, 1961) <i>Sibila</i> (Castelo Branco, 1961)	Experimentalismo ⁴¹

(*El principio de la poesía*, 1850) e posteriormente asumírono simbolistas franceses, como Stéphane Mallarmé e Paul Valéry. *Vid.* VV. AA. (1995b), pp. 247-248; Estébanez Calderón (1996), pp. 856-857, e González de Gambier (2002), p. 322.

⁴⁰ Doutrina literaria aparecida en Francia, entre 1920 e 1940, que inicialmente Apollinaire aplicou á súa obra *Les Mamelles de Tirésias* e que André Breton e Philippe Soupault adoptaron para designar unha nova forma estética na obra *Les champs magnétiques* (1919). O primeiro texto programático foi *Le Manifeste du Surrealisme* (1924), de André Bretón, no que se define a corrente como mecanismo psíquico para desenvolver todas as capacidades do pensamento. Outros trazos relacionados co anterior son a escritura automática e o azar obxectivo.

As primeiras referencias ao surrealismo en Portugal, aínda que ambiguas, efectuounas António Pedro (correspondente portugués da BBC) a finais dos anos 30. Con todo, en 1940 realizouse a primeira exposición nos Salões Repe, en Lisboa, e dous anos despois viu a luz unha colectánea de textos intitulada *Apenas Uma Narrativa*. As polémicas entre Cesariny e José-Augusto França propiciaron a aparición de dous grupos, un fiel á liña de André Bretón e outro comprometido politicamente. O 3 de marzo de 1950 António Maria de Lisboa pronunciou a conferencia *Erro Próprio*, cualificado un dos máis relevantes manifestos surrealistas. Nela, seguindo a liña teórica francesa, deféndese a concepción do *amor único* e do *amor múltiple*; a unión cos elementos naturais; a definición de *mulher-mãe*; a negación de Deus, da patria e da familia, e, por último, a procura utópica da Idade de Ouro. *Vid.* VV. AA. (1995a), tomo 5, cols. 243-253; VV. AA. (1995b), pp. 292-296; Estébanez Calderón (1996), pp. 1013-1018, e González de Gambier (2002), pp. 387-388.

⁴¹ Derradeiro dos movementos da vangarda que elaborou modelos lingüístico-ópticos, máis tarde ampliados co emprego doutros medios, entre eles os acústicos. A lingua convértese en si mesma nunha finalidade e a poesía en tema. *Vid.* Rocha (1985), pp. 567-596; VV. AA. (1995b), pp. 244-245; Estébanez Calderón (1996), pp. 42-44 e 856, e mais Barreiros (1997), pp. 602-606.

*Cadernos de Poesia*⁴² (Lisboa, 1940-1953)

Revista de Lisboa que empezou a editarse en 1940 e cesou en 1953. Levaba por lema “A Poesia é só uma”.

Coñeceu tres épocas. A primeira (1940-1942) contou con cinco números ao coidado de José Blanc de Portugal, Rui Cinatti e Tomás Kim. Caracterizouse polo eclecticismo ao introducir poetas de *Orpheu*⁴³ (Luís de Montalvor) e *Presença*⁴⁴ (Carlos Queiroz e Adolfo Casais Monteiro) e outros escritores sen adscripción, entre eles Cabral do Nascimento e Sophia de Mello Breyner.

A segunda (1951), con sete números, dirixírona Jorge de Sena e José-Augusto de França. Defínese por manter un compromiso co mundo, mais sen posicionamento político-social. A terceira (xullo de 1952–1953) consta dun só número, no que se mantivo a fidelidade ao lema.

Na contracuberta do primeiro número sintetízanse as finalidades da seguinte maneira:

⁴² Vid. Rocha (1985), pp. 473-480 e 654; VV. AA. (1995a), vol. 1, col. 836-837; Saraiva e Lopes (1996), pp. 1048-1054, e mais Barreiros (1997), pp. 579-586.

⁴³ Revista de Lisboa que tirou tres números en 1915. O primeiro, baixo a dirección de Ronald de Carvalho e Luís de Montalvor, salienta polo papel comunicativo e gnóstico da poesía. No segundo, ao coidado de Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, vehiculou o interseccionismo, caracterizado pola grande complicación expresiva e a elaboración formal. O terceiro, cun certo nivel de compromiso, está incompleto e non foi publicado por problemas económicos.

Orpheu foi expoñente dunha serie de riscos estilísticos modernistas: o paulismo, que sobrancea pola liberdade da imaxe e pola creba sintáctica; o interseccionismo, superposición de realidades diferentes ou opostas; o sensacionismo, consistente na plasmación das vivencias do eu poético, das persoas e do entorno próximo, e o futurismo, movemento cuñado por Marinetti en Milán e recoñecido mundialmente co texto *Fondazione e Manifesti del Futurismo* (*Le Figaro*, 20-II-1909), que pretendía a ruptura das regras sociais e artísticas vixentes e a posterior interacción da estética e a sociedade.

Entre os colaboradores estaban Álvaro de Campos, Roland de Carvalho, Eduardo Guimaraes, Alfredo Guisado, Raul Leal, Ângelo de Lima, Almada Negreiros, Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro. Arredor da revista constituíuse un movemento homónimo, cuxa finalidade era abrir camiños novos para a poesía de Portugal. Vid. Rocha (1985), pp. 289-379; VV. AA. (1995a), vol. 3, cols. 1295-1299, e Barreiros (1997), pp. 427-463.

⁴⁴ Esta revista de Coimbra, subtitulada “Folha de Arte e Crítica”, apareceu o 10 de marzo de 1917 como iniciativa de antigos estudantes da Universidade desta cidade e cesou en 1940, en total cincuenta e catro números. A dirección estaba formada por Branquinho de Lisboa, João Gaspar Simões e José Régio. Saía quincenalmente e máis tarde cada mes.

Desempeñou un importante papel na rehabilitación da xeración modernista de Portugal e na divulgación das literaturas estranxeiras, en especial da francesa, a italiana, a rusa e a brasileira. Colaboraron, ademais dos directores, Saul Dias, Mário Dionísio, Pedro Homem de Melo, Raul Leal, Irene Lisboa, António Navarro, Victorino Nemésio, Mário Saa e Miguel Torga.

As achegas literarias singularízanse pola orixinalidade, a sinceridade, a exploración da psicoloxía individual e a reacción contra o academicismo. Innovou no apartado gráfico con colaboracións plásticas dos artistas Sara Afonso, Almada, Mário Eloy e Dórdio Gomes. Vid. Rocha (1985), pp. 381-437; VV. AA. (1995a), vol. 4, cols. 427-432, e Barreiros (1997), pp. 463-505.

Destinam-se estes cadernos a arquivar a actividade da poesía actual sem dependência de escolas ou grupos literários, estéticas ou doutrinas, fórmulas ou programas. A Poesia é só uma! Daremos, quanto possível, preferência aos poetas inéditos, sem contudo nos mostrarmos indiferentes à produção poética dos que nos têm precedido.

Partindo da premissa mencionada, defendeu a autonomía da arte baixo os criterios de selección e calidade dos poemas. O eclecticismo dos colaboradores, tanto na idade e na formación como na ideoloxía, foi unha das premissas da revista. Deste modo, alén dos citados, estaban Eugénio de Andrade, Francisco Bugalho, Raul de Carvalho, Mário Dionísio, J. Gomes Ferreira, Fernando Lemos, Alexandre O'Neill, António Ramos Rosa, António de Sousa e F. J. Tenreiro. Tamén reuniu achegas brasileira, con Ribeiro Couto, e caboverdiana, na persoa de Jorge Barbosa. A lectura dalgúns textos deixa entrever a influencia de Thomas Stearns Eliot e Rainer Maria von Rilke.

O xénero poético patentízase con tres correntes: a social, a pura e a surreal. Compútanse os textos “Adolescente” (nº 5), de Eugénio Andrade; “A meio caminho” e “Ícaro” (as dúas no número oitavo da 2ª serie), de Alberto de Lacerda, e outros extraídos da obra de Alexandre O'Neill *Tempo de fantasmas* (fascículo 11ª —1951—). Xunto a estes rexístranse colectáneas poéticas de João Cabral do Nascimento, Rui Cinatti, Tomás Kim e Jorge de Sena.

*Atlântico*⁴⁵ (Lisboa, 1942-1950)

Esta “Revista luso-brasileira” viu a luz en Lisboa entre 1942 e 1950, froito do 1º Acordo Cultural Luso-Brasileiro (1941). Atravesou tres épocas. Na primeira (1942-1946) tirou seis números, na segunda (1946-1948) sete e na terceira (1949-1950) tres.

Estivo codirixida por António Ferro (Portugal) e Lourival Fontes (Brasil). A este último sucedéronlle Óscar Fontenelle, Waldemar de Silveira e António Vieira de Melo. A edición correu a cargo do Secretariado de Propaganda Nacional (Lisboa) e do Departamento de Imprensa e propaganda (Rio de Janeiro). Até o nº 5 da segunda serie, a dirección artística estaba ao coidado de Manuel Lapa.

Trátase dunha publicación oficial e ideoloxicamente reaccionaria que amosou amplitude temática (ensaio, poesía, crítica e ficción) e un elevado número de colaboradores (Maria Archer, Manuel Bandeira, Fernanda de Castro, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, António Quadros, Carlos Queiroz, Álvaro Ribeiro, Orlando Vitorino, etc.).

En poesía destaca “Conversa com Nossa Senhora” (nº 5 da primeira serie), de Ruy Cinatti, e textos de inspiración persoal e delicada de Luís Amaro, como “Biografía” (nº 5 da “Nova Série”).

⁴⁵ Vid. Rocha (1985), p. 656, e mais VV. AA. (1995a), vol. 1, cols. 451-452.

*Vértice*⁴⁶ (Coimbra, 1942 até a actualidade)

Publicación de Coímbra, subtitulada “Revista de cultura e arte”, que apareceu en maio 1942 e que aínda na actualidade continúa vixente. Fundouna Raul Gomes, que foi o director até 1975, momento da substitución por Joaquim Namorado. Transitou dúas épocas. A primeira durou até 1988, inicio da segunda etapa, a causa do traslado a Lisboa da redacción. Na segunda, o director foi Francisco Melo e o coordinador editorial Manuel Gusmão. A grandes liñas, a traxectoria irregular débese a razóns políticas, administrativas e económicas.

Naceu como revista impulsada por estudantes interesados por informacións sociais e pola problemática cultural e artística. Trátase, por tanto, dun testemuño neorrealista que reivindicaba a utilidade da literatura. Consonte isto último, dispuxo diversos artigos de adoutramento literario e crítico sobre a arte como elemento actuante e social. Probas destes escritos son “Breve apontamento sobre uma nova literatura regional”, de Antunes da Silva, e “Realismo, estética de progresso”, de Manuel Campos Lima. Outro traballo relevante para a literatura galega foi o número especial dedicado a Galicia, baixo o título “Galicia con Portugal”, saído á rúa no verán de 1974.

Algunhas das plumas que asinan traballos son Luís de Albuquerque, que tamén adoptaba pseudónimos; Francisco Assís Pacheco; Mário Braga; Mário Dionísio; Alfonso Duarte; Alberto Ferreira; Vergílio Ferreira; Manuel Campos Lima; Egito Gonçalves; Óscar Lopes, que utilizaba nomes ficticios; Eduardo Lourenço; Sidónio Muralha; Joaquim Namorado; Carlos de Oliveira; Cristóvam Pavia; António Rebordão Navarro; Armindo Rodrigues; Jorge de Sena; António de Sousa; Urbano Tavares Rodrigues, e José Terra.

Un trazo sobresaliente foron os números temáticos dedicados a escritores, como Manuel Ribeiro de Pavia ou Bento de Jesus Caraça, cos que a revista mantiña afinidade política e afectiva. Inseriu artigos relativos a literaturas estranxeiras e/ou de diversa época. Eis os traballos verbo dos escritores Eugen Berthold Friedrich Brecht, Almeida Garret, Teixeira de Pascoaes, William Shakespeare, Lev Nikolaievich Tolstoi [nome e apelidos adaptados lingüisticamente] e Cesário Verde.

*Contraponto*⁴⁷ (Lisboa, 1950)

Estes “Cadernos de crítica e arte”, vencellados coas Edições Contraponto, saíron á rúa en Lisboa en 1950.

Rexístrase o artigo “Apontamento”, de Augusto Abelaira, no que xulga a literatura como reflexo das cuestións sociais. Partidaria do neorrealismo, acolleu poemas de Mário Cesariny, Carlos Drummond de Andrade, Egito

⁴⁶ Vid. Rocha (1985), pp. 522-524 e 656-657, e mais VV. AA. (1995a), vol. 5, cols. 775-778.

⁴⁷ Vid. Rocha (1985), pp. 528-529.

Gonçalves, Pedro Oom e Jaime Salazar Sampaio. Un exemplo témolo na “Actuação escrita”, de Pedro Oom.

Távola Redonda⁴⁸ (Lisboa, 1950-1954)

Co subtítulo “Folhas de poesía”, esta publicación de Lisboa viu a luz en xaneiro de 1950 e cesou o 15 de xullo de 1954, en total vinte números, logo de fracasar a tentativa de aglutinar todas as cabeceiras na *Revista de Poesia Portuguesa*.

Dirixírona, sucesivamente, António Manuel Couto Viana, Luís de Macedo e David Mourão-Ferreira. O responsábel da parte artística foi António Vaz Pereira. Saía quincenalmente. Tivo como continuadora a *Graal*.

Estamos diante dunha iniciativa⁴⁹ alentada por ínclitos membros, nados entre 1920 e 1930, que, malia teren diferente formación (cultural, relixiosa e política), concibían similarmente o fenómeno poético ao crer no misterio da poesía e na gnose poética, de aí provén o título da revista. Os poetas, por unha banda, revalorizaban o lirismo a través do equilibrio, a coherencia e a proporción na temática e nas formas e, por outra banda, reaccionaban contra algunhas tendencias poéticas da época, como o neorrealismo, por dispoñeren da inmediatez da inspiración e o aproveitamento da poesía para fins sociais.

Continuadora dos obxectivos da revista coímbra *Presença*, *Távola Redonda* sobrancea por tres factores:

- a) A concepción da poesía como traballo, constatábel no retorno aos moldes tradicionais. Mostras disto son os poemas “Cantar de Amigo” (nº 1), de Fernanda Botelho; “Vilancete” (nº 2), de Raul de Carvalho, e “Recompensa” (nº 1), de Couto Viana.
- b) A independencia estética.
- c) A notábel elaboración gráfica, como se deduce do coidado e a inclusión de ilustracións de sereas, centauros e estrelas —elementos alusivos ao “fantástico mundo da poesía”—, da autoría, entre outros, de Régio e Couto Viana.

Entre as colaboracións detéctanse as de poetas novos/as ao carón doutras de escritores doutras xeracións. As plumas máis frecuentes eran Matilde Rosa Araújo, José Aurélio, Fernanda Botelho, António Manuel Couto Viana, Daniel Filipe, Sebastião da Gama, Fernando Guedes, António Luís Moita, David Mourão-Ferreira, Goulart Nogueira, Fernando de Paços e Cristóvam Pavia.

⁴⁸ Vid. Rocha (1985), pp. 486-495 e 660; VV. AA. (1995a), vol. 5, cols. 307-310; Saraiva e Lopes (1996), pp. 1048-1049, e mais Barreiros (1997), pp. 591-598.

⁴⁹ Información extraída do artigo de Mourão-Ferreira “Noticia sobre a Távola Redonda”, nº 3 de *Estrada Larga* (Porto), s. d., p. 392.

*A Árvore*⁵⁰ (Lisboa, 1951)

Subtitulada “Folhas de poesía”, esta revista lisboeta só tirou catro números en 1951. Redactárona, sucesivamente, António Luís Moita, António Ramos Rosa, José Terra, Luís Amaro e Raul de Carvalho.

Salientou por ser voceira de poetas vencellados entre si por dous factores, a pertenza á mesma xeración e o acordo sobre a necesidade da creación artística. Partidaria da superación das anteriores correntes estéticas, o programa articulábase na consciencia da existencia dunha época trágica, a defensa da humanización e a confianza no destino do home, relacionada esta última co sino e coa crenza na poesía como elevación espiritual. Tales principios deixan entrever a Segunda Guerra Mundial.

Nas páxinas contivo críticas de libros e textos programáticos a prol da necesidade da poesía como recompensa da “barbarie civilizada”. A relación de textos abrangue as plumas de Luís Amaro, Matilde Rosa Araújo, Raul de Carvalho, Mário Cesariny de Vasconcellos, Sebastião da Gama, Egito Gonçalves, Alberto Lacerda, Sophia de Mello Breyner, António Luís Moita, David Mourão-Ferreira, António Ramos Rosa e José Terra.

Inseriu ensaios conducentes ao discurso poético da autoría de José-Augusto de França, Eduardo Lorenço, Álvaro Sálega e Jorge de Sena. En poesía figura a “Viagem através de uma nebulosa” (nº 1), de António Ramos Rosa, paradigma humanizante da escrita que conxuga a fantasía e a imaxinación. As páxinas serviron para propagar os poetas estranxeiros, especialmente de Vicente Aleixandre, Paul Éluard, Federico García Lorca e Rainer Maria von Rilke.

*Eros*⁵¹ (Lisboa, 1951)

Publicación de Lisboa que saíu á luz en 1951 co lema “Do sensível ao tangível”. Concibiu o acto de escritura pola positividade e polas arelas. O corpus poético mostra influencias do modernismo, co emprego das imaxes de máscaras ou de Pierrot, e das referencias ao poeta solitario ou ao anxo da garda. De poesía ofreceu “Momento”, de António José Maldonado, e algúns fragmentos da “Aventura do mundo” (nº 7), de José Manuel.

*A Serpente*⁵² (Porto, 1951)

Revista de Porto que viu a luz en 1951 co subtítulo “Fascículos de poesía” a cargo de Egito Gonçalves. Foi o voceiro da «segunda vaga neo-realista». Os colaboradores eran Eugénio de Andrade, Adolfo Casais Monteiro, José Fernandes Fafe, Sophia de Mello Breyner, António de Navarro, Nuno de

⁵⁰ Vid. Rocha (1985), pp. 495-498 e 660; VV. AA. (1995a), vol. 1, cols. 429-430, e Barreiros (1997), pp. 591-592 e 599-604. Os especialistas discrepan sobre a denominación da cabeceira. Mentres Barreiros e Rocha sinalan *Árvore*, na *Enciclopédia Verbo* apúntase a forma co artigo, *A Árvore*.

⁵¹ Vid. Rocha (1985), pp. 563-566, e Barreiros (1997), pp. 599-601.

⁵² Vid. Rocha (1985), pp. 529-530 e 661, e Barreiros (1997), pp. 599-601.

Sampayo, Alexandre Pinheiro Torres, Armindo Rodrigues, Jorge de Sena e António de Sousa.

Sísifo⁵³ (Coimbra, 1951)

Co subtítulo “Revista de poesía e crítica” tirou en Coímbra catro números en 1951, baixo a dirección de Manuel Breda Simões. Considera a poesía como forma creativa «superior», no canto de lle proporcionar unha finalidade social. Recibiu achegas, entre outros, de José Bento, António Manuel Couto Viana e Aureliano Lima, ademais dalgúns escritores brasileiros (Ledo Ivo) e españois (Federico García Lorca). Unha das poesías difundidas foi a “Balada do Poeta” (nº 1), de Lima.

Unicórnio, Bicórnio, Tricórnio, Tetracórnio e Pentacórnio⁵⁴ (Lisboa, 1951)

Subtitulada “Antología de inéditos de autores portugueses contemporâneos”, saíu en Lisboa por primeira vez en maio de 1951 e por última o 31 de decembro de 1956. O nome débese ao ser mítico, achado polo seu fundador J. A. França «primeiro bicho da Criação». Consonte o número, diferénciase polo título (*Unicórnio, Bicórnio, Tricórnio, Tetracórnio e Pentacórnio*) e a temática, respectivamente “André Gide”, “Cultura Portuguesa”, “Livros do meio século”, “Para um conceito de modernidade” e “Para um conceito de modernidade”.

Trátase dunha revista surrealista sen carácter periódico que harmonizou a función divulgadora co carácter vangardista, o que non impediu a participación doutras tendencias estéticas e literarias como a de *Presença*, o neorealismo e o surrealismo. Abarcou textos literarios a carón de escritos ensaísticos e inquéritos. Entre os colaboradores estaban José Blanc de Portugal, Adolfo Casais Monteiro, Ruy Cinatti, Alberto de Lacerda, Eduardo Lourenço, Sophia de Mello Breyner, Alexandre O’Neill, António Pedro, Jorge de Sena e José Terra.

Predomina o ensaio e a poesía sobre a prosa ficcional e o teatro. En concreto, na ensaística hai traballos sobre os persoeiros Donatien Alphonse François de Sade (MARQUÉS DE SADE), Sigmund Freud, Henry Valentine Miller, LEWIS CARROLL (pseudónimo de Charles Lutwidge Dodgson) e membros do surrealismo portugués.

De poesía acolleu, entre outros, “Eurídice perdida que no cheiro” (*Unicórnio*), de Sophia de Mello, máis tarde reproducido na obra *No Tempo Dividido*; “Mensagem de finados” (*Pentacórnio*), de Jorge Sena, e “Meditação na pastelaria” (*Pentacórnio*), de O’Neill. Tamén rexistrou o

⁵³ Vid. Rocha (1985), pp. 498-499 e 661; Saraiva e Lopes (1996), 1063-1064, e mais Barreiros (1997), pp. 591-592;.

⁵⁴ Vid. Rocha (1985), pp. 546-550 e 661; VV. AA (1995a), vol. 5, cols. 562-563, e mais Saraiva e Lopes (1996), pp. 1063-1068. Non existe acordo entre algunhas fontes sobre a data de finalización, pois Saraiva e Lopes apuntan o ano 1955 e a *Enciclopédia Verbo* o 31 de decembro de 1956.

inventario poético “Biscate surrealista”, de Fernando Lemos, que vén ser un manifesto surrealista.

No apartado plástico sobresa o símbolo da espiral, ás veces deseñado por Fernando de Azevedo, canda outros localizados nalgún dos números, como “Variações sobre um tema antigo” (representación dun home e unha muller en plena transformación arbórea), de António Pedro, en *Bicórneo*.

Lusíada⁵⁵ (Porto, 1952)

Esta “Revista ilustrada de cultura, arte, literatura, historia e crítica” apareceu en Porto en 1952 ao coidado de Carlos de Passos. Abordou a historia literaria e artística, así como críticas sobre libros. En poesía publicou textos de Eugénio de Andrade, João Cabral do Nascimento, João de Castro Osório, Netércia Freire, Alberto de Monsaraz, Fernando Namora e Ribeiro Couto.

Bandarra⁵⁶ (Porto, 1953-1964)

Revista de Porto que viu a luz dende xaneiro de 1953 até 1964. O director foi Augusto Navarro e o secretario António Rebordão Navarro. Tirou do prelo oitenta e oito números

Ao longo do tempo mudou a tendencia ideolóxica e estética. Nun primeiro momento, non se percibía nitidez nos citados parámetros e logo avogou pola apertura da arte ao mundo e a un realismo humanizado, procedemento este último actualizado pola retirada da realidade cotiá e da linguaxe directa e pola súa renovación coa «magia poética»

Resulta de difícil adscripción ideolóxica, mais advírtese nela a evolución das correntes literarias e estéticas da espiritualidade, da poesía neorrealista (relativa á fraternidade e á esperanza) e da apoloxía dos valores nacionais. A teor disto último, alúdese á conservación das colonias de ultramar, mesmo coa apoloxía da literatura como proxección universal. Pola contra, os últimos números manexan o cotián, contendo relatos e poemas ambientados na cidade e no campo, que teñen como fíos de transmisión personaxes humildes ou pertencentes aos grupos sociais desfavorecidos.

A heteroxeneidade corrobórase con informacións sobre as literaturas estranxeiras e outros textos (críticas cinematográficas, literarias e de intervención social e educativa, entre outros). A listaxe de colaboradores, gráficos e/ou literarios, componse de Vasco Branco, Carlos Camposa, Angel Crespo, Papiniano Carlos, Egipto Gonçalves, Fernando Guimarães, Vasco de Lima Couto, Rebordão Navarro, António Quadros, António Ramos de Almeida, Mário Sacramento e Luís Veiga Leitão.

⁵⁵ *Vid.* Rocha (1985), pp. 661-662.

⁵⁶ *Vid.* Rocha (1985), pp. 531-532; VV. AA. (1995a), vol. 1, cols. 522-523; Saraiva e Lopes (1996), pp. 1063-1068, e mais Barreiros (1997), pp. 591-592.

*Anteu*⁵⁷ (Lisboa, 1954)

Publicación de Lisboa que saíu do obradoiro en 1954 co subtítulo “Cadernos de cultura”. A denominación débese ao fillo de Poseidón e Gaia, que foi derrotado por Heracles. De feito, o título da cabeceira, figura mítica, converteuse en fábula para aludir á forza espiritual sustentada pola fe. A dirección estaba composta por Fausto Denis, Rogério Fernandes, António Fernandes, José Leitão da Graça, António Osório e Pedro Tamen.

Estamos diante dun punto de encontro de tres correntes artísticas (realismo, surrealismo e arte pura). Mesmo defendeu os preceptos do individualismo estético, como ben se di no artigo de presentación “Natureza e misión da literatura”:

Todo e qualquer movimento literário, como toda e qualquer filosofia da vida estão condenados a serem imperfeitos e inacabados, visto ser o valor total do homem —principalmente mercê do ainda desconhecido, do não revelado pela própria ciência— inavaliável, por se perder na indeterminação do futuro.

[...] Ela (refírese á anarquía dos puntos de vista) confere ao homem a única vaidade legítima: a consciéncia da própria condição, da individual efemeridade e da evanescéncia de todas as coisas humanas.

Entre os colaboradores estaban Cristovám Pavia e os membros da directiva.

*4 Ventos*⁵⁸ (Braga, 1954-1957)

Esta “Revista lusíada de literatura e arte” saíu á rúa en Braga entre 1954, froito do impulso de Amândio César, e decembro de 1960, motivada pola marcha de César fóra de terras bracarenses. A dirección estaba subdividida en tres pólas: a portuguesa (Manuel Antunes, Amândio César, António Álvaro Dória, Egidio Guimarães, Francisco Martins da Costa —Aldão— e Arlindo Ribeiro da Cunha), a brasileira (Donatello Grieco, Cyro Pimentel e Ilka Sanches) e a galega (Leandro Carré Alvarellós, Sebastián Martínez Risco e Ramón Otero Pedrayo). Pola súa banda, Roby Amorim atendía a dirección artística. O equipo redactor formábano Amândio César, Egidio Guimarães, António Losa e César Teixeira. As dependencias da administración estaban na Livraria Cruz & Companhia, situada no nº 133 da rúa bracarense D. Diogo de Sousa.

No editorial do nº 1, “Manifesto aos quatro ventos”, Amândio César anota o predominio da unicidade da lingua, en detrimento da riqueza dialectal, e o uso da arte sen adxectivos, fronteiras e escolas. A maqueta organizábase, entre outras, nas seccións “Poesía”, “Teatro”, “Ficção”, “Crónica”, “Documentos humanos”, “Ensaio”, “Música”, “Etnografía”, “Palco” e “Crítica literária”.

Incluía colaboracións literarias de autores portugueses, brasileiros, galegos e caboverdianos xunto a outras realizadas por autores procedentes doutras literaturas e culturas (nomeadamente as pertencentes ao tronco latino). A

⁵⁷ Vid. Rocha (1985), pp. 551-552 e 662.

⁵⁸ Vid. Rocha (1985), p. 662.

venda acompañábase da “Colecção 4 Ventos”, que ofrecía textos de César Teixeira, Fernando Echevarría, Fausto José, Amândio César e Celso Cunha. Merecen atención tres números: o nº 7 dedicado a Galicia e os números 8 e 9 por levaren unha sucinta antoloxía da nova poesía brasileira con escritores como Haroldo de Campos e Décio Piganatari.

Atendendo á división antedita, os colaboradores galegos eran Ramón Alvariño, Fermín Bouza-Brey, Prudencio Canitrot, Leandro Carré Alvarells, Uxío Carré Alvarells, Manuel Fernández Amor, Aquilino Iglesia Alvariño, Gonzalo López Abente, Manuel María, Eduardo Moreiras, E. Ramón Carral, Sebastián Risco, Victoriano Taibo e Pura Vázquez. Entre os portugueses pódese anotar Eugénio de Andrade, João Apollinário, Manuel de Boaventura, Francisco Costa, Carlos Cunha, Tomás Kim, Carlos Lobo de Oliveira, Maria Madalena Monteiro Férin, David Mourão-Ferreira, Jacinto do Prado Coelho, Jorge Ramos, António Rebordão Navarro e Alberto de Serpa. A presenza brasileira constátase con Thereza de Almeida, Manuel Bandeira, Renata Pallottini e Ilka Sanches.

Rexistrou numerosas ilustracións, entre outros, de Alberto Luís, António Carlos, Craveiro, Luís Reis, Macedonski, Antonio (sic) Fernández Molina, José Galdes Barba, Darcy Penteado, António de Quadros e Domingos Rebelo. En menor medida, acolleu xilgravados (Israel de Macedo e Luigi de Servolini), óleos (Martins da Costa, Júlio Resende e Fernando Lanhas) e un linóleo, nos números 4-6, da autoría de Roby Amorim.

Cassiopeia⁵⁹ (Lisboa, 1955)

Co subtítulo “Antología de poesía e ensaio”, esta publicación de Lisboa tirou un só número en 1955. Os responsábeis eran José Bento, António Carlos, António Ramos Rosa, João Rui de Sousa e José Terra.

Divulgou o artigo de João Rui de Sousa “A angústia e o nosso tempo”, alusión á consubstancialidade da angustia co ser contemporáneo. Malia mostrar poemas optimistas, na liña épica do *Novo Cancioneiro*, a temática angustiada é a constante da revista. Un exemplo disto é a composición de António Ramos Rosa “Não posso adiar...”.

Revista do Norte⁶⁰ (Porto, 1955)

Publicación de Porto, subtitulada “Literatura, arte, ciência, filosofia”, que transcorreu en 1955 baixo a dirección de Fernando de Araújo Lima. Deu a coñecer cartas inéditas de Camilo Fialho, Teixeira Gomes, Junqueiro, Malheiro Dias e Teixeira de Pascoães. Colaboraron Maria Manuela Couto Viana e Pedro Homem de Melo.

⁵⁹ Vid. Rocha (1985), pp. 532-535 e 663.

⁶⁰ Vid. Rocha (1985), p. 663.

Graal⁶¹ (Lisboa, 1956-1957)

Subtitulada “Poesia, teatro, ficción, ensaio, crítica”, tirou catro números en Lisboa durante os anos 1956 e 1957. O organigrama interno estaba formado por António Manuel Couto Viana (director literario), Antonio Vaz Pereira (director artístico), e Manuel Antunes, Maria de Lourdes Belchior, David Mourão-Ferreira, Luís de Macedo, Goulart Nogueira e Fernando de Paços (redactores).

Trátase dunha revista de crítica e poesía, voceira da “Geração de Cinquenta”, que se posicionou en contra de calquera forma de alleamento e que manifestou un sentimento dunha civilización en perigo, rexido por un código humanista de carácter personalista, de aí as imaxes do “terramoto” e da “noite”. Ao longo da andaina confluíron colaboradores de concepcións estéticas opostas.

A grandes liñas, foi continuadora de *Távola Redonda* (vid. *supra*) nos colaboradores, acompañados por universitarios (Jacinto de Prado de Coelho e Maria de Lourdes Belchior) e por outros escritores nados no período 1920-1930, como Vítor de Matos e Sá ou Fernando Guedes. A diferenza radicaba na ampla gama de xéneros literarios de *Graal* fronte á circunscrición poética de *Távola Redonda*.

Notícias do Bloqueio⁶² (Porto, 1957-1961)

Constitúese de nove cadernos colectivos de poesía que saíron en Porto entre 1957 e 1961⁶³. Os directores literarios foron Egitto Gonçalves, Daniel Filipe, Papiniano Carlos, Ernâni Melo Viana, António Rebordão Navarro e Luís Veiga Leitão. Deseñounos graficamente Augusto Gomes.

A maqueta dispoñía da sección “Hors-texte”, páxina que non ofrecía un poema inédito. O corpus poético defínese polo ton militante, alusivo á solidariedade humana mediante oposicións dialécticas do tipo “violencia do real—bombas, injustiças, agresões—serenidade; situación carceral—o bloqueio—liberdade; trevas—aurora; medo—aventura... ódio—amor”. Proba destes contrastes son as poesías “Liberdade”⁶⁴ (nº 2), de Armindo Rodrigues, composición evocadora da homónima de Paul, e “Dies Irae” (nº 5), de Miguel Torga. Á marxe disto, prosegue as tendencias “poesia grito” e “poesia-panfleto”, como se extrae do título do poema de Egitto Gonçalves “Noticia para colar na parede”.

Dedicou dous fascículos a poetas de Mozambique (José Craveirinha, Kalungano, Noémia de Sousa, Rui Knopfli, Rui Nogar e Rui de Noronha) e de Angola (Viriato da Cruz, António Jacinto e Agostino Neto). Tales

⁶¹ Vid. Rocha (1985), pp. 499-501 e 663; VV. AA. (1995a), vol. 2, cols. 874-875, e mais Barreiros (1997), pp. 586-599;.

⁶² Vid. Rocha (1985), pp. 535-538 e 664; VV. AA. (1995a), vol. 3, cols. 1179-1180, e mais Barreiros (1997), pp. 591-592.

⁶³ Os especialistas non están de acordo na data de cese. Mentres Rocha (1985) sinala 1961, na obra *Biblos* (1995) ofrécese o ano 1962. Vid. Rocha (1985), p. 535, e VV. AA. (1995a), p. 1179.

⁶⁴ Extraída do poemario *Voz Arremessada ao Caminho*, editado en Lisboa no ano 1943.

accións sobrepasan a intencionalidade estética até o punto de introduciren os mellores poetas “a título privado num combate poético comum”.

Algúns dos colaboradores eran Adolfo Casais Monteiro, José Craveirinha, Carlos Drummond de Andrade, José Fernandes Fafe, Rui Knopfli, Armindo Rodrigues, Joaquim Namorado, Agostinho Neto, Alexandre O’Neill, José Augusto Seabra e Miguel Torga. Unha das achegas destacábeis é o poema de Craveirinha “O grito negro”.

Cadernos do Meio-Dia⁶⁵ (Faro, 1958)

Revista que viu a luz en Faro, en 1958, co subtítulo “Antologia de poesía, crítica e ensaio”. Coordinárona, entre outros, Casimiro de Brito, Hernâni de Lencastre, Fernando Moreira Ferreira e António Ramos Rosa.

O editorial do nº 1⁶⁶ indicaba como preocupación fundamental a “presença atenta e eficaz da poesía na Conciência, na Cidade, no Cosmos”. Serviu de canle para sintetizar o surrealismo e as poesías pura e social. Pola súa banda, englobou temas heteroxéneos, dende a liberdade do ser humano en calquera parcela e o amor en canto medio de salvación até a constitución dun bestiario connotado polas circunstancias adversas da realidade.

Contén traballos de Eugénio de Andrade, José Bento, Casimiro de Brito, Papiniano Carlos, Saul Dias, António José Fernandes, Egito Gonçalves, Vasco Miranda, Casais Montero, Alexandre O’Neill, Jorge de Sena e José Terra.

Colóquio⁶⁷ (Lisboa, 1959)

Publicación de Lisboa, subtitulada “Revista de artes e letras”, que saíu en 1959 ao coidado literario de Hernâni Cidade. Editada pola Fundação Gulbenkian, a dirección artística, literaria e gráfica correu a cargo, respectivamente, de Reynaldo dos Santos, Hernâni Cidade e Bernardo Marques. En 1971, escindiuse dando lugar a dúas revistas, *Colóquio/Letras*, baixo a responsabilidade do propio Hernâni e Jacinto Prado Coelho, e *Colóquio/Artes*.

Colóquio, cun total de sesenta e un números, foi unha iniciativa alentada por críticos e universitarios carente dunha tendencia estética ou ideolóxica.

Em *Colóquio* poderão, assim, encontrar-se e conviver velhos e novos, antigos e modernos, conservadores e reformadores, tradicionalistas e inovadores; para tanto, bastará que a todos anime o mesmo propósito e o mesmo sincero desejo de tolerância, de paz e de mútuo e recíproco respeito.

[Editorial de *Colóquio*, nº 1, p. 1].

Proporcionou artigos de autores foráneos redactados nas linguas maternas destes, con especial abundancia das escritas en francés. Os traballos poéticos

⁶⁵ Vid. Rocha (1985), pp. 539-543 e 664, e Barreiros (1997), pp. 591-592.

⁶⁶ Este editorial refórzase no nº 2 co artigo de Vitor de Matos e Sá “A Cidade e a poesía”.

⁶⁷ Vid. Rocha (1985), pp. 562-563 e 665, e mais VV. AA. (1995a), vol. 1, cols. 1213-1216.

corren a cargo de Natércia Freire, Gomes Ferreira, Alberto de Lacerda, Helder Macedo, Sophia de Mello Breyner e Miguel Torga. O deseño gráfico asumírono Bernardo Marques e, trala morte deste, os pintores Vespeira e Fernando de Azevedo.

Ofreceu ensaios de Maria de Lourdes Belchior, Cleonice Berardinelli, José Augusto França, Óscar Lopes, Eduardo Lourenço, Jacinto do Prado Coelho, A. J. Saraiva e U. Tavares Rodrigues. Outros textos significativos foron “Seis sonetos inéditos de Fernando Pessoa” (nº 13) e dous escritos sobre a xénese de *Orpheu*, do propio Pessoa.

Pirâmide⁶⁸ (Lisboa, 1959)

Co subtítulo “Cadernos de publicación non periódica”, tirou tres números en Lisboa durante os anos 1958 e 1959. Colaboraron Edmundo Bettencourt, António Artaud, Mário Cesariny de Vasconcelos, Herberto Helder, Pedro Oom, Luís Pacheco, Raul Real e Mário de Sá-Carneiro.

Cabe salientar o artigo “Aos ladrões de fogo” (nº 3), de Carlos Loures. Por unha banda, defende a arte surrealista. Por outra banda, reacciona fronte á mentalidade exportada polos Estados Unidos de América e por ende contra calquera forma de dominio.

Tempo Presente⁶⁹ (Lisboa, 1959)

Esta “Revista portuguesa de cultura” saíu á rúa en Lisboa entre 1959 e 1961, momento da saída do número 27. Inspírase a denominación en T. S. Eliot, que proporciona o epígrafe do nº 1. A dirección estivo ao coidado de Fernando Guedes e a edición a cargo de José Maria Alves. O equipo redactor estaba formado por António José de Brito, António Manuel Couto Viana, Caetano de Melo Beirão e Goulart Nogueira.

Cun posicionamento fascista e católico, foi heteroxénea na temática e nos contidos (literatura, filosofía, dereito, política, cinema e artes plásticas). Mesmo talante hai na nómina de colaboradores, pois achamos filósofos portugueses a carón de membros das revistas *Orpheu*, *Presença* e *Cadernos de Poesia*. A maqueta contaba cos apartados “Tempo Presente” e “A Besta Esfolada”, os dous da responsabilidade de Goulart Nogueira.

A parte literaria resalta pola difusión da obra de James Joyce, Ezra Pound, Thomas Stearns Eliot e da *Beat Generation*; a recuperación dos modernistas, os futuristas portugueses, e a presentación da poesía concreta e experimental, en especial a brasileira. As colaboracións literarias efectuáronas persoeiros como Amândio César, Raul Leal, Ângelo de Lima, Goulart Nogueira, Álvaro Ribeiro e Agostinho da Silva.

⁶⁸ Vid. Rocha (1985), pp. 552-555 e 665; Saraiva e Lopes (1996), pp. 1063-1068, e mais Barreiros (1997), pp. 591-592.

⁶⁹ Vid. Rocha (1985), pp. 559-560 e 665; VV. AA. (1995a), vol. 5, cols. 364-366, e mais Saraiva e Lopes (1996), pp. 1063-1064.

Poesia 61⁷⁰ (Lisboa, 1961)

Este volume colectivo de poesía, organizado en fascículos, viu a luz en Lisboa en 1961. Trátase dunha iniciativa de mozos universitarios que deu pé a un novo movemento de vangarda⁷¹.

Publicou os poemas “Canto adolescente”, de Casimiro de Brito; “A morte percutiva”, de Gastão Cruz; “Tatuagem”, de Maria Teresa Horta; “Ritual” e “A porta aporta”, de Luísa Neto Jorge, e mais “Morfismos”, de Fíama Hasse Pais Brandão.

Sibila⁷² (Castelo Branco, 1961)

Revista subtitulada “Artes e letras” que se editou en Castelo Branco en 1961, ao coidado de Liberto Cruz. Incluíu o texto de Melo e Castro “Poética contraditória ou a aventura da construción”. Nel, deféndese a poesía como construción.

Porque a construción do 24 belo, na súa lenta e dolorosa procura, é a própria Poesia e o seu método criador. Isto é, a deliberación da procura da Beleza é o camiño e a garantía da autenticidade humana....

[*Sibila*, nº 1, p. 30]

A relación de colaboradores nótrese de Rui Belo, Egito Gonçalves, Maria Alberta Meneres e Urbano Tavares Rodrigues.

⁷⁰ Vid. Rocha (1985), p. 583; Saraiva e Lopes (1996), pp. 1075-1080, e mais Barreiros (1997), pp. 602-606.

⁷¹ Corrente poética que conxugou o concretismo e o surrealismo coa finalidade de reestruturar o xermolo da poesía. A tal fin utilizou o discurso lineal e racional e mailo enfoque conceptual. Vid. Barreiros (1997), pp. 604-606.

⁷² Vid. Rocha (1985), pp. 583-584.

2. 3. Arredor de *Céltica*:

2. 3. 1. Recepción de *Céltica*

Vexamos algúns textos:

I. VICUS. “Oliveira Guerra y su tarea”, *El Pueblo Gallego* [Vigo], 10-XII-1960.

“Céltica”, cuadernos de estudios galaico–portugueses, continuando la magnífica tarea iniciada por su fundador, el escritor lusitano Oliveira Guerra, acaba de editar otras tres separatas, cuyos autores y títulos son los siguientes: Leandro Carré “Literatura Galega: O romance”, Rebelo Bonito “Os cantos de Almudén e os Alalás de Galiza”, y Manuel V. Peña “O demo de lume”. Cuento. Ediciones, las tres encantadoras en su simplicidad, que desde luego cumplen perfectamente su propósito de mutuo conocimiento y mayor acercamiento entre dos pueblos que bien se comprenden y se aman. [...].

La inquietud que mueve ahora a Oliveira Guerra se centra en la creación de un Círculo de Estudios Galaico–Portugueses, cuestión que, desde la vertiente lusitana, se encuentra ya en avanzado período de preparación, y que desde la nuestra requiere actividades de gestión que creo ahora se están desarrollando, y que no dudo cuajarán pronto.

Los contactos culturales entre gallegos y portugueses no son de ahora, ni tiene aspectos únicos su manifestación. Nuestros intelectuales y los del país vecino mantuvieron desde antiguo contactos que cristalizaron en diversas colaboraciones fructíferas. Tanto a través del Seminario de Estudios Gallegos, como de la Universidad compostelana, se puede decir que esta actividad ha sido bastante intensa en diversas ocasiones y durante largos periodos... Y no se diga nada de la amistad individual y de los intercambios personales entre figuras de nuestra literatura, de nuestra ciencia y de nuestras artes, y figuras portuguesas de relieve.

II. Dora Vázquez. “Hacia el noble empeño”, *El Ideal Gallego* [A Coruña], 20-XII-1960.

He aquí que el escritor lusitano, señor de Oliveira Guerra, ha tenido la amabilidad de remitirme una copia del proyecto de Estatuto para la constitución del “Círculo de Estudios Galaico–Portugueses” —amabilidad, que, dicho sea de paso, agradecemos enormemente— fruto de su noble ambición espiritual, destinado, como significa, a la creación de un ambiente “de mayor conocimiento mutuo y de más íntima cordialidad” entre las gentes de la “Velha Galicia” y la parte Norte de Portugal, integrado dentro del espíritu de las buenas relaciones hispánicas.

En el preámbulo de dicho folleto —el cual se halla pendiente de aprobación en la nación vecina, para ser luego sometido al mismo trámite en la nuestra— se alude al descubrimiento de los Cancioneiros Galaico–Portugueses, en los cuales dos pueblos de igual origen étnico dejaron tan espléndida muestra de una obra que los une a un “pasado distante”, agregando que desde hace tiempo había brotado en las gentes de aquí y allá del Miño un natural deseo de “reaproximación” en el sentido “sentimental, espiritual o artístico” que pudiera ser dirigido en un futuro hacia la comprensión intelectual y fraterna de ambos pueblos, sin menoscabo de la división política de fronteras, [...].

Vastísimo plan, de amplias e interesantes dimensiones culturales, el que en el Estatuto se propugna, que demuestra la honda preocupación y constante afán del fundador de la revista “Céltica”, —cuaderno de preparación hacia las extensas miras que ahora nos han sido dadas a conocer— hasta haber llegado a un punto en el cual parece ya inminente la constitución de dicho “Círculo”.

III. S. S. “Está en marcha el Círculo de Estudios Galaico-Portugueses”, *La Voz de Galicia* [Arteixo-A Coruña], 12-I-1961.

Está en marcha la creación del Círculo de Estudios Galaico-Portugueses, con sede en Oporto, promovida por el ilustre escritor portugués señor Oliveira Guerra, fundador y director de la magnífica revista “Céltica”, que viene sirviendo ya idénticos fines que los que se propone el referido Círculo [...].

El propio impulsor del proyecto, señor Oliveira Guerra, nos ha enviado el proyecto de estatuto del Círculo de Estudios Galaico-Portugueses. Contiene un preámbulo magnífico que puntualiza las supremas razones que alienta. “Separados políticamente por el fatalismo histórico de los pueblos y de las naciones, las gentes de la llamada región cantábrica mantuvieron latente durante los siglos transcurridos desde su separación, los caracteres étnicos y éticos que los hermanaron en su origen”. Identidades de lengua, costumbres, usos, folklore, etcétera, tienen máxima expresión en las tierras de Galicia y del Norte de Portugal.

IV. Carlos Almdares. “«Céltica» y el «Círculo de Estudios Galaico-Portugueses»”, *La Región* [Ourense], “Mirador”, 18-I-1961.

Uno definiría a “Céltica” como el símbolo de un apasionado amor portugués por Galicia. Oliveira Guerra, su creador y director, aparece como un ilusionado por la común tarea artística y literaria de portugueses y gallegos, enlazados por un recíproco sentimiento de mutua estimación y por el origen común de su cultura.

No obstante esto, “Céltica” podría ser una publicación mediocre, sólo estimulada por ese fervor que anima a Oliveira Guerra. Pero, lejos de eso, se trata de una revista maravillosamente hecha, de una grata presentación y de contenido interesantísimo que forma una de las más sólidas aportaciones a la cultura galaico-portuguesa. Escritores y artistas de las dos márgenes del Miño colaboran en ella. Es hoy un vehículo inapreciable del arte y la literatura y va a constituirse muy pronto en el núcleo en torno al cual el “Círculo de Estudios galaico-portugueses” comenzará a actuar.

Este Círculo quiere ser un instrumento de aproximación que haga fecunda la hermandad galaico-portuguesa.

V NEUMANDRO [pseudónimo de Ánxel Fole Sánchez]. “Letras portuguesas”, *El Progreso* [Lugo], “Índice”, 6-IX-1961.

Hemos leído el último “Caderno” de “Céltica”, editado en Oporto. Está presentado con gusto y hasta con lujo. Papel de la mejor calidad y magníficas ilustraciones. Con brillante colaboración portuguesa y gallega. Entre los gallegos, José María Castroviejo, Leandro Carré Alvarellos, Manuel María, Pura Vázquez... Entre los lusos, Guerra Oliveira, Rebelo Bonito, Hugo Rocha, etc. La colaboración

portuguesa ofrece esta vez superior interés frente a la galaica. Entre los trabajos de investigación destacan los de los últimos escritores, de los cuales daremos al lector breve noticia.

Oliveira Guerra, director de estos cuadernos galaico-portugueses, plantea de nuevo el tema de la necesidad de incrementar las relaciones culturales entre Galicia y Portugal. Un viejo y dilecto tema de tantas y tantas ilustres plumas de allá y de aquí. Si hay dos países llamados a entenderse éstos son Galicia y Portugal. Aunque la geografía ponga muchos más tantos que la historia para esta futura y fecunda inteligencia. Digamos que el Portugal norteño y toda la Galicia. Pero seguimos dándonos las espaldas, ellos con un trozo de Galicia y nosotros con el resto.

[...] No se trata de dos países simplemente vecinos. El gran poeta luso Teixeira de Pascoaes llama a Galicia “tierra hermana de Portugal”. Las claras ondas del Miño proclaman gentilmente esta hermandad. La dicen y la cantan —par[a] quien sepa escucharlas— con acentos y tonadas comunes.

VI. Manuel María. “La poesía de Manuel Oliveira Guerra”, *El Progreso* [Lugo], 15-IX-1963.

Manuel de Oliveira Guerra, además de gran poeta portugués, es un apasionado amigo de Galicia y de la cultura gallega. Con verdadera y honda nostalgia recordamos su revista “Céltica”, de literatura y arte galaico-portugués, que llegó solamente a su número cuatro y que era el mirador común —y por cierto magnífico— al que se asomaban los escritores y artistas portugueses y gallegos, en entrañable hermandad. Esperamos que ese hermoso sueño, que tuvo sólo una breve realidad, de Oliveira Guerra y nuestro, renazca nuevamente, como otra Ave Fénix, de sus propias cenizas y que su vida vuelva a ser próspera.

Desde Porto, en la maravilla de este Otoño dorado y con las pertinaces lluvias de este San Martiño, Manuel de Oliveira Guerra nos envió tres libros de poemas de los que él es autor: “Padre... Nosso”, en segunda edición, pues la primera es de 1932; “Coisas desta negra vida” y “Algemas” cuya lectura nos impresionó vivamente.

Manuel de Oliveira Guerra es un poeta formalista en el sentido de que sigue apegado a las viejas formas métricas y gusta poco del verso libre que ya ganó su batalla definitiva en el campo de la expresión poética. A pesar de esto su poesía es viva y actual. Lo importante es que los versos tengan auténtica emoción. Un libro de versos o es poesía o no la es. Este es, simplemente, el problema. Y Oliveira Guerra es un verdadero poeta. Un delicado y finísimo poeta lírico que pone, a veces, en sus versos una inteligente ironía. Gusta el poeta portugués del uso del soneto que de su pluma salen con una suma perfección. Los sonetos de Oliveira Guerra son tan magistralmente perfectos que alguien lo calificó como el mejor sonetista con que actualmente cuentan las letras portuguesas. Los versos de este poeta desbordan emoción y amor. Están llenos de una gran ternura y de una inmensa comprensión hacia sus semejantes. Son, en una palabra, Poesía.

[...] La voz poética de Manuel de Oliveira Guerra es verdadera y denuncia valientemente lo que no cree justo, como ya queda señalado someramente. [...] En esta voz poética inspiradísima reconocemos los propios goces y las propias amarguras. Y esto sólo puede ser obra de un gran poeta. De un gran poeta como es Oliveira Guerra, que sacrifica muchas veces la fulgurante belleza de las metáforas para hablarnos directamente en el lenguaje común, con las palabras que usamos todos los días pero que no se gastan nunca [...].

VII. Lugrís, R. “Oliveira Guerra, en Nueva York”, *La Noche* [Santiago de Compostela], 23-V-1964.

La Casa de Galicia ofreció un homenaje al director de *Céltiga*

Nueva York. (Especial para LA NOCHE, por R. Lugrís). Ha pasado unos días en Nueva York el distinguido escritor portugués Sr. Oliveira Guerra, y la colonia gallega de esta capital organizó un íntimo acto de homenaje y cariño a tan gran amigo de Galicia y su cultura. El sábado, día 16, se reunieron los miembros de la Junta Directiva de Casa Galicia y algunos invitados, con el Sr. Oliveira Guerra, su distinguida esposa y su hija e hijo político, en una comida íntima servida en el restaurante de la Casa Galicia.

En la presidencia de la mesa, además del Sr. Oliveira Guerra, se sentaron el Presidente de Casa Galicia, Sr. Ramón Rodríguez, el Presidente de la Sección de Cultura, Sr. Emilio Flórez, y los profesores don Enrique Santamrín y don Emilio González López. Entre los invitados, saludamos al Director del Coro de Casa Galicia, Sr. Fausto Esteves, portugués como el homenajeado, y el Director del Ballet Gallego de La Coruña, Sr. Rey de Viana.

Después del café, el Presidente de Casa Galicia pronunció unas palabras ofreciendo el homenaje de Casa Galicia al Sr. Oliveira Guerra y familia, y cedió la palabra al Profesor Enrique Santamarina, de la Universidad de Rutgers.

El Profesor Santamarina trazó una semblanza del escritor portugués, destacando su constante apego y cariño a la cultura gallega, manifestado en la creación y publicación de la Revista «Céltiga» [sic], dedicada a la cultura luso-galaico-brasileira. El Profesor Santamarina habló con bellas y emocionadas frases de los vínculos culturales y afectivos entre Portugal y Galicia, destacando el hecho de que los intelectuales de ambos países profesan una auténtica fe en el valor renovador de la cultura; valor mucho más trascendente que el de las revoluciones políticas.

A continuación, el Sr. Oliveira Guerra habló extensamente sobre su trayectoria intelectual en relación con Galicia. pese a que el orador insistía en que sus palabras eran simples «retalhos», sin estructura de discurso, hay que declarar que fueron «retalhos» muy hermosos y sinceros, bien arropados con imágenes poéticas. El Sr. Oliveira Guerra habló entrañablemente de sus relaciones con los intelectuales gallegos, desde hace muchos años, y de su compenetración con la cultura gallega, y agradeció emocionado el homenaje que le tributaban los gallegos de Nueva York.

En Portugal a recepción non foi homoxénea. Por unha banda, houbo artigos positivos⁷³ e algunha nota informativa⁷⁴ sobre o primeiro número de *Céltica*. Por outra banda, Mário Dias Ramos, amigo de Oliveira Guerra e colaborador no primeiro número da revista, apunta no artigo “Para um intercâmbio Luso-Galaico” (7-VI-1960), dado á luz no *Jornal de Notícias*, o seguinte:

Está visto que a iste movimento assiste pela sua própria natureza uma amplidão —e a maxima amplidão foi exigida pelo dr. Manuel V. Peña [...], quando se propôs dar o primeiro passo para a realização desse intercâmbio...

Servir ao intercâmbio é exactamente servir á divulgación dos dois pobos, os seus costumes, a sua cultura, em suma, a sua existência. Não podemos nem devemos esquecer esta condição porque o intercâmbio não pode servir as nossas paixões introspectivas ou as nossas ambições pessoais [...].

A reacción⁷⁵ a tal actitude procedeu de Ramos de Almeida, que defendeu a Oliveira Guerra e a transparencia na aprobación dos estatutos do Círculo de Estudos Galaico-Portugueses. É máis, nunha entrevista, baixo o título “Ouvindo Oliveira Guerra: a propósito duma entrevista”, Oliveira deixa entrever a pertenza de Dias Ramos ao seu entorno e a loita literaria entre xeracións.

O artigo “Fases actuais do intercâmbio Luso-Galaico”, aparecido o 9 de xullo de 1960 en *Jornal de Notícias* coas iniciais M. V. de A., loa a iniciativa, mais critica o “carácter literatizante (cujo valor intrínseco, neste capítulo, é também discutível) o qual não virá trazer achegas de peso à necessária intercomunicação galaico-portuguesa”.

Outras colaboracións adversas pola parte lusa foron:

a) O manifesto “Intercâmbio Cultural Luso-Galaico”, publicado o 2 de abril de 1961 na cabeceira *Notícias de Guimarães*, foi rubricado no Porto o 27 de xaneiro por un feixe de escritores e artistas naturais da cidade (Justino Alves, Pedro Alvim, Papiniano Carlos, João Corregedor da Fonseca, Costa Júnior, Mário Dias Ramos, Serafim Ferreira, Egito Gonçalves, Aureliano Lima, Vasco Lima Couto, Alfredo Martins, Orlando Neves, Carlos Porto, António Rebordão Navarro, Roberto e Antonio Reis, Luís Veiga Leitão e Maria Virgínia de Aguiar).

Neste escrito, os asinantes amosan o desacordo polo movemento alentado por Oliveira Guerra, a quen critican por se vulgar o “entendedor exclusivo” dos asuntos culturais e artísticos de Galicia e Portugal. Propoñen escritores portugueses, mercedores de seren coñecidos en Galicia, e critican a nómina de colaboradores portugueses por non ser a máis representativa da literatura portuguesa. Rematan coa proposta de promover o intercambio cultural luso-galaico, previa articulación de calquera “Círculo”. A este respecto son significativas as verbas finais: “E SE NADA DISTO SE FAZER; MELHOR SERÁ QUE NÃO FAÇA NADA DISTO”.

⁷³ “Curiosa iniciativa ao servizo do estreitamento das relacións culturais entre Portugal e a Galiza”, *Jornal de Notícias* (31-V-1960).

⁷⁴ *Vid. Jornal Feminino* (1-VI-1960).

⁷⁵ *Vid. Delgado Corral* (2004), pp. 496-497.

b) No suplemento literario de *Notícias de Guimarães* (7-VII-1960) críticase a revista de Porto, expresando numerosas deficiencias.

A noticia da morte de Oliveira Guerra propagárona diversas publicacións aquí e alén mar. A seguir, reproducimos algúns fragmentos xornalísticos:

1) Redacción. “Ha muerto en Oporto Oliveira Guerra, escritor portugués enamorado de Galicia”, *Faro de Vigo*, 9-VI-1964.

El pasado jueves, víctima de una súbita enfermedad cardíaca, ha muerto en Oporto el notable escritor portugués don Manuel de Oliveira Guerra, tan querido de los intelectuales y artistas de las cuatro provincias gallegas por su comprobado afecto a nuestra región. Amigo entrañable de Hugo Rocha, fundó, con este, el Círculo de Estudios Galaico-Portugueses, que, regularizada su situación jurídica, iba a entrar en su fase definitiva. Fundó, asimismo, la importante revista “Céltica”, de la que se han publicado cuatro números rebosantes de enjuiciosa colaboración de poetas, prosadores y dibujantes gallegos. Habiendo suspendido, hacia tiempo su publicación, “Céltica” iba a reaparecer otra vez, según los mejores proyectos de su fundador y director.

[...] Oliveira Guerra también pertenecía a la Asociación Galaico-Portuguesa de Periodistas, Escritores y Artistas.

2) Vázquez, Pura. “Galicia debe un homenaje al poeta portugués Oliveira Guerra”, *La Noche* [Santiago de Compostela], 15-VI-1964.

A mi regreso de Madrid, me comunican la triste noticia: Ha muerto Oliveira Guerra. No me es posible comprender lo que los labios modulan, lo que está llegando a mis oídos de una forma tan inesperada. Me repiten la frase. Y algo va silenciosamente formando forma, la verdad se abre camino hasta la mente, y tomo el periódico que me tienden e intento leerlo con mis propios ojos.

Es una desoladora verdad. Ha muerto el amigo. Apenas repuesto del cansancio de su viaje a ultramar, con el cual llevaba soñando tantos años. Un viaje que llevaba consigo grandes ambiciones: Caracas, Argentina, Méjico, Nueva York... y que sabe Dios por qué designios, el escritor portugués dejó reducido a una permanencia breve en Vermilión, Ohio, en casa de sus hijos, y una rápida visita a Nueva York, donde le fué ofrecido a él y a su esposa un merecido y cálido homenaje. De fecha 11 del mes pasado, tengo una carta donde se expresa, en la convivencia cariñosa con los hijos y la nietecita: «Teño escrito bastante, teño pensado, e sintome felicísimo...». [...] Después del homenaje en Nueva York, ofrecido por los miembros de la Casa de Galicia de esa ciudad, el regreso a Portugal, a la casa recogida y amable de la amistad que tantos conocemos por haber compartido con los queridos amigos horas y días maravillosos en ella. [...] Sabemos que allá en lo más profundo de sí mismo, Oliveira Guerra presentía próximo su fin. Cuántas veces nos lo dijo en cartas o en palabras. Y si eso le hacía permanecer inactivo algunas temporadas, al agravarse su enfermedad, le hizo también resurgir después de muchos años, de su silencio literario, reiniciando la publicación de sus obras, algunas de cuales permanecieron inéditas durante años hasta que el entusiasmo brotó de nuevo en él con la publicación de la revista

«Céltica», que dirigió, y la organización con Hugo Rocha y otros entusiastas escritores y artistas portugueses y gallegos, del «Círculo de Estudios Galaico Portugueses», orientado hacia el intercambio y cooperación cultural de los dos países hermanos.

Queremos, con estas sinceras palabras, sencillamente, recordar presente para todos al amigo desaparecido que para siempre de entre nosotros Y llorar la pérdida de un gran colaborador, de un forjador de proyectos e ideas grandes de un soñador y realizador de cosas. Escritores y periodista de este y del otro lado del Miño, artistas de Galicia y Portugal, le quisimos y admiramos Se le debía un homenaje a su labor incansable, a su amistad de adoptivo gallego que tan entrañablemente amaba lo nuestro.

3) Redacción. “Ecos de la muerte del escritor Oliveira Guerra”, *La Voz de Galicia* [A Coruña], 3-VII-1964.

El fallecimiento del ilustre escritor y poeta portugués D. Manuel de Oliveira Guerra, ocurrido el pasado mes en Oporto y al que nos hemos referido oportunamente, deplorándole intensamente, ha producido unánime pesar entre los hombres de letras de la Península, pero singularmente en Galicia y Portugal, en donde el difunto era realmente admirado y estimadísimo.

En la América hispana y en el Brasil, así como en la del Norte, causó también hondo sentimiento la desaparición prematura de tan preclara personalidad. En Norteamérica, en Nueva York concretamente, había recibido Oliveira Guerra los postreros homenajes a su valía indiscutible, rendidos por la entusiasta y patriótica Casa de Galicia de aquella gran ciudad.

Cordiales y sentidísimos testimonios de pésame ha recibido la viuda del notable escritor, su dulce y delicada esposa, doña María Emilia Teles Guerra, que en su aflicción y delicado estado de salud no le es posible corresponder como ella quisiera. A todos expresa su emocionado reconocimiento. Así nos lo ha hecho saber, al tiempo que agradece a LA VOZ DE GALICIA el cordialísimo recuerdo que tributó a su esposo con motivo de su óbito.

Reiteramos a doña Emilia, así como al resto de los deudos del que fue nuestro querido y admirado amigo, el gran amigo de Galicia por antonomasia, nuestra profunda condolencia.

4) Paradela, Álvaro. “Carta a Oliveira Guerra”, *La Noche* [Santiago de Compostela], 24-VI-1964.

Sr. D. Manuel de Oliveira Guerra “Céltica”, q. e. p. d., que bien lo ha por menester: Amó mucho y apasionadamente.

Ha muerto este gran amigo mío —unas cuarenta y tantas cartas tuyas íntimas, portuguesas y gallegófilas en mi poder— y aún mayor y mejor amigo de Galicia. Recuérdense su “Cuadernos de Estudios Galaico-portugueses”. (Tradujo —valga—, al gallego y publicado en LA VOZ DE GALICIA fué, su poema satírico-sentimental-desesperado: “A bola” el fútbol).

Creo que a este gran amigo de Galicia debíasele ya en Compostela, Vigo o La Coruña dedicarle y solemnemente una Calle o Plaza: “Plaza del gallegófilo Manuel Oliveira Guerra”.

Tras esta sugerencia —honrar a quien nos amó y honró y fue generoso paladín de intercambios culturales fraternos— pido, puesto en pie, una cuartilla de silencio.

Truncado quedó, querido Manuel, el abrazo que nos íbamos a dar estos días.

5) Silva Correia, João da. “Oliveira Guerra”, *Comércio do Porto* [Porto], 14-VII-1964.

Logo pela manhã, jornal desdobrado, assalta-nos de chofre a notícia tristíssima: Morreu Oliveira Guerra!...

Morreu o Homem de infável estirpe moral, morreu a pessoa de bem elevada estatura cívica, morreu o Poeta de peregrinos dons, por dotes de sensibilidade apuradíssima, morreu, para mim e muitos mais, o Amigo valioso e valoroso, o qual, peito adentro, sabia ser Amigo como os que amigos são, e, ao mesmo tempo delator esforçado da hipocrisia disfarçado em afecto, como sistema social —laia de Judas Escariote, a beijar Jesus Cristo... Morreu, em suma, o nosso bom Oliveira Guerra!

Homem, Pessoa, Poeta, Amigo.—Oliveira Guerra sem se inferiorizar em qualquer dos mais títulos, avulta neste momento ao meu espírito como querido Amigo e grande Poeta. As duas qualidades em relação, mal consigo deslindar, entre ambas, qual a de mais elvado intrínseco. Entendo mesmo que, de um Oliveira Guerra-Amigo, não vai ou não ia, salto de pardal. Estou a vê-lo... Ardente de convicção, um dia no amparo das minhas horas más de desánimo, espiritual que de ordinário impedem ou intentam escrever, de maneira cada vez mais cruel; quanto mais o artista mediano se obstina —encurralado entre o pouco ou o moito que vale, e as limitações de um mercado livreiro deserto de leitores. [...].

A última carta de Oliveira Guerra aqui na minha frente, está datada de Ohio, em 29 de Abril de 1964. A última carta!... Mal diria ele! Mal eu diria!

Um poeta que morre é sempre uma porta que se fecha! Mais do que isso; é um sol que se apaga! Luz de debaixo de um alqueire, Oliveira Guerra vai-se da vida como uma bagagem mental preciosa que jamais nos legaria, como ambrosia, e como edificação espiritual, muito à estimativa, de grande poeta que foi. Fiozinho de ironia muito ténue sempre à mão; conceitos sólidos a pedir meças aos consagrados; lágrimas de piedade em recato, peito adentro; os seus sonetos são quadrinhos autónomos, cada qual deles com o melhor retoque literário e a mais sentida urdidura. Ao mesmo tempo pormenorizados e sábios, o mais admirável, nos sonetos de Oliveira Guerra, é um não sei qué de pedra muito bem ajustado ao muro de perpianho, nem vírgula a mais ou a menos, com o encanto da espontaneidade à própria altura, muito à maneira de linfa a correr da fonte. Ao ler cada qual dos sonetos, nunca deixei de extasiar-me ante a concisão, com que o Guerra conseguira talhando a ideia, por vezes, relativamente complexa,

num prodígio de arrumación artística, acadimá-la, sem prejuizo poético, dentro das quatro paredes de composición tão exígua como é o soneto [...]».

6) Neira Vilas, Xosé. “Vencello con Portugal”, *El Correo Gallego* [Santiago de Compostela], 11-XI-2007.

Hai cincuenta anos publicouse a revista *Quatro ventos* na cidade de Braga. Era unha publicación de alta calidade, dirixida por portugueses, galegos e brasileiros. Nas súas páxinas mostrábase a creación poética, narrativa, dramática, etc. de autores dos tres países. Eu vivía daquela en Buenos Aires e tiven noticia deste traballo por Leando [sic] Carré Alvarellos, director da parte galega.

Case ó mesmo tempo, en Lisboa, dirixido por Jacinto do Prado Coelho, publicábase por fascículos o *Diccionario das literaturas portuguesa, galega e brasileira* (que máis tarde veríamos en tres grandes volumes). Nese diccionario, Galicia está representada por Ernesto Guerra Dacal, profesor galego exiliado nos Estados Unidos, e entre os colaboradores achábase Emilio González López.

Por eses anos editábase tamén no país irmán a revista *Céltica*, como adianto do Círculo de Estudos Galego-Portugues[e]s, que lamentablemente non chegou a crearse. A revista contaba cun amplo apoio do mundo literario galego, e nela colaboraron Pura Vázquez, Novoneyra, Manuel María, Celso Emilio Ferreiro, Álvarez Blázquez, Xohana Torres, González Garcés, e tamén Leando [sic] e Lois Carré, María Victoria Armesto, Maximino Castiñeiras...

2. 3. 2. O proxecto do Círculo de Estudos Galaico-Portugueses

Nas primeiras páxinas do caderno 4 desenvólvese o proxecto de estatuto do Círculo. Alicézase de: un preámbulo, 6 capítulos, cun total de 26 artigos, e unha disposición transitoria.

Preámbulo

Neste apartado defínese a entidade en canto instrumento de acción e aproximación entre Galicia e o norte de Portugal, dúas zonas separadas por fronteiras físicas e políticas pero con raíces culturais comúns durante séculos, materializábeis nos Cancioneiros galaico-portugueses dos séculos XII e XIII.

Capítulo I. Denominação, objectivos e medios (1-3)

Consta de tres artigos. No primeiro sinálase a constitución do Círculo de Estudos Galaico-Portugueses, en Porto, cun número ilimitado de socios e cun enderezo social, que coincide co da revista *Céltica*. Por outra banda, márcanse os obxectivos e as accións encamiñadas á súa consecución, que quedan enumerados no artigo 3, por exemplo visitas de amizade, conferencias sobre diferentes materias, festivais, xogos forrais, exposicións, entre outras actividades que se realizarán en ambos os territorios. Algunhas destas accións xa quedan reflectidas nos distintos cadernos dentro dos apartados “Movimento en marcha”, “A Galiza em Portugal” e “Portugal na Galiza”. Neles, Oliveira fala das viaxes a Galicia para visitar amigos, algúns deles colaboradores da súa revista, e asistir a diversos actos. Pénsese, por unha banda, en homenaxes e exposicións en Galicia e, por outra banda, en visitas a Porto dos galegos Gonzalez Garcés, Anric Massó, Leandro Carré e Juan Naya.

Capítulo II. Dos socios (4-8)

Plásmanse os criterios de admisión de socios, as categorías (fundadores, efectivos, colaboradores, beneméritos e honorarios) e mailos dereitos e obrigas que contraen.

Capítulo III. Dos orgãos directivos (9-20)

Especificanse os órganos directivos (a Asemblea Xeral, o Consello Fiscal e a Dirección), así como a composición e configuración de cada un deles.

Capítulo IV. Do Conselho fiscal (21)

Só acolle un artigo concernente á formación e o cometido.

Capítulo V. Da Asemblea Geral (22-23)

Estabelece os membros que conforman o ente, ademais de explicitar os períodos de reunión e os temas obxecto de tratamento.

Capítulo VI. Do fondo social (24-26)

Quedan fixadas as cotas que deben abonar os socios e para que fins se utilizarán.

Disposição transitoria

Noméase unha comisión, constituída en Porto o 10 de marzo de 1961, de cinco persoas, elixidas entre os socios fundadores (Maria de la Purificación Lugrís Freyre, Hugo Rocha, José María Illa Ocaña, Abilio de Souza Faria e Manuel Oliveira Guerra), co obxecto de promover a primeira reunión da Asemblea Xeral e proseguir o labor que ata ese momento executara Oliveira Guerra.

2. 3. 3. Principais colaboradores portugueses de *Céltica*⁷⁶

REBELO BONITO

Colaborou con artigos de temática musical. No primeiro caderno, o traballo “Reflexões sobre o fado” (pp. 21-25) examina a orixe e as variantes do fado. A seguinte entrega, “Os cantos de Almuâdem e os alalás da Galiza” (nº. 2, pp. 86-95), detense na música popular galega, en concreto os alalás, para finalmente relacionala cos cantos de almuâdem.

Dentro da sección “Letras” do derradeiro caderno localízase o artigo “Rodrigo A. de Santiago. Ensaísta de «La Música Popular Gallega»” (nº 4, pp. 301-303), adicado á vida e a obra do músico vasco.

BARATA FEYO

Está representado con catro achegas en lingua portuguesa, unha por cada un dos cadernos. Tres delas rexístranse na sección “Artes plásticas”. Dous textos levan o mesmo título “Considerações sobre arte” (nº1, pp. 8-10, e nº 2, p. 96). O primeiro deles, no primeiro caderno, vai canda unhas fotografías das obras do escultor. Os outros dous artigos son monográficos sobre as obras dos pintores Hiroshige

⁷⁶ Excluimos a Oliveira Guerra, pois xa no estudo introdutorio de Morán Cabanas quedou debidamente tratado.

Watanuki, “O adeus de Watanuki” (nº 3, pp. 186-188), e de Carlos Carneiro, “Carlos Carneiro e a Sua Exposição de Guimarães” (nº 4, pp. 294-296).

HUGO ROCHA

Escritor portugués cun gran coñecemento da cultura galega, como o demostra o feito de redactar catro colaboracións en portugués sobre figuras destacadas das letras galegas.

O primeiro traballo é “Noriega Varela. Um poeta da Galiza e a Galiza dum poeta” (nº 1, pp. 26-30). O segundo titúlase “Eduardo Pondal. O mais alto expoente do lirismo céltico da Galiza” (nº 2, pp. 107-116), localizado no apartado de “Letras”. No caderno 3, a sección “Estudos” rexistra a colaboración “Ramón Cabanillas. O último dos grandes poetas do saudosismo gallego” (nº 3, pp. 161-165), que fala sobre a vida e obra de Cabanillas. A derradeira achega, “Francisco Añón. O poeta galego que mais prezou Portugal e a língua portuguesa” (nº 4, pp. 269-273), tamén está no apartado “Estudos” do número catro. Nela, enxálzase o escritor de Outes.



De esquerda a dereita: Gonzalo Rey Alar, Hugo Rocha e Oliveira Guerra na Asociación de la Prensa de Vigo, 1961

ANTÓNIO PINHEIRO GUIMARÃES

Estamos diante do colaborador portugués que máis achegas ten, sen contar, por suposto, a Oliveira Guerra. En total, atopamos cinco artigos repartidos en tres números da revista. A temática xira en torno á pintura portuguesa e algún dos seus expoñentes, motivo polo cal todos os artigos englobarán a sección “Artes plásticas”. Parte con dous breves artigos de opinión, “Júlio Resende. Pintor europeo” (nº 2, p. 102) e “D’Assumpção. Prémio Sousa Cardoso” (nº 2, p. 103). Deste último introdúcese no nº 3 o artigo “De la peinture de D’Assumpção” (nº 3, pp. 189-190), extraído dun catálogo do artista para unha exposición celebrada en París. E a derradeira colaboración corresponde ao artigo “Pintura abstrata?” (nº 4, p. 299), no que reflexiona brevemente sobre este estilo pictórico.

2. 3. 4. Os colaboradores galegos: prosa e verso

AVELINO ABUÍN DE TEMBRA

Rexístranse tres poemas del. O primeiro (“Quen me dera unha tenza salvaxe”), datado en marzo de 1960 en Compostela, reflicte a ledicia polo nacemento do fillo de Artemio Lage e Lina Fernández. Evidénciase o desacougo existencial de mediados do século XX, por exemplo, nos seguintes versos: —¡Quén me dera unha tenza salvaxe, / onde pudera acougar⁷⁷ co meu espírito/cheio de pesares, i escribir novamente!

A perspectiva existencial patentízase nos fragmentos do Canto I (nº 2, pp. 141-143) e do Canto III (nº 3, pp. 239-240) pertencentes ao poemario *Camiños*.

XOSÉ MARÍA ÁLVAREZ BLÁZQUEZ

De poesía ofrece “Xohaniña” (nº 2, p. 139) e “O poema sen voz” (nº 3, pp. 227-228), os dous galardoados nos Jogos Florais de Guimarães. En liña coa evolución do poemario *Canle segredo* (1976), os textos reflicten a madurez persoal do poeta, mesmo ás veces cun ton nostálxico polo tempo pasado.

MARÍA VICTORIA ARMESTO

María Victoria Fernández-España e Fernández-Latorre (1925-1999) escribiu en galego dous artigos reflexivos sobre certas vivencias vitais. O primeiro (“A miña primeira visita a Portugal”, nº 1, pp. 14-15), redactado na localidade alemá de Bonn, en 1960, alude á escasa incidencia da posguerra mundial. No segundo (“Meditacios a beira do Rin”, nº 3, pp. 223-224), tamén feito en terras alemás, analiza as potencialidades económicas do estado centroeuropeo e a situación da embaixada portuguesa na mencionada localidade. Este último retrinco sévelle para meditar acerca da historia de Galicia e Portugal durante a última centuria e acaba cunhas estrofas do Canto X da obra de Camões *Os Lusíadas*.

LEANDRO CARRÉ ALVARELLOS

A existencia do sistema literario galego é o obxecto de tratamento. A tal fin escribiu dous ensaios literarios na revista: “Literatura galega. Romance” (nº 2, pp. 75-80) e “Literatura galega. Teatro” (nº 3, pp. 166-174). No primeiro detense no agromar prosístico mediante os textos paraliterarios (Diálogos e tertulias), os escritores adscritos ao Prerrexurdimento e ao Rexurdimento (entre eles Rosalía de Castro, Francisco Añón e Eduardo Pondal) e a tarefa de divulgación e concienciación executada por publicacións (*Revista Gallega, Lar...*) e iniciativas sociais e culturais, como a Academia Gallega e a Irmadade da Fala da “Cruña”. Resulta significativa a nota a pé de páxina con nocións ortográficas da lingua galega, encamiñada a evitar problemas de comprensión lingüística.

O segundo comeza cunha diatriba respecto á falaz idea da inexistencia dunha dramaturxia galega. Para botar luz sobre isto analiza cronoloxicamente obras e entidades culturais. Dunha banda, cita o precedente *Entremés famoso sobre a pesca do río Miño* (1671), de Gabriel Feixóo de Araúxo, e as obras *¡Filla...!* e *A Fonte do Xuramento*, a primeira de Galo Salinas e a segunda de Francisco Maria de la

⁷⁷ Aparece escrito “acongar”.

Iglesia. Doutra banda, repara en entidades culturais como a Escola Rexional de Declamación e o “Conservatorio Nazonal de Arte Galega”, esta última alentada pola Irmandade da Fala herculina.

LOIS CARRÉ ALVARELLOS

Está exposto con dúas achegas: “O primeiro paso” (nº 1, pp. 5-6), texto galego de presentación de *Céltica*, e “Um precursor” (nº 2, pp. 70-72), elexía a Xosé López de la Vega debido á tarefa de achegamento do pobo galego e mailo portugués, vía iberismo.

MAXIMINO CASTIÑEIRAS GARCÍA⁷⁸

Foi autor do artigo “A defensa do idioma galego” (nº 4, pp. 279-280). Enfatiza dous riscos, o idioma como trazo configurador da nacionalidade galega e o labor de concienciación desenvolvido polas entidades Seminario de Estudos Galegos e o Centro Galego de Buenos Aires.

ROSALÍA DE CASTRO

Da poetisa padronesa recóllese no nº 1 o autógrafo (p. 11), acompañado por unha ilustración de Barata Feyo, e o poema XIV de *Cantares Gallegos* (p. 13).

JOSÉ MARÍA CASTROVIEJO

Co antetítulo “De mar a mar” está o ensaio “El mar de Portugal (En el V centenario [sic] del Infante D. Henrique)”, única colaboración de José María Castroviejo no nº 2 (pp. 61-64). Nel, diversos feitos históricos acompañanse con treitos do poema *Os Lusíadas* coa finalidade de chegar ás orixes ultramariñas do país luso, tanto dos xerarcas como dos mariños Vasco da Gama e Duarte Pacheco Pereira.

ENRIQUE CHAO ESPINA⁷⁹

Na revista *Céltica* figura co poema “A miña saudade”, no nº 3 (p. 230), que recibiu a mención honorífica nos Xogos Florais de Galicia (1960).

⁷⁸ Maximino Castiñeiras García (A Mahía, Ames, 1906-id., 1992) diplomouse en Maxisterio pola Universidade de Santiago de Compostela, onde traballou de mestre. En 1929, emigrou a América. Alí exerceu como practicante e colaborou nas publicacións *Galicia, Opinión Gallega, Céltica* e *Dorna*. Principiou cultivando a poesía en castelán (*Estampas gallegas* –1955–, *Mi tierra* –1962– e *Del corazón al lector. poemas, odas y cantares* –1968–) e a partir do decenio de 1970 glosou a nómina dos poetas en lingua vernácula coas obras *Os do meu tempo* (1971), *Florilexio poético* (1987) e *Os cabeiros refolgos* (1990). Vid. VV. AA., tomo 8, p. 227.

⁷⁹ Enrique Chao Espina (Viveiro, Lugo, 1908) realizou a carreira sacerdotal nos Seminarios de Mondoñedo e Lugo para, finalmente, se ordenar presbítero en 1931. Arredor de 1915, licenciouse en Filosofía e Letras pola Universidad de Zaragoza e posteriormente cursou Maxisterio na Universidade de Santiago de Compostela. Ampliou a formación co doutorado en Letras pola Universidad Central de Madrid e coa diplomatura en portugués pola Escuela Central de Idiomas. Gañou a praza de profesor agregado no Instituto de Puertollano (Ciudad Real) e a cátedra na Escola de Comercio da Coruña.

Redactou textos na prensa galega, española e portuguesa. Foi académico numerario na Real Academia Galega e correspondente no Instituto de Coímbra e no Instituto Arqueológico, Histórico e Etnográfico de Lisboa. Recibiu numerosos galardóns, como o Pérez Lugín (1945), a Virgen del Carmen (1947, 1949 e 1951) e o primeiro premio de romances en galego nos Xogos Florais de Betanzos (1965).

ISIDRO CONDE⁸⁰

Está representado cos poemas “Primavera” e “Outono”, os dous no nº 2 (p. 140), traducidos ao portugués por Ilka Sanches, e maila reprodución do seu brindado no nº 3 (pp. 157-158), pronunciado en castelán no banquete organizado polo Aero Club do Porto.

JOSÉ DÍAZ JÁCOME

A poesía “E foi namorada” (nº 3, pp. 235-236), única colaboración do escritor, localízase no apartado “Poetas da Galiza e de Portugal”. O texto conmemora o centenario da voda entre Rosalía de Castro e Manuel Murguía. Formalmente rexístrase o metro de arte menor e a temática sentimental.

CELSE EMILIO FERREIRO

Celso Emilio Ferreiro inclúe na sección “Poetas da Galiza e de Portugal” a composición poética “O Medo”, extraída do volume *O sono sulagado*. O poeta lembra cando na nenez se acochaba do cazador. Como ben sinala Méndez Ferrín (1990), o volume referido cultiva tamén a crítica de intención colectiva.

MIGUEL GONZÁLEZ GARCÉS

No primeiro número insire os poemas “Tentación” e “Cántico en la Ría” (nº 1, p. 47), escritos en castelán e procedentes da obra *Siete Canciones* (1954). Así mesmo, hai outro texto literario intitulado “Conto” (nº 4, p. 335), alegoría sobre o sapo que foi príncipe.

MANUEL MARÍA

Con tres textos está na revista. No número 2 figura cos poemas “Carta a D. Henrique o NAVEGANTE” e “Gacetilla literaria”, aparecido este último na sección “Poetas da Galiza e de Portugal”. O primeiro enxalza a patria ao subliñar a acción de mecenado promovida polo Infante D. Henrique de Avis (1394-1460). No segundo trata o silenciamento da Galicia de mediados do século XX e o posterior abreinte inzado por escritores e iniciativas culturais, como a Editorial Galaxia e as revistas *Alba* e *Aturuxo*.

O terceiro texto, a peza teatral *Auto do labrego*, localízase no apartado “Prosadores da Galiza e de Portugal”. Divídese en dez escenas, nas que desenvolve un alegato contra os agresores e a favor do labrego e da terra (sinónimo de patria).

Escribiu libros relixiosos e de temática galega. Entre estes últimos están *Pastor Díaz dentro del Romanticismo* (Madrid, 1949), tese doutoral; *Leyendas gallegas* (Madrid, 1968); *De Galicia en el pasado siglo XIX. Ladrones, lobos, tipos populares, etc.* (Ortigueira, 1972), e *Los normandos en Galicia y otros temas medievales* (1977). Cómpre mencionar os traballos lingüísticos *Diferenças entre o vocabulario portugués e o galego* (Braga, 1972) e *Algumas diferenças entre o galego e o portugués* (Braga, 1973). *Vid.* Couceiro Freijomil (1951), vol. 1, p. 335, e VV. AA. (2003), tomo 8, p. 188.

⁸⁰ Isidro Conde Botas (A Coruña, 1911–2000) graduouse en Peritaxe Mercantil en Oviedo e máis tarde cursou os estudos de Profesorado Mercantil na Coruña. Ocupou cargos administrativos en diversas empresas. Foi colaborador asiduo en xornais e revistas literarias, ademais de fundador de *Nordés* e da radiofónica semanal *Abrente*, canda Luz Pozo Garza e Tomás Barros. Dentro da obra salientan os poemarios *Wagner* (1943), *Aritmética pura* (1956), *Primavera en el corazón* (1958) e maila galega *Viaxe cara á morte* (1997). *Vid.* VV. AA. (2003), tomo 11, p. 11.

ENRIQUE MASSÓ⁸¹

No nº 3 (p. 237) da revista de Porto deu a coñecer a poesía “Camelia paseada”, redactada cunha grafía lusitanizante. Trátase dunha alegoría sobre a morte entre a natureza e os sucesos históricos.

ANTONIO NORIEGA VARELA

No nº 1 (p. 32) recóllense as composicións “Pra qu’ a inerme probeza”, “En vela” e “O trono d’a paz”, as tres extraídas do volume *D’o Ermo*.

UXÍO NOVONEYRA

É autor do apuntamento bio-bibliográfico de María Mariño Carou, publicado no apartado “Letras” do nº 4 (pp. 303-305). A propósito disto, o poeta do Courel deu a coñecer n’*A Nosa Terra* a obra e a vida da escritora noíesa co texto “María Mariño, noíesa do Courel. Dinamiteira da fala”⁸².

ÁLVARO PARADELA⁸³

Compróbase a sinatura nos poemas “Desbotamento” e “Parto”, os dous no nº 3 (p. 238). O primeiro atende á pena amorosa e o segundo ao parto no momento do amencer.

MANUEL V. PEÑA

Este escritor foi o delegado da revista *Céltica* na Coruña. Colaborou nela co relato “O demo de lume”, asinado en Artabria no San Xoán de 1959, que foi ilustrado por González Collado. Fíxase nos problemas do sancristán Xan co demo Toleno, a raíz das falcatruadas deste, e do desenlace na noite de San Xoán.

⁸¹ Henrique Massó Bolívar (Bueu, Pontevedra, 1930) compatibilizou as responsabilidades na industria conserveira, propiedade da familia, coa formación académica. Colaborou con poemas nas revistas *Vieiros* e *Céltica* e no xornal *La Noche*. Foi autor de escritos relativos á historia colombiana e a aspectos vencellados coa arqueoloxía e a lingua galega. Débeselle tamén o poemario *Retrouso a Colón* (1960), castelán-galego, no que bosquexa a proposta dun sistema gráfico cercano ao portugués. Consonte isto último, asinou dous traballos inéditos, *Problemas da ortografía galega* e o manifesto literario *Batida aos alifantes brancos*. Vid. VV. AA. (2003), tomo 28, p. 127.

⁸² Vid. Novoneyra, Uxío. 1982. “María Mariño, noíesa do Courel. Dinamiteira da fala”, “Especial das Letras Galegas”, números 189-190 (14-27 de maio de 1982), *A Nosa Terra*.

⁸³ Álvaro Paradelo Criado (A Coruña, 1911–Freixeiro, Narón, 1979) licenciouse en Medicina pola Universidade de Santiago de Compostela e despois obtivo o doutorado pola Universidad Central de Madrid. Exerceu a profesión no ámbito rural. Asinou textos ben como Álvaro Paradelo ben como AMARO ORZÁN nas publicacións *La Voz de Galicia* e *Ferrol Diario*. Os seus libros saíron á venda en edicións venais ou privadas, agás dous, *La rosa que canta* (Betanzos, 1958) e *Sabencias* (Vigo, 1969).

A conxugación da esperanza e a poesía rexístrase nas colaboracións das revistas *Grial*, *Arcano*, *Poesía Española* e *Bahía*. En prosa publicou os relatos *Asimetría glandular* (Betanzos, 1963) e *Heces afrentosas (El caso del recorte enmermado)* (Betanzos, 1966). Gozou de recoñecemento coa concesión dos Premios Pérez Lugín, polo artigo “Cheira a pan”, e O Facho, polo traballo “Cristalín”. Vid. VV. AA. (1974), tomo 24, p. 15.

EDUARDO PONDAL

No nº 2 (p. 117) reproducense os poemas “Muiñeira” e “Fala de galego”, tirados de *Queixumes dos Pinos*.

XOHANA TORRES

Concorre no nº 4 (pp. 332-333) cun fragmento inédito do libro *O tempo i a memoria*. Glosa o paso do tempo a través de tres mecanismos: a forma verbal do pretérito de indicativo, a soidade como clave dos acontecementos e a melancolía. Ao igual que no resto do poemario, a memoria eríxese en testemuño da veracidade, entre outros factores, por se dirixir a un ser querido, Ana María Auz.

ANTÓN TOVAR BOBILLO

Cunha única composición, “Eles non saben” (nº 4, p. 336), contribúe Antón Tovar Bobillo á revista *Céltica*. A poesía, dentro da sección “Poetas da Galiza e de Portugal”, retrata a modo de confesión, con certa carga crítica, a realidade galega da posguerra.

DORA VÁZQUEZ

Desta escritora difundiu dúas achegas no número 3: “Niebla. Cuento” [pp. 221-222] e o poema alexiaco e sentimental “Canto a miña Nai” [pp. 231-232], no que a memoria constrúe o enxalzamento.

PURA VÁZQUEZ

Constátase con tres textos en castelán: “Al filo del alba (Cuento)” (nº 3, pp. 130-132); o estudo literario “El poeta ciego” (nº 3, pp. 291-293), relativo á vida e a obra de Valentín Lamas Carvajal, e o poema “Tres sonetos de la muerte”, bosquexado cunha impronta sentimental. Pola súa parte, o galego corrobórase na poesía en galego “Galiza ten un arcanxo” (separata do nº 2, s. p.).



Pura Vázquez e Oliveira Guerra

ÍNDICES

3. 1. Textos

Caderno 1

- “Ao que venho...”, Oliveira Guerra, pp. 3-4.
- “O primeiro paso”, Loís Carré Alvarellos, pp. 5-6 [prosa en galego].
- “O monumento que o mundo devia custear”, S. S., p. 7.
- “Considerações sobre arte”, Barata Feyo, pp. 8-10.
- Autógrafo de Rosalía de Castro, p. 11 [poesía en galego].
- Fotografía do monumento a Rosalía de Castro, S. S., realizado por Barata Feyo no Porto, p. 12.
- Reprodución do poema XIV da obra *Cantares Galegos* [sic], Rosalía de Castro, p. 13.
- “A miña primeira visita a Portugal”, Maria Victoria Armesto, pp. 14-15 [prosa en galego].
- “Carta a um galego”, Oliveira Guerra, pp. 16-20.
- “Reflexões sobre o fado”, Rebelo Bonito, pp. 21-25.
- “Noriega Varela. Um poeta da Galiza e a Galiza dum poeta”, Hugo Rocha, pp. 26-30.
- Debuxo de Noriega Varela, J. González Collado, p. 31.
- “Poesía de Noriega Varela”, Noriega Varela, que consta dos inéditos “Para qu’a inerme probeza”, “En vela” e maila reprodución do poema “O trono d’a paz”, extraído do volume *D’o Ermo*, p. 32 [poesía gal.].
- “O ninfeo de Bobeda”, José Luís Castroverde, pp. 33-34.
- “Uma doce cantiga. Dos antigos Cancioneiros Galego-Portugueses”, Bertino Daciano, pp. 35-36.
- Reprodución dunha partitura orixinal, sen título, Lucien Lambert, p. 37.
- “El hombre de los pájaros”, José António Novais, pp. 38-39.
- “«O sono sulagado». Poemas de Celso Emílio Ferreiro”, Mário Dias Ramos, pp. 40 e 42.
- “«La ruta». Novela de Manuel V. Peña”, M. D. R., p. 41.
- “Três livros de poemas de Miguel González Garcés”, M. D. R., p. 43.
- “Poema para o homem de hoje”, Leonor de Almeida, p. 44.
- “Quen me dera unha tenza salvaxe”, A. Abuin de Tembra, p. 45 [poesía gal.].
- “Poema”, Mário Dias Ramos, p. 46.

— “Tentacion” e “Cántico en la Ria”, M. González Garcés, poemas extraídos de *Siete canciones* [sic], p. 47.

— “O Medo”, Celso Emilio Ferreiro, pertencente ao poemario *O sono sulgado*, p. 48 [poesía gal.].

Separata do caderno 1

— Xilogravado, Marginet, s. p.

— “Irmã Galícia”, Oliveira Guerra, s. p.

Caderno 2

— “Ao que venho...”, Oliveira Guerra, pp. 51-53.

— “Carta do romancista João da Silva Correia”, João da Silva Correia, pp. 54-57.

— Imaxe do infante don Enrique, S. S., p. 58.

— Epígrafe “O infante”, S. S., p. 59.

— “Infante”, Oliveira Guerra, p. 60.

— “De mar a mar. El mar de Portugal”, José Maria Castroviejo, pp. 61-64.

— “Carta a D. Henrique O NAVEGANTE”, Manuel Maria, p. 65 [poema gal.].

— “A lição moral dos museus e arquivos nacionais”, Bertino Daciano, pp. 66-69.

— “Um precursor”, Lois Carré Alvarellos, pp. 70-72 [ensaio galego].

— “O culto dos mortos no Natal”, Ernesto Veiga de Oliveira, pp. 73-74.

— “Literatura galega. Romance”, Leandro Carré, pp. 75-80 [ensaio gal.].

— “O romanico catalão pirenaico”, T. Casals Marginet, pp. 81-85.

— “Os cantos de Almuádem e os alalás da Galiza”, Rebelo Bonito, texto acompañado de partituras musicais, pp. 86-95.

— “Considerações sobre arte”, Prof. Barata Feyo, p. 96.

— “Visão estética”, Carlos Carneiro, pp. 97-98.

— “Dominguez Alvarez. Pintor português de ascendência galega”, Jaime Izidoro, complementado cun lenzo dun caserío español, pp. 99-101.

— “Júlio Resende. Pintor europeu”, António Pinheiro Guimarães, p. 102.

— “D’ Assumpção. Prémio Sousa Cardoso”, António Pinheiro Guimarães, p. 103.

— “Collado. Pintor e ceramista”, Oliveira Guerra, pp. 104-106.

— “Eduardo Pondal. O mais alto expoente do lirismo céltico da Galiza”, Hugo Rocha, pp. 107-116.

— “Poesia de Pondal” (reproducción dos poemas de *Quexumes* [sic] *dos Pinos* “Muiñeira” e “Fala de galego”), Eduardo Pondal, p. 117 [poesías gal.].

- “António Pinheiro Guimarães. O esteta e o crítico de arte”, Oliveira Guerra, pp. 118-120.
- “José António Novais. A sua prosa poética e os seus poemas”, Oliveira Guerra, pp. 120-122.
- “O poeta Manuel Maria apresenta-se...”, Oliveira Guerra, pp. 122-124.
- “Pura Vázquez. A menina bonita de Orense”, Oliveira Guerra, pp. 124-125.
- “O demo de lume”, Manuel V. Peña, pp. 126-129 [relato en galego].
- “Al filo del alba (Cuento)”, Pura Vázquez, pp. 130-132.
- “El niño muerto”, José António Novais, pp. 133-134.
- Miscelánea poética, António Pinheiro Guimarães, p. 135.
- “Yo tengo miedo”, José António Novais, p. 136.
- “Gacetilla literaria”, Manuel Maria, p. 137 [poesía gal.].
- “Solidão”, António Lousada, p. 138.
- “Xohaniña”, Xosé M^a Álvarez Blázquez, p. 139 [poesía gal.].
- “Primavera” e “Outono”, Isidro Conde, poemas traducidos ao portugués por Ilka Sanches, p. 140.
- “Triloxía «Camiños». Canto I.– Iste camiño que me leva”, A. Abuín de Tembra, pp. 141-143 [poesía gal.].
- “Explicações”, “Enterro” e “Quando tu chegas”, Oliveira Guerra, p. 144.

Separata do caderno 2

- Páxina rotulada seis veces coa palabra Galiza, s. p.
- Xilogravado de Marginet, s. p.
- “Ó Galiza e Portugal, viveiro de trovadores”, António Norton, s. p.
- “Galiza ten un arcanxo”, Pura Vázquez, s. p. [poesía en galego].
- Xilogravado de Marginet, s. p.
- “Creação do mar”, Oliveira Guerra, s. p.

Caderno 3

- “Ao que venho...”, Oliveira Guerra, p. 147.
- “Publicação dum Boletim ou Porta-Voz, fazendo a propaganda dos valôres, dando conta das actividades realizadas e propondo outras, e contendo colaboração de artistas e intelectuais galegos e portugueses”, Oliveira Guerra, pp. 148-149.
- “Alguns depoimentos”, VV. AA., pp. 150-154.

- “Duma carta do Sr. Embaixador de Espanha”, p. 150.
- “Duma carta de Juan Naya Pérez, da Real Academia Gallega”, p. 150.
- “Duma carta de D. Gonzalo Rey Alar, Presidente da Asociacion de la Prensa de Vigo” p. 150.
- “Dum poeta galego —José Diaz Jácome”, p. 151.
- “Dum poeta português —António Norton”, p. 151.
- “De «Ecos de Espanha» de 1/9/[1]960. Oliveira Guerra, sus planos, y «CÉLTICA» (Cadernos de Estudios Galaico-Portugueses)”, pp. 151-152.
- “De «Faro de Vigo» de 21/9/[1]960. Oliveira Guerra y su empresa”, pp. 152-153.
- “De «El Ideal Galego» [sic] 17/9/[1]960. Una Revista: um Ideal —por Dora VAZQUEZ”, pp. 153-154.
- “«O mundo que o português creou» e a ONU. Do discurso do 30 de novembro do Dr. Oliveira Salazar”, Oliveira Salazar, pp. 155-156.
- “A Galiza em Portugal. O rally aereo”, Izidro Conde, pp. 157-158.
- “Portugal na Galiza. A exposição de trabalhos escolares de Pontevedra nas comemorações henriquinas”, Oliveira Guerra, pp. 158-159.
- “Hugo Rocha”, Oliveira Guerra, p. 160.
- “Ramón Cabanillas. O último dos grandes poetas do saudosismo gallego”, Hugo Rocha, pp. 161-165.
- “Literatura galega. Teatro”, Leandro Carré, pp. 166-174.
- “Leite de Vasconcelos. Animador dos novos”, Manuel Boaventura, pp. 175-180.
- “Três pintores portugueses. Três concepções da nossa realidade (D’Assumpção - Eduardo Luís - António Quadros)”, Eduardo V. da Fonseca, pp. 181-185.
- “O adeus de Watanuki. O pintor japonês que soube sentir a alma e a fisionomia tão severas do velho burgo do Porto”, Barata Foyo, pp. 186-188.
- “De la peinture de D’Assumpção”, António Pinheiro Guimarães, pp. 189-190.
- “O pintor António Leite e a sua primeira exposição no Porto”, Oliveira Guerra, pp. 191-192.
- “O pintor Pesqueira Salgado”, Oliveira Guerra, pp. 193-195.
- “A obra espanhola de Camões dos Doutores Vieira de Lemos e Julio Almoyna”, Oliveira Guerra, pp. 196-198.
- “Isidro Conde. O ensaísta e o poeta. «El verso blanco en la poesía española», Ensaio. «Tiempo», Poema”, Oliveira Guerra, pp. 199-202.
- “F. Javier Carro. Estreia poetica: «El dolor de la carne»”, Oliveira Guerra, pp. 202-204.

- “Antonio Tovar. Autor de «El tren y las cosas», Prémio de poesía «Marina» 1959”, Oliveira Guerra, pp. 204-206.
- “Serafim Ferreira e o seu libro de contos «Noite de libertaçã»”, Oliveira Guerra, pp. 207-208.
- “Falta de tempo”, O. G., p. 208.
- “O milagre que São Geraldo não fez”, Costa Barreto, pp. 209-218.
- “Noite negra. Conto”, Serafim Ferreira, pp. 219-220.
- “Niebla. Cuento”, Dora Vázquez, pp. 221-222.
- “Meditacios a beira do Rin”, Maria Victória Armesto, pp. 223-224.
- “Elegia”, António Norton, pp. 225-226.
- “O poema sen voz”, José María Álvarez Blázquez, pp. 227-228 [poesía en galego].
- “Nocturno”, Luís Ribeira Seca, p. 229.
- “A miña saudade”, Enrique Chao Espina, p. 230 [poema en galego].
- “Canto a miña Nai”, Dora Vázquez, p. 231-232 [poesía en galego].
- “Tres sonetos de la muerte”, Pura Vázques, pp. 233-234.
- “E foi namorada”, José Díaz Jácome, pp. 235-236 [poema en galego].
- “Camelia paseada”, Henrique Massó, p. 237.
- “Desbotamento” e “Parto”, Alvaro Paradela, p. 238 [poemas en galego].
- “Triloxía «Camiños». Canto III.— Camiños enxoiitos”, A. Abuín de Tembra, pp. 239-240 [poesía en galego].

Separata do caderno 3

- Páxina rotulada seis veces coa palabra Galiza, s. p.
- Xilogravado de Marginet, s. p.
- “Galiza”, Oliveira Guerra, s. p.
- “Poema catalá a Galicia i Portugal”, Casals Marginet, s. p.
- Xilogravado de Marginet, s. p.
- “Galiza”, António Lousada, s. p.
- “Galicia”, José Gonzalez López, s. p.

Caderno 4

- “Ao que venho...”, Oliveira Guerra, pp. 243-246.

- “Projecto de estatuto do «Círculo de Estudos Galaico-Portugueses», com sede no Porto”, S. S., pp. 247-256.
- “Comissão instaladora do Circulo de Estudos Galaico-Portugueses”, VV. AA.¹, p. 257.
- “Portugal na Galiza...”, S. S., pp. 258-260.
- “A Galiza em Portugal...”, S. S., pp. 260-264.
- “Pelos velhos caminhos da unidade. Pregão da exposição de arte romanica”, José Miguel Ruiz Morales, traducido ao portugués polo Dr. Júlio Almoyna, pp. 265-268.
- “Francisco Añón. O poeta galego que mais prezou Portugal e a língua portuguesa”, Hugo Rocha, pp. 269-273.
- “Apuntamentos pra a história das boas relacións luso-galaicas”, Uxío Carré Alvarellos, pp. 274-278 [prosa en galego].
- “A defensa do idioma galego”, Maximino Castinheiras García, p. 279-280 [prosa en galego].
- “Os elementos fundamentais da cultura portuguesa”, Jorge Dias, pp. 281-288.
- “Valle Inclan, veinticinco años despues”, Diego Bernal, pp. 289-290.
- “El poeta ciego”, Pura Vázquez, pp. 291-293.
- “Carlos Carneiro e a Sua Exposição de Guimarães”, Barata Feyo, pp. 294-296.
- “Exposição de pintura de Margarida Tamegão”, Oliveira Guerra, p. 297.
- “O pintor José González Collado”, Oliveira Guerra, p. 298.
- “Pintura abstrata?”, António Pinheiro Guimarães, p. 299.
- “Francisco de Assis —renovador da humanidade, de Guedes de Amorim”, João Apolinário, p. 300.
- “Rodrigo A. de Santiago. Ensaísta de «La Música Popular Gallega»”, Rebelo Bonito, pp. 301-303.
- “Maria Mariño Carou”, Novoneyra, pp. 303-305 [reseña bio-bibliográfica en galego].
- “António Norton e o seu livro de poemas A OUTRA FACE”, Maria José Teixeira de Vasconcelos, pp. 305-308.
- “Jorge Listopad com «Tristão ou a Traição dum intelectual» (Tradução do Poeta Eugénio Andrade)”, Oliveira Guerra, pp. 309-311.
- “Aquilino Iglesia Alvariño e o seu «Día a Día»”, S. S., pp. 311-313.
- “Sílvia Dora e os seus livros”, S. S., pp. 313-315.

¹ Asinan este artigo María de la Purificación Lugris Freyre, José María Illa Ocaña, Abilio de Sousa Faria e Oliveira Guerra.

- “Manuel de la Fuente com «Intimo latido» e «La Bela Otero»”, S. S., pp. 315-316.
- “Dora Vázquez e o muito que escribe”, S. S., pp. 317-318.
- “A. Abuin de Tembra e os seus artigos e poemas”, S. S., pp. 318-319.
- “Auto do labrego”, Manuel María, pp. 320-330 [teatro en galego].
- “Angeles inútiles”, Fernando Echebarria, p. 331.
- “O tempo i a memoria”, Xohana Torres, pp. 332-333 [poesía en galego].
- “Fagulhas”, REALVA, p. 334.
- “Conto”, Miguel González Garcés, p. 335 [poema en galego].
- “Suplício de Tântalo”, Alice de Azevedo, p. 335.
- “Eles non saben”, A. Tovar Bobillo, p. 336 [poesía en galego].

Separata do caderno 4

- Páxina rotulada seis veces coa palabra Galiza, S. S., s. p.
- “Luar em Santiago”, Oliveira Guerra, s. p.

3. 2. Colaboradores

ABUIN/ABUÍN DE TEMBRA, A.:

- “Quen me dera unha tenza salvaxe”, cad. 1 (p. 45) [poesía en galego].
- “Triloxía «Camiños». Canto I.– Iste camiño que me leva”, cad. 2 (pp. 141-143) [poesía en galego].
- “Triloxía «Camiños». Canto III.– Camiños enxoiros”, cad. 3 (pp. 239-240) [poesía en galego].

ALMEIDA, Leonor de:

- “Poema para o homem de hoje”, cad. 1 (p. 44).

ALVAREZ BLÁZQUEZ, Xosé M^a/Jose Maria:

- “Xohaniña”, cad. 2 (p. 139) [poesía en galego].
- “O poema sen voz”, cad. 3 (pp. 227-228) [poesía en galego].

APOLINÁRIO, João:

- “Francisco de Assis —renovador da humanidade, de Guedes de Amorim”, cad. 4 (p. 300).

ARMESTO, Maria Victoria/Victória:

- “A miña primeira visita a Portugal”, cad. 1 (pp. 14-15) [prosa en galego].
- “Meditacios a beira do Rin”, cad. 3 (pp. 223-224).

AZEVEDO, Alice de:

- “Suplício de Tântalo”, cad. 4 (p. 335).

BERNAL, Diego:

- “Valle Inclan, veinticinco años despues”, cad. 4 (pp. 289-290).

BOAVENTURA, Manuel:

- “Leite de Vasconcelos. Animador dos novos”, cad. 3 (pp. 175-180).

BONITO, Rebelo:

- “Reflexões sobre o fado”, cad. 1 (pp. 21-25).
- “Os cantos de Almuádem e os alalás da Galiza”, texto acompañado de partituras musicais, cad. 2 (pp. 86-95).
- “Rodrigo A. de Santiago. Ensaísta de «La Música Popular Gallega»”, cad. 4 (pp. 301-303).

CARNEIRO, Carlos:

- “Visão estética”, cad. 2 (pp. 97-98).

CARRÉ, Leandro:

- “Literatura galega. Romance”, cad. 2 (pp. 75-80) [ensaio en galego].
- “Literatura galega. Teatro”, cad. 3 (pp. 166-174) [ensaio en galego].

CARRÉ ALVARELLOS, Lois/Loís:

- “O primeiro paso”, cad. 1 (pp. 5-6) [prosa en galego].
- “Um precursor”, cad. 2 (pp. 70-72) [ensaio en galego].

CARRÉ ALVARELLOS, Uxío:

- “Apuntamentos pra a historia das boas relacións luso-galaicas”, cad. 4 (pp. 274-278) [ensaio en galego].

CASALS MARGINET, T./MARGINET:

- Xilogravado, cad. 1 (p. 49).
- “O romanico catalão pirenaico”, cad. 2 (pp. 81-85).
- Xilogravado, cad. 2 (p. 146).
- Xilogravado, cad. 2 (p. 150).
- Xilogravado, separata do cad. 2 (s. p.).
- Xilogravado, separata do cad. 2 (s. p.).
- Xilogravado, separata do cad. 3 (s. p.).
- “Poema catalá a Galicia i Portugal”, separata do cad. 3 (s. p.).
- Xilogravado, separata do cad. 3 (s. p.).

CASTIÑEIRAS GARCÍA, Maximino:

- “A defensa do idioma galego”, cad. 4 (pp. 279–280) [ensaio en galego].

CASTRO, Rosalía de:

- Autógrafo, cad. 1 (p. 11) [poesía en galego].
- Reprodución do poema XIV de *Cantares Galegos* [sic], cad. 1 (p. 13) [poesía en galego].

CASTROVERDE, José Luis:

- “O ninfeo de Bobeda”, cad. 1 (pp. 33-34).

CASTROVIEJO, José Maria:

- “De mar a mar. El mar de Portugal”, cad. 2 (pp. 61-64).

CHAO ESPINA, Enrique:

- “A miña saudade”, cad. 3 (p. 230) [poema en galego].

CONDE, Isidro/Izidro:

— “Primavera” e “Outono”, poemas traducidos ao portugués por Ilka Sanches, cad. 2 (p. 140).

— “A Galiza em Portugal. O rally aereo”, cad. 3 (pp. 157-158).

COSTA BARRETO:

— “O milagre que são Geraldo não fez”, cad. 3 (pp. 209-218).

DACIANO, Bertino:

— “Uma doce cantiga dos antigos Cancioneiros Galego-Portugueses”, cad. 1 (pp. 35-36).

— “A lição moral dos museus e arquivos nacionais”, cad. 2 (pp. 66-69).

DIAS, Jorge:

— “Os elementos fundamentais da cultura portuguesa”, cad. 4 (pp. 281-288).

DIAS RAMOS, Mário:

— “«O sono sulagado». Poemas de Celso Emilio Ferreiro”, cad. 1 (pp. 40 e 42).

— “Poema”, cad. 1 (p. 46).

DÍAZ JÁCOME, José:

— “E foi namorada”, cad. 3 (pp. 235-236) [poesía en galego].

ECHEBARRÍA, Fernando:

— “Angeles inútiles”, cad. 4 (p. 331).

FERREIRA, Serafim:

— “Noite negra. Conto”, cad. 3 (pp. 219-220).

FERREIRO, Celso Emilio:

— “O Medo” (extraído d’*O sono sulagado*), cad. 1 (p. 48) [poesía en galego].

FEYO, Barata:

— “Considerações sobre arte”, cad. 1 (pp.8-10).

— “Considerações sobre arte”, cad. 2 (p. 96).

— “O adeus de Watanuki. O pintor japonês que soube sentir a alma e a fisionomia tão severas do velho burgo do Porto”, cad. 3 (pp. 186-188).

— “Carlos Carneiro e a Sua Exposição de Guimarães”, cad. 4 (pp. 294-296).

FONSECA, Eduardo V. da:

— “Três pintores portugueses. Três concepções da nossa realidade (D’Assunção - Eduardo Luís - António Quadros)”, cad. 3 (pp. 181-185).

GONZÁLEZ COLLADO, J.:

— Debuxo de Noriega Varela, cad. 1 (p. 31).

GONZÁLEZ GARCÉS, M[iguel]:

— “Tentación” e “Cántico en la Ria”, cad. 1 (p. 47).

— “Conto”, cad. 4 (p. 335) [prosa en galego].

GONZÁLEZ LOPÉZ, José:

— “Galicia”, separata do cad. 3 (s. p.) [poesía en galego].

IZIDORO, Jaime:

— “Dominguez Alvarez. Pintor português de ascendência galega”, complementado cun lenzo dun caserío español, cad. 2 (pp. 99-101).

LAMBERT, Lucien:

— Reprodución dunha partitura orixinal, sen título, cad. 1 (p. 38).

LOUSADA, António:

— “Solidão”, António Lousada, cad. 2 (p. 138).

— “Galiza”, separata do cad. 3 (s. p.) [poesía en galego].

MARIA/MARÍA, Manuel:

— “Carta a D. Enrique o NAVEGANTE”, cad. 2 (p. 65) [poesía en galego].

— “Gacetilla literaria”, cad. 2 (p. 137) [poesía en galego].

— “Auto do labrego”, cad. 4 (pp. 320-330) [teatro galego].

MASSÓ, Anrique:

— “Camelia paseada”, cad. 3 (p. 237).

M. D. R.:

— “«La ruta». Novela de Manuel V. Peña”, cad. 1 (p. 41).

— “Três livros de poemas de Miguel González Garcés”, cad. 1 (p. 43).

NORIEGA VARELA:

— “Poesía de Noriega Varela”, que acolle tres composicións da súa autoría (“Pra qu’ a inerme probeza...”, “En vela” e “O trono d’a paz”), cad. 1 (p. 32) [poesía en galego].

NORTON, António:

— “Ó Galiza e Portugal, viveiro de trovadores”, separata do cad. 2 (s. p.).

— “Elegía”, cad. 3 (pp. 225–226) [poesía en galego].

NOVAIS, José António:

- “El hombre de los pajaros”, cad. 1 (pp. 38-39).
- “El niño muerto”, cad. 2 (pp. 133-134).
- “Yo tengo miedo”, cad. 2 (p. 136).

NOVONEYRA, Uxío:

- “Maria Mariño Carou”, cad. 4 (pp. 303-305) [reseña bio-bibliográfica en galego].

OLIVEIRA GUERRA/O. G.:

- “Ao que venho”, cad. 1 (pp. 3-4).
- “Carta a um galego”, cad. 1 (pp. 16-20).
- “Irmã Galícia”, cad. 1 (p. 50).
- “Ao que venho...”, cad. 2 (pp. 51-53).
- “Infante”, cad. 2 (p. 60).
- “Collado. Pintor e ceramista”, cad. 2 (pp. 104-106).
- “António Pinheiro Guimarães. O esteta e o crítico de arte”, cad. 2 (pp. 118-120).
- “José António Novais. A sua prosa poética e os seus poemas”, cad. 2 (pp. 120-122).
- “O poeta Manuel Maria apresenta-se...”, cad. 2 (pp. 122-124).
- “Pura Vázquez. A menina bonita de Ourense”, cad. 2 (pp. 124-125).
- “Explicações”, “Enterro” e “Quando tu chegas”, cad. 2 (p. 144).
- “Creação do mar”, separata do cad. 2 (s. p.).
- “Ao que venho...”, cad. 3 (p. 147).
- “Publicação dum Boletim ou Porta-Voz, fazendo a propaganda dos valôres [sic], dando conta das actividades realizadas e propondo outras, e contendo colaboração de artistas e intelectuais galegos e portugueses”, cad. 3 (pp.148-149).
- “Portugal na Galiza. A exposição de trabalhos escolares de Pontevedra nas comemorações henriquinas”, cad. 3 (pp. 158-159).
- “Hugo Rocha”, cad. 3 (p. 160).
- “O pintor António Leite e a sua primeira exposição no Porto”, cad. 3 (pp. 191-192).
- “O pintor Pesqueira Salgado”, cad. 3 (pp. 193-195).
- “A obra espanhola de Camões dos Doutores Vieira de Lemos e Julio Almoyna”, cad. 3 (pp. 196-198).

- “Isidro Conde. O ensaísta e o poeta. «El verso blanco en la poesía española», Ensaio. «Tiempo», Poema”, cad. 3 (pp. 199-202).
- “F. Javier Carro. Estreia poetica: «El dolor de la carne»”, cad. 3 (pp. 202-204).
- “Antonio Tovar. Autor de «El tren y las cosas», Prémio de poesía «Marina» 1959”, cad. 3 (pp. 204-206).
- “Serafim Ferreira e o seu libro de contos «Noite de libertação»”, cad. 3 (pp. 207-208).
- “Falta de tempo”, cad. 3 (p. 208).
- “Galiza”, separata do cad. 3 (s. p.).
- “Ao que venho...”, cad. 4 (pp. 243-246).
- “Exposição de pintura de Margarida Tamegão”, cad. 4 (p. 297).
- “O pintor José González Collado”, cad. 4 (p. 298).
- “Jorge Listopad com «Tristão ou a traição dum intelectual» (Tradução do Poeta Eugénio Andrade)”, cad. 4 (pp. 309-311).
- “Luar em Santiago”, separata do caderno 4 (s. p.).

OLIVEIRA SALAZAR:

- “«O mundo que o português creou» e a ONU. Do discurso de 30 de novembro”, cad. 3 (pp. 155-156).

PARADELA, Álvaro:

- “Desbotamento” e “Parto”, cad. 3 (p. 238) [poesías en galego].

PEÑA, Manuel V.:

- “O demo de lume”, cad. 2 (pp. 126-129) [relato en galego].

PINHEIRO GUIMARÃES, António:

- “Júlio Resende. Pintor europeu”, cad. 2 (p. 102).
- “D’Assumpção. Prémio Sousa Cardoso”, cad. 2 (p. 103).
- Miscelânea poética, cad. 2 (p. 135).
- “De la peinture de D’Assumpção”, cad. 3 (pp. 189-190).
- “Pintura abstrata?”, cad. 4 (p. 299).

PONDAL, Eduardo

- “Poesía de Pondal” (reproducción dos poemas de *Quexumes* [sic] *dos pinos* “Muiñeira” e “Fala de galego”), cad. 2 (p. 117) [verso en galego].

REALVA

- «Fagulhas», cad. 4 (p. 334).

RIBEIRA SECA, Luís:

— “Nocturno”, cad. 3 (p. 229).

ROCHA, Hugo:

— “Noriega Varela. Um poeta da Galiza e a Galiza dum poeta”, cad. 1 (pp. 26-30).

— “Eduardo Pondal. O mais alto expoente do lirismo céltico da Galiza”, cad. 2 (pp. 107-116).

— “Ramón Cabanillas. O último dos grandes poetas do saudosismo gallego”, cad. 3 (pp. 161-165).

— “Francisco Añón. O poeta galego que mais prezou Portugal e a língua portuguesa” (con retrato de Francisco Añón), cad. 4 (pp. 269-273).

RUIZ MORALES, José Miguel:

— “Pelos velhos caminhos da unidade. Pregão da exposição de arte romanica” (tradução de Dr. Júlio Almoyna), cad. 4 (pp. 265-268).

SEN SINATURA [S. S.]:

— “O monumento que o mundo devia custear”, cad. 1 (p. 7).

— Fotografia do monumento a Rosalía de Castro, efectuado por Barata Feyo no Porto, cad. 1 (p. 12).

— Imaxe do infante don Enrique, cad. 2 (p. 58).

— Encabezamento «O infante», cad. 2 (p. 59).

— Páxina rotulada coa palabra Galiza, cad. 2 (p. 145).

— Páxina rotulada seis veces coa palabra Galiza, separata do cad. 2 (s. p.).

— “Algúns depoimentos”, cad. 3 (pp. 150-154).

— “O rally aereo”, cad. 3 (pp. 157-158).

— Páxina rotulada seis veces coa palabra Galiza, separata do cad. 3 (s. p.).

— “Projecto de estatuto do «Círculo de Estudos Galaico-Portugueses», com sede no Porto”, cad. 4 (pp. 247-256).

— “Comissão Instaladora do Círculo de Estudos Galaicos-Portugueses», cad. 4 (p. 257).

— “Portugal na Galiza...”, cad. 4 (pp. 258-260).

— “A Galiza em Portugal...”, cad. 4 (pp. 260-264).

— “Aquilino Iglesia Alvariño e o seu «Día a Día»”, cad. 4 (pp. 311-313).

— “Sílvia Dora e os seus libros”, cad. 4 (pp. 313-315).

— “Manuel de la Fuente com «Íntimo latido» e «La Bela Otero»”, cad. 4 (pp. 315-316).

- “Dora Vázquez e o muito que escribe”, cad. 4 (pp. 317-318).
- “A. Abuin de Tembra e os seus artigos e poemas”, cad. 4 (pp. 318-319).
- Páxina rotulada seis veces coa palabra Galiza, separata do cad. 4 (s. p.).

SILVA CORREIA, João da:

- “Carta do romancista João da Silva Correia”, cad. 2 (pp. 54-57).

TEIXEIRA DE VASCONCELOS, María José:

- “António Norton e o seu libro de poemas A OUTRA FACE”, cad. 4 (pp. 305-308).

TORRES, Xohana:

- “O tempo i a memoria”, cad. 4 (pp. 332-333) [poesía en galego].

TOVAR BOBILLO, A.:

- “Eles non saben”, cad. 4 (p. 336) [poesía en galego].

VÁZQUEZ, Dora:

- “Niebla. Cuento”, cad. 3 (pp. 221-222).
- “Canto a miña Nai”, cad. 3 (pp. 231-232) [poesía en galego].

VÁZQUEZ/VÁSQUEZ, Pura:

- “Al filo del alba (Cuento)”, cad. 2 (pp. 130-132).
- “Galiza ten un arcanxo”, separata do cad. 2 (s. p.) [poesía en galego].
- “Tres sonetos de la muerte”, cad. 3 (pp. 233-234).
- “El poeta ciego”, cad. 4 (pp. 291-293).

VEIGA DA OLIVEIRA, Ernesto:

- “O culto dos mortos no Natal”, cad. 2 (pp. 73-74).

VV. AA.

- «Alguns depoimentos», cad. 3 (pp. 150-154):
- “Duma carta do Sr. Embaixador de Espanha”, cad. 3 (p. 150).
- “Duma carta de Juan Naya Pérez, da Real Academia Gallega”, cad. 3 (p. 150).
- “Duma carta de D. Gonzalo Rey Alar, Presidente da Asociacion de la Prensa de Vigo”, cad. 3 (p. 150).
- “Dum poeta galego — José Diaz Jácome”, cad. 3 (p. 151).
- “Dum poeta português — António Norton”, cad. 3 (p. 151).
- “De «Ecos de Espanha» de 1/9/[1]960. Oliveira Guerra, sus planos, y «CÉLTICA» (Cadernos de Estudios Galaico-Portugueses)”, cad. 3 (pp. 151-152).

“De «Faro de Vigo» de 21/9/[1]960. Oliveira Guerra y su empresa”, cad. 3 (pp. 152-153).

“De «El Ideal Galego» [sic] 17/9/[1]960. Una revista: um Ideal — por Dora VÁZQUEZ”, cad. 3 (pp. 153-154).

— “Comissão instaladora do Circulo de Estudos Galaico-Portugueses”, cad. 4 (p. 257)².

² *Vid.* Nota 109, p. 90.

BIBLIOGRAFÍA SOBRE *CÉLTICA*

4. 1. Básica

- Alonso Estraviz, Isaac. 2007. “Um sonho a caminho de ser realidade”, *AGÁLIA. Revista de Ciências Sociais e Humanidades*, números 91-92 (2º semestre 2007), pp. 267-273.
- BOROBÓ. 1960. “Céltica de Oporto”, *La Noche* (Santiago de Compostela), «Anacos», 1-VI-1960.
- Delgado Corral, Concepción. 2004. “Manuel Oliveira Guerra e a revista *Céltica* no camiño da irmandade galego-portuguesa”, *Anuario Brigantino*, nº 27 (2004), pp. 491-506.
- Díaz-Castroverde Gómez, Fernando. 2006. “U-la Atlántida?: *Céltica. Caderno de Estudos Galaico-Portugueses* (50 anos de oprobio)”, *A Trabe de Ouro*, nº 68, pp. 521-530.
- Direcção da *Nova Águia*. 2007. “Manifesto da *Nova Águia*, Revista de Cultura para o Século XXI”, *Agália. Revista de Ciências Sociais e Humanidades*, núms. 91-92 (2º semestre 2007), pp. 259-266.
- Quiroga, Carlos. 2006. “Oliveira Guerra, escritor e intermediario”, *AGÁLIA. «Revista de Ciências Sociais e Humanidades»*, núms. 85-86 (1º semestre 2006), pp. 241-248.
- _____. 2008. “Oliveira Guerra: revista Céltica e alguma poesia satírica”, en Villarino Pardo, Carmen; Torres Feijó, Elias e José Luís Rodríguez (eds.). 2008-2009. *Da Galiza a Timor: a lusofonia em foco: actas do VIII Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas: Santiago de Compostela, 18 a 23 de Julho de 2005*, Santiago de Compostela: USC, 3 vols.+2 CD-Rom.
- Real Academia Galega. 1967. *Primera y segunda Asambleas Lusitano-Gallegas. Actas y comunicaciones*, Madrid: Editorial Nacional.
- Rocha, Hugo. 1946. *Itinerário na Galiza (Relato dum peregrino profano e saudoso)*, Porto: Editora Educação Nacional.
- _____. 1961. *Encontros com a Galiza*, Porto: Livraria Galaica, 1º vol.
- _____. 1963. *Encontros com a Galiza*, Porto: Editora Educação Nacional, 2º vol.
- _____. 1965. *Sete Vozes Perennes da Galiza Lírica*, Porto: Livraria Athena.
- Torres Regueiro, Xesús. 2005. “No centenario do seu promotor Oliveira Guerra e a *Céltica*”, *A Xanela. «Revista cultural das Mariñas»*, nº 20 (outono de 2005), pp. 17-19.
- Trigo, Salvato. 2007. 1996-1998. “Oliveira Guerra: a convicção das raízes célticas”, *Nós. «Revista Internacional da Lusofonia»*, núms. 51-58, pp. 203-204.

4. 2. Complementaria

- Alonso Girgado, Luís (coord.). 1999. *Homenaxe ó profesor Manuel Quintáns*, Santiago de Compostela: Follas Novas.
- Alonso Girgado, Luís (dir). 1994. *Aturuxo. Revista de poesía e crítica (Ferrol, 1952-1960)*, Santiago de Compostela: Xunta de Galicia/Centro de Investigacións Lingüísticas e Literarias Ramón Piñeiro, ed. facsimilar.
- _____. 1995a. *Alba. Hojas de poesía/Follas de poesía (A Coruña, 1948-Vigo, 1952)*, Santiago de Compostela: Xunta de Galicia/Centro de Investigacións Lingüísticas e Literarias Ramón Piñeiro, ed. facsímile.
- _____. 1995b. *Posío. Ourense, 1945-1946*, Santiago de Compostela: Xunta de Galicia/Centro de Investigacións Lingüísticas e Literarias Ramón Piñeiro, ed. facsimilar.
- _____. 1996a. *Posío. Arte y Letras*, Santiago de Compostela: Xunta de Galicia/Centro de Investigacións Lingüísticas e Literarias Ramón Piñeiro, ed. facsímile.
- _____. 1996b. *Plumas e letras en La Noche (1946-1949)*, Santiago de Compostela: Xunta de Galicia/Centro de Investigacións Lingüísticas e Literarias Ramón Piñeiro, ed. facsimilar.
- _____. 2003. *Tapal (Noia, 1950-1955)*, Santiago de Compostela: Xunta de Galicia/Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades, ed. facsímile.
- _____. 2010. *O Irmandino. “Órgao da irmandade Galeguista do Uruguai”*. *Montevideo (1934-1936, 1ª época; 1958-1961, 2ª época)*, Santiago de Compostela: Xunta de Galicia/Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades, ed. en CD-Rom.
- Alonso Girgado, Luís *et alii* (eds.). 2005. *Eufonía*, Santiago de Compostela: Xunta de Galicia/Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades, ed. facsimilar.
- _____. 2007a. *Lar Galician, Alalá, Alborada, Alén Mar*, Santiago de Compostela: Xunta de Galicia/Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades, tríptico con CD.
- _____. 2007b. *Mundo Gallego (Revista de Galicia en América) [Bos Aires, 1951-1952]*, Santiago de Compostela: Xunta de Galicia/Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades, ed. facsímile e CD.
- _____. 2008. *Saudade (Verba Galega nas Américas) [México, D. F., 1942-1953]*, Santiago de Compostela: Xunta de Galicia/Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades, ed. facsimilar.
- Alonso Girgado, Luís e María Vilariño Suárez (eds.). 2006. *Alma Gallega (Órgano Oficial de la sociedad Casa de Galicia) [Montevideo, 1919-1967]*, Santiago de Compostela: Xunta de Galicia/Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades, ed. facsímile.
- Alonso Montero, Xesús. 1996. “O Soneto Neo-Latino (Vila Nova de Famalicão, 1929-1933): estudio dunha revista poética singular, especialmente das colaboracións galegas”, *Anuario de Estudios Literarios Galegos*, pp. 11-37.

- Barreiros, António José. 1997. *História da literatura portuguesa*, Braga: Bezerra Editora, 14ª ed., 2º vol. (Séc. XIX-XX).
- Blanco, Carmen. 1991. *Literatura galega da muller*, Vigo: Edicións Xerais de Galicia, col. Universitaria.
- Busto Abella, Humberto. 1999. “A Renascença Portuguesa: un proxecto educativo para unha nación”, en Alonso Girgado —coord.— (1999), pp. 45-59.
- Cañada, Silverio (ed.). 1974. *Gran Enciclopedia Gallega*, Santiago de Compostela e Xixón: 41 vols.
- Couceiro Freijomil, Antonio. 1951-54. *Diccionario bio-bibliográfico de escritores gallegos*, Santiago de Compostela: Editorial Bibliófilos Gallegos, 3 vols.
- Estébanez Calderón, Demetrio. 1996. *Diccionario de términos literarios*, Madrid: Alianza Editorial.
- Fernández del Riego, Francisco, “Alba”, en Cañada, Silverio (ed.). 1974, vol. I, p. 199.
- _____. 1981. *Historia da literatura galega*, Vigo: Galaxia.
- Fernández Teixeira, Manuel María, “Breve noticia de las revistas y publicaciones poéticas de Galicia”, *Poesía Española* (Madrid), núms. 140-141, pp. 30-31.
- Franco Grande, Xosé Luís. 1985. *Os Anos escuros I. A resistencia cultural da xeneración da noite (1954-60)*, Vigo: Edicións Xerais de Galicia.
- González Alegre, Ramón. 1964. “Noticia de los diecisiete números de la revista Alba”, *Poesía Española* (Madrid), núms. 140-141 (1964), pp. 28-29.
- González de Gambier, Emma. 2002. *Diccionario de Terminología Literaria*, Madrid: Síntesis.
- Hermano Saraiva, José. 1989. *Historia de Portugal*, Madrid: Alianza Editorial, col. El Libro de Bolsillo.
- Lourenço, Eduardo. 1968. *Sentido e Forma na Poesia Neo-Realista*, Lisboa: Ulisseia.
- Méndez Ferrín, X[osé]. L[uís]. 1990. *De Pondal a Novoneyra*, Vigo: Edicións Xerais de Galicia, col. Universitaria.
- Moreda Leirado, Marisa e María Vilariño Suárez (eds.). 2006. *Galicia (Revista del Centro Gallego) [Caracas, 1952-1954]*, Santiago de Compostela: Xunta de Galicia/Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades, ed. facsimilar.
- Nosa Terra Edicións, A. 1989. *Veiros* (con prólogo de Margarita Ledo Andión), Vigo: ed. facsímile, 1 vol.
- Peña Saavedra, Vicente (dir.). 1998. *Repertorio da prensa galega da emigración*, Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega/Arquivo da Emigración Galega.
- Queirós, António José. 2009. “As Relações Luso-Espanholas: Do final da Primeira República à Revolução dos Cravos (1926-1974)”, *Agália. Publicaçom Internacional da Associaçom Galega da Língua*, núms. 97-98 (1º semestre 2009), pp. 199-208.

- Rocha, Clara Crabbé. 1985. *Revistas literárias do século XX em Portugal*, Vila da Maia: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, col. Temas portugueses.
- Roig Rechou, Blanca-Ana e Pilar Sampedro. 2003. *Antón Avilés de Taramancos*, Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, col. A Nosa Memoria, nº 31.
- Santos Gayoso, Enrique. 1990. *Historia de la prensa gallega (1800-1986)*, Sada-A Coruña: Edicións do Castro, Cuadernos do Seminario de Sargadelos, nº 52.
- _____. 1995. *Historia de la prensa gallega (1800-1993)*, Sada-A Coruña: Edicións do Castro, Cuadernos do Seminario de Sargadelos, nº 68.
- Saraiva, António José e Óscar Lopes. 1996. *História da literatura portuguesa*, Porto: Porto Editora, 17ª ed. (corrixida e aumentada).
- Vilavedra, Dolores. 1999. *Historia da literatura galega*, Vigo: Galaxia, col. Manuais.
- VV. AA. 1995a. *Biblos. Enciclopedia VERBO das Literaturas de Língua Portuguesa*, Lisboa: Verbo, 5 vols.
- _____. 1995b. *Diccionario terminológico de las literaturas románicas*, Madrid: Gredos, Biblioteca Románica Hispánica.
- _____. 2003. *Gran Enciclopedia Galega. Silverio Cañada*, Lugo: El Progreso e Diario de Pontevedra, 54 vols.

FONTES HEMEROGRÁFICAS

5. 1. Webgrafia

Assembleia da República.pt

<http://www.parlamento.pt/VisitaVirtual/Paginas/BiogBarataFeyo.aspx> (última consulta: 17-V-2014).

Infopedia. 2003-2010. Porto: Porto Editora. “Salvador Barata Feyo”

[http://www.infopedia.pt/\\$salvador-barata-feyo](http://www.infopedia.pt/$salvador-barata-feyo)
(última consulta: 17-V-2014)

Gomes, Francisco. “Presidente da República presente na inauguração do Museu Barata Feyo”

<http://www.oesteonline.pt/noticias/noticia.asp?nid=5909>
(última consulta: 17-V-2014).

Lira, Sérgio. “Arte Portuguesa do século XX”

http://www2.ufp.pt/~slira/artigos/arte_port_xx.pdf
(última consulta: 17-V-2014).

Notas biográficas de Hugo Rocha

http://www.pufoi.com/home/pioneiros/hugo_rocha/hugbiog.htm
(última consulta: 17-V-2014).

APÉNDICE

6. 1. Cartas¹

I

[Carta de Manuel María a Ramón Piñeiro]

Monforte, día de San Xohan de 1961

De MANUEL MARIA

a

RAMON PIÑEIRO

Meu querido e lembrado amigo: Recibín a tua carta que nos encheu de ledicia, por ter noticias vosas.

En canto a miña obriña de teatro forma parte dunha triloxía que, de representarse, pensei en que se representara xunta. Entre as tres pezas que forman a triloxía coído que dan unha representación normal. Ista triloxía está composta polo AUTO DO TABERNEIRO, publicado na revista “4 VENTOS”, no seu número 10, o AUTO DO LABREGO i o AUTO DO MARIÑEIRO. O AUTO DO LABREGO levouno, pra dar en “Céltica”, Oliveira Guerra cando estivo no Vran pasado na miña casa. Con todo, i eu aledaríame moitísimo de que así fora, poidese dar nise tomo de que tí me falas. Non sei si sairá *Céltica* ou non. Ante as dificultades que lle xurdiron a Oliveira non sei si voltará a sair. Ademais Oliveira ten unha saude moi fleve. No mes de Marzal estivo na miña casa de Monforte Novoneyra e levou ista trioloxía pra ver as posibilidades de representación e non soupen mais. Quen debe ter outra copia dista trioloxía é Emilio Alvarez Blázquez. Con todo eu farei a[s] copias que me pides das tres pezas e levareichas pró Santiago. Si non é posibel publicar as tres obras xuntas, polo menos que se imprente o AUTO DO LABREGO coas premiadas en Lugo.

Ademais dista trioloxía levareiche duas cousas que teño tamén de teatro: un BARRIGA VERDE, farsa pra facer con máscara, e un EDIPO, traxedia en tres actos. O EDIPO está no Concurso do Centro Galego de Bos Aires, que supoño estará a fallarse. O EDIPO gustalle moito a Saleta. [Convén non falar dél deica que se seipa o fallo]².

Non hai moito estivemos en Ourense i alí dixeronnos da ida de Cunqueiro pró FARO. Coído que é unha boa cousa.

Oxe fixen un comentario do libro de Aquilino publicado en SALNÉS, pra VIDA GALLEGA. E neste número coído que sairán us comentarios meus as tres derradeiras publicacións de “Galaxia”: “LERIA”, LONXE E PERTO DE NOS i o de Castela. Por certo que en vez de remesarlle os libros a Iglesias podíadesmos remesar xa a min directamente i eu remesaría o comentario a revista. Istes libros en maus de Iglesias —dito entre nós— non coído que lle sirvan de nada. Tamén eu remesei un libro a SALNÉS. É o MAR MAIOR moi revisado i ampriado, que estivo tamén na colección “Rodríguez del Padrón”. Ista nova versión ten poemas do ano 54 ó 60.

¹ A transcripción das cartas realizouse respectando os textos orixinais, tanto no terreo ortográfico coma no morfolóxico. Só se efectuaron algunhas modificacións para facilitar a lectura e evitar ambigüidades.

² Frase escrita a man.

Os do “Galo” remesáronme a invitación. Foi unha pena que non fixeran isa esposición polo Apóstol. Por certo que me escribiu Arcadio dicíndome que ise grupo ía començar pró curso que ven unhas atuaciós teatrales. Pró mes que ven temos a Arcadio invitado a pasar us días connosco.

Saco deixounos novamente SEMPRE EN GALIZA. Eu relino nistes días. É un libro que é preciso ter. Agora anda Saleta a ler níl e está entusiamada. ¿Cómo se podería facer ún co un exemprar?

E namais. Saleta i eu remesamos saudos moi garimosos pra Isabel e pra tí. E desexamos moito ollarvos pola nosa casa. Pró Setembro prometeronnos unha casa nova do trinque. Haber [sic] si é verdade, pois a ista só podemos tragner a xente de moitísima confianza.

Unha fortísima aperta do teu sempre amigo.

Manuel María

¿Cando salen o CANCIONEIRO DE ESCARNIO? Estou impacente por lelo. Outra aperta

Monforte, 2 de Nadal de 1961

II

[Carta de Manuel María a Ramón Piñeiro]

De MANUEL MARIA

a

RAMON PIÑEIRO

Meu querido e lembrado amigo: Recibo a tua carta hai us intres e respostado a ela seguidamente. En primeiro lugar encheunos de ledicia o saber de vós i as boas noticias que nos das de todas isas publicaciós tan intresantes. O importante é facer cousas nosas.

En canto ó AUTO DO MARIÑEIRO, como che dixu Arcadio, está pra dar en CÉLTICA. Hai tempo que non teño noticias de Oliveira Guerra e non sei si començaría xa a compoñelo, pois hai que ter en conta que o derradeiro número da revista saiu polo Santiago e debe estar, coído eu, a saír o próximo. Si tedes moito intrés por íl, primeiro sodes vós, ó recibir a tua resposta escribirielle sin perder empo, pra que o suprima e dalo en GALAXIA onde me fai moita ilusión editar e onde, practicamente, non pubriquei nada. Penso que ise tomo coleitivo de teatro será unha gran cousa. Os AUTOS son vellos escritos meus que considero superados oxe. Eu propoñíavos o BARRIGA VERDE do que debes ter tí unha copia, que considero moito mellor que os AUTOS. Si ti non tes copia, ten unha Arcadio que che poide facilitar. Como as cousas que van nise tomo son de calidade, dado os autores que níl colaboran, i algunha obra —o ORESTES— que eu coñezo paréceme moi boa, non quixera que a miña colaboración desentoara, de non poder acadar o meu orixinal a categoría dos outros. Dime que che parecen istas razóns, que coído se deben ter en conta. Ti tamén coñeces o EDIPO, que é tamén unha obra premiada. Si non vos parece moito o seu testo coído que podía ir nise volume. Todo isto deixo a tua escolla. Si te decides, por fin, en escoller o AUTO DO MARIÑEIRO, comunicamo a maior brevedade pra llo decir a Oliveira Guerra.

Novoneyra estivo poucos días en Monforte. Pasou con nós un Domingo enteiro. Eu aledeime moito de velo.

Tamén lle escribin istes días a Arcadio. Anda o home impresioado polo seu libro. A cousa non ten importancia. Penso que incluso é un ben. Eu remeseille os versos que teño feitos con temas de Nadal.

A CELTA xa recibiu da censura aprobado condicioalmente o meu LIBRO DE PREGOS que pensa editar axiña coas mesmas características do libro de Arcadio.

Está en Barcelona Ramón Fernández Mato. Dime que non comunique a súa volta. Non se astreve a vir a Galicia deica a Primavera, pois tenlle medo ó noso Inverno.

Onte recibin carta de Paco del Riego dicíndome que darán o próximo ano, na SALNÉS, o meu MAR MAIOR, que estivo na colección de Cela e que reformei e modifiquei. É un vello libro ó que lle quero.

Ista tempada traballo moitísimo e non teño tempo a nada. Entre as clases i a profesión non me poido mover. Con todo aínda tiven tempo pra escribir novos versos.

Estamos deseando que fagan a lectura do EDIPO e facer unha escapadiña a COMPOSTELA. Nos derradeiros días de ano iremos pasar o ano vello i o comenzo do que ven, como de costumbre, a Outeiro de Rei. Como vosoutros acostumbrades a ir por isas datas, aledaríanos moito coincidir con vós en Lugo.

Con saudos moi garimosos de Saleta e meus pra Isabel e pra tí, recibe unha moi forte aperta diste teu vello amigo

Manuel María

III³

**[Carta mecanoscrita de Manuel María
a Oliveira Guerra]**

MANUEL MARIA F. TEIJEIRO
TELÉFONO 504
PROCURADOR DE LOS TRIBUNALES

COMERCIO, 8-3º
MONFORTE DE LEMOS
(LUGO)

31-5-64

DE MANUEL
MARIA
A
OLIVEIRA GUERRA

Meu querido e lembrado amigo: Oxe mesmo recibín a súa carta. Por ela comprobo que lle chegaron os libros de Aquilino Iglesia Alvariño e mais os números que eu lle remesei de *El Progreso*. Os libros de Aquilino deumos Isidro Conde, xuntamente co

³ Vai sen sinatura.

meu, o día 17 do pasado, mellor dito: o 17 diste mes en Compostela co encargo de que llos remesara, cousa que cumprín como ve. Isidro Conde deixou o Banco de España e vai a ir a residir A Cruña como Subdirector Xeneral dunha entidade bancaria que se creou e que se chama “Banco del Noroeste”. Creo que leva un gran emprego. Nós aledámonos moito xa que tanto il como Mercedes son dúas persoas verdadeiramente encantadoras.

Agardamos a visita que nos teñen anunciada a Monforte e queríamos saber a data certa. Tamén nos aledaríamos que trougueran consigo imprentado o novo número da “Céltiga”. ¿Será así?

IV⁴

**[Carta mecanoscrita de Juan Naya Pérez
a María Emilia Brandão Santos Teles]**

EL BIBLIOTECARIO
DE LA
REAL ACADEMIA GALLEGA

La Coruña,
9 de junio de 1964

Excma. Señora doña María Emilia Brandao Santos Teles. Oporto.–

Mi distinguida y querida doña María Emilia:

Le pongo estas líneas, transido de dolor, por el fallecimiento de su querido esposo (q.e.p.d.) y mi dilecto amigo don Manuel.

Fue una sorpresa dolorosísima. La noticia me la proporcionó la buena amiga que es Mita, que también estaba impresionadísima.

La desaparición de don Manuel es una pérdida sensibilísima de la que no nos consolaremos nunca sus amigos de Galicia. Yo le escribí a raíz de la vuelta de ustedes de Norteamérica, pero supongo que mi carta ya no la habrá podido leer. ¡Pobre amigo mío!

En nombre de mi mujer y de mis hijos y en el mío propio le expreso a usted y a sus hijos el más sincero y cordial pésame. ¡Que Dios Nuestro Señor le haya acogido e su seno!

Sabe cuánto y cuán sinceramente le quiere su siempre devoto amigo.

[Signatura]

P.D./ Le adjunto un articulito necrológico que hice y publiqué en LA VOZ DE GALICIA en memoria de su esposo.

⁴ Leva rúbrica.

V⁵

[Carta manuscrita de Dora Vázquez
á viúva de Manuel Oliveira Guerra]

Dora Vázquez
de Rodríguez
10-6-64

Sra Dña María Emilia Brandao
Porto

Miña querida señora e boa amiga doña María: Con moitísimo sentimento lín onte a *Noche* do lus, día 8, na que me sorprendeu de xeito infindo a noticia do falecemento do noso admirado e bon amigo o señor Oliveira Guerra, seu amado esposo.

Querida amiga; teña calma e resinación nesta proba tan triste a que Deus a somete, a vostede e mais ás súas fillas. Il foise, pro tras dil queda a súa obra pra vostedes e cantos amigos tivemos a dita de habelos conocido e recibir as súas mostras de poeta e bon literato, con isas outras que siñifican a presoa [sic] excelente e culta que era e o estimado amigo ben querido por cantos na Galicia fumos os seus amigos e recibimos de vostedes os mesmos afeutos.

Sabe, miña querida amiga, que pode contar co noso aprecio e amizade sempre, e que a nosa casa, coma a de Ourense cos meus pais, que vostede conoce, está co noso corazón, a súa disposición na Galicia que tanto il coma vostede gustaron de visitar e admirar, e que nela tanto se condoen —condoémonos todolos galegos —por isa desaparición tan súpeta— que tanto vacio deixa en nos, pola falta dun bon amigo, e polo corte que tantos proieutos fermosos de irmandade e cultura galaico-portuguesa tiveron que sufrir. Co noso sentimento todo, meu abrazo garimoso.

VI⁶

[Carta mecanoscrita de Alejandro Requejo Domínguez
á viúva de Manuel Oliveira Guerra]

VIGO, 11 de junio de 1964
Sra. Viuda de D. Manuel Oliveira Guerra.
PORTO.—

Distinguida Sra.:

Me ha sorprendido muy dolorosamente la noticia del fallecimiento de su esposo, querido y apreciado amigo, a quien había escrito muy recientemente, a raíz de su viaje a Nueva York.—

⁵ Contén rúbrica.

⁶ Leva sinatura.

Reciba, Sra., el testimonio sincero de muy sentida condolencia. Elevamos oraciones por su eterno descanso.—

Por correo aparte le he enviado ejemplares de “LA NOCHE” de los pasados días 8 y 9 ctes. que dedican sentidas y emocionadas líneas al destacado escritor.—

Cuenteme para lo que pueda disponer entre sus affmos. y muy respetuosamente b.s.p.

VII⁷

**[Carta manuscrita de José Díaz Castroverde
á viúva de Oliveira Guerra]**

José Díaz-Castroverde López
Maestro Nacional
Miranda (LUGO) 12 de Junio de 1964

Sra. D.^a Emilia B. Guerra
Vda. de Oliveira Guerra
Oporto

Distinguida amiga: Con mucho pesar me entero, por el “Progreso” de Lugo, del fallecimiento de D. Manuel a consecuencia de un ataque cardíaco. La noticia, como le digo, a todos nosotros nos causó gran pesar, por ser D. Manuel muy querido por toda esta modesta familia, y su desaparición supone para Galicia una inmensa pérdida.

Portugués de nacimiento, de su vida hizo una dedicación total a nuestra tierra, en la que era muy conocido por la intelectualidad gallega y muy querido por todos los gallegos que tuvimos la suerte de conocerlo y también admirado. Su obra, tan inteligentemente iniciada, no ha muerto y en el futuro la proyección de su extraordinaria personalidad, será el estímulo para el acercamiento y ¡sabe Dios! si para la fusión de las tierras ribereñas del Miño en una región, que constituía su gran ilusión.

Para nosotros, perdurará siempre el cariñoso recuerdo de su extraordinaria persona, de su bondad inteligencia y hombría de bien. Que el Señor le haya recogido en la Gloria Eterna, es nuestro mejor deseo.

Nos unimos a todos Vds. En su justo dolor y les deseamos resignación cristiana para sobrellevar esta irreparable pérdida.

Con un abrazo muy fuerte de mi esposa, más fuerte que nunca, y un respetuoso saludo de mis hijos y mío, reciba el más cariñoso y sincero afecto de sus buenos amigos que de todo corazón se unen a su justo dolor,

⁷ Vai con sinatura.

VIII⁸

[Carta mecanoscrita da Casa Galicia de Unidad Gallega
á familia de Oliveira Guerra]

CASA GALICIA DE UNIDAD GALLEGA
(Unity Gallega of the U.S.)

Ramón M. Rodríguez
PRESIDENTE

Julio 3 de 1964

Familia del Dr. M. Oliveira Guerra
“Céltica”
Rua de Pinto Bessa
Porto, Portugal

De nuestra consideración:

Enterados del fallecimiento de Dn. M. Oliveira Guerra acaecido al poco tiempo de llegar a su Patria Portugal, la Casa de Galicia de Nueva Cork expresa su sentimiento por la pérdida de tan ilustre patricio a su viuda, familia e hijos.

La noticia la cual nos sorprendió grandemente, ya que hacia poco tiempo hizo visita a nuestra casa lo que habia sido para nosotros un honor.

Con nuestro aprecio y respeto
UNITY GALLEGA OF THE U. S. (Casa Galicia)
C. Fernández Cancio Secr.

IX⁹

[Carta mecanoscrita de Sergio Peñamaría de Llano
a María Emilia Brandao de Oliveira]

Sergio Peñamaría de Llano
Alcalde de La Coruña
Procurador en Cortes

Excma. Sra. Doña Maria Emilia Brandao de Oliveira.
OPORTO.

10 de Junio de 1964.

Muy distinguida señora mia:

Ayer le he puesto un telegrama con el siguiente texto:

⁸ Ten rúbrica.

⁹ Leva sinatura.

“LA CIUDAD DE LA CORUÑA Y EN SU NOMBRE SU ALCALDE TESTIMONIA A VUESTRA EXCELENCIA NUESTRO SENTIMIENTO POR LA IRREPARABLE PERDIDA DE SU ILUSTRE ESPOSO QUE TANTO AMABA A NUESTRA TIERRA.—AFECTUOSAMENTE SALUDA.— EDUARDO SANJURJO DE CARRIACARTE.— ALCALDE”.

Al serme devuelto dicho telegrama, le pongo estas líneas para reiterarle nuestra sincera condolencia por el fallecimiento de su esposo, patriota ejemplar y espejo de caballeros.

Muy atentamente le saluda, y se ofrece de usted. s. s.

q. b. s. p.

X¹⁰

**[Carta manuscrita do Centro Cultural e Social
Luso–Galaico de Vigo a Maria Virgínia]**

**CENTRO CULTURAL E SOCIAL
LUSO–GALAICO DE VIGO**

Príncipe, 36, 5º
Apartado 709 – Vigo

Vigo, 26 Agosto 1985

Excma. Sra.
Dª Maria Virginia
Porto

Há poucos dias recebi a carta de v. xa, que me mereceu a minha melhor atenção, pois, implicou a que reflectisse sobre o seu saudoso Pai, que, para mim considero como espiritualmente vivo, e, un Amigo, pois, ademais, é o Pioneiro do Centro Luso Galaico de Vigo, assim como outras Instituições cuja finalidade é a cultura Galaico–Portuguesa.

Outra análise da Revista Celta impõe-se ao Centro Cultural e Social Luso Galaico de Vigo, promover uma homenagem ao Poeta Manuel Oliveira Guerra, julgo poder contar com a solidariedade de outras Instituições.

Dentro de poucas horas estarei em Ourense, tomando a liberdade de entregar os exemplares da Revista Celta a um meu Amigo, Presidente da Associação Amizade Galiza–Portugal, Dr. José Luiz Fontela, pois, em meu modesto entender a melhor homenagem a Oliveira Guerra, é divulgação da revista Celta, conseqüentemente o armazenamento dos exemplares desta revista é o esquecimento de Oliveira Guerra.

¹⁰ Estoutra carta tampouco leva rúbrica.

XI¹¹

[Carta mecanoscrita de J. L. Fontela
a M. Virginia Guerra]

Apartado 12-46080 PONTE-VEDRA (Galiza)
Apartado 1637 – 1700 BRAGA (Portugal)

REVISTA GALAICO-PORTUGUESA DE CULTURA

Ex. ma. Prof^a M. Virginia Guerra
Porto
Ex. ma. Professora,

Agradeço muito o envio dos livros de poemas de seu pai e manifesto a V. Ex^a que acho de grande interesse a sua sugestão. Creio também que no futuro dever-se-ia analisar o papel que a revista Célitica e também 4 ventos tiveram na aproximação lusogalaica, como outrora a revista NOS galega.

Infelizmente dessas tão importantes iniciativas culturais muitas vezes não fica notícia pelo azar político de ditaduras ou pelas dificuldades de toda ordem [q]ue sempre houve para o relacionamento dos dois povos que são uma mesma etnia, língua e cultura: Galiza e Portugal.

Fica ao seu dispor.

Com os melhores cumprimentos e saudações galaicoportuguesas,

O Director de NOS
J. L. Fontela

XII

[Carta manuscrita de Maria Virgínia Monteiro
a Gustavo Santiago Valencia]

Praia da Granja, 27-10-94

Don Gustavo Santiago Valencia, meu amigo “novo”:

Muito me alegrou a sua cartinha, pequena, mas bastante, para dizer muito: recordações, amizade, poesia...

Também as fotos me deram alegria. Bons momentos assim guardados no papel!...

Quando vem a Portugal? Espero-o e também a Madanela, a quem mando um abraço!

Junto segue um exemplar de “Célitica”. Diga-me onde, ou quando, lhe poderei entregar os restantes, para que os encontre quando vier a Portugal.

¹¹ Esta epístola, asinada, inclúe na parte superior esquerda un cuño pertencente á Xeración Nós.

Por exemplo: a Conceição poderá guardar-lhos em casa dela e entregar-lhos depois; não?...

A propósito de “Céltica”: que poderá ser feito a favor de uma difusão na Galiza? Trata-se de uma obra pioneira e é o fruto de uma grande dedicação de Manuel Oliveira Guerra, meu Pai é seu editor.

Todos prometem (ver fotocópias que junto...) mas... o senhor Couceiro, de Santiago de Compostela, prometeu estudar a possibilidade de comprar os fundos de edição [...] e estamos já em Novembro... (falta pouco...)

Saudades da

Maria Virgínia Monteiro

P. S. O “Pedrón de Ouro” não estará empenhado em fazer por Manuel Oliveira Guerra e a “Céltica” aquilo que outros (vejam-se cópias de cartas anexas) dizem que deveria ser feito, na Galiza... mas que nenhum deles se carrega de fazer? Isto é... lembrar Manuel Oliveira Guerra e a sua tarefa pioneira, que ele sozinho (ninguém ajudou a sua bolsa e ninguém o substituiu nas longas e numerosas deslocações que fez a Galiza!) em prol da realização do seu sonho: O “Círculo de Estudos Galaico-Portugueses”. As edições passou-as ele [?]

P. P. S. Mais uma pergunta: Não poderia D. Gustavo, contactar a Conselaria de Cultura, falando na Céltica? Ou isso seria feito (esse contacto) mais apropriadamente, pelo “Pedrón de Ouro”?

Nada sei. Peço me diga alguma coisa.

Desculpe-me ter escrito a “dos colores”...

Um abraço da

Maria Virgínia

***CÉLTICA*, texto facsimilar**

Céltica

**caderno de estudos
galaico-portugueses**

**o r g a n i z a ç ã o d e
o l i v e i r a
g u e r r a**

c é l t i c a

caderno de estudos galaico-portugueses

(iniciação para a formação do grupo de estudos
dos galaico-portugueses em projecto e estudo)

**o r g a n i z a ç ã o l i t e r á r i a
e e d i t o r i a l d a
o l i v e i r a g u e r r a**

rua de pinto besa, 603-telefone, 51929—porto-portugal

**colaboração literária
e artística de alguns
amigos da galiza e de portugal**

arranjo gráfico: antónio lelte

NESTE CADERNO

Ao que venho	Oliveira Guerra
O Primeiro Passo.	Lois Carré Alvarellos
Consideração sobre Arte	Barata Feyo
A Minha primeira visita a Portugal	Maria Victória Armesto
Carta a um Gallego	Oliveira Guerra
Reflexões sobre o Fado	Rebello Bonito
Norlega Varela	Hugo Rocha
O Ninfeo de Bobeda	José Luiz Castroverde
Uma doce cantiga	Bertino Daciano
El Hombre de los Pájaros	José António Novais
Impressões de Leitura.	Mário Dias Ramos
Poema para o Homem de Hoje.	Leonor de Almeida
Quem me dera unha Tenza Salvaxe	Abuín de Tembra
Poema	Mário Dias Ramos
Tentacion e Cantico en la Rita	Gonzáles Garcés
O Medo.	Celso Emilio Ferreiro

CÉLTICA

AO QUE VENHO...

Por OLIVEIRA GUERRA

...Ainda imberbe, mas ardendo em sonho alto e crepitante, o filho saiu um dia da casa da mãe para correr a sua aventura na Vida e não se pode dizer que o tivesse feito com jeitos muito cortezes, antes saiu de sobrececho turvo, olhar desconfiado, com disposições um tanto façanhudas. Deixá-lo! Ele lá tinha ou julgava ter as suas razões, que outras mais não fôsem seriam as da natural e humana aspiração à independência e liberdade, mas no fundo do coração ele era bom e digno e um dia, passados os primeiros assomos e satisfeita aquela ânsia de vida própria, os sentimentos familiares voltariam à superfície, vindos lá do fundo do sangue e do espírito, e uma boa e renovada amizade sempre igual ficaria a dourar-lhes a vida e a vizinhança pelos anos fora...

Diz-se, porém, que isso não sucedeu inteiramente assim e que o jovem aventureiro não se dispôs muitas vezes a transpor aquela velha porta materna tão conhecida para se sentar à mesa e comer as papas do antigo lar, e que, pelo contrário, lançado na vida aventureira e terrível que viria a dar-lhe fama e fortuna, foram poucas as vezes que ele se aproximou, que poz os olhos ousados no engelhado rosto materno, e que essas poucas vezes foi muito mais o egoísmo de qualquer interesse próprio o que o moveu do que a pureza duma boa ternura filial inspiradora de boas acções...

Naturalmente triste e desgostosa com essa atitude seca do filho (como se lhe não bastara a sua pobreza e humildade, as suas tristuras amargas e caladas, as suas canseiras tão duras no amanhã da sua casa, no tratar dos campos, no lidar com os gados), a mãe repetidamente lhe volveu olhares tristes e um tanto recriminatórios, de quem pedia ao menos umas palavras amigas e algum conforto sentimental. Mas o ingrato nunca se deixou comover muito por aquela súplice ternura e apenas consentiu, durante largos anos, que velhos parentes humildes e trabalhadores viessem lá da terra para as suas herdades, trabucando e colhendo algum proveito da sua riqueza acumulada e dum bem estar que chegou a ser enorme e até deslumbrante...

Mas um dia, ao cabo de muitos e muitos anos, tantos que quase se lhes perdeu a conta, aconteceu alguma coisa de novo naquela velha casa materna. Filhos ousados e iluminados por uma brilhante chama de amor

e ideal entraram de escavar o subsolo pátrio, e, topando uma riqueza incálculável e soterrada, decidiram explorá-la ardentemente, confiadamente, trazendo-a à superfície e dando-a a conhecer ao mundo. Mercê dessas forças viris há muito adormecidas, a Galisa então entrou numa fase de renascença espiritual e intelectual extraordinária. Um halo de beleza sem fim percorreu-lhe as veias, as rias, as almas, as montanhas, as cidades, os corações e começou a deslumbrar quantos disso houveram conhecimento. E como sempre, tanto agora em horas melhores como noutros tempos em tristes e escuras horas, a velha e querida Galicia persistiu em volver para nós os olhos, em deitar-nos os braços ao pescoço, em querer dar-nos o que agora tinha a troco dum pouco do que Portugal granjeara durante séculos, estabelecendo assim, desse jeito, como que uma terna, amistosa troca de valores e de Beleza, num calmo e salutar clima de boa afeição familiar isenta de qualquer veleidade, de qualquer intenção que não fosse a do fruir pura e simplesmente essa pura estima e uma carinhosa vizinhança...

Algumas vezes, do lado de cá do doce Minho que nos separa e nos prende com a sua fita de prata, se têm feito valiosas tentativas de aproximação, observação e estudo, de compreensão e permuta, mas na verdade tudo isso não bastou até agora e há muito que fazer, pois continuamos ignorando-nos, esquecidos uns dos outros, uma escassa minoria do nosso lado sabendo apenas de Rosalia (a santa Rosalia!) de Pondal, de Curros; e, do lado de lá, uma minoria não menos restricta sabendo apenas alguma coisa de Camões, de Eça, de Camilo, de Pascoais. Isso é muito pouco e na consciência do pouco que isso é e arrastado por um velho sonho que não sei donde me vem mas que é talvez de raízes ancestrais, eu quis juntar a minha pedra às pedras já colocadas pelos outros, eu quis concitar amizades, reunir corações, fazer também qualquer coisa, ainda que pouquinho, ainda que de pouca valia. E aqui estou, meus irmãos galaico-portugueses. Aqui estou com a alma a sorrir de esperança, com o peito entumescido, com as mãos estendidas e com o coração nas mãos...

...Aqui estou e a todos que queiram ajudar-me, muito e muito obrigado!

Oliveira Guerra

O PRIMEIRO PASO

Por LOÍS CARRÉ ALVARELLOS

O amábele convite do dileito amigo Oliveira Guerra, director de estes «Cadernos de estudos galaico-portugueses», ofrécenol-o conxeito de aportal-o noso grao de area a unha nobre tarefa de amor e de cultura: ao achegamento de dúas ramas irmás de un mesmo pobo, que azares de vida afastaron, e agora ao cabo dos anos, espíritos xenerosos prenos de nobre afoteza, precuran por axuntar de novo reforzando o vincallo espritoal crebado no decorrer do tempo ao través de longos anos, po-las comenenzas de homes para quens non sempre contaron os intereses dos pobos; nobre tarefa, decimos, porque temos pra nós que ao laboraren de coadun galegos de aquen e alen Miño, na procura do millor coñecemento e comprensión mútua, dan un primeiro paso que pode ser decisivo nun mañan venturoso para que a Galiza sirva de lazo de unión entre España e Portugal, como de feito o ven sendo xa hoxe ao través das coleitividades galegas entre España e as repúblicas americanas.

Para o millor entendemento entre as xentes, non hai como o se poñer en contaio, e como esa é a tención dos editores e director de estes «Cadernos», benia a eles!, que non hai razóns para que os irmáns vivan uns de costas aos outros, e o pobo portugués, irmán é, dos galegos en boa hora, sobor de todo, aquele que mora ao Norte do país veciño, onde a xeografía e o home son tan nosos, como nós somos seus: pol-a paisaxe, os xéneros de vida, os costumes e tradicións, o espírito, e a língua; o que non ten cousa de estrano, pois dende as mais recuadas edades, foron un soio pobo, o que levou ao román a facer de ele unha provincia partida en tres conventos xurídicos; e se chegou conqueril-a sua espresión política mais relevante e trascendente baixo o reino suévico, aínda despois da roiña orixinada pol-a entrada dos árabes na Península, voltou na reconquista a recobral-a sua persoalidade, até que Afonso VI de León, correndo o século XI, partiuna en dúas pra lle donal-o Norte a su filla dona Urraca, casada con don Raimundo de Borgoña, quen por disgracia para ele e cicais aínda mais para os destinos da Galiza española, morreu demasiado pronto; e coa outra parte, a do Sul, departidas amas pol-as augas do Miño, constituíu o Condado de Portugal, pra lle donar a dona Tareixa, casada con don Enrique de Borgoña, quen soubo gobernal-o seu condado con visión de futuro, e fixo de ele, o núcleo primixénio do Portugal de hoxe.

Por eso, cando viaxamos pol-a terra irmán, sentímonos na casa, e ao falar cós seus fillos, e ao ouvirmos a familia pol-as ruas das suas cidades, parécenos vivir no noso propio pobo.

Moito é o que afiuzamos n-esta sementeira, e facémol-o, porque o seu intento non é en cabo senón a continuidade de unha forza posta en movemento xa hai moitos anos, desque os homes de letras, inquedos e desintereseiros en xeneral, inizaron a tarefa de achagamento. Con-

secuencia de esas correntes afeutivas, foi o intertroque cultural entre literatos e científicos dos dous países, o interés que uns tomaron pol-os estudos dos outros, as mútuas aportazóns tratando indistintos, temas de aquen e alen fronteiras.

Na nosa librería e nas dos nosos irmáns Uxio e Liandre, son numerosos os libros e opúsculos portugueses adicados pol-os seus autores ao noso pai, como ele adicáballel-os seus: Leite de Vasconcellos; D.^a Carolina Michaelis; Xosé Xaquín Nunes; Euxenio de Castro; Xoan M.^a Ferreira; Pedro de Meneses; Xulio de Lemus; Pedro Guisado; Claudio Basto, e tantos mais. E foi a mesma causa, correspondendo á distinción de que se fixo ouxeto ás nosas figuras mais saintes, o que levou á nosa Academia Galega, dende a súa criazón, a nomear académicos correspondentes a tan numerosas persoalidades portuguesas como en ela figuran, e conta, que figuraron moitas mais, infelizmente perdidas por teren rendido o seu peito a morte.

6 Antre os galegos de hoxe, moitos temos sido honrados cò convite a compartillal-as árdegas tarefas de Congresos históricos, etnográficos e de diferentes ordes, colaborando en publicazóns de especialidades, e até nos deportes, para nos probar como a corrente abrángueo todo, aprézase a mesma tendenza a intensifical-as boas relacións fraternás.

Que seipamos, o inizo de esta nova corrente de mutua comprensión e achagamento, nasceu cò gallo da renascenza da nosa literatura provincial, a partir dos comenzos do século pasado, e con meirande intensidá ao se pasala súa primeira metade, época na que o romantismo abranguera antre nós a meirande forza e espallamento; e n-aquel tempo, bulía no noso mundo literario, un home de espírito inqueda, alma viaxeira e grande, a quen na súa condizón de precursor, adicarémolle unha lembranza con número próisimo.

A Cruña, marzal de 1960.

Loís Carré Alvarellos



*ESCULTURA DE
MESTRE BARATA FEYO*

O MONUMENTO QUE O MUNDO DEVIA CUSTEAR

Depois da arrancada que partiu de São Mamede e deveria chegar ao Algarve e por fim a Marrocos, o facto mais notável (notável para Portugal como notável para o Mundo) foi a criação da Escola de Sagres. Depois da independência e do começo da investida contra os Mouros, surgiria o começo da investida contra o grande Mar Oceano das Tormentas, surgiria o começo da descoberta e construção do Mundo Moderno. Partidos de Guimarães e chegados ao Algarve, os portugueses, postos em contacto com a civilização árabe, com a sua ciência náutica, tinham de afrontar o Atlântico e o Índico e os outros mares do mundo. Foi o encontro de duas culturas, lá em baixo, e o sonho que animava os homens vindo da velha Galisa, o que viria a determinar essa arrancada marítima ideal, científica e cristã. A História de Portugal começou em Guimarães. A História do Mundo moderno começou em Sagres. O monumento ao Infante D. Henrique devia ser erigido na Ponta de Sagres e pago pelo mundo, como preito de gratidão ao primeiro e maior Obreiro do mundo moderno.

CONSIDERAÇÕES SOBRE ARTE

Por BARATA FEYO

8

Muito se tem dito e escrito a respeito de pintura e de pintores. Não faltam por aí documentos comprovativos da afirmação. Páginas de livros, de jornais, revistas e catálogos mostram um mar de tinta que se tem gasto na matéria. Montanhas de caracteres tipográficos inundam por ano quilómetros de papel. E palavras, muitas palavras caídas, como torrentes sobre o vale das nossas lágrimas propagam ideias, umas novas outras velhas de séculos, todas porém apresentadas como novíssimas. Apesar de tudo não vejo que se tenha adiantado muito. Quando digo «não vejo que se tenha adiantado muito» refiro-me ao à vontade e até à inconsciência com que se dão por terminados os trabalhos. Não se conhecem profundamente as técnicas, particularmente a técnica da profissão amada. E o desenho que é ou devia ser uma actividade principal no campo das artes plásticas, não é exercido com a proficiência e a dignidade necessárias. Está longe de poder considerar-se excelente a relação entre a Ideia e a Obra. Só muito raros conseguem expressar uma ideia digna de apreço e fazer uma obra que mereça vencer o tempo. A confusão tem aumentado em cada dia que passa. Em cada dia que passa mais se perde a escala de valores. Não sei se é por necessidade de acompanhar o ritmo apressado da vida moderna, a verdade é que também o artista se habituou a acotovelar o seu semelhante. Poucas vezes se encontram obras de arte que atestem com evidência uma boa raiz. Há muito hibridismo, muita obra mestiça, muita ideia camuflada, muito resultado canhestro. Como algumas palavras, também certas formas e certas cores perderam o seu verdadeiro significado. Até a escala e o tamanho físico se perderam.

As correntes artísticas em voga são tantas e tão variadas que devem desorientar aqueles que começam. De resto não podemos deixar de anotar a falta de valimento que tem algumas delas. Tão depressa aparecem como passam ou se contrariam, servindo conceitos estéticos opostos. Parece que se capricha em voltar frequentes vezes ao começo, julgando-se que deste modo se chega mais espontaneamente ao fim de tudo e à glória. Tenho a impressão de que tarde sairemos do período experimental em que nos encontramos. Toda a gente sabe que o objectivo principal no campo das artes plásticas é a expressão plástica. E que esta não provém do acaso mas de uma boa e disciplinada organização de volumes, cor e ritmos. Também toda a gente sabe que o poder de uma obra reside, particularmente, nas grandes superfícies. E no entanto a cada canto vemos retalhadas essas mesmas superfícies. O geometrismo mal compreendido dá esse resultado lamentável. O realismo artístico, o idealismo e a denominada arte abstracta são expressões de ordem estética de alto merecimento. Conquistados pelo homem, em sucessivos planos de visão, eles devem ser estimados igualmente e usados com a devida ordem. Será bom que não se faça por moda seja o que for. Nas artes plásticas a moda é a maior inimiga da personalidade.

Nada mais confrangedor de que assistir ao suicídio lento dessa qualidade—pedra de toque na obra do verdadeiro artista. O clima intelectualizado e intelectualizante em que se fomenta a vida artística contemporânea, também ele tem um bocadinho de culpa. Nesse clima, um tudo nada snobe, multiplicam-se os compromissos de toda a ordem que não podem deixar de comprometer a obra.

Agora reparo que também eu acabo de concorrer para aumentar em centímetros os quilómetros de papel que referi acima. Também eu não fugi à tentação de dizer umas tantas coisas a respeito de pintura e de pintores. Mas espero ter dado a tempo pela divagação que suspendo, passando a palavra a alguns dos nossos pintores e outros artistas das gerações que melhor conheci. Eu pertenço à de 1930.—a segunda portanto. Alguns da primeira (1920) e até da seguinte, já desapareceram. É assim a vida. Tudo e todos o tempo vai substituindo a pouco e pouco. Primeiro uns, depois outros, todos passam. Pressinto que, atrás da geração dos meus discípulos, já se está a formar outra geração. Na verdade tudo passa.

Mas deixemos este assunto plangente e venham à «baila», como prometi a opinião, direi antes os desabaços de alguns dos mais notáveis elementos nossos contemporâneos.

Diogo de Macedo disse:

«A inquisição das artes foi a Academia, e as suas fogueiras—que ainda algumas ardem—são os sistemas. Há que substituir os autos-de-fé por actos de fé.

Almada Negreiros disse:

«Duas épocas tem o Desenho: a primeira, época da tentação respeitando instinto, a outra, a da correcção do instinto procurando a harmonia. Passa de sinceridade primária ou romântica à impassibilidade construtiva ou clássica, naquele mesmo sentido em que Ingres definiu a obra clássica: a que não faz rir nem chorar».

João Gaspar Simões disse:

«Um artista é grande quando é ele próprio, e tanto maior quanto mais original, mais pura, mais virgem for a sua personalidade. O que exhibir mais poderosa, natural e sinceramente estas qualidades, será o mais modernista dos artistas».

Sarah Afonso disse:

«Perante a natureza procuro a emoção. Não lhe tiro o retrato».

António Ferro disse:

«Não sei onde está a fronteira entre a forma e o espírito, entre o cenário e o drama, entre o corpo e a alma».

«Um espírito normal e saudável não pode fugir ao clima do seu tempo como não se pode fugir à luz do sol que nos queima a pele».

Carlos Ramos disse:

«Deste cáos começam a separar-se directrizes nítidas, perspectivas imprevistas».

José Régio disse:

«Regressando, pelo próprio excesso da civilização atingida, às atitudes primitivas, os Artistas modernos também não desprezam a verdadeira civilização: a lição dos séculos e dos mestres, fatalmente presente no seu sangue».

Mário Eloy disse:

«Procuro a síntese de forma. Em cada pincelada busco uma intenção cerebral. Por isso, quando pinto, gostava de ter na cabeça pinceis em vez de cabelos.

Era assim mais directa a execução da pintura como eu a quero, pois da cabeça às mãos quantas traições me desvirtuam uma execução obediente».

António de Navarro disse:

«A arte clássica gera forma, não como expressão do objecto, mas do seu plasticismo; a arte contemporânea deforma a plástica dos objectos, se for mistér, para criar-lhe a expressão formal da sua plástica subjectiva».

10

Manuel Mendes disse:

«A arte valoriza-se consoante o seu poder de contaminação, na medida em que ganha importância social».

Alvaro de Campos disse:

«Há duas formas de dizer — falar e estar calado. As artes que não são a literatura são as projecções de um silêncio expressivo. Há que procurar em toda a arte que não é a literatura a frase silenciosa que ela contém, ou o poema, ou o romance, ou o drama.

António Pedro disse:

«Pintor é aquele a quem os olhos inventam. O mais é serviço das mãos no ofício de pintar. Quando começa, só por si, chama-se jeito e não vale a pena. Quando acaba chama-se virtuosidade e é de mais. Serve quando serve, isto é: quando o que fazem as mãos não trai a invenção dos olhos por desabilidade canhestra ou inútil sabedoria. Pintor é, portanto, aquele a quem os olhos inventam e as mãos servem com lealdade essa invenção».

E disse.



R O S A L I A

VISÃO DE MESTRE
BARATA FEYO

Como me faz acionar
as minhas mãos no. poudiivo.
Mênino o o teu refaifo.
Votale em neviteño
Votaronno em aruio
nenas da riva do mar
Non pado parar o rio

AUTÓGRAFO DE ROSALIA



MONUMENTO A ROSALIA DE CASTRO, NO PORTO

OBRA DE MESTRE BARATA FEYO

CANTARES GALEGOS

X I V

*Acolá enriba
na fresca montaña,
qu'alegre se crobe
de verde retama,
meniña morena
de branco vestida,
nubiña parece
no monte perdida.
Que xira, que corre,
que toma, que pasa,
que rola, e maniña
serena se para.*

POR ROSALIA DE CASTRO

(IN CANTARES GALEGOS)

*Xa embolta se mira
n'espuma que salta,
do chorro que ferve
na rouca cascada.
Xa erguida na punta
de pena sombrisa,
inmóbil cúl virxe
de pedra se mira.
A cofia de liño
a os ventos soltada,
as trenzas descoida
qu'os aires espallan;
tendida-las puntas
do pano de seda,
as alas d'un ánxel
de lonxe semellan.
Si as brisas da tarde
xogando con elas
as moven ca gracia
qu'un ánxel tivera.
Eu penso, ¡coitado
de min, que me chaman
si as vexo bulindo
na verde enramada,
mas, ¡ay!, qu'os meus ollos
m'enganan traidores,
pois vou, e lizeira
na niebra s'esconde;*

*s'esconde outras veces
na sombra dos pinos
e cant'escondida
cantares dulciños,
qu'abrasan, que firen,
ferida de amor,
que teño feitiña
no meu corazón.*

*Qué feita, qué linda,
qué fresca, qué branca,
dou Dios à meniña
da verde montaña!
¡Qu'hermosa parece,
que chore, que xima;
cantando, sorrindo,
disperta, dormida!
¡Ay!, si seu pay
por regalo ma dera,
¡ay! non sentira
no mundo mais penas.
¡Ay!, que por tela
connigo por dama,
eu llá vestira
eu llá calzara.*

A MIÑA PRIMEIRA VISITA A PORTUGAL

Por MARIA VICTORIA ARMESTO

A primeira vez que visitei Portugal tiña un-os decesete o decioito anos.

Era aquela tamen a primeira saída da España e o corazón latíame como un pequeno paxariño medoso.

Si algun m' houbera falado do Eça de Queiroz, eu contestaríalle asin:

—?O Eça?... non coñeso...

14

En Portugal apreciei que as estradas eran mellores que na España, a xente mais educada e os leitos mais duros. Miña nai decía: «O país e mais cortes que ningún, hasta os pobriños das ruas tratanos de «Vosa escelencia».

Formabamos parte de un-a excursión colectiva e íbamos a Lisboa pra presenciar non sei que competición náutica, ese era o pretexto mais pra nos —apretadiños na nosa terra galega, separados do mundo,—salir a Portugal era o mesmo que asomarse cara a un-a Europa añorada.

Pra min Portugal era un país exótico. O acento da xente, as piñas tropicais que falaban do outras terras portuguesas alá dos mares, o café que (¡Oh maravilla!) sabía a café e as for-

mulas sociaes cheas de cerimonia e gracia.

Aquelas vellas formas e maneiras abatidas n' España por o vento cruel da guerra civile, notabamos nos como intactas e puras allende do Miño. Frente a cortesia casi chinesca de cantos portugueses con nos trataban, veíamos as nosas figuras refleitadas no espello das costumes; un-as figuriñas algo barbaras.

Visitamos moitos monumentos naquel viaxe. Pazos manuelinos, carros dorados dos reyes de Portugal, barrocos claustros, paredes de azulexos, xardíns encantados como en Cintra. Todo elo—deixando aparte os xardíns—fatigaba os meus anos novos, amigos da bulla, da samba, dos fados da Amalia Rodrigues, das ruas estreitas da vella Lisboa...

*

Ala da fronteiras española, ala dos Pirineos os homes batíanse un-os a favor da liberdades, outros a pro da tiranía. Mais no Portugal ?sentíase a guerra? Xa ao millonario Gulbenkian habíalle pasado o

berrinche que tomou cando o mayordomo d' o elegante Aviz avisouno. «Ten que deixar por unos dias a «suite», que chega o general Franco» Millonarios non tan vistosos como o Gulbenkian paseaban seus «smokings» po-las mesas de xogo do Casino d'Es-toril.

Tamen apercibin mulleres refinadas e fermosas. Algun-as eran nadas no mesmo Portugal, outras extranxeiras que a resaca da Segunda Guerra Mundial, chegou hasta as ribeiras do Texo.

A guerra pasaba tras os montes, o lexos, como na Galicia pasa a Santa Compañía, e detras dela, ficando no sangue, os cabalos fatidicos que anuncian a morte...

Portugal, no medio de un mundo en fogo, era como un xardin encantado. N' aquela, a miña primeira visita, desouvindo os avisos e premoniciones das almas piadosas, que tamen algun-as de esas viaxaban con nos n'aquel autobus, non fixemos a natural visita a Nosa Señora de Fatima e ?foi justo castigo da Madona enfurrunchada? Choveron sobre nos os accidentes e pasou un-a semana antes de que ficeramos a ruta de Lisboa a Coruña. Si ben ?pra que culpar a Santa Señora, cando o noso autobus, tan velliño, mais cuadraba o Museo de Carros que o servico do Turista.

Aprendin no viaxe de volta algun-as cancos portuguesas. Un-a de elas, «Meninas vamos ao vira ay...», nunca se me esqueceu. Aquel cantare viña

sempre os meus beixos cando andabamos moi lonxe, lonxe da nosa terra. Recordo agora haber cantado «o vira» cruzando os Rocosos e camiño do Estado de Nevada donde o diñeiro e sempre plata e os senadores gastan sombreiro baqueiro, cantaba tamen no desnudo Artico e todo o largo da fronteira ruso-finlandesa por onde pasan as solitarias troikas, recordei *o vira* frente as cavilas marroquies y era justo facelo alá ?non foron os portugueses os primeiros europeos que pisaron o continente negro?

N' aquel viaxe a Portugal tanto eu como a nosa peseta eramos mais robustas. Adelgazamos logo correndo os anos !coitadiñas! Empuxados por-o cambio favorable compramos moitas cousas que enton escaseaban na España. Vestime con un abrigo de pel de carneiro e aquela humilde pel fixome mais ilusiones que visiones o mar-tas cebollinas. Duroume moito aquel gaban lisboeta, acabei dandoll' o a un-a portorriqueña que me facia malamente os servicos de recamarera n' un rasca-cielos da cidade de Nueva York. Era aquela muller un-a toliña, como a Parrala do cantar español, gustaballe o vinho, fora verde ou fora vello, e puñase triste po-lo vinho e cantaba un-a canzon do tempo en que os españoles eran os amos de Puerto Rico:

*«Adios, adios San Juan
cachilo de cielo...»*

Bonn, Alemania Federal, marzo de 1960.

CARTA A UM GALEGO

Por OLIVEIRA GUERRA

(a D. José Diaz-Castroverde)

Meu amigo Galego:

Mais uma vez deixei essa vossa e nossa querida terra da Galisa para nos passarmos a esta nossa e vossa terra de Portugal. Mais uma vez transpuz a fronteira política e oficial que pretende separar-nos ou que nos separa apenas política e oficialmente, para termos a mor e melhor consciência de que ela, essa fronteira, não nos separa quase nada, afinal. Mais uma vez...

16

Quando há séculos os homens do Poder Político separaram estes povos, digamos melhor: Dividiram em dois este povo único e igualzinho a si mesmo, o povo único da velha Galícia e do pequeno Portugal então nascido como nação independente, foi sem dúvida cometido um dos maiores erros da história dos povos europeus, um destes erros que bradam aos céus, que não têm razão de ser, como tantos outros erros que ficam para todo o sempre e e quanto perdurarem como uma nódoa alastrando pelas páginas da História e manchando a tão proclamada sabedoria dos homens e das nações. Foi um erro contra a Humanidade, no sentido exacto do que é individual e colectivamente humano. Foi um erro contra um povo humilde, triste e bom que não fazia mal a ninguém e apenas queria viver em paz com as suas terras, os seus gados, as suas pescas, com a sua cruel vida de trabalho no campo, no monte e no mar, cavando, pastoreando e pescando. Foi um erro contra uma raça congenitamente igual, caldeada no grande e belo cadinho duma natureza não diferenciada, ao calor do mesmo fogo temperado e brando, sob o azul do mesmo céu e sob o mesmo leito de nuvens humedecentes; raça for-

mada talvez dos mesmos iberos autoctones, entretecidos mais tarde com os mesmos celtas e depois com os mesmos suevos, os mesmos visigodos e os mesmos romanos. Foi um erro contra a História que teria seguido o mesmo rumo sem prejuízos das gentes nem do mundo, antes e talvez com maior brilho e eficiência no desenvolvimento dos esforços que vieram a produzir-se para a criação do mundo actual. Foi um erro contra a Cultura que sofreu um grave colapso com a ausência, durante séculos, da parte importantíssima que seria o contributo da Galisa, esmagada e entorpecida desde a época ofuscante dos jograis e trovadores até ao feliz dia em que, bela adormecida como que por milagre acordada dum sono imenso, renasceu e voltou à vida do espírito. Foi um erro contra a ética dos povos, contra a decência das nações, contra o decoro do mundo. Foi um erro contra a consciência e contra a justiça...

Meu querido irmão de raça:

...Mais uma vez rolei pelas vossas maravilhosas estradas coleantes, sentindo, vendo e ouvindo latejar à minha volta a vossa Natureza verde, húmida, túrgida, relvosa, bubérrima, pletórica de encanto e de fatura, a vossa natureza de ondulação larguíssima, de montanhismo impetuoso e oceânico umas vezes, outras vezes miúda, campesina, menineira, mimalha, de pequeninos quadros enternecedores, e ainda outras vezes de vastas lonjuras aquáticas, de enormes extensões líquidas óra alegres sob o sol vivo ora penumbrosas por entre a vegetação bordejante e pendente, mas sempre, em todos os casos, prenehe de embriagante lirismo...

...Mais uma vez eu vim atravessando, quase sempre sob camadas de nuvens cinzentas, criadoras de oiro nas terras e de beleza na luz, as vossas típicas, gostosas cidades interiores e ribeirinhas; umas enlaçadas pelos braços de velhas muralhas carinhosas, sobre lombadas de montes e serras, outras aconchegadas nos leitos fofos, macios, de extensos vales preguiçosos; umas erguidas sobre penhascos iriçados e batidos de ondas encapeladas, outras reclinando-se molemente em suaves encostas à beirinha de rias adormecidas...

...Mais uma vez eu vim atravessando vilórias aninhadas entre montes, alcandoradas nos altos e estendidas nas praias, às vezes com o seu castelo à ilharga e sempre com o seu campanário e o seu solar senhorial... Mais uma vez eu vim atravessando as pequeninas aldeias dispersas no interior serrano e no recortado litoral, sonolentas, silenciosas, extáticas, na doce paz do Senhor, à sombra da torre sineira e de duas ou três copadas frondes...

...Mais uma vez eu me detive, emocionado, diante dos vossos monumentos multicentenários, civis, militares e religiosos, tão cheios de história, de lenda, de tradição e de poesia, às vezes tão cheios de nobre e austera simplicidade e outras vezes tão delirantes de barroquismo, penetrando com respeito, como que a medo, nos seus recintos místicos e heroicos, fossem catedrais e igrejinhas humildes, fossem castros e muralhas... Mais uma vez parei deliciado diante de tantas e tantas casas bonitas, cheias de tipicismo, carácter e poesia, casas grandes, nobres e armoriadas, espalhadas por cidades e terreolas, casas cidadinas, burguesas e aristocráticas, casinhas pequenas e aldeãs, às vezes dum rusticismo encantador, umas com largas varandas envidraçadas à corunhêsa, outras com apetitosos alpendres assentes sobre pilares de granito, escadas exteriores de acesso, balcões e janelas peçados de vasos floridos e trepadeiras, com telhados de lousa escura e telha vermelha cobrindo as quadras da família e os estábulos do gado em fraterna, franciscana comunhão... Mais uma vez gostei de passar sobre pontes velhas, de jeito românico, de calcurriar pedações de antigos trilhos, de ver panos de muralhas e torreões às ve-

zes dando pedras musgosas para as construções dos aldeãos, de encontrar sarcófagos de granito enterrados nos caminhos e servindo de bedouros às rezas, de visitar cemitérios melancólicos, de fotografar ingénuos cruzeiros, de pisar lagedos gastos e degraus escorreguentos, de confrontar *hórreos* e currais e de ver, enfim, arcos partidos, campanários tombados, retábulos empoeirados, rústicos altares, imagens saborosíssimas postas de lado, torres sem sino e sinos sem badalo, alpondras nos rios, cruces mutiladas, pedras de palácios incrustadas em cabanas, inscrições sob musgos e o musgo cobrindo tudo poéticamente, num mundo deslumbrante de pedra velha, de bellissima e nobilíssima pedra negra e patinada...

Meu compatriota de além Minho:

...Mais uma vez eu vim revendo em sonho e com ternura a vida humana, rática, social, étnica, ética, política, espiritual, religiosa, estética, folclórica dessa Galisa finisterra, isolada, narcisada, ensimesmada, virada para dentro desde antanho e arrancada um dia do seu sonho de séculos e de névoa pelas barulheras cruzadas e pelos romeiros do mundo demandando o Apóstolo... Dessa Galisa de litoral dinâmico e de extático interior, heroica e resignada, dependente e liberta, tranqüila e buliçosa, calada e gritante, lírica e prosaica, maliciosa e cândida, esmagada e invencida, sofredora e contente, humilde e altiva, rude e delicada, mística e pagã, frágil e rija, tímida e valente, passiva e activa, contemplativa e enérgica, prática e sonhadora, plebeia e nobre, servidora e senhorial, tristonha e alegre, calma e frenética, sóbria e glutona, sensual e pura, recolhida e festeira, estoica e suave, realista e visionária, calada e comunicativa, parada e laboriosa, receosa e audaz, atrevida e prudente, ingénuo e astuta, surombática e risonha, singela e paradoxal, austera e maliciosa, desconfiada e hospitaleira, sorna e satírica, arcaica e moderna, franca e dissimulada, que tudo isto encontramos numa inexgotável e maravilhosa multiplicidade de aspectos psicológicos... Dessa Galisa dada à vida recolhida de místicas e cismáticas interioridades, de poéticas abstracções, de saudosismo e «morriñas»,

e, ao mesmo tempo, à plenitude exterior da vida, da mesa, do vinho, do amor, da dança, do canto, das romarias, no manifestar duma alma predisposta para a contemplação abismática do mais além e duma natureza terrena preñe de recônditas e latejantes energias pagãs e humanas... Dessa Galisa vivendo na paixão da velha justiça romana, na religiosidade wisigótica, na ancestral evasão céltica (evasão espiritual que é também física e migratória), num cultivo de ritos e num respeito de preconceitos raciais e sociais que sugerem formas existentes para além da memória dos homens, numa prática (dizem que aqui e além verificada) do naturalismo do amor e num culto familiar dos mortos que sobrepassam a espessa carcassa de civilizações amontoadas e sobrepostas...

...Mais uma vez eu vim escutando essa Galisa de fala galaica ou castelhana, musical, mimada, cheia de meiguice e ternura para os nossos ouvidos de estranhos (não estrangeiros...) que é um bilinguarejar celestial e que, no que respeita ao incodificado galego, tendo sido «decomposto da velha unidade latina e construído sobre uma trama de origens confusas, visíveis sobretudo nos topónimos, mostra claras reminiscências ligures, célticas e germânicas», como diz um escritor galego dos nossos dias... Essa Galisa que nos revela, pelo encantador atropelo gramatical dos «castrapos», o abandono total em que esteve a sua língua, entregue nas mãos do Povo, seu fiel guardião e inconsciente conservador através de séculos... Essa Galisa em que os homens vão lutar pela vida para longe (*lonxe... lonxe...*) e em que as benditas mulheres suas mães, consortes, filhas, irmãs, ficam como que exercendo um natural e tradicional matricaricado de raízes distantes e preservantes, o espírito feminino dominando heroicamente os horrores da vida na ausência de maridos, pais, filhos, irmãs, lavrando a terra, olhando pelo gado, cuidando dos filhos e deles fazendo homens para migrarem depois também a enriquecer terras alheias... Dessa Galisa em que não somente a vida doméstica e rural, mas também a vida superior do espírito, a vida intelectual, é grandemente obra de mulheres, porque enquanto umas mantêm a casa e cultivam a horta, outras

criam riqueza através as Artes, as Letras, a Filosofia, a Poesia... Essa Galisa encantadora, fascinante... Essa Galisa imortal, dentro do limitado sentido de imortalidade das coisas humanas, dos povos e das nações...

Meu amigo distante e próximo:

...e já que falamos de Cultura: Eu gostei como sempre de vir por aí abaixo meditando sobre a vossa Cultura arcaica e moderna; pensando nos Cancioneiros que são vossos e nossos, nos nossos comuns jograis e trovadores, criadores duma fraterna riqueza de raro fascínio; doendo-me ao considerar os obscuros anos de inércia e abandono que foram uma longa noite apagada, sem estrelas, do vosso céu; sentindo-me deslumbrado com o maravilhoso ressurgimento que de súbito, a partir de Xuan Manoel Pintos e servindo-vos duma linguagem há tanto tempo abandonada ao Povo, seu guardião, vós levasteis a efeito, modelando uma língua novamente literária, procriando e dando à luz uma Poesia novamente maravilhosa, lavrando uma Prosa magnífica, erigindo Arte e sublimando o Espírito, num prodigioso aumento de riqueza para a nossa Cultura comum e dando-nos nomes que vêm desde Rosalia (a santa Rosalia), Curros Henriques, Pondal, Conception Arenal, Pardo Bazan, Murguía, até aos que nos nossos dias e em redor de Cabanillas, Otero Pedrayo, etc., passaram a constituir brilhantes galaxias no firmamento lírico-intelectual peninsular, latino, universal...

...e já que falamos de Cultura: Tendo lido glotonamente, impacientemente, jornais, revistas, opúsculos, livros e tudo quanto me veio parar às ávidas mãos, eu vim por aí abaixo meditando sobre o rico e vasto (embora não muito plurifórmico) conteúdo intelectual, sensível e humano de tudo quanto li, tudo repassado e envolto de intensa emoção lírico-subjectiva, tudo preñe de verdade e florindo umas vezes num barroquismo fascinante e outras vezes fluindo como linfa pura e fresca das nascentes das montanhas, e, vamos lá: não sei quando mais sedutor, se no barroquismo Pedrayesco cintilante de lantejoulas, se na veia Rosaliana cantando

como o povo, com a voz do povo e para o povo, mas sempre e em qualquer caso e depois da mudez quase completa de séculos brilhando milagrosamente com o adorno de milhentas pérolas, formadas, enrijecidas no grande mundo oceânico criador, ora manso ora inquieto, ora transparente ora opalino...

...e já que falamos de Cultura: Eu vim analisando para mim mesmo essa literatura romântica e moderna, absorvida românticamente e realisticamente da própria língua (a própria língua servindo de objecto vivo dessa literatura e não apenas de seu instrumento musical e expressivo) arrancada da tradição, bebida da alma do povo, haurida da natureza, amalgamada em lenda, esculpida em sentimento, diluída em sonho... retrato verbal e psíquico do povo ou cópia do seu retrato, retrato feito para o povo a quem se deve e de quem foi formada, que vo-la deu e a quem a deveis e destes, que nela nasce e vive e chora e canta e ri e grita e reza e ama e sofre e morre...

...e já que falamos de Cultura: Eu vim analisando ensimesmado esse lirismo finisterra, céltico, meditativo, saudosista e perdido no além das coisas, dos horizontes visuais; humuroso e escarninho, terrivelmente satírico; ou ainda dramático e trágico, de lances profundos... lirismo feito do isolamento do cabo do mundo europeu, do convívio familiar dum povo que goza o seu isolamento em família, da saudade de algo que não se sabe o que é, da alegria pagã dum rincão que foi feito só para ele, da «morrinha» que mata e da alegria que retempera e equilibra, de chagas e tristuras, na ampla exteriorização de vida sorvida a largos haustos... tudo isto numa mutação contínua e misteriosa e desconcertante de sentimentos e emoções e atitudes...

Meu amigo de todos os tempos, antigo, presente e futuro:

...Mais uma vez gostei de ver as vossas gentes, uns pequenos, morenos, de olhos, pele e cabelos ibéricos e outros altos, espadaudos e brancos, louros ou ruivos e de olhos claros, por vezes sardentos, revelando as longínquas intromissões sanguíneas célticas, talvez a globulagem

wisigótica e sueva, desses bárbaros chegados em torrente e depois conquistados, amansados pela doçura dos autoctones e pela religião de Cristo e pela beleza das terras e pela civilização encontrada; gostei de os ver a eles com a sua boina pequena no cocuruto da cabeça, a elas quase sempre muito modernas, quase sempre postos de banda os lindos trajés típicos, e muitas, muitas vezes constituindo autênticos exemplares de beleza, estampas de bellissimas plásticas e feições corectas, fortalhonas de bustos levantados como que em desafio a mãos atrevidas e gulosas... eles e elas votados ao campo e à pastorícia, lavrando a terra, cegando a erva, malhando o trigo, o centeio e o milho, guardando os gados, ordenhando tetas, matando o porco, cosendo o pão, fazendo o caldo e cozinhando os apetitosos piteus da opulentíssima e famosa culinária galega em que é Rei Sua Magestado o *cerdo*...

...Mais uma vez gostei de ver esses lavradores, pastores, pescadores, artesãos e donos de comércio nas suas terras, que são vendedores de rendas, amola-tesouras, carreções, aguadeiros, moços de hotel e de cafés, hoteleiros e comerciantes em Portugal, aventureiros, comerciantes e tudo o que calhar nas Américas, ingénuos e finórios, alegres e tristonhos, humildes e dignos, reservados e garrulentos, sóbrios e comilões, abstémios e bebedores, calmos e inquietos, felizes e desgraçados, práticos e sonhadores... emigrantes decididos e ausentes saudosíssimos, conservadores dos seus usos e adaptáveis aos meios alheios... agarrados com a família à boina, às «madreñas» e aos «pañuelos» e ao mesmo tempo consentindo o verniz de unhas, o baton e as modas ousadas... mantendo-se graves e estáticos, no seu ensimesmamento, olhos perdidos na bruma e no sonho, mas reviravoltando ao som da feiteira gaita galega e do pandeiro na «Muñeira» ou na «Ribeirana» ou bailando então ao som das mais desastreadas orquestras americanas que tudo invadiram...

Meu amigo de coração:

...Mais uma vez deixei essa vossa e nossa terra da Galisa para me passar a esta nossa e vossa terra de Portugal. Mais uma vez transpuz a

fronteira política que pretende separar-nos ou que nos separa apenas política e oficialmente, para termos a mor e melhor consciência de que ela, essa fronteira, não nos separa quase nada, afinal...

...Mais uma vez deixei a Pátria da minha Pátria, a Pátria donde um dia se destacou o pequeno país que a partir de Guimarães e numa arrancada heroica, até ao Algarve, expulsou os Mouros, para dali, com olhos célticos no mais além, investir pelos mares e dar assim começo à construção do mundo de hoje, do nosso mundo actual que à alma e aos braços célticos, à Galisa de além e de aquém Minho, digamo-lo ousadamente, deve os fundamentos ou as primeiras pedras...

...Mais uma vez saí da Corunha, da linda Corunha pousada como branca pomba à beira-mar, atravesssei Santiago, onde hei-de morrer

um dia ouvindo os passos das gentes noturnas calcurreando a Rua del Vilar, estive extático, diante da Igreja de São Domingos, em Pontevedra, detive-me, embebecido, frente às casinhas adoráveis de Redondela, mergulhei os olhos arrasados de sonho nas águas de Vigo, com a luz do Sol morrente beijando-as como o meu olhar melancólico... mais uma vez quis guardar debaixo do casaco a vilasinha de Porriño e traze-la para mim, para minha casa... mais uma vez cheguei á fronteira, à margem do nosso querido e comum amigo, o rio Minho, e mais uma vez me apeteceu chorar, chorar de raiva, do saudade, de tristeza e de ternura...

...Mais uma vez eu vim cheio de saudade, a morrer de saudade...

Porto, Setembro de 1959.

Oliveira Guerra

REFLEXÕES SOBRE O FADO



Por REBELO BONITO

Pessoas que conhecem o meu interesse pela música popular têm-me perguntado se o chamar-se ao Fado «canção nacional» não representará força de expressão ou exagero de temperamento latino, que tem de lamentável o induzir em erro os mais desprevenidos.

A esses tenho eu dito que tudo depende da posição do observador. O Fado merece classificar-se de autenticamente português, assim como o Samba e o Frevo se classificam de autenticamente brasileiros, embora, em sentido lato, nenhuma dessas canções, nem lá nem cá, seja rigorosamente «canção nacional».

O Fado de Lisboa—e é a esse, sobretudo, que os perguntadores pretendem referir-se—representa «fenómeno nacional» visto de fora para dentro e «fenómeno local» visto de dentro para fora. Quer dizer, um estrangeiro reconhecerá que o Fado de Lisboa é mesmo de Lisboa, e Lisboa é mesmo Portugal; mas, por outro lado um minhoto, um trasmontano, um beirão, teimarão a pés juntos que o Fado de Lisboa é só de Lisboa, e Lisboa não é o país inteiro.

A repugnância por parte dos portugueses cultos, intelectualmente equilibrados e moralmente sãos em aceitarem o significado de «nacional» atribuído ao Fado de Lisboa provém, sobretudo, de não se conformarem nem com a impropriedade dos termos nem com a afirmação, tantas vezes levemente repetida, de que ele reflecte o que há de verdadeiramente específico na etnia do povo português. Ora, essas pessoas muito bem sabem que o Fado de Lisboa reflectia, quando simples Fado da Mouraria e Alfama, o viver e o sentir da escumalha social que frequentava tabernas e alcoices.

Antes de me apaixonar pelo estudo das artes rítmicas populares tendia eu a enfileirar ao lado dos que olhavam o Fado com pouca simpatia, dadas as razões apresentadas. Preferia-lhe outra música; todavia, perfeitamente admitia nos outros o direito de gostarem, se isso lhes aprazia. Depois, aprendi a distinguir.

Quando se diz Fado, toma-se a parte pelo todo e entende-se Fado lisboeta. Ai é que está o erro. Por melhor conhecer, fui eu levado à distinção entre Fado de Lisboa, Fado de Coimbra, Fado do Ribatejo e canção rural fadográfica, filiada à estrutura musical que gerou a fórmula melo-rítmica do Fado. E essa estrutura é nem mais nem menos que a da Chula.

Foi Gonçalo Sampaio quem primeiro «sentiu» que a estrutura melódica primitiva, na qual se geraram Fados e outras canções de tipo idêntico, devia pertencer ao acervo da canção popular, e viu nas Cantigas do S. João o modelo que buscava.

A tese de Gonçalo Sampaio, certa na base, não explicava todos os atributos que o Fado tem ou teve, isto é, as Cantigas do S. João não servem para despiques poéticos, nem para bailar, nem possuem elementos melo-rítmicos que expliquem a fórmula acompanhadora da guitarra. Em compensação, não é possível negar que todos esses atributos vivem na Chula. No que respeita a antiguidade relativa, nenhuma referência literária ao Fado é anterior aos princípios da século XIX, enquanto que da Chula já o P.e Manuel Bernardes falava, dizendo, em pleno século XVII, que não deviam tolerar-se nas igrejas «Chulas, Sarabandas e outros tonilhos do teatro profano». Por outro lado, pode demonstrar-se que o tema melódico da Chula—popularizado num motete francês dos século XIII-XIV, aproveitado por Hans Sachs no século XVI, tratado polifonicamente por João Walther numa Glória de missa e depois utilizado na composição de corais luteranos—gaba-se dum aliciancia que os mais optimistas e mais imaginosos não ousam estabelecer em relação ao Fado.

A Chula tem dado origem a canções de três espécies—umas afins do seu estribilho instrumental, outras inspiradas na sua canção estrófica, e outras partilhando dos dois aspectos—o estrófico e o instrumental. Os mais típicos Fados do Ribatejo, por exemplo, patenteiam o dualismo vocal e instrumental da Chula, e servem tanto para cantar como para tocar e bailar.

O primitivo Fado da Mouraria e Alfama derivou da fórmula estrófica da Chula, mas sistematicamente em modo menor, dolente, quando a Chula é sistematicamente em modo maior.

Os Fados que se cantavam outrora por Coimbra eram uns em modo menor e outros em modo maior, estes afins do Fado do Ribatejo e aqueles mui próximos parentes do Fado da Mouraria.

As canções rurais fadográficas reflectem um só ou os dois aspectos melo-rítmicos da Chula. São umas em modo maior e outras em modo menor, quando não em modo maior a primeira parte e em modo menor a segunda. Quando participam dos dois aspectos, a fórmula estrófica precede a instrumental, e esta serve para o estribilho poético ou para exclamações onomatopaicas.

Os Fados de Lisboa e Coimbra são hoje muito diferentes entre si, e uns e outros algo diferentes da Chula. Na origem não existiam essas diferenças. Então, a meu ver, o Fado talvez já tivesse musicalmente a forma e ainda não tivesse o nome que tem. Levado para o Brasil, ali sofreu a influência negroide quer na coreografia quer no estilo de interpretação. Caído nas alforjas, marinheiros e escravos negros restituíram-no à Metrópole, depondo-o nos bairros da Alfama e Mouraria. Daí saltou para as Revis-

tas do ano; e, bafejado pela sorte, agora se canta por «Tendinhas» e «Solares». (1)

O Fado de Coimbra evoluiu noutra sentença. Sem perder o ritmo fundamental chulo-fadográfico enriqueceu-se musicalmente e passou a ser interpretado num estilo inspirado nas regras do *bel-canto* italiano. É modulante e tem ar de balada romântica.

O Fado do Ribatejo não se afastou muito da canção que lhe deu origem; por isso, em meu entender, é o Fado mais português. Mantém-se folclórico, além disso, ao contrário do que sucede com os Fados de Lisboa e Coimbra. Para desafios poéticos e para bailar também serve. Bem analisado musicalmente, vê-se que se apresenta sob três aspectos, todos eles na base de duas partes. No tipo mais genuíno, uma das partes processa-se em movimento rápido, tal o estribilho instrumental, e a outra em movimento lento, tal a canção estrófica da Chula. A ordem não conta, isto é, o movimento rápido pode surgir antes ou depois do movimento lento. No segundo tipo, ambas as partes são de movimento lento e derivadas da canção estrófica da Chula. Julgo que este tipo existe por influência do Fado da Mouraria, mas sem a sistemática subordinação ao modo menor. O terceiro tipo, que é o menos corrente, também tem duas partes de movimento lento, mas reflectindo o estribilho instrumental.

*

Coreograficamente, na sua qualidade de produto derivado da Chula, o Fado teria começado por ser bailado de forma muito semelhante à canção de origem. Depois, afastando-se da coreografia original, assimilou a expressão coreográfica dos meios onde se fixou. No Brasil, influenciado pela estesia negroide, abateu-se, tornou-se lascivo, sensual. Ainda o vi bailar um pouco assim, no termo de Vila Real de Trás-os-Montes, há uns bons cinquenta anos. Essa teria sido igualmente a feição da coreografia fadográfica pela Mouraria e Alfama, quando o Fado era por lá «batido». Em Coimbra nunca o Fado terá sido bailado. No Ribatejo, única região do país onde ainda se dança o Fado, segundo julgo, a coreografia podemos considerá-la sincrética — participa de Fandango (movimento dos pés), de Vira minhoto e de Chula duricense. Os elementos gramaticais destas danças, associados aos das danças românticas de salão do século passado, dominam, de resto, todo o panorama coreográfico ribatejano, no qual só o Fandango é puro. Outrora, também nas salas se dançava o Fado, mas com passos de Tango, melhor dizendo, dançavam-se Tangos com músicas de Fado.

O Fado, musicalmente considerado, não é filho da Modinha e do Lundum, e, na sua mais lata expressão, de afro-brasileiro terá muito pouco. O Lundum é, na verdade, um produto originariamente brasileiro, mas derivado da Chula, como Verdes Gaios, Canas Verdes, Farrapadeiras e outras coreias tradicionais.

O Fado da Mouraria, que deu o actual Fado de Lisboa, tinha de afro-brasileiro a coreografia e a dolência do estilo de interpretação, que este podia ter sido influenciado, efectivamente, pela Modinha pré-romântica.

Eu julgo que é pelo lado poético que se deve procurar quer a idade aproximada do Fado quer a razão de ser do nome que tem.

A avaliar pelo que se passa com as demais canções do folclore português, o título de fado começou por ser aplicado a um determinado tipo de composição poética e só mais tarde passou a designar um determinado tipo de composição melódica. Na canção popular sempre para título se elege a palavra mais incisiva duma das trovas, a que, por assim dizer, melhor sintetiza a ideia temática, ou a mais significativa do estribilho, se a canção é refranesca. Para que surgisse uma canção com o nome de fado forçoso se tornava que a palavra «fado» houvesse emprego sistemático e fosse, do mesmo passo, ideia dominante de texto poético. Ora, foi no século XVIII e na poesia dos Arcades e seus epígonos, que a palavra «fado» alcançou emprego sistemático e, por fim, a popularidade. Os poetas desse tempo ora ligavam à palavra o sentido de «destino» que ainda hoje se lhe atribui, ora lhe conferiam poder de representação mítica e com ela pretendiam simbolizar uma espécie de divindade inferior, susceptível de presidir às máguas e aos infortúnios individuais. Correia Garção, Reis Quita, Filinto Elísio, Elpino Duriense, José Bonifácio Andrada e Silva, Bento Luís Viana, e outros, empregaram corrente e repetidamente a palavra «fado» ora num ora noutra sentido. Bocage, talvez por ter sido o poeta mais genial e mais infeliz do seu tempo, mistura «fado» com lamentos, ciúmes, ideias funestas. No soneto «Qual avaro infeliz» sente-se o clima psicológico favorável à produção duma série de composições típicas que viriam a ser conhecidas pela designação comum de Fados. Também aquela sua cantiga a que pôs o título de «Ciúme» possui todas as características da canção lamentosa, fatalista, que viria a dar o tom das que mais tarde surgiram e a que se deu o nome de Fados. Bento Luís Viana, discípulo de Filinto Elísio, deixou-nos umas trovas pessimistas que ainda hoje podia qualquer fadista cantá-las à guitarra. A cantiga «Os meus dias desgraçados», aliás de fraco valor poético, reveste-se, no nosso caso, de grande valor documental. Diz assim:

*Longe da querida Pátria,
Entregue ao rigor do Fado,
Entre mil tormentos passo
Os meus dias desgraçados.*

*Da sorte no sacro livro
Meus dias estão marcados;
Oh que males me prometem
Os meus dias desgraçados!*

*Os esforços que fizeres
Te serão, enfim, baldados;
Quais agora, serão sempre
Os teus dias desgraçados.*

*Eis os sons que assíduo escuto
A génios mil no ar librados;
Tudo me demonstra, enfim,
Os meus dias desgraçados.*

Em meu entender, do que fica exposto julgo ser lícito extrair-se as seguintes conclusões:

- a) Musicalmente, o Fado é português e deriva da Chula.
- b) Literariamente, e na sua forma clássica, o Fado é português e deriva do fatalismo poético pré-romântico setecentista.
- c) Coreograficamente, é português o Fado do Ribatejo e afro-brasileiro o antigo Fado da Mouraria e Alfama.
- d) Pelo que respeita ao estilo de interpretação, o Fado de Coimbra é português mas influenciado pela arte do *bel-canto* italiano; o Fado da Mouraria era um misto de português, brasileiro e negroide.
- e) A palavra «fado» começou por se aplicar a um determinado tipo de letra e acabou por designar um conjunto de letra e música, ou só um determinado tipo de música.

E, para concluir, sempre direi que as presentes «Reflexões» talvez façam cair sobre mim um mundo de contraditores, mas eu só hei-de acreditar nos que conhecerem e tiverem estudado musicalmente mais de 4.000 canções do folclore português. (2)

NOTAS

(1) O ambiente destas exhibições foi magistralmente descrito pelo poeta Oliveira Guerra, no soneto:

*A Amália cantou bem aqueles Fados
feitos de spasmos lânguidos, compridos,
que são nem mais nem menos que bocados
dum coração de hstérica em gemidos...*

*Estavam muitos homens arranhados
por esses golpes seus, bem desferidos,
e os corações das damas conturbados,
pulsando angústias mil sob os vestidos...*

*E toda a sala estava prevertida
pelo medonho espírito da vida
de alfurjas e velas ao luar,*

*de amores brutais, de facas assassinas,
de pragas e marujos e meninas,
e fatalismos mórbidos, sem par...*

(2) O presente artigo foi elaborado a partir da entrevista radiofónica concedida aos Snrs. Dr. António Parreira e Vitorino de Sousa para o Programa «Conversando com...», da Emissora Nacional Portuguesa.

NORIEGA VARELA

UM POETA DA GALIZA E A GALIZA DUM POETA

POR HUGO ROCHA

26

Não cheguei a conhecer em pessoa Antonio Noriega Varela. O poeta de Mondoñedo, que morreu, não há muitos anos, entre a paisagem lírica de que foi o lírico intérprete, ficou sempre à margem dos meus itinerários na Galiza. Não porque o seu nome não me ocorresse à memória ao passar pela sua região natal, em saudosas viagens que não me consentiram lazeres para bem lhe gozar os sedutores aspectos, sim porque me era, então, defeso qualquer desvio da traçada rota, pois Mondoñedo não passava—ai de mim—dum ponto, embora de acentuado relevo, no percurso entre isto e aquilo. Contudo, nunca me perdoei não ter ido, de propósito, à minúscula e vetusta cidade da província de Lugo, para travar relações directas com o professor do ensino primário que as Musas haviam bafejado com o sopro divino da Poesia. Agora, quando o corpo desfeito de Noriega Varela, por certo, se misturou com o humo da sua terra natal e engrossou, talvez, a seiva das árvores que o sombreiam, o mais que a Providência me permitirá será visitar-lhe o túmulo e, ali, no sossego provinciano do fúnebre jardim, recitar, baixinho, algumas das suas redondilhas imortais...

Nada direi, pois, do homem—que não cheguei a conhecer. Diga-o, por mim, outro poeta, que é, também, biógrafo daquele e a quem se deve a quarta edição—suponho

que a definitiva—do livro de poesias de Noriega Varela «D'o Ermo». Com efeito, no seu estudo intitulado «Notas para una interpretación del poeta Noriega Varela», Francisco Leal Insua, que presidiu à comissão promotora da homenagem galega ao poeta de Mondoñedo, escreveu, quando o seu biografado ainda era deste mundo: «Su presencia es acogida en todas partes con satisfacción: conversador ameno, hombre de cuidadas maneras, benévolo en demasía para cuantos noveles se le acercan, recitador excepcional, delicadísimo con los niños, deferente con los ancianos, ceremonioso con las damas, siempre ocurrente, siempre amable... Ésas son algunas de las cualidades humanas de Noriega Varela, aunque no faltara quien haya intentado en mala hora, por chiste de más o menos, presentarlo como a un zafío».

Este retrato moral do vate mindoniense, embora apenas esboçado nos contornos, mostra Noriega Varela como um homem normal, correcto, atraente, perfeitamente em relação com os seus atributos de poeta. Nada há, na verdade, em tal retrato moral, que não inculque a boa pessoa, rigorosamente mensurável pela craveira das pessoas de bem a quem a sociedade, por via de regra, não regateia os seus louvores. Francisco Leal Insua, que bem o conheceu e muito o admirou, apresenta-no-lo, não só como

uma excelente criatura, do mesmo tipo de tantas excelentes criaturas que todos conhecemos e admiramos, mas também como uma pessoa fina, suficientemente dotada daquelas qualidades que são, por assim dizer, inerentes às pessoas finas, ainda que não se trate de autoras de versos. Ora em Noriega Varela, além ou, melhor, acima de todas aquelas qualidades de boa pessoa e de pessoa fina, há a considerar a qualidade de poeta, que o tornava particularmente interessante para os que o conheciam e admiravam. O homem Noriega Varela era, sem dúvida, digno de todo o apreço, mas o poeta Noriega Varela sobrelevava-lhe em valia. Se aquele merece respeito e simpatia, este merece ternura e culto.

Biograficamente, não há muito que dizer de Noriega Varela. Na simplicidade provinciana da sua vida não se enxergam factos de extraordinária monta. Nascido em Mondoñedo a 17 de Outubro de 1869, cedo entrou no seminário local, de que foi aluno meritório. O múnus eclesiástico, porém, não era a sua vocação nem o seu destino, neste mundo enganoso. Parece que se dava à poesia satírica, tendo por alvo predilecto os mestres, e que estão não engraçavam muito com as travessuras literárias de juvenil seminarista. Desinteressado dos estudos eclesiásticos, tomou novo rumo na sua vida discente e fez-se aluno da escola do magistério primário, onde não tardou a revelar as suas tendências pedagógicas. Diplomado, colocou-se, como professor, em 1901, na vila marítima de Foz, na sua província de Lugo. Em 1902, contraiu matrimónio, ali, com Ramona Bello Mariña, finada em 1913. Dessa esposa houve seis filhos, dos quais parece não restarem mais que dois, ambos do sexo feminino, se ainda vivem os que viviam à data da publicação da quarta edição de «D'o Ermo»,

a cujas notas biográficas me reporto. Um ano depois, em 1914, na mesma terra onde a primeira fechara os olhos para sempre, Trasalba, na província de Orense, Noriega Varela comparecia perante o altar, com a segunda consorte, Dorinda Almansa Vázquez, de quem teve sete filhos, dos quais quatro varões e três fêmeas. Como se vê, o poeta cumpria à risca o preceito cristão da multiplicação dos seres humanos e assim se explica porque o sacerdócio católico não era do agrado deste multiplicador de rija cepa... Além da de Foz, Noriega Varela foi professor das escolas primárias de Calvos de Randín, Trasalba, La Graña de Villarente, Chavín. No fim e ao cabo de quarenta anos de serviços ao Estado, obteve a reforma e passou-se, com a família, para León, onde, por pouco tempo, estanciou, voltando para a sua Galiza e fixando a residência em Vivero, também na província de Lugo, onde, na doce paz doméstica, lhe terminaram os dias. Este escorço da biografia do homem que não quis vestir a sotaina e traçar o mantéu, preferindo à Igreja a escola primária e às ladainhas em latim as estrofes em galego.

Vejamos, agora, o poeta. Seminarista ainda, Noriega Varela já publicava o produto das suas lucubrações. «El Baluarte de Galicia», periódico de Mondoñedo dirigido pelo escritor Alfredo García Dóriga, de Vivero, acolheu-lhe os primeiros vagidos poéticos, o primeiro dos quais se intitulou «Inverno». Em 1895, num certame literário-musical realizado em Mondoñedo, conquistou as suas esporas de oiro literárias, com a poesia «De Ruada». Entre os membros do júri que o galardoou, figuravam Murguía, o eminente homem de letras de quem Rosalia de Castro foi a gloriosa mulher, e Pondal, o impressionante poeta de «Queixumes

dos Pinos». Publicada em folheto, a poesia premiada logrou verdadeira celebridade popular, em toda a Galiza. Em 1904, deu a público «Montañesas», livro que incluía «De Ruada» e para o qual Leopoldo Pedreira fez o prefácio. Desse livro se estampou, em 1910, a segunda edição, revista e aumentada, mas desprovida de prefácio. Quatro anos depois, publicou-se um folheto intitulado «A Virxen y-a paisanaxe», colectânea de cantigas populares de louvor à Virgem recolhidas pelo fervoroso folclorista que sempre foi Noriega Varela. O folheto apresentava-se prefaciado por Basílio Álvarez. Por fim, em 1920, três amigos e admiradores do poeta de Mondoñedo, Losada, Risco e Noguerol, editaram, à sua custa, o livro que havia de dar à poesia de Noriega Varela verdadeira ressonância nacional, projectando-a, também, para lá das fronteiras da pátria do poeta, mormente para a República Argentina, onde a colónia mindoniense de Buenos Aires acarinhou, exemplarmente, a obra do seu ilustre patricio, promovendo, por seu turno, a segunda edição de «D'o Ermo». O «Ayuntamiento» de Mondoñedo, justamente orgulhoso do êxito obtido por aquele munícipe coroado de louros, fez sair a terceira edição, em 1929. A quarta edição, de que possuo um exemplar, com amável dedicatória de Francisco Leal Insua, foi publicada em 1946, em Lugo, onde aquele poeta, actual director do «Faro de Vigo», dirigia, ao tempo, o jornal «El Progreso», e constitui a prova inofismável de quanto «D'o Ermo», pela pureza do seu lirismo, encontrou eco profundo na alma galega. Publicou, também, Noriega Varela, na qualidade de devoto do folclore da sua região, uma colecção de adágios, adivinhas e frases a que deu o título singular, mas expressivo, de «Como falan os brañegos». Este é,

sem contar com o de prosa, que presumo nunca ter sido publicado em livro, mas apenas em jornais e revistas, o espólio literário de um dos mais notáveis poetas da Galiza que, por seus méritos, mereceu pertencer à Academia das Ciências de Lisboa, ao Instituto Histórico do Minho, à Ordem de Afonso X o Sábio e à Academia Galega, onde tive a honra de ser seu par.

Pequena em quantidade, a obra literária de Noriega Varela, é, contudo, grande em qualidade. Como poeta, não se dirá, com razão, que haja sido muito operoso e fecundo. Parece ter vivido mais para a contemplação ética do seu mundo interior do que para a contemplação estética do que o rodeava. Os versos que compôs dir-se-á haverem-lhe brotado por um imperativo do espírito. Tendo sido poeta—e dos maiores da sua região e, até, do seu país—, não se preocupou com seguir uma carreira literária. A poesia era o seu violino de Ingres, o seu *bobby*, o seu entretenimento favorito. Enquanto Rosalía, Curros, Pondal, Añón foram, *oficialmente*, poetas, Noriega Varela só o foi, quanto a mim, *particularmente*. No entanto, apesar de não ter sido ou parecer não ter sido literato, no que esta palavra tem de profissional ou para-profissional, o autor de «D'o Ermo» é tão digno do título de poeta como qualquer dos poetas citados e dos muitos que não cito. Haverá, talvez, quem o considere mais um intérprete da alma popular galega do que um autêntico criador espontâneo de poesia, como qualquer dos poetas cujos nomes atrás menciono, sobretudo como Curros Enríquez, que, como se sabe, além de extraordinário poeta lírico, foi, também, extraordinário poeta dramático. Sim, Noriega Varela foi, essencialmente, um tradutor dos estados de alma, mas só dos líricos, do seu povo. A sua própria alma foi, por assim dizer,

o prisma por que se decompôs a luz suave dos sentimentos populares. Na poesia de Noriega Varela não há, como há, por exemplo, na de Curros Enríquez, violentos estes os trágicos arrebatamentos. Todos os arroubos poéticos, na poesia do autor de «D'o Ermo», são pautados por um meigo desconhecimento, melhor dizendo: por um meigo alheamento das fealdades e dos horrores do mundo. O único poeta português que se me afigura, de certo modo e até certo ponto, comparável a Noriega Varela é João de Deus. O ruralismo poético no autor de «D'o Ermo» dir-se-ia dum bucolismo clássico. Talvez por isso Francisco Leal Insua escreveu: «Y puede decirse que Noriega Varela es el mais virgiliano de los poetas españoles» e acrescentou: «Tanto las «Bucólicas» como las «Geórgicas», libadas en su linfa primera, purificaron el gusto de Noriega en los años de disciplina escolástica. Y todo lo demás le llegó por añadidura».

Os versos de Noriega Varela, como os de Rosalía, de Curros, de Pondal, de Añón, no que estes têm de mais telúrico e, até, de mais céltico, são, por via de regra, a apologia da simplicidade virginal das coisas terrenas. O poeta comunga sempre a pureza ambiental da paisagem galega que o comove e exalta. O povo merece-lhe benevolência e, até, carinho, mas, ao mesmo tempo, o poeta prefere-lhe as coisas terrenas, na sua simplicidade virginal. O seu soneto «Na montaña bravía, pai d'o ceyol...», cântico de louvor à inspiradora paisagem montesinha, é uma espécie de depoimento da relativa misantropia do vate mindoniense. Os tercetos são assaz esclarecedores desse pendior do poeta para o isolamento:

Na montaña bravía, Pai d'o ceyol
D'o ermo silencioso no ermo seyo
Embrefiarme procureo prontamente.

Aló na terra virxen, terra esquiva,
Donde nunca apareza unha alma viva!
(Tanto aborrezco tropezar co'a xente).

Noriega Varela, nos seus versos, quase todos, como os de Rosalía, em redondilha maior, que é a métrica popular por excelência, é muito mais um poeta da Natureza do que um poeta da Humanidade. O seu lirismo é muito mais extrínseco do que intrínseco, mas nunca deixa de ser, substancialmente, lirismo. A paisagem, que enche a sua poesia, como a de Pascoaes, embora, entre os dois poetas, ambos afecto e afeitos à montanha, medeie a distância que separa o lírico do dramático, é animada, por assim dizer, panteísticamente. As figuras humanas que, às vezes, muitas vezes, povoam por essa paisagem mostram-se, quase sempre, impessoais e têm, a meu ver, o carácter de símbolos da vida primitiva da montanha. Noriega Varela adora a montanha, como um pagão adora um ídolo. Contudo, a poesia do poeta de Mondoñedo ressuma puro e vibrante cristianismo. *Non me namora o mar fero, / que á moitos tanto lles gusta; / á ti, montaña, ch'eu quero, / e non morro, porqu'espero / gozar da tua paz augusta.* Assim canta, enlevado no seu amor, numa das quinze quintilhas que consagra «Á Montaña». O seu amor à montanha manifesta-se, com frequência, nos seus versos. *Verbi gratia*, nesta quadra de «A Miña Terra»: *A que a y-alma me cautiva, / a que a inspiración me exalta, / a que m'acolles piadosa, / a miña terra é a montaña.* Por isso o apelidaram, com razão, de o Cantor da Montanha.

A Galiza de Noriega Varela tem um lirismo diferente da de Rosalía, Curros, Pondal, Añón. Na do poeta de Mondoñedo, a montanha prevalece sobre tudo o mais. Não deixa de ser meiga a Galiza do autor de «D'o Ermo», mas a

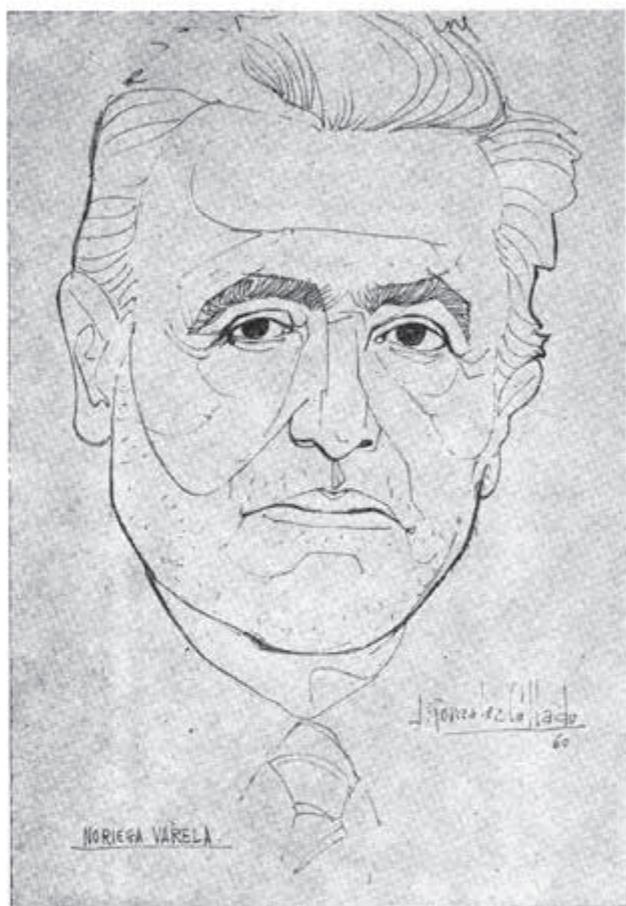
meiguice que trasborda dos versos de Noriega Varela não tem as fações a que a planície é propícia. É a meiguice duma geórgica em que a Natureza tempera a sua braveza com a expressão calma e sedativa dos amplos e confortantes horizontes. Quem conhece a província de Lugo, mais montanhosa que as demais da Galiza, facilmente entende a típica idiossincrasia poética de Noriega Varela e a poderosa influência telúrica da sua região nos versos do poeta que deu lições às crianças e recebeu lições da Montanha. Franciscanamente humilde no seu trato com a terra galega que cantou, Noriega Varela é, como pretendia Teixeira de Pascoaes, um poeta sagrado. («Os poetas da Galiza são poetas sagrados. Reveste-os uma auréola imaculada. A concupiscência do verbo não os maculou ainda; e o espírito fulge na sua nudez esplendorosa»). Assim é, com efeito. Mas, quem conhece Mondoñedo, a minúscula e vetusta cidade que embalou o poeta, na sua meninice, mais facilmente entende que Noriega Varela teria de ser o poeta que foi. Não sei, na verdade, de paisagem mais impressionante do que a

da tórpida cidadezinha episcopal, a menos conhecida e admirada de todas as cidades da Galiza, e da sua periferia de montanhas. Ali, realmente, até o galego tem um acento mais sugestivo do que nas demais terras da Galiza. *Nosa fala é un paxariño / que adoita fagué-lo niño / no seyo d'o hirsuto monte...*

Nos versos de Noriega Varela, o galego até parece diferente do galego dos outros poetas da Galiza. Porque seja melhor? Não. Porque esse galego se casa, à maravilha, com a paisagem daquela Galiza de montanhas onde no dizer de Francisco Leal Insua, as «cumbres, moxadas de lluvia o coruscantes de sol, tienen la majestad impresionante de lo eterno». O poeta de «D'o Ermo» soube ser, afinal, o galego que, no alto desses cumes molhados de chuva ou coruscantes de sol, se ergueu, como um bardo da Gália, a cantar, religiosamente, a Natureza e a converter em orações singelas e fluentes as suas estrofes *ad majorem Dei gloriam*. Para maior glória de Deus, da Galiza e da montanha.

Porto, Março de 1955.

Hugo Rocha



NORIEGA VARELA

DESENHO DE COLLADO

POESIA DE NORIEGA VARELA

Pra qu'a inerme probeza...

*P'ra qu'a inerme probeza, qu'os montes pasa
furtándose d'os lobos, top'unha casa,
e nas encrucilladas vacile o medo,
y-as ermitas branquexen ant'o arvoredo;
pra qu'os vagalumes, e co-as contiñas
d'a rosada non liden as estreliñas
e p'ra que s'alboroce Jesús n'a cuna
manda n'ca Señora salir a la luna.*

32

O trono d'a paz

Pra Ramon Otero Pedrayo

En vela

*Aquela fonte, aquel Cristo
y-aquel mouro piñeiral,
en vela xunt'ô mosteiro,
que se esborrallou, están.*

*A fonte reza baixiño,
no Santo Cristo luz hay,
e a zuniada d'os piñeiros
lembra os queixumes d'o mar.*

*Preséntame — lle dixem
amorosiño ô yermo —,
renovos d'un carballo,
ruinas d'un mosteiro,
ou d'o bravio cardo
unha froliña ô menos.*

*Huraño, sólo quixo
enseñarme un penedo.*

*Mais ¡cántas alabanzas
e gratitú l'eu debo:
aquele coloso é o trono
d'a Paz, y-o monumento
que unánimes l'alzaran
os siglos ó Silencio.*

De «D'o Ermo»

O NINFEO DE BOBEDA

Por JOSÉ LUIS
CASTROVERDE

A Etimología é un-ba fonte chorreando historial, recordos e nacementos, mais muitas d'as veces estas fontes foron cegadas pol'o lastre morfològico c'o vulgo foi acumulando o seu alrededor. Pero levantemos a lousa d'o pasado e fondemos c'a azada da curiosidad na nosa Cidade d'o Sacramento

Lugo nos primeiros momentos era tan solo un umbroso bosque e d'o seu seno manaba un-ba corrente de augua; en torno a ela acumulàbanse os componentes dun-bas poucas tribus celtas que tiñan hacia o manantial superticioso respecto. Chegan as buestes de Octacio e c'nelas fineceo aquel tan bucòlico como natural cuadro qu'a Naturaleza e os'homens habian formado n'intimo abrazo. Surgiu un centro amurallado e un nombre, *Lucus Augusti*, que por sucesivas evolucios transformouse n'este outro de LUGO conque boxe a conocemos, escapando o seu casco urbano d'o apretado cinturòn de pedra hacia as industrializadas zonas cuya representaciòn està a cargo d'o xigantesco Matadeiro Frigorifi-

co. Sobre o embriòn—o antigo manantial—elevase un-ba bella Catedral d'Origen Románico què ben sabido o singular privilegio de que gosa.

A poucas leguas d'a capital, novamente, un brote de augua, atrouxo a atenciòn d'os superticisos espíritos d'queles nosos antepasados. E pra vos falar d'esto vaiivos consumir a paciencia a miña humilde pluma. Perdón po'lo atrevemente.

Chegou o día señalado pra excursiòn, e os nosos ollos eran espello dunha gran alegría, c'as mochilas preparadas e algunba que outra bota o mais disimuladas posibles emprendemos o camiño seguindo o noso querido Profesor d'Historia. Con unba pecha niebla deixamos a carretera de primeiro orden que vai a Santiago de Compostela, torcemos logo por un ramal que està t'ena sua mao dreita. Ahora o camin e angosto, vai facendo recoveques entre silveiros e soutos qu'edàn o paisaxe un aspecto salvaxe, qu'a nos outros, vidos d'a cidade, encantàbanos. Nin que decir ten que nos consumia a impaciencia pra chegar o tèrmi-

no d'noso viaxe, e pra matala dimos en cantar. Primeiro as desentonadas notas subiron a escala d'os morriñosos alalàs, como o repertorio no'n era muy amplo pronto foron substituídos—pra vergoza nosa— por cha-cha-cbas e mambos d'os-que n'on gustaba nada o respetado Profesor.

Mentras camiñabamos houbo algùn «engomado» rapaz d'esos que se d'an postin de familias ilustres, qu'ese queixaban de bixocas nes pes, mais trouxelles un alivio a'paricición d'un labrego qu'nos anunciou faltaba pra chegare tan solo a carreiriña d'un can (eu sorrin pois sabia com'eram as carreiriñas d'os nosos cas. .), àun tuvemos que pasar un río marmureiro e namarado d'herba que t'enambas ribeiras, e tan quedaño pasa qu'eu maxinei naquel marmurar dolces tonadas d'amor.

O arbolado aumenta, là enriba n'unaltiño, alì està Boveda c'o parecer era o tèrmino. E aquel, un puebro enxebre, non solo n'estructura sinon tamèn nas costumbres o que parece un tanto raro tendo en conta a distancia a capital. Os

camiños estaban alfombrados de capas de toxos (as esterqueiras) e'as casas pequeniñas, con balcos achatados e tellados obscuros. Nosoutros preguntabamonos... ¿e'as rapazas?, mais estas provistas d'ese maravilloso encanto de donosura, d'o que tanto adolecen as d'as nosas ciudades, botavannos olladas por entre os cristales e si nosoutros lles deciamos algunba cousa desaparecian como lostregos.

A Igrexia e un-ba de tantas no galgo suelo, imaxenes muy antiguas e'ntrelas bay outra que parece desentonar po'lo seu modernismo, e aquela que trouxo o indiano (en tod'os pueblos bay un po'lo menos).

No exterior do templo, perdense as sepulturas entr'a medrada vegetación, as mais d'elas sin un-ba lapida na que descansar à tención, que pronto se ve atraída hacia parte E. donde un-ba lisa superficie coberta de cemento rompe c'a uniformidad do colorido que ali predomina. D. Antonio... ¿esto qué?— Ahora veredes —.

Rodeando por un-ba carrilleira demonos de frente cunba porta pechada, o que non deixa de ser raro n'a Galicia. Despois de ceder esta, gracias a chave que nos deixou o crego, pasamos a ver un patio pequeniño, n'el unbas escaleiras que conducen a un-ba estancia subterranea e cerca d'a porta d'entrada

d'esta, varias figuras vegetales gravadas na secular pedra de canteria. Aquel pequeno caseto, nudo testigo de tempos muy lonxos, non ofrece a primeira vista nada notorio: Pero acompañademe o interior.

Un-b'abitación dunbos 16 metros cuadrados en donde d'admiración surge a cada paso. No centro un depósito cuadrado, pouco profundo, unbos cincuenta centímetros, e' augua nacida n'el mismo conserva sempre un nivel constante debido quizá os furados que combinados c'o seu nacer vesten en proporción directa d'aquel, ali donde hoxe se mecem os renacuajos bañábanse n'outro tempo as ninfas dos celtas. Os vértices do cuadrado están ocupados por pilastras de sinuosas lineas que terminan em semiesféricos capiteles. Puedan unbas poucas euartas entr'aquel e a húmida parede que ten unba magnífica decoración a base de pequenos arbustos, rudimentarias vasijas e tamén unbos animales que muy ben podían coincidir c'o uro-gallo, ave casi desaparecida dos nosos bosques antiguos. O gallo está ornamentado de forma parecida con un colorido que oscila entre o amarillento e o roxo hermello. A trozos a pintura xa perde a solución de continuidade pois non en balde a humedade prolecto de haber estado siglos debaixo d'a terra, foi o seu enemigo permanente. Frentà porta parecese adivinar

34

una especie de cova c'os nosos homes de ciencia non atoparon por medo a derruir a parede que tan inapreciables muestras históricas t'en esculpidas. Non se nos pode olvidar tanpouco que a'ntrada presenta influencia marcadamente romana, a que nos fala quizá d'unba reforma habida anos despois d'a sua primitiva construción. Como xa deiximos dito, os poucos metros elevanse os cementos d'a Igrexia, surgida o lado d'aquel recinto pagano, qu'e un verdadeiro papiro pra deleite d'a imaginación.

Cando horas despois no souto que está ali cerca dábamos conta d'un magosto, no rostro de todos nosoutros pintabase a preocupación, os comentarios estabam cheos de conxecturas, mezcladas con preguntas rebozadas de ansiedade conque atosigábamos o noso Profesor.

Non quero firmar esta pequena declaración espiritual sin antes aconsellos, meus sufridos lectores, que si a' ocasion se os presenta propicia non deixedes de visitar esta buella histórica c'a miña pluma non soupo calcar en t'odo seu esplendor.

UMA DOCE CANTIGA

Por BERTINO
DACIANO

DOS ANTIGOS CANCIONEIROS GALEGO-PORTUGUESES

Três são esses Cancioneiros: o *da Ajuda* ou do *Colégio dos Nobres*, ou ainda *Livro das Cantigas do Conde de Barcelos*, o mais antigo, publicado a primeira vez por Carlos Stuart Rothesay em 1823; o *da Vaticana*, dado à luz da publicidade com o título de *Cancioneiro de El-rei D. Dinis*, pela primeira vez impresso sobre o manuscrito vaticano, com algumas notas «ilustrativas e uma prefacção historica-literaria», pelo brasileiro Caetano Lopes de Moura em 1847; e o *de Colocci Brancuti*, hoje incorporado na Biblioteca Nacional de Lisboa (1), constituindo este último, bem como o anterior, cópia realizada na Itália, pelo século XVI, no qual se encontram representados trovadores dos períodos *pré-afonsino* e *afonsino* — este, sem dúvida, o mais importante — e também do período *dionisiaco*.

Ora, percorrendo o exemplar do *Cancioneiro da Vaticana* existente na Biblioteca Pública Municipal do Porto (2) — *Il Canzoniere Portoghese della Biblioteca Vaticana messo a stampa da Ernesto Monaci con una prefazione con facsimile e con altre illustrazioni* (3), exemplar que, como atrás disse, foi por Lopes de Moura publicado, embora parceladamente, em 1847, e também por Varnhagen em 1872, mas de que Monaci nos deu, em 1875, uma edição integral e diplomática, nele encontrei diversas composições poéticas de «Don alfonso sanches figlio del Rey don Denis de portugal», e senti vivo desejo de as ler e analisar, quer sob o ponto de vista ideológico, quer filológico e literário, tanto mais que o seu autor jaz sepulto em Vila do Conde, na igreja do Convento de Santa Clara, em túmulo que vale a pena ver e que há anos andei a estudar (4).

São as seguintes essas composições de Afonso Sanches (1286-1329), primogénito dos bastardos de D. Dinis:

17. Muytos me dize que sser uy doado (5)
18. Deus sseruir mha senhor (6)
19. Pero eu dixeu mha senhor (7)
20. Sempre uus eu doutra rrem mays (8)
21. Vedes amigos que deperdas eu (9)
22. Estes q mora tolhem mha seno (r) (10)
23. Tam graue dia que uus conhoci (11)
24. Mha senhor qn me uos guarda (12)
25. Poys queos per hymays de ualer euydades (*cuydades*) (13)
26. Con hocedes aduz ele (14)
27. Vhasco m'tijz poys uos tratalhades (*trabalhades*) (15)
- 366 Affonsa fonses baticar (16)
- 367 Quandamiga meu amigo veer (17) :
- 368 Dizia la fremosinha ay de' (18) ual (19)

Qualquer destas composições é digna de estudo e oportunamente o farei.

Hoje, porém, quero aludir apenas à que possui o n.º 367, que se me afigura «cobra» ou «talho» de fino espírito, em que a amada, desejosa de se certificar da afeição que o *amigo* lhe tem, experimenta o ardil de mandar que alguém fale, na sua presença e na dele, a respeito das outras *donçelas*, enquanto ela se mantém atenta ao *sembrant* que ele faz...

Vejamos, pois, a letra deste *cantar de amigo*, que, pela originalidade do tema, pedi em 1926 ao meu saudoso amigo Lucien Lambert (1858-1945) se dignasse pôr em música, o que ele fez hábilmente, utilizando, para mais, uma tonalidade que nos transporta a tempos bastante recuados da evolução da música (20).

*Quandamiga meu amigo veer
en quãto lheu preguntar hu tardou
falade uos nas donçelas enton
eno sembrant amiga que fezer
ueeremos ben se ten no cora com (coraçom)
a donzela por q sen pre trobou.*

Não apresenta esta «canção», «cantiga» ou este «cantar» qualquer dificuldade especial de interpretação, sendo bem fácil compreender as formas *hu*, *falade*, *enton* e *coraçom*, características do período pré-gramatical ou sincrético da nossa língua.

Em todo o caso, com prazer a reproduzo em português actual, quando mais não seja para melhor lhe saborearmos o sentido:

Quando, amiga, meu amigo vier,
enquanto lhe eu perguntar *onde* tardou,
falai vós nas donzelas então
e no semblante, amiga, que fizer
veremos bem se tem no coração
a donzela por quem (ou *por que*) sempre *trouvo*. (21)

Porto, 1960.

Bertino Daciano

NOTAS

(1) Vid., a propósito destes cancioneiros e da nossa poesia trovadoresca, o que escrevi, há anos, no meu estudo sobre «A Música como Arte e como Ciência», publicado na «Douro Litoral», Boletim da Comissão de Etnografia e História (Porto), 7.ª série, n.ºs I-II.

(2) U.º 6-140.

(3) Halle—Max Niemeyer Editora, 1875.

(4) Vid. *Subsídios para uma monografia de Vila do Conde*, Porto, 1953.

(5) Pág. 14.

(6) Pág. 15.

(7) Pág. 15.

(8) Pág. 15.

(9) Pág. 16.

(10) Pág. 16.

(11) Pág. 16.

(12) Pág. 16.

(13) Pág. 17.

(14) Pág. 17.

(15) Pág. 18.

(16) Pág. 140.

(17) Pág. 140.

(18) '—abreviatura de *os*, *us*, quando no final ou no meio de uma palavra. *Ay deos uai*, ai valha-me Deus.

(19) Pág. 140.

(20) Vid. bol. «Douro Litoral», 7.ª s., n.ºs VII-VIII (1956).

(21) As palavras em itálico, da actualização, não permitem, já se vê, um número exacto de sílabas, visto encontrar-se, no original, *hu* em vez de *onde*, e *falade* em vez de *falai*.

Molto moderato

Quando, a-mi-ga, ma a-mi-ga ve-
sinte



-er, Emquanto lha pergun-tar - hu tar-dou; Fa-la-de vos nas don-ce-las en



-tom E no tem-lha, ami-ga, que fe-zer, Veremos ban-se tem-ro cora



-com A don-ce-la por que sem-pre tro-bou A don-ce-la por que sem-pre tro-



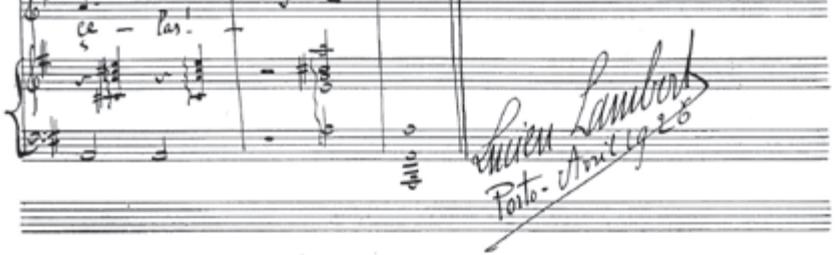
-bou. A mi-ga fa-la-de vos nas don-ce-las, mas don-
poco più



ce-las!

dallo o

Luiz Lambert
Porto-Amitige 26



EL HOMBRE DE LOS PAJAROS

Por JOSÉ ANTÓNIO NOVAIS

(IN CALLE DEL RELOJ)

38

Era um hombrecito gris, más bien blanco; venía muy despacio, paso a paso, a saltitos como si de tanto tratar con los pájaros se le hubiera pegado su andar. Bajaba por la calle a eso de la una, o por la tarde quando ésta réia, con su gabán algo raído, los bolsillos estallando por el peso de dos enormes cucuruchos de papel. Se sentaba en un poyo. Sí, en mi calle aún había poyos, pocos..., cuatro o cinco; o en el banco de la plaza.

Sacaba entonces uno de los cucuruchos, generalmente estaba lleno de higos o de almendras tostadas, que pulcramente cogía una a una con sus dedos largos y secos para llevárselas a la boca. Cuando acababa doblaba con cuidado el papel y se lo guardaba en el bolsillo, porque no le gustaba que el suelo de la plaza o de la calle estuviera sucio, y con lo único que transigía era con las hojas que caen de los árboles, porque los árboles era cosa suya, era cosa querida, y de lo que mucho se ama todo se pasa. Ele otro cucurucho era el esperado por los pájaros. Debían estar atentos al gesto, pues nada más sacarlo, se lanzaban sobre el alpiste mezclado con migas de pan que el hombrecillo traía para ellos.

Y allí era de ver cómo le rodeaban, cómo se subían en sus botas, picoteaban sus manos, y los más pequeños y los más atrevidos metían la cabeza por el bolsillo descosido del gabán para recoger alguna migaja perdida.

Qué feliz era él con sus pájaros! Yo estoy seguro que se entendían y se contaban historias y se pedían consejos; algunas veces creo que hasta regañaban, pues había días que les daba la comida con un gesto duro, por cuyas rendijas se escapaba ternura, muy parecido al de mi madre en la hora de comer cuando me habían puesto un cero el colegio.

Pasaron vários días sin venir el hombrecito, pasó una semana y muchas más semanas, y podían haber pasado muchos años porque él no volvió: había muerto. Yo sé cómo fué su muerte aunque no la vi ni nadie me la ha contado. Un día se encontró cansado y entonces, hecho una especie de ovillo, quizá con la cabeza tapada con el brazo, se puso a dormir y a soñar. Los pájaros debieron de ir a verle.

No sé si le llevarían flores prendidas en el pico, pero los pájaros, de repente, se quedaron muy asombrados, porque el

alma del hombrecillo, a esa alma un poco encogida como él, sela quería llevar un ángel serio y bello. Los pájaros estaban asombrados porque a sus almas no las iban a buscar ningún ángel, sus almas volaban solas.

Pero vieron que el alma del hombrecillo no quería irse con el ángel. Ella no acababa de comprender ni al ángel ni al complicado paraíso que venían a ofrecerla, pero no se atrevía a decirselo porque era tímida e impone tanto un ángel.

Y entonces los pájaros se dieron cuenta y los pájaros se la arrebataron. Tantos esfuerzos hicieron, y eran tan chiquitos y tan débiles y el ángel tan serio y tan fuerte, que éste, sonriendo acabó por ceder.

Y cuando al alma se la pasó el miedo, los pájaros se la llevaron con ellos, y vivía en la copa del árbol más alto de la plaza, y por la tarde, de nuevo paseaba alrededor de la estatua, y a veces se iba a sentar en un poyo,

Cuando la plaza y la calle mueran, porque también mueren las plazas e también mueren las calles, Dios, a este hombrecito, y a otros hombecitos que vivían en mi calle, y a todos los hombecitos, que viven en el mundo en ciudades y campos, se los llevará a ese cielo que El ha creado en una estrella pequeña y caliente, para esas almas que son como pájaros.

José António Novais

IMPRESSÕES DE LEITURA

O SONO SULAGADO

Poemas de CELSO EMÍLIO FERREIRO

40



Uma quase indiferença, um desconhecimento total, um desleixo que não se explica mas coexiste, leva-nos, em grande parte, a desconhecer o vasto mundo poético da Galiza, numa total desvalorização, quebrada só, no entanto, por um nome que desde sempre criou entre nós raízes fundas e se alojou no coração português. Trata-se, sem dúvida, de Rosalia.

Desde então, e desde sempre—salvo o pequeno núcleo que estudioso e sensitivo, deu conta do mundo lírico existente na época medieval, composto por um Mendinho, um Xoan Zorro, um Martin Codax ou um Gómez Charinho—, o horizonte

poético galego, tem-nos sido dado sempre, através da autora dos «Cantares Gallegos».

Dessa circunstância, dos próprios cancioneiros, ficou a ideia de ser a poesia galega uma poesia só de saudade, sentimentalista, nostálgica e estática, e não só isso, mas a noção dominante de que a poética galega devia ser *só isso* ou *exactamente isso*.

No entanto, isto que poderíamos denominar de uma *tendência tradicional e fatalista*, haveria que culminar numa renovação que sem tirar o carácter ou a nacionalização do seu tema, a tornasse, por fim, frutificante, consciencializada, dentro do seu tempo, apta a lutar com as circunstâncias, enfim, *universalista*.

Na base destas palavras estão poetas novos que sem se desvirtuarem ou às tradições da sua lírica, vão abrindo a sulcos profundos novos caminhos para a poesia galega.

Na minha frente, sobre a mesa de trabalho, está o livro de um desses poetas. Chama-se o «Sono Sulagado» e é bem um *sonho submerso*, que emociona e entusiasma para lá de todos os intencionalismos que lhe quiserem atribuir. O poeta é Celso Emílio Ferreiro, voz acabada e madura de um lirismo viril, cuja angústia, marca bem uma posição clara e definida.

A sua poesia toda repassada de emoções profundamente humanas, é uma dolorosa rebusca de elementos actuais, só quebrada aqui e

(Continua na página 42)

LA RUTA

Novela de MANUEL V. PEÑA



O facto de ser a Galiza um país cujo clima poético ultrapassou sempre, de longe, as possibilidades do romance ou da novela, leva-nos, agora, a reconsiderar—frente à novela «La Ruta», de Manuel V. Peña—, esse género que, repetimos, por natural inclinação lírica nunca teve na História da Literatura Galega, lugar que não fosse de reduzida importância, ou de muito menor produtividade. Mas, será «La Ruta» uma novela essencialmente galega? Poderemos analisá-la debaixo de um ponto de vista social ou literário específico, ou colocá-la num determinado local *geográfico*? Teríamos que analisar, primeiro, o conjunto da

obra de Peña, para que pudéssemos responder objectivamente às duas perguntas formuladas. Por agora, analisemos a novela que temos frente a nós.

No primeiro capítulo, Peña, aparece-nos poeta e prosador. Situa o relato, descreve, movimenta, para em seguida se mostrar observador arguto, conhecedor ambientado. Joga com o elemento humano e atinge por vezes momentos grandes de expressão. Porisso nos parece, essencialmente e em primeiro lugar, um prosador de excepcionais qualidades; não um ficcionista, não um criador de conflitos (reportámo-nos, claro, a este livro) mas, ao contrário, um magnífico espírito descritivo, um emocional, um amadurecido escritor, enfim, um artista da palavra. A expressão lapidar, o poder de imagem, a fluência do estilo escorreito e directo, dão, a «La Ruta», um lugar de preponderante importância no mundo intelectual espanhol.

Trata-se de uma novela que *relata o fantástico mundo da pesca*, descreve caracteres e lugares, caracteriza um tipo específico de homem. É uma mensagem de amor. Um grito de esperança. Um desejo de justiça. É a sua qualidade máxima está no facto de o autor ter conseguido universalizar a existência de uma fauna humana que não é galega e aqui se explica o que dissemos no início), nem castelhana, nem de parte alguma, porque é de *todo o mundo* onde existam homens que labutem arduamente, cercados pelos seus dramas, limitados por mil emboscadas, humanos, condicionalizados. Aí, a sua principal qualidade. Porque o notável, reside na circunstância de ter sido escrita por um galego; e bem sabemos estar virado para si mesmo, para a sua tradição, para a terra, o artista da Galiza. O seu tradicionalismo, o sentimentalismo e a nostalgia da paisagem, predominam enormemente na temática da arte galega.

Ter, em face disto, Manuel V. Peña saltado essa barreira e através do homem galego e dos seus problemas existenciais, conseguir dar-nos toda a problemática do *homem-de-todo-o-mundo* (sem perder as características locais) é, para terminar e quanto a nós, a nota mais evidente e a qualidade mais notável deste livro.

M. D. R.

além, por um ou outro poema mais frouxo de densidade formal. Imagem telúrica. Cor. Fragmentação e síntese. Consciencialização. Carácter. Força. Ironia. Dramatismo emocional. Movimento. São as características principais deste livro. Em suma: o homem da Galiza frente ao seu tempo. Nada de subterfúgios. Realidade. Tomada absoluta de consciência.

«Ti no sabes que eu teño outras preguntas
—puntas sangrentas sobre a miña gorxa—
e ninguém me contesta?»

Indaga o poeta na ânsia de encontrar o ponto de equilíbrio ou a resposta para as suas dúvidas dramáticas e existenciais.

Mas não perde o ritmo e a música.

Transcende-se. Social ou simplesmente poeta, tem em «Muller Espida con Mar Ao Fondo» ou nos «Fuxidivos», o verso lapidar; a palavra cristalina. No primeiro, *sugere* amorosamente com a luz do vento no olhar; no segundo, *diz, afirma*. Lírico, mas lúcido. Dramático, mas humano.

Com «Aturuxo» o poeta dá largas ao seu entusiasmo vitalizador. Liberta-se e liberta. Renova. Apazigua. Voa e mostra-se a corpo inteiro, fraterno, cristalino, livre.

«Somente no aturuxo
a liberdade deixa de ser leria...»

42

Celso Emílio Ferreiro dá-nos, finda a leitura do livro, uma nova sensação frente à lírica galega. Já havíamos tido essa mesma impressão com outro magnífico poeta: Miguel González Garcés.

Para findar. Que um caminho novo está a ser aberto, não restam dúvidas. Um caminho mais amplo, mais vasto. *Mundividência*, darei eu o nome a este fenómeno de amplidão que se está a observar na poesia galega e com poetas como Celso Emílio Ferreiro.

MÁRIO DIAS RAMOS

TRÊS LIVROS DE POEMAS

de MIGUEL GONZÁLEZ GARCÉS



Miguel González Garcés é um poeta —um esteta, diremos melhor—, da mais fina sensibilidade, de agudíssima observação, de inspiração quase narcísica e helénica.

A sua vivacidade de expressão, a sua *intranquilidade* fenomenológica, o seu intenso e constante êxtase pela luz, mar, paisagem e pelo deslumbrante céu aberto da Corunha—sua terra—, são um conjunto de elementos que formam a temática fundamental da sua obra poética (dos livros que pelo menos, até agora, lhe conhecemos: «Isla de Dos», «Poema del Imposible Sosiego» e «El libro y el verso»).

Vamo-nos ocupar—embora sem grande profundidade, mas dentro daquele princípio que o próprio título desta nossa secção de crítica, específica—, dos três livros de Garcés. Sua primeira qualidade, aliciante, subtil, agradável, cristalina como a água, é a musicalidade que inrompe em fluidos, em ondulações por vezes beethovenianas (violência e dramaticidade rítmica e temática de «Poema del Imposible Sosiego»), por vezes com largas pinceladas matizadas, naturalistas e primaveris à Vivaldi (delicadeza, harmonia, conjugação em «Isla de Dos», muito especialmente, e também, em alguns casos de «El libro y el verso»). Mas repleto de humanismo. Modernista na expressão e nas imagens. Belo, enfim, de uma beleza afrodisíaca («Isla de Dos»), paradisíaca. Violento, objectivo. Irto e de pés fincados na terra. Consciente. Fraternal (tudo isto em «Poema del Imposible Sosiego»).

Parece-nos estar na frente de um poeta *especial*. Especial, naquela medida que vai e se relaciona com o lirismo dos nossos dias. Não poeta lírico *estandardizado*. Não criador de poesia pré-fabricada com imagens de retórica formal e também inconsequente, como pássaros, rios, searas, vento, cabelos, azul. Não. Para trás do seu extasiamento, digamos, *vegetal* ou *cósmico* (que em Garcés é fecundo e não sentimento de eunuco), há sempre a voz humana e consciente, *original, sua*, que transmite a mensagem que neste caso é o seu sangue, o seu amor, o seu coração e a sua coragem de homem. Homem que existe. Homem responsável.

Um estudo profundo merece a obra de Garcés. E não nos resta qualquer pretensão de em breves linhas críticas, esboçarmos sequer o que há de bom na sua poesia. No entanto, aqui fica o tudo que nos emocionou nos três livros de M. Garcés.

M. D. R.

POETAS DA GALIZA E DE PORTUGAL

POEMA PARA O HOMEM DE HOJE

*O homem há-de ter sempre fome
porque nenhum secreto pão
satisfará a fome do homem.*

*O homem não quiere os frutos da terra
que nascem nos caminhos planos.
Ele desce aos abismos para arrancar as pedras
e construir torres que cheguem ao sol.*

*O homem há-de encher sempre as suas arcas
com provisões enormes de cobiça de ouro.
Mas pelo crivo das unhas do homem
só um caldo de cinsa passará.*

44

*(Como pode o homem
no silêncio das flores
procriar monstros de ferro?)*

*Como pode o homem
no sono calmo da Natureza
rasgar a vida com dentes de fogo?)*

*Aguarda, homem!
Respira e ama.
Deixa que o leite da manhã
corra entre as tuas espáduas...*

*Decifra o mundo com signos lucidos
(até nas nuvens da tempestade
rostos de crianças te sorriem!)
e em todos os ângulos do eterno
desenha imagens do teu desejo.*

*Homem, tu és grande e és forte!
A cada segundo renasces de ti próprio.
Contigo tudo vive,
até os teus mortos
e contigo tudo morre,
até o teu Deus!*

Leonor de Almeida

Quen me dera unha tenza salvaxe

A Artemio Lage e sua dona, Lina Fernández,
no bautismo do seu filliño.

Envolto entre panos
brancos e froiidos como o sol de marzal,
estabo iste neno.

Os piares dos carrisos de febreiro
foron axuntándose á sua porta
nun remuíño de contos primaveraes.

Belido, face leda, sorriso de anxo,
o rapaciño tremaba.

Cuase que os seus dedos levaban ao ceu as canzóns,
ao mesmo tempo que o ar que viña das mareas
basoiroba maixiña o seu berce,
que refletía as estrelas da mañán.

Bailaban as pombas,
cantaban os melros,
frolesctan os toxos i as silveiras,
as carrouchas e sextas.

Agoiraba en todo a cobiza de vida feliz,
i a natureza corría aos puñados nos montes,
nos vales, penedes e coutos.

¡Qué fermoso saía aquel día
o sol de marzal!

¡Qué sorriso poñía nos beizos
diste neno que ven de nacer!

Gostei de ollalo,
como gosto de ollarme na auga
que fende os meus camiños en anacos,
Gostéi del, dos seus ruivos cabelos,
da sud testa humán.

Gostéi de fuxir ao pecado,
de ser puro como a neve das outas paraxes
distes meus bens, na louxanía de Barbanza.

Volléime ao luceiro aquela noite
e dixeran, nun salaio:

— ¡Quén me dera ser outro!

— ¡Quén me dera unha tenza salvaxe,
onde pudiera acongar co meu esprito
cheio de pesares, i escribir novamente!

Máis ¡ai! Só nos resta contemprar a vida fresca
que camiña das tebras pra luz da xornada.

¡Ai! Ao ver un bochiño que abre,
unha frol que se pinta,
ben se pode anseiar.

¡Qué contraste, meus Deus!

— penséi moi baixiño.

— Velahi un que vén. Velahi un que vai.

¡Pola miña saúde! Inda a morrer

— nos mortaes queixumes da agonía,
si un fillo nos nasce,
¡é belo ser pai!

POEMA

*Este é o meu pai— o meu irmão mais velho
É o homem que me ensinou a ser homem
mas que não vingou a caminhada
e agora só me ensina a sofrer
Foi este que me lançou na estrada
e que me ensinou a viver
Este é o meu pai— o meu irmão mais velho
donde me vem os defeitos
donde me vem as qualidades
que me deu o amor
que me legou o terror
e a dor
Que me deu a felicidade
na doce idade de criança
que é quando floresce a esperança
Este é o meu pai— o meu irmão mais velho
de quem me orgulho
É o homem que me encarnou
e eu saí à sua semelhança
Depois é que me educou
mas em silêncio
porque eu aprendia só de ve-lo
E com ele procuro o trevo das quatro folhas
caminho pelas margens dos grandes lagos
sento-me debaixo das sombras das acácias e das cidreiras
E com ele passeio à beira-mar
e amo as noites de luar
E tenho um amor puro como lírio
a quem amo juro
como a virgem do altar a luz do círio
E como ele acreditei na bondade
no amor e na verdade
Este é o meu pai— o meu irmão mais velho
E com ele percorri ruas sórdidas
com megeras e prostitutas
E com ele me embebedei com o mesmo vinho
Este é o homem que me mostrou a verdade
e de quem me orgulho
Donde me vem os defeitos
donde me vem as qualidades
que me ensina a viver
que me ensina a sofrer
e que me há-de ensinar a morrer
Este é o meu pai— o meu irmão mais velho*

Mário Dias Ramos

Tentacion

*Dorada está la manzana,
dorada y fresca.
¡Muérdela!*

*Tersa, redonda y lozana
dorada está, la manzana.
¡Muérdela!*

*Se ofrece desde su rama,
dorada está la manzana.
¡Muérdela!*

*Dulzor cubierto de llama,
dorada está lá manzana.
¡Muérdela!*

*Será ya tarde mañana,
dorada está la manzana.
¡Muérdela!*

*Dorada está la manzana
dorada y fresca.
¡Muérdela!*

M. GONZÁLEZ GARCÉS

Cantico en la Ria

*Dejó en la mañana,
la flor del rocío,
perfume de nube
y luces de pino.*

47

¡Cántico en la ria!

*«E vou namorada,
no ei meu amigo».*

*El agua se esculpe,
immóvil el trino,
la llama vibrante
se torna suspiro.*

¡Cántico en la ria!

*«E vou namorada,
non ei meu amigo».*

M. GONZÁLES GARCÉS

O Medo

*Cando o corvo da noite se pousaba
nas derradeiras luces do solpor,
os meus ollos de neno
enchíanse de bágoas e de lóstregos.*

*O vento que fungaba nas vereas
era un home langrán envolto en brétema
cun fon o lombo pra levar meniños.*

*Os albres semellabam
pantasma de cabalos desbocados
agal lopando os eidos.*

*Un medo que me viña
das raíces do mundo
tremíane no sangue.*

48

*Pasaba o xornaleiro assobiando
con dous luceiros prendidos na eixada,
i-eu tiña medo.*

*Pasaba o cazador
con bafexantes cans
arrecendendo a toxos e carquexas
e-eu tiña medo.*

*Ao pasar o meu lado e verme os ollos,
alporizados, pasmos, decíanme:
«Non teñas medo»,
i-eu tiña medo.*

*Soio cando chegaba aos meus ouvidos
a doce voz de mel de miña vella,
eu xa non tiña medo.*

*Agora non comprendo
como aquil ser cativo,
aquela vella nena tan endebel,
(nos seus ollos azures
había luces de amenceres novos)
podía escorrentar tan grande medo.*

CELSE EMÍLIO FERREIRO

ESCOLA TIPOGRÁFICA DA OFICINA DE SÃO JOSÉ
RUA DE ALEXANDRE HERCULANO, 123 — P O R T O

Céltica

**caderno de estudos
galaico-portugueses**

**o r g a n i z a ç ã o d e
o l i v e i r a
g u e r r a**

c é l t i c a

caderno de estudos galaico-portugueses

(iniciação para a formação do grupo de estudos
dos galaico-portugueses em projecto e estudo)

o r g a n i z a ç ã o l i t e r á r i a
e e d i t o r i a l d e
o l i v e i r a g u e r r a

rua de pinto bessa, 603-telefone, 51929—porto-portugal

c o l a b o r a ç ã o l i t e r á r i a
e a r t i s t i c a d e a l g u n s
a m i g o s d a g a l i z a e d e p o r t u g a l

arranjo gráfico: antónio leite

NESTE CADERNO

Ao que venho
Carta do romanelista
Infante
De Mar a Mar
Carta a D. Henrique
A Lição Moral dos Museus.
Um precursor
O Culto dos Mortos
Literatura Galega
O Romaneio Catalão
Os Cantos de Almuádem.
Considerações sobre arte.
Visão Estética
Dominguez Alvarez
Júlio Resende
D'Assumpção
Collado
Eduardo Pondal
Poesia de Pondal
Impressões de Leitura
O Demo de Lume
El Niño Muerto
Ao Filo de Albar
Aqueloutro, etc.
Yo Tengo Miedo
Gaeetilla Literária
Solidão
Xohaniña.
Primavera-Outono.
Triloxia «Camiños»
Explicações, etc.

Oliveira Guerra
João da Silva Correia
Oliveira Guerra
José Maria Castroviejo
Manuel Maria
Bertino Daciano
Loís Carré Alvarellos
Ernesto Veiga de Oliveira
Leandro Carré
Casals Marginet
Rebêlo Bonito
Barata Feyo
Carlos Carneiro
Jaime Izidoro
António Pinheiro Guimarães
António Pinheiro Guimarães
Oliveira Guerra
Hugo Rocha

Oliveira Guerra
Manuel V. Peña
José António Novais
Pura Vázquez
António Pinheiro Guimarães
José António Novais
Manuel Maria
António Louzada
Xosé Maria Alvarez Blazquez
Isidro Conde
A. Abuim de Tembra
Oliveira Guerra

CÉLTICA

AO QUE VENHO...

Por OLIVEIRA GUERRA

...Portugal separou-se de Leon, mutilando o corpo da velha Galícia, e seguiu o seu Destino histórico, rumo ao Sul, a Santarém, Lisboa, Algarve e depois ao Mar, às Descobertas, ao início de construção do mundo moderno que começou de se edificar em Guimarães e depois em Sagres. Portugal seguiu o seu caminho, que percorreu a largas pernas até ao termo das descobertas, até ao adormecimento que se seguiu, como um repouso natural depois da missão cumprida — e enquanto isto a Galiza, a Terra Nai, ficou agarrada ao seu *terruño*, ao seu sonhar nebuloso e longínquo, ao seu humus poético, à plácida quietitude do amanhã das suas terras, do pastoreio dos seus gados e da vida das suas rias; às suas lutas internas, inquietas e inconformistas, à política de cooperação com a Espanha grande, centralisante e expansiva e à sua Belesa feminina e dôce...

Queixam-se os galegos de que essa separação total das duas partes da Galiza, esse nosso afastamento, essa atitude de «costas voltadas» foi sempre, da nossa parte, uma atitude molesta e ingrata — e eles não deixam de ter razão. Embriagados com o surto das nossas investidas guerreiras e descobridoras, preocupados com a Política interna e com os problemas externos dum visinhança nem sempre calma, nós afastámo-nos demasiadamente do campo sentimental, ético e intelectual do convívio com a Galiza mais do que já nos tínhamos afastado politicamente, e nisso consistiu o nosso erro. ¿Se tínhamos de viver separados (e nada havia a fazer, porque essa separação estava nos altos e misteriosos desígnios da Vida dos homens e dos povos) porque haviam de ficar a Galiza e Portugal como visinhos indiferentes, um de cá, pensando apenas nas suas victórias e a outra de lá, como que enamorada de si mesmo, revendo-se nos espelhos das suas águas — tão afastados, na verdade, como se não fosse apenas o estreito e doce Minho, mas o Himalaia a interpor-se entre eles?... A separação política nada tinha que ver com a vida familiar, social, carinhosa e compreensiva dos povos irmãos... Cada qual com a sua vida e em sua casa, cada qual com o seu destino político e histórico, mas a vida podia ter decorrido mais amistosa e fácil e lhana entre eles...

A culpa foi sem dúvida do Portugal másculo, ambicioso, ousado, lutando até à temeridade, lutando homericamente com inimigos sempre mais fortes, talhando a gol-

pes de montante o seu caminho e alargando mais e mais os seus bens — os olhos enevoados pelo mesmo sonho interior que recebera, com a irmã Galícia, como herança comum dos seus avoengos celtas, mas, na Galiza, sonho mantido extático, ensimesmado, contemplativo, e, nele, feito sonho activo, dinâmico, de acção absorvente e ambiciosa. A culpa foi nossa e daí um certo azedume, um tom de amargura que não poucas vezes sentimos nas palavras recriminatórias dos nossos amigos de Alem Minho...

Volvidos alguns séculos, chegados ao século XX, continuamos na mesma posição, «de espaldas». Alguma coisa se fez, é certo, como já o acentuei neste mesmo local da «Celtica», para quebrar a capa de gêlo, esse afastamento de almas colectivas irmãs que sentem o mesmo, que tem o mesmo penumbroso modo de ser e se não comunicam nem dão as mãos, mas nota-se a quase inutilidade das tentativas feitas. Para cá de Rosalía, Curros, Pondal (e assim mesmo entre uma escassa minoria) nada se sabe em Portugal das coisas da Galiza e para cá de Camilo, Eça, Junqueiro e Pascoais nada se sabe de nós na Galiza. Porque não repararmos um pouco, embora tarde, essa nossa falta de solidariedade, ternura e conhecimento para com os nossos irmãos galegos e porque não envidar esforços para que eles, por seu turno, nos conheçam melhor e nos estimem? Porque não estabelecer laços de maior e mais fraterna comunhão espiritual com eles, os braços estendidos por cima da fronteira, os olhos abertos para as Obras dos seus filhos, o coração nas mãos... porque não estabelecer laços que além de tudo contribuíram para um melhor e mais íntimo estreitamento peninsular? Porque não lhes darmos por cima das margens do nosso Minho, que é uma riqueza comum aos dois povos, o melhor abraço de entendimento e compreensão, de amizade e alegria? Porque não realizarmos com os galegos a mesma acção fraterna que vimos tratando de realizar com os brasileiros? Porque não nos virarmos para os irmãos da Terra Nai, a velha e linda Galícia, como nos viramos para os irmãos da nação filha, o opulento e promitente Brasil, estabelecendo com eles uma boa e salutar camaradagem sentimental e familiar que adóce e alivie as agruras da vida às gentes?...

...E não seria isso um nobre e salutar exemplo, para este mundo conturbado de receios e dúvidas em que

estamos vivendo? Muitas dezenas de cartas chegadas de todos os pontos da Galiza, com o estímulo de abraços e de aplausos, artigos publicados nos jornais galegos a propósito do aparecimento da «Céltica», mensagens humildes umas e outras dimanadas de notáveis espíritos de intelectuais galegos, dão-me a medida exacta de quanto esta ideia se torna risonha e acolhedora. Como eu gostaria de tornar conhecidas essas mensagens, esses aplausos, esses incitamentos, esse carinhoso fluir de sentimentos bons e amistosos. Passariam em desfile muitos nomes, muitos vultos, muita gente, seria uma lista extensa. Leia-se pelo menos a carta do meu velho amigo o romancista João da Silva Correia, que, consultado, me autoriza a sua publicação neste caderno, sob condição de não reduzir nem alterar o texto e de não fazer alguns cortes de referências pessoais que me proponha fazer...

CARTA DO ROMANCISTA

JOÃO DA SILVA CORREIA

Querido Amigo:

Soube que esteve há dias à minha procura, em S. João da Madeira, e muito penalizado fiquei com o desencontro. Gostava bastante de vê-lo e abraçá-lo. Mas além disso, gostava de dizer-lhe, de viva voz, do grande contentamento que me trouxe, além do prazer espiritual, o caderno «CÉLTICA», (estudos galaico-portugueses) de sua fervorosa organização, e cujo primeiro número, por muita gentileza, me mandou. Gratíssimo!

No tocante a deleite espiritual, bastava, mesmo sem falar no mais, bastava a leitura daquela sua «Carta a um Galego», para eu aquilatar desde logo do nível cultural, emocional e artístico da publicação. Creio de mim mesmo que não estou no vezo de distribuir bem-hajas gratuitos. Mas porque na sua «Carta» há vibração, há cor espontânea, há intensão afectiva muito íntima, há inexcédível cadência elegíaca; porque há um portentoso vigor de sensibilidade, aquela soberana sensibilidade, privilégio de uns raros que nos fazem ajoelhar de maneira intuitiva ao próprio altar a que ajoelham — porque assim é, Manuel de Oliveira Guerra — foi com recolhido carinho que analizei a restante colaboração. E achei então, em tudo quanto ali se publica, como que a concretização dos primorosos quadrinhos da terra e das coisas galegas, quadrinhos que a sua alma de poeta soube captar, e nos trasmite por fim, generosamente, com retoques sublimes de apaixonado e de artista de peregrina estirpe.

Bravo, Oliveira Guerra! A sua harpa guarda maviosos sons insuspeitados, a cujo sortilégio, como o canto das sereias, temos que largar barcos e remos, só para ouvir. Aquilo não é uma carta; é um poema altíssimo! Aquilo não é admiração pela muito sua e também nossa Galiza; é, sim, devoção, é fervor em grau elevado de poético asceticismo!

Bravo, Manuel de Oliveira Guerra! Neste pobre mundo enfermo da lepra do materialismo, faz minguar a doçura emocional, a sacratíssima inspiração dos poetas que o são por feição bem íntima, poetas que, como você, nos desvendam o mundo para além do mundo, que nos ensinam, que nos fazem sentir através das suas almas, quanto de cândido e de belo a vida ainda contém, e que para sempre nos ficaria interdito sem a luminosidade do seu talento!

Bravo, Manuel de Oliveira Guerra!...

Quer saber? Se eu ainda pudesse dispor de mim mesmo, se por desgraça não tivesse morrido ao nascer, ainda gostava (quantas vezes já pensei nisso — digo-lho agora) gostava de ir consigo, em peregrinação, à sua muito amada Galiza. Gostava de contem-

plar, à sua beira, cunhais abençoados que as mãos de Rosalia de Castro porventura acarinharam; de ouvir endechas galegas que você traz em suspenso dentro de si; de contemplar poentes doloridos que nos descreve; e baías silenciosas; e pinheirinhos contemplativos, esparsos na paisagem, de mãos postas! Para aprender a amar, consigo, tudo quanto por ali ama, de alma em arrebol e coração prostrado...

Bravo, Oliveira Guerra!... Bravo pela inteireza, pela intensidade humana que nos sabe inocular do seu precioso arsenal de sentimentos elevados! Elevados à dimensão do espírito, e, por estranha condensação do sentido artístico, ao mesmo tempo mística e fraternal, pela prodigalidade com que empunha o hissopo, aspergindo de maneira indistinta, sobre crentes e profanos, a sua água benta!

Mas falei-lhe também do contentamento que «CÉLTICA» me proporcionou.

Vamos a ver se lógro explicar:

Sabe, Oliveira Guerra? Entendo eu que, para nós, mortais, constitue frustração terrível, o desconforto moral de amar sem ser amado. Acho que é verdadeira amputação ao nosso espírito, uma anfractuosidade psíquica muito contundente, talvez desvio simbiótico desde logo ao invés da índole e condição da criação universal. O amor, trave mestra da vida, é a base e a essência, seja no caso biológico, seja talvez mesmo no caso metafísico. Desde o poeta ao ganhão, desde a formiga ao bicho-homem — que gama formidanda de tendências e de expressões, e dentro de cada qual destas, em particular, que infinita diversidade de aspectos!... Talvez cada caso de por si, senão mesmo, múltiplos motivos em cada caso!

O certo é que a realidade *amor*, lógica ou sofisticada, consubstância tanto da vida e em concomitância, tanto de nós mesmos, que temos de considerar a sua interdependência, não como resultado amorfo, mas como fenómeno primacial.

Tudo isto para lhe fazer compreender que, à força de lê-lo e ouvi-lo a propósito da sua muito amada Galiza, cheguei a atormentar-me com o receio de que tão espontâneo carinho do meu Oliveira Guerra, viesse a afundir-se ingloriamente no esquecimento. Receava ser mensagem que jámais chegasse ao seu destino, como vaticinava Voltaire, a respeito da «Ode à Posteridade», do bom do Rousseau.

Pois o meu tal contentamento foi agora originado pela extirpação definitiva desse receio. A sua paixão pela nobilíssima Galiza-irmã, foi condignamente apercebida, e por fim correspondido pelos meios intelectuais galegos.

Rejúbilo sentidamente! O Oliveira Guerra — homem, o Oliveira Guerra — poeta, o Oliveira Guerra — coração, era particularmente digno dessa muito afectuosa compreensão dos confrades de além-Minho.

Bem hajam eles, pelo preto ao talento, e pelo espírito de justiça!

Não fica por aí no entanto, o motivo do meu júbilo. Longe disso!

(Releio neste momento, em cata de qualquer tópico que deixei atrás, no texto desta carta. «Neste mundo» — cá está — «tolhido da lepra do materialismo, faz mingua a doçura emocional, a santíssima inspiração dos poetas»... etc.).

Meu caro Oliveira Guerra:

Eu acho que a humanidade segue num espantoso, digo, num catastrófico desnível moral e espiritual, em relação ao progresso científico. No afã de *descobrir* mais e mais, tem-se deixado para trás, como inútil, uma coisa bem preciosa que há muito está descoberta, e que devia merecer estreita e sempre renovada atenção, no fito do seu amparo e constante aperfeiçoamento. Essa coisa, essa incomensurável coisa — esse pouquíssimo, como parece que bastantes consideram — é a ética dos sentimentos.

Pois é aí que, a meu ver, tem de intervir o poeta e o escritor que o sejam por condição intrínseca. Primeiro cuidado: aproximar os povos. Levá-los a conhecerem-se e amarem-se. Transverter o medo, e a inquietação, e a desconfiança em aleluia nas almas, mas em todas as almas, do mundo inteiro. Eu tenho para mim, por exemplo, que o avião constitui dádiva preciosa do destino à humanidade, para que se permute em estima e abraços recíprocos. Entretanto, o que se vê? Traindo-se a si mesma, e sempre no propósito de fazer do egoísmo baluarte, a humanidade tomou do avião e carregou-o quase só de metralha e de cobiças, em vez de mensagens de afecto! Paz? Qual paz ou qual utopia?! Guerra, por enquanto sem armas, é o que é!

56

Não quer dizer que me decida pelo derrotismo. Muito ao invés! Creio firmemente no resgate. Um dia chegará em que a humanidade fará pé-atrás na insensatez, a poder de porfia do poeta e do escritor. Pois não temos já preciosas directrizes? Seja um Tolstói, ou um Gorky, ou um Pasternak a desvendar-nos, a nós, lusitanos, qualquer sorte de relação muito estreita entre a ambiência social e familiar dos povos eslavos, e a nossa; seja uma Perarl Buck trazendo a tablado a humildade, a paciência, a santa resignação dessa família enorme de sacrificados que desde recuadas épocas tem sido o povo chinês; seja um Ferreira de Castro a converter o melhor da nossa piedade ao calvário dos párias sem mercê da selva amazónica; seja um Ernest Hemingway a dar-nos pavorosa notícia dessa tremenda hecatombe da guerra civil em Espanha; seja um Steinbeck ou um Artur Miller evocando escaninhos escusos de sordidez e de miséria por detrás da rutilante fachada norte-americana, de prosperidade e liberalismo; seja um Aquilino; seja um Veríssimo; seja um Maugham...

Meu Oliveira Guerra:

É tempo de findar, embora o tema dêse pano para mangas de bem largas considerações. Mas você já consultou o relógio duas vezes, e eu próprio, apesar da inapreciável ambrósia espiritual que para mim constituem estas práticas com o querido amigo — eu próprio tenho ali uns papeluchos em suspenso, uns papeluchos a que trago a alma adstrita. É a sina dos que escrevem... ou... pretendem escrever.

Mas ainda quero dizer-lhe:

A bem de um grande princípio de humanidade, o escritor e o poeta, como você nos ensina pelo exemplo, têm que tomar a inicia-

tiva de um grande movimento de compreensão e afecto entre os povos, desde os mais afins aos mais distantes e estranhos. Ou então... não vale a pena escrever...

Só à base dessa compreensão e desse afecto, bem caldeados na têmpera do espírito, ou seja, em última análise, ao influxo da consagração do poeta e do escritor — só à base dessa compreensão e desse bem íntimo afecto, é que a humanidade logrará fruir aquele mínimo de paz e bem estar que, de boa ou má fé, os estadistas pretendem erigir sobre a areia movediça das convenções mais ou menos estultas e do artifício por sistema. É você que é poeta, não apenas por versejar, mas por aquela propensão natural de quem o é de verdade, bem sabe que assim é.

Adeus, Oliveira Guerra. Aqui vão, com um grande abraço e os protestos de admiração e agradecimento, os melhores afectos do seu muito dedicado

S. Tiago de Riba-Ul

10 de Junho de 1960



O INFANTE

I N F A N T E

**OH! MEU PRÍNCIPE DISTANTE COMO OS LONGES DO OCEANO
QUE SONHASTE DESVENDAR,
O TEU SONHO FOI TÃO GRANDE QUE COM ELE ENCHESTE O MUNDO
E O DEIXASTE A TRASBORDAR...**

**O MUNDO QUE NOS TEUS TEMPOS MEDIA OS BREVES ESPAÇOS
PERCORRIDOS PELAS VELAS,
ENGRANDECIDO POR TI, PELO IMPULSO DO TEU BRAÇO,
VAI JÁ ATINGIR AS ESTRELAS...**

**E SE QUANDO LÁ CHEGAREM OS HOMENS SOUBEREM VER
QUAL FOI A ELÁSTICA MOLA
QUE TÃO LONGE OS PROJECTOU, ELES TERÃO QUE PENSAR,
PORCERTO, NA TUA ESCOLA.**

**ELES TERÃO QUE PENSAR NO TEU ESPÍRITO RARO,
FORTE DE LUZ E DE ACÇÃO,
QUE SONHOU IR MAIS ALEM E DAR ÀS ALMAS DOS HOMENS
UMA NOVA DIMENSÃO...**

**... A DIMENSÃO DILATADA, QUE ERA QUASE SEM LIMITES,
DA TUA ALMA DE GIGANTE,
OH! CONSTRUTOR DO PASSADO, DO PRESENTE E DO FUTURO,
OH! MEU PRÍNCIPE DISTANTE...**

OLIVEIRA GUERRA

DE MAR A MAR

por JOSÉ MARIA CASTROVIEJO

EL MAR DE PORTUGAL

(En el V centenario del Infante D. Henrique)

*«Assí fomos abrindo aqueles mares
Que geração algũa não abriu,
As novas ilhas vendo, e os novos ares,
Que o generoso Henrique descobriu...»*

CAMOENS. LUSÍADAS. CANTO V. EST. 4.

Entre un marino son de calafates vemos a Henrique el Navegante, duro, casto y soñador, sobre la inmensidad atlántica, desde su retiro de Sagres. Lejos de la eorte engañosa, rodeado de navegantes y cartógrafos, al frente de una escuela, rumorosa de ondas, de la que es primera figura—el mejor creador de mapas de náutica de la época: maese Jacome de Mallorca. Oliveira Martins nos dice, bellamente,—que el infante se encontraba como embarcado en el punto elegido para sua residencia. En efecto, desde la parva lengua de tierra peñascosa, sobre la cual había plantado el—infante Enrique su corte marinera, se hacía a la altura—todos los días su espíritu, buscando la conquista del temible mar tenebroso, paralizador hasta entonces del esfuerzo de los denodados. Terribles leyendas mostraban condenado a muerte quien intentase rebasar el cabo Bojador,—pero el infante no ceja y reprende a su escudero Gil Eannes, por no atreverse a doblar en su salida —1433—el temible promontorio; la vergüenza de la real riña le impulsa y al fin lo remonta trayendo a su regreso yerbas «las cuales—eran conocidas en el Reyno con el nombre de yerbas de Santa María».

Está roto el embrujo, y luego todo es ya sucesión de—milagros navegantes que el tiempo multiplica; en 1436 llega Baldaya a la bahía de los Caballos, en 1441 Antão Gonçalves regresa con los primeros autóctonos negros: el mundo no termina en el Mar Tenebroso, y las tierras tropicales están habitadas: en 1460—año en que Diego Gómes descubre las islas de Cabo Verde—muere el infante D. Henrique en su—villa de Sagres, como había vivido, y donde, según Duarte Pacheco Pereira—autor del «Esmeraldo de situ orbis» compendió en 1505 de todos los conocimientos geográficos de la época, se había retirado con los suyos de «las fadigas e maldades de este mundo», como un Jorge Manrique Lusitano. Muere el Infante, pero la orden de marcha está dada, y ya Portugal será una total movilización cara el riesgo y la gloria del mar, para perene recuerdo,—mientras exista historia.

De Pero de Cintra a Bartolomé Díaz, Vasco da Gama, y Albuquerque se multiplicaba el milagro de las descubiertas, bellas y barrocas, que arrancan del Tajo bajo la sombra de la Torre de Belém oteadora de límites. Así, en 1516, habían recorrido e dominado los lusitanos exactamente la mitad de la esfera terrestre, con sus pequeños lu-ares cabeceantes: desde la costa meridional del Brasil hasta la isla de las Especies, a las puertas de Oceanía, pasando por el Africa, mientras por otra parte, en 1517, llegaba a Cantón Fernando Pires de Andrade.

Un olor a canela é ilusión llena toda la hermosa época de las «naus», surcadoras de mares antes nunca navegados. Un olor que parece desprenderse del título que—toman los gordos, rubios, y encendidos Reys de Portugal: «Señores de Guine, de la Conquista, Navegación y Comercio de Etiopia, Arabia, Persia y de la India».

Camoens expone en el Canto X de Os Lusíadas, de forma hermosa y precisa, la mecánica celeste corriente en su tiempo. Tétis muestra a los portugueses un globo transparente constituido por diez esferas concéntricas hechas de quintaesencia y en cuyo centro se puede ver a

la Tierra formada por los cuatro clásicos elementos, Vasco de Gama se estremece, comovido de deseo y de espanto.

Ves aquí a grande máquina do mundo,
Etèria e elemental, que fabricada
Assim foi do saber alto e profundo,
Que é sem principio e méta limitada.

Por debajo del empireo, en luz tan clara y radiante que la vista ciega, corre la décima esfera, propulsora del movimiento diurno, con levedad. Dentro de ésta se halla la nona, tan lenta y subyugada a duro freno, que en doscientos años de apenas «un passo». Es la que produce el movimiento de precisión, por su lento giro en sentido directo, en torno a los polos de la elíptica. Por bajo de ella está el octavo cielo, el firmamento, que se viste con el largo cinto de las constelaciones zodiacales e se orna con la aurenta y fría pintura, que las estrellas fulgentes van trazando.

Olha a Carreta, atenta a Cinosura.
Andrómeda e seu pai, e o Drago horrendo,
Vé de Cassiopeia a formosura
E do Oriente o gesto turbulento,
Olha o Cisne morrendo que suspira,
A Lebre e os Cães, a Nau e a doce Lira.

Camoens glorifica también (Canto X) el Saber náutico—de los portugueses, que se afanan en la cultura de la—ciencia astronómica, base científica de los descubrimientos y que en el firmamento hacen destacar una constelación: la cruz de las estrellas, que deve servir de guía en las navegaciones australes. En el canto V vemos a Gama aplicando la sabiduría del Astrolabio en el Angra de Santa Elena:

Porém em c'os pilotos n'arenosa
Praia, por vermos em que parte estou
Me detenho em tomar do Sol a Altura
E compassar a universal pintura...

De antiguo le venía a Portugal esta fiel tentación pitagórica, sentida bajo el parpadeo de las estrellas con el hálito de la descubierta. Si de antiguo le venía, como también a España, cuando en noble y fraterno estímulo rivalizaba con el país hermano en rotura de espumas y descubrimiento de continentes e islas, bajo el signo de la cruz y la espada.

Los propios Reyes y las personas de la Real familia eran primeros en dar ejemplos de alto interés por una ciencia, fundamental para un país de navegantes. El Rey D. Duarte dedica dos Capítulos del «Leal Conselheiro» a la explicación de las ruedas, por él dibujadas, para conocimiento de las horas por la Osa Menor. El obispo de Evora, D. Alfonso de Portugal, hijo del conde de Ourén y biznieto de D. Juan I. ofrece al doctor sevillano Alfonso de Córdoba su nueva regla para el cálculo fácil del lugar de Venus por las tablas de Zacuto, publicada en la edición de Venecia, de 1502, del «Almanach Perpetuam», con carta dedicatoria bellamente encabezada: «ad Reverendissimum in Christo patrem acillustrissimum Dominum Alfonsum Evorensem episcopum, Alfonsus artium et medicine doctor Salutem». En casa del Infante D. Luís, hijo del Rey D. Manuel, fué donde «a sciência da Cosmografia, mais—floresceu que noutra parte alguma desta redondeza que habitamos», según testimonio de D. João de Gastro en el prologo del «Roteiro desde Goa até Dio». Y refiriéndose después a la expedición de Túnez, a la que fué con este infante en servicio del César Carlos V, nos dá idea del motivo fundamental de sus conversaciones: «Mas lembrou-me que nos campos africanos da grande e miseravel Cartago, jamais os ardentes raios do Sol, nem as ásperas e continuas corridas podiam ser ocasion que, aparecendo em sua real tenda, ainda com muita parte de suas victoriosas armas vestida, me não praticasse qualquer proposição de Cosmografia...». D. João de Castro rechaza los dos mil cruzados que el Em-

perador español ordenó dar a cada uno de los capitanes de su Ejército: «O que ao infante agradou, e trouxe dos despojos de Tunis, foram alguns astrolabios árabes antigos»—Deinde vero post aliquot annos e andem tabulam exaratam reperimus in arabicis astrolabiis multis ante seculis constructis, quae clasissimus princeps Ludovicus Portugaliae infans ex manubiis attulit Tunetis urbis—. (Petri Nonii Salaciensis Opera; Basileae, 1566, pag. 157).

Los caballeros, sem perigos e guerras esforçados, que acuden a edificar «o novo reino ultramarino» ofreciéndose al peligro de los desconocidos y temerosos mares, tienen también necesidad de estudiar el arte de la navegación. En plena época de los descubrimientos es Duarte Pacheco Pereira un hermoso ejemplo de guerrero navegante: su valor militar yace glorificado en el blasón de armas que le otorga el rey de Cochim, y su saber náutico y astronómico está patente en el «Esmeraldo». De la gran sabiduría y experiencia de Vasco da Gama nos queda constancia impresa, aparte la realidad inmensa de su obra, que es la mejor Coda, en Castanheda (Historia do descubrimento da India). El heroico D. João de Castro, está, por sus «Reteiros», firme ya en la historia de la ciencia, como cosmógrafo, hidrógrafo y naturalista.

¿A qué seguir...? La pléyade sería interminable, y al lado de ellos, firmes en la aventura del mar, los rudos marineros, que tampoco Camoens olvida:

Os casos vi que os rudos marinheiros
Que tem por mestra a longa experiencia...

«Boa ventura! Boa ventura! Muitos rubis, muitas esmeraldas! Estáis na terra da especiaria, da pedraria e da maior riqueza que ha no mundo!» grita Monçaida a Gama, ante la embriaguez olorosa de Calicut (Castanheda: Historia do descubrimento e conquista da India, libro 1, capítulo XV).

¡Que torrente de piedras y fulgencias en la India!

Tem robis, diamantes taes,
Que não ten preço o contía,
Esmeraldas muy reaes,
Perlas de mui gran valía,
Espinellas e tem mais,
Carbuncios, ametistas,
Turquesas e chrysolitas,
Cafiros, olhos de gato,
Jagonças, de tudo a tracto
E, outras mais que no som ditas.

(«Miscellánea», de Garcia de Rezende, e variedades de historias, costumes, casos e cousas, que em seu tempo acontecerao).

¡Que jubilo en Portugal! El rey se apresuró a comunicar a todas las ciudades y villas del reino la llegada de Gama, y en carta dirigida a los reys de España manifiesta el alborozo, incendiado por las especies de Extremo Oriente y el delicioso pasmo de la descubierta: «Acharam e descobriram a India e outros reinos a ela comarcaos... Acharam grandes cidades e de grandes edificios e ricos e de grande povoacao, nas cuaes se faz todo o tracto de especiaria e pedraria... Trouveram logo canela, cravo, gengibre, noz moscada e outros modos de especiaria... E muita pedraria fina de todas as sortes, saber rubins e outros; e ainda acharama terras em que ha minas d'ouro...»

Aquel Pedro Alvares Cabral, descubridor del Brasil, hijo del caballero Fernando Cabral, «o gigante da Beira»:

«Mycer galante Cabral
.....
Sois em corte feo, grande,
E no campo outro tal».

Rodríguez de damas, según Silveira nos dice:

Un Macias sois segundo,
por servir damas tornado,
e dos galantes sois dado
por espello neste mundo...

Aunque no sólo damas cuidaba, pues sabemos, por el mismo Silveira que era «metedor d'álvoroços entre moças de pançeiro o soa-lheiro» (Cancioneiro General de Rezende, tomo I, páginas 189 a 192).

¡Nobles caballeros los fieles seguidores de Alvares Cabral, en su viaje de descubrimiento del Brasil bajo la protección de Nuestra Señora de la Esperanza, cuya imagen y sonrisa les acompañaba! Sancho de Tovar, el sustituto de Cabral, hidalgo castellano, primer hijo de Martín Fernández de Tovar, de la villa del mismo nombre a seis leguas de Burgos, que fuera mandado degollar después del advenimiento de Fernando e Isabel, como perteneciente al partido de Alfonso V. Su hijo Sancho mató al Juez sentenciador de su padre y se refugió en Portugal; es de los mas claros linajes de Castilla, según el nobiliario manuscrito de Rangel de Macedo, existente en la Biblioteca Nacional de Lisboa: Simão de Miranda de Azevedo, de las más nobles familias de Portugal, así como —Aires Gomes da Silva, descendiente del rey Fruela II,—tronco del cual durante siglos surgen las más ilustres Casas de Castilla y Portugal: Nicolau Coelho, en la bravura y el esfuerzo inquebrantable, digno de su generación ilustre y a quien su contemporáneo João Ruiz de Sá, loa:

Coelhos, tal perfeição
d'esforço e de opinião
sostem no que começarem
que o coração lhes tirarem
não lhes tira o coração.

64

refiriendose, seguramente, a aquel Pero Coelho al que D. Pedro el Cruel mandara arrancar el corazón. Nicolás Coelho acompaña en 1497, a Vasco da Gama mandando el «Berrío», y siendo así uno de los descubridores de la India: Simão de Pina, Gaspar de Lemos, Luis Pires, Nuno Leitão da Cunha, Vasco de Ataíde, nobles y valorosos caballeros en la gran expedición de Cabral, juntos con Bartolomé Dias, cuyo nombre fulgente en la historia está, para nuestro recuerdo, ligado a aquél cabo tormentoso de la sonora época, luego de «Buena Esperanza».

Era de ver aquel 8 de marzo de 1500 citada toda la hidalguía portuguesa en nuestra señora de Belém, cara al Tajo estremecido, con el Rey a la cabeza, oyendo la misa que celebra de pontifical el obispo de Ceuta don Diego Ortiz, matemático y cosmógrafo, que auxiliara a D. Juan II en los planes de los descubrimientos, concedor de los altos secretos de la nación.

Las colchas de los barcos, las banderas y los estandartes cubrían con sus colores al Tejo, que en palabra de João de Barros, «não parecia mar, mas un campo de frores», «con a prola daquela mancebia juvenil que embarcava». Sobre el lustroso azul del río anhelante sangraba la Cruz de Cristo en el lino miñoto de las velas y llegaba, desde la Caparica, un fino viento que tiraba de los barcos. En la orla del agua el Rey se despedía de Cabral y de sus hombres y éstos le besaban la mano antes de subir a los bajeles... Si, era de ver cómo las trece «naos» lusitanas descubrían después una tierra muy poblada de árboles y gentes, que fué el Brasil, según nos cuenta Joao Bautista Ramuzio en su «Navigationi et Viaggi» Venezia, 1550, cuya traducción portuguesa (tomo II, número 3, da «Colecção de Noticias para a História e Geographia das nações ultramarinas», Academia Real de Sciencias, Lisboa, 1812), es una pura delicia.

Desde la Torre de Belem mirando a la desembocadura del Tajo, entre el aire tirante aire, fino, marinero e bello, en incitación al viaje, se siente la gracia y fuerza del mar de Portugal. Desde esta Torre de Belém, barroca y fabulosa, suenan, como la mejor ofrenda al hermoso y marinero Portugal, los versos de aquel grande y triste poeta que se llamó António Nobre:

!Georges! anda ver meu paiz de Marinheiros
O meu paiz das Naus, de esquadras e de frotas!

CARTA A D. HENRIQUE O NAVEGANTE

O NAVIO DO SONHO FOI AO FUNDO

MIGUEL TORGA

Enrique o Navegante, Enrique o Soñador:
a porta do misterio pouco a pouco abres,
Fíxechе un camiño da inmensa mar maior
que comenza e finda no rochedo de Sagres.

Todo o mar resooou no teu gran corazón.
A inmensa saudade do mar en tí moraba.
O infindo das roitas, o bruante trebón
era a música doce que teu sono arrolaba.

Infante do Mar: no mar as tuas arelas
dispostas calquera hora a navegar.
Teus pensamentos eran como as velas
e tí tiñas sempre presa por chegar.

Pra tí o diñeiro, señor, somentes val
pra merear sonos, navíos e luceiros,
Non se merea a eternidá de Portugal
que a ganaron, no mar, teus mariñeiros.

Está lonxe a India, África, Cabo Verde
i a inmorrente fazaña do Cabo Bojador.
Sei que no teu corazón nada se perde.

Todo o lembrás tí no teu sono con amor.

Hai melanconía nos teus ollos soñadores
e tristura elegante como froles de lis.
¿Teimas en Madeira, na Guiné, nas Azores?
¿Ou ceicais soñas soños que soñou Amadís?

!Infante Don Enrique ! Cabaleiro do Mar !

Ollache cumprir, un a un, teus anxeios.

¿ Deixaechе Deus agora soñar e navegar
mareas infindas polos mares dos ceis

Infante Don Enrique, namorado das ondas :
¿ Sintes saudade das cancións mariñeiras ?
As suudades do mar : ¿ son as mais fondas ?
¿ Son, as noites no mar, mais verdadeiras ?

¿ Siguen teus ollos a esculear horizontes ?

¿ Sigue o mar cantádoche o seu cántico ?

Semella, meu señor, que inda foi ontas

cando, cara a cara, estabas eo Atrántico.

¿ Qué mar tes no ceio ? ¿ E qué lembranza... ?

Vila do Infante sinte as tuas legrías.

É portugués xa o Cabo de Boa Esperanza.

¿ Qué gran mariñeiro é Bartomeu Días... !

!Ou Navegante Maior de todo Portugal !

Amache o mar calmo e mais a mar irada.

! Almirante de Sonos ! ; Mariñeiro Ideal !

! O mar chora por tí como unha amada... !

Infante Enrique : en mín sempre estarás

como Paio Gómez Charño, o Almirante.

Astrevome a che remesar miñas soidás

que outra cousa non teño, !ou Navegante !

MANUEL MARIA

A LIÇÃO MORAL DOS MUSEUS E ARQUIVOS NACIONAIS

por BERTINO DACIANO

I

Falei, há anos, numa sessão de estudo, que a Comissão de Etnografia e História promoveu no Teatro de S. João da cidade do Porto (14-6-1949), da *Lição moral dos Museus e Arquivos nacionais*.

Alguém me pede, agora, que esclareça o caso, e de bom grado o farei, quando mais não seja para entusiasmar, quer aqueles que ensinam, quer aqueles que estudam.

Não deixarei, antes de mais nada, de informar que, durante anos, dirigi a «secção educativa» de um serviço oficial, e, pela prática adquirida, não só em oitenta visitas de estudo, dentro e fora do Porto, como também em algumas dezenas de «sessões» destinadas, em particular, aos estudantes, criei uma noção especial da utilidade de certos organismos de cultura, quando a acção dos mesmos seja orientada de determinado modo, e sobretudo, não para cumprir apenas disposições regulamentares, mas para as cumprir com total eficiência.

66

Informo igualmente que, à imensa satisfação, que sinto, quando, nalgum Museu, vejo entrar um grupo de estudantes, em geral palradores e curiosos, e mormente quando me encarregam de ser eu o guia, nunca deixa de corresponder uma certa apreensão da minha parte sobre a utilidade do meu esforço, uma espécie de receio de que o número, quase sempre elevado, desses visitantes, resulte em prejuízo para os mesmos e para o Museu.

Quando assim acontece, isto é, quando excessivo o número dos visitantes, nunca um Museu pode ser apreciado devidamente.

Se, dentro de uma classe, o professor cometesse a imprudência de conceder liberdade absoluta aos seus discípulos, se os deixasse falar todos ao mesmo tempo, se na mesma sala autorizasse a permanência de turmas diferentes, a sua acção tornar-se-ia improficua, os alunos nada aprenderiam, cedo lavraria o desrespeito e a desordem.

Seria porventura admissível que numa igreja não houvesse religioso silêncio da parte dos fiéis e o respeito máximo pelo Ministro?

O que aconteceria se, num tribunal, não reinasse perfeita ordem e não acatassem todos as sentenças dos Juizes? A Lei não passaria de uma inutilidade, nulos seriam os seus efeitos.

Nos Museus, ainda se entra pela mera curiosidade de olhar para quanto neles existe, que não de colher quaisquer ensinamentos práticos: uma festa enfim, um passatempo!

Todavia, se a organização dos Museus obedece ou tem de obedecer a um critério científico, os Museus revestem-se—é lógico—de incontestável importância pedagógica.

Visitar, com efeito, um Museu, um Arquivo Bibliográfico ou Documental, deve ser como receber uma lição.

Em todas as visitas que organizei com alunos meus, nunca deixei que o respectivo número ultrapassasse o da normal constituição de uma turma—antes inferior, muito inferior—preferindo repetir uma visita do que fazê-la, uma vez só, com grande número de discípulos.

E deste modo tornou-se-me sempre possível prender mais e melhor a atenção destes, ensiná-los a ver, fazê-los pensar no que vêem, obrigando, quase sempre, algum ou alguns, a colaborar pela apresentação de trabalhos da sua autoria.

Muitas pessoas afirmam não gostar do que vêem porque não sabem ver, e, ignorando o trabalho dispendido para seleccionar, classificar e dispor os materiais que se exibem num Museu, limitam-se a dizer—Não presta!, pala-

bras que não sofrem embaraço ao propagarem-se de boca em boca, que facilmente seguem seu curso, perpetrando, deste modo, uma grave injustiça.

Recordo-me de que, certa ocasião, na Biblioteca Pública de Braga, que visitei com um grupo de dez alunos, depois de termos ouvido uma lição do Sr. Dr. Alberto Feio, que proficientemente salientara o mérito de algumas espécies bibliográficas ali arquivadas, um dos referidos alunos então presentes, que, por sinal, dali a instantes, tinha de fazer a leitura de um trabalho seu, segredou-me ao ouvido: «Não compreendo como ele atribui tanto valor àqueles livros! Porque será?».

Terminada a lição, procurei dar uma explicação compreensível ao aluno, tirar-lhe a dúvida que sinceramente me confiou, e não o abandonei enquanto, com o auxílio do Director da preciosa Biblioteca bracarense, não verifiquei ter ficado suficientemente esclarecido o simpático estudante.

Também nunca entrei com os alunos num Museu ou Arquivo sem, previamente, lhes ministrar uma idêa geral do que vão ver, para que, uma vez lá dentro, saibam e possam apreciar melhor.

Direi, pois—«Desgraçados os directores dos Museus, Arquivos, Bibliotecas, que até hoje visitei com os meus alunos!». É que, no final de cada visita ou durante ela, eu sempre insisti com os meus alunos para que fizessem perguntas, apresentassem as suas dúvidas, pondo à prova, ao mesmo tempo, os seus conhecimentos e as suas idéias.

A propósito, contarei ainda que, uma manhã, com sete discípulos, realizei, na Régua, duas visitas previamente preparadas: uma, a certa propriedade rural das melhores da região, onde tudo nos foi explicado quanto ao plantio da vinha, segundo a natureza do solo, seu tratamento, colheita da uva, fabrico do vinho, etc. e depois, como complemento desta visita, outra a um dos armazéns mais importantes da Vila, onde igualmente nos foram explicadas as fases do tratamento do vinho, sua armazenagem e conservação.

Tudo correu como havia sido previsto, e tudo a horas.

Num laboratório do mesmo armazém, ouvimos depois o que entendeu dever dizer o amável informador que ali nos atendeu, homem prático, que habitualmente servia de guia em visitas similares, e que, em dada altura, proferiu esta frase: «Tudo tem uma explicação em face das leis da química, mas, já se vê, seria difícil dá-la e isso alongaria, talvez escusadamente, esta visita!».

Ora, entre os alunos em questão, encontrava-se um, hoje em Lisboa a concluir a sua formatura, que eu sabia ser altamente classificado na cadeira de química. «Talvez o Sr. seja capaz de explicar», disse-lhe; e, em tão boa hora o fiz, que—recordo com desvanecimento a cena—cada qual tratou de se acomodar o melhor que pôde, disposto a ouvir, e a explicação foi dada integralmente. A surpresa, então, foi enorme: a pessoa que, até ali, tinha andado a acompanhar-nos, dando esclarecimentos com certa reserva ou parcimónia, voltou-se para mim e declarou: «De visitas destas, assim, gosto eu! Isto é uma verdadeira aula. Pois então vou ensinar-lhes uma porção de coisas...». E..., a bem dizer, a nossa visita voltou ao princípio.

Quando saímos, com destino ao hotel, para o almoço, que também figurava no nosso programa..., levávamos todos a consciência de haver integralmente cumprido o nosso dever, passando uma manhã inteira a adquirir conhecimentos úteis, que não é fácil esquecer.

Poderia ficar aqui horas a recordar pormenores desta espécie e a enumerar visitas a museus, bibliotecas, fábricas, etc., mas... fica isso para outro artigo.

II

Necessário é que, antes de mais, para justificação do tema que me propus tratar, eu diga o que se entende ou deve entender por *Museus*, em face daquela finalidade que lhes queremos atribuir, e sem a qual eles continuarão—alguns pelo menos—a ser puras exposições, mais ou menos arrumadas, de objectos de preço, cofres fortes para aferrolhamento de riquezas immobilizadas, armazéns de retém de velharias valiosas, e não contribuirão para a educa-

ção do povo, não colaborarão com os estudiosos, não ajudarão os mestres na sua tarefa, não se volverão em agentes criadores do senso estético, não inspirarão artistas, não elucidarão ninguém.

Alguns anos são já volvidos sobre uma conferência e um concerto a que assisti no Museu Nacional de Soares dos Reis, por ocasião de umas «Festas do Maio Florido». Pois ainda não esqueci o prazer que uma e outro me causaram.

Que belo ambiente, na verdade, para manifestações artísticas daquela natureza!

As salas animaram-se, aqueceram, foram chamadas a colaborar, pela presença das obras de arte que as adornavam, no prazer espiritual que a todos se comunicou, na vibração de alma que em todos se produziu.

Porque não se realizam certas conferências nas Bibliotecas Públicas?

Porque não promove a gente culta, com mais frequência, excursões culturais aos mais vetustos monumentos portugueses, como aos mais importantes centros da actividade nacional?

Não teriam interesse lições sobre matéria artística e histórica nos claustros silenciosos, evocativos, de velhos conventos, no Porto ou fora do Porto, na cidade ou na província?

Levei por vezes os meus alunos ao claustro do Mosteiro da Serra do Pilar; ali lhes dei algumas lições sobre Gil Vicente; ali os fiz interpretar passos vários de certos autos do grande dramaturgo.

Recordo-me, também, da lição que marquei a uma aluna, sobre a vida e a obra de Bernardes, para ser lida no claustro do Mosteiro de Cete, e não me esqueci ainda de certos trechos que costumo ler nas aulas, um dos quais é este, por exemplo, extraído da obra, que reputo admirável, do grande Ramalho—*O culto da arte em Portugal*, e que me permito reproduzir aqui:

«Durante a Renascença e ainda através da Idade Média, tão insuficientemente conhecida no enigma da sua cultura artística, os reis, os monges, os burgueses enriquecidos ostentavam o fausto e a pompa hierárquica não somente construindo palácios e castelos, que enobreciam os lugares que eles habitavam mas erigindo basilicas e catedrais, em que se concentravam todos os esforços do talento de uma raça, e eram verdadeiramente os palácios do povo, doados magnânimamente pelos mais poderosos aos mais humildes, em nome de Deus, em nome do rei, em honra da pátria.

«Nesses edifícios incomparáveis se achavam coligidas, como em escolas monumentais, como em museus portentosos, todas as maravilhas da ciência, da poesia e da arte. A escultura arquitectural, a estatuária dos mausoléus, a imaginária dos altares, a luminura dos missais, a pintura das vidraçarias, a talha dos retábulos subordinavam-se a um pensamento comum, expresso num vasto simbolismo, compreendendo as fecundidades da terra e do mar, o trabalho do homem nos seus desfalecimentos e nos seus triunfos, a perturbação dos sentidos pelo pecado, a fatalidade do sangue, o horror do universal aniquilamento, e o voo da alma para Deus, levada por um imortal instinto de amor, de paz, de verdade e de justiça.

«Dentro dessas igrejas, ameaçadas hoje de próxima ruína ou inteiramente arruinadas, se celebravam todos os actos da vida religiosa, da vida civil e da vida doméstica. Aí se casavam os noivos, se baptizavam os filhos, se sepultavam os pais. Aí se ungiam os reis, velavam as armas os cavaleiros, professavam os monges, benziam-se os frutos da terra, as bandeiras das hostes, as ferramentas da lavoura e os pendões dos ofícios. Aí se discutiam os interesses do povo, os direitos, as franquias, os foros da comuna. Aí se pregava o Evangelho, se rezava a Missa, e se representavam os autos populares da vida de Jesus e dos seus santos; e nas vigílias da Natividade, da Epifania e da Páscoa, quando o órgão emudecia no coro e se calavam os cantos litúrgicos, o povo bailava ao longo das naves, sob as abóbadas góticas, ou sob as cúpulas bizantinas, e as loas e os vilancicos, entoados pelos fiéis, subiam para o céu com a fragrância das flores e com o fumo dos turíbulo, ao repique das castanholas e ao rufar dos adufes...».

«Mas os tempos mudaram e mudaram os costumes. Já não se erguem palácios, nem basilicas, nem catedrais, já dentro destas não velam as armas cavaleiros e heróis como os de antanho; já ali se não representam os autos populares; já não baila o povo dentro das suas extensas naves; já não en-

toam os fiéis, como de antes, as loas e os vilancicos; as castanholas já não repicam, nem rufam, alegres, os adufes...

São outras as pessoas, outros os seus caracteres. Difere da antiga a concepção actual da vida. Não sentem como os de outrora os homens dos nossos dias. A sua ideologia é outra, os sentimentos evoluíram, as suas necessidades não são as mesmas.

O homem antigo comandava o tempo; o homem de hoje é função exclusiva dele.

Por conseguinte, quando formos curiosos e desejarmos conhecer as tradições do nosso país, quando pretendermos criar a consciência do nosso amor pátrio pelo estudo retrospectivo da história nacional, onde iremos buscar os principais elementos informativos? Onde havemos de encontrar aquilo que nos permita investigar a nossa própria origem?

Quem melhor poderá fornecer-nos os conhecimentos de que necessitamos? Quem nos elucidará quanto à riqueza arqueológica e artística da terra em que nascemos? Onde encontraremos os documentos incontrovertidos, os depoimentos insuspeitos das nossas actividades físicas e mentais em outras eras? Que entidades, enfim, melhor nos esclarecerão sobre os recursos do passado, sobre a produtividade dos nossos maiores nos amplos domínios do espírito?

Tais entidades serão os Museus, as Bibliotecas, os Arquivos de Portugal—espelhos da vida, guardas fiéis de velhos tesouros, fontes inesgotáveis de encantos, mananciais de beleza eterna!

Ali se patenteia o labor persistente de obreiros audaciosos e hábeis; ali se ostentam os primores de uma arte que nos prestigiou e enriqueceu; neles se documenta todo um passado de sacrifício, de luta e de esforço; neles se glorifica o trabalho e o génio.

Porto, 1960

BERTINO DACIANO

UM PRECURSOR

por LOIS CARRÉ ALVARELLOS

«...unha das meirandes ilusións de Lopez de la Vega, era de enfortalecer os vínculos entre os fillos de Portugal e da Galiza, laborando pol-o mais completo coñecemento mutuo...»

Decorría o ano de 1930, cando un día do mes de xulio, viu á vida no barrio de Esteiro, no Ferrol, un neno que levou por nome Xosé, e apelidouse López de la Vega. quen, andando o tempo, doutado dun espírito inqueda e dunha i-alma grande e viaxeira, percorreu unha boa parte do mundo, ao que o levou tanto o fado da raza, primeira forza que o arrincou do agarimo do fogar, como o seu típico tempero de inadaitado e impenitente ensoñador, que se não deixando gañar do desazo, soubo trunfar dos feros que o amarguraban, poñéndolle cara a todol-os desenganos e contrallas, coa firmidía do seu carai-ter enteiro e baril.

Home afeutivo e sentimental, buliu por algún tempo no noso mundo literario rexional, levando por guieiro, un fondo amor á terra onde nacera, e un outo conceito de universalismo e irmandade, formado ao través do seu pol-engrinar por moitas terras da Europa e das Américas, onde conviviu con homes de total-as razas e de total-as tendenzas ideolóxicas.

Era moi novo ainda, contaba apenas os trece anos, cando, cò fardel do esilado emigrou para o Brasil; ali, sen ninguén o axudar, con un esforzo sobrehumán e unha vontade de ferro, pois tiña que traballar pra se gañal-a mantenza, estudou as carreiras de meiciña e filosofía, que anos mais tarde, home feito xa, convalidou en Madride.

A sua profésión de médico pouco era o que lle rendía, pois pol-o seu carai-ter persoal, era López de la Vega de aqueles homes que exercéndoa como un sacerdocio, escollera por siareiros aos mais humildosos, por ser á sua maneira de ver, os que mais percisaban da sua axuda, xa que se non podían pagar os ausilios da ciencia; e, asi, procuraba os seus cativos ingresos escribindo, pois outra das suas grandes paixóns, era a literatura. Inda que non un xenio, foi López de la Vega algo mais que un meían poeta, deixando seis volumes de poesías; úbedo xornalista, escribiu en moitos dos boletis galegos do seu tempo, e ainda atopou modo pra publicar trabalhos en outros do Brasil, de Portugal, e sobor de todo de Madride, onde residiu algún tempo até que o sorprendeu a morte.

En Portugal, ao que parece, contou con moitos amigos literatos còs que levaba moi boas relacións, tanto en Lisboa, como no Porto, e n-outras cidades do Norte do país.

Home moi aitivo e prolífico, amais de poesia compuxo romances, escribiu ensaios, numerosas obras de meiciña, algunhas traducidas ao inglés e ao francés; deixou algunhas obras de carai-ter centífico, fixo tradúzóns de diferentes linguas, e manifestouse en todol-os campos do saber e da literatura con grande profusión.

Da sua correspondenza con Murguía, foi que tiramos as mais das nosas notizas, e por ela sabemos tamén, como a sua predilección levábao a tratar da custión social, doéndo-se mais de unha vez nas sua esquelas, de que se non poidera falar de tema tan atrainte como de fondo interés.

Ao través da sua obra e das enmentadas esquelas ao bon amigo Murguía, ofrécesenos López de la Vega, como unha i-alma atormentada, nobre e de outos ideías, cicais un pouco tocada de aquél doentío goce na dôr, tan carai-terístico do romantismo, daquela no seu apoxeu, mas, non embargante, un espírito sincero a se queixar por verdadeiro sentemento pol-as mágoas própias e pol-as alleas.

Eis, tracexada un pouco de lixeiro como o caso require, a personalidade do noso home, que fundamente namorado da sua terra nai, cóubelle a má

sorte de ir morrer probe e soio, como a tantos mais dos seus irmáns de mal fado, num hospital de Madride, o día 8 de febreiro do ano 1888. Tristeiro fado o seu, e mais aínda, sabendo como sabemos, que ele sempre tivo consolos para os demais, e nunca foi roparado pra compartillal-os seus curtos bés cós somellantes percisados de axuda, fosen quen fosen; así é a vida!, e cavilar que nin siquiera puido o coitado durmil-o seu sono derradeiro nun cimiterio da Galiza!

*
*
*

Efeito das suas andadas e das relacións cós colegas portugueses, nascidas cò gallo da sua estada no seu país irmán, unha das meirandes ilusiós de López de la Vega, era a de enfortecel-os vincallos antre os fillos de Portugal e da Galiza, laborando pol-o mais comreito coñecemento mutuo, dos irmáns departidos pol-a escisión nascida de unha fronteira política, que non por outra causa; e, para conqueril-o seu propósito, atopándose en Vigo, fundou con don Francisco Tenreyro Montenegro, un boletín decenal «El Porvenir Hispano Lusitano.—Revista de Comercio, Industria, Ferrocarriles, Telégrafos y Literaturas», que botou o seu primeiro número á rua o día 10 de abril do ano 1858, sendo a sua vida cativa, pois, infelizmente, o día 20 de agosto do mesmo ano, apareceu por derradeira ves dímpos de sair catorce números. Seguindo o costume de aqueles tempos, un dos dous editores e cópropietarios de boletín, Tenreyro Montenegro, foi o director responsable, namentres o esprito combativo de López de la Vega, verdadeiro criador e i-alma da publicación, acadou pra sí o cárrago de segredario e redactor, que era o mais interesante e de verdadeiro traballo.

Descoñecemos-o boletín do que non chegou a nós ningún exemplar, non podendo dicir cousa de como eran os seus artigos, mas, non embargantes, por referenzas recollidas, sabemos que o seu programa precuraba pol-a «Anexión Ibérica», crebando lanzas a prol dun béliodo ideial, campaña na que se viu asistido pol-a imprensa «provincialista» da época, e refletida no país veciño, que seípamos, pol-a «Revista Peninsular» de Lisboa, decorrendo os anos 1857-1858, e posto ao frente do movemento en Portugal, figura tan saínte como o ilustre poeta de familia oriunda da Galiza, A. Feliciano de Casti-lho, que como o seu fillo Xulio, contaban antre os millores amigos do precursor, quen adicou ao pai unha sintida composizón «El ciego», aparecida no «El Porvenir Hispano Lusitano», que outro poeta portugués, Cândido Furtado, vergueu na lingua sonora de Cámoes, e publicouna alá pol-o ano do 1859 no boletín «Aurora do Lima» de Viana do Castelo

Loitador de tempero, López de la Vega, se non deixou gañar de desazo ao ver como desaparecía a sua criazón que tanto acuciara, e cóstanos que mais de unha ves publicou traballos ourentados con aquele mesmo fin, en diferentes ocasiós, e aínda agora no momento de escribir, temos diante de nós un boletín cruñes do ano 1863, aquel tan sonado da historia do renacemento literario galego, tidoado «Galicia—Revista Universal de este Reino», que compartillou cò «El Miño» ou «La Oliva», que os dous nomes levou, e mais «El Clamor de Galicia», tamén cruñés, as mais rudes tarefas de aqueles lonxanos tempos nos que un fato de namorados da Galiza, ergueron bandeira, apelidando xente pra loitar pol-a dinificazón e progreso da terra ben amada, facéndoa acordar do seu sono.

N-ese traballo de que falamos de Lopez de la Vega, que eosta de dazaioito artigos pra dar a coñecer os poetas contemporáneos do país irmán, estabrecendo comparanzas antre a poesía galaico-portuguesa de aquela hora para chegar ao mutuo coñecemento da língoa e da poesía como primeiro paso de mais cobizosos proyeitos, amais da xácara «A serrana» que dí recollida no Algarve, publicase unha colección seguida de curtos comentarios, formada por composizóns poéticas de Pinheiro Caldas; Joao de Lemus; Luis Filippe Leite; Antonio Xavier Rodriguez (Cordeiro); Francisco Leoni; A. Feliciano de Casti-lho; João da Silva Mendes Leal; Estacio da Veiga; Filippe de Qental; Antonio Pérez Zagayo; Antonio Pereira da Cunha; Claudio José Nunes; Luis Augusto Palmeirín; Pereira Caldas; Pedro Dinis; Celestino Seixas e Cândido Furtado; escollendo de antre a produzón de uns e outros aquelas pezas,—di—, que

millor encarnan o espírito poético do pobo na forma mais chegada ao popular, espoñendo o colleitor o seu árdego desexo de que fosen recollidas nos dous países irmáns total-as cantigas e manifestazóns poéticas populares cō que chegaríase a prol-o indiscutible parentexo das duas ramas galegas de aquen e alen Miño.

Aquele autor, fai en dous de eses artigos unha crítica dos «Cantares Galegos» de Rosalía, dos que dí son un mainífico espoñente da felís maridanza dun poeta erudito coas formas e tendenzas espíritoás do acervo popular galego, e, padricando cō exemplo, publica logo a seguida cantigas, refrás, adiviñas, enchoyadas, algunha narrativa en verso, oraeiós e outras rimas populares por ele recollidas en diferentes logares da Galiza, aproveitando sempre que atopa enseño, pra teimar na idea motriz da necesidade da unión espíritoal dos dous pobos pra chegar a mais outos fins.

Loubor á lembranza de López de la Vega. e de cantos como ele labou-ran desintereiros pol-a unión e fraternidade dos pobos.

A Cruña, xunio de 1960.

LOÍS CARRÉ ALVARELLOS

O CULTO DOS MORTOS NO NATAL

de ERNESTO VEIGA DE OLIVEIRA

«Nesta noite ninguém cuida
«Encontrar-se à mesa a sós,
«Porque os nossos queridos mortos (1)
«Veêm sentar-se junto de nós»

Esta quadra, ouvida na nossa infância, parece traduzir apenas, na modéstia do seu lirismo despretencioso, o significado corrente do Natal, como festa que consagra, em volta da mesa da ceia, o próprio espírito da casa e da família, presente nos vivos e na evocação dos mortos queridos. Na realidade, porém, ela exprime uma ideia mais geral e obscura, que, para lá desse sentimento imediato, bebe talvez a sua origem em qualquer cerimónia primitivamente relacionada com o culto dos mortos, que teria lugar na mesma quadra do ano, e que a celebração cristã do nascimento de Jesus absorveu, com um novo conteúdo. Com efeito, são — ou eram até há ainda poucos anos — muito numerosos e significativos os costumes e práticas próprias do Natal, que aparecem associadas à evocação dos defuntos, designadamente sob a forma de crença na sua comparação nessa noite, na casa onde viveram. Assim, por exemplo, no Alto-Minho, para a ceia da consoada, parece que se punha um talher a mais na mesa, que se destinava à pessoa de família falecida em data mais recente (2); mesmo na cidade do Porto, em certas casas, dispõe-se numa sala à parte uma duplicação da ceia, destinada aos mortos familiares, especialmente evocadas nessa ocasião; em terras de Guimarães, em Santa Leocádia, coloca-se fora da porta, à meia noite da véspera e da noite de Natal, um prato com pedaços de tudo aquilo de que se compoz a ceia, que é para as almas; mas é preciso levar-se uma luz para que elas — que vêm sob a forma de borboletas, brancas ou pretas conforme estão em bom ou mau lugar — possam ver o que lhes é destinado (3).

Em várias localidades, como Guimarães, terras de Barroso, Rio Tinto, nos arredores do Porto, etc., a mesa da ceia do Natal não se levanta, para que os mortos, ou as «alminhas», que nessa data comparecem, por vezes a altas horas, encontrem de comer (4). Noutros casos, a ceia das «almas» são as migalhas da ceia dos vivos; e, dentro desta ordem de ideias, a reza pelas almas familiares que em Briteiros, segundo o relato de Martins Sarmiento, se fazia na Noite de Natal, tinha como fim expresso impedir, que elas viessem comer essas migalhas, perturbando dessa maneira os vivos (5).

Sobre os resíduos da velha crença obscura e tenaz, o homem vai tecendo formas novas, que a ela se adaptam. É hoje normal a visita aos cemitérios da cidade no dia da Consoada; e divulgado entre nós o uso do azevinho como flôr específica do Natal, logo ele se ajustou ao sentimento profundo que liga tradicionalmente essa festa aos mortos, e veêm-se então as campas guarnecidas com a mesma flôr que, à noite, personifica o espírito da celebração sobre a mesa da ceia familiar.

(1) OU: «Os que amamos e já fôram.»

(2) Cfr. Consiglieri Pedroso, *Tradições Populares Portuguesas*, XVI—Almas do outro mundo, in: *O Positivismo*, 4.º Ano, Porto, 1882, pág. 366; e também José Leite de Vasconcellos, *Ensaio Ethnographico*, II, Esposende, 1903, pág. 92.

(3) Cfr. Alberto V. Braga, de Guimarães: *Tradições e Usanças populares*, I, Coll. Silva Vieira, págs. 166/7.

(4) Para Guimarães, *ibid.*...

(5) Consiglieri Pedroso e J. Leite de Vasconcellos, *op. e loc. cit.*...

Mas não é só em relação à ceia pròpriamente dita que o Natal se qualifica, em alguns dos seus aspectos, como herdeiro de uma festa dos mortos. Já noutro lugar vimos que o costume de se estender palha no chão, em redor da lareira, na noite da Consoada, que se observa em vários pontos do Norte do País—em terras da Maia, na Fóvoa de Varzim, em Vilarinho, no concelho de Vila do Conde, etc.—, pode talvez ser interpretado como uma prática relacionada também com o culto dos mortos, e como uma manifestação da crença na sua comparência na casa onde viveram, nessa data (6). A propósito da Maia, Maria Peregrina de Sousa, depois de descrever o acto, entende que a palha se estende no chão para que as crianças possam saltar à vontade sem se magoarem (7); pelo seu turno, Santos Graça, falando da Póvoa de Varzim, explica o mesmo costume como sendo a comemoração do nascimento de Jesus sobre as palhas do estábulo de Belém, dizendo que, finda a ceia e enquanto se espera a Missa do galo, as pessoas cantam versos ao menino com música de violas e ferrinhos, e deitam-se no feno ou palha, «lembrando-se que

«Não havia na cabana
«Senão feno e mais palha
«Que cobria o Deus Menino
«E era a sua mortalha» (8).

Na Dinamarca, porém, onde o costume de se dormir sobre a palha na noite de Natal é também conhecido, informaram-nos de que tem lugar a fim de que os mortos, que nessa noite comparecem, se possam deitar e dormir nas suas camas, daquela forma desocupadas; e parece-nos legítimo interpretar o costume português neste sentido, já porque a sua forma material é idêntica nos dois casos, já porque, como vimos, a associação das celebrações do Natal com a ideia da comparência dos mortos nessa noite se documenta entre nós pelos demais exemplos, tão significativos, que apontamos.

A crença na visita das almas na noite de Natal existe também na Galiza, onde parece ter um caracter geral (9); e lembramos que em Inglaterra a noite de Natal é por excelência a ocasião em que se manifestam os fantasmas, tanto da tradição daquele país, que podem representar um eco dessa remota crença, ainda vigente na Península na sua forma primitiva.

74

(6) Cfr. Ernesto Veiga de Oliveira, A palha do Natal no Concelho de Vila do Conde, in: *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol. XV Fasc. 1-2, Porto, 1954, págs. 107/10.

(7) Cfr. Maria Peregrina de Sousa, *Costumes Populares da Maia—O Natal*, in: *Anuário para o estudo das tradições populares portuguesas*, Porto, 1882, pág. 33.

(8) A. Santos Graça, O Poveiro, Póvoa de Varzim, 1932, pág. 118. Ç. W. V. Sidow, no trabalho intitulado: *The Manhardian theories about the last sheaf and the Fertility demons from a modern critical point of view*, in: *Selectd Papers on Folklore*, Copenhagen, 1948, pág. 99 e nota 23 pág. 243, mencionando os sinais visíveis que anunciam a chegada do Natal — entende-se que na Suécia —, fala, além do *Yule Log*, na palha que também ali se estende no chão, dando, de acordo com a sua crítica geral às hipóteses mítico-religiosas e como Santos Graça, a explicação de que tal se faz «porque Cristo nasceu nas palhas».

(9) Cfr. António Fraguas Fraguas, *Aportación al estudio folklórico del castaño, la castaña e el magosto*, in: *Revista de Guimarães*, LXVII, pág. 13 (separata).

Porto, Maio de 1960

Ernesto Veiga de Oliveira

do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular—Porto

LITERATURA GALEGA⁽¹⁾

ROMANCE

de LEANDRO CARRÉ

A enorme riqueza, por calidade e por cantidade, da poesía galega non ten na prosa un parello valimento; porén, nestes derradeiros tempos adquiriu un arriquecemento que debemos ter en conta sempre que se fale da literatura rexional.

Ao rexurdir as letras galegas no pasado século coas poesías de Camino, Añón, Rosalía Castro, Pondal, Curros, etc. déronse á publicidade aquelas sonadas revistas «A Tertulia de Picaños» (1820), «O Vello do Pico Sagro» (1861), «O Tío Marcos da Portêla» (1879), e outras, nas que apareceron algúns trabalhos en prosa e mais os primeiros contos.

Mas, a cobiza de acadar unha valoración xeral de Literatura rexional galega, levou a outros escritores a intentar empresas de maior compromiso e valía.

O primeiro relato que coñecemos data do ano 1810, anterior á época que veño de citar; é unha obra de Xosé Fernandes Neira, «PROEZAS DE GALICIA», na que conta, en forma dialogada entre dous paisans, as fazañas das xentes galegas contra as tropas francesas que invadira a nosa terra, da que foron botados pol-os propios e escrusivos meios en seis meses. Esta obra foi reimprimada no 1893. Carré Aldao, no seu libro «Influencias de la Literatura Gallega en la Castellana» (Madrid, 1915), sinala como probábele iniciador do romance español o «Amadis de Gaula», que se sospeita foi primitivame escrito en galego. Galego foi, dende logo, um dos primeiros romancistas casteláns Xoán

Rodrigues de Padrón, autor de «El siervo libre de amor». Mas esto non importa para o noso artigo de hoxe, no que vou a me limitare ao romance xenuinamente galego; é dicidir, ao que foi escrito na nosa lingua vernácula.

Encetouse coa publicación no 1880 da novela «MAXINA, OU A FILLA ESPÚREA», de Marcial Valladares, inserta na revista «La Ilustración Gallega y Asturiana». Trátase dunha noveliña moi do gusto d'aqueles tempos. As descrições e observações do autor están en galego; nos parrafeos ou conversas, usan a lingua castelá os señores, e as xentes da campia o idioma vernáculo. É, pois, bilingüe. Noustante deu o primeiro paso. Outros compretarian o seu comezo con novas obras escritas totalmente na fala rexional. E nafeito, Manuel Amor Meilán produciu «XUANA» e pouco depois «OS FILLOS DA PRAYA», premiadas respectivamente en certames de Pontevedra (1886) e Betanzos (1887). Neste mesmo derradeiro certame é premiada tamén «PREDICCIÓN», de Heraclio Peres Placer.

Ata o fin de século escribíronse algúns romances mais: «A CAMPANA DE CAPRECORNECA», por Luis Otero Pimentel (1898); «FERRUXE», de Aurelio Ribalta, ao que sigue Antonio Lopez Ferreiro, que publica «A TECEDERA DE BONAVAL» e «O CASTELO DE PAMBRE»; Xesús Rodrigues Lopez dá ao prelo «A CRUZ DE SALGUEIRO», e Xan de Masma «¡A BESTA!»

Parte destes romances son, como

(1) Para os leitores portugueses, não familiarizados com o galego, indicamos as seguintes equivalencias da ortografia empregada pelos escritores galegos a que os obriga o feito de ser a lingua castelhana a única oficial e usada no ensino:

x—j; z—ç; ll—lh; ñ—nh; unha—ña ou un—a

primeiros ensaios, de non grande mérito literario e inda algúns tampouco teñen aquel valor lexicográfico que a falla d'outros poideramos estimar. Hai noustante que agradecer aos seus autores a boa intención que os moveu contribuíndo así ao renacemento da fala galega como instrumento de expresión literaria; e tampouco debemos ser moi esixentes, pois os gustos e mais os modelos d'aqueles tempos non eran os mesmos de hoxe.

Non chegaron a nós as obras de Amor Meilán; o que lamentamos, porque Amor Meilán escribiu outras en castelán que nos fan supor moitas dinas de estimanza as que en galego produxo. «Ferruxe», de Ribalta, inda que curta, é unha delicada relación, o dondo estudo do carate, rexo, rosmón, mas, bondoso, de Petra a vella tía que todo o sacrifica, que renuncia a todo, incruzo o amor, por servir e axudar á súa sobriña e fillada Mercedes. «A tecedeira de Bonaval» é un romance urdido encol dun episodio histórico acontecido en Santiago de Compostela no século XVI, axeitado cos amores dunha rapariga tecedeira. «O castelo de Pambre» é outro romance de Edade Meia que ten como base o histórico castelo e mais os seus señores. Un relato de amor e de costumes no que se combaten certos convezolismos contrarios á lei natural é «A Cruz do salgueiro», de Rodríguez Lopes.

O novo século trouxo outro pulo de interés e de sentimento pol-a fala galega. As revistas rexionaes aumentaron e fixéronse mais axeitadamente, c'unha visión, c'un fito mais erueito e nobre. O carate rural que era a maor tendencia que tiñan levado as devanceiras nas poesías e contos que publicaban, foise trocando nun estilo mais puro e culto. A «Revista Gallega», da Cruña, sostivo polémicas conducentes a purificar a linguaxe e mais os temas literarios. A Real Academia Gallega foi fundada naquela cidade o ano 1906 coa xuntanza das mais prestixiosas personalidades e escritores da Galiza; e pouco mais tarde, no 1916, por iniciativa do xornalista Antón Villar Ponte, constituíuse, tamén na Cruña, a «Irmandade da Fala» que presto espallouse por toda a rexión.

Coa poesía, co teatro (do que falaremos outro día), foise afinando

tamén o romance, se ben non coa mesma intensidade e importancia. Á novela de Francisco Camba «O TERRUÑO», publicada no 1900, e coído que a iniciación do camiño que habería de percorrer mais tarde o gran novelista español, seguiu «O NIÑO DE POMBAS», de Lopes Ferreiro e «O PANTASMA», de Manuel Rodríguez. Na no 1918 apareceu «FERMOSÍNDIA», de Francisco Porto Rey, «O DIPUTADO POR VEIRAMÁR», de Gonzalo Lopez Abente; «NÉVEDA», de Francisca Herrera, e «BESTAS BRAVAS», de Florencio Vaamonde.

Lopez Ferreiro deunos en «O niño de pombas» un breve relato cabaleiresco da Edade Meia, froxo e inocente. Tamén é unha relación da época meoieval o sinxelo romance «Fermosíndia», de Porto Rey, interesante e ben trazado. ¡Lástema que na primeira parte se lle escapara un capítulo (o IV) dunha ordinariez e mau gosto que produz no leitor unha desagradábel impresión. Despois, por sorte, o relato mellora moito e adquire calidade, pol-a súa delicadeza, sentimento e interés. Lembra algo certos contos galegos de príncipes e encantos que teño ouvido de pequeno referidos por algunha vella campesiña.

Se os xornaes galegos d'aqueles tempos tiveran adicado unha pequena atención ao noso romance, certamente que poderían se tere dado a coñecer nos seus folletóns, daquela adoitados, algunhas outras obras, como aconteceu con varios dos romances que deixamos menzoados.

Para intensificar e afinar o romance galego fixéronse algúns intentos coa publicación de pequenos volumes a prezos populares. Apareceu a primeira serie na Cruña, tidaada «Terra a nosa!» (1919), que deu ao prelo 15 volumes, se ben non todos foron novelas, senon que intercalou poesía e teatro. A esta seguiu «Céltiga», de Ferrol, con trece volumes tamén variados; «Alborada», de Pontevedra, con 3; «Libredón», de Santiago, con 2; e «Lar», tamén da Cruña e da que eu fun fundador e director, que publicou 40 volumes. Esta foi a que mais fixo pol-o número e pol-a calidade, pois todol-os tomiños son romances e entre os seus autores figuran nomes tam prestixiosos nas letras como Wenceslao Fernandez Florez, que encetou a publicación

(Novembro de 1924) coa súa novela orixinal «A miña muller»; Ribalta, Pita Romero, Otero Pedrayo, Carré Aldao, Florencio Vaamonde, Lopez Abente, Francisca Herrera, Filgueira Valverde, Bouza Brey, Amado Carballo, Alvaro de las Casas, Angel del Castillo, Armando Cotarelo, etc. Esta publicación durou ata o ano 1928. Na colección figuran catro novelas da miña propia autoría: «Naiciña», «A propia vida», «O home que deu vida a un morto» e «O xornal de Mavis».

Nestas publicacións trazaron as primeiras páxinas romancescas algúns escritores, como Lesta Meis, malgrado por malfadado destino, que escribiu «Manecho o da Rua» e, alentado, deu logo ao prelo «ESTEBO» e mais tarde «ABELLAS DE OURO», libros de 300 e 200 páxinas e ben realizados. Quizaves na vida de «Estebo» haxa moito da propia vida ramancesca do autor; dende logo que nas páxinas deste romance, cheo de vida, refréxanse sensacións que deixaron fondo súco no sensíbel temperamento de Lesta Meis a través da súa azareira vida que o levou a terras de Cuba, de onde voltou maltreito e ferido de morte para podere repousar na terra que o vira nacer. O outro libro «Abellas de ouro», son estampas, retratos escritos das nosas mulleres gallegas: mulleres resinadas, fortes, que loitan a decotío coa vida pra se gañaren o pan de cada día, algunhas veces pra sosteren elas sóas a familia por ausencia do home, na emigración, coma viúvas de vivos, que dixo Rosalía Castro.

As mulleres tiveron sempre unha parte, importantísima, coma no caso da escelsa Rosalía, no cultivo das nosas letras. Francisca Herrera escribiu algunhas pequenas novelas: «A i-alma de Mingos», «Martes de antroido» e «A filla da naipeira» mas, por riba de todo, a aportazón de Francisca Herrera ao romance galego manifestase en «NÉVEDA», cuio volume de 247 páxinas, e cuio desenvolvemento literario, ategado de tenra delicadeza, como saída da i-alma dunha muller, avallia a produción do noso romance. Néveda é froito dun pecado de mocidade, e a súa vida escura, que ramatou co resinado sacrificio do seu propio amor, é como unha refoxada de luz, leve e fuxidía coma o ronsel dunha estrela

fugaz, que, enledizando un instante a vida do seu pai que sentindo debezos por lle dar abeiro no seu corazón, desaparece novamente nas súas cando a realidade da vida impón a súa dura lei. A linguaxe é coíddada e enxebre, e os persoaxes bem dibuxados.

Aurelio Ribalta, ademais de «Ferreux», da que xa falei, escribiu a novela «O pastor de dona Silvia», e un romance de mais comprimento «O DERRADEIRO AMORE». Xa nos primeiros tempos do renacemento literario, Ribalta incorporouse ao grupo de poetas galegos en lingua vernácula con obras que mereceron gabanzas da crítica. Non conforme con eso quixo contribuir ao maior esplendor das letras rexionais iniciando os escritos en prosa coa súa novela primeiramente nomeada.

Cando no 1924 a fecunda labor das publicacións «LAR» e «NOS» intensificaron a produción romancesca, o vello poeta volta á lide e escribe «O pastor de dona Silvia» e «O derradeiro amore», dúas producións sentidas, sinxelas e intensas. Na última, o tío Antón sintese dominado por unha paixón que gaña todolos seus pensamentos, que somella vencer o bô xuício do vello, hastra que en cabo impónse o bô senso, poida que axudado pola lembranza da súa muller morta, e o derradeiro amore da súa vida xa cangada pol-os anos, é asoballado e vencido.

«Bestas» bravas, de Florencio Vaamonde, é un relato da vida dunha nobre familia das Mariñas a romate do século pasado. A linguaxe que Vaamonde emprega é do mais enxebre e ergueito; porque Vaamonde foi un dos mellores coñecedores da nosa fala, que usou sempre com delicadeza, dun xeito polido e escollido. Outro pequeno romance seu, «ANXÉLICA», foi a súa produción póstuma. Florencio Vaamonde morreu cando estaba dándolle lectura ante un grupo de amigos.

No romance galego hai un pouco de todo, inda que ata od'agora a produción sexa curta en volume e mais en cantidade. O humorismo deu seus froitos tamén. Magariños Negreira, un mozo aínda, iniciouse con dúas graciosas obriñas: «O KALIVERA 30 HP» e «O FILÓSOFO DE TAMARICA». A morte segou as esperanzas de que poidera nos dare outros mais celmosos froitos do seu inxenio

ouservazón tan ben encomezados. UN OLLLO DE VIDRO», do gran Castelao, o dibuxante xenial, que se tiña arte no bico o lapis o non tiña menos nos gaios da pruma, é tamén un maravilloso relato, que se figura entre os humorísticos pode ter igualmente lugar entre os fantásticos. Mas, Castelao deunos outro gran romance d'aquela cras: «OS DOUS DE SEMPRE», no que presenta as dúas figuras antagónicas: o materialista que sómente busca o modo d'enchecer o bandullo cō menor esforzo posible, e o idealista, que o sacrifica todo pol-o ideal, e que ao final morre desilusionado, nun esteril sacrificio da sua vida. Os dous tipos e mail-as suas aventuras que un e outro correm no decurso do seu viver están salpimentados cō mais enxebre humorismo. Tamén podemos engadir entre os humoristas «O PORCO DE PE», de Vicente Risco, inda que o seu humorismo sexa un pouco forzado.

Faléi, ao me referire a «Un ollo de vidro», dos romances pantásticos; non é que haxa moitos nin que sexan de grande importancia, posto que se trata sómente de volumes de curto número de páxinas; mas, compre que os rexistemos. Cō xa dito de Castelao, engadiremos «DO CASO DE QUE LLE ACONTECEU AO DOUTOR ALVEIROS», de Risco, e mais «O HOME QUE DEU VIDA A UN MORTO», da miña autoría.

Eu son tamén autor de «NOS PICOUTOS DE ANTOÍN», un romance de intensidade dramática, desenrolado nun ambiente rural, brañego, e nel describíense costumes da nosa terra, atendendo ao tema do certame organizado pol-o Centro Gallego de Montevideo co gallo do vintecinco aniversario da sua fundación, no ano 1929, no que aquel romance outivo o primeiro e segundo premios acumulados. Foi publicado em Braga (Portugal) pol-a Editora «4 Ventos» o ano 1956, e xornas e revistas portuguesas acollérono con gasalleiras gabanzas, que moito estiméi.

A persoalidade literaria de Gonzalo Lopez Abente, poeta e comediógrafo delicado, ocupa tamén un dos primeiros postos como romanista. En «O deputado por Veiramar» preséntanos moi ben descrita, con graciosos toques de humorismo e páxinas de tenro sentimento, un episodio da política na pequenas vi-

las galegas, adornado cōs mais puros amores. Ademais de outras novelas curtas, interesantes e ben escritas: «O NOVO XUEZ», «BUSERANA», «O ESCANDALO» e «FUXIDOS...!», a sua grande obra «VAO-SILVEIRO», é un relato belamente trazado, un deses romances que se lê com apracemento e interés, no que hai páxinas emozoantes, e no que as persoas gañan corpo no que latexan corazóns. A descriçón dun amor humán e maldecido, eixo do romance, está enfeitada c'unha esgrevia prosa chea de sinxeleza e enxebrememente empregada.

«OS CAMIÑOS DA VIDA», composto pol-os tres volumes: «Os señores da terra», «A maorasga» e «O estudante», é un dos mais interesantes relatos debidos á pruma de Ramón Otero Pedrayo. Otero é quizaves o mais destacado dos prosistas galegos, e «Os camiños da vida» amóstra-nos unha bela pintura da vida nas nosas aldeas nos tempos do debalo señorial — derradeiros do século XVIII e comezos do XIX—. Gavillas de ladróns, carlistada, derubamento dos mosteiros e pazos; os últimos fidalgos emporcados no vicio e mergullados na miseria; os labregos que encomezan a se faceren donos dos eidos que lles fuxen das mans aos señores. Recóllense nesta obra algúns episodios da nosa historia por aqueles tempos: a fame negra do 1846 que fixo estragos na Galiza do Sul e deu orixe ás primeiras emigrazóns de homes en fatos numerosos; a revoluzón do mesmo ano que rematou cos tráxicos fusilamentos de Carral. Estampas ben pintadas, síntese do vivir galego nunha época decadente, con todo, parécenos prosa puramente descritiva, sen unidade de acción, sen a expresión vidual dos persoaxes que falan e obran por conta propia no decurso dos días e no seo do tema ou asunto que adoita desenvolverse en todo romance.

Otero Pedrayo publicou outras novelas: «ARREDÓR DE SÍ», «A ROMEIRIA DE XELMIREZ», «DEBALAR» e «FRA VENERO»; mas, «Os camiños da vida» e «O MESON DOS HERMOS» parécenme os mellores baixo o fito do que é un romance.

Entre os xóvenes escritores que viñan substituir e aumentar o número dos vellos que van desaparecen-

do, hei citar, ante todo, aqués que, tamén desaparecidos disgraciadamente para as letras galegas, eran xa mais que unha esperanza, unha prestixiosa realidade.

Luis Amado Carballo, que deixou publicadas dúas noveliñas: «MALIA-XE» e «OS POBES DE DEUS». Xoán Xesús Gonzalez, que escribiu «ANA MARIA», «A FILLA DA PATRONA» e o romance grande «A MODELO DE PACO ASOREY», interesante e ben trazado. Deixou inédito outro denominado «TERESINA», que conservo no meu poder ata que algunha editorial galega queira dalo ao prelo.

Ante os novos (falo dos novos antes da traxedia española) tamén debo citar a Manuel García Paz. O pendor da súa «IV MELODIA» (1935) tráenos un recendor a xenos novos, a modernidade, dentro do tipo rural, das letras galegas. Agardo que poida nos ofrecer outros que seique ten escritos.

Hai poucos anos a Editorial Bilibios Gallegos convocou un certame no que foi premiado o romance «A XENTE DA BARREIRA», debido a Ricardo Carballo Calero e publicado no 1951. Trátase da vida dunha familia durante varias xeneracións.

Hémonos folgar do progreso acadado no século actual deica 1936. A partir d'aquela data estiveron paralizadas todas as actividades literarias rexionaes, e sómente dende hai poucos anos empezaron a se veren nas librerías algúns volumes de literatura galega, nos que nótase a falla de continuidade dos desvanceiros.

Na actualidade ven realizando un labor estimábele a Editorial Galaxia, de Vigo. No aspecto romancesco deu ao prelo (1955) «MERLÍN E FAMILIA», e (no 1956) «AS CRÓNICAS DO SOCHANTRE», amas de Álvaro Cunqueiro; estes dous romances son unha mistura de algo pantasmal e humorístico, que acae moi ben ao temperamento galego, e os relatos orixinalísimos, están cheos de interés e escritos nunha linguaxe correita e enxebremente empregada. Outros romances da mesma editorial son «MEMORIAS DE TAINS», de Gonzalo R. Mourullo, desenrolada en estilo epistolar, e «AS COVAS DO REI CINTOLO», de Daniel Cortezón, unha imitanza dos vellos libros de cabeleirías.

En Buenos Aires (Arxentina) onde mora unha grande contía de xente galega, desenvólvese tamén certa aitividade literaria na nosa lingua. Xa no ano 1907 tiñanse publicado os romances de Manuel Rodrigues «A BODA DO GRILO», e «O PANTASMA». No 1957 apareceu unha grande novela, moderna, real, emotiva na que se refrega unha enorme traxedia: «NON AGARDEI POR NINGUÉM», cuio autor é Ramón de Valenzuela. Posteriormente saíu do prelo «A ESMORGA», dun notable escritor, Eduardo Blanco Amor; mas por non ter inda chegado ás miñas mans non podo dicir senon que, dada a categoría do seu autor, ha ser, sen dúbida, obra de calidade.

Poucos foron os romances publicados neste século, mas, son cáseque todos eles producións ben escritas, que se lén con apracemento, que gorentan; algúns deles merecentes de louvores sinceros, e indican ben a que outos cumeiros pode chegar a prosa romancesca galega cando se lle concida mais interés. Porque, como dixen, a derradeira produción millorou moito a devanceira. Mais capacitados, mais coidadosos, os escritores contemporáneos poñen nas suas obras a máisima arte de que dispoñen así nos asuntos como na linguaxe que usan. O poder artístico de cada escritor fórmase, madurece, cò estudo e cò traballo, e hoxe os literatos se non conforman con escribir coma por pasatempo e de calqueira maneira, senon que aspiran xa, como debe ser, a crear unha arte e a se procuraren unha sona ben gañada. Conforme se producen mais e mais obras, vanse aperfeizoando, correxindo defeitos e concebindo mais xustas expresións literarias nun constante estímulo de superazón.

No campo do romance galego hai figuras e temas, feitos e paisaxes que agardan aínda nos agros, nas ruas, nas fábricas e nas casas así da cras meia como da alta sociedade, por prumas que os describan con toda intensidade, con todo o viço que a arte literaria préstalle ás narrativas. A falla de editores polo momento impide que o renacemento das letras galegas neste aspecto poida se desenvolver como compe; mais esta dificultade non ha durar sempre. E xa que de editores falo, hei ter unha lembranza para aquel

Anxel Casal, da Editorial Nós, que contribuíu con máis de 70 libros dados ao prelo, para a riqueza das nosas letras.

Se botamos unha ollada atrás e comparamos as novelas aparecidas para acá do ano 1918 con aqueles primeiros ensaios en prosa que viñan trazando devanceiramente os escritores en lingua galega, notaremos a diferenza. A prosa galega deu un formidábel pulo. Hoxe podemos dicir que contamos c'un comezo de literatura romancesca na que se aprecian algúns trechos de ben orientado creazionismo.

Creazionismo. Velaí a verba. Mais non un creazionismo consistente en dislocar as frases ou escribir cousas enrevesgadas, senon un creazionismo que trace cadros cheos de reali-

dade nos que vexamos tipos tan definidos que aos lectores parézannos persoas reais e coñecidas, e en cuílas páxinas e temas latexen paixóns fondamente humás.

E romato coas verbas de Schiller nunha das súas cartas encol da educación estética do home: «O ouxeto do impulso sensíbel, espresado nun concepto universal, é a *vida* no seu máis amplo senso, concepto que significa todo o ser material e toda presenza inmediata nos sentidos. O ouxeto do impulso formal, espresado nun concepto universal é a *figura*». Pois coa *vida* e as *figuras* galegas estase formando xa o noso romance. E así iremos por todol-os vieiros adentrándonos na i-alma do noso povo.

Leandro Carré

O ROMANICO CATALÃO PIRENAICO

de CASALS MARGINET

Os povos cristãos dos tempos primitivos adoptaram, para traduzir a sua fé, aquelas representações iconográficas acomodadas ao seu temperamento, traduzindo uma ingenuidade de impressão e de expressão artísticas que revelam, na sua singeleza, a sua maneira de ser e o que os fazia sonhar num enlevo místico de grande pureza cristã.

Jesus, o Filho do Homem, como ele a si próprio se chamava, de ascendência Judaica quanto à carne, tinha algo de inigmático para a religiosidade daqueles artistas que, enquadrados num dogmatismo de liberdade figurativa o puderam representar criando estilos e até formando escolas cuja plasticidade chegou até nós com a admiração e o respeito que merece para o estudioso e o crítico toda a época transacta que, como esta, tanto contribuiu para a elevação do género humano.

Tendo sido o mundo submetido constantemente às duras provas duma evolução difficilima e lenta em luta perene com os tradicionalismos pagãos, pouco ou muito pouco nos resta daqueles tempos tanto na madeira como na pedra esculpida. Deste pouco que ficou, principalmente na madeira, quase nada do existente é anterior ao século X. É

que, com a preocupação do momento que passava, pela multiplicidade de lendas sobre uma «Parusia» ameaçando constantemente o fim do mundo, não acreditavam aqueles estétas primitivos do Cristianismo na precisão de construir os seus trabalhos com materiais de construção milenária. Além disso há a considerar o carácter de arteza-

81



MAGESTADE
no estilo de Caldas de Montbuy
Eseultura do Autor

nato que muitas vezes se imprimiu à talha dos crucifixos, facto que ainda hoje, no Tirol, por exemplo, constitue a peculiaridade duma manufactura de Cristos primitivos, de madeira toscamente talhada e de indústria caseira.

Em plena Idade Média vemos a Cultura circunscrita, quase exclusivamente, aos grandes cenóbios murados, que foram o refúgio das Artes, Letras e Ciências, e graças à sua persistência Cultural o obscurantismo não apagou todas as luzes do raciocínio. Assim, as Escolas da Península Ibérica tiveram preponderância nos Mosteiros até à descoberta da América, a partir do que a Península ficou meio-deserta e desertos muitos conventos, que foram desaparecendo, mas deixando bem marcado o sulco da sua vivência nas terras, onde depois a ignorância do povo se manifestou, destruindo o grande caudal artístico abandonado.

No Oriente, tanto em Antioquia como em Jerusalém e Nazareth, os artistas e teólogos Sírios representavam o Crucificado, na sua qualidade de Rei dos Reis, vestindo larga túnica com maior ou menor gala de tecidos. Esse estilo teológico do Oriente durou até à época da perseguição iconoclasta, durante a qual tiveram aqueles artistas de emigrar para o Ocidente, uns para o Norte da Europa e outros para o Pirineu Catalão. Os que emigraram para o Norte passaram a representar os Cristos com túnicas sem mangas (*Colobium*) e os do Pirineu Catalão com a túnica de mangas (*Manicata*) e algumas com manto ou *Palia*. Em Portugal e na região do Minho existe um costume de alto interesse

e que, quando eu cheguei da Catalunha para me instalar no Porto, muito me intrigou: Os penitentes na Procissão dos Passos de Oliveira de Santa Maria, perto de Famalicão, vestidos com túnica branca até aos pés chamada por eles *mortalha* e cingida com *cingulo* ou cordão, como que tratando-se duma longínqua reminiscência das «manicatas» das Magestades catalãs. Diz Oliveira Guerra que esse costume que eu pude observar há muitos anos em Oliveira de Santa Maria é de fácil observação em muitas outras terras do Norte de Portugal, umas vezes marchando a pé o penitente e outras vezes deitado num caixão mortuário.

Paralelamente com a Escola Românica existiu a chamada Escola «Helenística» que apre-



ESTILO DE MANRESA

Escultura do autor

sentava os seus Cristos nus ou semi-nus, ao geito clássico da escultura grega, mas os volumes e contornos anatómicos desenhados com a maior crueza de contorsões e com as extravagâncias dum realismo feroz. Encontramos a representação das duas Escolas num mesmo Códice ou Psaltério de Utrech, representação essa que mostra a sua simultaneidade, não permitindo, porém, determinar a prioridade de nenhuma delas.

Na Catalunha foram os Cenóbios Beneditinos o refúgio certo dessa nobre Arte da representação do Rei dos Reis em «*Magestades*» e uma das mais ricas escolas assentou arraiais no maravilhoso Mosteiro românico do Ripoll (berço da nacionalidade Catalã) com os seus artistas, copistas, miniaturistas, esculptores, pintores, etc. Desse Mosteiro, riquíssimo exemplar da arquitectura e escultura românicas (do mais puro românico) cuja porta principal é uma maravilha, resta-nos a célebre Bíblia do século XI, conhecida pela Bíblia do Ripoll e que é sem dúvida uma das mais valiosas obras do seu célebre «*scriptorium*». O seu *atelier* produziu exemplares de riquíssima policromia, tendendo a sua evolução estilística para a monumentalidade, e algumas das suas Obras ainda se encontram em magnífico estado de conservação.

A partir do século VI verifica-se que as *Magestades* românicas passam a uma maior expansão do que as obras heleísticas. É no célebre códice de Rabbula de 586, que aparece já uma miniatura românica. Na Irlanda aparecem também

exemplares do século VIII e chega-se a pensar que a mundialmente conhecida e admirada *Magestade* *Volto Santo* de Lucca seja anterior ao século X. Por sua parte, em França, na célebre esmalteria de Limoges fizeram-se também reproduções. Mas em nenhuma outra terra como na Catalunha se manifestou tanta predilecção pelas *Magestades*, neste desenvolvimento do Cristianismo pela Europa e no desenvolvimento dos Conceitos de Beleza e de Arte. Temos de reconhecer, que nem sempre foram compreendidas e resguardadas como as obras românicas da Catalunha e aco-



TRANSIÇÃO
Escultura do Autor

de-me à mente neste instante a façanha de um mau artista pintor, sobrinho dum bispo, em cuja diocese havia um belo exemplar da Arte Românica

do século XII proveniente de Ripoll, que o *artista*, por pura ignorância, mutilou, tirando-lhe uma cunha do pescôco para lhe baixar a cabeça. O tio-Bispo riu e por sua morte foi reposto o naco de madeira que tinha sido surripiado ao Martir de Golgota. O caso passou-se no Mosteiro de Lillet, antigo Cenóbio beneditino, hoje em ruínas, que tem uma capela redonda e um claustro do mais rústico românico e do mais velho que há entre os monumentos arqueológicos do Pireneu.

No princípio, as Magestades eram somente pintadas, sobre as colunas da entrada do templo e assim o vemos em S. Quirce de Pedret, pequeno lugarejo a poucos quilómetros de Berga. Coisa rara: nesta antiquíssima cidade, séde do Pagus Bergistanus, não há notícia de ter havido nunca uma *Magestade*, talvez por nunca ter havido ali um cenóbio beneditino, visto que na área deste *pagus* (Condado, Baronia, Comarca...), todos os lugares que tiveram mosteiros possuíam Magestades, com excepção do grande cenóbio de Monserrat, onde há uma maravilhosa virgem do século XII, e onde não há Magestade enquanto que, a poucos quilómetros, na cidade de Manresa, há um Cristo do Período de transição românica que se supõe ter saído da Escola de Ripoll, distanciada da mesma Escola uns 100 quilómetros, mas pertencendo também à diocese de Vich. Coisa semelhante sucede com a mais célebre das Magestades Catalãs, a de Caldas de Montbuy, vestida de *manicata e palia*, com corôa de glória, que sendo uma Magestade um pouco maior

que o natural, ricamente entalhada, com barbas e caracois que lhe davam um ar muito oriental, foi barbaramente queimada durante a guerra civil, salvando-se apenas a cabeça.

No Museu arqueológico de León encontramos uma rica imagem de marfim procedente de Carrizo, da época românica e do período de transição, com barbas e caracois de imenso valor, mas nunca superior à de Caldas de Montbuy. No Museu de Arte Catalã em Barcelona foram já recolhidas em grande quantidade exemplares de todo o Pirineu com os quais nos é permitido um estudo sério e



ESTILO «HELENÍSTICO»

Escultura do Autor

comparativo das diferentes escolas, épocas e oficinas. Oliveira Guerra e Carlos Carneiro, quando há 5 anos por lá passaram

vieram maravilhados e Oliveira Guerra confessa-me que os dois dias passados em Barcelona os perdeu inteiramente no Museu de Montjuich. Ali e entre as muitas Majestades existe uma de que tudo se desconhece e que chama particularmente a atenção dos visitantes, conhecida por Magestade de Batlló, nome este tomado do oferente da escultura ao Museu. Com ela pode iniciar-se o estudo dum grupo formado pelas Magestades de S. Boy de Llussanés, de Llussá (Museu de Vich) de Angustina (Rousillon) de Llagona, de Bellpuig e da ermida próxima de Martinet na Sardenha (Museu de Barcelona) as quais constituem um grupo caracterizado pelo cruzamento de cabelos e barbas, devendo contudo notar-se que a imagem de Batlló apresenta as tranças pintadas sobre os ombros e que, de todas elas, só há duas com corôa dum estilo bem definido: a de Caldas e a de Cruillas, esta última pertencendo a outra escola, duma riqueza e finura estilísticas extraordinárias.

A Magestade de S. João las Fontés pertence tambem a outra técnica considerada anterior com probabilidades de seguir a

ordem cronológica daquelas que têm pintado o reverso da Cruz.

A Magestade de Llussá tambem apresenta rico tema decorativo no reverso da Cruz, muito semelhante ao que emoldura o frontal de S. Martin procedente de Mongrony, obra considerada da Escola de Ripoll.

Avançando no século XII, foi a Arte Românica admitindo aos poucos o realismo helénico e transformando-se e substituindo as Magestades por imagens com essa influência helenística. Assim, repintaram-se algumas imagens murais, tirando-lhes as tunicas e deixando os Cristos nus e mortos, dessa forma acabando a ideia de Cristo-Rei figura hierática, viva, de ar magestoso e olhar meigo, como o vemos, por exemplo, na Magestade mural de Pedret, dando assim começo ao periodo de transição e aparecendo então as imagens de Manresa e de tantas outras terras espanholas, como lindos exemplares clássicos desse periodo fascinante em que a sinceridade artística enobreceu a terra Catalã, a minha terra que hoje é considerada como o maior centro mundial para o estudo do românico, por isso se lhe chamando com razão o *Paraíso* do Românico.

OS CANTOS DE ALMUÁDEM E OS ALALÁS DA GALIZA

por REBELO BONITO

86

Os cantos dos Almuadem exerceram enorme influência sobre a música popular do folclore ibérico, podendo atribuir-se-lhes a origem de canções e cantilenas de vários géneros. De Portugal, podem citar-se toadilhas de flauta de amolador, encomendações das almas, etc.; e, da Galiza, cantos de arrieiros, Regueifas, Enchoyadas e, sobretudo, Alalás.

O Alalá, do ponto de vista do texto literário, pode ser constituído por quadras soltas e pelo estribilho *Lá lá lá...* ou *Lá lé lô...*, só por quadras soltas ou só pelo estribilho. Do ponto de vista musical, trata-se de curta melodia em movimento descansado, formada geralmente de duas partes, que nuns casos são iguais e noutros casos diferentes. Por conseguinte, três são os tipos de Alalás no que respeita ao texto literário, e dois os que se nos apresentam quando encarados pelo lado do texto musical. Os Alalás são hoje das terras altas, associados à prática de trabalhos agrícolas, às caminhadas de terra para terra ou ao simples devaneiro, quando apetece cantar...

Diz Gonçalo Sampaio, baseando-se numa informação de Carolina Michaëlis, que os Alalás já existiam no século I da nossa era, como cantigas de trabalhadores. Abordoava se a ilustre Senhora a um escrito de Sílio.

Outros autores atribuem-lhes origem oriental, e Humboldt considera a aliteração «alalá» uma relíquia de língua primitiva, seja ela qual for...

Sampedro e Folgar afirma no seu *Cancionero Musical de Galicia* que os Alalás parecem ter seiva religiosa na sua essência melódica, embora actualmente não seja possível lobrigar qual a sua origem e procedência.

Santiago Taffal, alinhando com Sampedro e Folgar, considera-os de timbre religioso e até aparentados com o canto gregoriano.

A meu ver, duas fontes etimológicas se nos patenteiam. A primeira é grega. *Lalos* significa «fala», e «alalé» era o grito de guerra com que os Atenenses celebravam suas vitórias. «Alalé» chegou até aos nossos dias sob a forma de *hallali*, que designa em França o toque cinegético de vitória, quando se encontra e mata algum veado. Daqui, talvez, a prática de se sublinhar por meio de música, nas corridas de touros, algum passo vitorioso do homem sobre o bicho.

Lalos deu no latim *lallus* e *lallare*, significando este último ter-

mo «cantar o lala lala junto ao berço, para adormecer a criança». Também por via latina, e com um pouco de boa vontade, se pode deduzir, como se vê, a origem da palavra «alalá».

Por muito aliciantes que sejam estas deduções, certo é que elas não se coadunam com a presunção de Humboldt no que tem a palavra «alalá» de pretensão timbre de linguagem exótica, nem com as opiniões de Sampedro e Folgar e Santiago Taffal, que sentem nos Alalás uma atmosfera musical religiosa, quando não puramente gregoriana. Por outro lado, a ciência musicológica desconhece paradigmas históricos, quer do tempo dos gregos, quer do tempo dos romanos, sobre os quais se possa apoiar para o estabelecimento de filiações melo-rítmicas. Julgo, pois, que é a *Alalés* ou a canções de embalar (*lalli*), e não a *Alalás*, que se quer referir o apontamento de Sílio Itálico, encontrado por Carolina Michaëlis e recordado por Gonçalo Sampaio.

No *Dicionário Musical* de Tomás Borba—Lopes Graça, a definição de Alalá é-nos fornecida do modo seguinte:—«Estrilho ou acompanhamento de muitas canções folclóricas, jogos e danças infantis». O exemplo musical que ali se apresenta é uma melodia de jogo infantil em que a onomatopeia *alalá* figura como fórmula de chamamento, assim:

Alalá, alalá, Alalá!
Vou-me esconder!
Alalá, alalá!
Para ninguém mais me ver.
Alalá, alalá, alalá!

Alalá, alalá, alalá!
O triunfo a mim me cabe!
Alalá, alalá!
Onde é que eu estou ninguém sabe.
Alalá alalá, alalá!

É de ritmo ternário a melodia desta canção (Grav. 1).

Ora, este Alalá infantil não logra esclarecer-nos acerca dos possíveis Alalás do tempo dos gregos, e por duas razões:

- 1.^a—Poeticamente, logo se vê que o texto saiu de pena erudita.
- 2.^a—Musicalmente, não é difícil reconhecer que se trata de melodia em ritmo de Mazurca, como são tantas que se têm adaptado à nossa língua, para uso das escolas infantis. A ser assim, como é natural, o estrilho *Alalá* será dissimilação de «Hó! lala!», correntemente pronunciado na conversação familiar francesa.

Posso acrescentar, com plena consciência do que afirmo, que esta canção não pertence ao folclore português.

Os cantos de Almuadem, a respeito dos quais, até ao presente, nunca ninguém falou, fornecem-nos um novo ponto de partida para o estudo das origens dos Alalás. Esse ponto de partida logra explicar todas as singularidades atribuídas pelos estudiosos a tais canções. Vejamos quais são essas singularidades.

Na sua forma mais desenvolvida, o *ádhan* ou *pregão* dos *Almuadens* contém a saudação aos fieis seguida dos dogmas fundamentais da religião muçulmana.

As-Sálam aleik. (A paz contigo)

Áleikum el Sálam. (A paz convosco)

Allah hu ákbaru. (Alá é o maior)

Lá ilahá. (Não há mais que Deus)

Lá Allah il Allah. (Não há mais que Alá)

Wa Mohammed rassúlu Allah. (É *Majoma* é o Enviado de Deus)

Esta dúzia e meia de palavras contém a vogal *a* vinte e quatro vezes, e o fonema *lá* nove vezes, sendo que na articulação deste último é que musicalmente se insiste de preferência. O *pregão* do *Almuadem* constitui um caso notável de aliterações em *lá*, culminando na palavra *Allah*, e isto explicaria, só por si, a origem do termo *Alalá*. Quando as populações do Noroeste ibérico ouviam o *Almuadem* — o que sucedia diariamente ao nascer do sol, ao meio dia, à tarde, ao pôr do sol e antes da hora de deitar, isto é, cinco vezes nas vinte e quatro horas — é natural que dissessem estar o *pregoeiro* a «cantar o *alalá*». No *Minho* chamam canto do «*Bou, bou*» à cantilena de *habular* onde se diz:

88

Bou, bou, companheirinho,

Bou, bou, companheirinho,

Bou, bou, pró pé do caminho!

A atitude mental é absolutamente idêntica.

Os *Alalás* galegos são cantos da montanha. É natural que fossem outrora também das terras baixas; mas, a verdade é que os cantos de *Almuadem* se entoavam dos altos minaretes para melhor serem ouvidos. Daí, não ser, talvez, por acaso a actual localização dos *Alalás*.

O texto prosódico dos *Alalás* terá sido constituído primitivamente por uma parte estrófica e outra de estribilho onomatopaico, pois as populações cristãs sentiriam que, no canto dos *Almuadens*, além dos *lás* e *Allahs* andavam implícitas sentenças verbais. Com o tempo surgiriam as variantes de *trova* sem estribilho e de estribilho sem *trova*.

O estribilho, que geralmente se compõe duma série de *lás*, pode apresentar fonemas diferentes, como *lé* e *lô*. Isto deve-se, a meu ver, a que o nome da divindade muçulmana tanto contém a vogal *a* como as vogais *é* e *ô* — varia com a língua dos diversos povos. Em turco, persa e árabe diz-se *Allah*. Em malásico — *Allah* e *Ilah*. Em caldaico — *Elah*. Em samaritano — *Eléah*. Em siríaco — *Aloh*. Em cartaginês — *Alou*. Vê-se, pois, que os *Almuadens*, conforme a sua procedência, assim pronunciarão *Allah*, *Eléah*, *Aloh* e *Alou*. *Allah* seria, sem dúvida, o caso geral.

Para a existência do *lá*, *lé* e *lô* nos *Alalás* galegos, outra explicação pode ser encontrada. Com efeito, os cantos dos *Almuadem* começam invariavelmente pela seguinte saudação dirigida aos crentes: «*As-sálam aleik*». A primeira destas duas palavras contém a sílaba *lá* (*As-sálam*) e a segunda a sílaba *lei*, muito próxima de *lé* (*aleik*).

O fonema *ló* viria como natural complemento duma série de três, e um pouco por mimetismo.

A filiação musical dos Alalás aos cantos dos Almuadem pode ser comprovada pelo método comparativo. Para não alongar esta exposição, não recorrerei nem a todos os cantos de Almuadem nem a todos os Alalás.

A exemplificação vai assim apresentada:

Grav. 2—Canto de Almuadem tradicional susceptível de ser encontrado em diferentes mesquitas.

Grav. 3—Grupo demonstrativo de afinidades existentes entre o canto de Almuadem da grav. 2 e três Alalás, sendo o primeiro de estribilho e os dois restantes de simples trova.

Grav. 4—Canto de Almuadem da Tunísia.

Grav. 5—Grupo demonstrativo das afinidades existentes entre o canto de Almuadem da Tunísia e três Alalás de trova.

Se atentarmos na linha melódica do canto de Almuadem da Tunísia, representado na Grav. 4, logo nos ocorrerão as fórmulas recitativas do canto gregoriano, e daqui poderemos deduzir as razões que levaram o musicólogo Santiago Taffal a afirmar que os Alalás da Galiza contém na sua essência melódica rescendências gregorianas.

Agora, que já podemos considerar fixado o que parece representar o tipo primitivo dos Alalás, ocorre perguntar: haverá canções do mesmo tipo no folclore português? Nas cantilenas de pastores, chamadas «de arrular» em Trás-os-Montes, «de habaular» no Minho e «de eleurar» na Beira Alta, julgo ter identificado algumas. Assim, na Grav. 7 apresento um grupo temático demonstrativo das afinidades existentes entre a Cantinela de Habaular da Grav. 6 e três Alalás galegos; na Grav. 9, outro grupo temático para demonstração das afinidades que ligam a Cantilena de Habaular da Grav. 8 (verdadeiro Alalá português) a dois Alalás de estribilho.

*

Tendo chegado ao final da apresentação de textos musicais demonstrativos de que os Alalás galegos—os que, pelo menos, se podem considerar mais antigos—derivam por melodia e ritmo, e ainda pelo seu nome, dos cantos de Almuadem, resta-me demonstrar a razão por que há tantas e tão extraordinárias semelhanças entre cantos religiosos muçulmanos e cristãos, a ponto de as primeiras impressões nos levarem a filiar os Alalás no canto gregoriano. Tudo vem, na minha opinião, do que existe de comum entre moametismo e cristianismo. Se não, vejamos.

Os muçulmanos têm os seus dogmas, em número de três, e esses dogmas formam a base da sua profissão de fé. Os dois primeiros, que são os relacionados com a unidade de Deus e a missão divina de Mahomed, são proclamados pelos Almuadens nos seus pregões. O terceiro estabelece que o homem sendo de Deus, a Deus há-de voltar. No fim dos tempos, a trombeta há-de soar, os mortos ressuscitarão e serão julgados, pesando-se as suas boas e más acções. Deus julgará, tendo presente o livro trazido por dois anjos. As almas ímpias cairão no Inferno, ali ficando a sofrer eternamente, e as redimidas ascenderão à mansão da felicidade. As almas dotadas de ex-

trema pureza, e só essas, lograrão contemplar «a face de Allah». Se excluirmos o que se entende por Purgatório, vê-se que os muçulmanos creem na Ressurreição, no Juízo final e na existência de Céu, Limbo e Inferno.

São deveres dos fiéis: a oração quotidiana, a honradez na vida de relação, o socorro material à pobreza. Estas máximas são observadas igualmente por judeus e cristãos.

São ainda deveres canónicos dos muçulmanos a purificação por meio de água, tal como na Santa Missa e no Sacramento do Baptismo, o jejum e a observância de preceitos morais relacionados com a alimentação, o casamento e o direito penal—este nos casos de roubo, adultério, blasfémia, apostasia, e outros.

Tal como os cristãos, têm eles a sua oração fundamental, o seu Pai Nosso, de curiosa expressão:

Em nome de Deus misericordioso. O louvor é de Deus, senhor do universo, o clemente, o misericordioso, o soberano no dia do Juízo. Adoramos-te e pedimos-te auxílio. Conduz-uos pelo caminho direito, o caminho daqueles a quem tens cumulado de benefícios, de quem não és queixoso, e que não caminharam pelo erro. Amen.

90

Os muçulmanos, como ponto de semelhança com os cristãos, usam também o rosário.

Segundo um historiador, «Maomed tirou de todas as religiões o que de qualquer forma conhecia delas». Daí, não ser de estranhar que também da música tivesse tirado alguma coisa. Vindo buscá-lo aos países ocidentais? Certamente que não, mas voltando-se para os modelos que lhe ofereciam a religiões afins, isto é, o judaísmo e o cristianismo.

O islamismo, partindo de Península arábica, instalou-se numa extensa zona do globo como faixa de cintura que se estendia desde a Península ibérica até ao Turquestão e Hindustão, passando pelo Norte da África, Egipto, Turquia e Pérsia. Não podiam os maometanos exprimir-se na linguagem musical de tantos e tão variados povos; por isso, recorreram a estruturas simples, afins das já naturalmente consagradas por judeus e cristãos. Os cantos de Almuadem, olhados no seu conjunto, parecem obedecer a padrões tradicionais firmemente estabelecidos, a partir dos quais se puderam criar variantes mais ou menos desenvolvidas. Padrões do mesmo género temo-los no Antifonário gregoriano, e existem também na Índia, onde recebem o nome de Ragas.

Em que medida terão aproveitado os muçulmanos as ideias musicais fornecidas pelos modelos orientais? Não é aqui o lugar próprio para a análise de tão delicada questão, mas não darei por terminadas estas minhas considerações sem chamar a atenção do leitor para a Grav. 10, onde se põe em evidência a extraordinária semelhança que existe entre elementos melódicos duma Raga indiana e os dum canto de Almuadem, já muito nosso conhecido.

Veremos oportunamente qual a importância folclórica dos cantos de Almuadem.

EXEMPLIFICAÇÃO MUSICAL

Pouco apressado

1. 

A-la-lá! A-la-lá! A--la-lá, vou-m'essoir dev.
A la lá! A la lá! Pa-ra ninguém mais me
ver. A-la--lá! A--la---lá! A--la--lá!

GRAV. 1
Alalá! Vou-me esconder. Jogo infantil.

2. 

As - sá--lam aleik. Á-lei-----kum as-sá-
la-----m(e). Al-lab hu ák
ba-xu lá i-lá-ha. La Al-lab il Al-----
-----lab.
Al-lab hu ák-ba-xu i--lá-ha.
Al-lab il Allah.

GRAV. 2
Canto de Almudem.

3. 

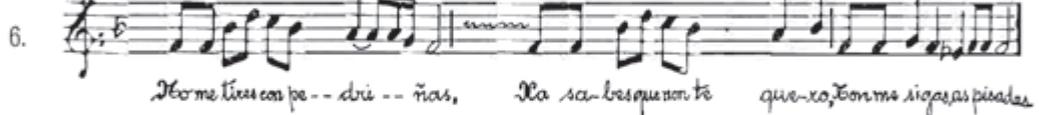
As-sá-lam aleik. La Allab il Al-lab.

4. 

La lala La lala lala lala lala lala

5. 

Bantan es gals de di-a; Quo pos qui andates de moito, Non vos collandis o labes

6. 

Nome tins con pe-cris, Na sa-bes que non te que-ro, Non me sigas pisadas

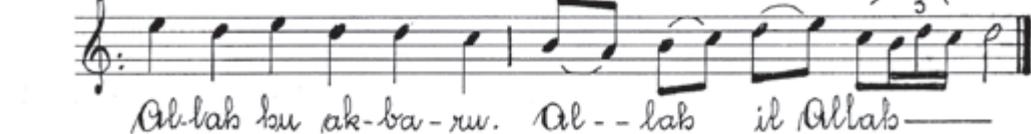
GRAV. 3

3. Fragmento de canto de Almuadem.

4, 5 e 6. Fragmentos de Alálás.

7. 

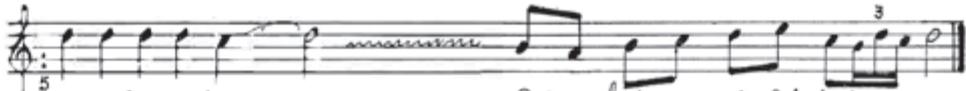
As-sá-lam á-leik- Á-leikum el Gá-lam.



Al-lab hu ak-ba-ru. Al-lab il Allab

GRAV. 4

Canto de Almuadem. Tunísia

8.  *As salam áleik. — Al... lab — il Al-lab. —*

9.  *La sabes que non te quero, Non me si-gas as pi-sa--das.*

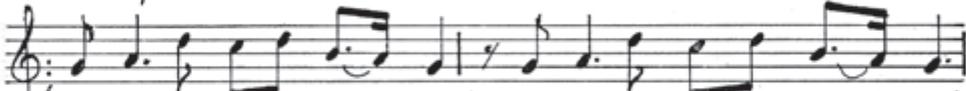
10.  *Pasei pola tu-a por-ta, Vi-diu ouga non ma de---ebes.*

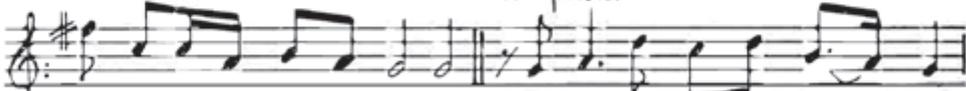
11.  *Ay que pi-ca-ro de mer-lo, Dou-de fã fa-zer o ni-ño! —*

GRAV. 5

8. Fragmento de canto de Almuadem.

9, 10 e 11. Fragmentos de Alálás.

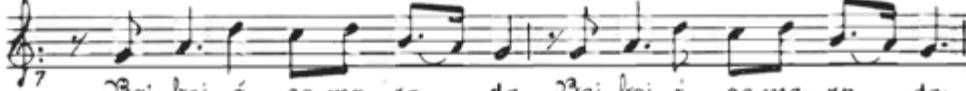
12.  *Um pastor*
Vai, vai, ó cama-ra --- da! Vai, vai, ó ca-ma-ra --- da!

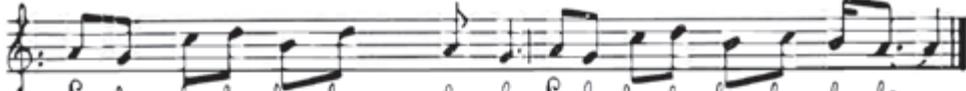
 *Outro pastor*
Vai, vai par'ó pé da strada. Vou, vou, companhei---xi---nho,

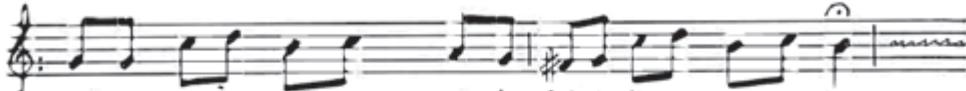
 *Vou, vou, companhei---xi---nho! Vou, vou, prò pé do ca-mi nho.*

GRAV. 6

Cantilena de habaular. Minho.

13.  Bai, bai, ó sa-ma-ra--da, Bai, bai, ó sa-ma-ra--da,

14.  La la la la la la la lo. La lo la la la lo la la.

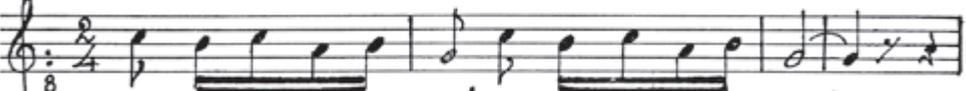
15.  Moito te-ri-o que de----si-xe, Moito te-ri-o que con-tar.

16.  Va-xa--ro que vás oo--an--do, As pumasebe van sa--in-do. *ten.*

GRAV. 7

13. Fragmento de Cantilena de Habaular (Minho).

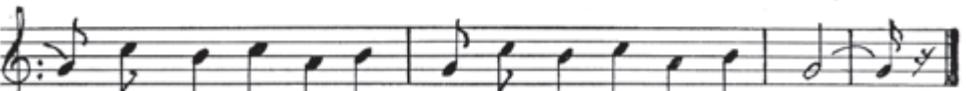
14, 15 e 16. Fragmentos de Alalás.

7.  O-lô, o-lô, o--lô! O-lô, o-lô, o--lô!

 Encar-reira, encar-reira, Le-va Deus na dian-

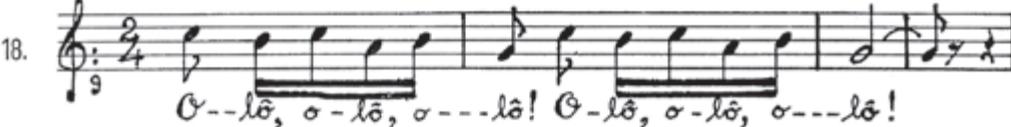
 tei-ra, Nossa Se-nho-ra no meio, Santo António à trazeira.

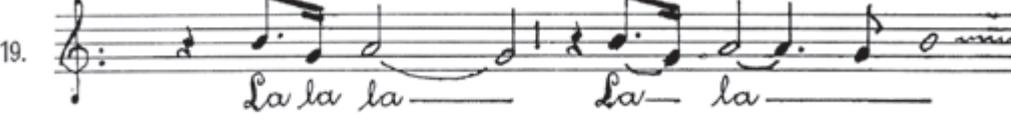
 O-lô, Milhei-ri-nha, O-lô, bardi-al, O-lô, pró-curo-al

 O-lô, o-lô, o--lô! O-lô, o-lô, o--lô!

GRAV. 8

Cantilena de pastores. Estremadura portuguesa.

18. 

19. 

20. 

GRAV. 9

18. Fragmento de Cantilena da Habaular (Estremadura portuguesa).
19 e 20. Fragmentos de Alalás.

21. 

22. 

GRAV. 10

21. Fragmento de Raga indiana
22. Fragmento de canto de Almuadem.

ÍNDICE BIBLIOGRÁFICO DOS EXEMPLOS MUSICAIS

1. Tomás Borba — Fernando Lopes Graça, *Dicionário Musical*.
- 2 e 3. Maria Luísa de Queiroz Amâncio Santos, *Origem e Evolução da Música em Portugal*
- 4, 5 e 6. Casto Sampedro e Folgar, *Cancionero Musical de Galicia, II*
- 7 e 8. Maria Luísa de Queiroz Amâncio Santos, *loc. cit.*
- 9, 10 e 11. Casto Sampedro e Folgar, *loc. cit.*
- 12 e 13. Gonçalo Sampaio, *Cancioneiro Minhoto*
- 14, 15 e 16. Casto Sampedro e Folgar, *loc. cit.*
- 17 e 18. Vieira da Natividade, Revista «Terra Portuguesa», III.
- 19 e 20. Casto Sampedro e Folgar, *loc. cit.*
21. José Subirá, *História de la Música, I*
22. Maria Luísa de Queirós Amâncio Santos, *loc. cit.*

CONSIDERAÇÕES SOBRE ARTE

pelo PROF. BARATA FEYO

96

A concepção de uma obra de arte, os trâmites por que passa todo o seu processo evolutivo são coisas muito diferentes daquelas que pensa a maioria das pessoas. O próprio desenho que em determinadas épocas foi considerado um alicerce imprescindível qualquer que fosse o tipo da criação artística e nessa função se manteve durante longos períodos, não tem hoje o valor que então lhe era atribuído. O seu grafismo foi de tal importância e de tal modo fez a sua experiência que ainda há quem admita aquele princípio como lei. O desenho a que me refiro é o desenho de limites, o desenho de perfis, sistematicamente aplicado como veículo utilizador de contornos reduzidos a símbolos meramente decorativos. A estilização rouba o tamanho a tudo; porque havia pois de poupar os perfis? Estes, nas grandes peças artística são invariavelmente resultados do conjunto de caracteres permanentes e o que lhes dá grandeza ou grandiosidade é a síntese, quer dizer: a unidade que consegue fundir todos os elementos acidentais e se generaliza numa soma perfeita.

Fazer síntese não é empobrecer. A cor, a forma e o espaço, valores específicos fundamentais na realização de uma obra de pintura, escultura ou arquitectura são ainda e também, em meu entender, parcelas daquelas somas. O objectivo principal da arte de hoje — eu disse o objectivo principal — não é positivamente servir a anatomia, a história, a psicologia e a filosofia. Isto sabe quase toda a gente. E não passa pela cabeça de ninguém aplicar as mesmas normas do conceito de beleza e da função social da arte, indiferentemente, a todas as épocas, desde o paleolítico até aos nossos dias. Nem tudo o que se realiza hoje é bom; mas lembram-se o que sucedeu noutros tempos?

VISÃO ESTÉTICA

por CARLOS CARNEIRO

A Pintura não se explica, sente-se mas não se explica. Eu pelo menos não a sei explicar, comove-me ou deixa-me indiferente. Perante uma Obra d'Arte sinto o prestígio da sua qualidade e nunca saberia dizer porque é que Ela é grande. É mais fácil explicar a inferioridade duma pintura que a sua grandesa. Creio que não ha quem *entenda* pintura: há quem sinta pintura. Não se *percebe* pintura, unicamente se é ou não tocado pelo seu mistério. Nem todos são capazes de se emocionarem perante o espectáculo da Natureza, só os raros são capazes de sentir a Beleza e nunca poderemos explicar a nossa maravilhosa emoção. Há os que são sensíveis ao mau e aqueles que são sensíveis ao Bom, esses são os sêres tocados pela graça Divina, esses são os raros. Nasce-se para a Beleza como se nasce para a fealdade, para a vulgaridade, como se nasce imperfeito ou perfeito, e para aqueles que nascem *perfeitos* uma educação se pode dar olhando tudo o que há de Grande à volta, para os outros tudo será inútil. A sensibilidade não se aprende, educa-se, um Pintor nasce Pintor e nunca o será se o não fôr ainda que frequente todas as Escolas do Mundo, mas aqueles que o são, enriquecem-se olhando a pintura e toda a Beleza existente na Vida, é essa a única aprendizagem, penso eu, É preciso vêr, vêr profundamente, vêr com os olhos de dentro e não sòmente com os da cara que não chegam. Vêr o bom e o mau, mesmo o mau que nos faz procurar fazer Bom. Eis a grande, a maior lição. Ha Leis eternas, imutáveis, e na Pintura e na Escultura essa Lei é a *forma*, a construção, a harmonia, o respeito pela Divina Criação. Respeitar a forma e não a desrespeitar; construir e não destruir, Lei tão aredada na Pintura e na Escultura de ho'e. Penso que nas Academias de Belas Artes se devia impôr essa Lei. Todo o Grande Artista que se transforma começou disciplinado pelo respeito da forma. Uma casa se não for levantada sob a Lei de sempre cairá. É preciso que os alicerces sejam sólidos e então sobre eles que se deem toda a sua prodigiosa fantasia, a todo o delírio da imaginação: Não entendo o abstracto que não passou pelo figurativo e hoje começa-se pelo abstracto muitas vezes por inteira incapacidade. Só os que deram a grande prova nos podem garantir o contrário e nesses a expressão abstracta tem seguramente outra qualidade. Não sou contra o abstracto, não sou contra nenhuma forma de expressão estética, sou contra o mau. O abstracto presta-se fácilmente a uma exploração lamentável de

incapacidade, o figurativo, não. O abstracto foi um grito numa época de acordo com o desmantelar dum mundo que vai refazer-se e um movimento de regresso se desenha já nitidamente lá fora.

Um novo figurativo nasce com essa experiência, e em Paris no Museu Galiera um Salão de Pintura actual dá-nos essa consoladora certeza. A chamada Nova Pintura começa a ser o Figurativo, um figurativo novo cheio de interesse. A experiência alucinada serviu para nos dar uma nova Luz.

Todos os movimentos são úteis e essa Exposição prova-nos essa verdade.

Uma certa serenidade volta depois do vendaval, constroi-se um novo edifício com o ensinamento da derrocada, uma nova construção a caminho da Eternidade. No Museu de Arte Moderna uma sala desse genial Picasso mostra-nos entre todo o seu extraordinário desvairo um nu espantoso e uma figura de mulher esmagadora. No meio de toda aquela tempestade essas duas Obras enchem-nos de serenidade. A outra experiência ficará como um documento numa época, essa mulher ficará eternamente, essa pintura não é um momento, é uma Vida, é de ontem, de hoje e de amanhã porque é de Sempre. E acabo com estas palavras de Braque:

98

Il n'est en art qu'une chose qui vaille:
Celle qu'on ne peut expliquer:

Porto, Junho 1960

Carlos Carneiro

DOMINGUEZ ALVAREZ

PINTOR PORTUGUÊS DE ASCENDÊNCIA GALEGA

por JAIME IZIDORO



A confusão começa a ceder o passo à lógica na apreciação do que vem acontecendo no domínio das Artes Plásticas. Passados os primeiros momentos de incompreensão, verifica-se não sem uma certa surpresa — a espantosa naturalidade nas constantes mudanças de expressões de arte, desde a «revolução» impressionista.

Para a aceitação da Arte Moderna, apenas verificada nos últimos 20 anos, no nosso País, teve grande importância a actividade dos artistas e dos críticos, especialmente, através das «Páginas Literárias» dos jornais diários. Divulgando as modernas tendências artísticas, muito contribuíram para estimular a juventude a fazer uma arte actualizada.

No entanto, um público desatento, que reage contra a arte que se opõe à expressão convencional, é ainda a maioria.

Sendo de desejo a adesão total, a atitude negativa dessa maioria não evita, contudo, que o artista de hoje, entre nós, se manifeste num ambiente favorável à liberdade de expressão.

Os artistas têm agora, sem dúvida, por direito de conquista, caminho aberto à realização de uma pintura mais actual e válida.

Outros — os que os antecederam — sofreram o aniquilamento da sua arte por falta de clima propício ao desenvolvimento do sentimento pessoal.

Colocamos neste caso Dominguez Alvarez que nasceu e morreu no Porto (1906-1942), filho de mãe galega e neto, pelo lado paterno, de galego. Alvarez, talvez devido ao sangue que lhe corria nas veias, é um pintor de raça caracteristicamente espanhola. A sua pintura, pela força de expressão e humana realidade dramática, vem da linha de um Goya e, quando na concepção de casarios ou figuras, eleva-se para além da gravidade, numa espécie de surrealismo poético que, pela cor e espiritualidade, parece uma bem aprendida lição de Greco.

É, ainda, a paisagem de Espanha que o inspira à sua melhor realização pictórica, quer nos quadros de Segóvia e Castela, quer nos da Galiza onde a arcaria de pequenas praças é ponto de partida

para nos dar o carácter de uma região, quer nas Catedrais sempre riscadas por céus de trovada — em tudo surge ou adivinha-se a grandeza do homem em luta com a natureza.

Tendo nascido no Porto, Alvarez é, pelas características da sua pintura, um artista que vem de Espanha. Nos trabalhos realizados no Porto, é seduzido pelo drama da gente humilde, e pinta carregadores da beira-rio, vielas de bairros pobres, cavadores em atitudes de esforço. É um pintor de raiz social, mas é-o, naturalmente, sem cálculo nem rebuscamento. A natureza e humildade do artista perante o que vê e sente está vincada na sua obra com eloquência, pelo que o creio um caso único na nossa pintura.

Tão simples, tão humilde, Alvarez nasceu artista por milagre da natureza. A sua arte é demasiadamente simples e original e os homens não aceitam nem sentem logo a mensagem dos artistas de génio.

Alvarez como pintor é um génio, mas não deixa de ser homem, e, ao matricular-se na Escola de Belas Artes numa época em que o já ultrapassado «impressionismo» ainda não encontrára eco à quem das nossas fronteiras, é como homem que vai sofrer as consequências da sua superioridade incompreendida.

Logo no seu primeiro ano de frequência (1929), Alvarez luta, com alguns colegas, contra a acanhada mentalidade dos professores. Formam um grupo a que chamam «+ Além» (Mais Além) e realizam várias exposições, afirmando desassombradamente, num dos catálogos: — «os artistas que hoje se apresentam são ainda alunos de Belas Artes. Os seus trabalhos, porém, não têm que ver com a Escola nem com academismos. São executados por fora e, portanto, sem peias, absolutamente libertos de influências superiores».

É este grupo «+ Além» que dá a Alvarez extraordinário incentivo, e alguns amigos que hoje possuem grande parte da sua obra. E é neste período — três a quatro anos — que Alvarez realiza a sua extraordinária obra de artista.

Com a dispersão do grupo, e passado aquele momento febril, Alvarez não tem força para lutar sozinho. Falta-lhe a coragem de Amadeu de Sousa Cardoso ou de uma Vieira da Silva, para abalar até Paris.

Por fim, teima em completar o curso, e dispõe-se a uma pintura que sirva o espírito da Escola. Deu-se assim, pelo «aportuguesamento» da sua pintura, a verdadeira e desastrada metamorfose de Dominguez Alvarez. É, pois, sem reacções, sem problemas na expressão, sem drama, sem inquietação estética, que Dominguez Alvarez satisfaz a sua paixão de pintor em dezenas e dezenas de quadros dos arredores do Porto, fazendo uma pintura aburguesadamente agradável e lírica, dominada pela técnica. A habilidade aprendida, embotou-lhe o sentido criador.

Depois de terminado o seu curso de Belas-Artes, em 1939, pouco mais viveu. Vitimado por tuberculose, Dominguez Alvarez falecia em 16 de Abril de 1942.

Com ele, desapareceu uma das personalidades mais curiosas da nossa Arte Moderna.



JÚLIO RESENDE

PINTOR EUROPEU

por ANTÓNIO PINHEIRO GUIMARÃES

102



Granítico, mas onde a pedra é, por vezes, esculpida com mimo de ourives, Mestre Resende (quantas ressonâncias históricas este nome nos não lembra!) vai percorrendo a sua temática de «contraponista» numa evolução cada vez mais próxima do absoluto (ou abstracto?).

A figura, que ainda há uns anos era apenas um vislumbre nesta pintura de Resende, vai-se apagando, diluindo-se em formas e cores sempre mais longe do figurativo. As linhas esguias teem o seu caminho: sabem o seu caminho. As cores agora, embora continuem esbatidas, abrem-se mais em alacridade. As pinceladas dos óleos teem muita virilidade, mas a que nunca falta o

requite do toque. A «matéria» da pintura tem-se enriquecido, ganhou muito mais expressão. Os desenhos (um deles é primoroso de técnica e concepção,) e as litografias correspondem-se em virtuosismo. O Mestre não se limita às lições da Escola, vai dando as lições da vida na sua pintura sempre actual, e sempre autêntica.

Esta exposição é uma grande resposta aos detractores da arte moderna. (Em certos sectores menos bem informados vai sendo moda dizer mal dos «abstractos»...) Uma resposta e uma lição. A arte abstracta segue o seu caminho. Para uma evolução? Parece-nos muito cedo para falar em evolução. Resende caminha em frente; tantas vezes de pedra, outras tantas de prata. As melodias do século XV estão presentes. As flores de um cancionero. Mas estas flores actualíssimas estão dentro de nós. Habitam-nos. A pintura portuguesa de Resende vem dos barcos poveiros ou dos camponeses alentejanos, citando Mário Dionísio, mas a figura evoluiu. Só a pintura permanece activa.

Falta um aceno de simpatia para a galeria. Com uma enorme perseverança e coragem a «Divulgação» vai-nos dando entre mestres e alunos uma grande panorâmica da pintura nacional (que já existe!). Bem hajam!

Junho, 1960.

D'ASSUMPÇÃO

PRÉMIO SOUSA CARDOSO

por ANTÓNIO PINHEIRO GUIMARÃES



Nem Bach, nem as harmonias claras (e por vezes exdrúxulas) do classicismo veneziano; estamos agora na presença daquele algo de modernidade que nos pode abrir as portas de um mundo que as nossas milhentas limitações nos não deixam vislumbrar. No entanto esse mundo existe, ou, se quiserem, pode existir — milagre duma pintura que nada tem de comum com o comum dos mortais. A pintura pode «resolver» muitos problemas e muitas perguntas: Pode responder a muitos dos nossos anseios. Em Bach e nos Mestres de Veneza ou Florença havia uma candura muito especial; o mundo estava parado, o próprio ritmo do mundo podia parar em qualquer altura. Era essa a enormidade

do classicismo.

Aqui tudo se move num sentido de que mal se apercebem os próprios movimentos. Creio, modestamente, estar dentro da chave desta pintura de sugestões contraditórias. Nem mesmo uma crítica de arte excessivamente ortodoxa estaria, ou poderia estar, dentro das exigências duma arte que se move essencialmente no estranho poder dos sentidos, e sabe-se lá até onde esses sentidos nos podem levar. Julgamos que esse domínio dos sentidos nesta pintura de alta magia (quase poderíamos sublinhar magia) porque de magia se trata, e dela mais do que de qualquer outra coisa.

Não é a primeira vez que ao falar, sem — repetimos — escolástica nem ortodoxia, começamos a falar de pintura falando de música; cada vez se radica mais fortemente a nossa convicção de que a música das belas épocas clássicas, a música pela música, a música sem programa, tem uma enorme afinidade com a moderníssima pintura abstracta. Mas desta vez julgamos ver nesta estranha pintura, justamente premiada, e cujo prémio dignifica o nome do patrono e o dos outorgantes, uma mensagem que se pode procurar na saudade vivíssima de todo o Português que lá fora palpa, se amarfanha, e renasce em cada aurora, para poder sonhar na noite seguinte com o «quinto império» — nosso somente numa tela ou num poema, quantas vezes sonhada e vivida no Boul'Mich, nessa terra de magia e de longes, por um António Nobre, um Sá Carneiro, e, neste caso, — por Manuel D'Assumpção.

31 Maio, 1960.

COLLADO

PINTOR E CERAMISTA

por OLIVEIRA GUERRA

Não é frequente que numa pequena cidade se crie um ambiente artístico, um nome e quase uma «escola», como aconteceu no Ferrol com a vivência de pintores diversos, entre os quais, com outros, se destacaram Corral, Piñeiro e Sotomayor, a ponto de se falar da «Escola Ferrolana», e, por isso, quando um dos artistas da nova geração, Gonzalez Collado, montou em Setembro ou Outubro de 1959 a sua exposição de cerâmica na Sala de la Cultura na Corunha, eu tive ganas de ir por aí abaixo para ver amigos Corunheses, Collado e os seus trabalhos e os demais expositores.

Tendo-me sido impossível essa deslocação, não hesitei, porém, quando Collado desceu quase até às nossas portas e montou a tenda em Vigo, na Sala Velasquez, em 2 de Abril deste ano, para mostrar aos vigueses os seus quadros, e no dia 4 estava eu à porta da Exposição, num cair de tarde ameno, sinceramente desejoso de ver a pintura desse rapaz simpático, artista jovial e inteligente e já envolvido numa boa fama. E gostei, gostei sinceramente.

Não tendo tomado notas, o que hoje muito lamento, eu não posso à distância de alguns meses e conduzido apenas pela memória visual e pela lembrança da minha sensibilidade, referir-me aos trabalhos expostos e dar as impressões recebidas de cada trabalho, mas posso dar conta das impressões essenciais que a pintura de Collado produziu no meu espírito e que no meu espírito se mantiveram, a começar pelo desenho, essa base ou esse alicerce de toda a pintura, que sem ele não tem sólida construção possível.

Collado, com efeito, é um desenhador magnífico, fácil, rapidíssimo, sóbrio e gracioso, dotado numa maestria e dum sortilégio que prendem à ponta do seu lápis os nossos olhos e os deixam como que parados, na expectativa com que se espera ver sair o passarinho mágico da manga do prestidigitador. Se aprouver ao espírito de Collado ou ao seu capricho ceder às instâncias daqueles que esperam vê-lo transitar, dar um passo em frente e para correntes mais avançadas, para o abstracto, nunca dele se poderá dizer que ele se fez abstracto por comodismo e pela facilidade que levam para esse género tantos e tantos que não sabendo pintar uma pèra se puzeram dum dia para o outro a pintar. Collado terá sempre, por detrás das aventuras pictóricas em que se meta... *evolutivamente* (aí! como se enche a boca com este advérbio...) tudo aquilo que a Escola oferece de sólido e francamente constructivo aos que têm algum talento para desenvolver e que é o pão e o vinho, o sustento da pintura — o Desenho. Collado não irá para o abstracto com as mãos vazias...

Sobre essa linha magnífica, delineadora, ondulosa ou angulosa, surge bem construída toda a pintura de Collado, a sua pintura figura-

tiva, dum figurativo dos nossos dias. Surgem a sua paisagem («Paisage», «Marina», «Puerto» «Paisage al amanecer», «Paisage con pinos», «Carretera con pinos») os seus aspectos urbanos de galeguíssimo tipicismo («Vieja Calle del barrio», «Puerto de la Coruña») os seus tipos populares («Mariñeros», «Vendedoras») os seus retratos («Retrato de mi esposa», «La Niña de las tranzas») e os seus trabalhos de Paris...



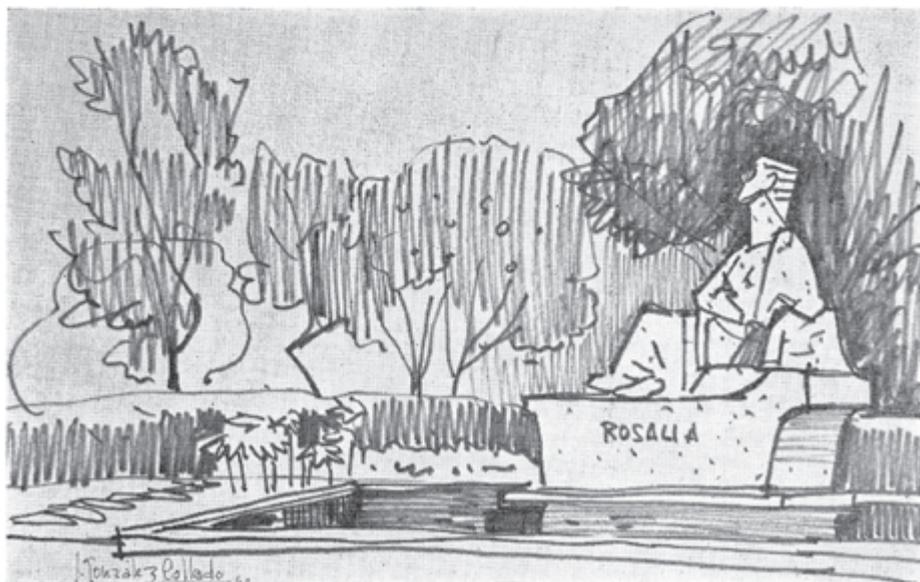
Retrato da Mulher do Artista

Essas pinturas de Paris («Place du Tertre», «Rue de Narvins», «Notre Dame») não foram talvez as que me impressionaram mais, como é natural. Paris é a cidade mais pintada do mundo, os quadros dos impressionistas do ar livre desde Manet andam nos olhos de toda a gente, os pintores de todas as partes vão a Paris e pintam Paris, nós passamos em Montmartre e vemos Paris em montes de pintura e a minha sensibilidade já afeita à atmosfera de Paris, dada por tantos pintores e em tantas, tantas telas (a começar pelo estrangeiro arreigadamente parisiense que é Carlos Carneiro) a minha sensibilidade, repito, vai sendo um tanto exigente, à força de ter sido mimada com a visão de magníficos aspectos da cidade-luz, embebidos na sua atmosfera autêntica. Mas Collado, nos trabalhos feitos na Galiza, com a sua paisagem húmida, repassada de poesia estática, dormente, contemplativa; com as suas pinturas de pequenas praças e ruelas típicas, saborosamente típicas; com as suas figuras do povo, rudes, galeguíssimas, autênticas, Collado, ia dizendo, deixou-me encantado.

A Galiza está ali pintada, por um galego cem por cento galego, cem por cento enamorado da sua linda terra, cem por cento artista, vista através a sua sensibilidade receptiva acima de tudo lírica — e se Collado, não canta como poeta a sua Galiza, as suas casas típicas, os seus barcos mergulhados nas calmas toalhas de água das rias, as suas gentes simples, calmas e candidas, de olhar parado e distante, Collado pinta-as com todo o lirismo da sua alma ferrolana, com toda a poesia de que é capaz uma alma de galego artista e amoroso da sua terra...

Passada meia hora depois de visitar a exposição, o Collado, à mesa dum café, deslumbra-me o olhar com a presteza quase alucinante do seu dibujo donairoso, ondulante, e com o retrato que num quarto de hora me fez, em rápidos relances dos seus olhos sérios e argutos, enquanto eu falava com o poeta Celso Emilio Ferreiro. No dia seguinte o artista vinha comigo para o Porto, alegre como um pardal, atento e observador de tudo, para estudar a possibilidade de trazer cá os seus quadros e com o natural anseio de ver as nossas coisas. Encarregado pelo Ayuntamiento do Ferrol de arranjar e conservar os seus jardins, prendiam-se-lhe os olhos aos nossos canteiros e observou, registou, anotou. Dádioso, espalhou desenhos por todas as mãos, deixou mais cobertas as paredes da minha casa.

106 Frente ao monumento de Rosalia, fez o ligeiro apontamento que acompanha estas palavras. Em contacto com mestre Barata Feyo, no seu atelier, deixou-se prender de simpatia e admiração pelo nosso grande escultor. E mais tarde, na estação do C. de Ferro, abriu-me os braços amigos, falador e comovido, com pena de ir e com o desejo de voltar — como voltará em breve para mostrar no Porto as águas das suas rias, as suas casas galegas, as gentes da sua terra...



Apontamento do Monumento no Porto a Rosalia

EDUARDO PONDAL

O MAIS ALTO EXPOENTE DO LIRISMO CÉLTICO DA GALIZA

por HUGO ROCHA



EDUARDO PONDAL

De Aubrey Bell, um dos escritores estrangeiros que mais se têm ocupado da literatura ibérica, mormente da portuguesa, leem--se, na sua «Literatura Portuguesa», estas palavras significativas acerca de Eduardo Pondal: «O encanto indefinível dos seus versos está no que eles têm de remoto, de suave ternura, de música triste. É um verdadeiro bardo celta, filho do vento e da chuva, e é, além de Rosalía de Castro, o mais genuíno poeta que a Galiza moderna tem produzido». Foi através destas palavras, que Henrique Perdigão tanscreveu no seu «Dicionário Universal de Literatura», que me inteirei da importância de Eduardo Pondal, cujo nome, até então, me era quase desconhecido, na literatura ibérica, em geral, e, em

particular, na poesia galega. Mais tarde, li os «Queixumes dos Pinos» e, então, senti e compreendi bem que Pondal, como poeta galego, personificava a Galiza céltica.

Diferente de Rosalía, de Curros, de Añón, de quantos, em suma, notabilizaram a poesia galega do passado, Pondal afigurou-se-me logo o mais céltico dos poetas galegos—e, quando digo céltico, quero dizer o que há de mais puro, de mais primitivo, de mais genuíno, de mais tradicional na Galiza de hoje, de ontem, de sempre. Os versos de Pondal, quanto a mim, não são melhores nem piores do que os dos poetas citados e dos demais. São, porém, mais célticos, talvez, do que os dos outros, dos seus pares na inconfundível lírica galega. Em toda a autêntica poesia galega há celtismo, isto é: presença dum passado que ficou na paisagem, no ambiente, nesse *quid* indefinível mas patente não só nas coisas mas também nas almas da Galiza. O celtismo, que é, sobretudo, uma expressão do litoral—e, principalmente, do exposto ao Atlântico—, é uma reminiscência telúrica, melhor: uma evidência telúrica na obra de certos escritores da Galiza. Na de Pondal, quanto a mim, mais que na de qualquer outro. Porquê? Difícil, senão impossível explicá-lo bem.

O lirismo de Rosalía, com todo o seu acento melancólico, é, manifestamente de raiz céltica. O mesmo será lícito dizer quanto ao lirismo de Curros, de Añón, dos demais poetas que se abeberaram nas fontes úberes da sentimentalidade galaica. Em Pondal, contudo,

o lirismo soa com um acento melancólico mais pronunciado, mais intenso, mais alto e mais profundo. Não se trata — longe disso — daquela melancolia fatalista e piegas, por vezes, por ventura de origem árabe, que veio proliferar em Portugal e cujo produto mais típico e mais famoso foi, sem dúvida, o fado, a que Alberto Pimentel chamou a triste canção do Sul. Trata-se, isso sim, duma nobre e serena melancolia, misto de tudo quanto a Natureza oferece de perturbante à contemplação externa e, sobretudo, à contemplação interna do homem.

Pondal foi um homem situado, pelo nascimento, numa das zonas da Galiza mais inspiradoras e mais propícias à ensimesmação. O país de Bergantiños, na provincia da Corunha, é, talvez, o que a Galiza tem de mais céltico na sua expressão. Ramón Otero Pedrayo, no seu «Guía de Galicia», escreve: «El país de Bergantiños forma una región natural perfectamente caracterizada por sus elementos físicos y humanos (dialecto especial dentro del gallego, costumbres, etc.)». E, aludindo ao poeta dos «Queixumes dos Pinos», acrescenta, com verdade: «En Ponte-Ceso nació y pasó gran parte de su vida el gran poeta Eduardo Pondal, que sintió el encanto de las tierras bravas cubiertas de uces y de pinos de Bergantiños, la costa roqueña y el mar tempestuoso. El río Langüelle, Ponte-Ceso, el pinar de Tella, la ossianica ensenada de Niñóns, están inmortalizados en las páginas de *Queixumes d'os pinos*». Por seu turno, Manuel Murguía, o erudito escritor que prefacia aquela obra célebre de Pondal com um estudo bio-bibliográfico que é, certamente, o mais completo de quantos o grande poeta motivou, escreve, referindo-se aos mares e às terras que compõem a moldura natural do lugar que a Providência destinou a Pondal para vir ao Mundo: «Orillas de esos mismos mares, en la áspera y dura tierra de Bergantiños, cortada por las pequeñas colinas y hermoçada por extensos horizontes, nació el ilustre poeta que debía cantarla con estro varonil, y como convenía para ser oído por las gentes de ánimo entero que pueblan tan solitarias comarcas. La casa en que nació está situada a orillas del Anllóns y al pie del viejo puente romano, bajo cuyos arcos y durante diez y ocho siglos se mezclaron y confundieron las aguas del río y las del Océano, que llegaba hasta allí en la hora de la marea, trayendo en sus olas amargas el perfume y los rumores del alterado mar, que la blanca colina que corta la corriente no permitía ver desde las ventanas de la casa del poeta». O carácter melancólico da poesia pondaliana está suficientemente explicado no que, atrás transcrevi. A paisagem da terra natal e, sobretudo, da região natal, que, para o poeta de Ponte-Ceso, está na razão inversa do estado de alma a que se refere Amiel, pois foi ela, na verdade, que influenciou Pondal, lhe actuou sobre a inteligência e, principalmente, sobre a sensibilidade, lhe modelou, por assim dizer, o espirito, essa paisagem explica o poeta e a sua poesia.

O país de Bergantiños não é, certamente, Carballo, povoação do *hinterland* com todos os arrebiques de moderno centro official. O que o representa bem é o litoral, com Malpica e Lage à cabeça, povoações costeiras, embutidas na penedia brava a que as águas, os

venros, os saís do oceano dão a clássica fisionomia dramática da terra fustigada e atormentada pelo mar. A beleza e a grandeza rudes e majestosas de Malpica e Lage gravaram-se-me de tal modo na retentiva que, se pretendo criar para mim uma imagem da Natureza galega da beira-mar, logo evoco essas duas povoações marítimas onde passei, por mais de uma vez, em viagens reveladoras na província corunhesa e que, apesar da efemeridade da passagem, me deixaram recordação saudosa. O país de Bergantiños, que Pondal não se fartou de exaltar, é, sobretudo, essa Costa da Morte, salpicada, todavia, de recantos palpitantes e pléticos de vida, como essa lírica e sedante Ponte-Ceso, aonde fui, certa vez, em votiva peregrinação à mansão pondaliana. Na paisagem poética de Bergantiños avulta, porém, o Anllóns, o rio que, na lírica galega, mercê, precisamente, de Pondal, ocupa, há muito, incomparável posição. Se toda a poesia pondaliana penetra, irresistivelmente, na alma, essas quintilhas nostálgicas dedicadas à «campana d'Anllóns», ao s no cujo som grave e triste repercutiu na alma do poeta desde o berço até à campa, são, para mim e, por certo, para quantos a amam e admiram, o que há de mais sentimental, no melhor sentido deste adjectivo, na poesia galega.

*E tí, campana d'Anllóns,
Que tristemente tocando
Derramas nos corazóns
Un bálsamo doce e brando
De pasadas ilusiós.*

*Qué tén tua vós sentida,
Que m'obriga a suspirar?
Qué tén tua vós dolorida,
Que d'outro mundo, outra vida,
Pareza solo falar?*

*Ou, campana soberana,
Qué tén tua vós cristiana,
Qué tén o teu triste son,
Qué tanto, tanto, campana,
Te sinto no corazón?*

A «campana d'Anllóns», a que o estro pondaliano deu, por assim dizer, mundial ressonância, é a própria alma da Galiza a cantar e a chorar. Quando leio esses versos impregnados de religiosa unção, em que o lirismo galaico se desentranha nos mais maviosos acentos, ou quando para mim mesmo os recito, em voz baixa ou, apenas, mentalmente, não consigo evitar que os olhos se me humedecem... Bastaria a Pondal ter escrito esses versos saturados de melancolia, direi, mesmo, transcendentemente, sublimemente melancólicos, para ser, como é, um dos mais maravilhosos, um dos mais poderosos poetas da Galiza de ontem, de hoje, de sempre.

*Cando te sinto locar,
Campana d'Anllóns doente,
N'unha noite de luar,
Rompo triste á suspirar,
Por cousas d'un mal ausente.*

*Cando doída tocabas,
Po-las tardes á oración,
Campana, sempre falabas,
Palabras con que cortabas
As cordas do corazón.*

*Estabas contando aos ventos,
Cousas do meu mal presente,
Os meus futuros tormentos,
Que dabas con sentimentos,
Segun tocabas doente.*

110 A alma do poeta confunde-se com a alma do sino. A voz daquele mistura-se com a voz deste. A paisagem envolvente do Anllóns e da terra natal do poeta desentranha-se em música melancólica que nos trespassa e arrebatada. E, quando lemos ou murmuramos a derradeira estrofe da poesia nostálgica, dir-se-ia que a nossa própria alma, a nossa própria voz absorveram a alma, a voz de Pondal.

*Río da Ponte-Ceso,
Pinal de Tella espeso,
Acordávós d'un preso,
Com'él ó fai de vós;
Campana d'Anllóns,
Núites de luar,
Lúa que te pós,
Detrás do pinar;
Adios...:
Adioos...
Adiooos...*

O telurismo de Pondal transparece mais ou menos de todos os seus versos. A terra natal, a região natal latejam, vibram, estão presentes, com maior ou menor intensidade, na poesia pondaliana. O amor a Ponte-Ceso acompanha-o pela vida fora, fazendo de Pondal um dos poetas mais apaixonadamente votados aos lugares natais e, portanto, mais válidos dentro do saudosismo galaico. Mas esse localismo apaixonado, sua obsessão de sempre, não o impediu de ser um dos poetas galegos que mais transcenderam o regionalismo e mais projectaram o seu nome e a sua obra dentro e fora da Galiza, direi, mesmo, sem receio de errar, dentro e fora da Espanha.

*Eu nacin en agreste soedade,
 Eu nacin cabo d'un agreste outeiro,
 Pr'onde o Anllóns, com nobre majestade,
 Camiña ao seu destino derradeiro.
 Eu non nacin en vila nin cidade,
 Mas, longe do seu ruído lisonjeiro;
 Eu nacin cabo de pinal espeso,
 Eu nacin na pequena Ponteceso.*

Mas a pequena Ponte-Ceso, graças às trovas deste magoado e delicado trovador, avulta, hoje, na história da lírica galega e é, afinal, a grande Ponte-Ceso aonde todos os sinceros crentes da religião poética da Galiza, como eu, não deixam de ir render o merecido, o devido culto a esse lírico galego, pela Galiza — e não me refiro, apenas, às camadas cultas das províncias galegas, pois um bardo céltico como Pondal requer, verdadeiramente, um culto popular, ou, antes, um culto geral em que a gente simples e desprovida de cultura participe — considerado, justamente, do ponto de vista do seu renascimento literário, uma das suas figuras cimeiras.

Como todos os grandes poetas da Galiza seus pares no estro fecundo, Pondal escreveu em galego, contribuindo, assim, para o revigoramento do doce idioma regional. Da língua do seu país, que, amorosa, apaixonadamente, cultivou, ninguém fez mais entusiástico, mais persuasivo elogio. «A Fala», uma das poesias inéditas de Pondal (até à publicação da segunda edição de «Queixumes dos Pinos»), é assaz significativa a tal respeito.

*Nobre e armoniosa
 Fala de Breogan,
 Fala boa, de fortes
 E grandes sin rival;
 Ti do celta aos ouvidos
 Sempre soando estás
 Como soan os pinos
 Na costa de Froxan;
 Ti nos eidos da Celtia
 E cô tempo serás
 Un lábaro sagrado
 Que ao trunfo guiará,
 Fala nobre, armoniosa,
 Fala de Breogan!*

É, talvez, ousio de Pondal atribuir a Breogan, que foi caudilho dos celtas da Galiza e povoador da Irlanda, o uso do galego, pelo menos do galego que, hoje, se fala. Lícito é, porém, admitir que da língua falada por Breogan e o seu povo derivasse aquela que Pondal, na esteira e na dianteira doutros poetas — e não só poetas, como é óbvio, mas também prosadores — da Galiza, ajudou a converter em

língua culta, em língua literária. Preso, por fortes vínculos, àquela corrente galeguista que preconizava a mais íntima aproximação de Portugal, Pondal, mormente tratando-se da língua galega, não perde o ensejo de a relacionar com o português. A terceira e última estrofe de «A Fala» é, também, assaz significativa desse matrimónio linguístico:

*Serás épica tuba
E forte sin rival
Que chamarás os fillos
Que aló do Miño están
Os bós fillos do Luso,
Apartados irmans
De nós por um destino
Envejoso e fatal.
Côs robustos acentos
Grandes os chamarás
Verbo do gran Camoens,
Fala de Breogan!*

112

O galeguismo de Pondal é tão vivo, tão veemente, tão exclusivista que, na poesia intitulada «Falade galego», apela para as meninas da Corunha e exorta-as a falar galego.

*Miniñas da Cruña,
D'amabre despejo,
De falas graciosas
E pasos ligeiros;
Deixá de Castela
Os duros acentos:
**Falade, miniñas,
Falade galego.***

Mas o galego é, desde há muito, por excelência, a língua do povo, do povo simples e humilde, rude e inculto. Falam-no, também, mas só em determinadas circunstâncias, todos aqueles que o prezam e herdaram as meritórias intenções das «Irmandades da Fala». As classes média e alta, de modo geral, só no trato íntimo e a título excepcional o empregam. Sobretudo a alta. Daí não terem tido umito êxito o apelo e a exortação de Pondal às meninas da Corunha em cujas «falas graciosas», valha a verdade, o castelhano, língua forte e de «duros acentos», convenho, mas apta a todas as subtilezas e a todos os matizes de ternura e da galantaria, não destoa, de modo algum. Como Rosalía, por exemplo, Pondal também escreveu versos em castelhano. «Rumores de los Pinos», o primeiro livro do poeta de Ponte-Ceso, foram escritos no idioma oficial da pátria grande. «Aqueles rumores» — disse Manuel Lugrís Freire, amigo inseparável de Pondal nos últimos anos da vida deste, no dis-

curso de ingresso no Seminário de Estudos Galegos, em Santiago de Compostela, em 20 de Novembro de 1923 — «non tiñan aínda os fondos queixumes das costas verdecentes, inda que xa a «Campana d'Anllons» conmovia os corazóns cós seus enxebres tanxidos amostando que un novo culto aparecia nas terras de Breogán». Logo que de galego de corpo se converteu em galego de espírito. Pondal pasou a escribir na lingua da Galiza. Então, o galego era não só a lingua do seu coração, mas também a lingua do seu cérebro. O seu galeguismo vibrante e ardente levou-o a compor as estrofes do hino galego, que intitulou «Os Pinos» (note-se que os pinheiros e os pinhais constituem, por assim dizer, uma obsessão em toda a obra literária de Pondal, que fez deles o símbolo natural da «terra verde» da Galiza) e cuja música foi composta por Pascual Veiga, conhecido e festejado autor da «Alborada Galega». Ao morrer, os seus últimos pensamentos e sentimentos foram para o país amado e nestas palavras finais bem se verifica o intenso afecto que votou ao idioma galego. pelo qual, na verdade, tanto fez: «Décheme unha lingua de ferro e déixoche unha lingua d'ouro». Assim foi, com efeito.

Não trarei para aqui a sua biografia. Bastará que aponte um ou outro facto de mais monta para esta evocação do poeta de «Queixumes dos Pinos». Nascido a 8 de Fevereiro de 1835, em Ponte-Ceso, teve o berço no «pazo» de Arias, junto à foz do Anllons, perto da vila de Lage e do Monte Branco, que tanto se assinalam na moldura corográfica da sua obra literária. São, também, de Manuel Lugris Freire estas palavras expressivas ácerca da terra natal do mais celtico dos poetas galegos: «Aquela terra de fundo, masculina e roxa, cinguida por un mar tormentoso e fero, que desfai as ardentias nos altos cons e levanta berros titánicos, d'un balbordo de combate, ao entrar nas furnas dos encanti'ados e rabaleiras; aquela terra ártabra que ainda conserva a fisonomia baril dos seus primeiros poboadores; terra farturenta, cuberta de castros e de moimentos que lembram o fogar de Breogán, cujas costas cobertas de pinos verdecentes fan recordar as terras da Armorica; aquela foi a patria nativa do Bardo, que mais tarde había de ser o medio em que había de concordarse a sua lira inmortal». Com familia dotada de fartos haveres, nada lhe faltou jamais para levar desafogada vida. Cursando Medicina na Universidade de Santiago de Compostela, não exerceu por muito tempo a profissão, o que a muitos outros médicos literatos tem acontecido. Democrata por ideal, comandou, com outro poeta de nomeada, Aurelio Aguirre, o movimento literário e político que tanto havia de repercutir na Galiza de então. Emigrado, curtiu saudades da sua «patria chica» e foi longe dela que o seu galeguismo se afervorou. Culto, erudito, especialmente interessado pelas filosofias e religiões orientais, não seria de estranhar que se alheasse das coisas galegas, a começar pelo idioma, restrito a uma pequena parte do território espanhol. Contudo, a sua cultura, a sua erudição, o seu especial interesse por assuntos tão distantes, no tempo e no espaço, dos respectivos à Galiza do seu tempo não o impediram de ser o mais devotado sacerdote do culto galego, ou, antes, do culto galeguista.

Além do amor sexual (não confundir com o amor sensual, ou erótico, por mais que os dois adjectivos se aparentem) que inspira muito da sua lírica, Pondal exprimiu, nos seus versos, o amor à Natureza, sobretudo à paisagem geográfica e humana da querida região natal, e à História, sobretudo ao passado celta do seu país galego. Breogán e os heróis celtas perpassam em muitos dos seus versos e dão a estes uma ressonância épica. Como Camões, que foi tão grande poeta lírico como grande poeta épico, Pondal cultivou a epopeia. «Os Eoas», ou seja (eoas é palavra grega) os filhos do Sol, ou da aurora, afirmam Pondal como um dos maiores panegiristas das gestas dos espanhóis. Manuel Murguía, no citado estudo acerca de Pondal, escreve que «esta obra, concebida e em parte escrita sob a influência dos antigos poetas épicos, sofreu, antes de ver a luz, completa modificação. Já não é o que prometiam os fragmentos publicadas há bastantes anos. Novas ideias dão vida à nova composição. O descobrimento e conquista da América não é já a obra dum homem, mas a dum povo todo. Deste ponto de vista, pode dizer-se que Colombo perde o que os espanhóis ganham. Como Vasco da Gama deixa n'«Os Lusíadas» lugar para a epopeia lusitana, assim o marinheiro genovês quase desaparece no poema do meu amigo, para que nele possam ter a necessária importância os que prosseguiram com a providencial empresa e a completaram, ilustrando-a com as suas façanhas, verdadeiramente lendárias». «Os Eoas» estão escritos em galego, apesar de tal obra, pelo tema, estar fora e longe do galeguismo, do celtismo, do regionalismo, em suma, de Pondal, porque (traduzo, uma vez mais, palavras de Manuel Murguía) «é uma delicada maneira de provar que o nosso provincialismo não é estreito como se diz e que, amando muito a nossa terra, não entendemos por isso que tenha de negar-se aos demais a água e o sal». «Os Ilotas», outro poema de Pondal, têm, por seu turno, ressonância épica, se bem que o poeta, medularmente galego, tenha feito desse livro «que é, ao mesmo tempo, compêndio das aspirações do povo galego e o seu grito de guerra», a apostrofe estimulante «para que despertem do seu sono estes homens vergados sob o peso de vinte séculos de indizíveis tiranias».

Ninguém encontrou, até agora, na poesia galega, tão rica de valores humanos, acentos mais sonoros, mais estentóreos, mais vibrantes para defender a Galiza contra tudo quanto, pelos tempos fora, a tem ferido, a tem humilhado, a tem amargurado. Pondal personifica, por si só, a revolta contra a anti-Galiza. O seu estro por uma antena que captou, infalivelmente, as vozes que, ao longo dos séculos, bradaram contra as injustiças, os vilipêndios, os males, em suma, de que o país galego foi vítima. No seu estudo sobre Pondal, Murguía escreve, a propósito, que «a obra intentada ficaria incompleta, se em «Os Ilotas» não flagelasse a antiga e moderna servidão da Galiza e em «Os Ilotas» deixasse de protestar contra o domínio e glorificação dos chamados interesses materiais, que ameaçam, no presente, absorver a atenção do nosso povo e apartá-lo das suas mais nobres aspirações. Neste ponto mostra-se em extremo severo o nosso poeta». Apesar de ter empunhado o facho da revolta contra a anti-Galiza, no que, afinal, não esteve só, pois todos os poetas galegos do pas-

sado próximo, sem excluir Rosalía, mais ou menos o empunharam também, Pondal não foi, de modo algum, um poeta político. Principiou, talvez, por sê-lo, quando o fogo da juventude lhe acalentava a alma e o ideal político prevalecia nele sobre o ideal poético. Foi este, porém, que acabou por vencer aquele. Depois, galeguismo, celtismo, regionalismo, em suma, impuseram-se ao espírito de Pondal que, grande poeta galego, não deixou, por isso, de ser grande poeta espanhol.

Não conheci o poeta dos «Queixumes dos Pinos», que se finou na Corunha, a 8 de Março de 1917, quando o menino de calção que eu, então, era não se enamorara ainda da Galiza nem sequer ainda sonhava jornadas por ela. Da sua figura física mais não conheço do que o desenho de Cortés que acompanha a segunda edição daquele livro e mostra um velho de barba curta, bigode curto, fisionomia indefinível, que tanto pode de bonomia como de sarcasmo, laço mole de pontas pendentes e boné de pala. O tipo é, de certo modo e até certo ponto, o do burguês rico e displicente que os pintores e desenhadores dos fins do século pretérito e dos começos do século corrente popularizaram. Sugere um tanto o de Anatole France, talvez mais pela expressão irónica do que pela composição geral. Há, todavia, um ar de intelectualidade nesse retrato. Olhando-o, logo se vê que está ali *alguém*, alguém que não respeita à mera vulgaridade da geografia humana da Galiza ou de alhures. Mas o retrato que dele nos dá Manuel Lúgrís Freire, no já citado discurso de ingresso no Seminário de Estudos Galegos, é suficientemente explícito no conjunto e nos pormenores da figura física do bardo galego. Ei-lo: «Pondal era o prototipo da raza artábrica, unha das tribus célticas mais numerosa e arriscada que poboaba as terras que hoxe chamamos de Bergantiños, e que nos tempos anteriores à dominación romana ocupaban o sector da actual provincia da Cruña comprendido desde esta cidade o rio Lengüele, e o Tambre, que era o lindeiro do sul. Era d'unha estatura mais que alta, barudo, forte, xentil, equilibrado. Dende o curuto aos talós podia poñerse unha plomada que faría ver que o seu corpo era un esteo perfeito. Peito sainte de Bergantiñan, apostura de elegante cabaleiro, modos de xentleman británico. O seu rostro era belamente severo, moreno; e nos anos finais do século anterior, levaba barba longa «que non curanza afeou». Os seus cabelos foram negros, e negros tamen os seus ollos d'unha certa inquedanza como os do «subrime e vago» que ollaren sempre ao infinito. O narís aquilino armonizaba cabalmente coa sua superior distinción. Na sua mocidade debcu ser sin dúvida, e así o asegura Martelo Panman, o home mais baril e de «corpo cumprido» de Galicia. Non podemos encontrar unha idea das suas feituradas lenod as descripciós homéricas dos semi-deuses da Iliada. Ulises, Aquiles, Diomedes eram imperfeitos e desequilibrados físicamente. O bardo galego tiña a beleza dos homes fortes, dos homes superiores; das xentes de Bergantiños, que ende xamais conosceran a servidume, nos tempos protoplásmicos da nosa historia. A sua aboenza parecía començar no rei Fingal, sendo lexítimo irman do bardo Ossian».

Atreito a relacionar a sua paisagem interior e exterior com os

pinheiros que lhe inspiraram o seu livro mais famoso e mais representativo do enxebrismo, ele mesmo se comparava a «un pino leixado do vento». Na verdade, ele foi um pinheiro que o vento jamais vergou e sempre se manteve hirto e robusto como os pinheiros da sua terra da beira mar, espécie de harpa eólia que as lufadas oceânicas nunca deixaram de fazer gemer e cantar, desentranhar-se em gemidos e cantos. Este Ossian «enxcbre», que os tempos célticos deixaram na costa brava de Bergantiños como um testemunho vivo da sua existência histórica, foi—e, por isso, os seus versos me comovem como raros—um traço de união entre a Galiza céltica e aquela que me habituei a admirar e amar. Pondal é o eloquente expressor da nostalgia desse passado remoto, o símbolo da saudade da Galiza de ontem, de hoje, de sempre. Pondal é a própria Galiza viva que, ao longo dos séculos, faz do seu lirismo o alimento da sua alma.

Hugo Rocha

N. da R.—Este estudo de Hugo Rocha, assim como o que «Céltica» publicou no seu primeiro número, sobre Antonio Noriega Varela, foi escrito expressamente, para o livro daquele nosso colaborador que se intitulará «Novo Itinerário na Galiza» e a Livraria Gallica, do Porto, vai editar no próximo Outono.

POESIA DE PONDAL

MUIÑEIRA

Maruxiña, xentil Maruxiña,
Ti mil penas do peito me tiras,
Cando en rolda a muiñeira bailando
Teu corpiño reviras e viras.

Maruxiña xentil, cando bailas,
Vas bailando mainiña, mainiña;
Vas bailando, bailando, bailando
Vas bailando e parece que fias.

Pora tras e pra diante volvendo,
Vas virando, viraudo, virando,
Teu corpiño movendo, movendo,
E moiñando e remuiñando.

Teus cadrís feituquiños movendo
Vas fiando, fiando, fiando,
Teu corpiño movendo, movendo,
Teu corpiño xentil peneirando.

Muruxiña, xentil Maruxiña
Ti mil penas do peito me tiras,
Cando en rolda a muiñeira bailando,
Teu corpiño reviras e viras.

Maruxiña xentil, cando bailas,
Vas bailando mainiñas, mainiña;
Vas bailando, bailando, bailando,
Vas bailando e parece que fias.

FALA DE GALEGO

Miniñas da Cruña,
D'amabre despejo,
De falas graciosas
E pasos ligeiros;
Deixá de Castela
Os duros acentos:
Falade, miniñas,
Falade galego.

Cando he que vos ouzo,
A patria esquecendo,
Falar esas duras
Palabras de Ferro,
Non sei o sufro,
Non sei o que peno:
Falade, miniñas,
Falade galego.

Mas cando falades
Nos patrios acentos,
Envoltos no voso
Angélico alento,
Parece que escuito
un canto do ceo:
Falade, miniñas,
Falade galego.

IMPRESSÕES DE LEITURA

por OLIVEIRA GUERRA

ANTÓNIO PINHEIRO GUIMARÃES

O ESTETA E O CRÍTICO DE ARTE



118

António Pinheiro Guimarães é sem dúvida um dos poetas mais personalizados da nova geração e podemos até dizer que é um caso à parte, muito inconfundível, da nossa poética moderna. Não se fala muito dele porque a sua poesia não é para toda a gente (diz Isidro Conde, o ensaísta galego, que toda a poesia moderna se afastou do público...) e porque as edições de António Pinheiro Guimarães são de tiragens restrictas, destinados os exemplares ao generoso prazer da distribuição autografada por amigos e intelectuais. De resto, António Pinheiro Guimarães é, acima de poeta, de poeta no sentido vulgar e lírico do termo, um esteta. Um esteta

pela magnífica formação mental, que não se pode pôr em confronto com o apetrechamento medíocre e até paupérrimo que por aí estadeia a sua pretensão; um esteta pelo sentido agudo, apurado, da sua visão intelectual abarcando em panorama e em pormenor todas as épocas; um esteta pelo extremado gosto das suas ideias e preferências; um esteta pela essência e pela forma dos seus poemas — e a Obra dum artista classificado como esteta coloca-se lógicamente num plano inacessível à sensibilidade do ledôr modesto e até mesmo de muitos ledôres realmente cultos.

António Pinheiro Guimarães, dentro daquele âmbito de esteticismo lírico em que se situa, dá-se todo ao requinte de ideias subtis, pouco vultuosas, pouco *traves-mestras* do pensamento humano, subtilmente exauridas na parcimónia duma linguagem trabalhada e quase lacónica que mais deixa sugerir ou adivinhar do que transmitir, expressar. É de facto a fina subtilidade das ideias e dos sentimentos ocultos nos refolhos da alma, como violetas nas sombras vegetais e frescas; é na verdade a sobriedade do uso da massa verbal empregue (do seu barro plástico, das suas tintas...) que reside o carácter predominante, a feição mais característica das suas expressões (não me atrevo a dizer *expansões*) e não me admiraria se num dos seus livros aparecesse um dia um poema reduzido a duas palavras, a uma curta frase, a um título. E sabe-se lá se o poeta não chegará a descobrir duas palavras, um verso, um título que conte-

nam a dose bastante de essência, de intenção, de emoção que lhes permita de per si constituírem um poema amável, sedutor, convincente?... A tudo poderá levar o seu virtuosismo verbal. .

Contudo (caso estranho e paradoxo impressionante!) o esteta mental António Pinheiro Guimarães (¿ não sugere o próprio nome António um esteticismo Atico, verbal ou plástico, mental ou social, ao geito do esteticismo antigo? . . .) o subtil poeta das coisas íntimas e delicadas, o usuário (já lhe chamaram *usurário*...) duma linguagem tão circunscrita e rente, às vezes mais que rez-vez, é um espírito estruturado para a fruição de sentimentos intensíssimos, convulsos e compulsórios, que nele a cada instante da vida se manifestam pelo irreprimível desabar de lágrimas, pelo soluçar irrefreável, pela intensa e dramática turbacão fisionómica. Para aqueles que o não conheçam como eu há longos anos, só há duas conclusões: Ou António Pinheiro Guimarães se comprime proposadamente e derrime os seus problemas, os seus conflitos, os seus instantes dramáticos com um deliberado e manifesto propósito de se exprimir com uma recatada, comedida, pudibunda economia de recursos, ou ele não encontra em si o caudal fremente de expressão verbal para dar extravasamento às suas emoções e fica contido, consciente ou inconscientemente contido, num limite inultrapassável de comunicação, tal como um indivíduo que em grave momento emocional não se expande com a contorsão, com o esgar, com o grito com a palavra patética e com o choro — e fica hirto, pálido, dando como único testemunho do seu estado íntimo um mais ou menos convulso tremor de lábios, uma interjeição spasmódica, um gesto irreflectido, que dirão pouco como expressão articulada e controlada e que, no entanto, exprimirão tudo o que vai lá por dentro aos olhos de quem souber lêr...

Nós poderíamos classificar António Pinheiro Guimarães como um Petrónio intelectual dentro da sua geração, vestindo uma túnica de verbalismo poético muito cingida ao corpo, dotada de pregas pouco ondulatórias e pouco agitadas, a testa fugidia erguendo-se, o olhar firme e arguto desdenhando (às vezes cruelmente) de inferioridades. E este António intelectual, compacto, recheado de leitura, de pintura e de música, este António dado a introspecções serenas e atentas, a análises de sentimentos e emoções, à visão das coisas íntimas e profundas ou ledas, passa calado entre a turba-multa que marcha à frente numa ânsia insofrida de chegar depressa, de chegar e ficar. E se êle às vezes sofre alguma coisa de ver marchar com tanto griteiro a mediocridade coberta de lantejoulas de circo, acaba contudo por encolher os ombros, resignado e irónico, com o seu tregeito habitual de desdem, considerando talvez no seu íntimo que as lantejoulas hão-de partir-se e cair nos bocados, nos saltos e choques da carreira apressada, por serem de vidro frágil; e que as pedras finas, de verdadeira poesia, hão-de ficar a brilhar à luz do sol...

Não vale a pena indicar todos os livros, desde «Início» em 1944 até «Aqueloutro» em 1959 e as numerosas «plaquettes», traduções, etc. espalhados na quase totalidade pelos amigos. Valeu a pena dar simplesmente uma nota impressiva do que a Obra global de António Pi-

nheiro Guimarães me sugere, encarada numa rápida visão de conjunto que não sei se é escoreita e se estará de acordo com a sensibilidade receptiva dos outros, mas que traduz o que eu sinto. Vale também a pena apontar o poeta como intérprete de pintura, de pintura moderna, num meio de tão escassos críticos de pintura, e onde os lugares comuns são o pão nosso de cada dia na apreciação de valores plásticos. António Pinheiro Guimarães, dotado de fina percepção, dum olhar já experimentado e já seguro, faz uma poética mistura de valores na análise da pintura, vê a pintura através a poesia e a música, como se as Artes não fossem zonas atmosféricas diferenciadas e, pelo contrário, um todo fundido, amalgamado, de valores semelhantes ou interdependentes, e, dessa forma, dá-nos por vezes sugestões de verdade que nos aproximam extraordinariamente do sentido oculto, inatingido, difuso das coisas que os pintores abstractos quizerem dizer-nos e que nós nem sempre temos olhos e alma para analisar e vêr e sentir...

Terá surgido entre nós um verdadeiro ensaísta sobre pintura, capaz de interpretar e nos dar toda a gama de emoções estéticas através do seu espírito e do seu verbo de poeta?

Parce-me que sim. Oxalá que sim.

120

JOSÉ ANTÓNIO NOVAIS

A SUA PROSA POÉTICA E OS SEUS POEMAS



José António Novais, tocado da graça que ilumina unstantos... (eu ia dizer uns tantos «eleitos» mas repeli o lugar comum) pôz-se a falar como um menino, quase com o tom e a linguagem de quem diz histórias aos meninos, trazendo à baila os homens, os bichos e as coisas da vida e disso tudo arrancado efeitos poéticos que o colocaram, como diz Marañon, numa situação única na Literatura

espanhola, pelo que creou e soube e pôde dar-nos, de verdade...—«Era uma vez um homem...»—«Era uma vez uma princeza...»

Poeta lírico e lírico-dramático de invulgares recursos de imaginação, de sensibilidade e de técnica, pondo continuamente em jogo o seu «instinto», a sua intuição ou o seu predestínio poético (e também a sua plena consciência ética e estética) José António dirige-se ao exterior, aos outros, aos seres, aos objectos, com a maior objectividade, mas deixando coar, através a forma verbal que é o seu instrumento de expressão, toda a riqueza dum subjectivismo intenso, compulsório, dinamizador, fluido anímico que vem de dentro e se projecta no mundo exterior, sobre tudo quanto passe ao alcance da sua projecção. Em José António opera-se o milagroso fenómeno poético-criador das impressões sensoriais que entram pelos sentidos, descem ao fundo da alma, nela são banhadas por uma diáfana luz que as ilumina e transfigura, para depois, sem interferências intelec-

tuais muito cruas ou visíveis (essas interferências intelectuais por vezes assassinas e pretenciosamente deformadoras...) se projectarem sobre o papel com aquelas formas que convencionalmente se chamam «poemas», palavra esta que em milhetos casos não passa duma pobre alcinha ou mistificação...

José António Novais não precisa de fazer poesia (no sentido de fabricar poemas) para manifestar a sua fluidez lírica. A verdadeira poesia (e eu já o disse algures) está onde está e rebenta onde tem de rebentar como veio de água de força irreprímível, que nada poderia conter. Digam ao Sol que não nos ilumine e ao vento que não agite as folhas das árvores. Digam à Poesia de José António que não se contenha na alma dele e que não flua nem se revele. Digam à sua alma que a não sinta e a não deixe extravasar como um vaso que já não pode suportar dentro de si mór porção de líquido do que as suas possibilidades continentais... José António, como autêntico e verdadeiro poeta que é sem o querer, que já o era antes de o saber—porque tal nasceu e tal morrerá—José António não tem de se forçar, de se convencer, de se violentar (eu ia dizer também e digo a feia palavra masturbar) e limita-se a consentir (se é que às vezes a não reprime até...) que a linfa surja à superfície, abundante e clara, corrente e fresca...

José António também não se dá à preocupação mofina e perturbadora, tantas vezes anquilosante, de escolher o rêgo para a canalizar ou encaminhar, a forma para a vasar, a estreiteza ou a largueza das margens, o cânone antigo e espartilhado ou a forma moderna, de limites vastos e cómodos, do *versus* livre—e a sua poesia jorra, corre, espraia-se em belíssima prosa lírica, numa prosa simples, cândida e cristalina que deixa vêr perfeitamente o terreno, oleito do rio que corre de vagar. Diremos até que é então, nessa prosa límpida e calma que o poeta é verdadeiramente poeta, porque o é então liberramente, mais senhor de si e da sua água—e que, nos chamados poemas (como hoje é chic chamar a todas as produções poéticas) José António, embora seguro de si e sempre expressivo e sempre poeta me satisfaz muito menos. Há até uma dose ain-

da que infima de convencionalismo, de «fabricação», de activa e vigilante força intelectual, e, portanto, de menos espontaneidade, de menos sincerismo, de menor pureza, na intensa força anímica e creadora que se desprende, liberta e expande... e José António é então menos José António...

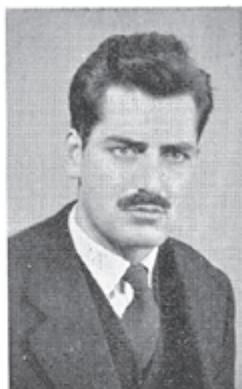
Ora esses poemas em prosa que constituem a mór e melhor parte da sua obra e a verdadeira coroa de glória de artista não são, como é evidente, meras abstrações líricas ou filosóficas à semelhança da maioria de obras poéticas rimadas ou não rimadas, medidas ou não medidas, ritmadas, ou não ritmadas, que infestam o nosso mercado livreiro como praga polvorulenta cáida do Céu em dia de ventania agreste, como productos *made in...* fabricados em série e a pataco. Não. São peças sólidas e com substância, enredo, princípio, meio e fim, com história e efabulação ainda que subtil, com cenário e personagens, com objectivos de análise social e de introspecção anímica, lírica (sempre intensamente lírica) dramática bastantes vezes, filosófica, enternecidamente, deliciosamente humorada, mesmo quando o humor se expande e brilha, subtil, através uma névoa fluidíssima de sentimento humedecente, como aquêles halos de claridade que se cômam à tardinha através de translúcida neblina...

Essas histórias, então, que se lêem e relêem com enlêvo, num encanto que não mais finda (e autêntica é a obra que se deseja vêr ou ler mais vezes...) avultam aos nossos olhos, ficam-nos na alma, repassam-nos por completo, afloram-nos em sorrisos aos lábios e em sentimento aos olhos—e nunca mais se esquecem, nunca mais. Essas histórias, sim, são verdadeiros, são autênticos poemas. Expuz este parecer a José António quando há pouco tive o grato prazer de o receber em minha casa, numa breve visita ao Porto, e ele compreendeu a prioridade de apreço que eu dou às suas histórias da «Calle del Reloj» e de «Cristo—Frederico», sobrepostas aos poemas de «Miedo y Hombre». Também concordou com a minha opinião acerca da sua raiz lírica Galaico-Portuguesa. A poesia Castelhana, essencialmente épica, nada tem de comum com o lirismo de José António No-

vais, que vem em linha directa dos trovadores, de Macias o Namorado, de Bernardim Ribeiro, de Rosalía, da prosa poética de Garrett, de Augusto Gil. José António herdou do

sangue paterno de Novais Teixeira, nado e creado em Guimarães, o saudosismo nebuloso, longíquo da nossa poesia. É, pois, muito nosso, muito Galaico-Português...

O POETA MANUEL MARIA APRESENTA-SE...



122

Eu son Manuel Maria.
Nascin o ano 30, o 6 de Outono,
en Outeiro de Rei da Terra Chá.
Son dunha caste rexa de labregos
fideles a sua terra i ó seu Deus.

Agora sou un namorado.

Eu son Manuel Maria,
Cantorda Terra Chá que algunhos din.
Cantor da terra chá que leva ún
cravado nas entranas, penso eu.

Eu son Manuel Maria,
labrego con algo de poeta.
Por eso gardo as i albas
no fondo dos meus ollos
e ando de vagar o meu camiño,
e pidolles as cousas sua tenrura
i ós homes pidolles verdade.

Non teño mais tafega:
son unha homilde folha que salaia
na noite escura movida pelo vento.

Eu son Manuel María,
un son tan só, lonxano e feble.

Quem se apresenta assim, com este «*Carnet de Identidade*» na ponta dos dedos ou a abrir um pequeno livro é o poeta Manuel Maria, de Monforte de Lemos, aquêl que, como ele diz, é

labrego con algo de poeta

Como ele veio bater-me à porta é coisa fácil de contar e diz-se enquanto se reza um Credo: Foi Abuin de Tembra, aquêl simpático professor de Santiago, poeta ao geito e com geito de bardo da Montanha e crítico de letras, que me inculcou há um tempo o seu nome, o nome de Manuel Maria tão singelo e saborosamente popular, como o dum poeta muito curioso e singular e para que lhe enviasse eu a «*Celtica*» o que fiz gostosamente. E vai daí, remetida a pobrinha da publicação, logo na volta do correio e com uma carta muito singular como êle e os seus poemas, singular no dizer e geito de dizer, enviou-me Manuel Maria um poema para êste «*Caderno*», «*Carta a Don Henrique o Navegante*» e além do poema, os seus «*DOCUMENTOS PERSONAES*», como êle intitulou o livrinho que está à minha frente, que já li e rell e que abre com aquêl «*Cartão de Identidade*» de saboroso teor poético acima transcrito...

Achei graça ao «*cartão*» e achei graça a tudo o mais que se lhe segue, pelo que li tudo sem detença e dum fôlego, voltei atrás e li outra vez, e escrevi depois aquêl que tem «...algo de poeta» a pedir autorização para que, além da «*Carta a Don Henrique*» deixasse publicar aqui também alguma coisa à minha escôlha, dos ditos «*Documentos Personaes*»...

Claro que a resposta veio logo, fácil, simples, naquele seu falar e no geito de falar que lhe é costumeiro, autorisando-me a publicar tudo o que eu quizesse e a mandar-me um novo poema inédito e muito comprido, que fica para outra vez porque *Roma e Pavia não se fizeram num dia*...

Manuel Maria, logo a seguir à exibição do seu «*Carnet*» afirma em «*Digo o meu Mensaxe*».

Sin metafísica digo o meu mensaxe: vivide.

Sin berros que cheguen as entranas: vivide. Vivir sempre.

Vivir agora, denantes e despois.

Case me da vergonza decir esto que non se pode maxinar nun poeta: non estou magoado, non sinto desacocoros, non sinto case nada.

Aproveito a ocasión pra decir den-
de aqui

Señor Don Salvador Dali: pra pou-
co val

a misteca noviña que vostede
quer sacar...

Óra esta! Mas eu não vou pôr-me aqui a transcrever todos os versos de Manuel Maria, porque só lhe pedi licença para 2 ou 3 poemas e porque há mais coisas para dizer e publicar. Quem quizer que mande vir da Galiza os «Documentos Personaes» e se regale com eles em sua casa, num precurso de eléctrico ou à mesa dum café. De resto o poeta precisa de que o seu livro se venda e eu não estou para o prejudicar. Quero apenas abrir apetites e não saciar toda a curiosidade...

Este demónio de Monforte de Lemos... (já viram modo tão abusento de tratar um poeta?...) este demónio de Monforte de Lemos, da terra onde nasceu e andou menina e leda a nossa e sua Inez de Castro antes de vir ao encontro do seu trágico destino e da mais legendaria auréola poética que envolveria figura de mulher no mundo— este demónio deste poeta, repito, entrou no meu espírito com os seus poemas e, carta acima carta abaixo, ele cá está muito bem instalado na minha admiração e na minha estima e não há volta a dar-lhe, já está assente: Terei de o visitar também, a êle e à sua dona, na minha próxima volta pela sua e nossa linda terra da Galiza...

Manuel Maria, o tal que tem «algo de poeta» (ele não será mesmo poeta em corpo inteiro, todo poeta?) fala das coisas mais cotidianas e mais triviais da vida (ou mais profundas? Não há profundidade numa película de água que reflète o Infinito?) usando uma linguagem displicente, um linguajar de total «sensillez», como se diz em Espanha, com um ar de quem brinca, semi-jocosamente (onde começa o sério e onde acaba o jocoso?) e

provocando um sorriso maneirinho de bom humor nos nossos semblantes (ou provocando atentas reflexões?) e levando-nos por fim à cubiça de ler outra vez...

«Eu coa miña Musa estou deses-
perado, a miña Musa non cumpre o
Regramento
nin tampouco o horario de traballo.
Terei que demandala...»
do «*Horario de traballos*»

«Eu, bebedor de Ribeiro, con cunca
numerada,
demando ó taberneiro Señor da Pu-
cha Branca
porque bautisma ó viño...»
de «*Demanda contra o taber-
neiro...*»

«Prohibese, por orde da Alcaldia
que medren porque si
as rosas do xardín municipal...»
de «*Bando*»

«Dende agora os poetas non precisan
andar ollando a lua pra ispirarse...»
de: «*Guía Comercial*»

«Ilustrisima, doce, cursi
e tenra Primaveira:
Eu, Poeta Lírico de oficio...»
de: «*Solicitud a Madamiña
Primaveira*»

«Señor Director: Vostede sabe ben
que os numeros son xustos...»
de: «*Carta o Director dun
Banco*»

«Eu son algo cangado.
Xa sei...»
de: «*Cancion de amor o meu
bigote*»

«Eu quixera sorrirle docemente
como sorri a rosa cando nasce...»
de: «*Telegrama a un esce-
lentísimo señor*»

«Non merezo esto honor...
Homilde servidor. Gracias...
Moitas gracias...
Agora ergue a voz e comenza
o discurso propiamente dito:
Señores sapientísimos...»
de: «*Notas pra facer un
discurso*»

«Aconteceu unha desgracia irrepa-
rabel.
Venno xornal de oxe, cuarta páxina:
Apareceu un pombo suicidado...»
de: «*Sucesos*»

Manuel Maria, respeitável procurador como sei que é a sua profissão oficial (poeta lírico é só nas horas vagas, diz ele...) com nome nas antologias, com *los pies bien sentados en el momento e el mundo que es el nuestro*, como diz de si Fernandez Molina, colaborador de

jornais e revistas e autor de vários livros exgotados... não é bonito debicar tanto as orelhas duns tantos respeitáveis senhores, com esse seu ar de poeta ladino e cuscuvilheiro e irónico e travesso, com esse sorriso na bôca e esse olhar meio-sério meio-jocososo...

PURA VÁZQUEZ

A MENINA BONITA DE ORENSE



124

Pura Vázquez para a esquerda, Pura Vázquez para a direita, na «Vida Gallega» de Lugo, em «La Noche» de Santiago, uma «Autobiografía Sentimental» publicada aqui, alguns poemas insertos além... surgiu de repente e dentre tudo isso uma notícia ácerca da chegada da America do «nosa Purinha» que me deu a medida do que é Pura Vázquez no coração e no espírito duma grande camada de gente ledôra da Galiza.

Estava-me apeteendo conhecer melhor Pura Vázquez e a sua obra, quando entre um monte de cartas, livros e jornais chegados da Galiza, adrego ver de chofre um pacote um tanto desventrado dos maus tratos no correio e ostentando como remetente: Pura Vázquez, etc., que abri sofregamente e dentro do qual encontrei, com o conto e o poema que vão publicados neste Caderno, dois livros: «13 Poemas a Mi Sombra» e «Mañana del Amor» oferecidos com amáveis palavras de aplauso e apre-

ço. E virei-me sem mais aquelas a ler Pura Vázquez, a saborear Pura Vázquez.

A querida Poetisa Ourensana dirige na verdade aqueles 13 Poemas à sua sombra, à sombra fria, fiel e silenciosa de si mesmo, à sombra que a acompanha na vida por toda a vida e para toda a parte, andando pelas margens dos rios, subindo aos cumes, arrastando-se pelas planícies. E levando consigo, atrás de si, ao seu lado ou à sua frente, sempre pela mão, essa sombra, volve os olhos espantados e angustiados para o mundo, para a natureza, para o cosmos, e de tudo fala numa linguagem de grande isolada da Vida e do mundo, tendo apenas como auditora essa sombra que, imaterial e muda, incapaz de responder, a vai seguindo e à qual, insatisfeita, ela se vai dirigindo sempre, falando sempre a partir do momento em que lhe propoz a longa caminhada pelos caminhos a percorrer...

«...te llevaré de la mano...»

.....

«diálogoré contigo...

«y micorazon ensanchara su mundo,
su mar,
«su golpeada marea, su limo de so-
ledad...»

e a sua sombra sempre imaterial e muda confiará a resposta a elementos externos e extensos da vida...

«...tu seras la sumergida garganta
del viento,
la substancia transcendente, el um-
bral desperto
que responda a mi voz, a mi pre-
gunta,
a mi verbo frenetico...»

Pura Vázquez constituiu-se com a sua sombra o centro do mundo, de seu universo, e o diálogo sem resposta directa continúa animado, extravasante, ora lírico ora dramático, com uma unidade temática fremente e segura, manifestando surdos, íntimos, angustiosos anseios *como alucinante fluencia del cosmos*, E as duas irmãs gémeas, a artista e a sua inseparável sombra são, cósmicamente, como

«el susurro seco de la brisa que pasa la gota mínima que en la roca se pierde»
el latido del polvo concentrado
en un reloj pequeño llamado corazón.»

En «Mañana del Amor», novo livro e novo tema, Pura Vázquez deixa de estar a sós com a sua sombra, no mundo imenso e vasio em que as duas viviam irmanadas e solitárias, e a sombra dá lugar, líricamente, a um personagem novo, corpóreo e espiritual, para a realidade do qual se estendem os seus olhares, as suas mãos, a boca, os sentidos bem despertos, a alma toda entregue, numa dádiva total, anciosa, repleta de promessa e de realização. A dedicatória «A TI» é autêntica e o livro é na verdade uma manhã de amor pletórica de viço, vibrante e perfumada, com mil aspectos de florido lirismo, com corolas, núvens, águas irisadas misturando-se com as doces vibrações da carne e as mais perfumadas emanações do espírito. O amor é um apêlo:

«Latiente voz oculta en carne leve,
abriéndose en pasión, la vida espera...»

«Nací de nuevo para ti...
Eres fruta y fuego esperado.»

«Que asombros y sorpresas decisivas
en tumulto renuevan, por las cosas,
celo nupcial de flor, dulzuras vivas!»

«Qué perfecta dulzura,
esta resurrección...»

«Llameas en mi vida,
leve ternura, infinito
cauce de sed sin nombre»

«Potencia oscura del deseo
raíz del sueño delicada,
poma en delicia del amor,
lumbres de vida que me aguardan.

«abridme todos los caminos
donde la vida fluye, clama!»

«¡Amor, ven tu,
sobre las viejas huellas y conténme!»

e sob o aznl, no esplendor dionisiaco da manhã, o amor abre a sua corola sanguínea e fremente:

«¡Qué cansancios
De embriaguez me retienen
floreceda en el ancía, en el deseo!»

¡Que vértigo me nutre
de caricias las venas...»

e en «Pleamar del gozo» na plenitude:

«¡ Que pleamar en desvelo te señala
fuente de vida, lumbre que me dora...»

«¡Oh, qué celeste corza de ternura
sehace luz y ave intacta de mi pecho,
labial temblor y aroma de barbecho,
pleamear del gozo, sin igual dulzura!»

«¡Que puro gozo rondas, vienes,
envolviendo el mundo, el mar, la
noche!»

En mi sangre te instalas...»

«Tómame:
Um mediodía lento, dulce,
me queima entre mis rosas y me dora.

¡Qué olas de sueños, inefables,
multiplican el sol de mi delicia,
cando me entrego a ti
por el anhelo!»

O amor explende, levanta labaredas ardentes, entrelaça braços, embebe olhares brilhantes ou mortícios, ecôa em pulsações febris, atinge paroxismos, diluie-se em quebrantos, e «Mañana del Amor» é a sinfonia erótica mais una, mais indivisível, mais densa que se possa imaginar, duma vibração pouco vulgar, eco salomónico com langores árabes e requintes helénicos... sinfonia meridional ecoando ao Sol hispânico...

Posteriormente Pura Vázquez enviou-me outro livro, «Maturidade», que por falta de tempo para ser lido atentamente, não pode ser incluído nesta ligeira e talvez não muito generosa apreciação da sua obra, tanto mais que é trabalho com nova linha de projecção, quere pela natureza do lirismo quere pela língua empregue, o galego. Voltarei a Pura Vázquez no próximo «Caderno».

Oliveira Guerra

O DEMO DE LUME

conto de MANUEL V. PEÑA
DESENHO DE COLLADO

Xan da Pingalla foi sempre un home de ben, e por tal tiñano na aldea de Levedeiro. Era sancristan i enterrador no cimiterio que ficaba ó carón da igrexa. Pro o que naide sabía, nin tan siquera sospeitaba, era que fose curmán do demo coma abofé era.

Craro que o demo que il tiña por curmán era un demo pequeno; un dos cento e vintetantos demos que o demo maior tivo co il. O tal chamabase Toleno, coma o Rei das Cies, mais Xan chamaballe «galiñeiro», xa que aquil demo canturrexaba coma as galiñas cando percisaba falar con Xan.

Pol-a noite, ó millor, cando Xan durmia no leito o morno dos cobretores, despertabase cos berros da sua muller:

—!Erguete Xan, que xa están as galiñas revoltas!

E Xan erguíase e alá ía espreguizándose camiño do galiñeiro, non sin denantes coller un cigarro de a carto, papel, navalla e mistos, pois seu curman o demo non falaba se non botaba fume arreo.

Cando chegaba ó galiñeiro xa estaba Toleno cabreado e dando brincos dun lado a outro coma se fose un castrón doente.

—¿Truxeche o tabaco?.—era o pirmeiro que preguntaba o galiñeiro.

—Truxen hom, truxen...—rosmáballe o Xan.

Entón o demo ría satisfeito, e cando ría amosaba os dentes cheos de buratos do verme da boca, e abaneaba o bandullo e toda a baldroallada que tiña no fol.

—!!Tá bon, hom...!!—barbullaba o demo cuspiendo no chan.

—¿Que dís?,—preguntaballe o enterrador.

—Cala, hom, cala; apagouseme o lume e vin a coller unhas carqueixas e unhos toxos pra a lareira e o cortello.

—!Ai langrán! Entón és tí o que rouba as carqueixas pol-a noite. !!Malo demo te coma!!

—¿A min? Un demo tiña moito que roer noutro demo. Escoita, enton... ¿somos ou non somos curmáns?

—!Home...!, ser serémolo xa que tí o dís; pro non esquezas que oxe cortácheme o leite na miña casa.

—!!Non fun eu!!.—berrou o demo fora de si.

—E logo, ¿quen foi?

—Foiche o crego.

—Iso non é certo; o crego non fai semellante cousa.

—!Non fai, non fai! Enton, ¿quen foi o que lambeu a manteiga e o sucre que tiñas na casa pra os nenos.

—Non ten que ver.—disculpou Xan.

PROSADORES DA GALIZA E DE PORTUGAL

—¿Dichello tí?
Non, eu non llo din.
—Enton colleuno il...
—Pode...
—!!Que pode nin que corcio!!.—espetoulle o demo.
—Cala, hom. Non digas pecados.
—Eu son o demo e podo decilos.
—Será o demo mesmamente, pro na miña casa non deixo que os digas.
—¿E logo por qué?—perguntoulle o Toleno morto de risa.
—Se tí és o demo eu son o sancristan.
—!Outra! Chámaste sancristan e roubas o óleo pra fritir os ovos, e, si che cadra, levas as hostias pra comelas con mel coma se foran lambetadas de romaría, !Olla que bén!
—Non están consagradas.—protestou Xan!
—Conságralas tí, ¿ou qué?
—Pecha o bico condanado. !!Arrenégote demo!!.—Ou calas ou bótoche por riba do coiro un neto de auga bendita.
—!Lerías, lerías! A túa auga non ten virtude.
E diste xeito, turrando dun lado a outro, fuxía o tempo no galiñeiro noite e noite, sin verselle por ningunha parte o remate ás parrafadas do demo pequeno.

Pro unha noite, xa che Xan de tanto hornear, e sen sabere de certas se aquil demo era ou non era seu curman, colteu un rosario, un cartillo de auga bendecida, unhas cinzas e unha pola de loureiro, e alá se foi camiño do galiñeiro en canto escomenzou a berrar o Toleno. Cando Xan entrou alí non puido velo, pro decatouse de que alí estaba o demo porque cheiraba que fedía a xofre queimado,

—!Vente eiquí, langrán, que eiche barrer as costas co—a pola de loureiro mollada naiauga dista xarra!.—berrou Xan fora de si.

Pro o demo non parecía e ningún respondeu. Doente, Xan rosmaba e berraba coma un cocho no banco.

—!Sai que te esfolo, cabrón!

E decindo, sacou a navalla ó tempo que tirou o que levaba nas más.

Entón pareceu o demo

—¿E tí díis que és home?—espetoulle o Toleno.

Xan non chistou. Pegou un brinco coma se fora unha cabuxa, e mandoulle un viaxe co—a faca, cara ó bandullo do



outro. Mais Toleno debía sere coma o ár, pois Xan meteu a navalla e o brazo drento do corpo do galiñeiro e foi coma metelo no lume, xa que non puido cortalo e, por riba, queimou a manga da zamarra.

O demo ríase e rebulía os ollos coma as pegas.

—!Mala chispa te comal.—berrou Xan.

No intre, deu a volta e fuxeu pra a súa casa. Dende estonces non tivo un anaco de sosego. Secóuselle a pereira, callábaselle o leite nas olas, os queixos facíanse fariña, as galiñas poñían ovos valeiros ou morrian tesas, voaban as patacas pol-o ár, viñanlle as frebes, e os arbres e as berzas cambeaban de lugar da noite pra a mañán. Xan toleaba.

Non sabia que facer. A súa muller facía novenas ós santos ó tempo que chamaba por meigas e trasnos, o crego botaba ferrados de bendiciós e netos de auga bendita, e Xan rachaba a boca cus-pindo pecados, raios e centellas,

Diste xeito chegou a festa do San Xoan e tocoulle a Xan facer a festa. Aínda que maldita a gana que tiña de lerias nin romarias, non tivo mais remedio que facela, pois leváran le á casa o ramo do ano derradeiro e, por elo, era bispo da festa.

No médeo da eira fixeron a lumeirada i-os homes e as mulle-res chegaronse ó lume. Uns fumando, outros comendo unha tallada, e os rapaces e cativos brincando dum lado pra outro. As mozas e mozos ían e viñan, escondendose trais dos penedos, os balados e por antre as xestas da fraga, namentres os vellos liaban os cigarros collendo lume dos tizós. As vellas rian cos seus parrafeos.

Cando chegou a noite erguíase o lume altísimo, cara ó ceo, e as chispeiras dos tizós rubían feitas luceiros ó tempo cas polas estala-ban coma se foran foguetes de romaría. Entón, e cando os mozos e rapaces ían a brincar sobor do lume, subeu iste moi alto e rom-peuse de súpeto en dous; e o cacho darriba colleu camiño da casa e meteuse pol-a porta adiante facendo un longo asubío.

A xente pasmou. As vellas santigüaronse e os meniños puxé-ronse a tremar coma ós bimbios o vento. Berrou o gato, laiou o can, fuxeu a cadela, i as sombras da xente movíanse coma pantasma, cal si estiveran tolas.

—!E o demo! !!O demo!!.—berraba Xan correndo pra a casa.

Naquel intre voltou o lume a saír pra fora e púxose a brincar pol-o médeo da xente, escorregandose antre o pasmo dos petrucios i-os berros das mulleres.

—!Botádelle auga!

—!T rádelle pedras!

—Guindarlle unha manta.

En canto Xan escoitou aquela torrenteira de consellas, colleu un cobertor e púxose a correr pol-a aira adiante trais do lume has-tra que o cachou no chan. Pro o lume rebulía debaixo coma un porco nun saco, ó tempo que unha moza paría antes do tempo nun recuncho da eira e unha vella ficaba en coiros ó escorregarselle os refaixos co medo.

—!Tíralle pedras!.—dixo un.

PROSADORES DA GALIZA E DE PORTUCAL

—!Tíralle pedras!. —dixo un.

—!Pétalle cun fungueiro!. —aconsellou outro.

—!Méxalle enriba!. —berróu unha vella sen dentes.

Mais o demo bulía e bulía debaixo da manta, mentras Xan petaba nela cun croio e deixaba os folgos de tanto petar.

O fin deixou a manta de rebulir i-entón Xan levantóuna pouco a pouco por unha punta, mentras todos ollaban cheos de pasmo. Pro de debaixo dila somentes saléu unha migaxa de fumo que o vento levou camiño da carballeira.

Viraron os ollos, abertos coma roscós, os alí presentes, e poideiron ouvir unhas verbas que viñan dende a escuridá por onde o fume fuxia,

—«Xesús, que demo de home».

Artabria, San Xoan 1959.

Manuel V. Peña

AL FILO DEL ALBA

(CUENTO)

por PURA VÁZQUEZ
DISEÑO DE ANTÓNIO LEITE

La mujer salió con la última estrella, monte arriba, bordeando los terrenos sembrados, por el sendero casi borroso en la semiclaridad del alba. Llevaba de la mano a un niño de seis años, desmedrado y raquítico. Caminaban en silencio, y sus pasos tamborileaban llevados por el eco que subía precediéndoles por la pendiente de la montaña. Algunas veces salía un conejo de los matorres o un ratoncillo, asustándoles. Entonces, el niño se apretaba convulsivamente contra las piernas de la madre, que le tranquilizaba con suaves palabras.

—¡Quieto, mi niño nó te asustes! Aligera, que tenemos que caminar antes que el sol asome, y ya escasi de día.

—¿A dónde vamos, mamá?

—Lejos, hijo, lejos de estas tierras malditas, donde jamás he debido poner los pies. Conocerás otros países, te harás hombre allí donde las personas no sean fieras, más dañinas que los animales del monte.

—Tacc.., toccc.., tacc.., toccc..

Los zuecos rompían el silencio que se comenzaba a poblar de cantos de pájaros y con los mil rumores de la mañana.

—Tacc... toccc... tacc... toccc...

Una campana tañía lejos su ángelus matinal con un sonido de plata temblorosa. La mujer apresuró el paso, apremiando al pequeño:

—De prisa, hijo, de prisa. Más, más...

—Pero no puedo, —sollozó el muchacho.

—Un esfuerzo, un pequeño esfuerzo más, y estaremos lo suficientemente alejados para que no dén con nosotros.

Comprensivo, el niño aligeró hasta el máximo sus flacas piernecitas, apretando contra su pecho la desteñida chaquetilla de lana. Caminaron un buen trecho más. Ya cercana, la estación del ferrocarril se destacaba solitaria en la falda de la colina. Penachos de humo deshacían en el aire sus espirales grisáceas. Seguramente acababa de pasar un tren. La mujer se paró a descansar un momento, con el niño en brazos. Pezaba mucho, pero la criaturita no podía más.

Miraron hacia abajo, hacia el valle qua hacía poco abandonaran y cuyos pueblos dormían un póco lejanos ya, envueltos en la claridad malva de la mañana. Dios madrugaba en el vuelo de miles de golondrinas y vencejos, en los bueyes que salían a trabajar, en los rebaños que se esparcían por los campos que comenzaba a dorar el sol.

Pasó un viejo pastor y miró extrañado el grupo que hacían la mujer y el niño. Saludó:

—¡Santos y buenos días!

—¡Santos y buenos—respondió ella.

Y el viejo se alejó, perdiéndose de vista en un recodo del camino.

Caminaron de nuevo, recuperadas las fuerzas momentáneamente. Y al cabo de poco tiempo, llegaron a la estación. Algunas personas dormían en la sala de espera. Una anciana levantó la cabeza al verles entrar, rezongó algo, y volvió a recostarse y a cerrar los ojos.

La mujer se sentó en el suelo, colocando el niño sobre su regazo. El chiquillo apoyó mimosamente la cabeza en el hombro de ella, musitando:

—Mamaíta!

Con un esfuerzo, abrió los ojos. El tren se acercaba, trepidando por las lejanas pendientes. Sacó su billete. El empleado, la interrogó:

PROSADORES DA GALIZA E DE PORTUGAL

—¿Y el niño? ¡También paga!

—No sé si me alcanzará, señor, y no puede dejarlo!

—Bueno, a ver si tiene para medio billete. ¡Es la ley!

Pagó medio billete por el niño y salieron al andén. Ya llegaba. Subió primero a su hijo e detrás ella. Buscó un asiento alejado y se sentaron. Al poco rato, el tren continuaba la marcha. La mujer se miró las manos atemorizada. Una mancha de sangre se destacaba nítida en la piel morena de los dedos. Las escondió debajo del delantal. El pequeño preguntó:

—Mamáita, ¿qué es eso? ¿qué tienes en las manos?

—Nada, hijo, nada. ¡Duérmete! ¡Es todavía muy temprano y tú estás cansado.

—Si, pero... ¿a dónde vamos ahora?

—Duermes, duermes. No preguntes nada.

Se recostó contra el asiento y cerrando los ojos, dejó cabalgar su imaginación. Allá quedaba él, en la sala en desorden de la casita rodeada por jardín da madre selvas. Muerto acaso. No lo sabía ni le importaba, ahora. La había pegado, el muy bruto, apesándola con su olor insoportable a vino e a cosas peores, como todas las noches. Todavía en su rostro debían verse las marcas de sus dedos duros, como se veían en los bracitos del pequeño, que también fué golpeado cuando lloraba al ver maltratar a su madre. Siete años de humillación, siete años de calvario y escándalo con aquella bestia. No hubiese podido soportarlo más. No quería soportarlo más. No sabía qué podía hacer para salir de aquella situación. Se sabía indefesa contra él. Creyó volverse loca. Y al fin, ante el insulto soez tantas veces repetido, no había podido resistir más. Lo golpeó con la azada que colgaba de un saliente de la pared. Lo golpeó duro, con todas sus fuerzas acrescentadas por la desesperación y la vergüenza.

El niño, al fin, se había dormido en su camita. Lágrimas humedecían sus mejillas, brillándole entre las pestañas. Respiraba intranquilo. Lo arrancó casi de entre las ropas, mientras él le miraba despavorido con sus ojitos soñolientos. Y salió de la casa corriendo, acosada por su locura, por su crecida fiebre, sin comprobar siquiera si le había matado, pero con la consciencia de que lo deseaba. Y ahora corrían ambos, ella y el pequeño, sin saber a punto fijo a dónde irían. De momento, cerca, a cualquier lado. Lo principal era salir cuanto antes de allí. Más tarde, ¡solo Dios lo sabía!

La invadió una tremenda somnolencia. A través de ella, pensaba y pensaba. Poco a poco sintió como la razón volvía a su cerebro ofuscado. Acaso no lo había matado, quizás solo quedaba malherido, o pudo haber perdido el conocimiento con el golpe recibido. De todas formas, ¿por qué lo había hecho? ¿De dónde pudo haber sacado fuerzas para tal cosa? ¿No había aguantado infinidad de veces los mismos malos tratos, las mismas amenazas, los mismos insultos? ¿No había llegado cada día durante años y años tan borracho como esta madrugada, no se había repetido la escena multitud de veces, hasta tornarse ya para ella en algo rutinario y casi normal? Y, ¿a dónde ir con aquel hijo, ella, tan inútil, tan desamparada para sí misma, cuanto más para soportar sola tan inmensa carga? ¿Cómo saldrían adelante, los dos? ¡Dios! ¿Qué había hecho?

El niño seguía durmiendo, ahogándola casi con su peso descansando sobre el seno frágil. Claro y seco se anunciaba el día, con un sol que abrasaba apenas acabado de salir.

Cambió de postura y notó que el tren aminoraba la marcha. Acaso se acercaban a otra estación. Desde su asiento vió algo familiar que le llamó la atención. Despertó al muchacho, recostándole cariñosamente a lo largo del asiento.

—Espera, hijo mío, voy a ver donde estamos.

Se asomó a la ventanilla. Al principio no comprendió, no podía comprender. Luego, poco a poco, sus pupilas se desorbitaron. Estaba, ni más ni menos que en la misma estación del pueblo que acababan de abandonar. Se dió cuenta de lo que había sucedido: Su carrera por el monte la llevó ciegamente, sin fijarse por donde caminaba. Y en vez de tomar una trayectoria, tomó otra. En un absurdo retroceso, alcanzó el tren en la estación anterior, mien-

PROSADORES DA GALIZA E DE PORTUGAL

tras subía apresurada, no al tren que debía alejarla del lugar del cual deseaba huir, sino al que iba en dirección a él.

Un grupo de personas esperaba en el andén y atisbaba, murmurando. Cuando el tren se detuvo por completo, un guardia se acercó a la portezuela con paso rápido. El tren parecía detenerse demasiado tiempo allí. Se inquietó. Recorrían el vagón. Comprendió que la buscaban. Se hizo un ovillo, arrebujando al niño en sus brazos, con la respiración anhelante. La descubrieron. Y oyó una voz por más conocida, sobresaltándola hasta las entrañas, que decía:

—Ellos son. Háganlos regresar conmigo. Son mi mujer y mi hijo, señor. Hay sangre en sus manos... Dijo el guardia.



132

—Se habrá herido al caminar por los riscos de la senda,—comentó el marido.

Ella le miró asombrada y ahradecida. El guardia apremió:

—¡Vamos, vamos, señora, acompañeños. Su esposo la reclama. Podfamos haberla detenido por agresión, pero él solo pretende que regrese al hogar.

Con un profundo suspiro, les siguió, resignada. En la inconsciencia de la niños, el pequeño iba ya delante, dando la mano a su padre.

Cuando el tren arrancó de nuevo la mujer se detuvo un momento mirándole marchar, fascinada, y una lágrima rebelde brotó dos sus ojos, resbalando lentamente por la cara bronceada. Luego, con cademán, bruscó sé volvió, caminando un rato sacudida por callados sollosos... ¡Había visto tan cerca, por un instante, su libertad!

Pura Vázquez

EL NIÑO MUERTO

por JOSÉ ANTÓNIO NOVAIS

El niño se murió. No recuerdo bien de qué, puede que ni él mismo lo supiera. Pero era tan pequeño, el más pequeño de los párvulos, que quizá la brisa le dijo algo al oído y se murió riendo, o bien la hierbabuena, de mañana, le regaló su perfume más fresco y el niño no supo resistir la tentación—él era tan pequeño—de perderse junto con el perfume por el viento.

El niño había muerto y aquella tarde fué casi fiesta para nosotros, porque no hubo clase y todos formados en fila con don Juan el maestro a la cabeza, con nuestros trajes domingueros—como cuando al final de curso repartían los premios,—acompañamos hasta el fin de la calle al cochecito blanco, desde donde muy poquita cosa y todo cubierto de flores, el niño se despedía de nosotros. También iba el señor párroco y el padre del niño, vestido de negro y los amigos del padre; hasta vino al entierro gente ajena a la calle.

La madre, en el balcón, lloraba y las vecinas le decían: "No llore, es un angelito que se marcha al cielo". Mas la madre seguía llorando porque en lo más íntimo de sus entrañas sabía que a los angelitos no se les puede coger en los brazos, ni sentir su carne cálida junto al pecho, ni siquiera por las noches cuando ya están en la cama medio dormidos, llevarles un vaso de espesa leche para que lo beban a sorbos golosos, con la cabeza medio inclinada y rendidos por el sueño. Y por eso seguía llorando y sus lágrimas caían en las rojas y blancas baldosas del balcón. El balcón era uno de los más sesudos y respetable de la calle, y si se cubría de flores también hay viejecitos tiesos que nadie sabe a ciencia cierta por qué llevan un clavel en la solapa.

El balcón estaba acongojado. Pues el balcón y el niño, con gran asombro de toda la calle, se hicieron muy amigos, compañeros inseparables. El niño jugaba con él mañana y tarde y como el niño era pequeño y el balcón grande, de seguro que aquellas cuatro baldosas le parecían un inmenso jardín, quizá una selva donde corría soberbias aventuras cuando montado en un tanque tomaba al asalto un rosal, o cuando galopando en un blanco caballo, cazaba a los tigres y a los elefantes que entre los geranios andaban ocultos.

Y el balcón estaba triste por la pérdida. Y su pena era llena de duda y de dolor. Y así meditó, meditó, hasta que la serena noche de luces bien cuajada, le recordó cómo en mi calle se quitaban las penas, y entonces él—como hacíamos todos—le rezó, mejor dicho, le habló casi de amigo a amigo a Dios Nuestro Señor. Dijo así:

PROSADORES DA GALIZA E DE PORTUGAL

«Señor, el niño es tan pequeño que no encontrará el camino, se perderá y nunca podrá hallarte, Recuerda, él era tan niño que sólo salía para cruzar la calle y jugar en la plaza, vigilado por mí o por su madre, no fuera a venir un coche. Y además, era tan distraído que una vez se perdió y se fué tras la cabra toda cubierta de lentejuelas que traían los húngaros. Yo tengo miedo que ahora se marche tras una estrella errante, o se pare a jugar con esas nubes niñas tan blancas, o se detenga a escuchar la canción de los aires. Quizá también, le gustan tanto los balcones, que se encuentre uno hermoso y ya no quiera marcharse más, y desde él esté durante años mirando tus azules y rojos, tus oros y encarnados.

Señor, si yo pudiera, iría a hablar con tus ángeles mensajeros para que, sobornados por mi amor, le guiaran a Ti. Señor, él es tan joven que tengo miedo que no encuentre el camino. Haz, Señor que alguien, de la mano, le lleve por él».

Y yo que no soy sesudo como era aquel balcón, ni serio, ni respetable, pienso que quizá el Señor, que es infinitamente sabio, al niño no le hizo jamás encontrar su camino. Y el niño, feliz y errante, anda por los cielos corriendo tras las nubes y encendiendo las estrellas fugaces o extático tal vez asomado a un balcón ve los callejas y plazas que forman la Via Láctea.

Mas acaso, ¿quién sabe si ese no será el camino?

José António Novais

(in «Calle del reloj»).

AQUELOUTRO

Nem eu, nem o outro,
—aquehoutro...

O que veio detrás das nuvens,
lá do sol-por,
o que chegou vibrante,
e assumiu
o que sabia doloroso
mesmo à entrada do Pórtico Nascente...

O que se esmaga ante qualquer
conflito,
e cambaleia no combate inexacto,
o que na Primavera é ledó e sereno
e deixa suas vestes para o inverno,
nem eu, nem o outro,
—aquehoutro!

Sente-se o mar no búzio.

No búzio quase transparente
há luar sem nenhuma lua.

A gaivota voa baixo
perto da praia
para pescar.

Sente-se o mar no búzio.

Dentro do búzio.

Invencível mar
interior.

Mar sem ondas,
mar sem água,
e a flora e fauna
de qualquer mar.

Impossível mar!

Ao fim, subsiste o naufrago
de braços que não podem abraçar.

As mãos do naufrago não podem
agarrar,
mas modelar a água envolvente.

Escultor de formas magníficas
o naufrago esculpe a água
e esquece toda a terra.

O naufrago esquece a vida.

MITOLOGIA

A piramide continua
imutável
a desafiar deuses
e espaços.

Cada face sua
outra grandeza,
cada grão de areia
circundante
um cântico ao sol!

Assim, a Lua nasce
e a noite desce,
cumpre-se o Mito
em cada manhã.

Sem pressa, a Vida dá-se à Vida...

A FIGURA

No Pórtico Nascente
surgiu a figura.

A figura desceu
os degraus de pedra.

A figura fez a vénia
e falou sem gestos.

A figura vislumbrou
o gosto dos homens.

Ao erguer do dia
a figura calou-se,

e desmaiou. por fim,
no Pórtico Nascente!

TEOREMA IMPROVÁVEL

(4.ª Poema)

O jardim sugere as rosas
e os perfumes.

O jardim brinca às árvores
e aos sonhos.

Cada passo é para cada um
o espaço livre.

Cada passo é para cada um
a estrada aberta.

O Guia-Maior vela e conduz.

António Pinheiro Guimarães

YO TENGO MIEDO

¡Yo tengo miedo!
a voces tengo miedo de mi mano
y ella también está como asustada,
con un inmenso susto.
Porque es mucho el peso que tú tienes
frágil mano mía,
y es tan difícil decir en este mundo,
donde ya nada vale la palabra,
la seña exacta con la mano,
la exacta seña de los hombres,
la florida seña por la cual entendemos a los niños.

A los niños que juegan con los manos
a crear mariposas e castillos.

136

Mi mano está asustada y teme
que a la pregunta de la esquina o de la noche
no sepa responder, buscando
en la triste chaqueta de mis cosas
el preciso papel que la salvara,
y que la encierren por silenciosa y torpe,
como a un pájaro sin aire y sin olvido,
en esa imensa jaula sola
donde la mano se crispa por las rejas
cual un reptil sin vuelo.

Y tengo miedo
de que mi mano obstinada y muda,
un día empuñe una pistola
y señalando aquí,
y señalando allá,
en una rueda loca
deje escapar la bala y asesine.

Por eso tengo miedo.
Miedo de mi mano.
Miedo de vuestras manos.
Miedo de todas las manos de la tierra.
En este mundo
donde el hombre ha enterrado
definitivamente la palabra.

GACETILLA LITERARIA

Estamos en Galicia. A nosa vida homilde
é un pequeno silencio iluminado
con esto e con aquilo. E nada mais.
Un libro novo. Un premio literario.
A política do mundo que vai mal,
que sempre andivo mal ó parecer.
Fu!anito proposto pra académico.
Eu que teño inspiración e que non luio
os meus versos tal como debera.
Cuña Novás hai tempo non pubrica.
Novoneyra metido no Caurel.
Cunqueiro, tan fino e inxenioso.
Fole anda a rematar unha novela.
Luz Pozo Garza está en Viveiro.
Os versos de Xohana Torres son moi bós.
Todo este trevello enriba dún.
Maside en Compostela. Otero Pedrayo
a falar longamente no café.
Ferrin, Mourullo, Franco Grande,
López Nogueira, Lorenzo e Cortezón,
coa sua mocidade madura por bandeira.
«Galaxia» é formidabel. «Monterrey»
presenta ben as cousas. En Vigo
non sai «Alba». «La Noche», de Santiago,
os sábados trai literatura. «Aturuxo»
quer facer ruido sin ter nocés.
En América pubricase algún libro.
A lua, o vento, estes meus soños.
Lugo, entre murallas, frio e chumbo.
Unha melanconía fonda aniña en mín
mentras fago estes versos. E cavilo
que estou algo aparvado, que si non
en vez de facer versos, faria cartos.

137

SOLIDÃO

Para o
Toni Hernandez

Deixo-te cair
Como deixo cair
Esta flor
Por sobre um lago

Já nada me fala
De ti.
Nem o perfume
Das primeiras rosas,
Nem a voz da Primavera
Que me fora prometida,
Nem a ramagem sombria
Perto da fonte
Onde aguardava
A tua espera.

Nada!

Deixo-te
Sem uma lágrima,
Sem um adeus,
Sem um gesto
De despedida.

Deixo-te cair
Como esta flor
Sobre uma água azul
E adormecida.

ANTÓNIO LOUSADA

XOHANIÑA

(«Xohaniña, voa, voa,
que teu pai vai en Lisbon
a buscar a cousa boa . . . »
Cantarela infantil.)

Xohaniña pintureira, viva doa
de vidro e de rubís, polos meus dedos,
lómo me tornas estes ollos ledos
e a voce que che canta o «voa, voa» . . . !

!Qué música de tempos me resoa
ao compás deses teus andares quedos!
E agora, que aprendiche os meus segredos,
iscas onda teu pai, que está en Lisboa.

Eu ficarei aquí, sempre agardando
que tornes a enfeitar ista man miña
e outravolta a lle dar rumbo dereito.

A vida é dura i-o pecado é brando . . . ,
mais eu sei que ao voltares tí, Xohaniña,
novo do trinque, estrenarei o peito.

Vigo.

XOSÉ M.^a ALVARES BLÁSQUEZ

Primeiro premio Soneto
(Premio Valle Inclán) dos
Jogos Florais de Gulmarães

PRIMAVERA

São borbotões de sangue, borbotões
de sangue e de mil cores pelas veias,
quando no coração já nos gorgeia
um longínquo horizonte de canções.

Cravos que vão florindo nos balcões,
trabalhado rumor pelas colmeias,
e essa renda de mar sôbre as areias
com ondas cavalgando a tropeções.

Tudo é plural e múltiplo. Parece
um novo amanhecer, tudo floresce:
o mar, a ave, o canto 'inda indeciso.

e neste ressurgir, a primavera
sentida dentro em mim, apenas era
o sorriso do mundo, oh, o sorriso.

140

OUTONO

Há lenços amarelos pelo vento
como piões em giro sôbre o chão;
amarelo em cinzento e profusão
no céu; e branco tenho o pensamento.

Em ráfagas, fugaz pressentimento
que pela mente cruza; em ascensão,
com este estranho acorde em comunhão
sinto o meu ser a vida, e o momento.

Conjunção imperfeita há entre as coisas;
a água, as cores todas, estas brumas,
as arvores desnudas, como as plumas,

as asas rôtas destas mariposas
e a renda de formas caprichosas
que sobre a areia deixam as espumas.

(Tradução: ILKA SANCHES).

TRILOXÍA “CAMIÑOS”

CANTO I. — ISTE CAMIÑO QUE ME LEVA

Góstame iste camiño
que nasce mesmo debaixo da baranda
do meu balcon, inteiramente nú.

Na mañán,
cando lavo as sobrancellas do espírito
que ven da noite,
na fonte de espellos que hai sobor do meu tellado,
ollo o camiño, que comenza
nunha posa de sudre, verde, cheirenta,
alí, no fondo das pedras corcovadas da miña porta,
polas que eu paso nos ires e vires do meu día.

Góstame
iste camiño que aquí nasce.

Góstame
como podía gostarme a nai miña,
ao dar-me a vida i o alento entre salaios de cuasi moribunda
i entre os queixumes lonxanos de suave ventiña das mareas.

Góstame
cando vou, á máñán, tan cedo
como o sol,
en percura dos meus bens, que me din teño
moi lonxe, tan lonxe como as encostas
diste camiño,
que se perde nos roteiros impenetrábes do Barbanza.

Góstame
a poceira de sudre, debaixo do meu balcón,
diante mesmo da miña porta,
cando me ve pasar, á volta, cargado de pesares,
cando me mira con espanto, ista poceira,
por entre os dentes dises croios afiados,
que xuntos i en liña,
márcan-me dúas fileiras de pontellas
como rodas dun carro,
que me fenden en dous, en vinte, en cen anacos.

Góstame
porque só entra pola soleira da homilde casa miña,
o puro ar pue me envolvéu, á mañán,
cando saio en percura dos meus bens de lonxanía.

Hai unha pedra lisa
na charqueira de sudre que está
debaixo do meu balcón.
É mais grande e rechán que ningunha outra
das que me escoitan pola tardanza da noite
e me vixían na alborada morna
da xornada,
e me esperan no decorrer
das camiñadas longas,
ao fío do lusco-fusco.

142

Nisa pedra, xa ben de tempos hai,
fago unha breve parada.
É tan miña
como as prantas dos pes sobor dos que camiño.
Ela debe coñecer os meus amores
e, na posta do sol,
cando os arumes caen das estrelas,
ela gárdeme o calor
que recolléu nas entradas do seh frío corpo
e damo.

—É como un amigo!

Si o camiño
que nasce sob o meu balcón
non fora ton comprido,
si non tivera que andálo, i as encostas
non subiram aos montes do Barbanza,
eu viviría sempre
na pedra redonda
da poza de sudre, acarón da cativa porta miña.

Óllóme alí, no meio das trementes augas verdes,
e negras,
e gosto de ollarme nelas.

POETAS DA GALIZA
E DE PORTUGAL

Vexo a miña face
non máis limpa, nin sorrinte, nin humán
que aquelas augas tristes
que nunca viviron máis que un día,
i áchome tan afeito á sua dor,
aos pensamentos seus, aos seus murmurios,
que inda me parece escoitálos agora,
nista fonte mansiña. branca e bela,
que rega os meus bens dos montes do Barbanza.

Ou augas miñas
da beira mesmo da miña porta,
debaixo do meu balcón,
retrato da miña ialma,
cuando volte aos camiños vellos, de denantes,
quero estar xunto a vos,
porque quero ollar a miña cara na mañán,
ao lavar as sobranceiras pesadouras deste espírito meu,
cuando da noite veña,
nos vossos espellos, refletindo tellas e tellados
e lume, e lodo, e barro,
e negrura negra.

143

A. ABUÍN DE TEMBRA

EXPLICAÇÕES

- Porque olhas tantas vezes para o chão?
—Ando à procura do pão.
- Porque olhas tantas vezes para os Ceus?
—Ando à procura dum Deus.
- E porque tens às vezes êsse vago,
êsse longíquo olhar?
—Ando à procura de mim.
que sou o mais difícil de encontrar...

ENTERRO

Numa carreta vai um caixão branco
de palmo e tanto, pouco mais ou menos.
Puxam-n'a apenas, muito mal vestidos,
dois indivíduos magros e pequenos.

Vão atrás dela dois garotos feios
a olhar quem passa, achando a tudo graça,
achando graça porque o funeral
deteve o trânsito em plena praça.

Vai a seguir um vulto de mulher
que morde o lenço e leva um ar profundo.
Vê-se que é a mãe. Atrás da pequenina
não vai quase ninguém — e vai o mundo...

QUANDO TU CHEGAS

Quando tu chegas, Tristeza,
silenciosamente,
com subtileza,
e te prendes a mim, toda a gente
vê logo que andas comigo,
na minha companhia.
Eu bem procuro esconder-te,
mas não o consigo,
porque essa tua luz tranquila e fria
é como luz distante
que se oculta
e se vê de dia...
Quando tu vens
com o teu rosto de luar
até a Alegria
fica às vezes taciturna,
com vontade de chorar...

OLIVEIRA GUERRA

ESCOLA TIPOGRÁFICA DA OFICINA DE SÃO JOSÉ
RUA DE ALEXANDRE HERCULANO, 123 — P O R T O

Céltica

**Caderno de Estudos
Galaico-Portugueses**

O r g a n i z a ç ã o d e

O l i v e i r a

G u e r r a

C é l t i c a

Caderno de Estudos Galaico-Portugueses

(Iniciação para a formação do Circulo de Estudos
dos Galaico-Portugueses em projecto e estudo)

O r g a n i z a ç ã o L i t e r á r i a
e E d i t o r i a l d e
O l i v e i r a G u e r r a

Rua de Pinto Bessa, 603-Telefone, 51929—Porto-Portugal

C o l a b o r a ç ã o L i t e r á r i a
e A r t í s t i c a d e a l g u n s
a m i g o s d e G a l i z a e d e P o r t u g a l

Arranjo gráfico: António Leite

NESTE CADERNO

Ao que venho
Alguns depoimentos
O Mundo que o Português criou e a ONU.
A Galiza em Portugal
Portugal na Galiza
Hugo Rocha.
Ramon Cabanllas.
Literatura Galega. O Teatro
Leite de Vasconcelos.
Três Pintores Portugueses
O adeus de Watanuki
De la peinture d'Assumpção
O pintor António Leite.
O pintor Pescqueira Salgado
Impressões de Leitura
O milagre que São Geraldo não fez.
Noite Negra.
Niebla.
Meditações a beira do Rio
Elegia.
O poema sen voz
Nocturno.
A Miña Saudade
Canto a miña Nai.
Três sonetes de la muerte
E foi namorada
Camella passeada
Desbotamento e Parto
Triloxia «Camlões»

Oliveira Guerra
de diversos
Discurso de Salazar
Isidro Conde
Oliveira Guerra
Oliveira Guerra
Hugo Rocha
Leandro Carré
Manuel Boaventura
Eduardo V. Fonseca
Barata Feyo
António Pinheiro Guimarães
Oliveira Guerra
Oliveira Guerra
Oliveira Guerra
Costa Barreto
Serafim Ferreira
Dora Vázquez
M. Victória Armesto
António Norton
José Maria A. Blázquez
Luís Ribeira Sêca
Henrique Chao Espina
Dora Vázquez
Pura Vázquez
José Diaz Jácome
Anrique Massó
Álvaro Paradela
A. Abuim de Tembra

CÉLTICA

AO QUE VENHO...

por OLIVEIRA GUERRA

Mas, afinal, o que pretendo eu? Parece-me que já o dei a compreender nos cadernos anteriores, quando fiz sentir a necessidade de «repararmos, quanto antes, a nossa falta de solidariedade, ternura e conhecimento para com os nossos irmãos galegos, envidando esforços para que eles, por seu turno, nos conheçam melhor e nos estimem...»

...Eu não sei donde me vem este sonho, como já o disse no caderno amarelo, mas éle entrou de se denunciar na minha mocidade, quando por volta dos 18 anos eu solicitei, de galegos, colaboração em galego *enxebre* para o meu pequeno periódico O GIRASOL e quando «El Pueblo Gallego», diário então aparecido com a sua feição moderníssima, entrou de permutar com o meu humilde jornal, como que num preito de simpatia pelo meu galeguismo moço e ingénuo...

...Eu não sei donde me vêm, este sonho, que é naturalmente de raízes ancestrais, como já aventei algures, mas isso não importa e o que é certo é que, ainda que adormecido depois, durante alguns anos de vida agitada e de andanças por outros meios, outros interesses e outros mundos, ele manteve-se incólume e adormecido dentro de mim para despertar um dia, mais tarde, com toda a sua força latente, para vir a ressurgir com mais força que nunca.

Ressurgindo, entrou então de se manifestar em muitas e apaixonadas palestras com amigos de Aquem e de Alem Minho, e foi-se criando à minha volta a classificação de *Galaicomantoco*. Ressurgindo, aumentando sempre com as minhas andanças por terras da Galiza, foi perdendo a pouco e pouco o aspecto nebulósico e foi-se cristalizando a pouco e pouco na ideia de mais nitidos contornos da formação duma entidade supra nacional, internacional por abranger zonas de dois países diferentes e simultaneamente regional, quando considerado na amplitude hispânica, por abranger no seu todo geográfico uma zona peninsular. Essa entidade, abeberada do sentimento e do sentido espiritual dum povo que foi uno e coeso e como tal se mantém apesar da separação política, estruturar-se-ia segundo o foro jurídico de Portugal e da Espanha, aglutinaria as camadas pensantes da Galiza e do Norte de Portugal, e, no seu âmbito de acção, seria contido um conjunto de manifestações a saber:

Visitas de observação e estudo

Festivais Folelóricos bem organizados

Realizações teatrais e cinematográficas

Conferências sobre Etnografia, Arte, Literatura, História, Arqueologia, etc.

Exposições bibliográficas

Congressos Etnográficos

Exposições de Artesanato e Artes Plásticas

Jogos Florais e Concursos Literários e Jornalísticos

Congressos intelectuais

Publicação de Livros de autores sem editor

Intensificação da venda do Livro espanhol e nomeadamente galego em Portugal e do Livro Português na Espanha e nomeadamente na Galiza.

Publicação dum Boletim ou Porta-Voz, fazendo a propaganda dos valôres, dando conta das actividades realizadas e propondo outras, e contendo colaboração de artistas e intelectuais galegos e portugueses.

Repentinamente, nos últimos meses do ano findo, entraram de me concitar à execução do meu sonho, mas foi-me sugerido alguma coisa que de começo me pareceu absurda: Foi-me sugerido que começasse pela publicação daquele boletim, que segundo o meu plano deveria ser uma consequência do todo—e consequência final—e que, assim, surgiria como uma iniciativa inicial, isolada e como que independente de qualquer plano de conjunto. Foi sobretudo o escritor Manuel Peña que se manifestou nesse sentido, ao que parece por não ser simpatisante com agrêmiações de qualquer espécie e por considerar muito morosa a montagem duma orgânica tão complexa e vasta como a que eu tinha em mente...

Recusei-me de entrada a dar corpo ao meu sonho e plano, porque me alentava então a ambição de joear e publicar metódicamente alguns volumes de poesia e prosa que vim enfiando durante mais de 20 anos e porque via quanto era singularmente trabalhosa a realização em vista. Mas o sonho vivia dentro de mim, a tentação acicatou-me e venceu-me, e, por fim, depois de alguns incidentes, a CELTICA surgiu como uma espécie de arauto ou pregoeiro, como um agente aglutinador ao serviço da formação do «Grupo de Estudos Galaico-Portugueses», em projecto e estado.

Pobre publicação no arranjo da qual não houve grande cuidado de escolha literária nem grande esmero gráfico, a missão que lhe cabia foi contudo cumprida e podemos dizer que, na Galiza, excedeu toda a minha expectativa. Já tive o ensejo de dizer no caderno de capa verde que os aplausos vieram de todos os lados, de gente que todas as classes e de intelectuais de todos os credos e matizes estéticos, as cartas, os livros, a colaboração e os jornais caíram sobre esta mesa, e se alguma dúvida me restasse quanto à aceitação da minha iniciativa, essa dúvida viria a ser inteiramente desfeita no decorrer da minha rápida visita de 15 dias, de 1 a 16 de Setembro, em torno da Galiza, da Galiza geográfica, social e intelectual...

Na verdade, o contacto com algumas dezenas de escritores, poetas, jornalistas, pintores, professores, catedráticos, investigadores, ensaístas, alcaldes, etc., etc., deu-me a nítida e clara ideia do interesse despertado e até de entusiasmos verdadeiros. Um ou dois espíritos tolhidos por um ar de reserva um tanto duvidosa ou céptica, não me impressionaram, no computo global das adesões, eu tomei posse duma melhor e mais ampla consciência do empreendimento e aumentou por isso em mim a esperança de que venha a ser em breve, salvo qualquer imprevisto, uma autentica realidade a constituição do «Círculo (que é nome mais amplo que *Grupo*) de Estudos Galaico-Portugueses».

Percorrendo mais uma vez, fascinado, a querida e maravilhosa Galiza, percorrendo-a humildemente, tal como sou, sem um nome literário que razões íntimas não me permitiram realizar, mas com as mãos limpas e com o coração nas mãos—a Galiza, pelas vozes de muitos intelectuais que me acolheram e que pensam talvez como muitos outros que não conheci, a Galiza, repito, abriu-me os braços e manifestou-se abertamente, cordealmente de acordo. Depois, terminado esse giro fatigante mas optimista e convincente, novas adesões chegaram por carta até mim, suscitadas talvez por notícias, artigos e entrevistas que durante

15 dias e tendo por objectivo a minha digressão foram publicados pela imprensa galega. E agora a propósito, registre-se esta nota impressionante e agradável: É sobretudo a mocidade que comparece, que vem, que se manifesta. É sobretudo a mocidade com os seus sonhos, com as suas aspirações inquietas, que se mostra atraída pela ideia de pôr de novo frente a frente os galegos e os portugueses do norte, restabelecendo entre eles a comunhão espiritual que noutro tempo, mais do que o sangue, os irmanava, regressando ao passado longínquo dos cancioneiros em que por eles foi creada uma obra poetica comum de Beleza única e imorre-doira.

...E eis aqui, finalmente, o que eu pretendo: Que agrupados pela humilde CÉLTICA, arauto ou pregoeiro dum movimento em marcha, todos aqueles que já deram o seu apoio e todos quantos apareçam a dá-lo, me ajudem a organizar o «Circulo de Estudos Galaico-Portugueses», do qual me considero unidade embrionária e no âmbito do qual haverá um número considerável de realizações e actividades, conducentes à criação duma atmosfera de melhor interconhecimento entre os galegos e os portugueses do Norte. Esse Circulo que segundo o meu critério, aglutinará a camada pensante e *céltica* da velha região do Noroeste, da região compreendida entre o Finisterra e o Douro, não se encerrará contudo nos estreitos limites dessa área geográfica e humana, histórica, ética, étnica e espiritual, e aceitará todos os concursos, todas as ajudas, todas as colaborações, venham donde vierem, do resto de Portugal, de Castela ou da Catalunha, e nas suas publicações, a começar pela CÉLTICA, é admitido qualquer idioma ou qualquer dialecto. Será enfim uma instituição que tendo uma finalidade sentimental e espiritual, científica, literária, artística, etnográfica, circumscripção essencialmente a uma zona do Ocidente Peninsular (o Ocidente Sensitivo, como já chamaram à faixa entre o Cantábrico e o Douro) estará sempre de braços abertos para as comunicações com todas as demais gentes ibéricas, como estará sempre integrado no espírito das boas relações hispanicas.

E já que transcrevi no Caderno verde a carta do Romancista João da Silva Correia, desse modo abrindo um precedente que teve considerável repercursão, permito-me trazer a este Caderno mais alguns, apenas mais alguns testemunhos que escolhi não sei se bem se mal e que são reveladores de que há de facto um movimento em marcha, mercê do aplauso por vezes caloroso de muita gente boa, uns, portadores de nomes ilustres e outros usando nomes mais modestos, mas gente boa, em suma. Não há a pretensão de agrupar nomes fulgurantes, de primeira plana, ou de seleccionar antologias magnificas de obras superiores, mas apenas a de reunir espiritos justos, orientados para um fito nobre e leal, que a todos fica bem defender...

A L G U N S DEPOIMENTOS

DUMA CARTA DO SR. EMBAIXADOR DE ESPANHA

«Me parece de un extraordinario interés artístico y literario el estudiar cuanto se refiere a las afinidades, en un amplio ámbito, existente entre Galicia y el norte de Portugal y por ello, toda obra que en este orden se realice con inteligencia, seriedad y solvencia me parecerá un acierto y de positiva utilidad. Por ésto considero de gran provecho la publicación de los «Cadernos de Estudos Galaico-Portugueses» en los que, como Vd. muy acertadamente dice, pueden colaborar portugueses, castellanos, gallegos y otros, en sus respectivas lenguas».

DUMA CARTA DE JUAN NAYA PÉREZ da Real Academia Gallega

150

«En lo que respecta a la noble misión que a usted le trajo a tierras de Galicia, me complace mucho que haya sido satisfactoria. De acuerdo en que las gestiones, y más si son de esta índole, hay que hacerlas personalmente, pateando los viejos caminos de esta tierra antigua, para hacer volver la mirada a aquella otra, igual, en todo, en sus hombres, en su toponimia, en sus costumbres en su casi intacta pureza de costumbres que es la tierra portuguesa hasta la desembocadura del Duero; esa tierra en la que ningún gallego auténtico deja de emocionarse en su presencia.

Venga, pues, esa inmediata constitución del Circulo de Estudios Galaico-Portugueses, que tanta falta está haciendo. Y tenga usted, caro amigo, la misma alteza de miras, la misma gallardía, el mismo generoso desprendimiento como ahora y el éxito está asegurado. Excuso decirle que puede contar con mi humildísima cooperación».

DUMA CARTA DE D. GONZALO REY ALAR Presidente da Asociación de la Prensa de Vigo

«Celebré mucho ir sabiendo que su recorrido por Galicia le proporcionaba las colaboraciones que usted desea y convienen al hermoso objetivo que se ha propuesto cumplir y de que son hermosísima muestra los «Cadernos de Estudos Galaico-Portugueses».

Por mi parte solo me queda ratificarme en cuanto tuve el placer de decirle personalmente en nuestra Asociación de la Prensa. Estoy a su disposición con toda cordialidad y los deseos más sinceros de que tan plausible empresa sea desarrollada con toda eficacia.

Ya le indiqué que, si me manda el proyecto estatutario para régimen de una posible ordenación de esse movimiento veré de apoyarlo en la Asociación de la Prensa como punto de partida hacia algo mas amplio y generalizado en Galicia. De cualquier manera yo me brindo a Vd. de nuevo como modesto colaborador en esa tarea nobilísima.»

DUM POETA GALEGO — José Diaz Jácome

«Mi querido amigo y compañero de idealidades: A mi regreso de unas cortas vacaciones, me place contestar a sus amables cartas. Le agradezco sus elogiosas palabras y le reitero mi aprecio y simpatía, así como mi admiración por la obra que está realizando en pro de las relaciones culturales entre Galicia y Portugal. Durante mi estancia en algunas ciudades gallegas he tenido ocasión de comprobar que sus esfuerzos por una mejor comprensión entre los escritores de aquende y allende el Miño están teniendo eco y han de alcanzar el merecido éxito final».

DUM POETA PORTUGUÊS — António Norton

«Recebi a sua CÉLTICA, aqui neste Espinho aonde amolento umas férias iodadas e tristes, e aonde estou só entre as areias pisadas e sujas, desertas de conchas e de naufrágios... É talvez por isso que ando com o termómetro na bôca quási desde que cheguei. Dizem os médicos que é gripe, digo eu que é tédio, falta de pinheiros, de raízes, de silêncio bom. Sinto-me carente de tantas coisas, tam de braços caídos, que não devia escrever-lhe agora. Mas eu já sei como é, e se não lhe mandasse hoje o meu muito Obrigado, ele ficava-me na garganta, entopido, sei lá até quando. Que posso eu dizer-lhe da Celta a não ser que lhe pego, que a leio com verdadeiro amor? Que a tenho à frente dos olhos como se o tivesse a si, à sua Galiza, ao seu entusiasmo deslumbrado e puro, Guerra, pelas pessoas e pelas coisas que o tocam. Não sei de quem se dê aos outros, como você, meu querido Amigo, duma forma tam plena e tam autêntica. E a isso chama-se amor. Amor comovido e raro, largo, evidente e forte como um oceano. Quanto à minha colaboração, sou eu que lhe agradeço. Apenas sinto que ficou um pouco desligada, naquela folha verde... Desculpe dizer-lho, mas bem vê que mentiria se não lho dissesse... As folhas verdes caiem... Eu gostaria de ficar no húmus da Celta, enraizado num solo ardente e amigo, imperecível... Acha que pode ser?»

DE «ECOS DE ESPANHA» de 1/9/1960

**Oliveira Guerra, sus planos, y «CÉLTICA»
(Cuadernos de Estudios Galaico-Portugueses)**

Como en nuestro número de Junio fue anunciado, y destacado por la Prensa gallega y portuguesa, se inició en Oporto la publicación de CÉLTICA (Cuadernos de Estudios Galaico-Portugueses), de orientación y dirección de Oliveira Guerra.

Tal como se presenta, con su carácter simultáneamente científico y literario, con su magnífico aspecto gráfico, la publicación sería por sí sola suficiente motivo de alabanza, pero no tenemos apenas que considerar este todo externo, hay que ver, sobretodo, lo que está por detrás de CÉLTICA, el mundo de cosas que constituye su razón de ser, para entonces admitirse que alguna cosa de nuevo y de meritorio apareció en el ámbito de las relaciones hispánicas.

Oliveira Guerra, viejo apasionado del *Mundo de Mundos* como llama a España y, más particularmente aún, apasionado por las cosas gallegas, estuvo soñando durante años trabajar para el mejor conocimiento de los valores de

Galicia y de Portugal del Norte, de este todo geográfico, étnico, y lingüístico que es la llamada región Cantábrica, área que los *galleguistas* apellidan de *céltica* sobre todas y que está comprendida entre el cantábrico y el Duero.

Como dice Oliveira Guerra—y nosotros acabamos por comprenderlo muy bien—según su sentir, y para allá de la constitución política y nacional de las naciones están las zonas regionales habitadas por gentes que el predestino de los pueblos dividió por dos países, y que, entretanto, se encuentran en vida, hermanadas por la misma suma de valores humanos. Es el caso de los gallegos y de los portugueses del Norte, de vascos españoles y franceses, de catalanes de España y de Francia...

Oliveira Guerra, arrastrado por su idea, ideó la formación del «Grupo de Estudios Galaico-Portugueses» que, aglutinando gentes de un lado y de otro, tratase de fomentar el estudio de todo cuanto culturalmente interesa a los dos pueblos y los hiciese más conocidos entre sí a través de conferencias, visitas, congresos, exposiciones de arte, cambio de valores, etc. y que hiciera ediciones, y promoviese una publicación que sería el portavoz...

Hemos visto a Oliveira Guerra, durante tiempo aquí y allá, cambiando impresiones, auscultando opiniones, exponiendo su punto de vista y sus planos preparando el terreno y echando en él las semillas, y de repente, nos surge con su *CÉLTICA* que, explica él, resolvió publicar ya como anticipado medio de propagación de sus propósitos y de iniciación de trabajos para la formación del movimiento que sueña llevar a cabo...

Periódicos gallegos y portugueses, así como la radio dieron noticia del apareamiento de esta publicación con los mayores elogios, y por veces, con desusada extensión. El *Faro de Vigo*, el *Jornal de Notícias* y el *Jornal Feminino* estos dos de Oporto, insertaron extensas entrevistas con Oliveira Guerra.

Las entidades españolas en Portugal, incluyendo el Embajador en Lisboa, y el Cónsul General en Oporto, le tributaron sus aplausos y su apoyo, y porque el plano de Oliveira Guerra se integra perfectamente en el ámbito del desenvolvimiento de las relaciones internacionales y culturales de los pueblos hispánicos (aunque de cierto modo limitado a una zona restringida de lo que Oliveira Guerra llama *Mundo de Mundos*), nuestra publicación dá, también a Oliveira Guerra su más caluroso apoyo y labora gustosamente con «*CÉLTICA*», en la acción y doctrina al servicio de ideas comunes y de intereses superiores.

Entre las realizaciones previstas en el ancho ámbito de los proyectos de Oliveira Guerra, hay las próximas exposiciones de los pintores gallegos Collado y Pesqueira Salgado en Oporto, y en Santiago de Compostela de las exposiciones del escultor portugués Barata Feio que también las hará en Madrid, y del pintor Carlos Carneiro.

A Oliveira, Guerra como amigo y camarada, nuestro abrazo nuestros votos y deseos de pleno éxito, que será de él y de todos.»

DE «FARO DE VIGO» DE 21/9/1960

Oliveira Guerra y su empresa

«En el panorama cultural luso-gallego ha surgido "Céltica", cuaderno publicado para la formación del proyectado "Grupo de estudios galaico-portugueses", cuya alma creadora es Oliveira Guerra, soñador apasionado de meta bien definida: el reencuentro de Galicia y el Norte de Portugal.

Claro está que al hablar de reencuentro, su autor busca algo más que el simple deshielo en unas actitudes frecuentemente apartadas del camino ideal. Para un empeño de este tipo bastaría lo que en nuestros días se ha dado en llamar "estrechamiento de lazos", frase tópica, carente ya de valor y significado. Hay formas, medios y rufos de más difícil vencimiento, justo porque representan el verdadero, eficiente, modo de alcanzar el fin apetecido. Son precisamente las que parten del hecho fundamental— y quizá por eso tan olvidado— de la existencia, dentro de los Estados, de nacionalidades, que étnica, geográfica y culturalmente se distinguen de otras en aquéllos integradas.

Oliveira Guerra, consciente de tal hecho, lo ha considerado en su fiel perspectiva, en lo que a Galicia y Portugal del Norte se refiere. Ha visto cómo estas dos regiones nacidas de idéntica raíz, han ido insolidarizándose hasta nuestros días, viviendo de espaldas a los mismos problemas. Pudo comprobar la lastimosa ignorancia que ambas se profesan. "Sólo una escasa minoría — dice— sabe en Portugal algo de Rosalía, Curros, Pondal y de las cosas de Galicia; nada se sabe de Camilo, Eça, Junqueiro y Pascoais al otro lado del Miño".

Si Oliveira Guerra es un soñador, pero también un realista. Soñador, en cuanto a conseguir el hermanamiento de dos regiones que las vicisitudes históricas han distanciado, siendo un todo geográfico, étnico y lingüístico; realista, porque ve los problemas en su concreta dimensión, porque intuye las dificultades que es necesario vencer. Se da cuenta de que para encontrarse dos pueblos hace falta que ambos se conozcan. Y esto no es labor de una jornada.

Existen, naturalmente, unas bases comunes: idiomas, costumbres, raza, folklore..., que permiten edificar el entendimiento, sincronizando el latir de los dos pueblos en un terreno, a la vez científico y literario. Así, Oliveira Guerra ideó la formación del "Grupo de Estudios galaico-portugueses", el cual reuniendo a especialistas de las dos bandas del Miño, fomentase la investigación de lo que debe interesar a los dos pueblos, favoreciendo de ese modo el intercambio cultural, al igual que el conocimiento entre sí. Conferencias, publicaciones, visitas, congresos, exposiciones y concursos, figuran en la agenda del "Grupo", que, asimismo, debía poseer un portavoz.

Pues bien, "Céltica" es el portavoz, y ya va en su segundo número. El "Grupo de Estudios" no tardará en formarse. Una obra grande y hermosa debida al esfuerzo portentoso de Oliveira Guerra, adelantado luso en el mundo ibérico, del "mundo de mundos", en sus propias palabras.

Que el encuentro de las dos regiones fructifique para unas mejores relaciones luso-españolas. Que su fuerza expansiva se proyecte al otro lado del Atlántico, hacia el Brasil, mundo nuevo y vigoroso que habla, siente y piensa como esta banda occidental de Iberia.»

DE «EL IDEAL GALEGO» 17/9/960

Una Revista: um Ideal—por Dora VAZQUEZ

«Como si se hubiera querido que la conmemoración del V Centenario de Don Henrique el Navegante, tan celebrado por la literatura galaico-portuguesa, quedase señalado con canto de oro actual, aparece, coincidiendo con esa efemérides y elaborado en la bella patria del Príncipe marinerero y emprendedor, un lazo que fraternalmente se tiende desde allá a nuestra amada Galicia. Un lazo cultural y literario, una nueva revista, que comienza a vivir con fuerza espléndida y que, cumpliendo sus fines, estrechará las relaciones entre las tierras hermanas. Aparece «Céltica», «caderno de estudos galaico-portugueses»,

tal como la denomina su director y editor, el ilustre escritor y poeta señor Oliveira Guerra.

Nace «Céltica»—y su nombre es ya de por sí un símbolo—, con el entusiasmo que su fundador ha sabido imprimírle, destinada al abrazo intelectual de los dos países peninsulares. Como indica muy acertadamente uno de los artículos del segundo ejemplar—(João da Silva Correia)—al escritor y al poeta corresponde «tomar a iniciativa de um grande movimento de compreensão e afecto entre os povos, desde os mais afins aos mais distantes e estranhos».

«Céltica», en fin, enarbola un hermoso ideal: el amor, la aproximación hermana y espiritual de dos pueblos separados políticamente en dos Estados, pero no espiritualmente, puesto que es la lengua y la tradición histórica la que une y hermana. Existe, por tanto, en la aparición de esta revista, una amplia dimensión de humanos anhelos, que los literatos de ambos pueblos han comprendido y estimado, contribuyendo con amor y esfuerzo a estrechar ese fraterno vínculo intelectual que desde la nación lusa se ofrece a gallegos y portugueses. El fundador de la revista expresa la razón de este gran deseo en su artículo—también en el segundo cuaderno—«Ao que venho». Al hablarnos de «a lo que viene», expresa—traducimos libremente su mensaje—dice que la separación política nada tiene que ver con la vida familiar, social, cariñosa y comprensiva, de dos pueblos hermanos. Cada cual con su vida y en su casa, cada cual con su destino político e histórico, la vida podría haber discurrido, sin embargo, más amistosa, y fácil, y llana, entre nosotros...

Tan nobles y bellas ideas, de tan profundo significado y sentimiento, han sido amorosamente acogidas y secundadas por los intelectuales gallegos. El Señor Oliveira Guerra expone, complacidísimo, que muchas docenas de cartas de todos los puntos de Galicia llegaron a sus manos con aplauso, estímulo y abrazo, a la aparición de «Céltica», lo cual le ha dado, dice, la medida exacta «de cuanto esta idea se torna risonha e acolhedora».

Risueña y acogedora, en efecto, como correspondía al hermoso móvil que la dirige, y a tanto bueno y laudable como en sugestiva prosa dedica su organizador a Galicia al invitarle a laborar en aras del empeño del mismo ideal hermano, en su «Carta a un galego» (a Don José Díaz Castroverde), del primer Cuaderno, en la cual queda manifiesto—bellamente manifiesto—cómo el señor Oliveira Guerra conoce y ama a Galicia en todos sus aspectos y valores: historia, raza, cultura, literatura, paisaje... Paisaje, que traspuso más de una vez para dejar, expresa, «esa vossa e nossa terra da Galicia para me passar a esta nossa e vossa terra de Portugal»... Nuestra y suya, Galicia. Suyo e nuestro, Portugal... Traspasando la frontera oficial para admitir con emoción, para sentir, la mayor y mejor «consciencia de que ela, essa fronteira, nao nos separa quase nada, afinal...».

Nada, realmente, vale al espíritu, a la cultura, una frontera, un límite, cuando el espíritu camina y traspone en alientos de una labor de grandeza para la cual no pueden existir cercos ni distancias; el amor, cimiento el más sólido y firme de unión de todos los pueblos pasados y del porvenir. El amor que para la «Galiza de aiém e de aquém do Minho» propugna «Céltica» a los intelectuales galaico-portugueses, en acercamiento y comprensión de dos pueblos, unidos, más bien que separados, por una frontera física, y a cuya invitación se han asociado y correspondido de corazón, escritores, artistas y poetas de Galicia y Portugal, en colaboración en las satinadas páginas de «Céltica».

Muy grande, muy bella, es la función de «Céltica», a la que deseamos feliz y larga existencia. A través de sus páginas, Galicia estudiará y conocerá mejor a Portugal, y Portugal conocerá y estudiará mejor a Galicia. Y del conocimiento mutuo, ¿no nace y se acrecienta el amor...?

«O MUNDO QUE O PORTUGUÊS CREOU» E A ONU

DO DISCURSO DE 30 DE NOVEMBRO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR

«A ideia da superioridade racial não é nossa; a da fraternidade humana, sim»

Para nós, nação compósita—euro-africana e euro-asiática—as considerações acima não têm apenas interesse especulativo; é possível derivarem do movimento actual consequências graves e talvez se nos levantem problemas de soberania e vizinhança. Debrucemo-nos por isso sobre nós próprios, para averiguarmos sob que ângulo os temos de enfrentar.

Quando a nação portuguesa se foi estruturando e estendendo pelos outros continentes, em geral por espaços livres ou desaproveitados, levou consigo e pretendeu imprimir aos povos com quem entrara em contacto conceitos muito diversos dos que mais tarde caracterizaram outras formas de colonização. A populações que não tinham alcançado a noção de pátria, ofereceu-lhes uma; aos que se dispersavam e desentendiam em seus dialectos, punha-lhes ao alcance uma forma superior de expressão—a língua; aos que se degladiavam em mortíferas lutas, assegurava a paz; os estádios inferiores da pobreza iriam sendo progressivamente venci-

dos pela própria ordem e pela organização da economia, sem desarticular a sua forma peculiar de vida. A ideia da superioridade racial não é nossa; a da fraternidade humana, sim, bem como a da igualdade de méritos, como é próprio de sociedades progressivas.

Em todos esses territórios a mistura das populações auxiliaria o processo de formação de uma sociedade plurirracial; mas o mais importante, o verdadeiramente essencial estava no espírito de convivência familiar com os elementos locais; nas possibilidades reconhecidas de acesso na vida económica e social: nos princípios de uma cultura mais avançada e de uma moral superior que, mesmo quando violada, era a regra do comportamento público e privado. Se através destes meios, de acção forçosamente lenta, conseguia formar-se uma comunidade com certo grau de coesão, pode dizer-se que a tarefa estava vingada; a independência e a igualdade dos povos integrados com seus territórios numa unidade nacional.

155

«A sociedade plurirracial é possível... simplesmente essa sociedade exclui toda a manifestação de racismo»

Mais de 300 anos trabalhámos no Brasil, inspirados pelo mesmo ideal, e o que ali passou a observar-se é verdadeiramente extraordinário: o Brasil tem as portas abertas a gente de quase todo o mundo, caldeia-a na variedade dos seus elementos demográficos, absorve-a, assimila-a e não diminui em lusitanidade. Entre os países para cuja formação contribuíram raças diferentes, nenhum como ele apresenta tão completa ausência

de traços racistas na legislação, na organização política, na conduta social. Ele é a maior experiência moderna de uma sociedade plurirracial, ao mesmo tempo que exemplo magnífico da transposição da civilização ocidental nos trópicos e no continente americano. Pacífico, estável, dinamicamente progressivo, o Brasil, mesmo ao rever-se nas suas criações próprias, não tem que maldizer das origens nem de renegar a sua pátria.

A sociedade plurirracial é portanto possível e tanto de cepa luso-americana como de base luso-asiática, segundo se vê em Goa, ou luso-africana, em Angola e Moçambique. Nada há, nada tem havido que nos leve a conclusão contrária. Simplesmente essa sociedade exclui toda a manifestação de racismo — branco preto, ou amarelo — e demanda uma evolução e trabalho de séculos, dentro dos princípios que estão na base do povoamento português. Mal-avisados andaríamos agora a inovar práticas, sentimentos, conceitos diversos dos que foram o segredo da obra realizada e são ainda a melhor salvaguarda do futuro.

«O trato familiar de sucessivas gerações foi forjando e consolidando a unidade... que não é por isso uma ficção política ou jurídica mas uma realidade social e histórica»

156

É possível encontrar muitas deficiências no nosso trabalho, e somos os primeiros a lamentar que a limitação dos recursos não nos tenha permitido ir mais além. Especialmente nas comunicações, na divulgação da instrução, na organização sanitária, temos diante de nós largos caminhos a percorrer. Mas, mesmo nesses como em muitos outros domínios, quando nos comparamos, não temos de que envergonhar-nos. As nossas cidades e vilas, os nossos caminhos de ferro, os portos, os aproveitamentos hidroeléctricos, a preparação e distribuição de terras irrigadas por brancos e pretos, a exploração das riquezas do subsolo, as instalações dos serviços têm seu mérito. Mas o ambiente de segurança, de paz e de fraternal convívio entre os muito diversos elementos da população — caso único na África de hoje — é a maior obra, porque a outra quem quer a podia fazer com dinheiro, e esta não.

O trato familiar de sucessivas gerações foi forjando e consolidando a unidade entrevista no começo. Esta unidade não é por isso, uma ficção política ou jurídica mas uma realidade social e histórica traduzida nas constituições, e levanta obstáculos muito sérios aos que pensam dedicar-se agora à tarefa de emancipar a

Estamos em África há 400 anos, o que é um pouco mais que ter chegado ontem. Levamos uma doutrina, o que é diferente de ser levados por um interesse. Estamos com uma política que a autoridade vai executando e defendendo, o que é distinto de abandonar aos chamados «ventos da história» os destinos humanos. Podemos admitir que a muitos custe compreender uma atitude tão estranha e diversa da usual; mas não podemos sacrificar a essa dificuldade de compreensão populações portuguesas cujos interesses na comunidade nacional consideramos sagrados.

África Portuguesa. Vêm tarde: já está. É que essa unidade não comporta alienações, cedências ou abandonos; as figuras jurídicas do plebiscito, do referendo, da autodeterminação tão-pouco se quadram na sua estrutura.

Aos inclinados a supor que teorizamos, opomos as espontâneas e vibrantes reacções da consciência nacional, ao pressentir o mais leve perigo. Aqui e no Ultramar, em território nacional ou estrangeiro, o Português de qualquer cor ou raça sente essa unidade tão vivamente que toma as discussões como ameaças e as ameaças como golpes que lhe retalam a carne. De modo que não há mais a fazer do que proclamá-la a todos os ventos e, na medida do possível, vigiá-la em todas as fronteiras.

Aliás, a ligeireza com que temos visto falarem uns, calarem-se outros sobre problemas desta transcendência — o destino de milhões de seres humanos — faz-me crer que não foi ainda devidamente apreciada a gravidade das implicações possíveis de tão grandes desvarios. No domínio do direito internacional, das realidades práticas, de relações convencionais e dos interesses em jogo, há ainda, pelo que nos toca, muita matéria a esclarecer no debate.

A GALIZA EM PORTUGAL

MOVIMENTO
EM MARCHA

O RALLY AEREO

Apetece inserir neste «Caderno» o brinde proferido pelo querido amigo e colaborador da «Céltica», o poeta e ensaísta Isidro Conde, no banquete organizado pelo Aero Club do Porto para fecho e distribuição de prémios do II Rally Aereo Internacional «Portugal-Vinho do Porto», no dia 31 de Agosto passado.

Dignísimas autoridades, Señoras. Señores:

Los españoles, los gallegos, no necesitamos de ningún pretexto para acudir a Oporto a pasar un fin de semana con los amigos en una continua renovación de afectos y una unidad espiritual de ideas y aspiraciones.

Por ello no ha sido imprescindible esta integración en el II Rallye Aero Internacional «Portugal-Vinho do Porto», con tanto éxito organizado por vosotros, para acudir, con la alegría de siempre, a esta llamada del Aero Clube do Porto y a esta agradabilísima visita a la industriosa región bañada por el Duero, ese río tan español y tan portugués que nace en la castellana Soria describiendo la «curba de ballesta» cantada por Machado y abandona España por ese impresionante paisaje del salto de Aldeavila para adentrarse en Portugal uniendo en su cauce las bases fundamentales de la prosperidad económica de un pueblo: la agricultura, la industria, el comercio, la exportación..., y que, como un español mas, también le agrada Oporto para venir a pasar sus fines de semana.

En este veinticinco aniversario de la fundación del Aero Clube do Porto, en estas bodas de plata, cúpleme a mí, como representante del Aero Clube de Santiago de Compostela, haceros la ofrenda simbólica—como es costumbre en España—de un obsequio del mismo metal, de esta gaviota de p'ata que une en su simbolismo el ansia de vuelo de vuestro Clube, de vuestras avionetas, y las olas espumosas del mar océano surcado por vuestros navegantes. Que este presente sea permanente recuerdo de esa cordial amistad que une a Oporto y a Santiago, reflejada en el continuo intercambio de nuestras Sociedades, y sea también la expresión de nuestros mejores deseos para un futuro próximo y esperanzador lleno de vital actividad y compenetración mutua.

No ha sido necesario este maravilloso vino de Oporto, que desata lenguas y corazones, para que viva continuamente en nosotros el afecto indestructible que desde hace tantos años se vienen profesando nuestros Aero Clubs con una comunidad de afectos por encima de fronteras y divisiones administrativas, pudiendo afir-

mar desde aquí, sin la menor sombra de duda, que nuestra entrañable amistad, de ahora y de siempre, puede muy bien ostentar el mismo lema que aparece grabado en el escudo de esta *invicta* ciudad de Oporto que preside la señorial escalera de vuestro Ayuntamiento que hoy hemos visitado.

Esta amistad de los Aero Clubs de Oporto y de Santiago de Compostela, por la que levanto mi copa, queda expresada con las palabras de vuestro lema. «antiga, muito nobre, sempre leal».

Izidro Conde

PORTUGAL NA GALIZA

158

A EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS ESCOLARES DE PONTEVEDRA NAS COMEMORAÇÕES HENRIQUINAS

Contra a expectativa dos contínuos, na opinião dos quais o sr. Alcalde não poderia receber-me, Filgueira Valverde abandona o conselho que estava reunido e vem à pequena ante-câmara para me fazer entrar, apesar dos meus protestos, num gabinete reservado, ao mesmo tempo que me ia dizendo: «Homem... estou encantado com o seu labor e quero colaborar na «Céltica»...

Mas o grande investigador tinha o seu conselho e eu tinha Izidro Conde e Abuin de Tembra à espera em Santiago, e porisso prometi a Filgueira Valverde que voltaria por Pontevedra, no regresso, para ver o *seu* Museu (e não é de facto o *seu* Museu?) e a Exposição dos Trabalhos Escolares integrada na «Semana de Portugal», durante as Comemorações Henriquinas, e para falar, enfim, sobre assuntos de interesse...

No dia 14, porém, ao passar de novo em Pontevedra, Filgueira Valverde estava ainda mais ocupado com as obrigações do seu cargo público. A conversa decorreu um tanto descosida, e, acompanhado pelo chefe do Protocolo do Ayuntamiento, fui porfim visitar a exposição, com um certo desinteresse e preocupado apenas com as ideias que me enchiam o cérebro, para mim muito mais importantes que tudo. Mas logo esqueci as ideias, ao entrar no recinto em que estavam reunidos os trabalhos das crianças da província de Pontevedra, expostos ao longo de cinco grandes salas...

Pasmei e pasmou minha mulher. As figuras regionais portuguesas bordadas de mil formas, os nossos trajes, os artigos de artesanato, os grupos folclóricos, os mapas, as figuras de D. Henrique e Camões, as rotas dos descobrimentos, as caravelas e as naus, os quadros

da expansão lusiada, os barcos Rebelos, a Torre de Belém e a Praça do Comércio de Lisboa, os castelos, os cantadores e as cantadeiras do Fado, as alusões aos «Luziadas», as peças de ferro forjado, as arquitecturas típicas, os estudantes de Coimbra, os quadros panorâmicos do Império Português, as Virgens de Fátima, a gastronomia e os vinhos, os mapas turísticos, a heraldica portuguesa, Bom Jesus e Santa Luzia, os mapas físicos em relevo, a divisão geográfica e política, os Vascos da Gama, a nossa hidrografia, a rede turística, os espigueiros do Norte, os poemas de exaltação, os mitos, as alegorias, as mais variadas maneiras de mostrar e exaltar tudo quanto é português surgia ali nos mais variados materiais e realizado pelos processos mais diversos pelos dedinhos hábeis de milhares de crianças que nunca teriam pensado talvez que tanto tivessem de se ocupar de Portugal na Escola e que, naturalmente, se abeberaram, por um prodígio de imaginação e de querer, do espírito que informa as nossas coisas, pois na verdade eu me perguntei mais que uma vez se todo aquele mundo tinha sido realizado fóra das nossas terras, por gente alheia à nossa vida e aos nossos usos e costumes, à visão do nosso cotidiano...

Não havia dúvida, porém. Estava ali D. Luis Lois Teijeiro que nos dava explicações e me olhava com um sorriso um tanto divertido, ao ver o meu espanto, e tudo aquilo que era muito nosso, *era fóra de Portugal*. E uma espécie de emoção me tomou, ao sentir que por detrás de tudo aquilo andava muito carinho pelas nossas coisas, desde a iniciativa do Governador Civil D. Rafael Martines até ao disciplinado interesse dos professores, desde as possíveis ajudas dos Pais até ao divertido empenho dos alunos que realizaram o milagre, e, com os olhos húmidos desta sentimentalidade tão nossa, tão Galaico-Portuguesa, eu saí a considerar que nenhuma homenagem a D. Henrique fora tão bonita, tão poética e tão proveitosa como aquela...

HUGO ROCHA



O simpático periódico «Ecos de España» que por ser dirigido por José Maria Ilha, do Consulado de Espanha no Porto, me parecer uma voz espanhola mais autêntica, com o seu quê de reflexo oficial, publicou no dia 1 de Setembro um pequeno artigo dum leitor, chamando a atenção para o muito conhecido «galeguismo» de Hugo Rocha, para a sua amizade pela Galiza, para os seus trabalhos jornalísticos e literários sobre as coisas galegas.

Muito tarde travei conhecimento com esse artigo, porque tendo andado ausente por terras de Além Minho e regressando doente, não me sobrou tempo ou oportunidade de passar uma vista de olhos por jornais e revistas acumulados sobre esta mesa, mas, quando o li, logo me dis-

160

puz a dar a minha inteira concordância a tudo quanto se dizia no pequeno artigo, e a minha adesão inteira e sincera à proposta nele contida de que seja manifestado a Hugo Rocha o reconhecimento dos Galegos — e também dos amigos dos Galegos, como eu proponho.

Na verdade, Hugo Rocha bem merece esse reconhecimento, pela quantidade inumerável de artigos publicados durante largos anos nos jornais portugueses, pelo seu volume «Itinerário na Galiza» que é um livro de devoção e amor, e pelo «Novo Itinerário na Galiza» prestes a sair a lume e do qual fazem parte os interessantíssimos ensaios publicados na «Céltica» sobre Noriega Varela, Pondal e, neste caderno, sobre Cabanillas.

Pela parte que me toca e levado por uma amizade de mais de 30 anos que vem do tempo em que Hugo Rocha, poeta jovem, publicou alguns dos seus primeiros versos no meu jornal «O Girassol», eu teria de acorrer sem demora a cooperar na ideia de prestar qualquer homenagem a Hugo Rocha e não somente em meu nome como em nome da «Céltica», que lhe mereceu desde a primeira hora o melhor aplauso e a melhor ajuda. De resto, esta cooperação da «Céltica» em qualquer manifestação de agradecimento a Hugo Rocha está no âmbito da missão que compete à minha humilde publicação, como arauto do «Círculo de Estudos Galaico-Portugueses» que virá a ter sem dúvida, em Hugo Rocha, um dos seus mais prestigiosos elementos.

A «Céltica» dirigiu-se à Real Academia Gallega, de que Hugo Rocha é muito justamente membro, bem como à associação da Imprensa de Vigo e a alguns jornais, dando conta da intenção posta em movimento de se tributar a Hugo Rocha uma manifestação de apreço e carinho, e logo a Real Academia, na imediata reunião da sua Direcção, resolveu associar-se, a Associação da Imprensa manifestou a mesma intenção e os jornais galegos entraram de se referir ao projecto, com as mais vivas manifestações de interesse e de aplauso, de que para Hugo Rocha e no momento próprio vá o melhor abraço de todos os galegos que conhecem a sua Obra como vai o meu abraço fraternal, todo de apreço e velha estima.

Oliveira Guerra

RAMON CABANILLAS

O ÚLTIMO DOS GRANDES POETAS DO SAUDOSISMO GALLEGO

por HUGO ROCHA

Certa vez, jornadeando na Galiza das rias baixas, passei por Cambados, vila pitoresca engastada, como uma deslumbrante pedra preciosa, nesse bracelete maravilhoso e opulento de contornos em que a Natureza converteu a ria de Arosa—para encanto de quantos olhos se detenham a olhá-lo. Levava nos ouvidos a ressonância do cantochão que ouvira, num fim de tarde para o qual não encontro qualificativos suficientemente expressivos, aos frades mercedários do mosteiro de San Juan de Poyo. Sem bem saber porquê, talvez por me lembrar da predileção do poeta pelo mosteiro de Samos, esse coro grave, ribombante, solene, que homens de hábito, hirtos como estátuas, ensimesmados no cumprimento da sua quotidiana missão ritual, faziam soar na vasta nave penumbrática, aproximara-me de Ramón Cabanillas, aquele a quem chamavam, o poeta da raça, porque a raça, na verdade, palpitava através do seu estro. Havia muito que ouvia falar no poeta do «Vento Mareiro», algumas de cujas estrofes me assomavam às vezes, aos lábios, frescas e salgadas como o título do livro a que respeitavam. Havia muito que o nome de Ramón Cabanillas me frequentava a memória, mormente desde que pela Galiza o coração me batia a mais apressado, a mais apaixonado ritmo. Sabia que o último dos grandes poetas do saudosismo galego, nato e criado em Cambados, ali tinha o seu lar e, até, a sua corte, aonde muitos dos seus admiradores, dos devotos, como eu, da sua poesia iam, tão respeitosa como alvorçadamente, prestar vassalagem.

Um garoto de modos travessos, com ar de *lazzarone* napolitano, um daqueles garotos de que a Galiza do litoral parece ter o exclusivo, ou que,

pelo menos, parece serem uma especialidade da Galiza da beira-mar e da beira-ria, logo se me ofereceu, ao aprear-me do auto-carro que me levava ao centro da povoação, para me ciceronar até à casa de Don Ramón, a mais conhecida e, por certo, a mais visitada casa de Cambados e



dos arredores. Foi-me, porém, advertindo de que talvez Don Ramón não estivesse lá, de que talvez «o vello dos versos» (esta designação em galego nada tinha, afinal, de irreverente ou displicente, antes a timbrava uma espécie de familiar, de natural

ternura por um velho que devia a sua popularidade aos versos de que era autor) se houvesse ausentado da vila. A suspeita do garoto não tardou muito a converter-se em certeza, em decepcionante certeza para mim, que tinha um escopo único naquela visita a Cambados: conhecer, directa, pessoalmente, Ramón Cabanillas. Limitei, pois, a minha curiosidade à fachada da residência do poeta, então ausente da sua terra natal e da sua bem-amada província. Depois de a consagrar à casa, consagrei a minha atenção à vila, aos seus pormenores arquitectónicos e humanos mais expressivos e mais atraentes. Aquela vila de pescadores, com aspectos comuns a todas as povoações piscatórias de região, senão da Galiza, valia bem uma visita—e uma contemplação. Por ali divaguei, enchendo os olhos de paisagem—os velhos solares galegos, as ruínas da igreja de Santa Marina, um pequeno mundo de coisas impressionantes—e a alma de emoção. Não cheguei a ver e ouvir Ramón Cabanillas, em pessoa, mas vi-o e ouvi-o através dos aspectos da terra ribeirinha onde nasceu, em 3 de Junho de 1876, e veio a morrer, em 9 de Novembro de 1959. (Viveu Ramón Cabanillas mais um ano que Eduardo Pondal, pois enquanto este andou oitenta e dois anos por este mundo, aquele andou oitenta e três). Não voltei a Cambados, se bem que pela ria de Arosa se me tivessem, mais vezes, perdido os passos—e os olhares. A casa do poeta de «A Rosa de Cen Follas», de que só vi a parte de fora, ficou-me na retentiva como um santuário de poesia onde não entrei em corpo, mas onde penetrei, comovidamente, discretamente, em alma e aonde vou, sempre que a ribeirinha terra de Cambados me acode à memória saudosa.

Mas o que mais me cativou a atenção, em Cambados, foi Fefiñans, a rústica paróquia onde o berço do poeta foi embalado e onde perpassa o sopro perene que lhe deu alento à vida e à obra. Em Fefiñans, avulta o palácio do Marquês de Figueroa, grande da Espanha pela aristocracia do sangue e do espírito. Desse nobre edifício de majestosa traça, de que se desprende um não sei quê de penetrantemente melancólico e em cu-

ja história indelévelmente assinalada no país de Arosa se entrelaçam os nomes ilustres de Valladares e Figueroa, escreveu Ramón Otero Pedrayo: «Los muros grises, que tienen un encanto a la vez hidalgo y familiar, cierran por dos lados la plaza amplia; la torre almenada y decorativa, los balcones esquinados de una gracia barroca recuerdan aquella nobleza gallega que vivió al lado del campesino antes de sumirse en las grandes ciudades. El jardín, de rosas, mirtos y cipreses, acompaña siempre a las arquitecturas hospitalarias de estos pazos».

Como Pondal, com quem não posso deixar de o relacionar, pois é, dos grandes poetas do romantismo galego, e por mais de um título, o que mais se lhe assemelha, Cabanillas teve robusta compleição cultural. Estudante no Seminário de Santiago de Compostela, ali se cultivou em humanidades, ficando a conhecer do latim e do grego o bastante para conviver, mentalmente, com os grandes poetas clássicos das duas línguas. Foi funcionário público, por certo, como todos os homens de letras que o são, pouco afecto ao múnus oficial. Como quase todos os intelectuais galegos, empreendeu uma viagem a Cuba, onde foi jornalista no «Diario de la Marina», da Havana, e se apresentou como declamador e conferencista sobre temas poéticos, sua paixão de sempre. Eleito membro da Real Academia da Língua, de Madrid, frequenteou, assiduamente, aquele areópago de intelectuais de vulto. Notabilizou-se, como académico, pelas suas intervenções a favor da introdução no léxico castelhano de vários termos e expressões do léxico galego. Os seus recitais de declamação e as suas conferências sobre poesia na capital espanhola promoveram-lhe sólido prestígio.

A sua boina galega era popular nos meios madrilenos que frequentava e entre os seus colegas da Academia. No Café «Lion d'Or», onde tinha a sua tertúlia de galegos, o seu ascetismo era tão conhecido como admirado. Ouvia muito e falava pouco. Gostava de observar os outros. Ensimismava-se, saudoso da sua terra, da sua ria, da Galiza dos seus amores. Era, por excelência, o poeta da Galiza de hoje, o continuador ilustre

duma estirpe famosa, o último abencerragem dos trovadores galaicos de outrora.

Na biografia de Cabanillas avulta o seu gosto pela simplicidade, bem como o seu pendor para o misticismo. Devoto sincero da paz claustral, comprazia-se deveras em estanciar, por longas temporadas, no mosteiro de Samos, que lhe motivou um livro de poesia, «Samos» intitulado, o derradeiro da sua produção de homem de letras e aquele em que a sua voluntária e temporária reclusão na histórica abadia beneditina ganha acentos transcendentes e perturbantes.

Nomeado acadêmico de honra da Real Academia Galega, chegou a ser a mais notável figura viva daquele alfofre de poetas e prosadores. Padrón, a vila que o Apóstolo da Ibéria sagrou com a sua mística presença e Rosalía, por seu turno, converteu em lugar santo da poesia galega, se não preferir dizer da poesia espanhola, prestou a Cabanillas a homenagem a que a sua figura veneranda de patriarca das letras galegas tinha jus a na qual o meu velho amigo e confrade Ramón Otero Pedrayo, o outro insigne Ramón da actualidade liteária da Galiza, proferiu o panegírico do poeta com a eloquência que lhe é apanágio. Cambados ia prestar-lhe, também, homenagem e maior e melhor não a teria tido jamais aquele que fez da linda vila arosana outro lugar santo da poesia galega, senão preferir dizer da poesia espanhola. Mas a morte sobreveio e o mais estrénuo defensor do idioma galego nos últimos tempos não chegou a receber em vida o preito dos seus conterrâneos, isto é: o preito máximo e definitivo, pois Cambados nunca perdeu o ensejo de manifestar o apreço em que tinha o mais ilustre, o mais glorioso dos seus naturais.

A obra literária de Cabanillas não é muito extensa, mas é, sem dúvida, muito significativa do seu amor insuperável à Galiza de que foi paladino esforçado e apaixonado cantor. Situado na linha romântica, ou, antes, pós-romântica, para ser mais preciso e rigoroso, de Rosalía, Pondale e Curros, Cabanillas, sem nunca se desviar, completamente, dessa directriz, que lhe era, por assim dizer, fundamental e imanente, entrou pe-

los domínios da criação poética contemporânea, sendo lícito afirmar que a sua obra literária abrange duas épocas distintas. Como não pretendo estudar, dum ponto de vista crítico, o poeta de Cambados, na-ia mais pretendo, com estas palavras, do que evocar-lhe a memória num livro que da Galiza de hoje se ocupa, daqui me permito remeter os meus benevolentes leitores para aqueles que, com especial autoridade, como Ramón González Alegre, em «Poesía Gallega Contemporânea», e Ricardo Carballo Calero, em «Sete Poetas Galegos», estudaram, em extensão e profundidade, o autor de versos que pertencem ao património espiritual galego e avultam, na literatura poética galega, como jóias de preço que o fulgor das demais não logra ofuscar. «No Desterro», que foi escrito e publicado em Cuba, «Vento Mareiro», «Da Terra Asoballada», «O Bendito San Amaro», «A Rosa de Cen Follas», «Camiños no Tempo», «Antífona da Cantiga», para a qual Isidoro Millán González-Pardo redigiu um estudo valioso, «Da Miña Zanfona», «Versos de Alleas Terras e de Tempos Idos», «A Noite Estrelecida» são livros que, como os dos seus excelsos pares na lírica galega, ficam nesta como inabaláveis padrões, enquanto o Mundo for Mundo—e a Galiza for Galiza. A este breve, brevíssimo apontamento sobre a poesia de Cabanillas acrescentarei que, na sua prosa, a pouco limitada, sesalientam «A Saudade nos Poetas Galegos», estudo especialmente interessante para nós, portugueses, até pelas afinidades que patenteia com o saudosismo de Teixeira de Pascoaes, e duas peças de teatro: «Man de Santiña» e «O Mariscal». O galeguismo de Cabanillas não alcançou o paroxismo dramático de Curros ou, mesmo, a vibração febril de Pondal. Compaginou-se mais, talvez, com o da Rosalía dos «Cantares Gallegos» e das «Follas Novas», isto é: exaltação da terra, das paisagens, das gentes, dos costumes, das tradições, sempre na esfera do lirismo, embora aqui e ali repassada de estos de revolta contra o que fere ou magoa a Galiza e os galegos. Mas, acima de tudo, na poesia de Cabanillas preponderam o romantismo e, claro está, o lirismo que está na essência de toda a sua

obra, O que, por exemplo, em relação à poesia de Pondal, é a «campana d'Anllons», é, em relação à de Cabanillas, o «pinar de Tragove», verdadeiro paradigma da criação lírica do autor de «A Noite Estrelecida».

Ramón Cabanillas, cuja religiosidade, a meu ver, era, afinal, uma constante natural do seu temperamento lírico, sepultou-se amortalhado no hábito dos irmãos terceiros de São Francisco. O desejo expresso naqueles versos de «Vento Mareiro»: *Quero na lousa que me dé sosego / esta palabra que ten luz: Gallego, / y-esta palabra que ten ás: Poeta*, voto singelo dum poeta galego que nada mais pretendeu ser, além da morte, que poeta e galego, foi, certamente, satisfeito. No pequeno cemitério de Fefiñans, onde os próprios ciprestes são mãos arbóreas postas em atitude orante, o humilde túmulo de Cabanillas vale por um mausoléu grandioso erguido por uma nação grata a um insigne filho.

No próprio dia em que o poeta morreu, outro poeta, o meu bom amigo e confrade Julio Sigüenza, que, na Havana, privou, intimamente, com Cabanillas, escreveu um curto mas admirável artigo, publicado, no dia seguinte, no «Faro de Vigo», do qual extraio estes períodos que me justificam especial aplauso: «Con su deceso se ha truncado, tal vez para siempre, la continuidad de una Poesía que, ante todo y sobre todo, era comunicación obtenida en el lenguaje popular de los campesinos, de los marineros, de esos hombres que han salvado el idioma gallego porque llevaron siempre en su espíritu la herencia de amor y de sacrificio que heredaron de sus mayores. Ramón Cabanillas interpretó aquel espíritu, que era el propio, cuando, escribiendo de la tierra madre, acertó a decir:

*Sempre Nai, sempre Señora,
con leda ou calva sorte;
preto e lexos; onte, agora,
mañán... na vida e na morte!»*

Em 3 de Julho de 1960, o cantor do Salnés (assim lhe chamaram, também, com propriedade) recebeu, em Cambados, a homenagem póstuma que não só a terra natal mas também a Galiza e,

até, a Espanha lhe deviam. Se a morte do poeta não se houvesse antecipado aos propósitos dos promotores desse acto de justiça, ter-se-ia este realizado em vida de Cabanillas, pois havia muito que estava projectado. Mas o facto de não estar presente em corpo aquele a quem se queria de tal modo honrar não significa que ele o não estivesse em espírito. Creio bem que estava. Convidado a tomar parte nessa manifestação votiva, teria sido razão de inefável júbilo para mim juntar-me àqueles que, de perto e de longe, levavam à vila arosana o seu preço sincero de admiração, de ternura e de saudade. Gostaria, sobretudo, de ter estado no pequenino, no poético cemitério de Fefiñans, junto do túmulo daquele que sempre ambicionou que o seu corpo ali se desfizesse, à sombra meiga dos melancólicos ciprestes de que o vento mareiro, às vezes, faz harpas eólicas. Depois de me ter recolhido em comovida evocação. Ante a sepultura que contém os restos mortais do que foi um dos mais exemplares sacerdotes do culto galego, um dos maiores e melhores apóstolos do galeguismo, ouvindo a prosa e o verso de Alvaro Cunqueiro, Manuel Cuña Novás, José María e Emilio Álvarez Blázquez, Celso Emilio Ferreiro, Victoriano Taibo e Aquilino Iglesia Alvariño, ter-me-ia situado no Paseo de la Calzada, ali à beira-ria, a contemplar o monumento à memória de Cabanillas, que Francisco Asorey, o laureado escultor galego, de Cambados também, criou, quando à efígie do poeta, mais com as mãos do espírito que com as do corpo, perpetuando a figura do poeta como importava que ela fosse perpetuada. Teria escutado ali, com emoção, os poemas de Ramón González Alegre, José Díaz Jácome e Julio Sigüenza, de louvor àquele que, tendo morrido havia meses, nunca estivera tão vivo, por certo, no cérebro e no coração de quantos o conheceram em pessoa ou, pelo menos, lhe conhecem a obra—sobre a qual a morte não prevalece. Ali me teria deleitado com os discursos, mais elogios académicos que orações fúnebres, proferidos por oradores que, como José Filgueira Valverde, Ramón Otero Pedrayo, o Marquês de Figueiroa, Andrés Iglesias González e

outros, deram à figura humilde do excelso vate a moldura grandiosa a que, portodos os títulos, tinha direito. A essa homenagem póstuma não me foi consentido levar a minha oferenda pessoal, que em mais não se traduziria, certamente, que na simples presença, talvez, quando muito, na saudação oral, dum obscuro confrade. Mas o que não me foi consentido fazer, então, faço-o, agora, dando a estas palavras singelas de livro a mesma ressonância íntima que lhes daria se, porventura, houvessem sido singelas palavras de oração.

«A ti, meu Cambados, pobre e fidalgo e soñador»—eis as palavras que Cabanillas inscreveu na dedicatória de um dos seus primeiros livros e que figuram no monumento de Cambados. Neste se combinam, à maravilha, um penhasco arrancado ao monte da Pastora, pedra extraída do pinhal de Tragove e o bronze de que é feita a cabeça do poeta. O monte da Pastora e o pinhal de Tragove são lugares queridos de Cabanillas, lugares santos da sua poesia. Por isso, o monumento de Cambados é mais do que um monumento à memória dum poeta que fez de Cambados o centro da esfera de acção do seu lirismo, é a própria consubstanciação desse lirismo na sua expressão telúrica. Ali, no Paseo de la Calzada, que ele, tantas vezes, percorreu, conversando, meditando, sonhando compondo as, suas estrofes, em frente à ria de Arosa, a que os seus olhos e a sua alma tanto se prenderam, inelutavelmente, aquele monumento, na verdade, está onde devia estar. Um dos seus panegiristas, Victoriano García Martí, evocando-lhe a figura de arosano, disse que o poeta, «filho da ria de Arosa, tinha as virtudes e graças desta ria, onde florescem os valores galaicos: intuição, humor e, algumas vezes, profundidade, que se sintetizavam nele, no seu dom poético.» Da maravilhosa terra arosana saíram outros grandes das letras e das artes da Galiza e da Espanha: um Valle-Inclán, essoutro glorioso Don Ramón das impressionantes «Sonatas», um Castela, um Camba. Rosalía, afinal,

foi quase uma arosana, pois o seu lirismo, transcendência da sua terra, é como que uma emanacão sobrenatural da divina ria. Humilde de aspecto, como qualquer aldeão galego, o cantor da terra «garimosa e forte» exprimiu, como raros, a saudade galega, irmã gémea da saudade portuguesa. Assim a cantou, com todo o vigor da sua inspiração:

*Ou soave ilusión celtiga,
a da inmortalidade!
Ou raza prisioneira
da diviña saudade!*

É essa saudade que, como nos versos de Rosalía e de Pondal, mais me entenece e me comove. E sinto e compreendo bem que, tendo nascido, vivido e morrido à beira duma ria como a de Arosa, que é, na sua beleza e na sua grandeza, na sua suavidade e na sua melancolia, a própria mensagem natural da saudade, Cabanillas tenha sido um dos poetas mais fadados para fazer da saudade a razão de ser da sua poesia. Quando a voz dos poetas como Cabanillas já não tivesse o condão de evocar a Galiza na sua plenitude de encantos, teria ainda—e nisso consistiria o seu privilégio—o de bem exprimir o que há de mais subtil, de mais delicado, de mais íntimo—porque não dizer, mesmo, de mais característico, de mais significativo, de mais valioso?—na poesia da Galiza: a saudade. Na vida e na morte, Ramón Cabanillas, quanto a mim, é um desses poetas galegos que personificam a saudade, o sentimento humano que, com os seus versos incorruptíveis, mais sublimaram, mais libertaram, em suma, da humana condição. O monge leigo de Samos, o poeta galego que mais e melhor encarnou o misticismo lírico das coisas monásticas, merece que lhe chamemos, respeitosamente, comovidamente, Frei Saudade.

Este estudo, como os anteriores aqui insertos, perlene ao livro «Novo Itinerário na Galiza», a publicar, em breve, em edição da Livraria Galaica, do Porto.

LITERATURA GALEGA

TEATRO

por LEANDRO CARRÉ

166

Dende moi neno, o teatro foi de cote o espectáculo para min preferido. Unha obra dramática, unha realización teatral, ten un encanto que nada supera; unhas veces a beleza das pinturas artísticas, outras a emoción das traxedias que na vida sobrecóllenos a miúdo, ou ben a interpretación sentida que un actor acerta a lle dar á creación poética, e sempre, na ficción, idealizado e latexar da vida, da realidade onde adoitadamente desenvolvémonos. Esta preferencia miña pol-a arte dramática non debalou aínda pésia o cine; pois neste o diálogo nos logra as belezas e interés do teatro inda que poida superalo pol-a *mise en scène*.

Ao me referire ao Teatro Galego, non falo, naturalmente, mais que do escrito na nosa fala; porque eu non poido en maneira algunha considerare coma obras galegas todas aquelas que, aínda tratando de copiar tipos ou costumes da terra, son escritas en castelán. Estas teñen cabida no Teatro Español. Nada significa que un autor trace unha obra inspirada nun asunto galego ou desenrolando a súa acción na Galiza, como nada sinifica, por exemplo, que Linares Rivas escribira «Lady Godiva», cuia acción desenvólvese na Inglaterra, para que por iso poidamos admitir que esta obra pertenza ao teatro inglés e non ao español.

Por outra parte pode un autor galego escribir unha obra encol de algun asunto ou pobrega universal, de ambiente completamente alleo á nosa terra, que teña a súa acción en calquera parte estrana, e noustante esa obra non poderá ser senón galega, e pertencente ao noso Teatro Galego en cuia fala foi escrita.

É dicir, que, coma en calisquer teatro do mundo, no galego poden figurar toda cras de obras, con persoas, costumes e problemas propios do país ou alleos á ele; porque a arte non ten fronteiras. E consideraránse

escrusivamente como obras do Teatro Galego as que sexan escritas orixinalmente no noso idioma vernáculo.

Precisamente estou a leer estes días un volume de teatro contemporáneo intituado «Teatro francés de vanguardia», e noustante os autores das pezas contidas no volume son: un irlandés, un rumán, un ruso e mais un libanés; mas, iste teatro de vanguardia nascéu en París, e está escrita na lingua francesa; por iso é «Teatro Francés».

Non sei por qué, cáseque todos cantos aluden por algunha circunstancia ao Teatro Galego é para desprestixialo. ¿Iñorancia? ¿Má vontade? ¡Din que non existe un teatro galego! ¡Que o pouco que hai é moi ruín! ¡Que o argumento das nosas obras é sempre o mesmo: a emigración, o caciquismo, os foros! ¡Que o mau gosto dos escritores tocados d' chabacaneiría ou costumbrismo anodido adolece de calidade! e outras cousas pol-o xeito.

Para combatir o teatro galego recórrese a todos os argumentos. Houbo quen incluso negou a nosa capacidade para o teatro, xa como actores ou como autores. Quen tal dixo se non decatou que nos escenarios españoles e americanos trunfaron e trunfan algúns actores galegos, e que no teatro castelán houbo e hai aínda escritores da nosa terra cujas obras figuran adoitado nas carteleiras.

Se pois as nosas xentes trunfan no teatro español ¿por qué negarllas capacidade para o teatro galego?

Na «Memoria acerca de la Dramática Gallega», escrita e publicada por Galo Salinas o ano 1896, dicía:

«O pouco desenrolo logrado pol-a arte dramática galega é debido á carencia de actores, pois de eistir estes, é indudábel que, á imitanza de Cataluña e Valencia onde hai compañías dramáticas que decraman no idioma peculiar da terra, xurdi-

rían os dramaturgos que en forza de escribir para o teatro, producirían obras de mérito, xa que o pouco que temos, sen ser dechado de perfeición dramática, é moi do caso que se estime e respete, máis aínda, merecente de que se alente aos autores».

Tan verdade eran estas verbas do vello e costante loitador a prol do engrandecemento do noso Teatro, que hoxe, inda que se non constituíu aínda a primeira Compañía Dramática Galega, e sómente pol-as representacións que foron celebrando algúns amadores da escena, a nosa dramática ten adequirido tan asombroso desenvolvemento que cada día van aparecendo mais e mais obras, ata o punto que chegan cuase ás 200 as que hai escritas; e se ben é certo que algunhas delas teñen un escaso valor por seren escritas a impulsos dun bõ desexo mas sen os coñecimentos precisos para faceren un labor de proveito, hainas tamén que nada teñen que envexar á moitas das que vemos adoito noutras dramáticas de mais doadas condizóns para o seu desenvolvemento e evolución. Hai que ter en conta tamén que un bõ actor salva unha obra froxa; en troques un ruín comediante pode trocar en ridícula unha escena ben desenrolada pol-o autor.

É certo que non podemos ofrecer unha tradición teatral enxebremente galega, porque se ben na Edade Meia tanto os xograres como a igrexa facían unha sorte de recitados (romanzos, autos, etc.) ningunha d'aquelas composicións se conserva. A Editorial Monterrey, de Vigo, publicou un curioso «Entremés famoso sobre da pesca do río Miño», escrito no ano 1671 por Gabriel Feixóo de Arauxo. Sabemos que durante a invasión francesa representáronse algunhas peccións bilingües e puramente galegas, según podemos ver pol-a imprensa de aquela época; mas, tampouco se conserva orixinal algún para que poidamos xusgalas, inda que supoñemos foron obras de circunstancias. (1) Posuímos, sí, un exemplar de «A Casamenteira», sainete galego para catro persoas, debido a Antonio Benito Fandiño que o escribiu no ano 1812, e foi publicado en

Ourense o 1849. Temos visto un exemplar incompreto de «O preito do galego», obra bilingüe, e no meu poder conservo dous ensaios orixinaes de Ramón Varela, do Val de Deza, que finou o ano 1858. Os títulos son: «Conversa entre os arrieiros Cosme da Grouxa, Marcos Rielo e Roque Arán», e «O litigante labrador», amos escritos en verso.

Non hai moitos anos aínda, antre os xogos e adivertizóns con que se daba romate ás tascas ou espadeiras de liño, celebrábanse nas nosas aldeias unha sorte de «entremeses» chamados «O conto do casamento», «O conto do morto», «O da vella que paríu un neno» e «O do raposo». Distes fala nun seu traballo o folklorista Luís Carré (revista «Douro-Litoral», n.º III-IV da quinta serie.-Porto), intitulado «Arte popular escénica». Tamén adoitan celebrarse en algúns logares cõ gallo de diversas festividades, una sorte de escenas que podemos considerare como un arte teatral rudimentario. Pol-o demais, tanto nos primeiros citados como nos demais, cada figura, cada persoaxe, fala e acena d'acordo co desenrolo da farsada ou asunto, e os actores incruso caracterizan para lle dar caraute á representación.

Porén o que poida se dicire un Teatro galego, o non podemos dar como eisistente na nosa terra de moi atrás. Mais ¿qué importa? ¿Negaríamos a posibilidade, a realidade da radio, televisión, ou mesmoda bomba atómica porque non teña unha tradición histórica dunha época moi recuada? ¿Podemos negar a eisistencia do cine?

Se hai en realidade, se eisisten hoxe unha cantidade de obras dramáticas xa representadas (algunhas delas un bõ número de veces), non podemos negar a sua eisistencia basándonos nunha falla de tradición de tal arte. A tradición encomeza coa primeira representación e o tempo en que aquela realizouse é o de menos que sexa hai mil anos ou sómente cincuenta. É cousa que só importa para o desenvolvemento e pol-o tanto para a perfeizoar a arte coa práctica; non para negar a sua eisistencia real. O que compre é espertar na xente o interés pol-o noso teatro, e procurar que volten á todol-os escenarios da Galiza as obras rexionaes hoxe es-

(1) Manuel Pardo de Andrade, Felipe Enciso e Vicente Villares, son nomes que figuran como autores d'algunhas de taes obras.

quecidas e cáseque descoñecidas para as novas xenerazóns.

Na Enciclopedia Espasa, artigo «Comedias», referíndose ao teatro galego di entre outras cousas: «Quizá outro de los errores de los autores gallegos fué llevar a su teatro naciendo cuadros dramáticos de los llamados de tesis, en los que se plantean problemas morales y sociales hasta seguir los derroteros de los países del Norte. El cuadro regional, el sainete y la comedia de costumbres que hubiera sido labor interesantísima dentro y fuera de la región, quizá se aviniera mejor con un teatro que no ha llegado a su completo desarrollo...»

Nun artigo publicado na revista «Vida Galega» (Abril de 1929), respondendo á pregunta que me fora feita: ¿Qué opina usted acerca del Teatro Gallego? Dicía eu, entre outras cousas, que o que faltaba eran actores pra poderen dar vida ás obras escritas, e que compría crear-se un Conservatorio de arte rexional para suprir aquela falla de xentes capacitadas para realizare as representacións.

Tal é a causa de que o Teatro Galego non teña unha vida esprendosa comparábele á da nosa poesía. As maiores dificultades que existiron sempre (xa no 1895 apuntaba Galo Salinas esta mesma dificultade) para o asentamento definitivo da arte dramática na Galiza coas súas propias características, é a falla de actores. Sempre que apareceu un grupo de meíans intérpretes no taboado escénico xurdiron obras; algunhas vegadas tamén houbo que percurar e axuntar elementos para dar a coñecer determinadas producións escritas a impulsos dun sentimento digno de estímulo. Despois de estrenada unha obra, aínda tendo oído éxito resonoante, foi cuase imposible voltar a vela en escena. Outras, inda menos afortunadas, permanecen sen que foran sequer estreadas por falla de xente que as levara ao teatro.

Poida dar que unha das cousas que poideran contribuíre grandemente ao robustecemento da escena galega fose o sainete de costumes vilegas. A presentación de tipos populares ben desenhados, con gracia, atraxería con certeza unha grande

moitedume de público ao teatro. Neste senso fixéronse sómente algúns pequenos ensaios en obriñas curtas, nun acto, e xeralmente con tipos campesiños. Precisamos do sainete de vila, estenso, fino, gracioso, con persoaxes que no decurso dos tres actos da representación sosteñan o interés e manteñan o riso nos beizos do espectador.

Esto, coídamos, sería o maior engado para outar un público constante, que, xa desonces mais interesado, mais compenetrado cos seus artistas e os seus persoaxes, comprendería mellor e sabería prezar no seu xusto valor as outras obras, serias, mais importantes, que algunhas vegadas poderían dárselles a coñecer ben montadas e ben interpretadas.

O Teatro Galego, como manifestación da nosa propia cultura, como estudo da vida da nosa terra e como expresión do noso espírito, pode e debe ser á par que un motivo de soáz, de adivertimento, un meio de expansión do noso ideal de progreso e engrandecemento da Galiza, a mais dunha forma artística de vigorizar a modalidade característica do povo galego nos seus sentimentos e no seu pensar; na forma xenúina de expresión; na mesma estética, cousas en todo desomellantes en parte importante das demais da Península.

* * *

Cando era eu aínda un rapaz, un rapaciño que comezaba á abrir os ollos cursidosos para albiscar as primeiras impresións do mundo que o roedía, fun unha vez ao Teatro Principal, o teatro bautizado hoxe cō nome glorioso de Rosalía Castro, para presenciar a representación dunha comedia galega. Foi no ano 1903. Tratábase dunha pequiña nun acto, en verso; unha obriña inxela e delicada, que levaron ao taboado uns rapaces ategados de sentimento e entusiasmo para a arte esencialmente galega. Foi a primeira aparición en público da «Escuela Regional de Declamación».

¡FILLA...!, chamábase a obra. ¡Filla...!, coma un berro d'amore paiciño que xurde da i-alma dun probe vello que coidaba perdida para sempre a súa filla querida. Lémbro-

me ben da impresión que nos produxo aquel poético cadro sentimental levado ao teatro na lingua propia do ambiente en que se desenrolaba. Pra min era o idioma galego tan familiar coma o castelán e ceais un pouco mais amado; mais amado porque sempre son mais amados aqueles sentimentos como aquelas persoas ou ideas que son mais disgraciados ou menos comprendidos. Outro motivo había tamén para que a obra me fose grata; o seu autor era don Galo Salinas; un vello amigo, un d'aquelles vellos amigos que facían tertulia na librería de meu pai.

Non coídedes, noustante, que por simpatía hacia o autor gabó a sua obra, non. Don Galo Salinas foi chamado ao palco escénico e apraudido pol-o público ao se romatar a representación da comedia. O nobre empeño dos noveis actores, dirixidos por Eduardo Sanchez Miño que encarnou o papel principal, facía realidade a creazón do Teatro Galego.

No foi esta, por outra parte, a primeira representación en galego que se celebraba. Xa con anterioridade, había algúns anos, pois que foi no 1882, outra produción rexional tiña sobido ao taboado na mesma cidade da Cruña: «A FONTE DO XURAMENTO», de don Francisco M.^a de la Iglesia. Eu parto de ¡Filla...! porque en realidade d'aquel feito, d'aquel grupo de rapaces, nascéu a idea de alentar, de estimular a arte dramática rexional nun xeito intensivo, e realizaron en efecto un labor dino de louvor e lembranza. A representación d'aquela obra foi a iniciación sería do Teatro Galego, xa que co'ela presentouse ante o público a notábele «Escola Rexional de declamación», fundada pol-o actor Eduardo Sanchez Miño, da que saíu o admirado Bernardo B. Jambrina (posteriormente director de Compañía propia, adicado ao teatro español, e morto tráxicamente nun accidente de automovel), e da que foi iniciador e primeiro presidente don Galo Salinas. Pouco despois, e no mesmo ano representouse «A PONTE», de Manuel Lugo, estrenada pol-a mesma Escola con ruidente aprauso. «A ponte» é un drama de traza moderna, en dous actos. Ante o éisito desta obra Lugo escribiu «MINIA», un acto;

«MAREIRAS», tres actos, e «ESCRAVITÚ», dous actos.

«Mareiras», a meu ver a obra mestra de Lugo, e unha das milloras do noso teatro rexional, non ten aquel impeto, aquela femencia de «A ponte»; en troques encerra un sentimento de fonda inqueda espiritual, e ten personaxes dibuxados con mestría: o vello mariñeiro Marcelo, arringado do natural nas ribeiras de Sada; o nobre e cristián sacerdote don Amaro; a mesma rapaza Carmela, tan sinxela, tan namorada e tan desditosa nos seus amores como na sua vida. En xeral, as obras de Lugo teñen unha forma e un fondo que se compretan. Conteñen na sua tese problemas vivos no cerne do povo rural galego; son a esposición dos sufrimentos que, na loita cotiá pol-a existencia, padescían os nosos labregos e mariñeiros; e teñen un arrendo puro, tan enxebre no seu ambiente, tan ben vestido cun parrafeo sobrio e natural (esa artística naturalidade do teatro), con verbas tan escolleitas, que os persoaxes somellan, inda que un pouco purificados pol-a arte, xentes da bisbarra mariñana sorprendidas nos seus propios ditos e feitos da vida de cada día.

Mais a «Escola Rexional de Declamación» non se consolidou. Rivalidades, diferencias de apreciación e outras diversas circunstancias motivaron a sua disgregación cando xa outros autores escribían novas obras para acresentaren o seu repertorio. Noustante os cimentos do noso teatro quedaban botados, e cimentos rexos en verdade; porque as obras de Lugo que xurdiron daquela, son das que non poden esquecerse e pedurarán a través dos tempos.

Desaparecida a «Escola» sómente se efeilúan algunhas representacións por grupos de afeizoados que sempre tiveron vida fuxida. Mas, mália diso, dende 1904, data da disolución d'aquela, hastra 1915, fóronse facendo algunhas realizacións das obras citadas e mais d'outras novas que, xa por télas escritas seus autores pensando na precitada agrupación, ou ben por estímulo dela, iban así arrequecendo o número das coñecidas.

A creazón dos coros populares fixo renacer, se ben dándolle outro caraute, o noso teatro. Encomenzou no Ferrol «Toxos e Froles», que, para lle dar variedade aos festivaes outiveron a axuda de Euxenio Charlón e Manuel Sanchez Hermida, dous rapaces afoutados que representaron varios diálogos que eles mesmos escribían. Outros novos coros galegos de tipo folclórico que naquela tempada se crearon en diversas vilas galegas, seguindo o exemplo ferrolán, presentaban un pasatempo ou unha pequena comedia antemeias das outras dúas partes adicadas á música popular ou polifónica.

Disto sorte apareceron moitas pequiñas nun acto e algunhas comedias en dous actos. Ista obra son de puro pasatempo, sen outra trascendencia; mas, algunhas delas están escritas, comprenden o fin para que foron creadas, e pódense comparar sen desdoro con outras do mesmo tipo de calesquer teatro.

Xeralmente os que falan de teatro galego despeitivamente non coñecen outras obras que algunhas distas pequenas amostras, non sempre ben seleizoadas, que son as que mais se representan por seren curtas e doadas para encher unha parte de programa en festivaes organizados pol-os coros populares, e ensaiadas cáseque sempre con poucos coñecementos da escena, aparte do pouco interese que taes agrupacións adicanlle ao teatro que consideran como algo secundario.

Ante os autores de diálogos e monólogos hei nomear a Uxío Charlón e Manuel Sanchez Hermida, autores e actores inimitábeles conxuntamente de «MAL DE MOITOS», «TRATO A CEGAS», «AXÚDATE» e «O MANCIÑEIRO»; Avelino Rodríguez Elías, que escribiu «O MIÑATO E MAIS A POMBA», «OS CATRO TÚNELES», «¿CASOME OU NON ME CASO?», «O EMBARGO»; Heliodoro Fernandez Gastañaduy, «UN VELLO PAROLEIRO»; Enrique Labarta, «A FESTA DE TABELIÓN»; Xacobe Casal, «LIMPA FIÑA E DÁ ESPRENDOR» e «NO ÍNTIMO»; Evaristo Martelo, «RENTAR DE CASTROMIL»; Alfredo Nan de Allariz, «RECORDOS DUN VELLO CAITEIRO»; Ricardo Fra-

de, «VAITES...VAITES...!»; Xavier Prado (Lameiro), «MARZADAS»; Galo Salinas, «BODAS DE OURO» e moitos mais de diferentes autores.

Dos pasatempos e comedias cortas citaréi: «COPAS E BASTOS», «SABELA», «O CRIME DA SILVEIRA», «CONTRABANDO E CONTRABANDA», «ENTRE DOUS MUNDOS», de Galo Salinas; «O PAZO» e «ESTADEIÑA», de Lugo; «ALMAS SINXELAS», «TODO TEN GOBERNO», «UN HOME DE SORTE», «TRATOS», «NA CORREDORA», «OS TRASACORDOS DE MINGOS», «ESTEBIÑO», «SOLEDA» e «VIDA VILEGA», de Xavier Prado; «SAN ANTÓN O CASAMENTEIRO» e «O SOBRINO DO ABADE», de Rodríguez Elías; «A TOLA DE SOBRAN», de Francisco Porto Rei; «A DONA DO AGRARIO» e «A MORRIÑA», de Antón Presa Viso; «O SEÑOR DELEGADO», de F. Alvarez Novoa; «NA CASA DO ZURUXANO» e «UN HOME DE PAU E FERRO», de Roxelio Riveiro; «O ESMOLEIRO», «A BRISCA», «BADALADAS», «CATRO LADRONS HONRADOS», «O VELORIO», de Xosé Ibañez; «A XUSTICIA D'UN MUIÑEIRO», «POLA NOSA CULPA» e «TABERNA SIN DONO», de Daniel Varela Buxán; «O XASTRE APORVEITADO», de Xesús San Luís; «O LÓSTREGO» de Xavier Soto; «UNHA AVENTURA NA VILA E CONTO NA ALDEA», de Manuel Vazquez Santamaria; «PANCHITO DE RABADE» de Alvaro de las Casas; «AMOR E MEIGUERIA», de Urbano Gonzalez; «O AMOR É CEGUIÑO», de Nicolás Llanderas, «ANTON DE FREIXIDE», de Manuel María; «OS CATRO GATOS», de Ricardo Vidal; «UN OVO DE DUAS XEMAS» e «ENGUEDELLO», de Ricardo Flores; «AUTO DO TABERNEIRO», de Manuel María; «AINDA VIVE», de Francisco Alcayde; «DOUS AMORES», de Luis Amor; «ROMANCE DE DON GALAOR», de Fermín Bouza Brey; «PRA VIVIR BEN DE CASADOS», «TOLERIAS», «ENREDOS», «NOITE DERUADA», «O CORAZON DUN PEDÁNEO», «UN CASO COMPLICADO», «A PAZ DO CAMPO», «OS AMORES DE XAN, QUINTO», «DONA INO-

CENCIA», «TRASNADAS», «UN HOME DOENTE», «MEIGUE-RIAS», de miña autoría. Hai algunhas mais d'outros autores que agora non recordo.

A creazón das Irmandades da Fala, na Cruña, o ano 1916, aportou unha intensidade grande ás actividades escénicas. Foi daquela cando mais obras apareceron, e en moitas cidades, coma Betanzos, Santiago, Vigo, Ourense, etc. realizábanse adolto festivos de arte galega seguindo o exemplo da Cruña. Por iste tempo estrenáronse: «DENOSIÑA», drama en tres actos, de Xaime Quintanilla; «SACRIFICIO», comedia dramática en dous actos, de Uxío Carré Aldao; «O CHUFÓN», comedia en dous actos, de Xesús Rodríguez Lopez; «XUSTICIA», drama en tres actos, de Ramón Suarez Pedreira; «PILARA», drama en tres actos, de Manuel Comellas; «O TIO XAN E SUA XENTE», comedia en catro actos, de Xosé Perez Yañez; «A XUSTICIA POL-A MAN», drama en dous actos, de Xosé Castro Lens; e algunhas mais de diversos autores, algunhas xa citadas devanceiramente.

A obra máis popular e que maior número de representacións acadou foi «O FIDALGO», de Xesús San Luis Romero; porque trata un tema apaixonante, tema social, de caciquismo, rural; ise caciquismo que non é un tópico, vulgar e inesaito, como din algúns, senon unha triste realidade da nosa vida campestre. E compre que sinalemos de pasada, que das cento noventa obras que coñezo do teatro galego, sómente tres ou catro tocan ise tema do caciquismo. Non é, pois, o tema de cáseque todas elas como adoitan dicir algúns dos que falan sen nada sabere do noso teatro e combáteno por sistema.

«O Fidalgo», obra en tres actos, en verso, ten escenas moi ben trazadas, como a dos rendeiros, que é d'unha sinxela realidade; trechos emotivos como a despedida do cruceiro, e outras; tipos ben estudados e reaes: paixón e humanidade.

«ROSIÑA», outro drama tamén en tres actos i en verso de San Luis non outivo o mesmo éxito, quizais porque non trata un tema tan apaixonante coma o Fidalgo.

Despois de varios anos que a Dramática galega estivera adormentada, dende a estinzón da «Escola Rexional de Declamación», a citada labor dos coros folclóricos viñeralle dar novamente un pouco de atenzón inda que non con toda a importancia e valía que a arte requería; mas, non faltou alguén que cavilase en facer un novo esforzo para resucitar aquela antiga «Escola», xa que somellaba haber ambiente e mais obras para garantir a súa vida; mas, non sempre o desexo é d'abondo para realizare proxeitos, e mália do intento se non puido efectuare a reorganización; que tamén, inda que pareza mentira, non todol-os afezoados e amadores, nen todol-os autores, atinan a comprenderen cales son os seus propios intereses, e poucas veces quérense unir pra faceren un labor conxunto de mútua axuda a prol do melloramento xeral da arte e mais do seu afinamento definitivo, levados de trabucados persoalismos e rivalidades que o malogran todo.

Ao cabo a «Irmandade da Fala», da Cruña, constituíu o «Conservatorio Nazonal de Arte Galega», que se presentou en público o día 22 de Abril do 1919. Antre aprausos resoantes representouse «A MAN DE SANTIÑA», unha delicada comedia do poeta Ramón Cabanillas, que se repetiu varios días e á que público e crítica adicaron merecidos louvores. Tivo parte no éxito da representación, que se fixo con coidado e cariño; con decorazóns pintadas pol-o notabilísimo escenógrafo galego Camilo Díaz, e c'un perfecto estudo dos tipos debido ao coñecemento técnico do actor Fernando Osorio, director do Conservatorio.

E hai que notar unha cousa. «A man de Santiña» é a primeira obra galega representada (Había outras escritas pero que non subiran aínda ao taboado) en que todol-os persoaxes son señores, fidalgos. Iste é o novo camiño, o cambio que se iniciou para o progreso do noso Teatro; a nova orientación que deu impulso á dramática galega.

Nafeuto, aínda habendo variedade nos temas e tipos das obras ata o daquela coñecidas, en xeral, por seren todas elas baseadas en asuntos e costumes labregos ou mariñei-

ras, por representaren sempre as crases homildes, aquelas obras resultaban quizaves d'unha somellanza, ata certo punto, monótona. «A man de Santiña» aportou, pois, unha nova tendencia. En realidade a vida da Galiza non é sómente a vida dos labregos, vida rural e campesina como denantes dixeran, e non debe polo tanto limitarse a nosa literatura, teatro, conto ou novela, á escenas rústicas, senon que bebe atender tamén aos innumerábeles motivos e problemas que teñen existencia nas vilas, dándolle á par variedade ao ambiente das obras, calidade literaria á fala, e arriquecendo o seu desenvolvemento artístico.

O Conservatorio deu a coñecer varias novas obras de diversos autores e representou no decurso de sete anos moitas das xa estrenadas con anterioridade. Estrenou tamén dentro das novas normas señoriais «MARIA ROSA», dous actos, do poeta e romancista Gonzalo Lopez Abente, e «O PECADO ALLEO», drama en tres actos, de que eu son autor.

Eu mesmo dirixín a «Escola Dramática Galega», nome con que actuou deradeiramente, na súa segunda época o citado «Conservatorio Nazonal», da Irmandade da Fala, da Cruña, durante os anos 1922 ao 1926, tempada a mais intensa en realizacións de teatro galego, pois chegaron a se facer unhas cen representacións por ano das mellores obras rexiónaes e algunhas portuguesas, no seu propio teatriño e noutros grandes escenarios da Cruña e d'outras cidades da Galiza.

O 2 de Maio de 1922 estreneuse en Santiago «TREBÓN», comedia dramática orixinal de don Armando Cotarelo, en tres actos; e pouco despois «LUBICÁN». Lémbrame moi ben destas representacións con que as señoritas e rapaces estudantes da Universidade amostráronnos aquelas comedias. ¡Que ben presentadas, que musicalidade na linguaxe, que maneiras tan delicadas nas artistas! Que conxunto tan admirábe! «Trebón» é indudablemente a mellor das obras de Cotarelo e pódese emparellar, sen que desmereza, con «La sobrina del cura», de Carlos Arniches, co'a que ten algúns puntos de somellanza. Nela boliga a vida das nosas vilas ruraes e malia deso

ten un ár de señoría que encanta, pol-a súa delicadeza, pol-a forma en que se desenvolve e pol-a beleza das frases que animan.

Don Armando Cotarelo, entón vice-reitor da Universidade, escribiu algunhas obras máis: «SINXEBRA», bilingüe; «HOSTIA», un acto, encol da traxedia de Prisciliano; «MOURENZA», un acto, que me parece falsa e aldraxante, e «BEIRAMAR», tamén en tres actos, de ambiente mariñeiro. Todas agás «Hostia», foron representadas posteriormente.

Tamén en Vigo organizouse unha «Agrupación Dramática Galega», da que foi director Emilio Nogueira, e levaron a escena algunhas das obras citadas de Lugris, Catarelo, Rodríguez Ellas, Carré Alvarellos, e outros.

Referínome devanceiramente á «A man de Santiña», de Cabanillas, estrenada con grande éxito e representada sempre con aprauso. É que esta comedia, esta fermosa comedia, que se desenrola nun vello pazo galego, antre fidalgos, fidalgos pol-a alcuña e pol os sentimentos, é un delicadísimo poema, escrito en prosa, mais nunha prosa que sona a verso, creazón do poeta cujos méritos literarios levárono a ocupar unha cadeira na Real Academia Española como representante dos escritores de fala galega.

«Maria Rosa», do tamén poeta e romancista Gonzalo Lopez Abente, é outra das fermosas e delicadas comedias con que conta a nosa dramática que non é posíbele esquecer. Lopez Abente, que figura entre os mellores poetas contemporáns é tamén un dos nosos distintísimos cinceladores da prosa galega.

De «O pecado alleo», trascribírei o que dixeran algúns críticos cando o seu estreno na Cruña e mais en Vigo: «De corte fino y elegante, con un léxico exquisitamente cuidado y depurado, hay en esta farsa escenas de gran naturalidad, de verdadera emoción y de alto interés dramático» (El Noroeste). «Es una bien ponderada narración escénica, de puro sabor gallego, donde la técnica del diálogo, ligero y fácil, se acopla a la definición psicológica de los personajes, burilados conscientemente por el fino cincel de una aguda sensibilidad» (La Concordia).

En Buenos Aires e mais na Habana, distintos grupos de amadores realizaron representazóns tamén, en diferentes tempadas, de algunhas obras das que xa falei e representaron outras, en parte descoñecidas para min: «O XASTRE APORVEITADO», de San Luís Romero; «A VOLTA DA ROMARIA DE SANTA XUSTA», de M. Novoa Costoya; «A FIESTRA VALDEIRA», de Rafael Dieste (imprentada en Santiago, 1927); «A XUSTICIA D'UN MUIÑEIRO», «POL-A NOSA CULPA» e «TABERNA SEN DONO», de Daniel Varela Buján; «O VELORIO», «O ESMOLEIRO», «O CABO CATUXO», «BADALADAS», «O ROMANCEIRO» e «CATRO LADRONS HONRADOS», de José Ibanez; «A FONTE DOS NAMORADOS», de Cándido A. Gonzalez; «PARA ISO SON TEU AMIGO», «UN OVO DE DUAS XEMAS» e «ENGUEDELLLOS», de Ricardo Flores; «OS FIDALGOS DE RANDE», de Alfonso Gayoso Frias, e outras. Mas, sobre todo, a que produxo unha sensazón extraordinaria: «OS VELLAS NON DEBEN NAMORARSE», do noso xenial Castelao.

Nun dos certames celebrados pol-o Centro Gallego de Buenos Aires (o ano 1952), foi premiada unha interesante comedia en dous actos, de ambiente mariñeiro, escrita por Cándido A. Gonzalez. Coñecémola porque foi imprentada, e o seu autor, noso distinto amigo, tivo a atenzón de nos adicare un exemplar.

Pódese ver, pol-o que levo dito, que o Teatro Galego foi adiantando e afinándose. Sempre que un grupo de calidade artística apareceu no taboado escénico para representar algunha obra de certa importancia, o público acodiu; porque o povo galego ama o seu teatro: teatro en que ve os propios defeitos ou as virtudes que o adornan; onde ri cós seu humorismo ou emocionase cós problemas e dramas que lle afectan; onde, en fin, presenza a propia vida. Sigue en pe, pois, a mesma dificultade que apuntaba xa don Galo Salinas hai mais de cincuenta anos para lograr o afinamento definitivo do Teatro Galego: a falla de actores; porque obras hainas e mais habería se os autores tiveran facilidade para as dar a coñecer.

Outras comedias hai aínda que poden arregar o repertorio de calquera agrupazón ou Compañía dramática que poidera se constituir e vencendo tamén outras dificultades que tollen o libre exercicio desta arte espresada na fala da terra, por trabucamento e incompreensión de determinado sector. O vello propulsor do Teatro Galego, que sempre loitou e escribiu alentando todo canto intento se fixo nos seus tempos, deixou, ademais das obras que levo citadas, outras que se non estrenaron aínda porque levalas a escena require capacidade artística e mais económica para podelas presentar como compe; duas cousas que poucas veces lógranse reunir. Son estas obras de Salinas, «A FIDALGA», poema idílico en tres actos, e «ALMA GALEGA», drama igualmente en tres actos. De Antón Villar Ponte hai tamén dúas obras en tres actos sen estrenar: «ALMAS MORTAS», comedia, e «OS EVANXEOS DA RISA AUSOLUTA», folk-drama. Igualmente permanecen sen estrenar «MATRIA», fermoso drama simbólico en dous actos, e «A MORTE DE LORD STAULER», tres actos, de Álvaro de las Casas. E aínda están asimesmo inéditas as obras en tres actos: «O ENGANO», «O PAGO», «AO ROLAR DA VIDA», «TIROS NA RUA», «COAS AAS CREBADAS», «NAUFRAXIOS» i «EVA NUA», da miña autoría.

«O MARISCAL», a manílica traxedia histórica, en tres actos i en verso, de Cabanillas e Villar Ponte, é unha obra que pol-as suas dificultades económicas de presentazón, non puido ata o d'agora ser realizada. Foi editada por «Lar» (Coruña, 1926) e posteriormente por «Nós» (de Santiago).

Recentemente caeron nas miñas mans catro ensaios dramáticos de Luís Manteiga. É doroso que a morte vaia segando impracablemente a vida dos mozos galegos que emprendeu un vieiro firme e ben orientado para a arte rexional. Os dramas de Manteiga, orixinaes e ben dialogados; belamente escritos e cheos de elevados sentimentos e idieias reveladoras dun forte e desperto temperamento, acusan unha personalidade que houbera chegado a ser un dos mais firmes esteos do noso teatro re-

xional. Os seus títulos son: «BRANCA», «O CROUSO», «ZABULÓN» e «APOCALIPSIS».

Tráxicos acontecementos na nosa terra paralizaron dende hai máis de vinte anos a marcha do noso Teatro. Por isto, as derradeiras obras citadas, e algunhas máis que tal vez teñan escrito outros autores, que eu descoñezo, non poideron ser estreadas, e de aí que moita xente esquecera o labor feito devanceiramente e a nova xeneración o ignore por completo, coidando por isto que a nosa dramática non conta máis que con isas pequiñas curtas que algunhas veces representáanse descoñadamente. Os que escriben para o público en xornais e libros, non teñen desculpa; porque eles están obrigados a coñecer aquilo de que pretenden falar para non inducir a erro os seus lectores.

Derradeiramente, o 29 de Xaneiro de 1948, o Centro Cultural y Deportivo de Santa Lucía, da Cruña, levou ao Teatro Rosalía Castro as obras «Xinxebras», de Cotarelo, e máis «Estadeiña», de Lugo. Propoñíase o grupo de amadores d'aquel Centro, dirixidos por Enrique Silva Uzal, desenvolver gran actividade a prol do

noso Teatro rexional. Tiñan xa en ensaio «A man de Santiña», de Cabanillas, e propúñanse dar a coñecer outras obras inda inéditas; mas, a incompreensión de certos elementos imposibilitaron a realización de tales propósitos que tendían escrusivamente a fins puramente artísticos e culturais.

Por sorte, erros e prexucios puideron ser vencidos recentemente, e o 31 de agosto de 1959 estreouse no Teatro Colón, da Cruña, «O INCERTO SEÑOR DON HAMLET» peza dramática en tres actos, orixinal de Álvaro Cunqueiro, representada polo Teatro de Cámara que dirixe Antonio Naveyra. A obra, magnificamente interpretada, ben presentada e adecuadamente vestida, constituíu un grande éxito artístico que se repetiu noutras representacións posteriores; non tantas coma deberan se facer por inespricábeles actitudes de xentes que, precisamente, deberan facilitar estas manifestacións culturais de civilización das rexións hispánicas, que en nada perxudican á nacional, senon que, polo contrario, comprétana.

Mellorarán as circunstancias? Poderá erguerse o pano novamente para se representaren outras obras?

LEITE DE VASCONCELOS

ANIMADOR DOS NOVOS

por MANUEL
BOAVENTURA

No ano, já remoto, de 924—o colheiteiro Setembro a perfazer a primeira década—tive a honra de receber, na minha casa de Susão, a visita do venerando Mestre, Doutor José Leite de Vasconcelos—multímido talento de Arqueólogo, Etnógrafo, Folclorista, Filólogo... cujo centenário de nascimento passa neste ano da graça de 1958.

É força dar explicação do motivo que originou a alta honra que então recebi.

Por 906 comecei o trabalho de recolha do vocabulário, usado pelo povo da Ribeira-Cávado e cercanias. Quando tinha já alguns milhares de inéditos, Silva Vieira, director da «*Revista do Minho*», consagrada a estudos Etnográficos e Folclóricos, editou, em 916, o primeiro volume (A-E); e anos depois, em 922, o segundo. Nas 354 páginas deu-se agasalhamento a cerca de 5.000 étimos.

O dr. Leite de Vasconcelos fazia, nesse ano de 924, a sua cura de águas, em Melgaço, e trazia na sua mala os dois volumezinhos do «*Vocabulário Minhoto*», para verificar, «in loco», a fidelidade da recolha. Aconteceu encontrar-se, lá, com um advogado esposadense, Artur de Barros Lima, a quem pediu informes do autor, manifestando intuits de o conhecer. Barros Lima ofereceu-lhe o seu carro e a sua hospitaleira casa de Palmeira—a minha aldeia—para o eminente professor ali passar uma temporada e travar relações com o incipiente vocabularista.

Foi assim que, na manhã de 10 Setembro de 924, recebi a visita do conterrâneo Barros Lima, na véspera regressado do Peso de Melgaço. Fazia-se acompanhar por um senhor respeitável, já adiantado em anos, que usava barbichas à «rapozinho» e fitava as coisas circundantes, com olhares perscrutadores, e alongava a vista, ao largo, na ânsia de devasar, fosse o que fosse. Quem era? Ia sabê-lo.



Barros Lima chamou à realidade o distraído amigo, indicando-me:

—Aqui tem o rapaz que desejava conhecer.

E, voltando-se para mim:

—Tens em tua casa o grande sábio, dr. José Leite.

Sentia-me formiga, à beira do leão...

Eu recebia-os na minha pobre biblioteca, onde escassos dois milhares de livros estadeavam as lombadas descoradas à luminosidade alegre da manhã. Circunvagando o olhar pelas prateleiras, mal me fitando, o Mestre disse:

—Tenho todas as suas coisas, que mas enviou o Silva Vieira —esse benemérito editor do labor etnográfico e folclórico nacional. O seu trabalho de recolha vocabular é valioso e de grande mérito: não esmoreça! Trago consigo o seu «*Vocabulário*» tem virtudes e uns pequenos senões: dê guarida ao que for popular; não registre alijões morfológicos, com que certos escritores, na ânsia de originalidade, desfeiam a prosa.

Trazia o olhar perdido pelos livros, e pelos fragmentos de olaria, rebordos de ânforas, pesos de tear, etc., pousados ao de cima e na margem das estantes. Com o maior a —vontade abeirou-se, e começou a examinar os dísticos das lombadas; tirava um que outro, folheava, por aqui, por ali, e dava opinião: —é bom, é útil, tem ensinamentos...».

Lobrigou os seus livros: «*Filologia Mirandesa*», os dois volumes de «*Ensaio Etnográfico*», «*Presbitério de Vilacova*», «*História das Tradições Populares*»... Alguns tinham anotações, à margem, que leu interessado: —Ótimo! Observou bem: é assim que se faz. Vou tomar nota.

Depois examinou a cacaria arqueológica, peça por peça, e deu explicações circunstanciadas da época provável, das qualidades do barro, da maneira do fabrico, do sentido dos incipientes desenhos e dedadas... Mas toda a sua atenção foi para um vaso funerário, intacto, encontrado, poucos dias antes, numa sepultura de lousa, num pequeno cêrro das proximidades, ao abrirem alicerces para uma casa. Estudou-o, mirando e remirando e descreveu a sua finalidade: deveria ser do séc. IV, ou V. Tal namoro lhe fez, que tive de lho oferecer. Riram-se-lhe os olhos de contentamento, ao dizer-me:

É precioso: só conheço outro deste género; vai para o Museu.

Ao rebuscar a estante encontrou um manuscrito do «*Hissope*», de António Dinis, datado dos fins do século XVIII, quando o poema não tinha ainda sido dado à estampa, o que só veio a suceder em 1802—, em edição póstuma. Tinha emendas e correcções feitas com outra tinta, e por outrém, que o Mestre supunha serem da mão do próprio autor. Entendeu ele que uma estante aldeã não era local para reter preciosidades. Claro está que lho ofereci. É que Leite de Vasconcelos conhecia os segredos aliciantes da sugestão, para obter, sem pedir, aquilo que desejava...

Para me compensar do desfalque, tirou da sua mala de mão um livro encadernado—«*A Língua Portuguesa*», de Adolfo Coelho que

me ofereceu, e religiosamente conservo. A propósito deste livro, deu uma das substanciosas lições sobre Filologia, Glotologia, Semântica, e origens de certos vocábulos, de que tirei grande proveito, para a selecção e recolha de termos lugareiros, armazenados no «*Vocabulário Minhoto*».

Mostrou-me depois os dois volumezinhos do «*Vocabulário*», que tirou da mala: tinham as margens cheias de anotações, com étimos comparativos e analogias.

—Veja isso—disse-me.

Mas o Mestre tinha uma letra quase microscópica, que mal se podia ler: disse-lhe dos meus embaraços:—não o sabia ler...

É que ele possuía a virtude da economia, e em tudo a manifestava: retrucou-me, sorridente em fino gracejo:

—Isto tem suas vantagens: economiza papel e poupa tinta.

Viu sobre a mesa largas tiras de papel, em letra graúda, que se lia a distância:

—O meu amigo, ao contrário, é pródigo a gastar papel, e desperdiça tinta, em meia dúzia de linguados, que me bastaria... para escrever um livro!!...

Eu tinha, de facto, por esse tempo, a mania do garrafal, estendido por avultadas folhas de almaço. Fez-me pensar: e o certo é que, do seu conselho tirei proveito: reduzi a caligrafia a proporções mínimas—quase a ombrear com a do Mestre.

A lição continuou, a dar proveitosos conselhos, sobre a maneira de registar os termos populares, deveria grafá-los, consoante os ouvisse da boca do povo; indagar o nome que davam aos objectos; ter o ouvido atento às modalidades da pronúncia; recolher as frases interjectivas, e os modos de dizer peculiares... Tudo tinha grande importância.

Abriu o «*Vocabulário*» e apontou a origem remota de algumas palavras: certos deles tinham raiz celta; outros euscaro, ou vasco; ainda outras eram fenícias, árabes, suevo-visigóticas... Muitas corriam, ainda, no galego, como termos castiços. Tudo estava anotado à margem, do mesquinho livrinho que é o «*Vocabulário*» — preciosas anotações, que eu não soubera ler...

Veio a talhe de fouce um ponto de Arte: a capela do Senhor dos Navegantes, em Esposende, com talha de bom labor: teríamos de a ir ver; e como andava, por esse tempo, a recolher elementos para o livro «*A Barba em Portugal*», e estava informado, pelo Barros Lima, de haver na vila uma mulher de aparatosas barbas, aproveitaria a oportunidade para a entrevistar. E, em seguida—um salto a Belinho, a visitar o Poeta e a sua citânia.

Traçado o programa, força era executá-lo: lá fomos à sede do concelho.

Mas ali, por pouco, ia provocando um motim popular! Enquanto eu procurava o sacristão da Misericórdia, para nos franquear a visita à famosa capela dos Navegantes, Leite de Vasconcelos deu uma volta pelo mercado, a dar satisfação à curiosidade. E, ó felicidade! (ou infelicidade)?, encontrou a mulher das barbas!—a tia Maria Dura,

mulher do povo, mas boa proprietária, que fazia as suas compras. Logo arranjou maneira de entabular conversa: gabou a abundância de gêneros, a frescura das hortaliças, a rotundidade das cenouras, o colorido e boa aparência das frutas... E, sem mais aquelas, fez-lhe esta inocente pergunta:

Diga-me, minha boa senhora: não tem desgosto por ter essa barba, que, aliás, lhe fica bem?

Ja caíndo a torre da Matriz! Cheguei precisamente, quando a respeitável Maria Dura, que era corpulenta e valorosa, de punhos cerrados, increpava o sábio impassível:

Ah! seu atrevido! Que tem você com as minhas barbas, que são barbas de mulher honrada? Seu malcriado! Seu...

E os improperios saíam em torrente; as pescadeiras de língua destravada, faziam musganho, e apoiavam em babarêu...Deitei água na fervura:

—Venha cá, senhora Maria!

Tirei-a do meio do povoléu, e expliquei-lhe que aquele respeitabilíssimo senhor era um grande sábio, e de fidalgos sentimentos, incapaz de lhe fa tar ao respeito: o seu fim era colher elementos para um livro...

A Maria Dura, embora muito das minhas relações, estava renitente:

—Que tem esse homem com a barba que Nosso Senhor me deu, em desconto dos meus pecados? É malcriado, é o que é!

Entretanto Barros Lima aparecia, e, com o seu prestígio, acalmava a multidão, que encorajava a Dura. E eu tinha convencido a recalcitrante.

Sereno, impassível, o eminente Etnólogo acercou-se. Feitas as apresentações, pediu desculpa e deu a razão da pergunta: falou de outras respeitáveis matronas, igualmente barbadas, que havia entrevistado, e acabou por enaltecer o espírito varonil dessas mulheres, e a honorabilidade das barbas femininas... A Dura conformou-se; e tudo acabou por amena cavaqueira entre os dois...

Visitada a capela do Senhor dos Navegantes, que admirou, e onde verificou a existência de anjos sexuados—(anjos e «anjas»), rumámos a Belinho.

Pelo caminho a proveitosa lição continuou: sabia que a região era rica em coisas do passado—cividades, castros, necrópoles. O Mestre manifestava prazer em dar as suas lições: mas expunha com modéstia, sem alardes de erudição, como coisa natural, de todos conhecida:

—«Deve ser assim, não lhe parece?»—«O meu amigo já sabia...»

Se algum préstimo tem a minha colheita, na mina etnográfica e folclórica, tal é devido às belas dissertações do sábio, ouvidas durante os escassos dias, que passou na minha aldeia —, e que o obscuro discípulo mal assimilou.

Correia de Oliveira, ainda convalescente de grave doença, recebeu-nos com a fidalguia que é apanágio da acolhedora casa solarenga.

Subimos à Cidade, onde os trabalhos de desobstrução prosseguiram, para pôr a descoberto os alicerces rasantes de outras casinhas redondas: ali recebemos toda suculenta lição, sobre pré-história, terminando por felicitar o nável arqueólogo, e sempre grande Poeta.

Após o rápido almoço, começou o exame ao espólio encontrado nas escavações: era um pequeno tesouro, que ia classificando e definindo: uma linda fibula de bronze encantou-o. A certa altura, perguntou:

—Que é que você vai fazer a isto, ó António?

Sei lá!—respondeu o Poeta, encolhendo os ombros. E a seguir:

—São preciosidades, e as coisas preciosas guardam-se em sacrário...

—No templo próprio?—inquiriu o sábio professor.

—Evidentemente!

Com a habitual fleuma, o dr. José Leite, mal escondendo o seu regozijo, ripostou:

—Evidentemente... no Museu Etnológico é lá o templo próprio...

As almas grandes não sucumbem, nem mesmo perante tremendas catástrofes!

Correia de Oliveira presentiu o desfalque que iria sofrer o seu precioso tesouro arqueológico—, mas não pestanejou:

—O que é meu, é dos amigos: escolha o Zé Leite.

O ilustre homem da Ciência começou a seleccionar—isto, aquilo, mais aquele outro, não esquecendo a bela fibula...— ia quase tudo!

Do lado, eu ia estudando a fisionomia imperturbável do autor do «*Auto do Fim do Dia*», onde o ricto de bondade e boa disposição se não alteravam. Porém quando chegou a vez da fibula, Correia de Oliveira puxou-me a um deslado:

—Ó querido amigo! Mas este homem é um Zé do Telhado roubador: leva-me tudo! Pergunte-lhe o que é que ele me deixa...

—Calma, caro António—disse-lhe.

A perspicácia do Mestre abarcou tudo, e tudo compreendeu: após breve silêncio, obtemperou:

—O querido Poeta só manda isto para Lisboa, quando quiser; e somente o que não quiser para si.

A tranquilidade voltou ao equilibrado espírito do nável arqueólogo; e convencido de que o interesse da comunidade estava acima do bem particular—tudo mandou para o Museu Etnológico de Belém, para gáudio do «Sacerdos Magnus!» E lá figuram, como dadivosa oferta do excelso Poeta, que, num momento da sua fecunda vida intelectual, inteiramente dada à Literatura—foi bem arqueólogo!

Leite de Vasconcelos demorou ainda alguns dias pela minha

aldeia, e as suas proveitosas lições continuaram, porque tudo quanto dizia — era lição de «proveito e exemplo». Era afável para todos; carinhoso com as crianças, que encontrava pelos caminhos; conversador com as mulheres e os velhos, a quem «puxava pela língua», no seu afã de recolha folclórica... Às moças pedia cantigas e adivinhas: e dizia-lhes outras... para as animar; corria a aldeia de susão a jusão, e de levante a sol-pôr: a gente da terra achava-o adorável!

*

A vasta obra do dr. José Leite, se é de carácter universalista, por sua essência, é, primeiro que tudo, propriedade da Nação — mercê do manancial inesgotável de onde brotou: a alma do Povo. É força que esse Povo conheça a riqueza das suas criações, em campo de Arte, e amorosamente salva do esquecimento, por um dos maiores Etnólogos de todos os tempos.

Impõe-se a reedição da Obra do Mestre — em edição nacional — mas com carácter popular, para poder ser adquirida por todas as bolsas.

Em alor de sua memória, aqui fica a expressão da indelével gratidão do discípulo, que deficientemente assimilou a lição do Mestre.

Junho de 1958.

TRÊS PINTORES PORTUGUESES

por EDUARDO
V. DA FONSECA

TRÊS CONCEPÇÕES DA NOSSA REALIDADE
(D'ASSUMPTÃO — EDUARDO LUÍS — ANTÓNIO QUADROS)

Em rigor o ensaio sobre arte é sempre incompleto e parcial, pois da linguagem do ensaio e do da obra de arte recolhem, o leitor e o espectador duas formas de expressão altamente distintas. Pela contemplação da obra descobre-se o espectador frente a um universo sem transplantação possível para outro terreno senão aquele de onde emerge e pela «forma» original como emerge dele. Pela leitura do ensaio de um contemplador de arte, recolhe o leitor o mundo da obra proposto à sua vigilância através de esquemas mentais edificados numa outra linguagem nascida da emoção original provocada pela obra. A distância, como se vê, é vasta!

Contornando os complexos e ricos princípios da estética Kantiana poderemos dizer que estas duas vidas distintas por onde a obra de arte se manifesta vão dar, exactamente, a duas zonas distintas do ser humano onde o conhecimento das coisas se processa. O valor, pois, do ensaio de arte, reside, não na pretensão de eles se substituir ao universo artístico ou de o esgotar, mas na possibilidade de promover no leitor, não uma adesão à obra, mas uma aceitação dos princípios expostos e, conseqüentemente, possibilitar nele uma revisão sobre o seu papel de espectador e uma análise aos postulados de que parte para erigir o seu sistema de valores estéticos.

Acresce que se o ensaio for desaguar ao vasto mundo da simpatia que o leitor sinta como espectador das mesmas obras, então ele, o ensaio, converte-se num maravilhoso instrumento de expansão e aprofundamento do horizonte ilimitado da obra de arte. É a estes últimos, especialmente, que ofereço o meu breve estudo.

De entre os vários critérios que rejeitei, o que pus de parte mais deliberada e apaixonadamente, foi o aparentemente fácil critério técnico que transformou a crítica francesa numa das mais pedantes e superficiais da actualidade. Dizer que o Impressionismo não foi senão uma análise da luz pelas cores, e que o princípio impressionista foi excelente pela sua novidade, mas que se tornou falso por excesso; e que o Cubismo, por propor a análise da «realidade representável do objecto num espaço reduzido a duas dimensões ou multidimensional, foi superior ao Impressionismo por trazer e impor uma disciplina» (Maurice Gieure in «La peinture moderne») — é usar um critério fácil e banal, de onde sai morto e desfigurado o mundo comovente e prévio a todas as especulações formais e de onde a arte emerge e tem origem toda a modalidade formal de que as obras se

revestem, depois à luz. Daí que, na autêntica emoção estética o ser formal da obra de arte *desapareça*, para se instalar em nós o mundo que atrás dela (forma) e através dela (forma) adquire existência manifestante.

É a originalidade do artista frente ao mundo, que lhe faculta a busca de novas formas de expressão. Foi intuindo esse valor do *original*, que os mistificadores parisienses e de outras cidades do mundo, entraram a exhibir por vários salões uma suposta originalidade passando sem transição do *original*, ao bizarro e extravagante, como justo resultado da expressão de uma sensibilidade mediocre aventureira e comercial.

A originalidade é uma dádiva dos deuses (ou, também, dos demónios) e nenhum conhecimento de qualquer «métier» possibilita essa originalidade, senão que esta que vem exercer-se sobre os dados objectivos do «métier» para os combinar de forma original e insusceptível de transmissão. O estilo de Van Gogh fechou-se com Van Gogh. Repeti-lo é ser académico. Excedê-lo é cumprir o destino da Arte. O mundo formal das obras de arte não revela senão, pois, um mundo que lhe é prévio, uma *realidade* que lhe é causa, e é prescrutando o seu interior que o exterior se ilumina mais e mais, e deste podemos, então, retornar, àquele numa infinita tarefa de enriquecimento de um e outro.

182

II

D'Assumpção, Eduardo Luís e António Quadros são três habitantes rebeldes do nosso mundo actual. E cada um o transfigura o acusa e ama por três caminhos distintos. O que em todos eles prevalece é a fidelidade às raízes pessoais das suas expressões, e o que os identifica como artífices é a minuciosidade e o rigor do tratamento geral do quadro. Do mesmo modo que os renascentistas, que sujeitavam as figuras de segundo plano à mesma minúcia de acabamento das do primeiro, D'Assumpção, A. Quadros, e muito especialmente Eduardo Luís, conferem igual importância de tratamento a todos os objectos, figura, planos e pontos do quadro. Nisto E. Luís excede mesmo os limites da presença dos clássicos do Ocidente para exhibir, por vezes uma técnica do pormenor afecta aos grandes mestres do Oriente. Em A. Quadros a descida ao pormenor por toda a superfície da tela é uma exigência que lhe vem, sobretudo, da necessidade de tornar evidente o diálogo entre as figuras e a paisagem e de nesta destacar uma «vegetação» de presença quase onírica. Em E. Luís este preciosismo tem uma origem lírica e classicizante, ao passo que em A. Quadros procede de uma raiz mais dramática e romântica. As figuras, objectos e coisas em A. Quadros eclodem, muitas vezes através de um grafismo só aparentemente ingénuo, testemunhando uma vontade de retorno ao mundo extravagante, sincero e anti-culto da alma popular e da infância. Ao contrário em E. Luís tudo emerge por via «culto» e a estilização das suas figuras procede de uma operação já altamente mentalizada. Por outro lado, as suas figuras repousam

sobre fundos habitualmente mansos, onde os azuis e os verdes dos mestres primitivos italianos vieram desaguar transfigurados numa adesão à condição mais terrena e humanizada das figuras, enquanto que em A. Quadros é por contrastes mais violentos e evidentes que o ser da obra se corporiza e as figuras se dinamizam num vivo diálogo com o mundo envolvente.

Em E. Luís a paisagem é um pretexto para conferir maior solidão às figuras. Em A. Quadros é pretexto para dialogar, para efectuar transferências poéticas de carácter surrealizante. O seu possível parentesco com Chagall vem destas transposições líricas, mas a origem desse parentesco vem menos de Chagall do que das fontes líricas de onde um e outro partem para caminhos diferentes. Com efeito, as fontes do folclore em que se abastecem tem apenas de comum o serem extraídas do mundo *popular*, e enquanto Chagall permanece eslavo, A. Quadros é um latino saído dos feéricos territórios das nossas Beiras.

Efectuando uma transposição arriscada (a pintura entre nós foi sempre um fenómeno estranho e raro, e há que descer ao povo, muitas vezes, para não nos descobirmos vazios de valores plásticos) poderíamos ligar E. Luís a Bernardim Ribeiro e ao Camões lírico, e A. Quadros ao Garrett investigador do Cancioneiro Geral e a Teixeira de Pascoais no que neste há de telúrico e nocturnal. D'Assumpção, esse vem de um Antero e de um Pascoais mediadores de essências, de um Pascoais e um Antero místicos. Com esta transposição não quero demonstrar a influência das obras destes poetas sobre a pintura de E. Luís, d'Assumpção e A. Quadros, mas determinar apenas as coordenadas da nossa nacionalidade nas suas obras, localizar as zonas espirituais que presidem às suas concepções da *realidade*.

E. Luís é Atlântico por envolvimento física: o grande signo do mar, a atracção das amplas massas líquidas e planuras é-lhe na alma pelos olhos. D'Assumpção, ao contrário é Atlântico por sonho, e nele o mar assume o perfil de uma via mística para um outro reino. D'Assumpção é um convertido à mística do Sebastianismo, enquanto Eduardo Luís encarna a vigilância do «Velho do Restelo» sobre uma realidade mensageira de infinitos dramas e dificuldades. Nisto A. Quadros envolve-se no seu regionalismo e particulariza mais a sua expressão. O seu *nacionalismo* repousa nos limites da regionalidade. A sua luta será, talvez, o querer exceder esses limites para se acercar do espírito mais abstracto e universal da nacionalidade que coabita no seu regionalismo.

Com efeito, em A. Quadros, ainda não se consumou, perfeitamente, o processo assimilador que dará a unidade definitiva à sua obra. O seu drama está em ter consciencializado a origem popular da sua expressão e sobre ela ter que operar uma metamorfose que actualize e sobretudo individualize o mundo anónimo das formas onde mergulhou vivificadamente.

É a partir deste mundo abstracto, causador de três estilos, corporizando outras tantas essências e interpretações da *nossa realidade*, que eu explico o não figurativismo de D'Assumpção.

O seu tom profético, a voz interior que o solicita para a meditação cósmica, encaminhou-o para uma expressão onde do Abstraccionismo e pela via teórica de Kandinsky recolheu a descoberta da utilização da cor «não por ela mesmo, mas pela sua necessidade interna significante» (Kandinsky), e de Manessier recolheu a sugestão de um novo humanismo pictórico, intentando, por via isóterica, remontar a velhos e luminosos caminhos da alma humana. Daí que a sua monumentalidade, quando se manifesta, não oculte um certo espanto cósmico do Homem frente à grandeza das coisas que desabrocharam na sua própria alma e aí estabeleceram residência. Mais uma vez, aqui, a eclosão do tema se dá, em D'Assumpção, por via mística, e o objecto desaparece para devir forma, e esta, signo, alusão, presença de coisa isotérica chegada, súbitamente, à luz na percepção imediata e global do quadro.

Em D'Assumpção sobrevive a aspiração a uma Paz que «supõe» residir na essência das coisas, a uma Harmonia que ele «supõe» habitar o lado oculto do visível. Daí a sua prática de uma espécie de magia pictórica pela qual intenta transferir para a realidade caótica ou injusta, o mundo sublime, reparado e justo de um outro universo que o parece habitar para além da sua própria imaginação.

D'Assumpção não nos mostra objectos nem seres. A profundidade espacial das suas telas é exaltada por pequenos golpes de luz espargindo-se por todo o corpo do quadro, numa intimidade solene ou num acorde mais alto, mas sempre em irmandade com a mística dos vitrais. Essa evaporação do mundo exterior nas obras de D'Assumpção, não é, no entanto, radical. Há pequenos signos, imagens movediças de um mundo real que só se apercebem fixando globalmente a obra, mas que se diluem ou metamorfoseiam à menor intenção de se lhes conferir uma existência particular ou isolada.

A figura humana, tão interior e subtil em Eduardo Luís, tão necessária também à humanização das transposições poéticas de António Quadros, volatiliza-se em D'Assumpção e devém puro estado de alma buscando comunicações por outras formas, por outras presenças humanizantes, mas não humanas.

O que em todos eles subsiste é um profundo sentimento de saudade, frente ao objecto da criação, a nostalgia de um «encontro» jamais conseguido, o desgosto frente a uma realidade desinteressante, a um mundo hostil onde tem que cumprir o destino de vivos. O convívio com a Arte é, em todos eles, de raiz vital. É por ela que se descobrem valiosos e vivos, e se voltam para o mundo esperançados na edificação dos melhores valores da vida. Em D'Assumpção esse retorno ao mundo, pela Arte, excede mesmo a esperança para se converter em acto de fé e profecia.

Disse atrás que o convívio deles com a Arte era de raiz vital, e com essa observação quis, apenas, raptá-los por um lado, a uma corrente super-mentalizada que se forjou na arte moderna a partir do Cubismo, e, por outro, a um clima nacional que originou várias modalidades falsas de pintura, (desde um Abstraccionismo, a um Neo-realismo) por falta de adesão interior dos artistas aos proble-

mas que cada uma destas correntes envolve. E em casos como este último, nos quais a individualidade do artista se deixa submergir pelo da corrente a que adere, o mais legal será chamar-lhes em vez de artistas, artífices, alunos submissos de uma disciplina destinada a rebeldes, fieis e humildes signatários de uma legalidade destinada ao pó dos arquivos da Arte.

Ora uma das particularidades mais evidentes em Eduardo Luís, d'Assumpção e António Quadros, é a sua rebeldia aos canones, e na raiz dessa rebeldia está a luta pela conquista de uma forma onde as suas aspirações vitais se espelhem livres e sublimadas. Mais do que os «objectos» de que dispõem para viver, importa-lhes o modo de viver esses «objectos». Van Gogh foi o maior e o mais infeliz de todos os rebeldes porque não sabia viver fora da Arte. Ele é o simbolo extremado da luta e também da liberdade pela Arte.

D'Assumpção, António Quadros e Eduardo Luís (este menos) saíram, depurados, dessa zona criadora onde residiu Van Gogh, e é das suas naturais filiações nessa necessidade do criar, que sai o sopro vitalizador das suas obras e as torna, por isso, especialmente vivas e significativas no nosso reduzido e quase inexpressivo meio plástico, num meio onde à falta de uma critica disciplinada e «isenta» (não de posições mentais, porque não pode, mas *personais*, porque o deve) se deixa ao espectador *atento e sincero* a complicada tarefa de seleccionar valores e eleger, a partir do seu mais secreto e valioso mundo, a Arte que atenda, corporize e redima as suas aspirações mais profundas.

Foi por essa via que me encontrei com d'Assumpção, Eduardo Luís e António Quadros, e os amei e propus ao meu convívio— e um pouco, também, ao vosso, por outra via—como quem se abastece de vida por três fontes distintas. E é esse, creio, o destino mais nobre da Arte: abastecer-nos de vida, da sua vida redentora e revolucionária.

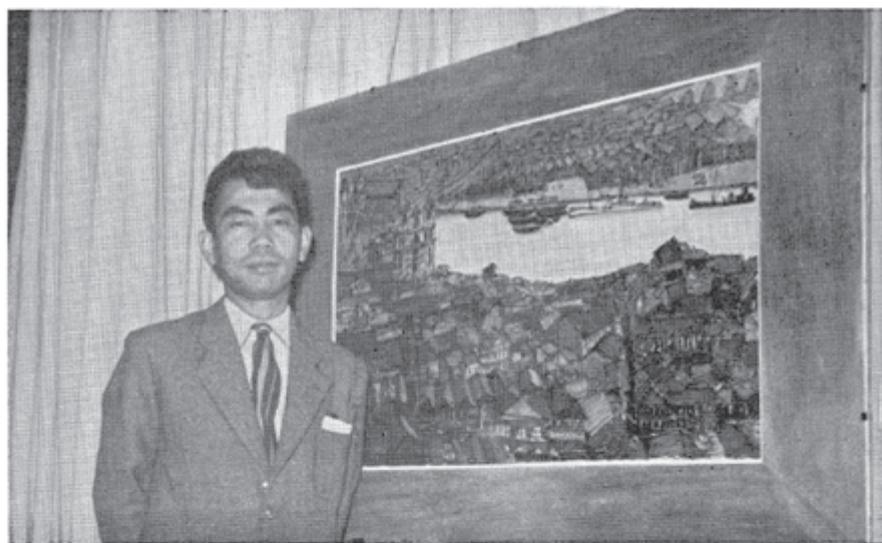
O ADEUS DE WATANUKI

O PINTOR JAPONÊS QUE SOUBE SENTIR A ALMA
E A FISIONOMIA TÃO SEVERAS DO VELHO BUR-
GO DO PORTO

por BARATA FEYO

Em Novembro próximo Mestre Hirosuke Watanuki regressa à sua pátria—o longínquo e lendário País do Sol Nascente. Após cinco anos de ausência que dividiu, quase na totalidade, entre Portugal e a Espanha, despede-se de nós, portugueses, e escolheu o Porto para nos dizer adeus. Esta exposição que trouxe para nosso regalo, agora, a esta cidade, é o abraço de despedida que nos deixa.

186



Watanuki e o quadro (Magnífica visão do Porto) adquirido pelo «Museu Soares dos Reis».

Três anos se entretteve em Lisboa e no Porto, procurando conhecer as duas cidades, os seus gentios, os seus costumes e a beleza das duas urbes, tão distintas entre si.

Lisboa —miradoiro pegado estendido por sobre as suas colinas— veste-se de cores claras e vistosas, como se a Primavera ali vivesse as quatro estações do ano. Num traçado feito por brechas que nos deixam ver o rio, desfaz-se em jardins do tamanho de canteiros, becos, escadinhas e largos maneiri-

nhos com pouco mais de um palmo. Ao invés, vasto como um mar, contorna-a o Tejo, tão azul em dias claros e tão plano como um espelho, onde as gaivotas se miram espadelando o ar que o fumo dos navios, às vezes, embacia. Cidade das bicas e dos chafarizes tão lindos como o de El-Rei, lava-a o bulício do rapazio e o seu alfofre, diàriamente renovado de ditos picarecos, que têm fama e correm mundo.

O Porto, menos risonho, talvez até sombrio, cortado em granito, enforma-o denso casario, à beira Douro, subindo escarpas apontadas às nuvens. Larga de Lordelo do Ouro a jusante, agarra-se como lapa à encosta do Barredo e chega à Sé e aos Clérigos enquanto do Freixo, a montante, passa as ilhargas do Bonfim e estende-se com menos humidades na planura das Antas.

Pardo no lagedo e nas fachadas inteiras de muitos edifícios como tão-pouco nos cunhais, ombreiras e silhares de alguns outros, o Porto parece uma sentinela da grei velando o seu trabalho árduo, olhos pousados no seu rio estreito e escuto que o banha em grande parte.

Foram pois estas duas cidades que o jovem mestre Hirosuke Watanuki insistentemente prescrutou. E servindo-se da sua grafia tão pessoal diz-nos de modo inconfundível o que o atraiu nas duas grandes urbes.

Há muito que não vejo quem tivesse dito de Lisboa e do Porto—não importa em que género plástico ou literário—o que ele nos diz, através do seu desenho simples sem ser infantil, sóbrio sem ser primitivo, transparente sem deixar de ser sólido e bem estruturado. Utilizando o preto, o gris ou o lápis, Watanuki que é um lírico pairando à altura dos seus sonhos, senhor de subtilezas pouco comuns nos europeus, confere volumes e côr às suas recreações sejam elas urbes ou seres humanos, num traçado reflectido tipicamente nipónico, a um tempo servido pelo estudo, o talento e a raça.

Bacharel formado em direito pela Universidade Kwansei-Gakuin—Japão, dedicou-se simultâneamente à Pintura desde 1950, segundo reza a nota do seu album de litografias, recentemente publicado.

Ao contrário dos ocidentais que frequentemente parecem desdenhar daquilo a que chamam habilidade manual ou «trabalho de mãos», os japoneses praticam e amam o desenho como expressão comum necessária à vida. Mal cuida muita gente que a própria escrita de que correntemente se serve para expressar os seus pensamentos, igualmente requere trabalho de mãos e que os dois tipos de grafia, embora distintos, ambos se destinam a comunicar com o nosso semelhante e ambos põem a nu a sensibilidade, o engenho, a educação, o entendimento e a cultura de quem as utiliza. Alguns de entre nós encaram as artes plásticas como manifestações singulares ou pelo menos com curiosidade indiscreta. Os japoneses praticam-nas há mais de dois mil anos, por isso as compreendem e estimam.

A ascensão de Watanuki como artista—entre aprendizagem e triunfos

— foi rápida. Julgo que não deve ter sido indiferente ao êxito o acolhimento amigo que encontrou entre nós. Em contra-partida, é de justiça acrescentar que Watanuki tudo mereceu.

Do desenho e da tinta da China, passou a servir-se do óleo, e agora quase à largada, mastra-nos de como usou essa matéria gorda e rica, aveludada e plástica. Neste material fala-nos do Porto em meia dúzia de cartões.

Tive sorte de ver grande número de apontamentos que Watanuki fez para esses quadros, bem como outros de Lisboa e Coimbra. Particularmente, aqueles em que retrata o casario das cidades, executados frente ao assunto, deixaram-me surpreendido. A geometria irregular que ressalta desses desenhos sem que de qualquer modo lhes destrua a unidade, o engenho cuidadoso que organiza cada um, bem como a luz, a subtileza e a intenção que a todos bafeja, fazem desses apontamentos, quase humildes, desenhos extraordinários em qualquer parte. Continuo a pensar que Hirosuke Watanuki é acima de tudo um desenhador excepcional. Mesmo quando pinta a óleo, a cor apenas colabora na mancha do conjunto e nada mais. Cor em vez de cores, eis o que por ventura mais directamente responde ao poder recreador e à personalidade forte de Watanuki que põe a sua percepção sintilante ao serviço de um grafismo destro e de uma capacidade artística voluntariosa e genuína.

Não podia Mestre Hirosuke Watanuki deixar-nos melhor abraço do que esta exposição. Para sempre a sua lembrança vai acompanhar a nossa memória. O Porto não esquecerá.

Barata Fejo

DE LA PEINTURE DE D'ASSUMPCÃO

por ANTÓNIO
PINHEIRO GUIMARÃES

C'est une peinture à message. Une peinture de racines profondément européennes, dont la technique — il est bien évident — se fonde à l'école de Paris. Le peintre vit depuis longtemps dans ce Paris qui pour nous — irréductiblement européens — est toujours la ville qui occupe notre cœur; le peintre, malgré



189

tout ça, a conservé dans son âme le sentiment lusitain. Il faut, donc, aller loin dans l'espace et dans le temps pour pouvoir trouver le «leit-motiv» et la plus profonde raison de ce message. Ici nous voudrions aussi faire remarquer que nous n'aimons pas «expliquer» la peinture abstraite (car ce serait la nier) mais trouver tout simplement son authenticité.

Voyons, donc: Depuis quelques siècles les Portugais ont été les décou-

veurs et les maîtres de la plus grande partie du monde. Après ça, comme il arrive toujours à la plupart des empires, tout s'est réduit en poudre, comme le jeune roi D. Sébastien, dans une tragique bataille en Afrique du Nord. Mais quelque chose a resté. Quelque chose qui existe et qui donne l'explication d'une grande partie de notre poésie. Il n'est pas seulement le souvenir de l'empire perdu mais d'un autre qu'il n'est pas possible de perdre. Cet empire que le prophète Daniel annonce quand il interprète un songe de Nabuchodonosor. Exactement: Le Quint Empire!

Cette peinture, presque toujours bouleversée et bouleversante, nous semble, en effet, une peinture de «Quint Empire»! C'est une peinture messianique, et, en allant plus au cœur de la question, peut-être bien que le peintre entrevoit son «quint empire» pour une réalisation plutôt européenne. Et cette apparence peut bien se trouver dans cette réalité européenne qui, à la fois, nous fait songer à Bach, Chopin —et Baudelaire!

190

Dans ce rêve messianique, D'Assumpção nous rappelle aussi Van Gogh en se penchant sur les grands problèmes de l'Humanité, avec l'acre connaissance des vérités du monde. «Quint Empire» européen, oui sans doute, et pourtant si proche des profondeurs humaines. Un Bach ne regardant pas toujours les anges, ou un Chopin vibrant et ravissant de quelque «Polonaise tragique»...

António Pinheiro Guimarães

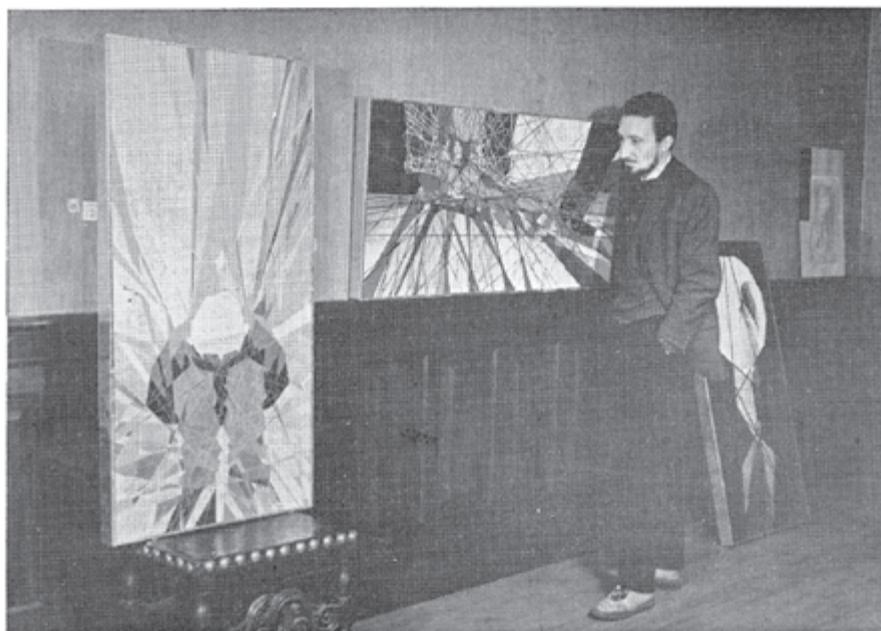
(Do Catálogo da exposição de
Paris na Galeria Karin Moutet)

O PINTOR ANTÓNIO LEITE

E A SUA PRIMEIRA EXPOSIÇÃO NO PORTO

Por OLIVEIRA GUERRA

Não importa muito o que possam dizer os críticos, por vezes tão desavindos, acerca de António Leite, este rapaz hercúleo, barbudo ao geito de Francisco 1.º e tímido, que sem escola nem preparação de qualquer espécie a não ser a do seu esforço, isolado no remanso do seu lar tranquilo, entrou há apenas 4 anos de ensaiar o



191

manejo do lápis e do pincel, arrastado talvez por um sonho antigo e talvez premido por uma necessidade interior subitamente maior...

António Leite trabalhou durante esses 4 anos, expôs uma vez em Vila do Conde, incitado por amigos, fez-se depois representar no 1.º salão dos Novíssimos, em Lisboa, depois disso na Exposição Henriquina de Vizeu, e, hesitante, bastante a medo, preparou-se para expôr no Porto pela primeira vez, indo armar a sua tenda no velho Salão Silva Porto.

Dirão que António Leite teve bastantes ideias, fez bastantes ensaios, tentou bastantes géneros e que sem se ter firmado em nenhum rumo antecipou-se, trazendo a público uma produção instável e pluriforme, incerta e aparentemente incoerente. Eu não direi se fez bem se fez mal e direi apenas que o modo simples e simpático

porque ele se apresenta lhe dá o direito de se apresentar e que é muito mais agradável vê-lo de mãos estendidas para nos dizer: *Aqui estou, aceitai-me tal como me apresento e perdoai-me as fraquezas* do que ver alguns figurões talvez com maior mérito e rumo mais definido erguer a cabeça numa atitude de quase desafio ao mestrado e ao mundo, chispando centelhas de talento vanglorioso...

Eu tenho por António Leite a mais sincera estima porque ele é o camarada da primeira hora nesta empresa da «Celtica», porque o seu nome figura ao pé do meu nas capas destes cadernos como colaborador gráfico, porque ele é simples, educado, calmo e animoso, mas não é levado por essa estima consagrada àquele que é da casa ou como que da família que eu quero dizer-lhe que gostei de o ver aparecer em público, que gostei de ver expostos os trabalhos que eu já conhecia do seu *atelier*, que me interesse pelas suas tentativas e pelos seus estudos e esforços e que tenho confiança nêle, nas suas predisposições para o trabalho e para a luta.

António Leite que é como já disse um tímido, duma timidez toda ela feita de delicadeza, mostra-se atrevido como pintor e desnorteia-nos, por vezes. Ao lado duma figura de mulher que lembra a galeria feminina de Lautrec, mas imersa num ambiente surrealista, surge uma teoria de árvores que lembra o *pontilhismo* de Signac, há um Cristo esmagador que nos lembra Dalí, aparece um geometrismo de espaços retilíneos e cores coruscantes, depois uma visão da Natureza em pleno parto (*Um segundo de vida*, é o título) e além de retratos e de manchas coloridas abstractas e duma tela em branco simplesmente assignada, há um género novo muito seu, que ele próprio baptizou — *Inopino* — constituído por manchas que sugerem *inopidamente* aspectos irrealis que tanto podem afirmar-se com uma observação demorada como desvanecer-se a um olhar atento — tal como as núvens fantasmagóricas, os espectros gesticulantes das árvores imersas em névoa, os efeitos da luz mal coada num quarto obscuro quando a gente julga ver máscaras Goyescas, fantasmas fugidios, garras que se alongam...

Disse um crítico a todos os respeitos ilustre e sensível que António Leite voga, com o seu pincel, entre o realismo da Vida e a nebulosidade do subconsciente e duma intuição pouco nítida e eu achei bem feita essa observação, porque na verdade António Leite tanto se deixa prender pelo mundo real, visível e palpável, como é atraído pelo inverosímil e obscuro, algumas vezes misturando-os como quando nós, imersos num semi-sono ou numa semi-vigília, não sabemos onde o sonho acaba e onde começa a realidade da vida que em nós e à nossa volta abre os olhos e desperta...

Que este passo da sua exposição no Porto seja para António Leite um passo marcante — e ilucidativo — na sua carreira artística e que um dia próximo se possa determinar em António Leite um rumo definido, apontar-lhe progressos substanciais e constatar que não era infundamentada a fé que ele inspira em mim e em muitos.

Oliveira Guerra

O PINTOR PESQUEIRA SALGADO

por OLIVEIRA GUERRA

Chegados a Caldas de Reyes houve que cortar à esquerda e seguir uma bucólica estradinha de segunda ordem, correndo entre verduras e lugarejos calmos. Ao fim de alguns quilometros, uma quase verêda que terminava algures e o carro ficou ali, para continuarmos a pé por um caminho aldeão e chegarmos, alguns minutos depois, deante dum prédio de sobrado, todo o granito duro à vista, com um aspecto de remedeio modesto na vida. Era ali a casa de Pesqueira Salgado.

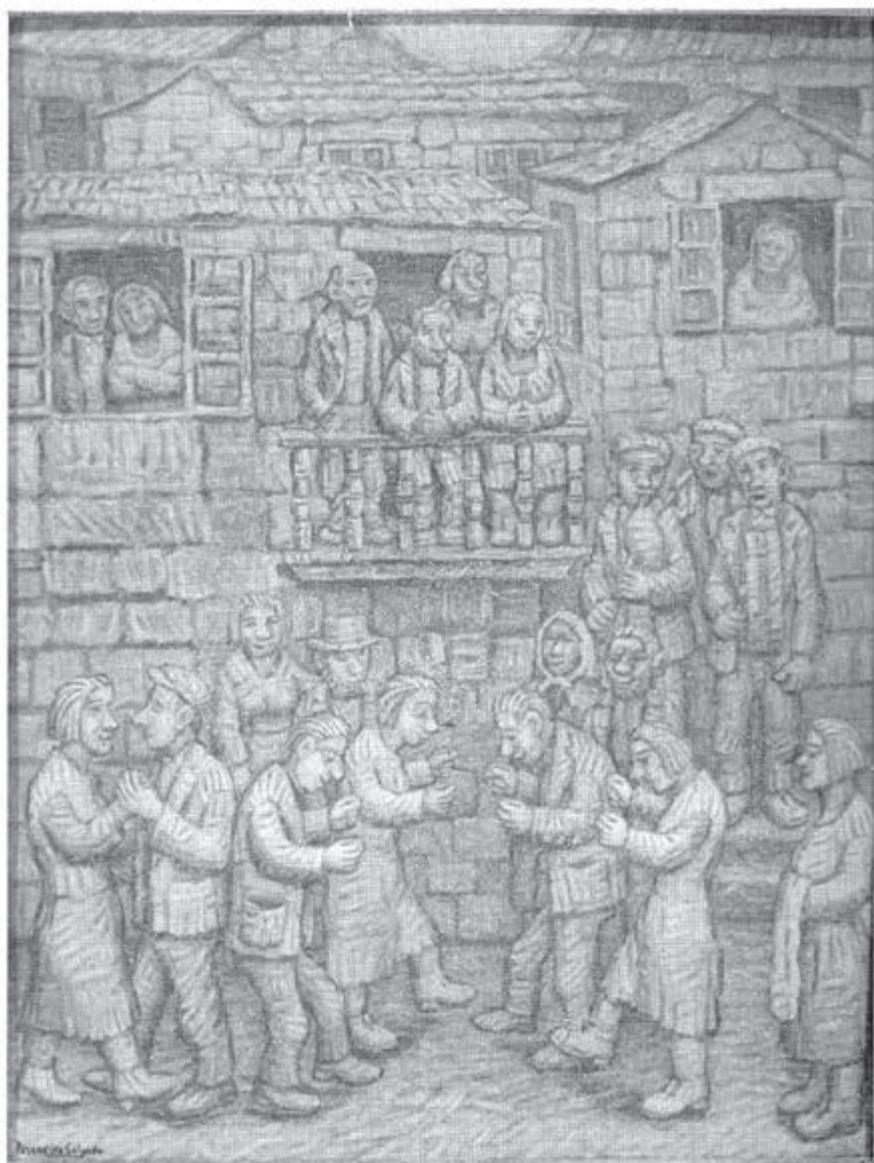
O artista recebeu-nos ao cimo duma escadita de pedra, convidou nos a franquear uma porta e vimo-nos no seu atelier, uma sala regular com duas mesas, cavaletes e muitas telas em redor, encostadas às paredes. Via-se mal, mas Pesqueira Salgado quiz mostrar-nos a sua pintura e era mais que natural que eu quisesse vê-la. E então, com esforço, dada a sua deficiência física em que não reparei de começo, mas ajudado depois por mim, começou de passar os quadros pelo cavalete, descendo um, subindo outro...

Fiquei especado, porque não esperava nada daquilo e à medida que as peças iam desfilando deante dos meus olhos, eu ia fazendo uma íntima definição do pintor e da sua Obra, definição que nascia menos duma observação e duma análise atentas que do impulso emocional que se esboçou dentro de mim...

Pesqueira Salgado não se prende com formulas alheias, generalizadas, têm a sua fórmula. Lembrou-me um pouco a sua técnica o pontilhismo francês que sobre veio em França à Escola impressionista, com a grande diferença de que em vez das breves, rapidíssimas «touches» de pincel dos pontilhistas há na pintura do pintor galego pinceladas curtas e grossas, certas, paralelas, uniformes. Com esse seu geito de desenhar e pintar (porque o faz simultâneamente, segundo me pareceu) e usando cores sobrias, quase escuras, Pesqueira Salgado virou-se a retratar a sua gente, o povo da sua terra, o povo galego em todos os momentos da vida: No trabalho do campo e das eiras, nas fainas caseiras, no gáudio das tabernas, lidando ou folgando. A natureza é

precária como elemento da sua pintura ou secundária, mero acessório, pano de fundo distante ou próximo, mais convencional, episódico ou simbólico do que real e efectivo. A paisagem não é assunto ou motivo...

194



O povo, esse, sim. Pesqueira Salgado é, a seu modo, um pintor do povo galego, poderíamos dizer o pintor do povo galego, porque ele

não se preocupa senão com o retrato do povo. Pinta o seu drama satirizando-o, usando o riso e a angustia de Charlot, dando-nos com as suas pinceladas curtas, largas e certas, uma humanidade mesquinha e pobre, triste e divertida, sonhadora e laboriosa, feita de pequenos bonecos humanos baixos e grossos, de perna curta, face cavada, boina no cucuruto, que se agita trabucando no terruño e bailando nos terreiros ao som da gaita de foles, debaixo das janelas em que há risos e olhares gososos. O drama do povo galego está ali todo, naquelas telas que parecem crúeis, mas que são quando muito imagens dum espelho um pouco convexo em que o próprio artista se revê e em que ele sempre viu, com algumas deformações ampliadas e em cores tristonhas, novoentas, as gentes da sua terra...

Nós sorrimos, mas com tristeza e sem vontade de rir, tal como quando dantes víamos as comédias Chaplinescas. Nós sorrimos daquelas figurinhas infantis, desenhadas laboriosamente, com a ingenuidade de meninos desenhadores, mas sente-se que Pesqueira Salgado não tratou os seus irmãos com ar de môfa e pelo contrário com uma grande, uma imensa piedade, com lágrimas compassivas e fraternas, com sentimento de inteira solidariedade humana. E ajudando o seu pobre braço estropiado a retirar do cavalete a última tela, havia dentro de mim uma simpatia autêntica e profunda por aquele homem pequeno, de expressão um tanto seca, que pinta com a mão esquerda e vive obscuramente, no meio duma aldeola perdida algures, a retratar a fisonomia, a alma e o drama da sua gente, do tristonho e cismático povo galego!

IMPRESSÕES DE LEITURA

por OLIVEIRA GUERRA

A OBRA ESPANHOLA DE CAMÕES

dos Doutores VIEIRA DE LEMOS e JULIO ALMOYNA

196



Doutor Vieira de Lemos



Doutor Julio Almoyna

Antes de mais nada, assinala-se este aspecto simpático e interessante de trabalho em cooperação do Dr. Júlio Almoyna e do Dr. Vieira de Lemos, um galego e um português irmanados e de mãos dadas, estudando, analisando e interpretando amorosamente e, por fim, divulgando uma parte considerável da Obra de Camões, essa parte espanhola tão mal conhecida que muitas e muitas pessoas

de razoável cultura não se lembram sequer do bilinguismo do nosso grande Poeta e de que os espanhóis podem muito justamente orgulhar-se de o terem como um dos maiores líricos da sua língua.

Obra notável de divulgação destinada a pôr em destaque essa parte espanhola da poética Camoneana, o seu mérito, contudo, não reside somente no perfeito cumprimento dessa bela missão, visto que o tomo das líricas e do teatro em castelhano é acompanhado duma resenha panorâmica e esclarecedora da época de Camões, resenha esboçada com larguesa de traços impressivos que nos dão bem o clima em que o Poeta viveu e cumpriu a sua missão; e, de seguida, dum capítulo em que é focado o fenómeno do bilinguismo daquela época e mormente o de Camões; dum bosquejo da vida agitada e maravilhosa do Poeta, em que há tamanhas obscuridades; dum lúcido e brilhante estudo da sua lírica; doutro do Camões épico; doutro do Camões dramático; e ainda duma apreciação curiosa do Camões visto pelos espanhóis e, por fim, duma nota muito curiosa também das influências espanholas sobre Camões.

A resenha da sua época é, como já disse, um esboço feito a traços largos e impressivos, dando-nos a Renascença que, na opinião de Menedez y Pelayo, foi quase que o producto duma longa e lenta preparação da Idade Média e dando-nos por fim, no ambiente histórico, político, social e renovador da época, Luis de Camões como

producto, o mais extraordinário producto da Renascença que ele melhor que ninguém incarnou e simbolisa, que ele veio ao mundo para simbolisar. André de Resende, Garcia da Orta, Francisco da Holanda, Pedro Nunes, Damião de Gois, Leão Hebreu, Francisco Sanches Aires Barbosa e tantos outros foram grandes vultos dessa época em que tão súbita e pujante evolução se operou na vida dos homens e dos povos, mas Camões foi entre nós o pináculo e um dos maiores pináculos do mundo.

É bem anotado, embora o seja suscintamente, o fenómeno do bilinguismo da Renascença Portuguesa, de quase todos os homens da Renascença e também, porisso, de Camões — fenómeno esse de resto tradicional nas literaturas hispánicas que eram como que, digamos



Camões lendo os «Luziadas» aos frades de S. Domingos—estudo para o célebre quadro de António Carneiro, depositado em Casa de Oliveira Guerra

assim, vasos intercomunicantes. Nos séculos XI, XII e XIII, o Galai-co-Português era usado na poesia lírica por galegos e portugueses, castelhanos e catalães, enquanto que para as canções de gesta era por todos utilizado o castelhano. Nos séculos XIV XV e XVI acentuou-se o uso do castelhano entre nós, com o começo da Renascença e com a influência exercida sobre os poetas portugueses por Garcilaso e Boscan, iniciadores da nova época na Península, e também por Herrera. Os drs. Vieira de Lemos e Almoyna denunciam, além da eclosão do movimento renascentista, as razões históricas, políticas, sociais, religiosas, etc. que explicam o incremento dêsse bilinguismo que, exceptuados Bernardim Ribeiro, António Ferreira, Frei Agostinho da Cruz e Gorge Ferreira de Vasconcelos, se estendeu aos maiores cultores de letras entre nós, o que era mais uma marca de europeisa-

ção do que um sintoma de desnacionalização. Menendez Pelayo atribui esse fenómeno em Portugal «a uma força de vitalidade do génio português que sem menoscabo da sua feição popular, consentiu o emprego prosmício de duas línguas literárias». O próprio D. João IV escreveu em castelhano a sua «Defesa de la Música Moderna», a «Diana» de Gorge de Montemor adquiriu foros de peça célebre e Pedro Nunes explicou, como que por uma espécie de pudor, pouco usual, as razões que o levaram a escrever em castelhano o seu tratado de Matemática e Algebra.

É quase tudo impreciso e vago acerca da vida de Camões, possível descendente dos Camones de Pontevedra, nado em Coimbra, Alenquer ou Lisboa, educado na Cultura humanista de Coimbra, e no contacto do tio, afoito espadachim, sensual e gosador da Vida, navegante e guerreiro, herói e miserável, pedinte e argentário de talento, vivendo de fraca tansa e de esmolas e morrendo porfim ao desamparo para ser levado à terra envolto num lençol da casa de D. Francisco de Portugal. Almoyna e Veira de Lemos nada poderiam dizer de interessante neste capítulo da vida de Camões, em que quase tudo é nebuloso, onde quase tudo são meras hipóteses

198

Outro tanto se não pode dizer quanto aos capítulos em que é feito o estudo da sua Obra, a começar pela Lírica que é objecto duma análise sucinta e ao mesmo tempo larga, ligeira mas arguta, o mesmo se podendo dizer do Épico e a seguir do Dramático. São sem pretensões a profundidade, sem a aridez dos tratados exgotantes e tantas vezes nebulosos, escritas antes com uma leveza que não exclue interesse apaixonado e circunspecção e intensidade. São páginas que se lêem e relem com sincero gosto porque relembram, ilucidam, compendiam e não fatigam, são ensaio branco e luminoso ao alcance de todos os entendimentos e de todas as sensibilidades.

Vem depois um capítulo interessantíssimo — Camões visto pelos espanhóis — que apetece transcrever no todo ou em parte, um outro também curioso — Influências espanholas em Camões — e por fim uma nota ilucidativa acerca dos textos Camoneanos em Espanhol, logo seguida desses textos, cuja publicação constitue o móbil do livro. Nada mais interessante que seguir a curva ascencional e decrescente das composições líricas de Camões que foram sendo aumentadas, reduzidas, de novo somadas e de novo diminuídas no espólio do Poeta, nas várias edições que se sucederam durante séculos, isto ao geito dos diversos editores e como resultado dos estudos feitos e dos critérios seguidos. Essa evolução atingiu as composições espanholas e chegados ao fim fica-se a pensar nos vários estudiosos (Visconde de Juromenho, Prof. Marquez Braga, Dr. José Maria Rodrigues, Afonso Lopes Vieira, Pr. Costa Pimpão, Ernani Cidade, etc.) e a considerar onde estará a verdade exacta do que foi a produção lírica camoneana. Alguma peça teria nascido da alma doutro poeta contemporaneo e essa alma teria exultado além, com a glória de ter deixado alguma coisa que se confundisse com a poética do maior poeta da sua época...

ISIDRO CONDE

O ENSAISTA E O POETA

«EL VERSO BLANCO EN LA POESIA ESPAÑOLA», Ensaio. «TIEMPO», Poema



«La Noche» de Santiago de Compostela começou de publicar o ensaio «El verso blanco en la poesía española» que Isidro Conde tinha lido na «Casa de la Cultura de La Coruña» em 9 de Abril e foi naquele fascinante jornal (o único na Península que mantém uma página de Artes e Letras diariamente) que em 13, 20 e 31 de Maio eu tomei conhecimento com o ensaísta e o seu trabalho. Vim a acabar a leitura pouco depois, já na posse do pequeno volume editado, que o autor, entretanto, achou por bem enviar-me com uma carta generosíssima, de louvor entusiástico acerca da «Céltica».

Isidro Conde entra de focar a dissociação verificada entre a Poesia actual e o «público municipal e espesso» de Rubens, e atribue francamente esse fenómeno de dissociação à extrema preponderância actual dos poemas sem rima nem cadência métrica que, carecendo inteiramente da música rítmica grata ao ouvido e à memória, parece ter tornado mais difícil a completa compreensão dos seus elementos íntimos «en los que el poeta ha puesto, de acuerdo con su realidad existencial, una cargazón emotiva e emocional». Nota, entretanto, que esse divórcio não é apenas de ordem métrica mas também conceptual e que essas diferenciações coincidiram com um resultado plenamente negativo para a mútua compreensão e para um desprezo absoluto pelos valores anímicos, humanos e passionais da poesia...

Estas conclusões são algum tanto fáceis de compreender para quem, como eu, bastantes vezes tenha pensado no assunto — e com elas estou plenamente de acordo. De todas as formas da Arte tornadas convencionais pelo uso e pelo tempo, o povo adota sempre, logicamente, as mais simples, aceitáveis, primitivas e é ele que as conserva e cultiva até, atravez os tempos. Todas as formas que contêm ritmo e música são as mais aceitáveis para o povo, na música e na poesia. O ritmo, a cadência, foram sempre os elementos mais assimilados ou aceites e mantidos pela memória, nos usos e nas tradições, e sempre que os artistas fugiram para formas evolutivas e cultas em que preponderam a aritmia, a assimetria formal ou estética (digamos assim) criando as linhas sinuosas e volúveis da música pura e mais tarde da poesia livre o povo não os acompanhou, porque lhes faz falta a estrutura-

ção primitiva, rítmica e cadenciada, as frases certas e medidas e metódicas. A coincidência apontada e muito bem por Isidro Conde, da destruição da métrica e da abolição da rima com a evolução expositiva dos temas e assuntos, às vezes muito intelectuais e outras vezes apenas muito confusos — essa coincidência, dizia, agravou o mal e mais afastou o povo da poesia moderna, isto não somente na Espanha como entre nós e em toda a parte, ao que parece.

Isidro Conde cita entretanto o facto de não se poder considerar inovação do nosso tempo a rutura com as formas antigas, metrificadas e rimadas, e lembra os poetas espanhóis Garciliano e Boscan, introdutores em Espanha das formas renascenticas e que (talvez Isidro Conde não o saiba) tanto viriam a influir na eclosão da Renascença Portuguesa, em Sá de Miranda, ao regressar este da Itália, em Camões e em todos os creadores da nossa Renascença. Eu desconhecia esse pormenor daqueles grandes poetas espanhóis, os maiores do seu tempo, introdutores na Península do soneto de Petrarca e dos demais mestres italianos, terem sido autenticos precursores das formas livres dos nossos dias e direi a propósito que além de Garciliano e Boscan e no que respeita a ausência da rima, noutras épocas e com muitos outros poetas se verificou isso. Basta lembrar a grande Rosalia que numa grande parte dos seus poemas abdicou totalmente da consonância.

Termina Isidro Conde por admitir o regresso às formas clássicas para que se dê também o regresso do povo à leitura e à compreensão da poesia, e fala do movimento preconizado por Jean Cocteau — «Revenons à la rime» — que me faz pensar no movimento que também parece esboçar-se agora em França e no campo da pintura, do regresso ao figurativo — a um figurativo que sobrevem do abstracto — como dizia ultimamente na «Céltica» o pintor Carlos Carneiro.

A propósito de tudo isto, ocorre-me lembrar que em oposição aos poetas que alguns anos atrás exigiam sempre da sua inspiração uma carga sentimental ou emocional muito densa, às vezes densa demais e falsa e fatigante, surgiu com as liberdades formais um geito de *fabricar* poemas em que, umas vezes, há uma confusão misteriosa de ideias que constituem como que um deplorável arremêdo do ocultismo do nosso Fernando Pessoa, homem extraordinariamente dotado para explorar poéticamente o inexgotável filão das ciências ou doutrinas psíquicas. Lembrarei também que surgiu, noutros casos, a *fabricação* de poemas que se realizam pelo enfileiramento de palavras e frases sem grande nexos, sem sentido, sem qualquer conteúdo lírico, sem beleza de qualquer espécie, poética, verbal ou rítmica, e que são mais propriamente nacos de prosa cortados aos bocadinhos, arbitrariamente, como que ao acaso. Mais do que a ausência de rima e de cadência e de conteúdo espiritual, sentimental ou poético, não será esse verbalismo oco, às vezes exclamativo e idiota, o que deixou de sensibilizar a sensibilidade chã e contudo tão apurada do povo? Os autores dessas maravilhas passam, entretanto, de cabeça erguida, ufanos e chispanes, convencidos de que, com meia dúzia de peças

de tal jaez, deram provas de genialidade e construíram *um nome literário*...

* * *

Com o seu ensaio mandou-me Izidro Conde o seu poema «Tiempo» que o poeta foi escrevendo enquanto a areia corria na ampulheta, muito embora ele diga a abrir um magnífico soneto:

No pasas. No caminas. Sólo eres
un eterno presente...

Isidro Conde é um poeta autêntico, não somente porque escreve poesia, a poesia que lhe escorre da alma, mas precisamente e sobretudo porque a Poesia vive com ele, na sua alma, no seu coração, na sua vida, na sua casa. Posso dizer-lo porque o senti desde o dia em que ele me bateu à porta, numa furtiva visita, até ao dia em que bati eu à porta dêle, em Santiago.

Isidro Conde, que se exprime em formas livres com um à vontade perfeito e sem perda de emoção, está contudo dominado pelo espírito que modelou a sua formação intelectual, a sua formação clássica, e os seus sonetos, dos quais já foram publicados dois na «Céltica», postos em linguagem portuguesa por Gilka Machado, são duma técnica perfeita, de precisão rítmica, de cadência silábica total e matemática. Daí, dessa predisposição creada em si para a cadência, para a eúritmia — daí o fenómeno da sua poesia livre ter sempre uma cadência perfeita e grata ao ouvido. Os seus poemas podem não ter as sílabas contadas nem rimas, mas há sempre neles um ritmo aliciante.

Isidro Conde, além desse aspecto formal dos seus poemas é um grande emotivo perante os espectáculos da natureza, um grande colorista. Seria um grande pintor se pintasse, porque o é quando descreve...

Llena de luz y sol,
sobre la tibia arena reclinada
mientras el mar te besa
las plantas de tus pies a la orilla.

.....

El trigo amarillea
con un brillo dorado de monedas
que se deslisan,
agua,
entre los dedos.

Sol atado en gavillas,
y unas voces:
— agua, calor, calor, agua...

.....

Conjuncion imperfecta de las cosas:
el agua, los colores, y la brumas,
los árboles desnudos y las plumas

como alas viejas de las mariposas,
y ese encaje de formas caprichosas
que dejan, en la arena, las espumas.

Poemas feitos em honra das estações e dos meses do ano, serviram eles a Isidoro Conde para se excoarem as suas facultades de artista, para dar liberdade ao seu gosto de apontar, desenhar, colorir, num descrever gostoso e quase voluptuoso, numa embriaguez que o toma nesses momentos em que surge o fenomeno creador do poeta. Isidro Conde não aparece como um poeta torturado. Ele é como que um poeta virgiliano, amante da vida e da natureza, da luz, da cor e da Beleza, respirando a largos haustos, sorvendo e saboreando a vida com deleite de artista...

202

F. JAVIER CARRO

ESTREIA POÉTICA: «EL DOLOR DE LA CARNE»



Santiago, Setembro. Realizava-se a homenagem ao poeta de Rianjo. Decorria a festa pagã do «Albariño» com a assistência de escritores e líricos, com discursos inflamados e algumas coisas picarescas. Aparecia nos escaparates a «Escola de Menciñeiros». Os jornais falavam da «Celtica» e do «Circulo de Estudos Galaico-Portugueses», a propósito das minhas andanças na Galiza. Mas sem dúvida o mais notável de tudo quanto estava decorrendo naquela primeira quinzena de Setembro foi o aparecimento, nas letras galegas, dum novo poeta de valor, novo e muito jovem, que me fôra dado conhecer dias antes nas salas de Isidro Conde, naquele venerável prédio do «Banco de España», frente às

Platerias.

Nessa minha passagem para o Norte, fora-me anunciada a próxima estreia e fizera conhecimento com o juvenil poeta. Olhei-o e pensei numas primícias ingénuas e enternecedoras. Ao regressar da minha volta em volta da Galiza e ao reentrar na Rua do Vilar, vi-me com o livrinho nas mãos e li 4 palavras singelas que me comoveram, escritas pelo punho do autor: «Ao poeta e amigo dos poetas» e fiz

uma rápida leitura dos primeiros poemas e esqueci não sei como a juvenildade daquele rapaz de 17 anos.

Isidro Conde, que saíra dois dias antes para as colunas de «La Noche» a anunciar com ar festivo e camarada e paterno o evento poético, diz e diz muito bem: «Francisco Javier Carro ha escrito su primer libro con toda la seriedad de un autentico poeta y con toda la profundidad de un hombre. «El Dolor de la Carne» que empezamos a sentir en la dedicatoria escueta y emocional «A mi madre muerta», continua hiriendonos hasta la final estrofa del libro». E eu senti-me tanto de acordo com estas palavras singelas de apreço e com tudo quanto disse Isidro Conde, que estive vai não vai para transcrever pura e simplesmente a sua crítica, fazendo minhas todas as suas expressões.

Javier Carro, de facto, na idade em que se dizem habitualmente puerilidades amorosas, próprias do misterioso e alvoroçante despertar do amor — Javier Carro surge-nos com uma voz grave e sonora, falando de coisas profundas. Seria a morte da Mãe que lhe teria deixado aquela vibração, aquele tanger solene que começa com o título do pequeno livro e vai de facto até aos ultimos versos? Parece que sim.

203

Con el cielo caído sobre mis ombros,
caminho sobre las huellas que tu dejaste.
Me confundo con el silencio de tu sombra
en el aire,
en los árboles,
en los vuelos de los pájaros,
en las alas partidas de mi vida.

E além, a angustia parece que se confirma:

Señor,
me estoy ahogando en el vacío,
en el enorme vacío de mi nada.

e se este vazio da vida, aos 17 anos, revela com sinceridade um estado de alma que a fisionomia sombria do poeta como que parece confirmar — esse vazio, ia dizendo, só pode na verdade provir duma predisposição doentia dum espírito ou constituir o resultado duma desgraça muito sentida.

Há, contudo, uma esperança, como não podia deixar de ser:

Espero.
Espero,
apoyado en la baranda de la vida,
mirando inmóvel y fijamente
el vértigo hambriento y negro de la muerte.
.....
Espero.

E eu e todos ficamos esperando também. Eu e todos ficamos esperando, que melhor ainda que o magnífico lirismo deste poeta tão novo e tão sério, tão jovem e tão adulto na arte de dizer a dor, seja este seu primeiro livro uma grande promessa que venha a cumprir-se, uma brilhante promessa que venha a manifestar-se em Beleza cada vez maior, para enriquecimento da Literatura Galaica.

ANTONIO TOVAR

AUTOR DE «EL TREN Y LAS COSAS»,
PRÉMIO DE POESIA «MARINA» 1959

204



Foi bom que na minha passagem por Orense, para visitar Pura Vazquez, eu tivesse conhecido António Tovar, aquele António Tovar de olhar calmo, tristonho, como que ensimesmado, com um vago, muito vago sorriso às vezes à deriva, a barba cerrada por cortar, camisa desapertada e um todo «negligé», o todo próprio duma vida que se faz muito mais no interior que no exterior. E foi bom esse conhecimento com ele tal qual ele é, porque eu agora compreendo e sinto muito melhor o poeta, o poeta triste, não daquela tristeza profunda e lancinante dos grandes dramas, mas daquela tristeza

lenta, parada, provinciana, cismática, daquela tristeza céltica como eu já disse numa carta para Benito Fernández Alvarez, própria dos seres que se concentram na sua alma e na sua pequena terra, nos seus horizontes fechados, que de fechados que são obrigam os olhos a mergulhar dentro do próprio ser...

Antónios Tovar não faz esgares de angústia, não toma atitudes dramáticas como as que tomavam os ultraromânticos e como as que tomam agora os «ultrahumanísticos», aqueles que andam a descrever toda a tragédia do homem, como se não fosse o próprio homem que forja a própria tragédia, cada um contribuindo um pouco para a tragédia humana que começou com a maçã do Paraíso e continua porque cada homem não quer uma, mas muitas maçãs. António Tovar não chora lágrimas pungentes porque isso não está no seu temperamento nem na sua honradez nem no seu critério artístico. António Tovar, agarrado ao cotidiano, fala com seriedade de menino meditando ou sisudo, contempla a sua Orense, calcurria os seus caminhos, fala do meio, das coisas mais triviais da terra, diz naturalmente o que se passa, o que vê e o que sente e fa-lo com aquele seu ar plácido e tristonho com que vai enrolando o cigarro grosso e dizendo algumas palavras calmas...

...como de mi
no quiero
hablar ya más...

...hablaré de ajenos
seres, cosas y días;
de lo que veo,
lo que palpo por mis cinco sentidos;

fala daquele comboio...

Mi casa estaba junto al río,
el río iba corriendo
al mar en cataratas
de un rumor paralelo
al del tren que silbaba
lejano, ya perdiendo
su voz por geografías
hundidas en mi sueño.

205

fala do cão que ladra, lúgubre, no silêncio do luar...

Pierro desconocido, di: ¿qué viste,
qué mal agüero viste en la luna?

fala dos loucos, daqueles loucos que passam na nossa infância...

La Siete sayas
la loca de mi infancia, Emilio
el rey de las montañas con su cetro de tojos,
la Elvira de las flores...

fala dos magustos...

Magostos del otoño
com castañas que estallan
y el vino rojo en las gargantas...

fala da estação velha...

Estación vieja...

En tu quiosco
de libros y revistas
compraba una novela...

fala do passeio dos domingos...

La tarde de domingo...

Cercano a la ciudad
las familias pasean
con niños de la mano,
tediosas, sonolientas...

fala do braseiro familiar...

Aqui, junto al brasero
familiar de la madre,
los hermanos, la Susa y este gato,
se está bien, es está bien...

fala do enterro do parente:

Hoy fomos a su entierro...

La viuva, los hijos,
todavía lloraban. Allí duerme.
Es hoy el primer día de su olvido.

fala da morte do suino:

Esta mañana,
cuando zumbava el viento entre los arboles
con un zumbido generoso,
un pobre cerdo derramaba su sangre...

E António Tovar, que não quer falar mais de si, para nos ir falando nas pequenas coisas da vida e da sua terra, vai-nos dizendo entretanto muito de si mesmo, porque tudo quanto ele objectivamente nos diz passa pela teia delicada da sua sensibilidade de poeta e cismador. Um dia, depois de alguns livros publicados e de alguns êxitos nos jogos florais tão frequentes na Galiza, terra de poetas por excelência, um dia António Tovar vem aos Jogos Florais de Guimarães onde arranca o 1.º prémio de Poesia Lírica, e aí o vemos no seu fato de festa, dizendo o seu poema premiado perante a assistência galaico-portuguesa do restaurado e festivo Palácio Ducal e perante os microfones da nossa Emissora Nacional...

SERAFIM FERREIRA

E O SEU LIVRO DE CONTOS

«NOITE DE LIBERTAÇÃO»



Continua-se a ter como verdadeira sabedoria a velha sabedoria que manda aos novos escrever e guardar na gaveta, à espera de que o dia de amanhã amadureça os verdoengos frutos, refaça a ideia, ilumine a expressão, melhore a frase, mas eu estou hoje em crer que esse é um critério que não se deve seguir teimosamente, como eu o segui, porque o artista precisa do contacto com o público desde a primeira hora, da experiência que dêesse contacto lhe advem, do amadurecimento feito à luz do dia e não na escuridão da gaveta. Cada livro será um degrau e, dos sucessivos degraus subidos, resultará o acesso a uma posição mais ou menos elevada, a um êxito, a um nome, e, em suma, um me-

lhor conhecimento do rumo a seguir para chegar a um cimo definitivo...

Se tivessem seguido esse critério de se fecharem na gaveta, F. Xavier Carro de quem acabo de falar não teria publicado «La dolor de la carne», nem Serafim Ferreira o seu pequeno livro de contos «Noite de Libertação»; não teriam eles experimentado a sensação de se verem em livro e nos escaparates e nas colunas da crítica; não seriam por isso ilucidados pelas opiniões alheias; não poderiam formular um juízo tão nítido acerca do que eles sentiram, pensaram e escreveram; não teriam tão certa a consciência do tal rumo a seguir...

Serafim Ferreira, jovem da sua época, não faz contos lilazes com pequenas tramas romanescas, faz «clichés» sérios e realistas, às vezes crús, iluminados por uma claridade baça e nevoenta que nem sempre bate frontalmente mas em contra-luz, de esguelha. Fotógrafo deambulador e notívago, poderíamos até dizer que é o luar dos meses frios que ilumina as cenas e nelas projecta as figuras, umas vezes bastante recortadas e outras vezes com os rostos perdidos na sombra, e que essas figuras só poderiam ser vistas assim, com essa nitidez ou essa fluidez a branco e preto dos «clichés». A linguagem (linguagem fotográfica) surpreende muitas vezes pelo imprevisto, pelo que diz e pelo que deixa adivinhar, e há em cada conto não o desejo de fazer um enquadramento perfeito, estudado, do assunto, com uma prévia preparação do todo (cenas e figuras e luz) mas apenas o desejo de fotografar negligentemente, focando um tanto ao acaso e apanhando pedaços de figuras e pedaços de almas...

Dessa falta de prévia preparação fotogénica, resulta que há um rosto que surge com nitidez perfeita e uma expressão que fica imprecisa, mal focada, nebulosa — e o linguarejar do contista nas narrativas e nos colóquios é aqui numa clareza meridiana e acolá numa claridade fôscas, às vezes até um tanto confusa. Mas quem não gosta da neblina sobre a cidade e dos efeitos que ela produz quando envolve as árvores, os candeeiros gotejando luz, as pessoas deslizando nos passeios, junto aos prédios, como sombra ou fantasmas? Quem não gosta das fotografias em que a nitidez do recorte é substituída por uma focagem diluída em sombra, misteriosa e imprecisa?...

O livro de Serafim Ferreira é uma boa promessa, a promessa dum ficcionista que, com os pés calcurreando os lagedos das ruas, nelas vai argamassando o barro com que há-de modelar em livros futuros magníficas figuras e magníficas cenas da vida, da vida real transformada em arte. Não foi apregoado aos sete ventos, apareceu-nos com a sua feição gráfica muito moderna mas sem o espanto das anunciações estridentes, e o autor, modesto, simples e calado, parece que sabe onde vai, mas não o diz a ninguém, conscio ou quase conscio de que os outros saberão ver, sentir e compreender onde é que ele pode ir...

208

Oliveira Guerra

FALTA DE TEMPO

São muitos os livros que me têm sido enviados por portugueses e galegos, sobretudo por galegos, e dos quais não me foi possível revelar até agora as minhas impressões de leitura pelo simples facto de nem sequer ter tido tempo para os ler.

Quando este encargo de apreciar livros recebidos for entregue a mais alguém (com melhores condições para o fazer do que eu) e a «Céltica», como elemento de difusão do «Círculo de Estudos Galaico-Portugueses», tiver uma saída frequente e regular, por certo que se cumprirá melhor para com os escritores e poetas, que enviam os seus livros e esperam que se fale deles. Até lá, perdoem.

O. G.

O MILAGRE QUE SÃO GERALDO NÃO FEZ

por COSTA BARRETO

— Ó Brígida, Brígida! — chamou, inquieto, o João.

Mas o seu pelozinho não teve resposta. E o rio continuou a fabricar o seu frio e pardo manto de névoas. Sob o beiral do telhado, pipilando, as andorinhas ainda se metiam ao paleio, e, na outra margem, os casais incensavam a calote do céu, com os fumos da ceia. Mansamente, que um anjo, afeito à eternidade, nunca tem pressa, a «hora d'Anunciação» descia sobre o vale, no embalo da sinfonia dos campanários de aquém e além Minho.

O céu foi-se enchendo de estrelas, e as encostas fronteiras também, com as luzes dos seus candis. Perto, talvez na eira, um cão uiu, e o seu funéreo lamento, entrando através da janela escancarada, pôs um calafrio na alma do João. O menino quase se sumiu debaixo do lençol. Só os seus lindos olhos azuis ficaram cintilando, na moldura loira dos cabelos e resvés com a dobra daquele. Oh, os olhos do João eram duas estrelinhas que o firmamento chorara sobre a brancura do linho; mas estrelas trémulas, medrosas...

— Ó Brígida, Brígida!

E a Brígida sem aparecer; e as bruxas a cirandar; e o João, num gagueio:

*— Óca, marnóca,
três vezes óca;
pé no freio, freio na boca;
lista, contista,
três vezes lista:
S. Pedro, S. Paulo, S. João Evangelista
derredor da nossa casa assista.*

E se calhava elas virem negacear à janela, mostrando-lhe a caraça incendiada e hexigosa, o bico de papagaglio da nariganga? E se o Herzabu também entrava na companhia, com os seus pés forçados de cabra, o corninho branco, a capa à espanhola e o cheirete a enxofre? Ui, ui, que medo! E o coraçãozito do João — tiquetaque, tiquetaque — era um cavalo metido a galope.

— Ó Brígida, Brígida! — balbuciou ainda, numa derradeira e aflitiva súplica.

A porta rodou suavemente e a velha criada surgiu, enfim.

— Antóum, meu rico menino? Antóum... — amimou-o, passando-lhe, leve qual pluma, a mão calosa e encarquilhada pela testa, volvida em neve mercê do susto.

O seu olhar desceu simultâneamente, meigo como o do cão fiel,

sobre o da criança. E as bruxas logo fugiram; e o João divorciado delas, pedinchou:

—Ama, conta-me uma história, uma história para eu nanar!

—Qual?: A de Santa Catrina? A de Jesus e os Orfãozinhos? *Foi o Senhor ficar na casa d'um próbe e morreu de noite hóm'e mulher...*

—Essa não: outra, outra!...

A Brígida calou-se e os seus olhos mergulharam no vão da janela e prenderam-se à fita de prata do rio. E ela e o rio puseram-se a conversar. Uma estrela cadente riscou a concha turquesada do espaço. E João, lobrigando-lhe o rasto luminoso, disse num cicio: —Deus te guie. —Mas a Brígida sem ver ou escutar, por que o rio encantara a Brígida. Nos seus olhos, o cansaço da velhice substituiu-se pela chama, que deve fulgir nos do poeta, quando os empolga a inspiração. E os seus olhos, às vezes afastando-se do rio, pousavam nas margens...

—Ó Brígida, Brígida! Porque tardas com a história?

A velha ama mantinha-se, porém, surda, e o João pôs-se a examinar as paredes caiadas do quarto. E de repente, avistou uma centopeia.

—Ai, Brígida; uma centopeia, uma centopeia!... —gritou, angustiado.

Então a velha ama, acordando do seu sonho e deparando com o bicho, exclamou: —*S. Bento te tolha, S. Bento te tolha, S. Bento te tolha...* —E a centopeia não se tolheu, mas fugiu; e o cachopito novamente implorou.

—Brígida, a história

—*Nana, meu menino, nana*

Já se me acabou a gana.

—Brígida, a história! —insistiu, teimoso e pisqueiro de sono, o João.

E a Brígida sentou-se na borda da cama, as mãos cruzadas sobre o regaço. O rio, lá em baixo, continuava a verter a sua prata no leito do vale, sob a luz das lanternas do céu. Grilos e ralos entoavam uma serenata bucólica que levava a serenidade ao coração. E no meio da beleza e da paz do Senhor, a boa ama iniciou um lindo narrar ou

O MILAGRE QUE S. GERALDO NÃO FEZ.

—Eh, Paio! —vozeou o arcebispo, escarranchado na Ruça e açoutando-lhe a anca com a varita de marmeleiro.

—Mande, Vossa Mercê! —acudiu o fâmulo, voltando a cabeça e fitando-o do bioco da sua capucha de burel, sem que largasse a brida da andeira e roliça hacaneia.

—Que tempo teremos amanhã?

—*Bôbai a sua cariça: ruivos do mar, velhas a assoalhar...*

—E que cabeça é aquele, que daqui se enxerga?

—*Caduió?* (1)

—Além, em frente.

—Ah, Sta. Tecla, já em coutos e honras da Galiza.

E S. Giraldo reatou a parlenda com as suas câmandulas, entrando por uma nova fieira de Pai-Nosso, Avé-Marias e Glórias-ao-Pai. Ia passante de dois estios, que pela vez primeira assomara às portas da Sé de Braga, a fim de lhe sofrer a mitra e o báculo. E andando, pelas bandas de Caminha, bastas ovelhas arredias do aprisco de Nosso Senhor Jesus Cristo, logo adregou meter-se nos perigos de longada, para chamá-las à razão.

—Eh, Paio! Será aquele o rio Minho?

—É, é, meu *sinhor!*...

S. Giraldo esqueceu a prece. Os casalejos, cortinhas e gentes derredor, aquém e além rio, tão saudosos e calhados uns aos outros como dois frutos de um só ventre, frecharam-lhe com a sua condição mofina a boa alma. E S. Giraldo, ou não fosse a santidade a poesia do céu, encontrou num desabafo, para o fâmulo:

—*Vendo-os assim tão pertinho,
A Galiza e mail'o Minho,
São como dois namorados
Que o rio traz separados
Quase desde o nascimento.*

211

Mas —ai! —, decerto espertado pelo Porco Sujo, que se pelava por desfeitear o seu cabeçudo contrário, logo o servo malsinou:

—*Deixal'os, pois namorar
Já que os pais para casar
Lhes não dão consentimento.*

S. Giraldo era, porém, tido e havido em todas as pirraças, manhas, tentações e outras malas-artes do Inimigo. À guisa de um bom perdigueiro perante a perdiz, ainda longe, já dava pela sua presença. Nariz como o de S. Giraldo? Nanja, nanja houvera, semelho em todos os condados ou reinos de Hispânia. O Mafarrico, num disfarce, a espreitar, e logo ele a fazer o bendito sinal da cruz. Por isso, o arcebispo, presentindo-lhe a finura, redarguiu, benzendo-se:

—*Vade retro, Satana! Vade retro...*

Os sinos de um mosteiro cantaram, neste meio tempo, as Trindades. Surdia o principado das sombras. E S. Giraldo, cabeça pendida sobre o peito, lacrimejava, de coração tanguido pela mágoa do apartamento das terras gémeas. Ah, que se apossou a Nosso Senhor?! E S. Giraldo, soluçando, cogitava num ror de orações, ditas de joelhos em chão duro e frio, durante uma noite inteirinha, a pedir a graça de um milagre.

—Prestes, prestes, *sinhor* arcebispo, que nos pilha o escuro no caminho! Choute, Vossa Mercê, a besta, *Arréh,* Ruça! *Arréh...*

Por obra de uma corrida, venceram algumas centenas de me-

PROSADORES DA GALIZA E DE PORTUGAL

tros. Mas a noite não aguardou e o caminho voltou-se num malparado breu, numa ameaça à gorda colecta de maravedis, que tinham nos alforges e que o primaz amealhara para os seus pobrezinhos de Braga. Que doutras não se temia ele, sob a salvaguarda da sua cruz peitoral, sob a benção de Deus...

Uma luzinha acendeu-se, entretanto, perto. E, de pronto, Paio, entrevendo-a e apontando-a, disse:

— Já havemos pousada, meu amo! Aquilo, pela certa, é casa de lavrador...

— Roga, roga, pois, mercê de guarida, Paio!

*

S. Giraldo sempre fora de estreita manutenção. Uma asa de frango matava-lhe a fome de um dia. Mas, nessa maré, menos do que biqueiro: nem o caldo-verde, de crescida olha e broa migada, nem o melhor naco da salgadeira. E a infusa, onde esbordava, fervescente, o vinhão da última colheita, virgem se manteve dos sus lábios. S. Giraldo não podia comer, por que S. Giraldo penava. E Paio, vendo-o assim tão abanado, em tamanha tristura, galhofou, sob a aguilhoadada do Demo, enquanto enxugava a beijaola, tinta do verdasco, com as costas da destra cabeluda!

— Tô-carocha, que *quem se deita sem ceia, toda a noite rabeia!*...

— Ui, filho, que o Dianho entrou em ti! *Benedicat vos omnipotens Deus, Pater, et Filius et Spiritus Sanctus* — gemeu o santo arcebispo, persignando-se e abandonando a tábua.

— *Gente do Minho, veste pano de linho, bebe vinho de enforcado e come pão de passarinho? Agora. (?) Quem bem come e bebe, bem faz o que deve* — arengou o outro, atochando a boca e agarrando de novo a infusa.

A lua, de carão afogueado, ia-se esgueirando por entre o mosaico das estrelas. Do aposento, com destino ao dormir de S. Giraldo, lobrigava-se o rio, os senhorios de aquém e além Minho. E o primaz de joelhos, olhos presos nas estrelas, via a lua caminhando, a rezar com alma subida aos lábios. Existiam, por toda a parte, estrelas: no céu, na terra e no rio. E o cantar da aragem nas ramarias, o cantar das levadas, era tão saudoso como o das violas de Alcácer-Quibir.

S. Giraldo suplicava a Nosso Senhor: — Tornai o rio em ribeirinho, malferindo o empecilho que aparta as duas terras namoradas. Secai-lhe durante a noite as fontes. — E S. Giraldo, impetrando o milagre, acordava que ainda há bem pouco fora ouvido, quando rogara a cura de Egas Paes, na presença dos senhores condes D. Henrique e D. Tareja.

Pela renitência no feio pecado do incesto, excomungara o fidalgo. Mas este, incitado pelo Grande Mentidor, fizera orelhas moucas e apresentara-se no templo, onde ele, Giraldo, de chinelos de seda, bordados a ouro, luvas, dalmática e mitra, se aprestava para o Santo sacrifício da missa. Lançai-o fóra da igreja, que excomungado está — tropejara para os assistentes. E o endemoinhado desassissára em pala-

PROSADORES DA GALIZA E DE PORTUGAL

vras soezes, a talante de ribalto. Depois caíra sobre as lájeas, esbracejando e esperneando. Carregado para longe, acabados os divinos officios, D. Tareja solicitara-lhe, porém, que curasse o malditoso. E ele, Giraldo, em cujo coração não tinha cabidela o desamor, assim o re-querera ao *Filho*. E Egas Paes logo ficara sãozinho como um pero e de alma sem mazela. Porque não haveria ele agora do ser atendido?

— Senhor, tornai o rio em ribeirinho, malferindo o empecilho que aparta as duas terras namoradas. (Pai-Nosso, Avé-Maria..)

Improviso, casquinou uma voz, num risote desbragado. E uma senhoril dama, os cabelos de azeviche metidos numa coifa apedrada, passou e repassou diante do arcebispo, arrastando pelo chão a longa cauda do seu vestido de veludo escarlata, com bordadura de prata. Se não existira o embargo dos seus olhos, que eram dois braseiros, do pé-de-cabra, mal oculto pelo chapim, e do maneo dos quadris, bem se podia julgá-la alguma santa fugidiça de altar, tão bem-parecida era. E a luz vivente naqueles braseiros constituía um apelo mais imperioso do que chamo de rainha. Mas S. Giraldo, avezado aos ataques de Belzebu, talhou, animoso, o ar em cruz, e a dona logo se volveu num fiozinho de fumo, que se sumiu pela frincha do janelo. E S. Giraldo continuou implorando ao Senhor. Um silvo agudo, penetrante, veio, porém, quase imediatamente arrepiá-lo, interrompê-lo. E S. Giraldo olhou. E que viu S. Giraldo? Oh, uma serpente enorme, toda preta, oferecia-lhe, com sanha, o beijo da sua língua asquerosa e bipartida.

— Acudi-me, Virgem Santissima! — murmurou, em tamanho aperto o coitado.

E a serpente deu um estoiro, desfazendo-se em miríades de fagulhas.

Muitas outras tentações, com vista a desviá-lo da oração, sofreu ainda o santo: a visita de um douto e sisudo teólogo, destruidor da Fé e que buscava convencê-lo da inutilidade do seu propósito; a arremetida de uma chusma de diabos, empunhando aguçados tridentes; e a presença de uma vistosa e luzida embaixada, que lhe ofertava todos os tesouros do mundo, em troca de um bom dormir...

Quando, apesar disso, um galo salvou o rosicler da manhã, S. Giraldo ainda rezava. E só então recolheu ao leito, que cedido lhe haviam os donos do casal.

*

Ressonava Paio a bom ressonar, sobre três braçados de palha de ceiteio, quando a primeira grunhidela dos bácoros na cortelha, chamando pela lavadura, e, depois, o estrondo de um trovão o acordaram. E Paio, engulhado, logo se apegou a Sta. Bárbara:

— *Santa Bárbara se vestiu e se calçou,
seu caminho caminhou,
Nossa Senhora encontrou
E lhe perguntou:*

PROSADORES DA GALIZA
E DE PORTUGAL

*Bárbara, aonde vais?
—Abrandar a trovoada
que no céu anda assanhada,
mandá-la para o monte daninho
onde não haja pão nem vinho
nem bajo de menino.*

—Ó Paio, Paio!—exigiu S. Giraldo.

—Que há, *sinhor*?

—Está de mau cariz o tempo?

—Bofé, que o céu se desfaz em água.

—E o rio?

—De correnteza brava, como em cheia de invernía.

—Mas os teus *«ruivos ao mar, velhas a assoalhar»*?

—Ah, meu amo: *Não há que fiar em tempo que muda de noite e em mulher que seja d'oitre!*

E S. Giraldo, sucumbindo a tão grada desventura, rompeu em ais. Que grosso pecado não haveria ele feito, para que nosso Senhor o castigasse, não lhe concedendo a mercê pedida? Àquela hora, quiçá, o Porco Sujo esfregasse, agradado, as mãos ou cofiasse a barbicha de bode. E no céu? Oh, que mala-ventura a dos serafins, que andavam já de olho posto nele, no antegozo da razão em que o acolheriam com loas e agitando palmas... E S. Giraldo imaginava ainda, as cinco chagas de Jesus, a sangrar por si. Só, só a pão e água, durante um mês!—conveio, numa agonia, vislumbrando a *caldeira de Pero Botelho*.

Regressado à sua sé de Braga, bem cumprida a penitência, S. Giraldo cobrou ânimo, entre o cheirinho do incenso e da mirra e, maiormente, por que nosso Senhor, lhe mostrara gordo aprazimento com a dádiva de novo e mais assombroso milagre do que o de Egas Paes.

Certa feita, um tal Ordonio, mordomo do senhor conde D. Henrique, sujeito a danada bem-querença por uma formosinha de nome Loba, rica castelã de Lanhoso, filhara-a, fazendo alarde de recebê-la por legítima mulher, a quando escondia na verdade a ruim tenção de tomá-la sòmente por barregã. Tocatas e jogos de canas, toiros aparelhados, compridas mesas onde fumegavam quartos inteiros de vaca, a casa armada de cópia de panos de sirgo e outro aparato eram o fingimento dessa maridança, a inculcar bodas. A dona, do seu natural pendida ao recato e ao siso, simulou a sua apoquentação, aparentando boa catadura no entremez. Mas quando a noite sobreveio e, com ela, a hora da partilha do tálomo com Ordonio, entrou na câmara com uma serva e, ataviando-a mui bem ataviada com suas galas, envergou o seu trajar, pôs rodilha e cântaro à cabeça e, nesse engano, conseguiu fugir do Castelo, enquanto deixava a outra a substituí-la. Conhecido o embuste, Ordonio, com gente e mastins, logo partiu no seu encalço à luz dos archotes. E a pobrezinha, ao escutar os latidos e o rosar da canzoada, ensandecida de medo, ajoelhou

e, orando com muitas lágrimas, encomendou-se ao virtuoso primaz. E o malvado Ordonio e suas gentes não a descortinaram, nem dela houveram farejo os alãos, muito embora umas e outros, por vezes, quase lhe tocassem. Cegos, cegos ou de olfacto embotado, por que Nosso Senhor muito queria a S. Giraldo...

Canseiroso da larga jornada, do trote dorido da besta após a laute ceia oferecida pelo nobre senhor, cõm musicata de psaltérios e harpas e com entreténs de jograis e bufões, logo o arcebispo, esquivando-se a mais larga seroadá, recolheu à cama de baldaquino, não sem primeiro rezar o breviário e pedir a divina protecção para «os desgraçados que andam por essas estradas de Cristo...» Que em piedade e misericórdia, S. Giraldo exemplo era para toda a Cristandade... Mas, olhos fechados, e de pronto um mui estranho sono a aferrá-lo. De ambas as bandas, casalejos, cortinhas e gentes tão saudosos e calhados uns aos outros como dois frutos de um só ventre, e, apartá-los, um rio largo e fundo, que era sem tirar nem pôr o Minho. E aquém e além este, um moço e uma raparigaça, tão escorreitos e gentisque, só de vê-los, a boca se abria para dizer: «Deus os fez, Deus os juntou». À sua volta, as leiras estavam vestidas de boninas, porque S. João apossara o *porco preto* do inverno. Ou não demandassem amores, flores... E que bem-soante o seu praticar!

—De subido prez são as minhas arras, *Galicia!* Tesouros de cobiça haverás no porvir: saia rodada, meia de renda, chinela brunida, arrecadas e cordão de três voltas.

—*Por Dios, Minho, qué los deséa mí corazon! Y te llevaré a Santi go y, de camino, bailaremos la jota, el fandango y el rigodon, al som de la muñeira de la gaita do fuele.*

—Ou a cana verde, o regadinho e a chula, se botarmos antes ao Senhor do Sameiro, a S. Torcato ou à Senhora da Agonia p'ras ribas do mar.

E S. Giraldo escutava-lhes ainda o resto do desvairo. E vinha o tempo das *beçadas* ou *lavradas*. O arado rompia a crosta da terra morena:—*Ei, ei, Marelo! Ei, Braguês...* e a semente, a que o bafo do boi e o ensalmo—*S. Frutuoso/Milagroso...*—trouxera a virtude de farta medrança, aninhava-se nas suas entranhas. As *arancadas* e *espateledadas* do alvo linho cresciam-lhes o bragal. E as *malhadas* e *esfolhadas* abarrotavam-lhes as tulhas de grão. O Minho e a Galiza—dois corpos e uma só alma—convertiam-se num só corpo. E que belos os seus filhos!

—*Y si el niño llóra, Minho?*

—Então não sabes, *Galicia?*:

*Bate palminhas,
que a mãe dá chuchinhas,
e o pai quando vier
dará sopinhas de mel.*

—*Y si se pone terço?*

—*Carneirinho amouu*

foi ao monte e não tornou.

Num encantamento, o arcebispo pedia a Nosso Senhor que o seu sonho se não finasse. Não que S. Giraldo, todo dado a cilícios e jejuns, topava no bem-querer dos conversados deleitosa novidade. Mas, de chofre, eis que *Galicia* inquire, agoniada:

— *Y nuestros padres*, Minho?

Num eco, o interpelado respondeu:

— E nossos pais, *chica*?

E ambos se puseram a chorar, com um pranto tão sentido, que os passarinhos calaram, pesarosos. S. Giraldo, caritativo como era, doia-se tanto como eles, mudado o benquisto sonho em pesadelo. E este subiu de aflição, quando o Minho teve uma lembrança:

— Que nos valha S. Giraldo, que tudo consegue de Nosso Senhor!

Com isto, despertou o primaz, cobertinho de suor. E, olhando do leito os vidros, guarnecidos de chumbo, da ampla e ogival janela geminada, lobrigou ao luar o mal-azado rio e suas terras ribeirinhas. Peço, não peço? — perguntou-se, longo tempo, sob o escarmento de antanho. Mas vencido pela bondade e, mais ainda, por se saber na benquerença do *Padre*, abandonando o quente conchego dos lençóis, pôs-se de joelhos.

— Senhor, Senhor, casai os namorados, congraçando-lhe os pais!... (Pai-Nosso, Avé-Maria...)

A voz do fâmulo, que, de orelha arrebitada, lhe escutara o rogo, não o deixou, porém, manter durante dilatado tempo na prece.

— *Tó-rola! Santos da Catalunha, olhos grandes, vista nenhuma... ó-ana-ó-rita*, mas é, que rijo desaguizado há o nosso hospedeiro com as gentes da Galiza, Trinta lanças e outros homens de besta já se foram, daqui, à travessia do rio... E, quanto a nós, *pés, costumados a andar, não podem quedos estar*.

— Ai de mim, que grave desacato cometi! — lamuriou o santo, tão mortificado como outrora, para logo continuar: — *Pater, noster, qui es in coelis*.

— Tarrenego! Cheiras que tresandas a Satanás... Catixa! — retorquiu o outro, anojado e apertando o nariz

— Ora o *santola* (3) do velho, com *seismas* (4) de atolambado, — alanzou Paio, à sucapa.

S. Giraldo entendeu-lhe porém, o destempero. E prenhe dos seus desacertos e, mórmente, de sempre lhe empecer o almejado milagre, fulminou-o com a excomunhão.

*

Afigurava-se Nosso Senhor escarnecer de S. Giraldo. Em tudo o atendia, tirante no caso dos «casalejos, cortinhas e gentes, aquém e além rio Minho, tão saudosos e calhados uns aos outros como dois frutos de um só ventre», Milagre obrado, e logo a apetecida mercê lhe era negada. Assim se repetiu ainda o sucesso, sob diferentes modos, após cada um dos seus nomeados milagres: o do barco desarvorado, no Cávado, e o da capela enxuta. E, por isso S. Giraldo, de velho, cerrou os olhos para sempre, com um travo no coração.

PROSADORES DA GALIZA E DE PORTUGAL

Um anjo, de vestes mais brancas e reluzentes do que a farinha e o sol, tomou-lhe nos braços a alma limpinha, conduzindo-a ao seio do Senhor. E todo o céu vibrava com o coro dos ranchos de querubins, voando, a recebê-la.

Dentre a nuvem dos espíritos, que gozavam a sua beatifica visão, o *Padre* aguardava no trono S. Giraldo, ladeado pelo *Filho* e com a *pomba* a esvoaçar-lhe sobre a cabeça, havendo na destra a bola do Mundo. E quando ele apareceu, sorriu-lhe e pôs-se o cofiar com a mão livre as barbas de neve, tamanhas e do talhe da copa invertida de um cipreste.

— Então, estás satisfeito, Giraldo? — disse-lhe, meiguiceiro, como se o recém-chegado fora seu «ai-Jesus!»

Mas S. Giraldo *não tugiú nem mugiu*. E, num ápice, o *Padre*, que nele lia como em livro aberto, percebendo-lhe o amuo, acrescentou:

— Abeira-te, Giraldo!

E S. Giraldo foi. E logo o *Padre*, colocando o indicador sobre a bola do Mundo:

— Espreita aqui,

— Não toscos nada.

— Afirma-te melhor, Giraldo!

— Ih! Ih.. Agora sim exclamou o santo, quase colando o olho à face do globo.

E S. Giraldo não o largava, por que S. Giraldo era boquiaberto. Obra como aquela e tão velha como a Sé de Braga, nanja, nanja lhe passara pela cabeça.

— Despacha te, Giraldo, que cada minuto na Eternidade é um ano na Terra.

— Só mais um migalho, meu *Padre*!

— Mas que enxergas tu, para tamanho interesse?

— Um casalinho, meu *Padre*, que são dois pombos a arrulhar! E deitaram à igreja, onde um teu servo os abençoou. Sinarada, flores, confeitos, jantar de canja de galinha, vária criação e outra vianda, creme queimado e aletria, tudo houve à fartança, de mistura com brincos de festa. Mas—ai!—tempo andou, e logo o Demo os desenlevou: amofinações e ralhos. *Homem e porco, só depois de morto*—des-tempera ela. *Sinal no pescoço, mulher de desgosto*—chora-se ele.

Ó Giraldo pois tu não sabes que o *noivado vai a cavalo e o arrependimento à garupa? Quem casa não pensa; quem pensa não casa.*

E o *Padre* sem mais detença prouve, batendo palmas:

— Tragam o queijo.

E dois anjos trouxeram-no. Era tão grande e redondo como a roda de um carro. E que cheiroso e branco?! S. Giraldo pasmou que um tão apetitoso queijo se conservasse sem marca de faca ou dente. E o *Padre* explicou-lhe que o dito, desde o princípio do Mundo, só esperava, para a trincadeira, pela mulher que nanja se houvesse arrependido de ter marido.

— Ora, como verificas, meu filho, isso ainda não aconteceu. Per-

PROSADORES DA GALIZA
E DE PORTUGAL

cebés agora, Giraldo, o motivo por que não te satisfiz a graça que, na Terra, tão obstinadamente me pedias?

Um berro espavoriu, porém, S. Giraldo, matando à nascença o seu ledó sorrir. O semblante do *Padre* cobriu-se de nojo. Tremeram as asas dos querubins. E S. Giraldo, esquadrinhando a sombra que, a partir dos seus pés e a modos de crepúsculo, se tornava cada vez mais baça, mais cinzenta, a findar numa triste e insondável negrura, avistou um diabo peludo como um urso, orelhas asinias e rabo alçado.

— Zurre, zurre! — esconjurou, treleado.
Mas uma voz fraquinha caçoou-o:

— *Vendo-os assim tão pertinho
A Galiza e mail' o Minho,
São como dois namorados
Que o rio traz separados
Quase desde o nascimento.*

218

S. Giraldo então viu, viu, que o diabo segurava Paio pelo cachaço, com a garra da mão. E Paio não esmorecia na grita:

— *Deixal'os, pois namorar,
Já que os pais para casar
Lhes não dão consentimento.*

— *Padre*, faça-se justiça, que o magano há razão de sobejo! — impetrou, aflito, o santo.

O *Padre* ergueu o dedo. Soou um frémito de asas. E Paio, liberto, de bochechas ainda vermelhas pela aquentadura do Inferno, foi posto ao lado de S. Giraldo, que voltara a sorrir, a sorrir como nanja até então sorrira um santo, ao passo que aquele lhe bichanava.

— *Donde vem a excomunhão, de lá vem a absolvição.* Mas — *taréh!* (6) —, que susto apanhei: sempre era um calor... *Acaijo* (6) me pela-va... Puf!

... ..
O «João Pestana» fechara devagarinho as pálpebras do João. E a Brígida, saindo pé-ante-pé, cantarolava em surdina:

— *Nana, meu menino, já nanou,
E a gana já se me acabou.*

Costa Barreto

(1) — Que é dele?

(2) — Pode lá ser!

(3) — Beatarrão

(4) — Cismas

(5) — Interj. que exprime admiração, repulsa, susto.

(6) — Quase

NOITE NEGRA

CONTTO

por SERAFIM FERREIRA

CHOVIA que espantava. As ruas molhadas, escorregadias, continuavam cansadas do seu uso já rompido. A cada passo, os homens da Câmara aparecem. Sujos, carcomidos dentro das suas fardas de cotim roto, eles obedecem cegamente. Ali está o sustento para mais uns tempos. Será curto, mas paciência!

Pouco a pouco os materiais chegam. E com eles os homens. Não se esqueça a lata do café que às tantas da madrugada lhes oferecem para mitigar o sono. Pensam que lhes dá alento...

—Eh! leva isso para acolá—ordena o capataz, austero, rígido, dentro da sua farda mais limpa. Chegou àquele posto depois de agarrar também na pá e na picareta (os sinais que identificam esta gente). Mas, para isso, teve que arranjar pedidos, muitos pedidos...

—Essas pedras e essa areia ficam aí—continua ele a mandar.— Mas o outro não ouviu. Pôs o carro de mão em andamento. Lá adiante, já os homens estavam nos seus lugares. A luz irradiada dos pequenos gasómetros, colocados ao longo do percurso das obras, sem que ilumine nada, ou quase nada, tão pequenina ela é, obriga-os a trabalhar. Aquela luz, tão minúscula, sobrepõe-se a eles. Se faltar eles não trabalharão...

Um eléctrico passa e a tarefa interrompe-se. Sempre atento, encostado à ombreira duma porta velha, o capataz regala-se com um cigarro. Não podiam fazer preguiça. Para isso, não lhes pagavam eles. Ele e os seus subordinados, vergados sobre o trabalho desta noite negra, recebiam o seu salário. Era por isso necessário zelar os interesses camarários.

—Vamos embora, A mudança desta linha tem que ficar pronta esta noite, custe o que custar!

Era seco, pouco palavroso. Sempre ele a ordenar. A um aviso seu os esforços dobravam. Não dava tempo sequer a que fumassem um mísero cigarro. Não. Se os deixasse, eles abusariam. Poderia, entretanto, aparecer o engenheiro de serviço (que a estas horas descansa sossegadamente) e não gostaria. Fora sempre assim. Serviço de que fosse ele o encarregado, já sabiam. Enquanto o trabalho não estivesse acabado, não descansavam.

—Você, aí, trabalhe para a frente!—apontava ele para um calceteiro que, sempre que o via distraído, descansava um pouco. Tinha a ponta do cigarro em cima duma pedra. Ia fumando sem prazer, mas enganando o vício. «Andas aí de costas direitas, é por isso que falas assim...»

Deslocando-se daqui para acolá, o capataz olhava atentamente o decorrer dos trabalhos. Continuava a chover. E debaixo dessa chuva fina, macia, os homens prosseguiam esfalfados na tarefa que

tinham de cumprir. Uma fogueira acesa, bafejava-os com um bocado de calor. «Lá vem ele outra vez». E os esforços duplicavam-se, embora simuladamente. Tinham medo. Não dele (é claro!), mas do tempo. Sim, do tempo maldito. Apenas receberiam o que ele marcasse no boletim de serviço. E ele era capaz de tudo!

Chamada para o café. São já horas altas. A noite continua negra, caminhando sempre. Um automóvel, que desliza a razoável velocidade, afrouxa vagaroso frente à placa vermelha que assinala as obras. As mulheres, prostitutas consideradas, que gastam as noites em troca de parte dos dias, passam de vez em quando, no seu rotineiro e estafado vaguear. E eles olham invejosos. Ressalta-lhes, a todos ao mesmo tempo, uma vontade interior, sensual. Sômente os velhos, já muito velhos, não se apercebem bem (ou talvez sim). O café bebe-se dum fôlego, e come-se o pão seco, insabido. Parece uma esmola. Um pão seco! Como se as energias dispendidas pudessem recompensar-se apenas com isso. Mas que remédio. Era aquilo mesmo. Um pão vazio de nada e um pouco de água tingida, negra como aquela noite de inverno, a saber a álcool!

220

Os trabalhos recomeçam. A interrupção não se justificava. Quebrou-lhes o ritmo. O capataz agora barafusta, sério, duro, com o seu cigarro (invejável cigarro) ao canto da boca, dominando-o satisfeito.

—Então, vamos para a frente. Isto tem que ficar pronto esta noite!—repetia ele, numa voz estafada, rouca, que soava mal nos ouvidos daqueles homens.

Eles sentiam-se diminuídos pelo grito seco do homem que os comandava. Contudo, acatavam. Revoltados, desesperados, mas sempre activos (duma actividade que os enganava), iam realizando a pesada tarefa. Ansiavam apenas pelos *cobres* que lhes seriam entregues. Os que trabalhavam a jornal recebiam já. Os outros, os considerados permanentes (triste permanência!), recebiam à quinzena. Mas a todos apetecia igualmente chegar ao fim. Descansariam e fumarariam depois à sua vontade, livres daquele que no fundo, ainda que amargurados, pobres, pobres como sempre foram, eles detestavam

O dia começou a raiar, luminoso, no cimo da rua. A sua vinda, sempre registada da mesma forma, excepto nos dias como este que ameaçava chuva novamente, não lhes causava admiração. Acabada aquela tarefa, a vida amarfanhava-os outra vez. Logo à noite, noite maldita, noite negra, mas consoladora como todas as noites, a vida para eles iria prosseguir exactamente igual. E eles aborrecidos, sonolentos, reatavam com satisfação (uma satisfação de necessidade), a trama da *sua* existência neste mundo inconsequente.

Finalmente, concluíram-se os trabalhos. Casaco roto e sujo dependurado nas costas, eles regressavam *a si*. Sempre a mesma coisa. Hoje como ontem e como amanhã. Sempre, sempre a vida a nascer de novo, reflectida no chilrear dos pássaros alegres e desinteressados do sítio onde *deviam* pousar!

Serafim Ferreira

(Do livro de contos «NOITE DE LIBERTAÇÃO»)

NIEBLA

CUENTO

por DORA VÁZQUEZ

PARECIA imposible, pero así era...

El hombre se palpaba el cuerpo por debajo del abrigo con sus manos anchas, nerviosas. Estiraba y encogía los brazos y las piernas con un remedo de gimnasia sueca... Todo estaba bien y funcionaba perfectamente. Nada había allí roto ni aplastado.

Parecía imposible, pero así era... Lo pensaba por segunda vez, como si se resistiera a creerlo. El encontronazo había sido bueno y el golpe también; pero había salido ileso. Un buen susto y polvo húmedo en el abrigo, era todo lo que restaba del percance, porque el coche había desaparecido como un fantasma atravesando la densa niebla. Pasara a gran velocidad por su lado, silencioso y casi sin darle tiempo a alejarse, cuando una de las ruedas le arrojara al suelo violentamente.

Se encontrara en él con profunda sorpresa, sin comprender bien lo sucedido, hasta que, al levantarse con vergonzosa rapidez, había vislumbrado la luz trasera, roja como una gran gota de sangre, perdiéndose en la bruma.

El hombre recogió el sombrero y comenzó a andar. La calleja parecía gris, solitaria y tímida. Nadie había visto nada... ¿Nadie? Sin embargo, en ella aleteaban pasos. Unos pasos rápidos y medrosos, resonando marcados en las losas húmedas,

Miró a todos lados, deteniéndose. Sólo había a su alrededor una capa silenciosa y turbia, apenas iluminada por el farol eléctrico. Los pasos se detuvieron al hacerlo él.

Reanudó la marcha, y entonces las pisadas se aproximaron. Mas que aproximarse, parecían ir junto a él, a su lado, apoyando los pies en la misma huella de los suyos... ¿O serían sus propios pasos?

—Si, soy yo, que me muevo, que ando...—se dijo—Pero, ¿por qué suenan tanto...?

Se sentía atemorizado por el susto sufrido y por sus propias pisadas, resonando en aquella nebulosa que no le permitía ver los peligros.

El ruido sordo y atenuado de un motor llegó a sus oídos. Se mecía suavemente, como durmiéndose en la niebla, pero al hombre le pareció un rugido fiero y amenazador.

Se detuvo de nuevo y cesaron también los sonoros pasos. Se convenció lejanamente de que eran los suyos propios, y de que nadie le seguía en la calleja.

Las casas se perdían en la niebla, cenicienta como difumino oscuro, escamoteándole un refugio. Repentinamente, dos faros, como difusas estrellas, surgieron en la sombría calle.

PROSADORES DA GALIZA E DE PORTUGAL

Las piernas agitadas, temerosas, se movieron, y los pasos resonaron otra vez. Los percibía confundidos con el roce del motor, mezclados con el paso del monstruo que avanzaba con la velocidad de un loco en huida. Parecía increíble, pero se fundían con él, y en lugar de evitarle, se dirigían a su encuentro, atraídos por aquellos dos ojos deslumbrantes que rasgaban la tenebrosa bruma.

Y a esta fusión de sonidos, iba agregada una voz que repetía porfiante en la conciencia del hombre de la noche:

—Camina a tu destino... Camina a tu destino..

Un escalofrío de pánico le recorrió el espinazo. Sus pasos vacilaron, para dirigirse a un lado o a otro, cegado siempre por los ojos luminosos, cada segundo más próximos...

Llegaron junto a él...

El coche se ocultó en la niebla. Ahora, no quedaba nadie en la calleja.. Sólo un conjunto humano, inerte y sangrante, envuelto en un gabán negro...

MEDITACIOS A BEIRA DO RIN

por MARIA VICTÓRIA
ARRESTO

No tempo que levo vivindo na Alemaña, costumeime a erguerme cedo. Eu digo sempre que ese é un dos milagres do «Milagre Alemán». Nestas ribeiras do Rin o amanecer é unha verdadeira ledicia. Pian os paxariños n'unha árbore que teño rente e que corresponde ó xardín do segredario de Prensa de Sua Maxestade Británica.

Cando loce o sol, que loce poucas vegadas, enton mesmo parés como si a vida sorrira, como si estrenáramos unha vida nova. Cando debrúzome na fenestra vexo correr cá su perna escangallada ó profesor do Liceo A, que quedóu coxo na batalla de Estalingrado.

Mentras me peino e fago unha pouquiña de ximnasia, penso: «Como me gustaría coñecer os nomes de todol-os paxariños do ceo, o neme de todol-os mares». Mais na miña posición, sería bastante mellor coñecer o nome de todol-os xornaes. Dos paxariños, das frores, dos ríos e dos mares soio viven os poetas.

As oito da mañán os luns, miércoles e vienes, camiño pol-a «promenade» a beira do Rin. Debaixo do brazo levo a gramática rusa. Síntome por un intre como unha estudante, como unha nena. Mais tamén e unha ilusión bulideira que axiña escorrento.

Din c'os optimistas, n'este año de gracia de 1960 deprenden o ruso: os pesimistas adicanse ó estudio do chino. Formo parte entón dos optimistas, anque non me vexo nesta alegre colla. Mais, no terreo internacional, ¿non será unha realidade que son optimista, que creio ainda na posibilidade de chegar a un «modus vivendi»?

* * *

Deixemos o tema da política pra uso dos señores conferenciantes da cume. Voume a parar un intre fitando as gabarras do Rin que navegan ora rumbo a Cöblenza e Basitea, ora rumbo a Dusseldorf e Amsterdam. A potencia comercial da nova Alemaña sintese nestas pesadas barcazas fundidas pol-o peso das mercancías que transportan.

Pensando cheguéi hastra rente da Embaixada de Portugal, a «Embaixada do pais hirmán», diría, de non ser esta eispresión un tantiño resobada e tópica.

E unha vila branca que fai pensar nas quintas do Amarante, nas casas do Miño e, de rexeito, na nosa terra galega tan perto, ¡tan lonxe!

A Embaixada do Portugal está sempre coidada como total-as caousas do pais veciño. As paredes tan branquiñas, o xardín adoado, os camiños limpos, os rodondendros en fror. Foi esta vila marcada

PROSADORES DA GALIZA E DE PORTUGAL

pol-o Goberno portugués cando normalizadal-as relacións diplomáticas, estableceu-se n'esta provincia a capital provisional da Alemaña.

Pensando tal vez qu'houbera capital provisional pra un par de xeneracións, o Goberno portugués marcou esta vila... e fixo un gran negocio, Danlle hoxe por un pedaciño do xardín traseiro mais do que costou o edificio.

Nos anos que vivimos eiquí, o Portugal tivo dous embaixadores. O derradeiro foi de eiquí ô Brasil, e o actual veu dend'o Pakistán. O personal da Embaixada portuguesa é curto. O ministro, miñofo, é un home que sabe da literatura espanhola e sempre da gosto atopalo e falar co él no medio de un erme cóctel.

* * *

Cando paso diante da Embaixada portuguesa ocórreme sempre pensar na nosa historia paralela dos derradeiros cen anos: María Gloria, Isabel, don Carlos, don Miguel. liberaes e constitucionaes, absolutismo e reacción, guerra e guerra, motín e motín, república e república, agora e agora... ¿e mañán?

224

Dame entón como unha punzadiña no peito ô pensar: vamos sempre ô mesmo e sempre de costas. Mais logo hai a lembranza do pasado que ven e me envolve mentras paso diante da Embaixada unha destas mañanciñas. É o recordo de Camoens que ven a mín e, baixiño, mentras sigo camiñando, recito unhas estrofas do Canto X:

«Que, se possível fosse que tornasse
O tempo para tras, como a memória,
Por os vestígios da primeira idade,
E de novo tecendo a antiga história...»

Ou aquela outra estrofa que tanto me gostou sempre no mesmo Canto:

«Pois quem pode pintar a vida ausente
Com um descontentar-me canto via?
E aquel'estar tam longe d'onde estava?
O falar, sem saber o que dizia?»

María Victória Armesto

ELEGIA

(Premiado nos Jogos Florais de Guimarães)

de ANTÓNIO NORTON

Tu estás, por dentro da tua pele, muda e evidente,
E as tuas veias são rios subterrâneos, e no entanto claros,
Que ao contrário de todos os rios, voltam à nascente.

Nas margens dos teus olhos negros é que a luz germina
E afunda no tempo as raízes lentas e seguras,
E o teu corpo não é mais do que um corpo de menina,
Um pequeno arbusto lunar aonde os passáros cantam.

O teu corpo existe em todos os corpos existentes,
E em todos os rios que passam vagarosos entre os limites
Dos braços, que pendem da seiva com mãos inconscientes.

225

Sim, é verdade que as tuas mãos envelhecem
Como as árvores, como os pássaros, e como as pontes
Dobradas sobre os rios. Envelhecem dormidas e acordadas,
Alheias e atentas ao despertar das fontes,
Enquanto as flores nascem e estiolam ao longo das estradas.
Sim, é verdade que as tuas mãos descem lentamente para a terra,
Pequenas folhas inermes sobre as quais a luz se apaga,
E que eu nunca verei, ardente, o teu frágil corpo de menina.
Que no silêncio extinto do meu quarto eu estarei sem ti
Para sempre, e que nunca me dirás, com a tua voz de água,
Enquanto nos teus olhos a minha luz germina:
«Aonde estavas, amor?». E no entanto, eu sei que estás aqui,
Gemente e adormecida, com o teu hálito morno e perfumado
Que ondula os rios de toda a minha vida.

Aqui, onde o meu coração bate e se propaga às coisas que atravesso;
Às existências vividas, às experiências pensadas, e descontraídas,
Aos bichos, às plantas, às pedras, às pessoas conhecidas,
E a todas as coisas que eu sei que não conheço.

Aqui, onde o meu coração bate, tu estás, ainda menos que botão de flor,
Ainda menos que semente; menos do que nada existes
Sobre a terra fecunda com tudo o que ela tem de criador.
A tua força sem músculos nem asas rompe o véu do tempo
E chega até mim, ainda menos que hálito,
Ainda menos que leve respirar de encontro à pele.

**POETAS DA GALIZA
E DE PORTUGAL**

E no entanto, existes. Aqui, nos meus pulmões, existes.
Aqui, impetuosamente, corres no meu sangue,
E por baixo dos meus olhos as tuas pálpebras descem quase tristes.

Tu eras aquela que atravessava, correndo, os laranjais,
À hora do crepúsculo, com os braços estendidos para a frente
E as mãos, como dois ninhos, na direcção do vento,
E que eu esperava toda a noite, com o meu jovem coração desperto,
Ver surgir, limpa e sequiosa, da penumbra dos vitrais,
Com o longo cabelo solto, e o colo branco, e silencioso, aberto.

Tu eras aquela do nunca mais voltar. A que deixou
A minha face coberta de silêncio, e cicatrizes.
A que pôz versos no meu corpo, para nada.
A que tinha as mãos cheias de luz da madrugada
E plantou, com elas, árvores que não tinham raízes.

226

Tu eras aquela do longo adeus no cais
Quando embarquei comigo, entre dois rios enchutos.
A que deixou na terra apodrecer dois frutos,
E atravessava, correndo, os laranjais...

António Norton

O POEMA SEN VOZ

(Premiado nos Jogos Florais de Guimarães)

de JOSÉ MARIA ALVAREZ BLÁZQUEZ

I

Sen verbas, pois agora
abondan os falares antre nós;
agora, que xa temos
apreixado os marmurios silandeiros
dos regos, cando bican, petiscando.
as herbas do camiño;
agora, que xa somos
a harmonía fadal de un soio anceoio;
agora, que no sangue nos boliga
o sangue que nos demos
tí e máis eu;
agora, miña dona,
sen verbas heiche de falar. Sen verbas...

E diréiche en segredo
un poema sen voz
Iste poema noso, pechado coma un sono,
que ven connosco arreo
máis aló do non ser.
Iste poema noso --ben sabes tí-- que bule
na entrana lumiosa dos nosos fillos;
ise
poema que cantaban os anxos cando o mundo
non era mundo,
nin tí e máis eu tiñamos
topado a nosa voz.

É un poema sinxelo, que non precisa nada,
máis que un salaio, un bico,
unha fecha de sangue,
o alento de un paxaro
ou a lucenza morna de un vâgalume...
Cousas,
--xa ves tí, miña dona--
que non teñen falar, nin cuasi teñen
un chisquiño de ser...

Ponte a carón de min, eiquí, fronte da noite,
e agarda, que che quero decir, para que o saibas,
meu poema sen voz.

II

!Qué doado é cantar para tí, dona,
si abonda abrir o peito, e a fervenza
de un regueiro de prata
semella o canto que do peito xurde!

!Qué ledo marmurar o distas voces
soterrañas da ialma, que nos falan
no latexar das veas
ou na sinxela cúxega do alento!

!Qué verbas silandeiras e miúdas,
coma un tecer de fíos invisibres
cos que a vida nos vai engaiolando
atal que dous paxaros descoidados!

!Qué groria, andar e andar cos pes pousados
nunha estrada de estrelas,
que non leva a ningures, e decote
nos torna por camiños sempre novos!

III

Andar istes camiños sen presa e sen arelas,
coma quen non tivese na ialma outro degaro
que camiñar ás toas,
deleixado do mundo, dos homes, das obrigas...

Largar os ollos pelo campo aberto,
a solprender o vóo dos papafigos
ou a sombra das nubens silandeiras;
pór os ouvidos no zoar das vespas,
na música das herbas que se falan
ou na témera orquesta dos penedos.

Andar, andar, andar,
sen ter conta do tempo nin da vida
e coller o misterio en cada volta.
Deitar se logo baixo os ameneiros
a platicar cos merlos, sabidores
do segredo frescor dos canabales.

Mergullarse no río,
a apreixar o tesouro das areas
que escintilan ao sol coma brilantes;
correr ispido polos outos millos,
tripar as herbas, e sentir o alento
do seu recendo unxir o corpo todo...

E logo, na serán verdidourada,
ao entrar na fraga escura,
longal e misteriosa coma un tempo.
onde tes o teu leito de fentos e fiúncos,
!topar o amor que agarda!

!O santo amor —ai, dona —
que vai connosco cara a eternidade!

NOCTURNO

de LUÍS RIBEIRA SECA

Sob o luar
Branco azulado
Um gato passa
Pelo telhado
—Guarda nocturno
Duma cidade
Feita de sombras
E de saudade...

Os velhos choupos
Da minha rua
Fantasmas são
À luz da Lua,
Há quantos anos
Ali estão?
(Os velhos choupos
Da minha rua
Fantasmas são).

Coaxam rãs
Além num lago
—Vozes da noite,
Vozes de afago
Filho dos mimos
dos verdes limos
(Coaxam rãs
Além num lago).

Encosto a frente
Fria à vidraça
E vejo o gato
Além que passa,
Encosto a frente
Fria à vidraça
Vejo o luar
Sobre os mansardas
—Ondas paradas
Dum vivo mar
que tantos sonhos
Sabem guardar...!

A MIÑA SAUDADE

de ENRIQUE CHAO ESPINA

(Mención Honorífica nos Jogos Florais da Galiza—Ano 1960)

230

Non sei quen é, pero teño
Dentro do peito esta meiga:
Unhas veces ven mansiña
Acariciándome as penas;
E traime cheiro e saúde
Na sua man maciñeira.
Outras veces chega triste
En olas que me tolean,
Ábreme os cáncros da i-alma
En dentelhadas de fera,
E fai de min un bocado
Na sua gorxa valdeira

Non sei quen é, pero sinto
Dentro do peito esta meiga:
Ela me leva e me trae
Feito sombra silandeira;
Como unha pluma no vento
Mesmo me trae e me leva.
Nas aortas da saudade
Sangra o recordo da terra,
E morro de señardá,
De morriña e de tristeza,
Porque estou lonxe e non podo
Nunca mais volver pr'a ela.

Non sei quen é, pero vexo
Dentro do peito esta meiga...
Mais eu teño aquí ¡tan lonxe!
Un recordo pr'a vencela:
Pois cando sinto a Saudade
Y as suas poutas marelas

Vou cara do cimiterio
Pr'a bicar aquela terra.
Chego lá no pensamento
Cangado c'oas miñas penas,
E debaixo d'unha cruz,
Medio podrenta de vella,
Falo c'oa miña naiçiña
No seu sepulcro de pedra,
Valeirando o corazón,
¡Cadaleito de tristezas!
É cando xa estou na casa
Depois de rezar por Ela,
Vóltanse-me os cáncros, chagas
N'unha Cruz que me alumea,
Que me fai mirar pr'a diante
Erguendo hasta Deus a texta;
—É volteo en esperanzas
Como as campanas da aldea
Non sei quen é, pero teño
Na Saudade a miña meiga.

CANTO A MIÑA NAI

de DORA VÁZQUEZ

I

«Quero cantarche, nai...» Cantarche a ti,
de quen a vida me arrincóu
do agarimo un día...

Quero cantar o teu sorriso melancónico
e os teus ollos amorosos
orballedos de tenrura. Cantar túa voz,
soave zugamel dos meus ouvidos,
arume das lembranzas nas soedades
frias de asañadas ausenzas.

Quero cantar as túas mans, peiteadoras
da miña cabeleira de nena: (Miñas trenzas,
nas tuas mans, entrezadas co elas»
«Miñas trenzas, que cortou a vanidade,
por elas gardadiñas»).

«Quero cantarche, nai...» I eu sei que o meu canto
ha de facerche mágoa. Sei que o ascoitalo
asucarán as vágoas os teus ollos,
froitado doce do meu canto pra ti...

II

Déixame lembrarte... Déixame evocar
a túa facie mergurada; o teu sembrante
resiñado coas distancias e o Destiño.

Déixame adiviñarte, ollando as túas meniñas
nas auras e os solpores do infindo,
outeando as respostas as túas preguntas.

Ti quixeras saber en cada intre
onde sealcontran os froitos do teu seo,
vidas lonxe de ti, xemendo, e xemendo ti,
por elas...

«Ai cántas vegadas, nas loitas enmallantes
do vai e ven da vida, degoreime
pola branda prenitude da túa compañía»
«Cántas, —palliña errante no vendaval
do vento — estar contigo a soias deseiei,
e no silencio das nosas ialmas
descansar nas túas as angurias da miña»

«E cántas, non soñei que apousaba
a ardente testa no teu peito, e o aloumiño
das túas mans de anxo
lle me facían fuxir a quentura»

III

232

Tristeiro foi saíndo iste meu canto
que debéra ser pra ti de ledicia i é de laio.
Notas mergulladas son dun corazón saudoso
que alonxado do teu latexa e sofre,
prisoeiro a cadea do Destiño.

Déixame lembrarte, nai... Lembrarte
a lo na chousa onde me agardas no tempo.
Nos camiños senlleiros, vexo a luz na fenestra,
estrela benzoada que me chama...
Faro amante que de lonxe me leva
até os lindeiros do nativo chan
e dos teus brazos arelantes...

«Quero cantarche, nai...» Quero cantarche,
porque me voan hasta ti as arelas
lizgairas e fórtes...

«Qué anceios aloucados, rebu'deiros,
me rebrincan na ialma» «Què groria
de campanas me resoan no peito»

«Si poidera acocharme no teu seo
como cando era nena...» «Si poidera
axuntar a túa a miña facie»
«E que me bicaras, nai, que me bicaras»
«E bicarte...». «Bicarte...»

TRES SONETOS DE LA MUERTE

de PURA VÁZQUES

I

Invisibles arcángeles sostienen
mi lento sol sobre el profundo río.
—!Oh, leve sombra hiriendo, oscuro frío,
que de remoto mundo caen, vienen! —.
Arcángeles de tierra me contienen
celestes pozos de encendido brío.
Arcángeles de tierra en mi atavío,
emplazada ceniza me detienen.
Arcángeles quemándome la arcilla
transcurren, confinándome en la orilla
de mi cauce, transida, arrebatada.
Arcángeles me toman y me gritan,
me crecen y me abaten, me limitan,
y me doblan desierta, derribada.

233

II

Ya está la viva lumbre soslayando
mi destino de tierra, y me convierte,
enigma temeroso de la suerte,
misterio cuyo abismo voy tocando,
Sobrecogida noche, despertando
cansadas trayectorias, se me vierte
en presentida angustia de esa muerte
que oculta en mí va su órbita cerrando.
!Oh, llama del principio! Eterno grito
ceñido a las aristas de este leño,
implacable, voraz, tenso, infinito.
Ya está en su viva lumbre que me toma
desde la entraña, íntimo fuego, y doma
la sombra, la estructura, el barro, el sueño.

III

Es esa muerte que en mi pecho late
rondándome apremiante. Desmedida,
espesa voz de tierra. Contenida
agua que pesa y duele y grita y bate.

Crecida en mí, madura en mí, combate
mi ciega primavera detenida.
Duro mensaje de mi sangre. Brida
hiriéndome la entraña. Hondo acicate.

Soy yo y es esta Muerte que me poda.
Soy yo y esta Muerte. Oscura boda
de eternidad doliendo sus tributos.

Soy yo muriendo, y es mi muerte roca
viva, cercana, ávida mano. Boca
paciéndome los sueños y los frutos.

E FOI NAMORADA

de JOSÉ DIAZ JÁCOME

Lembranza de Rosalía e Murguía,
no centeario dos seus esponsales

I

!Ai, non, amor sin ledicia;
non malfiras ese peito
onde sescoita Galicia!

Canta Rosalía
sonos de Murguía.

Corazón axionllado:
!ai, non mais doce tristura
no seu cantar magoado!

Soña Rosalía
azas de Murguía.

Saudosa rula, diviño
pranto da ialma galega:
!ai, non mais dôr no teu niño!

Chora Rosalía
bágoas de Murguía.

235

II

Ela era un senlleiro anxo de lúa
coas azas orfas: unha soma enferma
— a pendurar raiolas nos cruceiros.
Era un mencer de gaita silandeira.

E foi namorada!

Tiña unha crara sede de outos bicos,
iun cheiro de salaos nas arelas.
!Qué fariña de outono, soedosa,
no inxél muiño da sua primaveira!

E foi namorada!

El era un pelengrino da saudade,
a sementar desprito a nosa terra.
Galicia resoaba na sua ialma
coa voz da nosa historia verdadeira.

Amor o chamaba!

Tiña nos ollos un segredo antergo.
No corazón o mel da rula celta.
Era o seu pobo apenas un latexo
na orfandade teimosa de Castela.

Amor o chamaba!

III

Estaba lonxe o mar, lonxe a paisaxe.
O Sarela io Sar --veas de luz—
non eran inda espello de suidades.

Fai xa cen anos!

Bastabales soñaba, lediciosa,
entre parreiras e casiñas vellas,
coas súas campás aínda sin cantora.

Fai xa cen anos!

Padrón, Lestrove... pobos esquencidos,
dourados pólo outono docemente,
agardando a fornada de pan lírico.

Fai xa cen anos!

Adina era un xardín de outos silenzos,
onde tecía o merlo un ledo sono
e as froles saloucaban un recendo.

Fai xa cen anos!

A rula foi poñer niño en Castela.

Alí era o outono menos doce,
¡Amor tecía unha feliz cadea.

Ai, a saudade!

¿Quê chuchamel recordan, malencónicos,
co bico dos seus orfos esponsales?
Unha néboa nacialles nos ollos.

Ai, a saudade!

Todo está lonxe coa cruel ausencia
Que o desengano pon nos corazóns.
Queda o mensaxe tépedo da Terra.

Ai, a saudade!

¡Rosalia-Murguía!: un sol galego
que naceu lonxe do que tanto amaron
e que xamáis se puxo nos seus eidos.

Ai, a saudade!

CAMELIA PASSEADA

de HENRIQUE MASSÓ

Enriba dumhas folhas
mui verdes e sençilhas,
umha Camelia branca mui fremosa,
aberta como májica luzia
suas pétalas todas
para o Mundo e coel em alegria!

Tam doce levemente
aos meus sentidos torpes parecia,
q'encheu-me assi de gôço nom tocà-la!
cos olhos entornados pressentim-na
e aspirando-a de çerca fum borracho,
e fartei-me de vida!
e fechei-nos de todo...
...e durmim como um siglo só um dia!

237

Dimpois abrim meus olhos
a modinho e feliz coa companhia...
Ai! pombinha galêga, mais çesnuda!
mais espida topei-te eu ainda!
que ja tôdalas prumas e coroas
estavam polo chão e Ti, encolhida!

Ai! Camelia murchinha!
mártire da beleza que s'inmola
e sofre tal tormento com tal risa
no paredón das oras!

pensar como em silêncio,
pensar que no teu seo te mordiam
as balas dum maldito requeimor!
Ai! divina,
segrêdamente morta e fusilada...
...eu nom tenho palavras!
eu ja nim tenho voz...

DESBOTAMENTO

Eu xa non sei
qué, o qué ti esperas de min.
¡Decote teño os ollos pendurados
onde endexamáis estás ti!
!Sempre os meus labres
están resesos
pra calquer orazón:
e unha orazón sería, muller,
pronunzar o teu nome!

¿Qué, qué esperas, muller,
que ti esperas de min?
Se onde teño que ir—i estou—
non é o mesmo val
co que ti soñas?.

(Verdadeiramente
eu xa nada busco.
Os loceiros estás fartos
das miñas percuras
e o ventíño ríse
entre as espiñas dos toxos).

238

¿Ti non calettras
que xa dóenme os sonos
e que decote teño
as mans nos petos
i os ollos lonxe,
perdidos, lonxe, acolá, detrás
da violeta montaña
ouvindo,
ouvindo como Caín
cantíga na súa frauta de mel?.

PARTO

Apenas é a ialba.
(O día ten dúbidas en nacer).
Téito e paredes do ceo non teñen
nen tan sequer un buratiño
pra enxergar a prata da virxe luz.
Apeneiramente chove.

Lonxe, na Brixaría, nunha casa
e na que femiamente laian
agárdame
un non séi se neno ou nena
que aínda iñora hai luz no mundo.
(!Doutor, axiña...!).

E vou por corredoiras enlamadas
baixo o preto porche portátil
camiño,—(!axiña, doutor, axia!).
de quen sen poderes falar aínda
está chamando nun mar escuro
por min. Pois il ou ela
tamén anceia no mencer cinzoso
alentar as pingueliñas do orballo.

Alvaro PARADELA

TRILOXÍA “CAMIÑOS”

CANTO III.—CAMIÑOS ENXOITOS

de A. ABUÍN DE TEMBRA

Bailaban as fontes
os regos i os pozos,
Bailaban assalgeiros i as hedras
nas augas.
Bailaban os camiños dos montes
nos corutos, sobor dos penedos.

Ledéime na danza daquela alborada.
Ledóuseme o espírito i a ialma.
Déi brincos nas tenzas;
saltéi como infante
e corrín sin dirección nin xeito,
fuxindo de todo o que eu era onte.

Botéime por ladeiras e coutos.
Subín aos outeiros pendentos e nós,
arredéi dos vieiros,
e fun pequeno, tan pequeno como era antes.

Eia! Viva! Hola!
Saíu iste sol da mañán
que me da nos xoellos, nos pes, na cabeza,
Faime ser tan outro,
ao quentarme ca luz, ao arrolarme co ar,
ao abirme os olhos cas ventiñas mareiras do sul.

Eia! Viva! Hola!
Renego das chuvias que latexan en min.
Renego das roupas molladas,
dos pes cheios de lama dos ruciros.
Quero calor, quentura, quero vivir no firmamento
da eisistenza normal.
Maxino estar mais alá
diste día. Non mais angustias
nin nódoas, nin canseiras á chuvia.
Quero ollar as estrelas fixamente,
niste ceu limpor de negrura.
Quero ser tan puro
como o porvir que sorrí diante de min.

Eia! Viva! Hola!
Voltaré a ser neno,
voltarei a xogar aos brinquedos
acarón da soleira da cativa porta miña.
nos días de vran,
secos e quentes como o alento dun boi ou dun cabalo.
Xa alí non estarán aquelas augas,
xa alí non estará sin sospirar
a pedra redonda que me vixiaba de noite.

Afora os pesadelos!
Afora os murmurios do irrealizábel!
Afora as invernías longas,
as treboadas, os furacáns i as neves!

Teño vontade de saber gozar.
Voltaré outra vez aos cañoños enxoiados,
sin croios e sin barro. Puxarei dos meus pes
por paraxes onde a xente vaia e veña,
Turraré dos acougos que me pesan
e lanzaréinos no mar sin fondo do esquencimento.

240

Eia! Viva! Hola!
Síntome no meio da persoas,
Sinto que me tocan, que me palpexan os beizos,
os cabelos, a gorxa i as mans,
que me bican, apertan e morden.

«—Vede! É como nós.
Non é louco nin está só.
Está aquí, entre os nosos abós i osnos os fillos.
É un home. Veloahí
cheio de lediza, ceibe de tristuras,
gostando do mundo,
comendo do noso pan
e bebendo da nosa auga.
—Veloahí! Pode ser iste home poeta,
mais primeiro é un de nós, un diste pobo».

Ledóuseme a ialma co vento mansiño.
Ledóuseme o corpo ca luz do nascente.
Abriúseme a vontade de voltar a correr.

Eia! Viva! Hola!
Qué belo sai hoxe iste sol de marzal!

ESCOLA TIPOGRÁFICA DA OFICINA DE SÃO JOSÉ
RUA DE ALEXANDRE HERCULANO, 123 - P O R T O

Céltica

**Caderno de Estudos
Galaico-Portugueses**

O r g a n i z a ç ã o d e
O l i v e i r a
G u e r r a

C é l t i c a

Caderno de Estudos Galaico-Portugueses

(Iniciação para a formação do Circulo de Estudos
dos Galaico-Portugueses em projecto e estudo)

O r g a n i z a ç ã o L i t e r á r i a
e E d i t o r i a l d e
O l i v e i r a G u e r r a

Rua de Pinto Bessa, 603-Telefone, 51929—Porto-Portugal

C o l a b o r a ç ã o L i t e r á r i a
e A r t i s t i c a d e a l g u n s
a m i g o s d a G a l i z a e d e P o r t u g a l

Arranjo gráfico: António Leite

NESTE CADERNO

Ao que venho	Oliveira Guerra
Projecto de Estatuto	
Comissão Instaladora	
Portugal na Galiza	
A Galiza em Portugal	
A Morte	
Pelos Velhos Caminhos	José M. Ruiz Morales
Francisco Añón	Hugo Rocha
A defesa do Idioma galego	Maximino Castinheiras Garcia
Os elementos Fundamentais da Cultura	
Portuguesa	Dr. Jorge Dias
Valle Inelan	Diego Bernal
El Poeta Ciego	Pura Vázquez
Carlos Carneiro	Barata Feyo
Margarida Tamegão	Oliveira Guerra
José González Collado	" "
Arte Abstracta?	" "
Impressões de Leitura	A Pinheiro Guimarães
" " "	João Apolinário
" " "	Rebelo Bonito
" " "	Novoneyra
" " "	M. J. Teix.* de Vasconcelos
" " "	Oliveira Guerra
Auto do Labrego	Manuel Maria
Angeles Inútils	Fernando Echevarria
O Tempo l a Memoria	Xohana Torres
Fagulhas	Realva
Conto	Miguel González Careós
Súplico de Tântalo	Alice de Azevedo
Eles non Saben	A. Tovar Bobillo

CÉLTICA



AO QUE VENHO...

por OLIVEIRA GUERRA

Tendo exposto finalmente (como natural corolário do que viera dizendo antes), as minhas ideias e os meus planos na «Céltica» de capa verde, eu entrei de elaborar o projecto do Estatuto que viria a reger um dia, depois de devidamente estudado, discutido e aprovado, o «Círculo de Estudos Galaico Portugueses», sonhado e desejado durante tantos anos, e uma vez redigido esse projecto e cedendo a instâncias repetidas de amigos e de entidades galegas, entre as quais sobressaía a «Associação de la Prensa de Vigo» pela voz do seu Presidente D. Gonzalo Rey Alar, eu fui a Vigo nos primeiros dias de Dezembro, para apresentar o meu trabalho e submetê-lo à apreciação desses amigos e dessas entidades, o que teve lugar na Associação da Imprensa, num ambiente cordeal e amistoso verdadeiramente desvanecedor.

Distribuí-o depois pelos jornais portugueses do Norte e pelos jornais galegos e tive a extrema satisfação de verificar o carinhoso acolhimento que todos lhe fizeram, publicando largas referências e transcrevendo quase integralmente o texto do 3.º artigo do I Capítulo, que contém o programa de realizações culturais em perspectiva, no amplo âmbito orgânico do Círculo. Não vou, como nos cadernos anteriores, reproduzir aqui as palavras de estima e de aplauso publicadas, porque foram tão numerosas, tão copiosos os artigos e as referências dos jornais não só portugueses e galegos como de toda a Espanha, que seria de grande dificuldade a escolha de trechos para transcrever, e, por isso, ocuparei esse precioso espaço inserindo outros textos, entre os quais o projecto do Estatuto

Infelizmente, as deficiências da minha saúde verificadas entre Setembro e Dezembro, voltaram a manifestar-se a partir da noite de 4 de Janeiro e a minha actividade reduziu-se de novo durante bastante tempo, decorrendo lentamente os trabalhos preparatórios da reunião de amigos e intelectuais que devia discutir e dar a primeira aprovação particular ao meu projecto, reunião essa que estando prevista para Fevereiro, na Sede da Associação da Imprensa e Homens de Letras do Porto e com numerosa afluência de interessados, veio a realizar-se com um restricto número de presentes e um caracter muito privado, numa das salas da minha residência, em 4 de Março.

Apezar dessa limitação, fizeram-se representar por meio de procurações algumas dezenas de intelectuais e amigos de Além e de Aquém Minho e compareceram, entre outros, o escultor Mestre Barata Feyo, o pintor Carlos Carneiro, o escritor e jornalista Dr. Ramos de Almeida, o poeta António Norton, o escritor e entre nós galeguista n.º 1 Hugo Rocha, o escritor Rebelo Bonito, o jornalista Costa Barreto, o Eng.º Henrique Shereck, director do Radio Club Português, o escritor Dr. Julio Almoyna, Director do Colegio Oficial Espanhol, a escritora da Rádio D. Maria José Teixeira de Vasconcelos (Pascoais), D. José María Ila, Director do jornal «Ecos de España», o Dr. António Emílio de Magalhães, Presidente da Liga de Profilaxia Social do Porto, o Dr. Bertino Daciano, os escritores-jornalistas Jorge e Julieta Listopad, o Dr. Raul Gonçalves, D. Maria de la Purificación Lúgris Freire, o poeta Luis Ribeiro Seca, o pintor Jaime Isidoro, o poeta António Lousada, o pintor António Leite, o escultor Casals Marginet, D. Elisa de Carvalho, Direc-

tora do «Jornal Feminino», ausente em África, mas representada por seu filho, o poeta António Pinheiro Guimarães, representado por D. Maria Virgínia Monteiro, o ensaísta Eduardo V. da Fonseca, etc.



244

Reunião em casa de Oliveira Guerra, no dia 4 de Março

Sem preocupações, fugindo ao pragmatismo habitual das assembleias em que se constitue mesa e se predispõe uma ordem de trabalhos, pois estávamos em família para conversar amenamente e despreziosamente sobre um assunto de apaixonante interesse e para tomar no final um cálice de Porto, eu fiz uma breve resenha das diversas manifestações surgidas nas últimas dezenas de anos, tendo em vista propiciar uma aproximação sentimental e intelectual entre as camadas pensantes da Galiza e de Portugal do Norte e solicitei depois a D. Maria Virgínia Monteiro a fineza de ler o projecto de Estatuto que tinha sido elaborado e já fôra prodigamente referenciado pela Imprensa, sendo o mesmo então estudado, apreciado, discutido e emendado durante duas horas e sendo anotadas as alterações propostas, afim de, em nova e definitiva redacção, ser o documento submetido quanto antes à aprovação oficial em Portugal, e, mais tarde, adaptado ao foro espanhol para ir também à aprovação do governo de Madrid. No final, propuz que fosse constituída uma comissão destinada a prosseguir nos trabalhos até então realizados por mim, ficando essa comissão formada por

D. Maria de la Purificacion Lúgris Freyre
Hugo Rocha
José María Illa Ocaña
Abílio de Sousa Faria
Oliveira Guerra

A partir dessa data, porém, o meu precário estado de saúde sofreu ainda novas perturbações, e, cumulativamente com isso, decorreram

MOVIMENTO EM MARCHA

circunstâncias e acontecimentos que vieram crear um ambiente menos propício ao desenvolver normal das actividades em curso, que já vinham sendo morosas. Cite-se dentre esses casos, como sendo o menos próximo e contudo o mais directamente perturbador, aquilo que começou de acontecer nas nossas terras de Angola, aqueles horrorosos acontecimentos que pela sua importância trágica para a nossa vida social e nacional vieram monopolizar todas as nossas atenções, ferir profundamente os nossos espíritos, pôr em dolorosa críspação os nossos nervos e as nossas sensibilidades. Desde há longos meses que os portugueses conscientes, quaisquer que sejam as suas ideias ou os seus credos, vivem horas de angústia e trazem no espírito, misturadas com as preocupações da vida diária e às vezes, muitas vezes, dominando-as em absoluto, uma preocupação nova, confrangedora e absorvente que é individual para cada um de nós e simultaneamente colectiva: A preocupação da guerra que atravessou as nossas fronteiras geograficas ultramarinas e também as nossas fronteiras psicológicas e que veio instalar-se sob a forma do ataque mais hediondo junto de compatriotas distantes, destruindo vidas de inocentes e fazendas e ameaçando ou pretendendo ameaçar a nossa integridade nacional de cinco seculos. Milhares de mortos brancos, pretos e mestiços, velhos, novos, mulheres e crianças horrorosamente mutilados, juncam os campos e as povoações angolanas. Muitas e muitas familias portuguesas estão de luto, estamos todos de luto. Marcham soldados para África. estamos marchando para África com o coração sangrando e dispostos a lutar, talvez arrastados pela missão de deter a funambulesca marcha do mundo Europeu para o nada, desempenhando talvez com a Espanha, novamente, um papel superior no mundo de hoje como o desempenhámos no mundo de ontem...

Com o atrazo dos trabalhos em curso atinentes à aprovação do projecto de Estatuto do «Circulo de Estudos Galaico-Portugueses», profeleu-se também a publicação da «Céltica», esta pequena e humilde publicação que apareceu para lhe servir de pregoeiro e órgão aglutinador, mas, neste caso, pode-se dizer que a maior razão foi outra, muito embora as já apontadas razões preponderassem também. como é compreensível: A maior razão foi o facto de ter falhado pela terceira vez a máquina que devia realizar na Galiza a distribuição da «Céltica», das suas separatas e de quaisquer outras edições a realizar e de eu ter considerado, e, comigo, os que consultei sobre o assunto, que era um contra-senso fazer largos dispendios em trabalhos sem o proveito de os ver distribuidos e a cumprirem a sua função, parecendo de necessidade primordial resolver em primeiro lugar o problema da orgânica distribuidora e prosseguir depois na tarefa de editar e propagar as ideias e desenvolver, enfim, as actividades deste género. Numa das suas habituais visitas ao Porto, Anric Massó vendo os pacotes contendo os cadernos publicados que se acumulam no meu escritório que também é actualmente a Séde Provisória da Comissão Instaladora do Circulo de Estudos, Anric Massó, como ia dizendo, manifestou a sua surpresa e o seu pezar pelo desperdício e pelo estado em que as coisas se encontravam, não deixou de, amistosamente, me censurar, considerando prodigalidade minha a realização de edições avultadas para ficarem empacotadas, e explicados assim os motivos porque não me abalancei a publicar a «Céltica» de Março, resolvi que iria ter com ele a Vigo, brevemente, sacudindo o meu torpôr, afim de, com a sua valiosa e amistosa ajuda, procurar ali, pela quarta vez, solucionar o magno problema...

Com esse fito deslocamo-nos no dia 30 de Abril a Vigo, eu e o querido amigo de tantos anos, escritor Hugo Rocha, hoje camarada na Comissão Instaladora do Circulo, e ali passamos 3 magnificos dias em graíssima camaradagem com intellectuais da linda cidade visinha e entidades diversas. A recepção na Associação da Imprensa, o almoço no Monto do Castro, a tertulia do Bar Goya, o serão em casa do Celso Emilio, as visitas aos jornais, as atenções de Anric Massó e de Alejandro Dominguez Requeijo, as «Charlas» acerca dos planos do Circulo de

MOVIMENTO EM MARCHA

Estudos, dos sucessos de Angola, da erecção do monumento em Vigo a Martin Codax, do inquérito intelectual de «El Progreso» de Lugo, do almoço a Alvaro Cunqueiro, da homenagem que se estava realizando em La Coruña, na Associação da Imprensa, ao querido Juan Naya, das festas a Rosalia no Padron, com o concurso de «Follas Novas», tudo isso e o convívio com Rey Alar, Díaz Jácome, Benedito Conde, Ferreiro,



246

Gonzalo Rey Alar, Hugo Rocha e Oliveira Guerra, na «Asociación de la Prensa de Vigo»

Alvarez Blazquez, Manuel de la Fuente, Luis Santamaría, Félix Morales, Diaz Seco, Angel Sevillano, etc. tudo isso e o calmo ambiente contrastante com o nosso ambiente adensado pela guerra de África, deu-nos tres dias magníficos e inolvidáveis. Por fim, e como uma razão para alegria, parece ter sido resolvido com Lloves Cid o problema da distribuição da «Céltica» e suas edições de separatas ou livros e, regressando ao Porto, regressamos à actividade optimista e a este *movimento em marcha...*

OLIVEIRA GUERRA

PROJECTO DE ESTATUTO

DO «CÍRCULO DE ESTUDOS GALAICO-
-PORTUGUESES», COM SEDE NO PORTO

PREÂMBULO

A História separa por vezes os povos, mas nem sempre os desirmanava e as afinidades sanguíneas, étnicas, espirituais e éticas mantêm-se através dos séculos e prendem-nos por cima das fronteiras e para além das constituições nacionais, com os liames ráticos, familiares e tradicionais, como se continuassem vivendo à sombra da mesma bandeira e regidos pelos mesmos governos. Sabe-se que, em contrapartida, à sombra da mesma bandeira e regidos pelos mesmos governos há povos de raízes ancestrais não comuns, que dificilmente poderão entender-se, através do tempo, e que através do tempo se manterão desirmanados e distantes...

Separados politicamente pelo fatalismo histórico dos povos e das nações, as gentes da chamada região cantábrica mantiveram latente, durante os séculos decorridos desde a sua separação, os caracteres étnicos e éticos que os irmanaram na origem ou num dado momento muito distante da sua vivência, a língua comum ou de raízes comuns, o espírito que os animava muitos séculos atrás, as normas da vida e os usos e costumes, os substractans morais da sua personalidade colectiva comum e tudo quanto, enfim, prende dois irmãos parecidos física e psicológicamente. E quando volvidos alguns séculos se encontram frente a frente, encarando-se como irmãos separados mas não desirmanados, facilmente se reconheceram e se sentiram afeiçoados...

Esse reencontro verificou-se principalmente ou teve mór consciência entre as camadas intelectuais da Galiza e do Norte de Portugal, depois que foi feita a maravilhosa descobera dos Cancioneiros Galaico-Portugueses, magnífica floração poética dos galegos e portugueses dos séculos XII e XIII, que, se bem que já então pertencendo a nações diferentes, puderam e souberam criar a Obra comum e sem par que os une a um passado distante. E quando, começada a Renascença da Literatura galega, os seus poetas e escritores entraram na posse mais ampla duma consciência estética, altamente favorecida pela aparição dos Cancioneiros, e compreenderam melhor e mais nitidamente as afinidades que tinham unido e unem ainda e sempre as gentes de Aquém e de Além Minho, penetrou-os o natural desejo de promover uma reaproximação sentimental, espiritual e artística que fosse como que um quase regresso ao passado,

e que de certo modo os encaminhasse, se isso fosse possível, para um futuro intelectual mais próximo ou fraterno, mais comum sem prejuízo das posições políticas de cada região, a Galiza confinada à sua condição de membro da grande Espanha, a parte portuguesa da região do Noroeste, núcleo inicial da nossa nacionalidade, dela separada por uma fronteira que nos divide...

Dum lado e do outro, então, começaram a surgir intelectuais interessados nessa reaproximação, advogando-a e defendendo-a, procurando-a e preconizando-a em artigos de jornais, em pedaços de prosa e em poemas. Mas os anos foram passando e desses gritos isolados nada resultou senão a preparação, talvez, dum estado de espírito propenso a uma realização que um dia viria a aparecer, que era justo e digno e merilório que um dia aparecesse. E o momento dessa realização parece ter chegado. O momento dessa luminosa realização parece estar nas nossas mãos, como que por um destino que nos foi imposto, como que por uma incumbência que nos, foi ditada pelos homens superiores que maneando a pena, na Galiza e em Portugal, vieram tecendo a malha do interesse espiritual entre galegos e portugueses, preparando o terreno, lançando a semente e adubando-a com o seu entusiasmo, a sua ternura e a luz do seu espírito. Sejam dignos dessa incumbência, aceitemos a herança, trabalhemos para que a amizade galaico-portuguesa aumente e frutifique, numa atmosfera de perfeita compreensão, no âmbito das boas relações hispânicas, sem prejuízo de qualquer espécie para os povos de além e de aquém Minho nem para as duas nações vizinhas. Constituamos, pois, como instrumento de acção e aproximação, o CÍRCULO DE ESTUDOS GALAICO-PORTUGUESES.

248

CAPÍTULO I

Denominação, objectivos e meios

Art.º 1.º—Com a designação do CÍRCULO DE ESTUDOS GALAICO-PORTUGUESES é criada no Porto uma instituição que terá um número ilimitado de associados, terá sua sede provisoriamente na rua de P. Bessa, 603-1.º desta cidade, e se regerá pelo presente Estatuto.

Art.º 2.º—O CÍRCULO DE ESTUDOS GALAICO-PORTUGUESES tem o objectivo de procurar por todos os meios legítimos ao seu alcance a criação dum ambiente de maior conhecimento mútuo e de mais íntima cordialidade entre as gentes que, oriundas da velha Galícia, habitam a velha região do Noroeste, ou seja a Galiza actual e a parte do Norte de Portugal, isto para além ou acima das fronteiras nacionais que as separam, integrado no espírito das boas relações hispânicas e com pleno respeito pelos poderes Constituídos.

Art.º 3.º—No âmbito da acção do CÍRCULO DE ESTUDOS GALAICO—PORTUGUESES e com essa finalidade estão compreen-

didadas manifestações de carácter sentimental, espiritual e cultural, a saber:

- a) Visitas de amizade, observação e estudo.
- b) Conferências em terras portuguesas e galegas sobre Pre-história, História, Etnografia, Arqueologia, Filologia, Linguística, Literatura, Poética, Música, Dança, tradições, usos e costumes e lendas, Artes Plásticas, Artesanato, etc.
- c) Festivais Folclóricos organizados com superior critério e respeito pelo folclore autenticamente tradicional e popular.
- d) Manifestações teatrais, recitais poéticos, concertos musicais, realizações cinematográficas, programações radiofónicas, esforços no sentido de ser obtida a montagem da televisão em cadeia, ligando as duas regiões, desenvolvimento da gravação de discos, etc., etc.
- e) Jogos florais e concursos de Arte, com prémios.
- f) Exposições de artes plásticas e de artesanato.
- g) Criação de bolsas de estudo para favorecer o estudo de tudo quanto diga respeito à região da velha Galiza e de prémios para galardoar esforços conducentes a um melhor conhecimento dessa região.
- h) Reedição de livros galaico-portugueses com interesse que estejam esgotados ou inéditos, publicação de documentos de valor também inéditos, edição de livros de autores actuais que não tenham editor nem meios pecuniários para custear as suas edições.
- i) Exposições bibliográficas e esforços atinentes ao aumento da venda em Espanha (e sobretudo na Galiza) dos livros portugueses e dos livros espanhóis (e sobretudo galegos) em Portugal.
- j) Permuta de noticiários e de colaboração literária para os periódicos e revistas.
- k) Organização de congressos intelectuais.
- l) Organização de bibliotecas públicas de livros galegos e portugueses, a começar pela da Séde do CÍRCULO e para quantos as queiram utilizar, associados ou não associados, no último caso mediante uma pequena taxa especial que se destinará à compra de novos livros.
- m) Organização de discotecas, a começar pela da Séde do CÍRCULO, com os mesmos objectivos e nas mesmas condições.
- n) Manutenção dum boletim regular que dê conta das actividades desenvolvidas, que ventile problemas, proponha soluções e que inclua colaboração artística e literária de galegos e portugueses (ou de quaisquer outros hispânicos) em qualquer língua e em qualquer dialecto regional mas, como é evidente, sobretudo em galego, castelhano e português.

CAPÍTULO II

Dos Sócios

(Admissão, classes, direitos, deveres, penalidades)

Art. 4.º—Poderão ser associados do CÍRCULO DE ESTUDOS GALAICO-PORTUGUESES:

a) Todos os cidadãos portugueses, dos dois sexos, maiores, residentes no país ou em qualquer parte do mundo.

b) Todos os cidadãos galegos, dos dois sexos, de maior idade, residentes em Portugal, na Galiza ou em qualquer outra parte da Espanha e ainda, do mundo.

c) Todos os cidadãos espanhóis ou de qualquer nacionalidade hispano-americana (descendentes de Espanha ou de Portugal), dos dois sexos, de maior idade, residentes em Portugal, na Espanha ou em qualquer parte do mundo.

d) Todos os cidadãos doutras origens que pelos seus méritos e por consenso da Assembleia Geral sejam admitidos em qualquer uma das classes de associados.

Art. 5.º—Os associados do CÍRCULO DE ESTUDOS GALAICO-PORTUGUESES dividem-se em cinco classes, a saber: Fundadores, Efectivos, Colaboradores, Beneméritos e Honorários.

1.º—São associados fundadores as primeiras 50 pessoas inscritas como membros do Círculo, que se considera terem contribuído para a sua constituição, com qualquer espécie de colaboração. Estarão no mesmo regime dos sócios efectivos.

2.º—São sócios efectivos todos aqueles que se proponham ou sejam propostos por outros associados e que sejam aprovados pela Direcção a partir da constituição oficial do CÍRCULO.

3.º—Serão sócios colaboradores os indivíduos que prestem serviços de qualquer espécie, sobretudo de carácter cultural, e que por isso serão isentos, se o quiserem, do pagamento de qualquer quota, não deixando, contudo, de auferir as regalias pertencentes aos demais.

4.º—Serão sócios beneméritos os que, inclusos ou não nas demais classes, tenham prestado ou estejam prestando serviços relevantes ao CÍRCULO, lhes ofereçam importâncias dignas de nota para o custeio das actividades, livros, peças de arte, etc. e que serão votados por maioria da Direcção

5.º—Serão sócios honorários as personalidades notáveis que além de o serem tenham prestado excepcionais serviços ao CÍRCULO e ao movimento de aproximação galaico-portuguesa, sendo a sua eleição proposta pela Direcção à Assembleia Geral, ordinária ou extraordinária, que os aclamará por maioria ou por um grupo nunca inferior a 12 associados.

Art. 6.º—Aos sócios fundadores, efectivos e colaboradores serão entregues diplomas e cartões que os identifiquem. Aos sócios beneméritos e honorários serão entregues solenemente, em Assembleia

Geral, diplomas que constituam tanto quanto possível trabalhos artísticos, a executar para esse fim por um dos artistas associados do CÍRCULO.

Art. 7.º—Todos os sócios têm direito de:

a) Frequentar a sede social no Porto e as delegações que venham a ser criadas em quaisquer cidades, beneficiar do uso das suas bibliotecas e discotecas, de harmonia com regulamentos a estabelecer.

b) Tomar parte em todas as manifestações de carácter social, patriótico, religioso, cultural, etc., que venham a realizar-se no âmbito das actividades previstas e não previstas.

c) Tomar parte nas reuniões da Assembleia Geral ordinária ou extraordinária, discutir, dar parecer, votar e ser votado nas eleições para os corpos directivos ou para as diversas comissões ou cargos complementares da Direcção.

d) Propor novos sócios efectivos ou em número de 12 sócios propor à Assembleia Geral sócios honorários.

e) Alvitrar e propor nas reuniões da Direcção e nas da Assembleia Geral tudo quanto considerem conveniente aos interesses colectivos.

f) Ser ouvido quando acusado de qualquer falta ou infracção e usar de defesa perante a Direcção.

g) Apelar para o consenso da Assembleia Geral ordinária ou convocada extraordinariamente para esse fim, a seu pedido, quando não se conformem com qualquer decisão da Direcção que lhe diga respeito e que tenha tido o objectivo de o punir.

Art. 8.º—Aos sócios em geral compete:

a) Esforçarem-se ao máximo pela realização integral do programa de acção do CÍRCULO DE ESTUDOS GALAICO-PORTUGUESES.

b) Pagarem a sua quota que constituirá uma parte indispensável do fundo económico destinado à manutenção do CÍRCULO e à realização das suas actividades, excepção feita para alguns sócios fundadores, colaboradores, beneméritos e honorários, que podem, contudo, não aceitar essa isenção, por um bom desejo de colaboração.

c) Aceitar os cargos na Direcção, Conselho Fiscal, Assembleia Geral e Comissões para que sejam nomeados ou eleitos, salvo motivos importantes que disso os inibam.

d) Cumprir e fazer cumprir as disposições estatuídas e regulamentares.

e) Respeitar as disposições da Direcção, das Comissões e da Assembleia Geral.

f) Comunicar qualquer mudança da sua residência.

g) Provar a sua identidade de sócios sempre que a Direcção ou qualquer outro órgão autorizado do CÍRCULO o considerem necessário.

h) Aceitar qualquer resolução que tenha tido por objectivo punir qualquer infracção podendo, contudo, recorrer para a Assembleia Geral, quando lhes pareça que foram vítima duma injustiça.

CAPÍTULO III

Dos Órgãos Directivos

Art. 9.º—Os órgãos Directivos do CÍRCULO DE ESTUDOS GALAICO-PORTUGUESES são a Assembleia Geral dos seus sócios, no uso pleno dos seus direitos, o Conselho Fiscal e a Direcção, constituídos como consta dos artigos que se seguem e desempenhando as suas funções como adiante vai indicado.

Art. 10.º—A Direcção do CÍRCULO DE ESTUDOS GALAICO-PORTUGUESES será eleita pela Assembleia Geral ordinária, desempenhará o seu mandato por períodos de 3 anos e será constituída por um Presidente, um Vice-Presidente, um Tesoureiro, um Primeiro secretário, um Segundo secretário, dois Vogais efectivos e dois Vogais substitutos.

Art. 11.º—Compete ao Presidente da Direcção do CÍRCULO DE ESTUDOS GALAICO-PORTUGUESES:

a) Presidir às sessões da Direcção e a todos os actos administrativos.

b) Assinar com os demais membros da Direcção as actas das reuniões.

c) Assinar os cartões de identidade, diplomas, correspondência, etc.

d) Assinar ou rubricar com o tesoureiro todos os documentos de carácter administrativo.

e) Representar a Direcção do CÍRCULO em todas as cerimónias públicas ou particulares, de carácter social, religioso, patriótico ou cultural e onde quer que seja conveniente a presença do CÍRCULO.

f) Representar o CÍRCULO DE ESTUDOS GALAICO-PORTUGUESES em juízo.

g) Aceitar em nome do CÍRCULO quaisquer donativos ou legados, condicionando, porém, a aceitação duns e doutros, à prévia autorização da Assembleia Geral, quando se verifique a imposição de quaisquer ónus ou qualquer outra inconveniente imposição decorrentes dessa aceitação.

h) Examinar e estudar sempre os planos de todas as manifestações de carácter cívico ou cultural que, organizadas pelas Comissões encarregadas dessas actividades, tenham de ser levadas a efeito, e sancioná-los somente quando lhe pareça que os mesmos planos foram elaborados com todo o cuidado, de modo que as suas

realizações decorram com o máximo de dignidade e de êxito para o CÍRCULO e para os que delas participarem.

i) Resolver, pelo seu alto critério, todos os casos duvidosos ou omissos nestes Estatutos.

Art.º 12.º—Compete ao Vice-Presidente da Direcção do CÍRCULO DE ESTUDOS GALAICO-PORTUGUESES:

a) Tomar parte nas reuniões da Direcção.

b) Substituir inteiramente o Presidente nos seus impedimentos.

Art.º 13.º—Compete ao Tesoureiro do CÍRCULO DE ESTUDOS GALAICO-PORTUGUESES:

a) Receber e arrecadar toda a receita e efectuar os pagamentos, depois de visados pelo Presidente ou Vice-Presidente no impedimento daquele, os respectivos documentos.

b) Assinar toda a documentação relativa à receita e à despesa.

c) Depositar num estabelecimento de crédito, quando a Direcção o entender conveniente, à ordem ou a prazo, os valores existentes.

d) Apresentar nas sessões da Direcção, sempre que esta reuna, o balancete do Caixa e, anualmente, com o relatório da Direcção, as contas correspondentes ao ano social decorrido.

e) Assinar com o Presidente da Direcção os saques, sempre que necessários, para satisfazer os gastos do CÍRCULO.

f) Mencionar em livros próprios, com toda a clareza, a receita e a despesa do CÍRCULO, podendo ser auxiliado por um técnico-profissional cujos serviços serão remunerados segundo o critério da Direcção.

g) Tomar parte nas sessões da Direcção.

Art.º 14.º—Compete ao 1.º Secretário do CÍRCULO DE ESTUDOS GALAICO-PORTUGUESES:

a) Lavrar as actas das sessões e guardar os respectivos livros, bem como o arquivo.

b) Encarregar-se de toda a correspondência, assinando-a ou submetendo-a, conforme as circunstâncias, à assinatura do Presidente ou do Vice-Presidente, no impedimento daquele.

c) Dirigir os serviços de Secretaria.

d) Regular as actividades e a boa ordem dos serviços da sede social, relativamente a todas as iniciativas que não estejam sob a direcção de qualquer outra entidade expressamente nomeada para esse fim.

e) Tomar parte nas reuniões da Direcção.

Art.º 15.º—Compete ao 2.º Secretário do CÍRCULO DE ESTUDOS GALAICO-PORTUGUESES:

a) Auxiliar o 1.º Secretário quando este o julgue necessário e substituí-lo inteiramente nos seus impedimentos.

b) Tomar parte nas reuniões da Direcção.

Art.º 16.º — Compete aos Vogais da Direcção do CÍRCULO DE ESTUDOS GALAICO-PORTUGUESES:

a) Substituir qualquer membro da Direcção em qualquer impedimento que não possa solucionar-se doutro modo.

b) Prestar o seu concurso aos serviços da Direcção, quando isso for considerado necessário.

c) Tomar parte nas reuniões da Direcção.

Art.º 17.º — Compete aos vogais substitutos da Direcção do CÍRCULO DE ESTUDOS GALAICO-PORTUGUESES:

a) Substituir na sua falta ou impedimento o Vice-Presidente, o 2.º Secretário, o Tesoureiro ou qualquer dos vogais efectivos, sendo o primeiro substituto o mais velho dos dois suplementos.

b) Assistir às reuniões da Direcção.

Art.º 18.º — A Direcção do CÍRCULO DE ESTUDOS GALAICO-PORTUGUESES reunirá semanalmente, quizenalmente ou tantas vezes em cada mês quantas sejam consideradas necessárias.

254

Art.º 19.º — A Direcção, cuja missão é sobretudo orientadora e administrativa, nomeará comissões constituídas por um ou mais indivíduos, conforme as necessidades, e nelas delegará o desempenho de determinados trabalhos inumerados no art.º 3.º, como por exemplo: uma comissão para organização de visitas de estudo, outra para organização de conferências, outra para preparar festivais folclóricos, outra para manifestações teatrais, recitais poéticos, concertos musicais, etc., outra para organização de jogos florais e assim sucessivamente.

Art.º 20.º — Esses delegados da Direcção, que deverão ser sobretudo pessoas idóneas e tanto quanto possível especializados, podem ser elementos da própria Direcção ou elementos alheios à Direcção, embora integrados no corpo social do CÍRCULO.

CAPÍTULO IV

Do Conselho Fiscal

Art.º 21.º — O Conselho Fiscal é constituído pelo presidente, pelo 1.º secretário e pelo segundo secretário; reunirá de três em três meses e extraordinariamente quando tiver necessidade para proceder a uma verificação do desenvolvimento das actividades sociais e culturais do CÍRCULO e no fim de cada ano apresentará, à Assembleia Geral ordinária, o seu relatório e parecer sobre essas actividades e sobre as contas da Direcção.

CAPÍTULO V

Da Assembleia Geral

Art.º 22.º—A Assembleia Geral é a reunião dos sócios fundadores e efectivos do CÍRCULO DE ESTUDOS GALAICO-PORTUGUESES, tendo uma mesa constituída por um Presidente eleito trienalmente e pelo primeiro-secretário da Direcção, que subscreverão, ambos, as actas das reuniões.

1.º Além do Presidente será também trienalmente eleito um Vice-Presidente, para substituir aquele nos seus impedimentos.

2.º No impedimento do 1.º Secretário da Direcção, secretariará as reuniões da Assembleia Geral o 2.º Secretário.

Art.º 23.º—A Assembleia Geral terá reuniões ordinárias e extraordinárias, realizando-se as primeiras no mês de Dezembro de cada ano, para as eleições, quando as houver, e apreciação do Relatório e Contas da Direcção e do Parecer do Conselho Fiscal, e efectuando-se as extraordinárias sempre que o Presidente da Direcção o solicite do Presidente da Assembleia Geral e sempre que este o considere conveniente, por motivos de interesse social, ou também quando o requeiram mais de um quinto dos sócios fundadores e efectivos.

1.º Nas Assembleias Gerais ordinárias pode-se discutir qualquer assunto de interesse geral, depois da Ordem do dia, enquanto que nas Assembleias Gerais extraordinárias só podem debater-se assuntos enunciados nas convocatórias.

2.º A Assembleia Geral, quer em sessões ordinárias quer em sessões extraordinárias, só poderá funcionar com mais de metade do número total dos sócios fundadores e efectivos no gozo dos direitos sociais, mas se não se reunir número bastante no dia e na hora fixados na convocação, considerar-se-á convocada a Assembleia para meia hora depois, efectuando-se então a reunião com qualquer número de sócios presentes.

CAPÍTULO VI

Do fundo Social

Art.º 24.º—O Fundo Social do CÍRCULO DE ESTUDOS GALAICO-PORTUGUESES será constituído:

a) Pela quotização mensal dos seus associados fundadores e efectivos e ainda de qualquer uma das outras classes que queiram pagá-la, da importância que será fixada pela Assembleia Geral sob proposta da Direcção.

b) Pela quotização ou quotizações suplementares que sejam

votadas pela Assembleia Geral com fins especiais, por razões apresentadas e aceites, e que os Associados se disponham voluntariamente a satisfazer.

c) Por ofertas, doações ou legados.

d) Por subsídios ou subvenções oficiais ou particulares que a Assembleia Geral ache por bem aceitar.

e) Pelo produto da venda de quaisquer publicações e pelo rendimento de festivais, exposições, etc. de que se cobrem entradas.

f) Por quaisquer outras receitas eventuais e rendimentos de fundos de que o CÍRCULO DE ESTUDOS GALAICO-PORTUGUESES venha a ser proprietário ou usufrutuário.

Art.º 25.º—O Fundo Social será utilizado na manutenção e no desenvolvimento das actividades do CÍRCULO DE ESTUDOS GALAICO-PORTUGUESES, sob a administração da sua Direcção, a fiscalização do seu Conselho Fiscal e a aprovação da sua Assembleia Geral.

Art.º 26.º—Em caso de dissolução do CÍRCULO DE ESTUDOS GALAICO-PORTUGUESES e depois de liquidados todos os gastos, será o saldo dos Serviços Sociais distribuído por instituições de Caridade, de acordo com as resoluções da Assembleia Geral reunida para esse fim.

256

DISPOSIÇÃO TRANSITÓRIA

Para realizar as diligencias conducentes à provação oficial deste Estatuto e afim de, obtida essa aprovação, proceder à organização e instalação do «Círculo de Estudos Galaico-Portugueses», fica constituída uma comissão composta de 5 dos chamados sócios fundadores, a saber:

Maria de la Purificación Lugris Freyre
Hugo Rocha
José María Illa Ocaña
Abílio de Souza Faria
Manuel de Oliveira Guerra

Essa comissão encarregar-se-há de promover em devido tempo a primeira reunião da Assembleia Geral, para entrega dos poderes que lhe foram entregues e para dar conta do cumprimento do mandato que lhe foi confiado e se impôs—e dessa primeira reunião sairão eleitos os primeiros corpos directivos do «CÍRCULO DE ESTUDOS GALAICO-PORTUGUESES».

COMISSÃO INSTALADORA

DO CIRCULO DE ESTUDOS GALAICO-PORTUGUESES

Ex.^{mo} Amigo:

Ao iniciarmos, a dentro da comissão por nós constituída, os trabalhos relativos à constituição do «Circulo de Estudos Galaico-Portugueses» que até agora foram realizados pelo nosso amigo Oliveira Guerra e que passaram de agora em diante à nossa alçada, nós queremos saudá-lo a si e a todos os seus amigos que estejam predispostos a ajudar a Obra que se pretende levar a cabo e solicitar-lhes o melhor apoio e a melhor colaboração, que sem dúvida terão o grande mérito de aliviar a tarefa que nos foi imposta, que nós nos impuzemos.

Nessa esperança subscrevemo-nos, amigos sinceros e devotados cabouqueiros duma Obra que por agora é modesta mas que pode vir a ser grande.

Porto, 10 de Março de 1961.

(a a) *María de la Purificación Lugris Freyre*
Hugo Rocha
José María Illa Ocaña
Abilio de Sousa Faria
Oliveira Guerra

PORTUGAL NA GALIZA...

258

No decorrer destes ultimos longos meses decorreu na Galiza um mundo de inumeráveis actividades que teria sido agradável acompanhar de perto, observar, viver, sentir. Lembremos, dentre tudo, as festas de Rosalía no Padron, com a presença de homens de letras, de povo e autoridades e de «Follas Novas» e vá de trancrever o que me dizia María del Carmen Allegue em 9 de Abril: «...Ya de vuelta de Padron hace dias, le voy a contar como transcurrió ese dia para mi. Quando llegamos nos vestimos de gallegas y fuimos a cantar al ayuntamiento e de alli al monumento que tiene Rosalia. Alli cantamos «Negra Sombra» y cuando lo estábamos haciendo no puede imaginarse lo que me acordé de Vd, no se lo que daria porque estuviessse alli...Mas tarde aproximadamente a las 2 de la tarde le fuimos a entregar a una ancianita —que se hizo famosa en toda Galicia por sus 115 años, segun ella dice los cumple este mes— un obsequio que le hicimos entre todos. Fue un acto francamente emocionante, como todos no pudimos subir pues la casa es mui viejiña, la levantaran de cama y la asomaran a la ventana y nosotros desde bajo le cantamos unas cantas canciones gallegas. No puedo describir la emocion de todos, ella lloraba y nosotros tambien...»

* * *

Lembremos também o almoço em Lugo de homenagem ao grande escritor Alvaro Cunqueiro, com uma afluência tão grande de intelectuais que nada terá havido de há muito tempo na Galiza que se lhe possa comparar. Não poucos amigos me expressaram o seu pezar por não me terem encontrado nessa manifestação solidária de aplauso e apreço ao notável homem de letras e não foi pequena a mágua que me tomou de, inerte e doente, não ter podido levar-lhe também a minha voz e a minha companhia, em franca comunhão com as vozes e as companhias dos amigos de Além Minho. Que infinito pezar, meus amigos galegos, o de não ter levado até vós e até Alvaro Cunqueiro, a profunda admiração de que êle disfructa em Portugal e umas palavras de estímulo para que continúe a enriquecer a gloriosa literatura galego-portuguesa...

* * *

Finalmente lembremos a festa de homenagem a Juan Naya Perez, realizada pela Associação da Imprensa da Corunha, e ainda a que lhe fez o grupo «Follas Novas», pouco tempo depois. Nomeado Cronista da sua cidade, Juan Naya, pela sua actividade magnifi-

ca, pela sua devoção literária e sentimental a Rosalia e á sua terra, pelo carinhoso aconchego que dispensa a todos quantos o demandam, pelo seu valor intelectual e pela sua obra, bem merecia as calorosas manifestações de estima e aplauso que os seus conterrâneos houveram por bem dispensar-lhe, a estima e o aplauso que lhe dispensam todos aqueles que de perto ou de longe o conhecem...

* * *

Foi realização na verdade feliz, ainda que haja opiniões um tanto adversas, aquela do inquérito literário que por sugestão de Angel Fole levou a efeito o diário «El Progreso», de Lugo, em Março e Abril.

Ao receber o convite para colaborar e o questionário, logo se me afigurou que estavamos na presença de qualquer coisa de interessante e até notável, digna de toda a atenção, que iria colocando, dia a dia, os leitores do simpático periódico galego em face de ideias, problemas e soluções á medida que os questionados respondessem e assim foi, com efeito.

Foram as seguintes, as perguntas formuladas:

1.º ¿Qué opina de la Literatura Gallega en general y de sus generos en especial?

2.º ¿Qué valores prefiere de la misma en lo histórico y en lo actual?

3.º ¿Qué libros de los publicados en los últimos años juzga de mayor influencia en el desarrollo de la misma?

4.º ¿Cuáles considera de más urgente publicación?

5.º ¿Qué opinión tiene de los círculos de enseñanza en gallego que funcionan en varias ciudades?

6.º ¿Considera oportuna la celebración de una serie de coloquios sobre la cultura gallega? En caso afirmativo, ¿qué temas considera más urgentes?

7.º ¿Hasta qué punto estima son convenientes las versiones al gallego para la formación literária de este idioma y qué critério de orientación y preferencia debe presidir éstas?

8.º ¿Exponga las sugerencias que crea oportunas a este cuestionário.

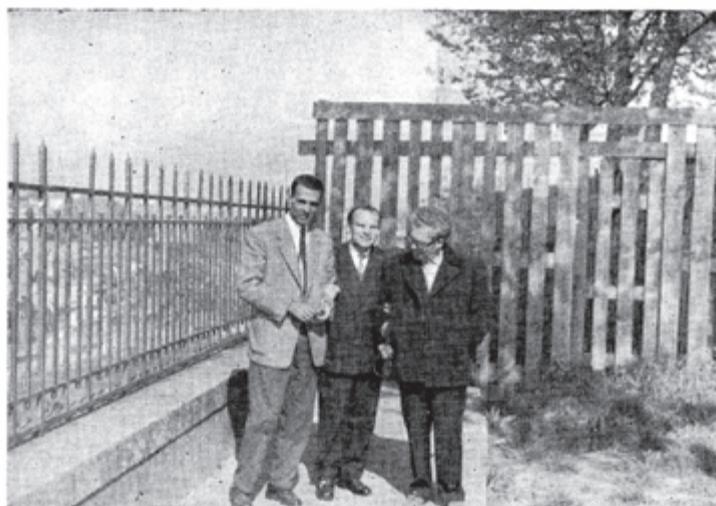
Consultados poetas, prosadores, jornalistas, críticos, professores, etc., foram muitas as respostas e citemos entre os que responderam Ramon Piñeiro, Fernandez del Riego, Ramon Lugris, Fermin Bouza, Garcia Sabell, Manuel Maria, Iglesia Alvariño, Carballo Calero, Camilo Jose Cela, Jose Maria Alvarez Blasquez, Ramon Lorenzo, Fernandez Oxea, Isidoro Millan, Martinez Risco, Augusto Assia e Maria Victoria Armesto, Alvaro Cunqueiro, José Maria Castroviejo, Oliveira Guerra, Vicente Risco, ou sejam aqueles de que tive conhecimento, etc.

Do mundo de opiniões, algumas desencontradas, umas tantas talvez menos isentas de predisposições pessoais do que seria justo,

resultou como era de esperar ou como era justo esperar-se um vasto panorama intelectual, desenhado com nitidez de linhas bastante fortes, do que é a vida cultural da Galiza e do que ela deseja ser e é preciso que seja. Cada um colaborou com o traço do seu lápis, cada um deu de si mesmo, da sua cultura, da sua visão, da sua sensibilidade, das suas aspirações, tudo o que pôde e quiz ou soube dar e chegado ao termo todos tiveram e tive eu, talvez como poucos, uma visão muito clara e nítida do que se fez até agora, do que se devia ter feito, do que está para fazer-se. Foi um grande serviço, o que às letras galegas prestou «El Progreso», graças à valiosa sugestão de Angel Fole...

260 **A GALIZA EM PORTUGAL...**

Dentre as visitas feitas ao nosso meio por Galegos amigos e ilustres, cite-se em primeiro lugar a do notável poeta Miguel Gonza-



lez Garcez que em Abril apareceu subitamente no Porto, com toda a família e com o seu espírito observador e atento. Foram dois magníficos dias que Gonzalez Garcez passou entre nós, risonho, lírico e presenteiro, numa excelente predisposição de análise e comentário,

auscultando a nossa vida, as nossas aspirações e as nossas querelas, encantado pela nossa paisagem e pelos nossos aspectos arquitectónicos, pelos nossos usos e costumes.

Cite-se também as visitas que vem fazendo ao Porto Anric Massó, o jovem e entusiasta poeta de Vigo que deixou a vida industrial para se votar inteiramente à do espírito, isolado no último andar do arranha-ceus da família e sonhando noite e dia com a comunidade linguística Galaico-Portuguesa. Anric Massó aparece de quando em quando entre nós, para falar, comprar livros, muitos livros, auscultar opiniões, inteirar-se de muitas coisas que lhe interessam, abeberar-se do nosso espírito fraterno e amigo. E sonha, sonha sempre, em silêncio e em voz alta...

No dia 16 de Junho, depois de prévio aviso, chegaram ao Porto Don Leandro Carré e D. Juan Naya Perez, da Real Academia Galega, bem como D. Hermógenes Sabugueiro, chefe dos serviços do Ayuntamiento da Corunha, tendo por objectivo conferenciar com academicos correspondentes portugueses da «Real Academia Galega» e amigos da Galiza, para obter o concurso de portugueses à realização das festividades da Corunha em Agosto, das quais faz parte uma «Semana Portuguesa».

Reunidos no Colégio Oficial Espanhol, foi por Don Leandro



Carré exposto o motivo da visita e obtida a adesão dos circunstantes portugueses a algumas das manifestações a realizar na Corunha, como um pequeno congresso intelectual, uma exposição de cerâmica Galaico-Portuguesa, uma visita à exposição românica de Santiago de

Compostela e à Feira do Mar no Ferrol, etc. Entre outros, estavam presentes o Director do Colégio D. Júlio Martinez Almoyna, Dr. Damião Guedes da Cunha, Dr. Vieira de Lemos, comendador Matias de Araujo Lima, Eng.º Rebelo Bonito, Dr. Russel Cortez, Dr. Antonio Santos da Cunha, Dr. Fernando Castro Pires de Lima, Dr. António Pereira Coutinho, Dr. Torcato de Sousa Soares e Oliveira Guerra, que representava Hugo Rocha.

Recebidos depois pelo Ministro-Consul da Espanha no Porto, snr. D. Luis de Viñals, foram os nossos visitantes nessa noite às Fontainhas com D. Júlio Almoyna, Oliveira Guerra e Casals Marginet, para verem os barros populares da faiança portuguesa à venda nas barracas das populares festas Sanjoaninas e no dia posterior, entre outras voltas, deram uma entrevista na Emissora Nacional, almoçaram no Consulado de Espanha, visitaram o Museu de Etnografia acompanhados pelo seu Director, Dr. Fernando Pires de Lima, visitaram D. Maria de la Purificacion Lugris Freyre, jantando por fim em casa de Oliveira Guerra. Em 18 de manhã visitaram a viúva de Abílio de Sousa Faria e partiram para Braga, afim de almoçarem com o Dr. António dos Santos da Cunha, dali seguindo para Corunha.

262

A M O R T E



A morte leva na paz e na guerra. A morte dizima dia a dia, hora a hora, calma e alucinada, estática e frenética, e quando passa—e passa sempre—deixa o vazio atraz de si, destrói e nada substitue. Fica a marca da sua garra, o nada, a saudade.

Entre os que morreram citaremos João Vilaret, o maior actor português dos nossos tempos, o mais claro interprete da poesia Hispano-Portuguesa e Sul Americana das línguas peninsulares, o homem bom de espírito superior. Lembremos o artista de carreira fulgurante, o amigo cujo contacto não mais se esquecerá. Eu não esqueceréi as tardes passadas na sua companhia, no atelir de Carlos Carneiro e em casa do aviador Sarmiento de Beires, quando depois dum almoço de homenagem tributada por alguns admiradores ele me pediu que o levasse a ver o companheiro de anos atraz em São Paulo...

Nessa tarde combinámos que viríamos um dia comer umas sardinhas a minha casa, mas eu não mais lhe apareci para a satisfação desse compromisso e não o verei mais, na sua avantajada figura física e no seu imenso domínio intelectual e artístico...

Depois, pouco mais tarde, desapareceu o escritor e jornalista Dr. Ramos de Almeida, o velho amigo que vinha dando a sua magnífica ajuda á constituição do Circulo de Estudos Galaico-Portugueses. A morte levou friamente aquele que deu o melhor contributo a esta querida ideia, que assistiu á reunião constitutiva de 4 de Março, realizada em minha casa, que queria ir comigo á Galiza, que puzera as colunas do «Jornal de Noticias», tantas vezes, ao serviço da causa de aproximação sentimental entre os de Além e de Aquém Minho, que acompanhava de perto todas as manifestações intelectuais. E ao regressar do cemitério onde o deixaram os numerosos amigos que até lá acompanharam os seus restos, eu senti a ausência, o vácuo, a tristeza dum abandono que não terá remédio nem solução...



Mais tarde faleceu Abílio de Sousa Faria, outro amigo e colaborador da constituição do Circulo de Estudos, interessado cultor das relações entre galegos e portugueses, homem de actividade prodigiosa e fremente, perene de inteligência e vibração. Livreiro e sofrego ledor, com uma rara preparação mental que o tornava figura destacada na sua classe, conversador facilimo e brilhante, já a Galiza o tinha distinguido, associando-o á Real Academia e, em posição honorífica, ao notável grupo «Follas Novas» e com a sua morte a aproximação Galaico-Portuguesa perde um amigo e um soldado, um daqueles elementos que poderiam e

deveriam constituir um dos seus maiores fautores, com a sua morte todos nós perdemos muito, todos nós ficámos mais pobres...

263

CARLOS EDUARDO DE SOVERAL

Já o conhecia de longe, na sua qualidade de Director do Instituto de Estudos Portugueses na Galiza, quando em Setembro de 1960 percorri a terra irmã e o encontrei com os seus braços amigos, o seu almoço amável, a companhia da sua encantadora esposa e dos seus filhos naquela magnífica casa de Santiago de Compostela, com a projecção do seu nome e das suas conversas, com os seus livros.

Esses seus livros vieram comigo, então, densos, compactos, intelectualísimos, para serem lidos e referenciados, mas ficaram, como alguns tantos outros livros, à espera de que os meus achaques e a minha vida tumultuosa me permitissem uma leitura mais atenta

e cuidada. E os meses foram passando e esse momento, infelizmente, ainda não chegou...



Carlos Eduardo de Soveral, senhor da Sociedade e das Letras, surgiu na última remodelação ministerial portuguesa, causada pelos nefandos sucessos de Angola, como Sub-Secretário da Educação e a sua vultuosa carreira literária sofre com isso, sem dúvida, profundo dano, mas eu sinto-me contente com a sua intromissão no governo do país porque a sua actual posição virá facilitar por certo os trabalhos relacionados com a constituição do Círculo de Estudos Galaico-Portugueses.

Entre os últimos triunfos literários de Carlos Eduardo de Soveral, deverá citar-se a atribuição que foi feita pelo SNI, do «Prémio Ramalho Ortigão» ao seu livro «A Nostalgia de Hesidoro». A Carlos Eduardo de Soveral, as melhores felicitações.

PELOS VELHOS CAMINHOS DA UNIDADE

PREGÃO DA EXPOSIÇÃO DE ARTE ROMÂNICA

O Conselho da Europa, de Estrasburgo, patrocinou até hoje, seis «exposições europeias», organizadas por diversos Governos signatários do Convénio Cultural Europeu, com o altruístico fim de levar ao conhecimento dos europeus o seu património cultural, criando assim, na verdade, um salutar espírito de união. Iniciou-se em 1954, com a exposição denominada «Europa nos tempos do humanismo», realizada em Bruxelas; seguindo-se «Triunfo do Maneirismo», no Ryksmuseum Amsterdam; logo «Barroco Tardio na segunda parte do seiscentismo, (Século XVII)», em Roma; em 1958, «O Século do Rococó», no Teatro Cuvillié, de Munich, recentemente restaurado, admirável jóia daquele elegante período do século XVIII. Ano passado, na Tate Gallery, de Londres, comemorou-se «O Romantismo», e ainda há pouco mais de dois meses (4 de Novembro de 1960), foi inaugurada, em Paris, a sexta Exposição «As Origens do Século XX (de 1884 a 1914)». De 10 de Julho a 10 de Outubro de 1961 realizar-se-á em Barcelona e Santiago de Compostela a sétima Exposição Europeia, inteiramente dedicada à Arte Românica, organizada pelo Governo Espanhol com a colaboração dos demais países europeus, sob o patrocínio do Conselho da Europa.

Ainda recentemente, há poucos dias, vivemos em Espanha um acontecimento inolvidável: por generosa doação da Fundação March, passou a ser propriedade de todos os espanhóis o códice «Poema del Mío Cid», que descreve as gestas do nosso herói nacional do século XI. O Cid Campeador representa para nós todos o símbolo daquela alma guerreira e gentil que, a pouco e pouco, foi forjando, com a Reconquista do território pátrio, a unidade peninsular perdida.

Foi, porém, a Espanha, por aquela época protagonista noutro episódio construtivo da grande História: a formação da Europa.

Isto vem a propósito da grande manifestação artística que para o verão do ano corrente, a Espanha está preparando, sob os auspícios do Conselho da Europa: a Exposição Europeia de Arte Românica.

Se entendermos por «exposição europeia» aquela que põe em relevo valores propriamente europeus, será difícil superar a do Românico. A partir da Reforma que destruiu o ideal unitário na Europa e ao surgirem primeiro as grandes Monarquias centralizadas e depois os movimentos nacionalistas, começou a cultivar-se, no maior grau, um cosmopolitismo de bom gosto, o qual culmina na época da Aufklä-

rung, espécie de clube dos «déspotas ilustrados». Mas quando, realmente, a Europa tomou consciência como conjunto, foi à mais de mil anos. Depois do intento de Carlos Magno, frustrado no ano de 843, data em que os seus descendentes, dividem em três fragmentos, mediante o Tratado de Verdum, o Império que, em conjunto, aquele imperador formara militarmente. *Como ânsia que impetuosamente irrompeu dum manancial espiritual, o movimento pela Irmandade Cristã, forjou então a entidade cultural Europa, compatível com a diferenciação política dos povos que a integram.* Mediando o século IX, o já atrás citado fraccionamento do mundo carolíngio trouxera ao espírito das gentes a convicção de que seriam inúteis quantos esforços se fizessem para se restaurar o perdido Império Romano. De repente, num dia daqueles sombrios tempos, alguém aventa a ideia de que os cristãos «se conheçam». (Atenda-se que a ideia é a mesma—girando os séculos—que o Cardinal Roncalli, hoje Sumo Pontífice, exporia dias antes do último Conclave, com palavra de profunda autoridade, como preâmbulo do grande movimento a favor da união das igrejas: «O Papa futuro terá de refazer o tecido»). Isto é, conseguir que sejam mais íntimos os vínculos interiores da Igreja, reconstruir a trama, malha a malha, à espera da hora misteriosa e da túnica sem costura.

Uma minoria esclarecida decidiu, assim, que era absolutamente necessário, para arrancar os homens do seu triste isolamento, lançá-los pelos caminhos do mundo.

Pensou-se também que, segundo as fórmulas agustiniana e isidoriana, os cânticos produziram na intenção dos crentes, ideias de comunhão e de vida nova; daí ser a música coral o elemento chave no Renascimento artístico que tanto simbolizou a primavera clunicense.

Foi «Andando e Cantando», pois, que, na realidade se construiu a unidade da Europa, e o facto sucedeu sobre os caminhos que conduziam a Santiago. Como prenúncio de uma união política que nunca se efectivou, e que tanto seria de desejar, aquela imensa aspiração de «diafaneidade», pela qual se poderia contemplar, com clara transparência, o Corpo Místico através dos montes e dos rios da antiga Europa, fundou, repetimos, e cimentou a autêntica coesão do Ocidente.

Nos tempos em que não existia imprensa e apenas circulavam os manuscritos, quando ia desaparecendo a calçada romana que, no tempo áureo dos Antoninos tão alto levantara a arquitectura do Império, um sopro de fé e de esperança originou as peregrinações, como um dos factos de maior relevo que se deram na história da espiritualidade cristã. E esse caminhar pelo nosso vale de lágrimas que se previa ser o prelúdio do remoto peregrinar em direcção à eterna Cidade de Deus, salvou a segunda vez a Europa, pela força invencível da crença, tanto mais que as proximidades do ano 1000, com os horrores que esta data fatídica se dizia trazer consigo, haviam aniquilado nos humanos quase toda a vontade de renovação. Desta forma, naquele mosaico feudal em que se ia fragmentando o Império,

tão frágilmente restaurado por Carlos Magno, se ergueram como marcos longínquos, umas metas tilitantes que arrastavam as massas num formigueiro infindável.

O estilo artístico que, ao longo dos caminhos das peregrinações, condensou durante os séculos X e XII esse espírito peculiar, foi o da arte românica. Desde a ermida até a catedral, em esculturas de tímpanos, jambas de portadas e de relicários, em miniaturas de códices, em marfins e esmaltes, em edifícios e bellissimos objectos, nos quais palpitavam reminiscências dos meios pontos romanos e dos severos cânones da antiguidade clássica, é que se foi cobrindo o país europeu. Por isso afirmamos, seguindo uma teoria dos tratadistas, que ao assento têm dedicado o seu estudo, que a arte românica é bem própria daquela época em que se viveu o «tempo» da unidade espiritual do mundo. É verdade que aquele imenso afã ficou muito aquém e que a Ecclesia ou universal comunidade que se pretendia, ficou limitada, em definitivo, a um Ocidente, do qual, por aquela ocasião se havia separado o Oriente, mercê do cisma grego, «Cortina de incenso» do século XI. É certo, também, que a invasão islâmica, isolando como ilhotas, aquele Oriente, muito concorreu para que ele se não integrasse na Cristandade.

Não vou aqui estabelecer paralelo fácil entre a nossa idade e aquela em que viveram os nossos maiores. Ninguém ignora que nos aproximamos agora doutro milénio, que se fala, mais que nunca, do fim do mundo (segundo uma película o «Último dia» será «na praia», derradeiro reducto depois do aniquilamento atómico), que tragédias apocalípticas se sucederão a guerras e rumores de guerra, e que, da mesma forma que um enorme perigo ameaçou outrora a Cristandade, também agora, omnipresente nas suas torvas intenções, outro perigo, não menor, nos espreita sem sessar. Mas não é isso o que nesta ocasião pretendo demonstrar. Sômente quero enaltecer o que aquele momento, como o nosso, teve de construtivo e ansioso, o fulgor da luz que no horizonte então apareceu, como agora e sempre.

O hino mais conhecido dos peregrinos medievais a Santiago é o «Canto de Ulreia» e esse «Ultra», deformado pelo fonética dos flamengos e baixo—alemães, recorda-nos que aquela marcha pelos caminhos do românico, tendia para um mais além, inconcebível nesta vida e que por isso mesmo pôde realizar uma façanha tão grande como foi edificar sobre as ruínas que haviam ficado de cem batalhas.

Tudo isto e muito mais se pretende evocar na VII Exposição do Conselho da Europa, dedicada à Arte Românica, e que a Espanha está organizando activamente. Será em Julho, Agosto e Setembro de 1961 e em dois locais: em Barcelona, onde o Palácio Nacional de Montjuich contém a mais completa colecção de pinturas românicas que se conhece no mundo — os frescos arrancados por inteiro às paredes das igrejas pirenaicas, mas conservando todo o seu vigor —, e em Santiago de Compostela, termo do grande Caminho Ocidental dos peregrinos, onde a Basílica do Apóstolo e o Palácio de Gelmirez são reliquias exemplares daquele estilo. Ambas estas cidades, potentíssimos faróis da europeidade da Espanha, mostrarão seus próprios

**MOVIMENTO
EM MARCHA**

tesouros, bem como aqueles cedidos por vários países do mundo para comemorar a grande época, o Alto Medievo, no qual alguns pretenderam, com a força do espírito que nunca emurchece o que jamais pelas armas se pode conseguir.

José Miguel Ruiz Morales

*Director Geral de Relações Culturais
Representante de Espanha no Comité de
Peritos Culturais do Conselho da Europa*

(Tradução de Dr. Julio Almogna)

FRANCISCO AÑÓN

O POETA GALEGO QUE MAIS PREZOU
PORTUGAL E A LÍNGUA PORTUGUESA

por HUGO ROCHA

Apesar de ter sido, quanto a mim, o poeta galego que mais prezou Portugal e a língua portuguesa, pois nesta escreveu algumas das suas poesias, Francisco Añón y Paz é, por certo, dos poetas galegos do século pretérito (sempre me aprouve inseri-lo entre os grandes da poesia galega, ao lado de uma Rosalía, um Curros e um Pondal, seus pares na significação literária e na projecção internacional da sua obra), o menos conhecido e, portanto, o menos admirado em Portugal. Embora se trate dum poeta espanhol de invulgar envergadura, poucos, hoje, na Espanha, o evocam. Na própria Galiza, sua «patria chica», onde nasceu e passou parte considerável da sua vida e à qual consagrou algumas das suas melhores poesias, o seu nome, na actualidade, é quase o de um desconhecido. O de um esquecido, pelo menos. Não sendo inferior, quanto a mim, em mérito literário, a Rosalía, a Curros, a Pondal, para não falar num Valentín Lamas Carvajal, num Ramón Cabanillas, num Antonio Noriega Varela, para não falar, em suma, em quantos têm o nome inscrito, a ouro, no panteão das glórias poéticas da Galiza, é, por certo, dos grandes poetas galegos de sempre, o menos favorecido pelo apreço do público. Toda a gente medianamente culta cita e reverencia os outros. Añón só raras, raríssimas vezes é citado e reverenciado. Porquê este injusto ostracismo póstumo a que o votam? Difícil, senão impossível, averiguá-lo.

José María Álvarez Blázquez, que dedicou ao poeta de Boel um interessante estudo biográfico (1), abre-o por estas palavras tão significativas como avisadas:

«Una de las personalidades menos

estudiadas del renacimiento literario gallego, pese a lo mucho que su nombre suena—y el mecánico eco repite—es la del errabundo y desafortunado Francisco Añón Paz. Inquieta la existencia, parca e irregular la obra, am-



269

bas ofrecen, no obstante, destacado interés, si sabemos juzgarlas, con serena objetividad, en su momento histórico y ceñidas a su circunstancias.

Ora a personalidade literária de Añón, rica e densa de conteúdo poético, aparentada, do ponto de vista dramático (qual o poeta verdadeiramente digno desta classificação em cuja vida não haja drama, real ou imaginário?), com a de um Curros (porque não dizer, também, indo um tanto mais longe, no espaço e no tempo, com a de um Byron, por exemplo?), justifica, para não dizer impõe,

(1) "Datos para la biografía del poeta Añón", no jornal "Faro de Vigo" de 16 e 20 de Março de 1960.

um estudo em extensão e profundidade. Quanto a nós, portugueses, importa acentuar que, se há poeta galego com jus à nossa particular simpatia, Añón, mais que outro qualquer, a merece. Contudo, que o saiba eu, nada se fez, até agora, em Portugal, mórmente em Lisboa, onde ele, por duas vezes, estanciou, que recorde de essa admirável figura de poeta romântico. Nem o seu nome numa rua. Nem o seu busto num jardim. As homenagens dos portugueses, se bem que merecidas, têm sido para outros poetas galegos, sobretudo Rosalía, que lograram, entre nós, um apreço de que o desventurado Añón, ignoro por que bulas, tem andado arredado. Terão estas palavras de fraco eco o condão mágico de o lembrar àqueles que o trazem esquecido? Oxalá.

270

A causa da liberdade política, espositada por tantos poetas galegos do século passado, principalmente por Curros e Pondal, que libaram, no exílio, a taça de fel que as suas convicções políticas lhes deram a beber, encontrou, também, no poeta de Boel um entusiasta sincero. Alguns dos seus biógrafos inferem daí a adesão activa de Añón ao pronunciamento galego de 1846, que, como se sabe, teve o trágico desfecho nos fuzilamentos de Carral. Essa activa adesão ter-lhe-ia aberto a porta do desterro voluntário, único meio de subtrair-se à prisão, senão a castigo porventura pior. Parece, no entanto, que o poeta não passou do idealismo à acção e as suas arremetidas contra os poderes constituídos não se operaram fora do terreno literário. Se chegou a fazer fogo a favor da sua causa, fê-lo apenas com as suas estrofes inflamadas de galguista convicto. Não era, de modo algum, um conspirador, um revolucionário, um homem capaz de se bater, *manu armata*, pela sua dama política. Interessado, intelectualmente, no movimento cultural do galeguismo, provou bem o seu interesse intelectual, por exemplo, ao dar a público, em «La Aurora de Galicia», esse vibrante poema que intitulou «A Pantasma», por Murguía considerado «a melhor, mais correcta e mais acabada das suas composições». São do eminente historiador galego estas palavras: «*Poco tiempo después de publicada esta poesía*

abandonó Añón a Galicia, no por haber tomado parte en los acontecimientos de 1846, como se ha dicho, pues él jamás se mezcló en las contiendas políticas, que veía con la mayor indiferencia, sino por satisfacer sus vehementes ansias de ver otros países y conocer otros horizontes. Parlió, pues, alegremente para Portugal, y después de una corta estancia en el vecino reino, pasó a Italia em calidad de secretario particular de un lord inglés que deseaba visitar la península italiana y el reino de Francia.

Murguía, que muito privou com Añón, sabia o que dizia, ao dizer aquilo. Ninguém mais autorizado do que ele para se manifestar acerca da vida e da obra de Añón. Este, por conseguinte, não fugiu para Portugal. Veio para cá porque lhe apeteceu vir, obedecendo, assim, a um imperativo do seu espírito aventureiro com inato pendor para as viagens.

No seu interessante estudo biográfico, José María Álvarez Blázquez refere que o seu biografado talvez houvesse ido, em 1846, para Lisboa por viver ali um primo seu, de nome Diego Campos Añón, estabelecido com uma loja de livros e estampas na Rua Nova do Carmo n.º 20. Em casa desse primo, a quem o unia uma estima de irmão, Añón viveu mais de quatro anos, muito a seu gosto, frequentando, graças às relações de Diego, os meios literários da capital portuguesa, varrida, ao tempo, pelos ventos do Norte desencadeados pela guerra da Patuleia e, portanto, propícia a quem, como o vate da Galiza recém-agitada pelas prédicas de Fardalo e do seu grupo, trazia o liberalismo a referver no sangue e nos nervos. Licenciara-se em Direito pela Universidade de Santiago de Compostela, depois de ter feito o curso do seminário na cidade do Apóstolo, sem chegar a ingressar no sacerdócio eclesiástico, à falta de vocação. Não nascera, porém, para advogado e homem de leis. Nascera, sim, para viajante e homem da letras. Nesta segunda qualidade, que o marcou, afinal, para a vida inteira, da inextinguível lei da morte o libertando, deu Añón largas à sua idiosincrasia poética, actuando, com Luís Rivera, como redactor, em «La Revista Peninsular», que se publicava em Lisboa e era redigida em castelhano e portu-

guês e francamente votada à causa do federalismo ibérico. É presumível que o poeta galego, tão bem dotado para os idiomas estranhos que dos que sabia foi professor particular, tivesse aumentado os réditos, certamente diminutos, da sua actividade literária em Lisboa com os do magistério filológico. A biografia de Añón, pelo que respeita à permanência em Portugal, é extremamente escassa em pormenores, não se sabendo bem, ao certo, como e de que viveu, na cidade das sete colinas, o primo de Diego Campos Añón. Era este casado com uma jovem portuguesa, Joaquina Rosa de sua graça e mulher cujos encantos físicos, senão também morais, não passaram, naturalmente, despercebidos ao primo afim, devotado, como todo o poeta que se preza, ao culto do «eterno feminino». Casto o affecto de Paco por Joaquina Rosa? Não reza a crónica que o não tenha sido, mas, se o não foi, o acróstico motivado pela segunda ao primeiro não deixa de ser um tanto suspeito. Para aqui o trago, não sem acentuar que, excepcionalmente fadado, na verdade, para o trato com as línguas estranhas, Añón versejava, com desembaraço, em português.

*Julgo ser algum feitiço,
Ou encanto, ou bruxaria,
Aquele doce alegria
Que me inspira o teu sorriso.
Um prazer do Paraíso
Imagino estar gozando,
Naqueles momentos, quando
As tuas feições mimosas
Resplandecem tão formosas,
Ostentando imensas graças:
Se esquecem minhas desgraças
Ante essa cara de rosas.*

Joaquina Rosa, nova e bonita, justificava, perfeitamente, estas redondilhas do primo afim. Noutra décima do mesmo caderninho, a «cara prima» é cantada com igual fervor. Certo, num soneto inspirado pelo vigésimo sétimo aniversário natalício dela, Añón brinda pela felicidade do casal. Para disfarçar? Sabe-se lá...

Além de romântico, de acordo com o padrão literário do tempo, Añón era, também, satírico. Do estudo de José María Álvarez Blázquez transcrevo estas décimas que o

poeta, então em Sevilha, depois de haver viajado pela França e pela Itália, dirigiu a um amigo de Lisboa:

*Eis-me aqui nesta cidade,
meu rico [amigo] Simões,
onde vim, aos trambulhões,
parar, por casualidade.
Aqui abunda, de verdade,
raparigagem bem linda
que a vulcânico amor brinda;
porem, eu sempre acanhado,
como raposo esfaimado,
digo: «Estão verdes ainda».*

*Além disso, no país
acho-me um pouco novato;
co'as filhas de Viriato
tenho sido mais feliz.
Lembra-me um rição que diz
«sol da casa não aquece».
É certo, pois me parece
que graça, sandunga e sal
também se acha em Portugal
quando Deus nos favorece.*

*Eu não sei, mas em Lisboa
nunca faltou, descuidada (?),
a bela raparigoda
que de amor merece a c'roa;
amável, fresca e tão boa
como em quaisquer países.
Deixemo-nos de niquices,
Se eu não dera, fique mudo,
Sevilha, Giralda e tudo
pela cidade de Ulisses.*

*Amamos as estrangeiras
e estas nos amam a nós,
pois Deus assim o dispôs
por misteriosas maneiras.
Elas ternas, feiçiceiras,
nós feitos uns mariotas,
sem quase romper as solas
possuímos seu encanto;
e a vós sucede outro tanto
com as damas espanholas.*

*Ai, quanto dera eu agora
por ver uma portuguesa
linda, risonha e travessa,
doce, meiga, encantadora,
que com fada sedutora
nos trevos (?) dissesse assim:
«Hás-de lembrar-te de mim».
Coração por quem respiro,
co'um beijo ardente, o suspiro
apaga-se, ó triste fim!*

Nestas cinco décimas de timbre epigramático, o português em que estão compostas não é sempre

de bom quilate, provavelmente porque o convívio recente com outros idiomas estranhos e com o próprio castelhano, com que reatara estreitas relações, levava Añón a descurar-se da correcção linguística. Há, mesmo, termos (os seguidos de pontos de interrogação entre parênteses) cujo sentido nos escapa. No entanto, a fluência poética patenteia-se bem nestes versos e—o que mais significativo é para nós, portugueses—o portuguesismo do poeta salienta-se na própria saudade que lhe inspira os versos. Em Sevilha, por 1857, compôs Añón, também, a poesia «A Lisboa», que bastaria, por si só, se outras provas não houvesse, e muitas, para provar o afecto do poeta pela cidade de que foi temporário mas encantado habitante, «Un portugués en Sevilla» é outra poesia em que não só a língua portuguesa, em certos trechos, é usada, mas também a devoção a Portugal se exprime, por modo elequente. Mas a presença do idioma de Camões na obra de Añón é assaz probatória, pela sua amplitude, do portuguesismo do poeta. No asserto de José María Álvarez Blázquez, «un estudio demorado de sus manuscritos en portugués — sólo uno de ellos autógrafa — acaso permita ampliar el número de poesias en dicho idioma que pueden serle atribuidas.»

Por causa de uma poesia em português, o «Hino dos Povos», foi Añón compelido, em 1850, a sair de Portugal, onde os seus versos foram considerados subversivos e, portanto, perigosos para a segurança do Estado. É após essa expulsão que o poeta obtém o cargo de secretário particular de lord Shawford, inglês rico e afeiçoado às viagens que curte o seu *spleen* e a sua curiosidade no contacto com outros povos. Até 1855, Añón acompanha o lord pela França e a Itália, enchendo os olhos de paisagens novas e o espírito de novas emoções. Cultiva-se nas viagens. Literariamente, porém, é uma fonte que secou. Quando deixa de ser secretário particular do turista britânico, regressa à Espanha—e da fonte ressequida brota-lhe novo caudal de poesia. Compõe versos em castelhano, em galego, em português. Colabora na Imprensa. Em 1857, volta para Madrid e lá se man-

tém até 1866. É o período de mais intensa actividade literária. Jornalística, também. Entre 1866 e 1868, vive, de novo, em Lisboa, a cidade dilecta do seu cérebro e do seu coração. O soneto «A Camões» tem a data de 9 de Outubro de 1867. Nele concentra Añón, por assim dizer, todo o fogo da sua paixão por Portugal, por este Portugal que ainda não lha agradeceu, que ainda não a premiou.

Em 1868, após tantos anos de ausência, regressa à Galiza, depois de passar por Madrid. Não chega a permanecer dois anos na sua «patria chica», apesar de haver tentado fazer vida, em Santiago de Compostela, no comércio de livros usados, em que havia adquirido certa prática ao balcão da loja do seu primo, em Lisboa. É um homem inquieto, instável, incapaz de obter uma solução definitiva para os seus problemas económicos. Formado pela Universidade compostelana e a vender livros em segunda mão na própria cidade onde se formara... Dá em pantana o negócio de alfarrabista e, em 1869, temo-lo, outra vez, em Madrid. Triunfante o liberalismo político, senta-se, por algum tempo, graças à protecção de Montero Ríos, à mesa do orçamento. Lugar modesto, insignificante. Mas o estadista cai e arrasta na queda o afilhado. Volta este ao jornalismo, muleta de todos os literatos que não conseguem agenciar a vida, exclusivamente, pela literatura. Frágil, trémula muleta. Torna ao ensino das línguas, sua especialidade. Económicamente, Añón é um naufrago que a pouco se atém. Intelectualmente, porém, os anos passados em Madrid são os mais fecundos para ele. A sua obra literária, apesar da dispersão, do abandono, dos altos e baixos a que sempre andou sujeita, consegue firmar-se. A «Galicia Literaria» é a grande, a maior oportunidade do poeta para ganhar o bastão de patriarca das letras galegas. Tem sessenta e cinco anos de idade e continua medularmente poeta. Mas o corpo, depauperado por vicissitudes de toda a espécie, não já com o peso dum espírito ainda válido, mas carregado de amarguras, ansiedades, desilusões. A 20 de Abril de 1878 (nascera em 9 de Outubro de 1812, em Boel, município de Outes, província da Coru-

nha), a vela despede o seu último clarão, num hospital madrilenho. Pouco antes, havia composto os versos galegos de «A miña enfermidade», que começam por este: «Fraco como un asubío...» e em que se misturam versos portugueses. Lícito é dizer, pois, que Portugal esteve com ele até aos derradeiros dias que viveu neste mundo enganoso.

Como poeta da Galiza, apesar de ter sido episódica a sua vida ali, Añón soube exprimir, tão bem como os grandes poetas galegos de sempre, o inconfundível lirismo galego.

*De teus recordos vivo, Galicia encan-
ladora,
por teus anacos morro, idolatrado
chán,
onde vou sorrindo d'a miña infancia
a aurora,
onde as mais caras prendas que o co-
razón adora
o derradeiro sono em paz dormindo
están...*

No «Himno á Galicia», premiado com o primeiro *accesit* nos Jogos Florais de 1861, dirige esta invocação ao país natal:

*Ay! esperta, adorada Galicia,
d'ese sono en que estás debruzada;
d'o teu rico porvir alborada
pol-o ceo enxergándose vai...*

É a paisagem galega, com a sua penetrante melancolia, que dir-se-ia palpitar nestes versos repassados de saudade, uma saudade que tem os mesmos acentos nostálgicos da de Pondal:

*Coido ver esas rías serenas
escumando, con barcos veleiros,
e cantares oír feiticeiros
que en ningures tan doces oín.
Índa creo sentir as labercas
que pineiran nos aires cantando,
cando o sol vai as nubes pintando
d'amarelo, de lume e carmín.*

A Galiza murmura, soluça, canta chora nos versos dos «Recordos d'a infancia», dos mais deliciosos, dos mais impressionantes que jamais se escreveram em galego,

Foi um poeta de estro arrebatado mas desigual. Emília Pardo Bazán emite, quanto a ele, este juízo de mestre: «Su vena fluye muy desigual y quedan de él versos de calidad ínfima; mas cuando acierta, es imposible no deleitarse en su gra-

cia humorística; su destreza en remedar el candor aldeano, su intuición del carácter del país». Registo estoutro juízo, de José Novo y García, que define à maravilha o poeta e a poesia: «Solo fué poeta y poeta gallego; cantar era su misión y cantó sin pensar en recompensas, ni en la más legítima de todas: el afecto y aplauso de sus compatriotas. Hacerle recitar poesías era difícil, porque, con raras excepciones, no las creta dignas de su auditorio; hacerlas escribir no era difícil: era sencillamente imposible. A mi se me ocurrió que no escribió ninguna, sino que las dictaba a los cajistas. Su género preferido era el descriptivo; describe hasta sin darse cuenta. Los tipos, costumbres y cuentos de nuestra tierra brillan en todas sus poesías y en muchas resplandecen la sátira especial, la sutileza, la socaronería, copiadas tan bien del natural que, salvo las exigencias poéticas, parecen trasunto exacto de pensamientos y frases tan rigurosamente históricas y geográficas que hacen decir al lector: así es Galicia. Los ejes de su inspiración eran dos, principalmente, la idolatría por su tierra y la esperanza para ella de un porvenir rico y brillante.» (1)

Há quem o considere, por certo com razão, o criador da moderna poesia galega. Ler as suas «Poesías gallegas y castellanas» é entrar num mundo poético cujas portas magnificas os seus pósteros, sem esquecer alguns dos seus contemporâneos, haviam de escancarar ao apreço dos admiradores da lirica galega dos últimos cem anos. Com todas as limitações que a sua obra literária nos patenteie, Añón não deixou de ser um grande poeta pensinsular—e não apenas um grande poeta espanhol. Todos quantos amamos a Galiza cumpriremos um dever curvando-nos, reverentes, comovidos, gratos, perante a sua memória. Viveu como um autêntico poeta. Como um autêntico poeta morreu. A Academia Galega, em 1928, tratou de proceder à trasladação dos seus restos mortais para a sua terra natal. Não foram achados. Não se sabe onde param. Triste, mofina sorte dos que, no dizer de Curros, *levan na frente unha estrela e leván no bico un cantar...*

(1) In «Diccionario Bio-Bibliográfico de Escritores Gallegos», de António Couceiro Freijomil, primeiro tomo.

APUNTAMENTOS PRA A HISTÓRIA DAS BOAS RELACIÓS LUSO-GALAICAS

por UXÍO CARRÉ ALVARELLOS

274

Meritísimo labor é o que está a facer o romántico—pois é un feito romántico pol-os seus sentires e pol-o exaltamento con que os espresa—o ilustre e moi entusiasta escritor, e bon amigo, Oliveira Guerra (Paz e Luita esprimen seus apelidos), ao xerar o «Círculo de Estudos Galaico-Portugueses», na súa cidade de Porto; e co publicamento dos seus Cadernos «Céltica», levando como fin o estreitar todo o posibre as boas relacións entre os literatos e investigadores dos dous países Portugal e Galiza, que son, na súa esencia, un só: pol-a natureza da terra, e pol-o espírito, costumes e fala dos seus povos que n-ela teñen asento.

Quer o Oliveira Guerra que uns e outros se coñezan, e coñecendo dunha maneira ampra e leal se estimen, se compenetren ideoloxicamente e se amen. Dun bon entendemento e trato nascen o mutuo aprezo e cariño. De desexar é que tal propósito se cumpra de cheo; mas non só ante a xente intelectual, nun cativo conto choído de escolheitos; mes-ter é popularizar tan nobre degoro e facer que o povo, todo ele por enteiro, compartille dese coñecemento e mutua estimanza, que xa, de denantes de agora véñse concertando pol-os homes de letras de aquí e de alén Miño; relacións e afeicións as que o Oliveira Guerra, con corazón amante e lumiosa intelixencia, quer impulsar unha mór intensidade. O que, de seguro, ten de lograr con éxito compeito, por seren unha necesidade que se impón: por razóns históricas, étnicas e de progreso.

É moi significativo que o noso dileito amigo fale sempre con entusiasmo aloumiñante da nosa Terra, e diga: «essa vossa e nossa querida terra da Galiza»—«nossa e vossa terra de Portugal» (Céltica, paxina 16, «Carta a un Galego»).

Elementos de grande importancia a traballar co mesmo intuito, veñen sendo dendes fai tempo: a Comisión de Etnographia e Historia, cos seus magníficos Congresos, e co Boletín Douro Litoral; o mesmo que o publicamento da mui prezada Revista «4 Ventos», de Braga, entidade que tamén iniciou unha Colección de obras de autores portugueses e galegos.

Ademáis destes esgrevios orgaños, criouse recentemente no Brasil un «Seminário de Cultura Galega», nado baixo o amparo da Universidade da Bahía. O que pon de manifesto que o idioma común é un forte vincallo de rexo tempero que atira e axunta os corazóns e as mentes de cantos o falan e téñeno en alto estima.

Estes elementos e outros dos que faremos mención, foron e son, coma «pioneros» n-unha axeitada decrúa do terreo, no que o Oliveira Guerra, alumeado pol-o relampo de unha brillante idea, sembra a boa semente que ten de dare, co lentor da terra, o froito apetescido.

A idea e o labor do amigo Oliveira non fan estorbo, nen son tampouco un simple complemento a tais organizacións; son algo mais: son o restabrecemento do entronco familiar rompido; son o restabrecemento dun fogar acolledor para a comunidade de un povo que destinos adversos o tiñan partido e revirados de costas os seus fillos; que preciso é se viren de cara a cara uns dos outros, con recíproca estima e tendéndose os brazos con sinceiro querer.

Non vou tratar aquí dos Cancioneiros Galaico-Portugueses, nos que en leda e armoñosa mestura írmnanse os troveiros da Galiza e de Portugal na época do feudalismo.

Voume referire a tempos moito mais modernos.

Nos derradeiros anos do século pasado e nos comenzos do presente, xa houbo escritores lusos e galaicos que sentiron a necesidade espiritual de tendere lazos de amizade e compenetracion da obra cultural dos dous povos.

Nas páxinas 5 e 6 dos cadernos «Céltica», pódere leere, baixo o título «O primeiro paso», un artigo da pruma do noso irmán Lois Carré Alvarellos, no que se refire ao intercambio cultural entre literatos e científicos dos dous países. Nele falanos tamén de que, noso amado e inesquecible pai (Eugenio Carré Aldao) tiña recibido moitos libros e opusculos portugueses adicados polos seus autores, como ele adicaballes os seus: Leite de Vasconcellos; D.^a Carolina Michaelis; Xosé Xaquín Nunes; Euxenio de Castro; Xoã M.^a Ferreira; Pedro de Meneses; Xulio de Lemus; Pedro Guisado; Claudio Basto, e tantos mais. Así mesmo refírese á Academia Galega que nomeou correspondentes a moitas personalidades portuguesas.

Nun outro artigo, «Un precursor», páxinas 70 a 72, falanos o noso dito irmán Lois, das arelas e dos esforzos do escritor galego, Xosé López de la Vega, pra enfortalecelos vincallos da amizade entre os fillos de Portugal e os da nosa e vossa Galiza-coma dí o estimado e culto amigo Oliveira Guerra—A leere ditos artigos convidanos os nosos lectores se o non teñen feito xa.

Pol-a miña parte ei de engadire que o sonado poeta galego Francisco Añón, un dos precursores do renacemento da nosa Lirica, cando precisado a fuxir da España, por ter tomado parte moi activa na revolución galega do 1846, recolleuse a Portugal, foi alí redactor na publicación bilingüe «La Revista Peninsular», e debeu sentir moi fondamente a chamada da irmandade co povo portugués; e de feito compenetreouse co-ele, posto que—dí o noso pai no Prólogo do libríño «Poesías Galegas» de Francisco Añón», Biblioteca Lirica Lar, a Cruña—«chegadol-os sucesos de D.^a Maria de la Gloria, o seu *Himno dos povos* fixo famoso o seu nome, e tamén que se vira per-

seguido e botado fora do país veciño no ano 1850.»

Os literatos e historiadores que de cote axuntabanse a facere tertulia na tenda de libros do noso pai: Murguía, Pondal, Tetamancy, Martelo Pauman, Salinas, Vaamonde, Golpe, Lugrís e outros moitos, tiñan feito contaito cos escritores lusos do seu tempo, e cada vés que á Cruña chegaba en visita un de eles, agasallábanno estreitando os lazos da súa amizade.

O noso pai, foi distinguido por varios centros portugueses de cultura: Socio Honorario do Instituto de Lisboa; Correspondente do Coninbricensis Instituti Praeses Socúque, de Coimbra; Correspondente do Instituto Histórico do Minho, de Viana do Castelo; e correspondente da Sociedade Litterária Almeida Garret, de Lisboa. E coma ele outros escritores galegos foron honrados con títulos desta crás.

Aló por setembro do 1902, estivo na Cruña a pasar uns días, o mui ilustre Dr. J. Leite de Vasconcellos, quen foi atendido e osequiado polos xa nomeados escritores concurrentes á tertulia da nosa Librería. O Dr. Leite, en agradecemento compuxo un belido soneto que foi publicado na «Revista Galega» da que era director e propietario Don Galo Salinas Rodríguez. Vede, a seguido, a dita poesía:

GALÍCIA

Galicia, terra irman de Portugal
onde voan os mesmos paxariños,
e as mesmas frores bordan os camiños
e son os mesmos, pobos e ideal.
Lindo berce de Curros e Pondal,
—Un, que escoita os queixumes dos
airiños,
outro, que abrindo vellos pergamiños
canta os feitos da historia rexional.—

Eu te saúdo! E atopome feliz
pois sentín hoxe, d'estes bós amigos,
o corazón ao rente latexar...
Soño da beira mar, verde país,
viva eu de cote sin correr perigos,
pra acó mais unha vez, virte á saúdar.

O noso vello bardo Pondal,
mestre de poetas, era un dos que

mais degoro tiña pol-a môr inteli-xencia de amizade e xuntanza de lusos e galegos. Na sua belida poesía «A Fala», dí da nosa línguaxe que co tempo será «un lábaro sagrado—que ao trunfo guiará», e na derradeira estrofa expón:

Serás épica tuba
E forte sin rival
Que chamarás os fillos
Qué aló do Miño estan,
Os bós fillos do Luso,

Apartados irmans
De nós por un destino
Envejoso, fatal.

.....
.....

E no seu himno «Os pinos» ten a seguinte estrofa:

A nobre Lusitania
Os brazos tende a amigos,
Os eidos ben antigos
Con un pungente afan;
E cumpre as vaguedades
Dos teus soantes pinos
D'uns mágicos destinos
¡Oh grei de Breogan!

Do noso esgrevio «patriarca» e immortal historiador Murguía, gardamos un autógrafo no que di:

«Breves y tranquilas horas, tantas veces pasadas, orillas del río sagrado de Galicia, que ora marcha atropelladamente ora apacible en busca de su término como no recordaros, cuando vienen a hablarme de los días felices de mi vida, sin otro consuelo hoy que el que me dice ¡ya poco te falta!

Pasa, pasa tranquilo y llena otras risueñas esperanzas tales como aquellas que en otros días llenaron mi alma diciéndome que esas orillas dejarán de estar separadas y concluirán por unirse, lo mismo que los pueblos y las gentes que en ellas tienen hoy su asiento pues son hermanos por la sangre y por la historia.»

Manuel Murguía

Naquel mesmo ano de 1902, no que tiver lugar a estada do Dr. Leite de Vasconcellos na nosa cibdade, viñera tamén—aló no mes de febreiro—unha lucida estudante de Porto; chea de entusiasmo e opti-

mismo, agrupamento da mozos rebo-santes de arte e de nobres ideas. A Cruña liberal i-ensoiadora agasallou-nos; xornaes, casinos e o povo en-teiro acolleunos con alborozo e aloumiño.

A «Revista Gallega», orgao pubri-citario dos rexionalistas galegos, cobriu suas llanas de salutaciós e benvindas dos escritores que forma-ban no grupo local do enxebrismo galego.

Pol-a considerar moi expresiva do sentimento xeral da nosa urbe, reproduzo a poesía que de Daniel Alvarez (poeta, pintor o bon repu-bricano), insertouse na dita Revista:

Aos estudantes portugueses

Portugueses do Porto qué eiqú che-gades,
eu folgareime moito que ben veña-des,
e tanto n-este pobo vos solacedes
que vayades contentos cando mar-chedes.

Portugueses do Porto, sexais ben vidos,
d'un irmán pobo sodes fillos queri-dos
eiqú mentres estedes os portugueses
estaremos de festa os coruñenses,
Non sodes para nosoutros extraña-xente,
sodes da mesma raza, raza valente,
raza fidalga a nosa, raza puxante
que fará qu'o Progreso vaya pra-diante.

Raza combatidora d'oscurantismo,
humilladora forte do despotismo;
ela fará que n'haxa máis maxestades
qu'as que queipan nos eidos das li-berdades.

Os Camoens y-os Cervantes que fer-tilizan,
os filósofos sábios que fecundizan,
eses i-novadores homes de cencia
qu'insinían á que libre sexa a concen-cia,
eses son os que cumpren a nosa traza
y-eses serán os reises da nosa raza;
da raza dos garridos bós lusitanos,
d'esa raza qu'é a mesma dos galicia-nos.

Por eso, portugueses d'aló do Miño.
esta terra gallega dávos cariño.
¿ Quén amizade fonda tenra lle nega
ao bon irmán ausente qu'á casa che-ga?

Portugueses do Porto qu'eiquí chegades,
eu folgaréime moito que ben veñades,
e tanto n-este pobo vos solacedes
que vayades contentos cando marchedes.

Perante os días 24 a 31 de agosto do ano 1919, celebrouse na Cruña o primeiro Congreso que organizara o «Instituto de Estudos Gallegos», que presidía D. Manuel Casás Fernández.

Antre os foráneos que se inscribían para asistir, figuran: Revista de Historia, de Lisboa; Revista Lusa, de Viana do Castelo; Instituto Histórico do Minho, tamén de Viana do Castelo; o Instituto de Ciencias, de Coimbra, e os señores: Dr. Theophilo Braga, de Lisboa; Dr. Claudio Basto, de Viana do Castelo; Dr. Pedro Vitorino, de Viana do Castelo; Dr. José Joaquim Nunes, de Lisboa; Dr. Gonçalves Guimarães, de Porto; poeta, João M.^a Ferreira, de Lisboa; Dr. Costa Lobo, de Coimbra; Fidelino de Figueiredo, publicista, de Lisboa; Carolina Michaelis de Vasconcellos, Catedrática da Universidade, de Porto; Dr. José Leite de Vasconcellos, director do Museo Etnológico portugués, de Lisboa, e Eugenio de Castro, poeta, de Coimbra. Alguns deles presentaron poencias de alto interés, e diron ensiñadoras conferencias.

A partir deste feito incrementouse o contaito e as relacións de amizade dos escritores portugueses e galegos. Dendes de entón lembro con respecto e fondo agarimo os nomes dos literatos portugueses, amigos n-aquela santa cruzada de irmandade que connigo tiveron contaito e correspondencia: João M.^a Ferreira, Leonardo Coimbra, Alexandre de Córdova, Antonio de Cértima, António Pereira Cardoso, Narciso de Acevedo, Pedro de Menezes, Antonio Correia do Oliveira, Alvaro Dalmar, Alfredo Pedro Guisado e alguns outros.

Lembro tamén con simpatía as revistas: «Talábriga», de Aveiro; «Humus», de Porto; «A Nossa Revista» (Mensario fundado por alunos da Faculdade de Letras, de Porto); «Nova Seara», de Lisboa, e o bise-manario «A Aurora de Lima», de

Viana do Castelo, algunhas das cuas publicaciós daban acollemento e alentaban a produción dos escritores galiciás.

Non deixa de ter un certo interés para nós, o animoso solto que no seu primeiro número (aparecido no mes de abril de 1921) insertou a «Talábriga», respecto á boa intelixencia antre lusos e galegos. Eilo aquí:

Movimento intelectual «Luso-Galaico».

É verdade que um sopro de vida nova agita as almas. Um perfume sadio e viril vem da gleba-mater reanimar o homem e encher-lhe o coração de forças generosas.

Agora é da Galisa, essa terra de sol para lá do Minho, irmã de Portugal pela sua alma emotiva e tradição que nos vem a voz de ressurgimento.

Um forte movimento intelectual, cheio de nobresa e de justiça, acaba, ali, de se iniciar a fim de dar a esta região, uma completa integração na sua personalidade histórica—movimento de patriotismo e mesmo de alto interesse artístico e literario pela esplendida cultura mental em que se baseia

É uma primavera por certo fecunda que sacode a terra da Galisa. Um destino de Beleza enche-a toda de sagrada rebeldía. Ela quer robustecer-se, afirmar a sua liberdade. É justo. Aplaudimo-la.

E para realizar esta Obra magnífica uma *élite* de lutadores e inteligentes—toda uma mocidade inquieta e talentosa vem, numa falange bizarra, acordar a terra formosa para o grande sonho da Manhã. Ha nesta *élite* os nomes prestigiosos de Vicente Risco, Euxenio Carré, Cabanillas, Lufrís Freire, Leandro Carré Alvarelllos, Villar Ponte, etc.—nomes culminantes da moderna literatura galega e grandes admiradores do nosso país.

Em Portugal esta patriótica obra regionalista é secundada por um movimento de aproximação Luso-Galaica, dirigido pelo talentoso poeta e nosso colaborador, Alexandre de Córdova, e do qual fazem parte os mais ilustres homens de letras e artistas do Norte, entre os quais podemos mencionar o pintor Soares Lopes. Leonardo Coimbra, Teixeira de Pascoais, Raul Casimiro,

Pina de Morais, S. Martins, Dr. Jaime de Vasconcelos e outros.

A «Talábriga» dá todo seu apoio a este belo movemento de patriotismo regionalista e envía para a Galiza uma saudação de entusiasmo e solidariedade espiritual a todaessa pleiade de intelectuais ilustres, dum dos quais tem já hoje o prazer de publicar un magnífico sonêto galego, que muito lle agradece, e ao dispôr dos seus homems de acción põe o humilde mérito das suas páginas.

O quincenário «A Nosa Terra», da Cruña (idearium da Irmandade da Fala), era daquela o portavós dos enxebristas da Galiza; e despois tamén a revista «Nós», de Ourense, cuo primeiro numero xurdfu o 30 de outono do 1920.

No mes de setembro do ano 1921 veu á Cruña o Orfeón de Porto, acompañado de numerosos excursionistas portugueses, que foron recibidos com amostras de aprezo. Diron un Concerto na praza de touros, e outro no Teatro Rosalía Castro. O Leonardo Coimbra, que vira ao frente do conxunto, pronunciou emotivos discursos, e Alexandre de Cordova, encantounos con un fermoso recital de poesías suas, no Salón da popular e prestixiosa entidade «Reunión Recreativa e Instructiva de Artexanos», o mui coñecido «Circo» cruñés.

Andando o tempo, Teixeira de

Pascoais e outros mantiveron esa amizade titeraria cos galegos, sen pasar a máis, por culpa de pequenes e tórpidas rivalidades, que non é do caso analizar agora. E foise chegando ao presente, no que «Coros» van, e «Coros» veñen, dando a coñecer aos galegos cantigas e bailadas portuguesas; e aos portugueses as do noso folklore. Fánse excursiós de turismo, e celebranse Congresos de etnografía... e que mais?... na Cruña unha nova praza leva o nome de Praza de Portugal; e, no Porto, ergueuse un monumento á memoria da nosa Rosalía.

Arastora o noso ben prezado amigo Oliveira Guerra anda a traballar con louvabre entusiasmo na criazon dun Circulo de Estudos Galaico-Portugueses, e cultiva con degoros de namorado o trato e amizade dos colegas da Galiza cos de Portugal.

Que estas correntes de simpatía e coñecemento mutuo non topen un relanzo que as deteña, e que vaian n-aumento hastra chegaren a consolidare unha verdadeira fraterna unión, é o noso mais veemente dese.o.

E ten de ser, de certo, pois os tempos son moi outros que aqueles da miña mocidade; e se entón foi un froleo de rosiñas prometedoras, é agora unha seara que vai madurecendo, e prestes han vir os días da recolleita do froito tan apetescido.

A DEFENSA DO IDIOMA GALEGO

por MAXIMINO CASTINHEIRAS GARCÍA

Entre as institucións que neste intre defenden o idioma galego figura a cabeza o Centro Galego de Bos Aires, co seu pintor, Luís Seoane López e co escritor Rafael Dieste. Esta Sociedade de Lingua Galega, o Presidente reconece con enteira xusticia, de utilidade pública.

O Común dos Galegos polo mundo non sabe da existencia dese agrupamento de persoas, desinteresadas de calquer ventaxa material, que se sacrifica por defender o idioma patrio, ensinando e escrarecendo a moitas persoas que a miúdo, emporiso a súa regular ilustración, ofenden as boas regras de lingua. Mais e preciso que o saiban os emigrantes, que axuden a benemérita cruzada, ó mesmo tempo promovendo a súa propia valorización persoal. Un pobo que descoñece ou non emprega a boa regra da lingua non abala o prexucio que sofre.

Tantas veces se ten afirmado—e con razón, pola supremacía das actividades corporais, para servir ós intereses que a maior parte da xente por elas manifestase que vai perdendo no mundo o primado do espírito, non vemos motivo para que soio algúns deliñeen o movemento reintegrador da poboación galega, na preferencia polos praceres espíritoais, e principalmente pola defensa e expansión das enormes e belas riquezas idiomáticas.

A lingua é o meirande valor dunha Nación.

Pode un pobo perder a independencia, por dominio alleo; perder o territorio, moimentos, obras de arte, os eidos da cultura, etc., ser suversivos por catacrismos; pode perderse todo, mais o idioma seguirá a roitar polos tempos probando a existencia da nacionalidade e o o que e mais aínda—a xusticia a esixir a súa resurrección. Para iso é preciso que o pobo nunja causa común pratique o bon linguaxe, fuxindo o mais posíbel dos vocábulos alleos e a construción gramatical polas linguas estranxeiras tamén influenciadas.

Non se pretende, evidentemente, que haxa no galego expresións propias para todas as necesidades de fala ou de escritura. Coas propias verbas estranxeiras, sempre que se tivo necesidade, os nosos filólogos, por adaptación intelixente, conseguiron acrecentar a lingua patria con vocábulos novos que dispensan a forma pura estranxeira. Mais hai construcións gramaticais moi arraigadas no pobo que e necesareo correxir. Hai defeitos de boa armonía na lingua patria; hai desvios serios nun número grande de escritores de fama e populares.

Falar ben o galego é para un patriota tan importante como respirar ben; e mais aínda do que os intereses comúns e o idioma o que mais torna firme a unidade nacional.

Ninguén esixe que o pobo fale e escriba como falaban e escribian os escritores clásicos de antes.

Soio se reclama que cada un, sexa a que for a súa condición social, procure por todos os medios coñecer as regras de ben falar e escribir a súa lingua porque así atinxirá o estado perfecto da civilización e da expresión galega.

Para iso hasta o interés como fan os do Centro Galego de Bos Aires que se consagran a defensa do *idioma*.

O Seminario de Estudos Galegos, foi fundado fai uns cantos anos por unha ducia de estudantes e Profesores, devotos e conscientes da súa misión patriótica, competente e ardorosa. Con moitas dificultades e sacrificios...

Temos, na vida galega, de incrementar a cultura e a civilización e a independencia no Mundo polo noso idioma.

O Centro Galego de Bos Aires dan a norma e o exemplo. E preciso que se aproveite e alongue ese admiravel movemento desenvolvendo con tanto amor, de vocación e sacrificio pola nosa Terra.

Maximino Castineiras García

OS ELEMENTOS FUNDAMENTAIS DA CULTURA PORTUGUESA

por JORGE DIAS

O Português é um misto de sonhador e de homem de acção, ou melhor, é um sonhador activo, a que não falta certo fundo práctico e realista⁽¹⁾. A actividade portuguesa não tem raízes na vontade fria, mas alimenta-se da imaginação, do sonho, porque o português é mais idealista, emotivo e imaginativo do que homem de reflexão. Compartilha com o espanhol o desprezo fidalgo pelo interesse mesquinho, pelo utilitarismo puro e pelo conforto, assim como o gosto paradoxal pela ostentação de riqueza e pelo luxo. Mas não tem como aquele um forte ideal abstracto, nem acentuada tendência mística. O português é, sobretudo, profundamente humano, sensível, amoroso e bondoso sem ser fraco. Não gosta de fazer sofrer e evita conflitos, mas ferido no seu orgulho pode ser violento e cruel. A religiosidade apresenta o mesmo fundo humano peculiar ao português. Não tem o carácter abstracto, místico ou trágico próprio da espanhola, mas possui uma forte crença no milagre e nas soluções milagrosas.

Há no português uma enorme capacidade de adaptação a todas as coisas, ideias e seres, sem que isso implique perda de carácter. Foi esta faceta que lhe permitiu manter sempre a atitude de tolerância, e que imprimiu à colonização portuguesa um carácter especial inconfundível: assimilação por adaptação.

O português tem vivo sentimento da natureza e um fundo poético e contemplativo estático diferente do dos outros povos latinos. Falta-lhe também a exuberância e a alegria espontânea e ruidosa dos povos mediterrâneos. É mais inibido que os outros meridionais, pelo grande sentimento do ridículo ou medo da opinião alheia. É, como os espanhóis, fortemente individualistas, mas possui grande fundo de solidariedade humana. O português não tem muito humor mas um forte espírito crítico e trocista e uma ironia pungente.

A mentalidade complexa que resulta da combinação de factores diferentes e, às vezes, opostos dá lugar a um estado de alma *sui generis* que o português denomina: *saudade*. Esta saudade é um estranho sentimento de ansiedade que parece resultar da combinação de três tipos mentais distintos: o lírico sonhador — mais aparentado com o temperamento céltico — o fáustico de tipo germânico, e o fatalístico de tipo oriental. Por isso, a saudade é umas vezes um sentimento poético de fundo amoroso ou religioso, que pode tomar a forma panteísta de dissolução na Natureza, ou se compraz na repetição obstinada das mesmas imagens ou sentimentos. Outras vezes é a ânsia permanente da distância, de outros mundos, de outras vidas. A saudade é então a força activa, a obstinação que leva à realização das maiores empresas; é a saudade fáustica. Porém, nas épocas de abatimento e de desgraça, a saudade toma uma forma especial, em que o espírito se alimenta mórbidamente das glórias passadas e cai no fatalismo de tipo oriental, que tem como expressão magnífica o fado, canção cidadina, cujo nome provém do étimo latino, *fatu* (destino, fadário fatalidade).

Este temperamento paradoxal explica os períodos de grande apogeu e de grande decadência da história portuguesa. Ao contrário do que muitos disseram, o português não degenerou; as virtudes e os defeitos mantiveram-se

(1) Sirvo-me aqui de uma antiga classificação de tipos psíquicos de G. Dromard, *Le rêve et l'action*, Paris, 1921. (Copyright 1913).

os mesmos através dos séculos, simplesmente as suas reacções é que variam conforme as circunstâncias históricas. No momento em que o português é chamado a desempenhar qualquer papel importante, põe em jogo todas as suas qualidades de acção, abnegação, sacrifício e coragem e cumpre com os poucos. Mas se o chamam a desempenhar um papel medíocre, que não satisfaz a sua imaginação, esmorece e só caminha na medida em que a conservação da existência o impele. Não sabe viver sem sonho e sem glória.

Esta maneira de ser torna particularmente difícil a tarefa dos governantes, sobretudo em períodos históricos em que as circunstâncias não permitem desempenhar uma acção que lhes agrade e desencadeie as energias.

Nas épocas extraordinárias, quando acontecimentos históricos puseram à prova o valor do povo, ou lhe abriram perspectivas novas, que o encheram de esperança; então brotaram por si, naturalmente, as melhores obras do seu génio. Porém, nos períodos de estagnamento nasce a apatia do espírito, a relutância contra a mediania, a crítica aberta contra o que não está àquela altura a que se aspira, ou cai-se na saudade negativa, espécie de profunda melancolia.

Percorrendo a história, podemos facilmente verificar como estas características apontadas se repetem em diferentes épocas, explicando certas acções, e demonstrando a constância de alguns elementos fundamentais da cultura portuguesa.

Em todas as épocas se verifica o temperamento expansivo e dinâmico do português. Sem ir à cultura dolménica, desde as épocas mais remotas, nos tempos em que a actividade era a guerra, os Lusitanos foram a expressão mais acabada da luta permanente e sem tréguas, que se prolongou pela Idade Média nas lutas da Reconquista contra os mouros, para se transformar, finalmente, nas viagens de descobertas e de colonização. É também sintomático os portugueses terem participado em grande parte das guerras europeias com excepção da última, mesmo quando não tinham interesses directamente ligados a tais conflitos. Até a série de revoluções fratricidas do século XIX e princípios do XX provam o fundo de permanente inquietação e actividade. Porém, essa actividade trás sempre consigo um cunho de ideal. Quase nunca se verifica a acção precedida de cálculo interesseiro e frio. Embora não lhe falte, por vezes um fundo prático e utilitário, o grande móbil é sempre de tipo ideal. Nas lutas da Reconquista não se procura só reaver o solo que os muçulmanos tinham conquistado; lutava-se por um ideal religioso e expulsava-se o inimigo da fé. A grande empresa marítima visa, é certo, a descoberta do caminho da Índia e os negócios das especiarias, mas além de se pretender dilatar o império, pretende-se dilatar a fé. A última ideia justificava a primeira e não o inverso. Nunca soubemos separar o sonho da realidade ao contrário do inglês que procede friamente, orientado pelo seu sentido prático. A maior desgraça da nossa história, a infeliz campanha de Alcácer Quibir, em que desapareceu D. Sebastião com a elite militar do seu tempo, não passou dum grande sonho vivido, de trágicas consequências. Mas a história está cheia de curiosos episódios, como a do Magriço e os Doze de Inglaterra, que vão defender em torneio umas damas ultrajadas por cavaleiros ingleses, a comprovar o fundo de sonhador activo do português. Além disso, o desprezo pelo interesse mesquinho e o gosto pela ostentação e pelo luxo nunca nos permitiram o aproveitamento eficaz das grandes fontes de riqueza exploradas. Os tesouros passavam pelas nossas mãos e iam-se acumular nos povos mais práticos e bem dotados para capitalizar, como os holandeses e os ingleses. Soubemos traficar mas faltou-nos sempre o sentido capitalista. No século XVI, quando Lisboa era grande empório do mundo, sob o brilho do luxo já se ocultava a miséria. Gil Vicente descreve os fidalgos cobertos de rendas e brocados, com a sua coorte de lacaios, mas sem dinheiro para comer. O gosto pelas jóias, pela pompa, pelo luxo é uma constante da nossa cultura. Desde as estações proto-históricas do noroeste tão ricas em magníficos exemplares de jóias de ouro e, depois, nos períodos áureos, de que podemos citar a embaixada de Tristão da Cunha ao Papa, e as magnificências do reinado de D. João V até aos nossos dias, tudo confirma o gosto pela ostentação e pelo espanto. Contudo, poucos povos têm menos necessidade de conforto de que o português. Ao contrário dos povos burgueses do norte e centro da Europa, o nosso luxo não é um requinte que resulta

do conforto, é-lhe quase que oposto: é mero produto da imaginação e não dos sentidos. Ainda hoje, temos as camas mais duras da Europa e as ruas estão repletas de automóveis de luxo. São poucas as casas ricas com aquecimento e, muitas delas, não têm uma sala de estar. Mas essas mesmas casas têm salas de visitas ou até salões de baile cheias de porcelanas da Índia e da China. As pessoas modestas cujas casas são despidas do mínimo conforto, andam nas ruas vestidas com elegância ou com luxo. Um pequeno empregado de comércio, de pouca ilustração e educação faz mais figura na rua do que um intelectual alemão ou suíço, de boa família e com recursos. Da mesma maneira, qualquer empregadita, que mal ganha para se alimentar, anda vestida impecavelmente e pela última moda. É tal a importância que se atribui ao exterior que, mesmo no verão e no campo, as pessoas da classe média não se atrevem a tirar o casaco e a gravata. Só nos últimos anos, por influência do cinema e do desporto, isso vai sucedendo. Mas não se concebe que, por exemplo, um estudante universitário aparecesse nas ruas de calção.

Outra constante da cultura portuguesa é o profundo sentimento humano, que assenta no temperamento afectivo, amoroso e bondoso. Para o português, o coração é a medida de todas as coisas.

O sentimento amoroso é muito forte em todas as classes sociais e, fora o aspecto grosseiro, que se compraz em anedotas eróticas, são inúmeros os exemplos de grande e profunda dedicação, acompanhada de gestos de verdadeiro sacrifício. Não só a História como a Literatura nos dão a prova irrefutável da permanência desta característica através dos tempos. O exemplo mais curioso foi a grande paixão de D. Pedro por Dona Inês de Castro, que nem a morte conseguiu extinguir, e que ainda hoje serve de motivo poético e impressiona as sensibilidades. Na literatura basta lembrar a poesia medieval, tão sentida e original, em que com frequência se canta o amor da mulher pelo homem. A lírica de Camões, esse grande amoroso, dá-nos exemplos da mais bela e mais repassada emoção. As cartas de Sôror Mariana Alcoforado, palpitantes de paixão veemente, os sonetos de Florbela Espanca, as poesias de João de Deus e muitos outros, sem esquecer a riquíssima poesia popular, particularmente impregnada de sentimento amoroso, são outras afirmações desta constante da alma portuguesa.

Mas, além da forma puramente amorosa, a afectividade portuguesa revela-se em relação aos parentes, aos amigos e aos vizinhos. O português não gosta de ver sofrer e desagradam-lhe os fins demasiado trágicos. Talvez por isso a pobreza do género dramático da nossa Literatura, e as soluções felizes que Gil Vicente soube dar a casos de traição conjugal, que em Lopo da Vega ou Caldeirão acabam em vingança sangrenta (2). Ainda hoje o público gosta dos filmes de *happy ending*. Outro aspecto curioso dessa característica são as touradas portuguesas, em que o touro não morre e vem embolado, para não ferir os cavalos nem matar os homens. O espectáculo perdeu a intensidade dramática que tem em Espanha, mas ganhou em beleza, pela valorização do toureiro a cavalo e mantém a nota viril da coragem física com as pegas, em que os homens medem força com o touro, que é dominado a pulso. Cabe aqui acrescentar que em Portugal não existe a pena de morte, certamente como consequência dessa maneira de ser.

Como representantes do sentimento humano na Literatura, temos, por exemplo, Augusto Gil, João de Deus, Júlio Diniz e António Nobre. É este sentimento que explica muitas atitudes desconhecidas noutros países e tão frequentes em Portugal, como a do filho a quem oferecem uma boa situação no estrangeiro e que renuncia por ver umas lágrimas nos olhos da mãe; prefere arruinar as suas esperanças à ideia de a fazer sofrer. É também ele que determina um sem número de casamentos injustificáveis, em que o homem se sacrifica para evitar o desgosto a uma rapariga com quem namorou algum tempo. Quando vê o sofrimento que provoca a ideia do rompimento, decide-se a casar e aguenta toda a vida uma situação que não foi determinada pela íntima necessidade.

Contudo, o português não é fraco nem covarde. Detesta as soluções

(2) Ver Harri Meier, *Ensaio de Filologia Românica*, Lisboa, 1948, pág. 227-254.

trágicas e não é vingativo, mas o seu temperamento brioso leva-o com excessiva frequência a terríveis lutas sangrentas. Quando o ferem na sua sensibilidade e se sente ultrajado, ou perante um ponto de honra, é capaz de reacções de extraordinária violência. São testemunho disso os jornais diários que relatam rixas tremendas entre amigos e vizinhos. Antigamente, e hoje mais raramente, pela repressão que o Estado tem criado, as lutas entre aldeias vizinhas tomavam aspectos de batalhas campais. Mas tirando o crime passional, são raros os casos de homicídio perverso. Não se conhecem vampiros como no norte da Europa, nem os assassinos que cortam as mulheres aos pedaços, e os queimam, ou deitam aos rios como em outros países sucede.

A própria religião tem o mesmo cunho humano, acolhedor e tranqüilo. Não se erguem nas aldeias portuguesas, essas igrejas enormes e solenes, tão características da paisagem espanhola, que na sua imponência apagam a nota humana. A Igreja portuguesa, ora caíada e sorridente entre ramadas, ora singela e sóbria na pureza do granito, é simplesmente a casa do Senhor. É sempre um templo acolhedor, habitado por santos bons e humanos. Não se vêem os Cristos lívidos e torturados de Espanha. A sensibilidade portuguesa não suporta essa visão trágica e dolorosa.

A prova mais evidente deste sentimento humano e terreno da nossa religiosidade verifica-se na extraordinária expansão do estilo românico, com o seu arco singelo bem apoiado na terra, e na falta de assimilação do estilo gótico. Nunca sentimos esse profundo arroubo místico, essa ânsia de ascensão que caracteriza o gótico. O nosso espírito assimilou mal um estilo cuja expressão nos era estranha. Em todos os monumentos arquitectónicos, caracteristicamente portugueses, perdura uma certa espessura dos pilares, uma nítida tendência para a profundidade e para a horizontalidade, contrária à ânsia de verticalidade ascensional do gótico. O espírito português é avesso às grandes abstracções, às grandes ideias que ultrapassam o sentido humano. A prova disso está na falta de grandes filósofos e de grandes místicos. Nem compartilha do racionalismo mediterrâneo, da luminosidade greco-latina, nem da abstracção francesa, de grandes linhas puras, nem do arrebatamento místico espanhol. Em vez das grandes catedrais góticas da França e da Espanha, ou dos templos clássicos da Renascença italiana, que não sentia, o português acabou por criar um estilo próprio, onde a sua religiosidade típica melhor se exprime: o Manuelino.

Foi no clima de exaltação dos descobrimentos marítimos que os elementos psíquicos díspares da população portuguesa, se fundiram e alcançaram as suas expressões mais elevadas. O Atlântico atraía sempre com a sua magia um certo fundo sonhador e vago das populações costeiras, enquanto que as do interior se agarravam fortemente à solidez do solo conquistado. Nas cantigas de amigo perpassava já o perfume dos ventos do mar, enquanto que nas pequenas igrejas românicas, fortemente fincadas no chão, se exprimia a solidez rústica dumha crença firmemente enraizada na terra. Mas o Atlântico venceu. Os portugueses lançaram-se na grande aventura e desviaram a civilização do Mediterrâneo para o Atlântico, mudando o curso à história universal. O velho do Restelo, era o homem da terra em face da loucura marítima. Porém, solidário como nos tempos da Reconquista, quando ficava a cultivar as terras recém-conquistadas, o camponês também não falhou a colonizar as terras recém-descobertas. Apesar da população metropolitana ser insignificante, a Madeira e os Açores começaram a ser colonizados em 1425 e 1439, isto é 6 e 12 anos logo após a sua descoberta. Por fim, descobre-se o caminho marítimo para a Índia e toma-se posse oficial do Brasil⁽³⁾. O profundo sentimento da natureza já patente na Lírica Medieval e na Menina Moça robustece-se em contacto com os grandes horizontes abertos, com as tempestades e com os mundos exóticos, povoados de animais e de gentes estranhas⁽⁴⁾. Os Lusíadas, que entusiasmaram Humboldt pelo seu eno. me encanto ao descre-

(3) Não digo: «descobre-se», porque tudo leva a crer que o Brasil já era conhecido dos portugueses antes de 1500, e que a viagem de Cabral foi uma mera tomada de posse oficial.

(4) Sobre o tipo de sentimento da natureza dos portugueses, ver Jorge Dias, Acerca do sentimento da natureza entre os povos latinos in «Ensayos y Estudios» IV/5-6 (Editorial: Ferd. Dümmlers Verlag, Bonn y Berlin), 1942.

ver os fenómenos marítimos, são o grande poema do mar. Sente-se nele o deslumbramento do poeta e de toda a geração que o precedeu:

«Digam agora os sabios da Escritura
Que segredos são estes da Natura...»

Perante a grandeza e os mistérios da natureza, que os portugueses vão a pouco e pouco descobrindo, nasce uma atitude especial, não destituída dum certo fundo místico-naturalista, com tintas de panteísmo. Não panteísmo filosófico, mas sentimental. O deus que se adorava continuava a ser o mesmo dentro da ortodoxia católica, mas o mundo por Ele criado era muito mais variado e rico. É então que surgem os Jerónimos como expressão arquitectónica máxima da religiosidade portuguesa. A grande novidade era a decoração naturalista, inspirada em motivos do mar e na exuberância da vegetação exótica. O antigo sentimento da Natureza, que só encontrara até então expressão poética, transporta-se agora para a forma plástica. Os templos enchem-se de elementos da Natureza, impregnados de sentido religioso, de evocações de mundos longínquos e estranhos e dos mistérios do mar. Era natural que esse povo de marinheiros quisesse decorar os seus templos com as belezas do mundo recém-descoberto. Ainda hoje os pescadores rudes do Norte de Portugal costumam levar como ex-votos ao santo da sua devoção miniaturas de navios ou quadros alegóricos de qualquer naufrágio ou perigo de que escapam. Porém, se na decoração há novidade arquitectónica, a sensibilidade portuguesa manteve-se presa ao atavismo românico, na solidez das proporções e no arco redondo. A sua religiosidade rude e simples sente confiança num templo fortemente apoiado na terra, onde paira uma obscuridade doce que repousa o espírito.

O Manuelino é, pela sua decoração uma espécie de estilo Barroco, razão porque Engénio d'Ors diz que o Barroco nasceu em Portugal⁽⁵⁾. Contudo, no Manuelino e, mais tarde, no nosso Barroco falta por completo o movimento musical que se verifica noutros países, sobretudo na Áustria, e nos arredores alpinos. Se o movimento é uma das características mais salientes do Barroco, temos de ver que esse movimento toma entre nós uma feição especial que o afasta inteiramente do país das valsas. É um movimento parado, uma espécie de *imóvel «perpetuum mobile»*, como diz Santiago Kastner ao referir-se aos «*ostinati*» dos compositores portugueses⁽⁶⁾. De facto, a actividade portuguesa é de tipo físico, embora se-ja determinada pela imaginação, mas há qualquer coisa de estático na emoção portuguesa. O fundo contemplativo da alma lusitana compraz-se na repetição ou na imobilidade da imagem.

Uma das características mais importantes da saudade é precisamente essa fixidez da imaginação que, por intensidade, se pode tornar em ideia motora e conduzir à acção. A poesia medieval impressiona tanto pela imobilidade dos pequeninos quadros, que se repetem, que até houve quem lhe procurasse uma origem oriental⁽⁷⁾. Além disso, a Literatura Portuguesa manteve até hoje o carácter lírico. A vocação para o género épico e dramático foi sempre menor, e os próprios *Lusíadas* valem muito pelo seu fundo lírico. Os romances actuais são da mesma maneira falhos de acção, parados. Mas na música repete-se exactamente o mesmo fenómeno. Em quase todos os compositores se verifica a imobilidade, o apego a meia dúzia de desenhos musicais fixos, às sequências de obstinadas. Falta-nos a animação própria dos espanhóis e a predisposição para o encadeamento de movimentos, frequentes noutros povos. Diz Santiago Kastner a propósito de Duarte Lobo que este «logrou expressividade penetrante, que deriva antes da atitude contemplativa

(5) Eugénio d'Ors, *Lo Barroco*, Madrid, s/d. Refere-se com frequência ao Manuelino como estilo barroco, mencionando o caso típico da janela do Convento de Tomar, sobretudo na 2.ª metade do livro, a partir da pág. 128.

(6) Santiago Kastner, *Crónica sobre obras de Luís Costa*, in *Jornal do Comércio e das Colónias*, Lisboa 1946 ou 1947 (Impossível dar referência exacta sem percorrer o arquivo do referido jornal, donde há anos colhi os apontamentos).

(7) Rodrigues Lapa, *Lições de Literatura Portuguesa, Época Medieval*, Coimbra, 1943; R. Lapa, *Das origens da poesia lírica em Portugal na Idade Média*, Lisboa, 1929.

e de ensimesmação do que do afã de dramatização estilizada e porventura excessiva». (8)

Não será isto afinal uma constante da alma portuguesa, que se revela particularmente neste compositor? O «ostinatismo» que se verifica na música erudita portuguesa e que parece veio influenciar a música europeia da época, é um dos aspectos do temperamento português, que se pode notar em outras manifestações artísticas. O Manuelino é esse mesmo «ostinatismo» tão português como marítimo, feito de ondas e de espuma, e de vago apelo da distância. Onde há movimento mais imóvel que o das ondas a rolar os seixos das praias?

É possível que o fundo histórico da imobilidade e do «ostinatismo» da música erudita portuguesa sejam os intervalos paralelos e isométricos das canções corais alentejanas e minhotas, que na sua essência representam também a ideia do «ostinato», mas a sua verdadeira origem deve estar na alma contemplativa e obstinada dos portugueses. Foi a própria obstinação que tornou possível a realização dum sonho que parecia superior às formas daquelas que o realizaram. O Manuelino, afinal, é a expressão arquitectónica desse sonho materializado; é, como disse Reinaldo dos Santos, a «Arte dos Descobridores». (9)

O «obstinatismo» tem, como a saudade, mais que uma face. Se por trás dele existe uma ideia grande, pode ser fértil em resultados, pela sua enorme capacidade de penetração, de movimento em profundidade. Mas sem esse amparo tem o perigo de conduzir à imobilidade mental, ou ao movimento aparente e sem sentido, porque lhe falta a força de coesão social, que leva o português a ultrapassar o seu individualismo e a colaborar. De facto, o português, tem um forte sentimento de individualismo, que se não deve confundir com o de personalidade. Enquanto a personalidade anglo-saxónica ou germânica não colide geralmente com os interesses sociais e só preza a sua liberdade íntima, o português, da mesma maneira que o espanhol, tem uma forte ânsia de liberdade individual, que muitas vezes é anti-social. A tendência a opor-se a tudo que se lhe não apresente com carácter humano obriga-o a lutar contra as leis ou as organizações gerais. Detesta o impessoal e o abstracto, e põe acima de tudo as relações humanas. O seu fundo humano torna-o extraordinariamente solidário com os vizinhos, e em poucas regiões da Europa existirá ainda vivo, como em Portugal, o espírito comunitário e de auxílio mútuo (10). Mas qualquer organização geral, que limite as liberdades individuais, produz imediatamente um movimento de reacção em que todos são solidários. Um pequeno exemplo anedótico verifica-se no costume dos automobilistas fazerem sinais com os faróis a todos os carros com que se cruzam, sempre que tenham visto a polícia das estradas para os pôr de sobreaviso. A polícia, como representante da lei geral, é considerada como inimigo, e logo surge a reacção.

Da mesma maneira o funcionário, mesmo quando veste uma farda e obriga a cumprir a lei, tem a mesma dificuldade em representar um papel impessoal. Esta típica feição portuguesa dá origem a uma das burocracias mais rígidas que até hoje conheci na Europa. O funcionário menor agarra-se desesperadamente à letra da lei, sem tentar compreender-lhe o espírito. Qualquer caso menos corrente já o não quer resolver e atira-o para o seu superior hierárquico. Sente-se mal e pouco à vontade metido naquela camisa de forças, que o impede de ser ele próprio e de se apoiar no seu instinto humano. A própria tristeza que, em geral traz estampada no rosto, deve ser a consequência do violento esforço de adaptação a funções para as quais não sente vocação. Esta tendência a sobrepor a simpatia humana às prescrições gerais da lei fez

(8) Santiago Kastner, artigo sobre Duarte Lobo e a edição dos seus «Magnificat» feita por Manuel Joaquim, in *Jornal do Comércio e das Colónias*, Lisboa 1946 ou 1947 (ver nota 6).

(9) Reinaldo dos Santos, O espírito e a essência da arte em Portugal, in *Conferências de Arte*, Lisboa, 1943.

(10) Ver Jorge Dias, «Considerações acerca da estrutura social do povo português», Comunicação a II Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, São Paulo, 1954; Ernesto Veiga de Oliveira, «Trabalhos colectivos gratuitos e recíprocos em Portugal e no Brasil», comunicação ao II Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, São Paulo, 1954. Como exemplo vivo de organizações comunitárias ver Jorge Dias, Rio de Onor, comunitarismo agro-pastoril, Porto, 1953; e Vilarinho da Furna, uma aldeia comunitária, Porto, 1948.

com que durante muito tempo a vida social e pública girasse à volta do empenho ou do pedido de qualquer amigo. Pedia-se para passar nos exames, para ficar livre do serviço militar, para conseguir um emprego, para ganhar uma questão enfim, para todas as dificuldades da vida. Hoje em dia, tal hábito tradicional tem sido contrariado e já quase não existe. Porém, este fundo de simpatia que regula as relações entre os portugueses, está tão entranhado, que até no comércio, onde o interesse se devia sobrepor a tudo, ele se verifica. Disse-me um vendedor alemão, que viveu muitos anos em Portugal, que para fazer negócio no nosso país, era indispensável conquistar a simpatia do comprador. Uma vez isto conseguido, tinha-se a certeza de obter a preferência. Pelo contrário, noutros países, a única maneira de vender é oferecer maiores vantagens materiais, independentemente de toda a amizade pessoal.

É a sobreposição dos valores humanos ao lucro e ao utilitário, que explica muitos capítulos da nossa história e que deixa compreender muitas formas da sociedade actual. Tal mentalidade é a negação do espírito capitalista. No campo, sobretudo, é ainda viva a mentalidade patriarcal, onde a mesa está pronta para quem se quiser sentar e onde se não nega o pão e o caldo ao mendigo que passa. De dinheiro podem ser avaros, mas não fazem as contas ao que é da sua lavoira. Chegam a vender coisas mais barato de que elas lhes custam. Porém, nas próprias empresas comerciais e industriais existem ainda muitos casos de absoluta falta de racionalização. O português gosta de fazer projectos vagos, castelos no ar que não pensa realizar. Mas no seu íntimo, alberga uma certa esperança de que as coisas aconteçam milagrosamente. Esta forte crença no milagre, cujo aspecto mais grosseiro é a enorme popularidade do jogo da lotaria, chega a tomar aspectos curiosos, dos quais sobressai o *Sebastianismo*. Todos esperavam que o Rei D. Sebastião, morto em África, surgisse numa manhã de nevoeiro montado no seu cavalo de guerra. A crença viva é decididamente uma força, mas quando toma aspectos irracionais e supersticiosos pode ser uma fraqueza. Um dos aspectos maus e muito correntes é a crença na sorte: Fulano tem sorte e eu não tenho sorte, serve para diminuir as qualidades dos outros e justificar a incapacidade própria.

A imaginação sonhadora, a antipatia pela limitação que a razão impõe, e a crença milagreira, levam-no com frequência a situações perigosas, de que se salva pela invulgar capacidade de improvisação de que é dotado. Quando se aproxima a catástrofe, abrem-se-lhe os olhos da razão e então é capaz de desenvolver tal energia e com tal eficiência, que a isso é que se poderia chamar milagre. O facto de se repetirem tais situações deve explicar-se pela confiança que o português tem na facilidade das soluções da última hora. Nesses momentos a sua inteligência viva, a enorme capacidade de adaptação a todas as circunstâncias, e o jeito para tudo permitem-lhe dominar as situações com êxito.

É ainda essa enorme capacidade de adaptação uma das constantes da alma portuguesa. O português adapta-se a climas, a profissões, a culturas, a idiomas e a gentes de maneira verdadeiramente excepcional. O português foi sempre poliglota. Já os nossos clássicos escreveram quase todos em mais de uma língua, e mesmo as pessoas de pouca ilustração aprendem e sabem com frequência falar um idioma estrangeiro. Mas a capacidade de adaptação é geral; podia ilustrar-se com inúmeros exemplos. E, porém, curioso que o português adapta-se a outro ambiente cultural tão bem, que parece ter sido assimilado; mas volta para Portugal e em pouco tempo já não se distingue dos outros. Enquanto o inglês fica sempre inglês em toda a parte, e o alemão quando deixa de o ser, dificilmente volta a tornar-se alemão, o português assimilou completamente o provérbio que diz: «em Roma sê romano». Mas só enquanto está em Roma.

A capacidade de adaptação, a simpatia humana e o temperamento amoroso são a chave da colonização portuguesa. O português assimilou, adaptando-se. Nunca sentiu repugnância por outras raças e foi sempre relativamente tolerante com as culturas e religiões alheias. A miscigenação portuguesa não tem uma explicação sensual, embora o caracterize uma forte sexualidade. Ainda hoje o português tem decidida inclinação por mulheres doutras raças e é capaz de mostrar grande afeição ou profundo amor. É célebre o amor de Camões por

uma escrava, cantado em versos sentidos. Mas o português não gosta só de certas raças, gosta de quase todas. Um dia ao folhear um livro de registo de portugueses no consulado de Berlim, fiquei espantado com o elevado número de casamentos de portugueses com alemãs, e já tenho encontrado, mesmo em aldeias primitivas, mulheres francesas, espanholas e italianas (estas residentes no Brasil) casadas com antigos emigrantes.

O português é menos exuberante, ruidoso e expansivo que os outros meridionais. Um só espanhol, numa carruagem de comboio, abafa com a sua voz a de todos os portugueses. Além disso o português é inibido por um forte sentimento do ridículo. Como é muito sensível e dotado da faculdade de se aperceber do que vai nos outros, receia ser vítima da ironia e da crítica trocista tão comum em Portugal. De facto, a ironia muito mais do que o humor tem fundas raízes na cultura portuguesa, desde as cantigas de escárnio e mal dizer da Idade Média até à ironia de Eça de Queiroz há toda uma gama de coloridos. Temos a ironia benévola de Gil Vicente, a mordente de Nicolau Tolentino e de Bocage e a ironia pungente ou sarcástica de Fialho e de Camilo. Mas o próprio povo, com as suas certeiras alcunhas e apelidos, ou com os apodos tópicos, ou com os cantares ao desafio, etc., mostra a terrível arma de que é dotado. Por isso, a sensibilidade, que é um dos grandes elementos positivos da mentalidade portuguesa, é também um dos grandes elementos da sua fraqueza. O sentimento do ridículo e o medo da opinião alheia, abafam nele muitos impulsos generosos, deformam a sua naturalidade e impedem-no de se entregar livremente aos prazeres simples e à alegria espontânea. Nas classes populares tal sentimento é moderado mas nas outras classes é tão saliente que se tornam com frequência ridículos pelo medo de o parecer. Tal sentimento complica-se pela consciência de glórias passadas, pelo desprezo paradoxal pelos valores burgueses e pela admiração pelas realizações alheias. O português, muito intimamente, é incapaz de ambicionar para a sua pátria o bem-estar e a prosperidade que, por exemplo, o suíço conseguiu pelo esforço pertinaz e constante. É certo que o português se envergonha perante um suíço, pelo elevado nível de vida que aquele soube conquistar, mas se fosse ele o suíço, envorgonhar-se-ia da mesma maneira, por ter conseguido um bem-estar sem glória.

É um povo paradoxal e difícil de governar. Os seus defeitos podem ser as suas virtudes e as suas virtudes os seus defeitos, conforme a égide do momento.

JORGE DIAS

(Trabalho apresentado no I Colóquio Internacional de Estudo Luso-Brasileiro, realizado em Matosinhos em 1950.)

VALLE INCLAN, VEINTICINCO AÑOS DESPUES

por DIEGO BERNAL

El cinco de enero de 1936, aquí en Compostela, un cáncer cruel destruyó la vida bohemia, grandiosa y novelesca de D. Ramón María del Valle Inclán.

Aquél ilustre estilista, que creó la grandeza suprema de las sonatas, líricas y apasionadas visiones de la vida del Marqués de Brandomín un D. Juan, católico, feo y sexual que se entusiasma en su propia existencia vital cargada de emociones apasionadas, como aquella divina y encantadora niña Chole.

Valle Inclán, fué el más profundo, genial y notable de los escritores de España, toda su obra lo revela y manifiesta el temple de un escritor profundo y magnífico que logra novelar su propio vivir.

Valle Inclán, es el genio de una época y el reflejo de una grandeza literaria.

Su obra deja una huella inborrable, que acusa un espíritu aventurero que sólo podía tener aquél D. Ramón del que se dijo: «El que vale vale, pero no vale tanto como vale Valle».

Su vida, es el espíritu atormentado por el propio destino de vivir.

Hablemos de Valle Inclán en Santiago, de su vida compostelana como estudiante, paseando entre el rumor viejo de claustros y discutiendo casi agresivamente en las tertulias de los cafés. Identifiquémonos con D. Ramón, cuando desde Madrid y Méjico siente la nostalgia de Santiago a donde quiere venir para soñar por última vez la vida, para entusiasmarse entre el sonido remotor de mitos y cántigas de la noche grande de Santiago, esa noche de fuego y misterio que evoca el verdadero espíritu de la ciudad.

Santiago, es una preocupación constante en la literatura valleinclanesa y un deseo que D. Ramón lleva prendido en el alma y que se acentúa día a día, como el cáncer que le destruyó.

Santiago, es el último escenario de su vida, de sus tertulias históricas, en las que está presente todo un universo literario.

Aquí va desgranándose el rosario de su vida, hasta que el 5 de enero de 1936, cae sonora y amargamente la última cuenta.

La tierra de Boisaca cubre su féretro, y en el corazón de Santiago, está el deseo de que se rinda a D. Ramón, el homenaje que su noble memoria merece.

En este montón de cuartillas, quizás ingenuo, flota esperanza-dor el deseo de que Santiago y Galicia rindan a su hijo más ilustre, el justo tributo que merece.

Veinticinco años, es la fecha clave para colocar un monolito conmemorativo, en el largo camino de la eternidad.

Sinceramente, esperamos que la memoria de D. Ramón, sea honrada con justicia; porque Valle Inclán sintió a Galicia en la obra y en la vida misma apasionadamente y Galicia la siente en el íntimo más profundo de su ser.

Diego Bernal

EL POETA CIEGO

por PURA VÁZQUEZ

Al igual que Whitman, Lamas Carvajal fué tipógrafo, gran demócrata y humano; cantor de la aldea, de la vida rural en todas sus manifestaciones con toda su rusticidad, tristezas y encanto, belleza y pesadumbres. El divino ciego fué un poeta popular, médula y nervio del pueblo, y forma parte esencial de ese cuárteto glorioso de figuras gallegas: Rosalía, Curros Enríquez, Pondal y el que tratamos. Cuatro poetas que bastan por sí solos, para dar eterna fama a esta tierra nuestra, tierra de Poetas, como se llama a Galicia dentro y fuera de la Península.

La figura de Valentín Lamas Carvajal nos es familiar y íntima a todos los que hemos nacido y a los que han vivido en esta Ciudad de las Burgas. Nació en una de las calles más típicas, entrechas y sombrías de Orense, y una de las más humildes casas allí enclavadas: En la calle de Lepanto.

Huérfano desde muy niño, conoció la pobreza, los sueños cada día nacidos, cada día acariciados, y truncados casi siempre. Conoció la tristeza de los proyectos no realizados, la mano implacable del destino imponiéndole su yugo. Supo de la incompiensión de los suyos, de la envidia y la persecución rondándole en cada esquina, con la misma fatal persistencia con que la ceguera le rondaba los ojos.

Lamas, trabajaba de noche en una imprenta. No se sabe se logró terminar la carrera de medicina que el pintor Don Pedro Carvajal le cos'eaba. Estos estudios no agradaban al poeta, y se casó, estudiante todavía con doña Rosina Sánchez, que transcribió, con sus hijos Valentina y Modesto, gran parte de la obra de este gran orensano.

Su vocación literaria se inicia en edad muy temprana cuando solamente contaba veintidós años escribe «La Monja de San Payo», y un poco más tarde «Las dos Perpetuas», Antes había ya escrito «Flores de Ayer» y «Cancionero del Niño».

Aparte de estos primeros ensayos, esencialmente literarios, su primera obra fundamental como poeta, salió a luz en 1877, y fué la titulada «ESPIÑAS, FOLLAS E FRORES», que tiene un impulso poético formidable, profundo y pleno de contenido, variedad temática, grandeza de concepción y logro de vocación perfectamente cuajada. Em 1880 publica «SAUDADES GALLEGAS», que es un libro de un gran intimismo lírico, confidencial, con un tono unas veces elegíaco, amargo otros, y que se abla muy entroncado con la saudosa cuerda rosaliana.

Dos años más tarde publica «A MUSA DAS ALDEAS». Aquí predomina la nota enxebre, el cuadro costumbrista, el colorido, lo descriptivo. Este libro tiene un tono de protesta contra el sufrimiento y el trato injusto de que hacen víctima al aldeano. Vibra con un calor de humanidad sana rezumando de sus descripciones magistrales, de los «fiadeiros», de los desafíos con canciones más o menos intencionados, de las romerías campesinas, bulliciosas y llenas de color. Luego, con sátira punzante, restalla contra los caciques. Canta la tierra, al labriego doblado sobre el surco, al humilde campesino indefenso y cuantas veces burlado; cantra al emigrante, al segador que abandona su tierra en el estío y se va por campos castellanos; punza al señorito aldeano, renegado y envilecido en los oficios de las ciudades. Canta la desgracia y esclavitud de la tierra en contraste con su belleza de paraíso natural y terreno, con un punzante y amargo acento, lo mismo que hizo Rosalía, en esta poesía madura y ancha, de puros y armoniosos versos.

En 1875 publicó sus «CARTAS A OS GALLEGOS», y en 1878 comienza a publicar un semanario que fué el primer intento de crear un periodismo galaico al servicio de las gentes sencillas del campo, y que llegó a obtener bastante celebridad, y entre los campesinos tuvo un gran popularidad, llegando a venderse en los mercados: Se llamaba «O TIO MARCOS DA PORTELA. En el año 1886 publica «EL CATECISMO DEL LABRIEGO» en su primera edición. Es un libro rebotante de humorismo, humorismo orensano, gracioso, satírico, ácido y amargo muchas veces. Llegó a alcanzar diez y siete ediciones.

Lamas Carvajal fué un poeta fecundo, recto, sincero. Cantor y defensor siempre del aldeano, su amigo en todos los infortunios y luchas; fué el poeta gallego cuya mayor ternura y nervio poéticos se volcaron cantando y expresando la belleza rural, los afanes campesinos, sus tribulaciones y injusticias, la sumisión y rebeldía de los labriegos gallegos, cuyo drama palpitaba siempre agudo, siempre pendiente de solución. Su mirada, que perdía claridad de visión cada día, recogía avaramente en la plenitud magnífica del cuadro aldeano, toda la luz, toda la belleza, toda la armonía natural que luego había de ser en su corazón hontanar hondo, fuente magnífica, fuerza creadora, insuperable cosecha de poesía que endulzaría sus horas en el crepúsculo de sus ojos y en la ya casi completa extinción de la función visual que iba arrojando en un fondo de negrura y tiniebla. Y esas imágenes codiciosamente recogidas por él con un gran temblor de miedo en su lucha contra la ceguera, quedaron claras y precisas, con nitidez de espejo, en su corazón con resplandor fantástico y maravilloso de riqueza y policroma variedad, para aflorar en versos mágicos, plenísimos de una saudade de luz, de esa luz que a él le faltaba, de una sed de claridad y color velada apenas algunas veces por un resignado tinte de conformidad ante la ya irreparable desgracia; otras, con un desbordamiento de rebeldía y angustia dramático y estremecedor...

Lamas Carvajal conoció y pintó todos los problemas, los más

arduos y entrañables siempre latentes, del labriego. Su larga vivencia y contacto con ellos, hablando el mismo idioma recio y dulce, su gran conocimiento del solar nativo en toda su fundamental esencia de eternidad y galleguidad, le hizo ser, con los otros tres poetas máximos, Rosalía, Curros y Pondal, poeta popular, amado por el pueblo, entrañable y récia figura inolvidable. Después de la muerte de Rosalía Castro, que ejerce una gran influencia sobre él, fué el poeta que vino a llenar el vacío y silencio poéticos que dejara en Galicia la ya universal poetisa del Sar. Fué un cultivador incansable del idioma galaico, le dió amplitud, profundo sentido y sentimiento poéticos, flexibilidad y una cierta fijeza en su ortografía.

Pura Vázquez

CARLOS CARNEIRO

e a Sua Exposição de Guimarães

por BARATA FEYO

294

Há uns anos, abri o catálogo da exposição de Carlos Carneiro levada a efeito em Coimbra com meia dúzia de palavras das quais respigo o que segue: «Confesso não saber que ciência ou prodígio sobrenatural faz com que os artistas continuem a manter-se de pé e persistam nos seus labores dilectos — a pintura, a escultura, a poesia e a música — sendo verdade que lhes falta da parte de todos nós o estímulo e o prémio completos a que inequivocamente têm direito. Lutando contra inúmeras adversidades, estes mensageiros da harmonia, do ritmo, da forma e da cor, dão-nos de tempos a tempos sinal de vida, mostrando-nos a sua obra realizada em silêncio que, podem acreditar, é a sua única *Terra prometida*».

À parte as palavras derivadas de *mensagem* de que justamente me enfatiei pelo uso e abuso que lhe tem dado toda a gente, transformando-a na expressão mais corriqueira do vocabulário da crítica e da lisonja, julgo que tudo o resto é de manter, particularmente o que se refere a Carlos Carneiro.

Embora com altos e baixos, foi lentamente melhorando a vida de alguns, já porque os Poderes Públicos continuaram a solicitar a colaboração das belas-artes procurando, deste modo, enriquecer o nosso património, já porque puderam outros instalar-se nos quadros docentes dos ensinos técnico e liceal. Carlos Carneiro, porém, continuou na mesma sem encomendas, sem lugar à mesa do Orçamento, só dependendo de si e preso a si.

Nestes oito anos que passaram com os seus invernos de frio intenso, chuvas e humidades vindas da beira Douro; as suas primaveras e os seus outonos, tão fugazes quanto límpidos; os seus verões de dias castigados por um Sol impiedoso que invade becos, mansardas, avenidas, casas ricas e casas pobres, tudo abafando até os próprios jardins; nestes oito anos que passaram e em que tudo se foi modificando só o clima da vida de Carlos Carneiro ficou igual ao que era. Outros moirejaram, melhor ou pior foram envelhecendo com o tempo, calorçando cada qual o seu caminho, cada qual procurando e colhendo o fruto do seu trabalho. Carlos Carneiro, foi talvez por feitio, talvez por azar e nem eu sei porquê, não sabe procurar, não sabe colher, continua sem o nosso estímulo, continua sem prémios. Apenas sabe trabalhar e, por isso, insiste. Diante dos seus pares e diante de si próprio continua vertical, discretíssimamente, como nesse Novembro longínquo de 53.

É consolador constatar o mesmo espectáculo admirável de

resistência, de saúde moral e mental, de abnegação, de galhardia no respeito de si mesmo como homem-artista e mestre no «ofício» de pintar. Fazendo bem as contas, Carlos Carneiro tem dado a esse «ofício» toda uma vida — a sua. E apesar de correr o risco de ser



295

A cantora francesa Madaleine Van Haezebrouck, vista por Carlos Carneiro

mal julgado, não abdica, não condescende nem que seja frente à necessidade de auferir o pão de cada dia. Repetidas vezes o vi bastante amargurado mas sempre vertical, sempre em equilíbrio. E não importa a qualidade e o género de comodidade que queiram oferecer-lhe. Acima de tudo zela o seu mester, a probidade com que o pratica, a sua independência.

Por outro lado, não pactua com modas, não se acorrenta aos mestres que estão na berra, à pintura que está na voga e corre mundo, ainda que esta independência lhe custe os olhos da cara.

Fiquemos por aqui. Não vale a pena acrescentar mais nada. O que vale a pena, é ver a exposição.

Tonalidades pálidas de ocre e azuis sobre casarios e atmosferas; longes violetas derramados sobre montanhas distantes; desenho rasgado e firme ao ponto de parecer nascido da ponta de um bisturi; tudo acomodado numas dúzias de rectângulos onde cabem inteirinhos a velha cidade de Guimarães, o seu alfoz e uma longa e sábia experiência.

Servindo-se indistintamente do óleo como da aguarela e da aguatinta, apresenta uma galeria de trabalhos, todos admiráveis na composição, nas «nuances», no desenho e no ar lavado de tudo.

De Paris, dá-nos alguns aspectos. Square Viviani, Quai S. Michel, Nôtre-Dame, o rio Sena; depois, Wengen, da Suíça e junto ao Porto, as praias da Foz e Fão.

296

Vi no seu atelier da rua que tem o nome de seu Pai, montes de apontamentos de nus, paisagens, retratos. Em todos, desde o cromatismo do óleo e das aguadas, à linha simples do lápis ou da pena, em todos, Carlos Carneiro nunca atraiçoa os seus nervos, o seu gosto, o seu modo de pensar e o jeito aparentemente desprendido com que determina um espaço ou lança no quadro uma linha veloz. Ao que sabia, junta agora novas parcelas de saber, oferecendo-nos tudo o que o rodeia e o comove recriado pela sua imaginação e o seu temperamento, em termos próprios de expressão plástica indiscutivelmente válidos.

S. Lázaro, Maio de 61

BARATA FEYO

EXPOSIÇÃO DE PINTURA DE

MARGARIDA TAMEGÃO

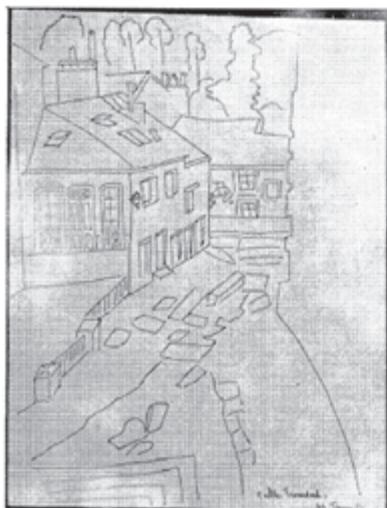
por OLIVEIRA GUERRA

Entre as exposições que nesta época finda se realizaram no Porto, despertou-me particular interesse a de Margarida Tamegão, pela circunstância dentre os seus óleos e desenhos terem aparecido, como fachos de luz coada e branda, alguns assuntos galegos que me captivaram por serem galegos e pela forma como os vi tratados.

A exposição visitava-se com agrado, com a sua variedade de temas e processos, acusando um percorrer bastante grande de tempo e de experiências e dela ficou-me uma grata recordação produzida por uns tantos trabalhos, que apesar da minha predisposição de vir a dizer qualquer coisa não anotei de modo a poder fazer-lhe agora uma referência impressiva. Lembro-me apenas duma vivacidade saliente de coloridos em alguns óleos e duma série de desenhos, alguns de grafica cuidada e antiga, outros lembrando as realizações peculiares de Watanuki, o Japonês que chegou cá um dia e por cá se deixou ficar embeixado e artista.

Cite-se entre esses os 3 desenhos feitos na Galiza, dos quais, a meu pedido, a pintora me enviou mais tarde provas fotográficas, intitulados «Calle de Trinidad», «Tuy» e «Santiago de Compostela», datados de Agosto e Setembro de 1960 e elaborados com graça e simpleza. Margarida Tamegão, que eu já conhecia nominalmente, revelou-se-me como artista de merecimento susceptível de captar atenção e se mais nada houvera de interessante na sua colecção de trabalhos teria bastado a circunstância das coisas galegas a terem prendido tanto para despertar a minha estima e o meu apreço.

297



«Calle de Trinidad»



«Santiago de Compostela»

O PINTOR

JOSÉ GONZÁLEZ COLLADO

por OLIVEIRA GUERRA

298

Collado, o bom e simpático pintor do Ferrol, deixou a sua maravilhosa galega da beira mar, a sua casa da Rua Galiano e a sua vivenda de verão assente sobre a areia e foi para Madrid, onde está desenvolvendo uma presurosa actividade, onde as filhas serão educadas e donde escreve aos amigos uma vez por outra...

Da sua correspondência dos últimos tempos destacou-se uma prova fotográfica de «El Mar y el Campo», trabalho magnífico de 3,20 X 1 m. no Centro Gallego de Madrid, essa magnífica entidade galega que eu devia ter visitado se tivesse ido à capital espanhola como tencionava e que visitarei quando lá fôr para tratar da constituição do Circulo de Estudos Galaico-Portugueses.

Peça de alegoria forte, humana, social e telúrica, «El Mar y el Campo» integra-se perfeitamente na obra de Collado e é um producto da sua alma ferrolana, quente e entusiasta, de pintor do Campo e do Mar, de pintor do Noroeste moreno e castiço. Collado que veio comigo ao Porto em Abril do ano findo há-de cá voltar com os seus quadros, com a sua arte vigorosa e calma e sã que traduz a Galiza com os seus campos verdes, os seus montes meditativos o seu mar salino e sussurrante e as suas gentes delicadas, trabalhadoras e honradas.



«El Mar y el Campo» do pintor Collado

PINTURA ABSTRATA ?

Passando o olhar pelas três dezenas de anos que marginam as primeiras manifestações modernas da pintura abstracta até aos dias de hoje, ou seja: Da profunda evolução post-cubista até às telas que agora se realizam, temos posto sempre este problema: Pintura abstracta ?

Sem querermos debater problemas filológicos, temos visto—ou vislumbrado, se preferem—um pouco algo mais do que simples combinação de cores, mais ou menos agradáveis, nas telas dos que, em nossa modesta opinião, continuam pintores, inexoravelmente e inequivocamente pintores, quer pintem *après nature*, ou se debrucem para um mundo que só a música nos saiba fazer adivinhar.

Mais longe ainda: Existe realmente arte abstracta, cingindo-nos ao valor limitativo do termo ?

Talvez não.

Os nossos olhos estão habituados às nossas dimensões. Desde a mais tenra infância sabemos de cor a forma de uma casa, duma face, dum fruto. Para nos transportarmos para fora dessa realidade que nos cerca, será sempre preciso esforço e poder de *abstracção*. O mundo mágico dos sons, a simples melodia sem palavras, tem-nos dado sempre esse mundo. Um mundo que não cabe nas nossas dimensões, que foge delas, que se precipita para o desconhecido. Desconhecido? Não totalmente.

Os nossos sentimentos não podem ter limite; mas têm cor. Os nossos sentimentos não podem ter face (quantas faces enganadoras e mascaradas!) mas têm as suas linhas. Os nossos sentimentos não terão cálculo; mas podem ter a *sua* geometria. Resolveram alguns pintores abandonar as formas tradicionais de pintar o que estava *imediatamente* ante seus olhos, para irem mais além. Isto em nada invalida a pintura que estava atrás, nem a que estará à frente. Em sua tentativa de irem mais longe, deixam marcados, por vezes imperceptivelmente, aqui uma estrela, acolá a lua, mais ali o sol. E mil signos e sinais (para quem estiver de olhar atento) e faces decepidas, e mãos, e objectos...

O que trará no futuro a evolução da pintura não podemos nós vislumbrar.

Explicar qualquer pintura, de Cézanne a Manessier, será destruí-la. Compreendê-la, sim, pode encher-nos a vida e a alma.

Como uma melodia de Vivaldi que brotasse de uma orquestra de cordas imaginária, refaçamos nossos conceitos de arte abstracta: —Porque não pintura de sentimento?

Sentimento ao mesmo tempo egocêntrico de um Schuman, e tumultuoso e messiânico de um Wagner.

Pintura de sentimento.

António Pinheiro Guimarães

IMPRESSÕES DE LEITURA

**FRANCISCO DE ASSIS—renovador da
humanidade, de Guedes de Amorim**

por JOÃO APOLINÁRIO

300

Aceito como discutível o sentido filosófico duma obra literária como esta de Guedes de Amorim: *Francisco de Assis—renovador da humanidade*.

Aceito-o na medida em que, sendo uma obra de tese, inevitavelmente pressupõe uma antítese de ideias, tão redutíveis a uma outra concepção do Homem e da Santidade, como é legítimo a este Escritor português nela estabelecer, magistralmente, a profunda razão da existência do Homem e do Santo que foi Francisco de Assis.

Estou a lembrar-me do ensaio de Aldous Huxley: *Francisco e Gregório ou as duas humildades*, onde, este outro grande Escritor, se opõe não menos magistralmente às ideias-força que conduzem Guedes de Amorim à realização deste livro extraordinário.

Não está — não pode estar — em causa a discussão, neste ligeiro comentário, dessas duas concepções antagónicas que, sendo do Homem e do Santo, forçosamente seriam — e são — da vida e de Deus.

Deixemos pois a Aldous Huxley e a Guedes de Amorim tudo aquilo que representam de oposto entre si, entre duas concepções do mundo que se chocam e só se completam quando se distanciam, para darmos notícia, apenas, do significado literário que este magnífico livro tem na literatura portuguesa contemporânea.

Francisco de Assis renovador da humanidade é uma biografia comovente, lapidar, profunda e fiel a factos, sentimentos e ideias que ultrapassam a mera religiosidade do tema que é a figura do Apóstolo, para situarem Guedes de Amorim, seu Autor, como o nosso biógrafo de maior estofa, colocando-o, neste género literário, entre os maiores escritores portugueses do nosso tempo.

Tudo o que é escrupulo literário, espírito de missão, impeto criador e força verbal estão neste livro invulgar, único entre nós. Daí o seu êxito rápido, insofismável, absoluto. Daí a sua autêntica, incontestável e incontestada *presença* como biografia que ficará, sem dúvida, como uma obra prima do género.

João Apolinário

RODRIGO A. DE SANTIAGO

ENSAÍSTA DE «LA MÚSICA POPULAR GALLEGA»

por REBELO BONITO



Rodrigo A. de Santiago, que desempenha presentemente as funções de Director da Banda e da Orquestra Sinfónica Municipal da Corunha e de Director do Coral Polifónico «El Eco», é Catedrático de Harmonia e Composição e Sub-Director do Conservatório Profissional de Música e Correspondente da Real Academia de Belas Artes de Nossa Senhora do Rosário.

Como compositor, é já vasta a sua produção, avultando nela uma Fantasia, duas Suites, três Rapsódias, um Intermédio e uma Dansa-Ballet, tudo para Banda; um Concerto para piano e orquestra; um Concerto para violoncelo e orquestra; uma Sonata para violino e piano; vários trechos para piano e canto.

A sua actividade de regente trouxe-o uma vez ao Norte do nosso país (Oliveira de Azemeis—1960) e aqui se apresentou com a Banda Municipal, trazendo no seu repertório uma Rapsódia dedicada a Portugal, a que deu o significativo título de «Uma noite em Alfama».

Rodrigo A. de Santiago é também o Autor dum importante tratado sobre *Transcrição, Estética e Iniciação à transcrição para a Banda*, obra ímpar no seu género, na vizinha Espanha.

Viscainho de origem, na Galiza tem passado os últimos três lustros da sua existência. Das injunções do meio e também mercê da sua formação técnica e inclinação para o estudo nasceu naturalmente—tão naturalmente como nas árvores nascem os frutos—um ensaio substancial a que pôs o título de *La Música Popular Gallega*.

Temo-lo aqui na frente, esse volume de não mais que centena e meia de páginas, e grato lhe estamos tanto por seus ensinamentos, como pelo prazer que nos deu o seu estilo de linguagem simultaneamente clara e elegante.

As matérias tratadas em *La Música Popular Gallega* podemos considerá-las divididas em duas partes essenciais: a primeira, em que o Autor nos fala de cantares velhos e cantares novos, da ética profissional de compositores e directores de coros, dos corais populares, dos conjuntos folclóricos e teatrais, da urgência na protecção ao velho instrumental céltico (gaita de fole, conchas, etc.). É ainda nessa parte que situamos as pertinentes divagações sobre a defeituosa aplicação do canto popular monódico (tal como se está fazendo), sobre a distinção que compete estabelecer entre a canção polifónica e canção harmonizada a vozes mistas ou iguais, sobre o emprego imoderado do artifício de «boca fechada». Diz-nos Rodrigo de Santiago, para cada um destes tópicos, quais os erros cometidos pelos que têm buscado o seu material temático no acervo da música popular; do mesmo passo, e para cada caso, estabelece as regras a respeitar para que as composições de tratamento erudito obtenham na Galiza o nível alcançado pelo renascimento musical noutras regiões, a partir de Pedrell e da tríade Albéniz-Granados-Falla.

A parte mais interessante do livro—a nosso ver, e para as nossas predilecções—é sem dúvida, aquela a quem se estabelecem as coordenadas

da canção tradicional galega, por ser aí que se aprende a conhecer tanto o que a apróxima como o que a distingue da canção tradicional portuguesa.

Eis, em síntese, o que nos diz Rodrigo de Santiago sobre os diversos aspectos musicológicos da melodia popular galaica. Respeita-se a sua sistematização e empregam-se tanto quanto possível as suas próprias expressões para que os seus pensamentos resultem traduzidos com a máxima exactidão.

O estilo silábico (uma nota musical para cada sílaba do texto péptico) é preponderante na música galega.

Também nela abunda o ritmo amalgamado (mistura de ritmo binário com ritmo ternário).

Setenta por cento das melodias estudadas pelo Autor principiam por tempo fraco («arsis») e apenas trinta por cento por tempo forte («thesis»). É tempo fraco a nota final, na maior parte das cadências, excepção feita das melodias para bailar. Quanto ao ritmo mediante, o alalá (estrutura mais representativa da música galega) é de ritmo livre, sendo que *muiñeiras* e *ribeiranas*, gotas e fandangos, alvoradas, cantos de pandeiro e as próprias canções de embalar se apresentam de recorte regular e simétrico.

A música galega, no seu estilo cadencial, afasta-se sensivelmente da música que temos hoje por moderna. É rica em «cláusulas remissas», «cláusulas cantisans», «cláusulas fundamentais» e «cláusulas intensas», estas em menor grau. As cadências melódicas femininas, bem como os ritmos femininos no interior duma mesma canção, surgem com acentuada insistência.

O material temático galego nutre-se de linhas embrionárias dotadas de intervalos de salto entre notas sem ornamentos e graus conjuntos. A linha melódica de sentido ascendente e descendente é mais frequente que a ondulatória. A solfa tipicamente galega é diatónica, e a sucessão dos graus da sua escala processa-se por meio de tons e meios tons naturais. Raros são os cromatismos. Se exceptuarmos o uníssono e a oitava, cumpre repudiar os sons simultâneos.

Uma das características da música galega radica na falta de sensível, qualquer que seja o modo. A nossa escala menor aparece na música popular talvez por seu íntimo parentesco com os modos litúrgicos. A falta de paradigmas históricos torna difícil o estudo da música popular galega sobre bases incontrovertidas.

O Capítulo final do livro é dedicado às seis cantigas do trovador Martín Codax.

Eis, agora, o que pessoalmente devemos a Rodrigo de Santiago.

Sustentamos, certa vez, que na canção silábica do folclore português se verifica, por via de regra, a concordância do ritmo melódico com o ritmo poético. Tal afirmação—soubemo-lo depois—foi insidiosamente combatida por um conhecido Maestro que, a despeito de ser estrangeiro e ter vivido no Porto—e unicamente no Porto—durante contadíssimos anos, se permitiu blasonar de grande conhecedor da música popular de Portugal e de não sabemos quantos países do Mundo.

Pois é precisamente o Autor de *A Música Popular Gallega* quem vem agora, com toda a sua autoridade dar-nos absoluta razão, quando nos [diz que fenómeno igual se verifica na música popular de Além-Minho. O passo é assim:

«En la música popular gallega los acentos ritmo-musicales («ictus») coinciden generalmente con los acentos prosódicos y ambos con la «thesis» (tiempo fuerte)».

Em suma, o precioso ensaio que é *A Música Popular Gallega*, em hora feliz elaborado por Rodrigo de Santiago, consideramo-lo da máxima importância para o entendimento das características etno-musicais do folclore galego—e mais, nele se estabelecem alguns princípios muito de aplicar à etno-música do povo português.

A sua atitude como autor define-a Santiago do modo seguinte:—*«Nuestra postura no es crítica, aspiramos unicamente a que sea orientadora y*

siempre buscando la supervivencia--en su mayor pureza--del tesoro que nos ha sido legado por nuestros antepasados»,

E esta súa «postura», leal, desinteressada, construtiva, não deixará de lle grangear a simpatía dos intelectuais, sejam ou não da súa especialidade,

Rebelo Bonito

MARIA MARIÑO CAROU

por NOVONEYRA



Naceo na vila de Noia e vive de fai anos nas «terras outas e solas do Caurel» donde comenza a súa adicación á Poesía. Conta cun libro inédito: «Palavra no tempo» (Mais Alá da Dor i outros poemas) prologado por Don Ramón Otero Pedrayo, que axiña saía á lus levaraa a un primeiro posto na Poesía Galega Aitoal

Según, trala primeira leutura de Dostoiewski, un crítico ruso escrama: «Naceonos un novo Gogoll», ún diante istes poemas de María Mariño escrama con non menor emoción: Naceonos unha nova Rosalía! Coma Rosalía parte do xeito das cantigas do pobo. Rosalía abre da alma galega e cáseque esgota o campo da dor. María Mariño entra, levada tamén polo sentimento como «fío condutor», nise eido da inxel vaguedá que cai «mas alá da dor», donde as palabras fallan ou se axustan con dificultade; xa que, ó decir de Heidegger, as palabras estan feitas ós entes e mal se axeitan ó Ser que é donde o noso poeta anda a «donxear». Un tema poético difícil iste do sentimento do Ser, pois inda sendo como é o mais universal ten o peligro da caída no vulgar das xeneralidades. María Mariño salvo facendo todo o camiño á lus do cor e valéndose por ende da verba tēpeda, chea de esa musicalidade esencial na que os soes gardan ritmos da emoción./ NOVONEYRA.

I

Mundo que a mim me envolve é de alentos moi gardados.
Fondos mares sin ir veñen en ondas vivas de afogados.

2

! Mundo, mundo, furna miña, teitos cheos, chans de lus, longo campo sin vieiros!

¿ Sodes vós a miña Vela ou de ti soio unha crus?

A saudade de quen son
 é un peito sin borrar
 o ditado vello feito
 de quen veo pra non parar.

* *

Natureza soia
 trai de ti unha compañía,
 trai algo que sea novo
 da voz que me fala.

1

Hoxe o silencio todo
 ten barullo de enxordar,
 ergueume na suas voces
 en donde penso quedar.

304

2

Desde elas vexo todo
 todo o meu bon ollar,
 aquí sinto o que non teño
 aló no fondo do meu chan...

3

O meu chan volveuse cume
 e non sei como esto foi,
 sin obreiros nin ferraxe
 baixa nebra está no sol.

* *

Pastorciñas que fiades
 na roca das esperanzas,
 entres penedos e uces
 sabedes de torres altas...

Cantades versos de vello
 ferindo a miña lembranza.
 Aprendede o que ensaiei
 dende que enteira son
 da toda miña arelanza.

1

De aquel cantar pensei sempre que era um logo de alegrar
 Depois de meu sono longo, depois da terra movida
 sentín de aquela voz soia que era o nascer de outro día...

Mestas voces leva o día, pola calzada do sol.
Sae dela e queda nunha,
anque un xordo pode oíla non se lle entende o seu son.

O río canta de vello, do vento é mesmo zoar,
chove, chove, o sol quente...
¿Somos algo do seu berce ou El é todo o que hai?

ANTÓNIO NORTON



e o seu libro de poemas A OUTRA FACE

por MARIA JOSÉ TEIXEIRA DE VASCONCELOS

305

António Norton é un poeta jovem já realizado. O volume publicado em 1953: «POEMAS» deu-nos a medida da sua inspiração de lípidos sinais, e densidade... ao ritmo duma «CANÇÃO».

«Canto o que apetece cantar.
Semente na lama, semente nas landes,
Espuma nas ondas,
Lagarta no fruto ou búzio no mar.
O cavalo com olhos de sono que anda à volta da nora,
E o peixe com olhos de vidro que anda à volta do aquário.
O rodar constante e vário.
Que anda à volta de uma hora.
Canta os teus olhos de água transparente,
E as medusas, que não precisam de olhar.
E o corpo da moça que estava na eira,
E a estrela da areia que estava no mar.
Ergo-me na ponta dos pés e canto
No tua boca um beijo.
Alga é árvore que és.»

Agora, no volume «A Outra Face», o poeta atinge a plenitude. Cada vez mais seguro da forma, mais firme e sóbrio no sentir pan-teísta, transfigura a realidade e entrega-se totalmente na aragem da manhã, na pura alegria repetida.

Não me peças mais nada.
O dia, o vento, o mar
Sabem que sou teu.

Dei-te o que me deu a madrugada;
Uma flor intensa, que lhe fora dada
Pela última estrela a quem se deu.

Dei-te a alegria pura e repetida
Que germinou na terra, e se fez haste.
Só porque tu a vês e a não tocaste
Não sabes, meu amor, que ela era a vida.

E quando, de manhã, o amor nasceu,
Dei-te o perfume e a luz que o respirava.
Só porque não sabias que eu to dava.
Não viste, meu amor, que ele era o meu.

306

Eu dei-te a cor vermelha dessa flor
E o verde dum olhar como o das plantas.
Só porque tu a vês igual a tantas
Não sabes, meu amor, que ela sou eu.

Não me peças mais nada que transforme
O jeito de crescer de cada instante.
A vida passa, pelo tempo adiante.
E a metade do tempo a vida dorme.

De noite eras o dia, do tamanho
Que me sonhava dentro da raiz,
É agora, à claridade em que te quis,
Eu dei-te, meu amor, tudo o que tenho.

Dei-te uma cor vermelha de nascente
E o verde dum olhar como o das plantas
Só porque tu a vês igual a tantas
Não sabes, meu amor, que ela é diferente.

Por ti a flor acaba e recomeça
No vento que a balança, quase triste,
Só porque tu a vês, mas nunca a viste,
Não sabes, meu amor, que flor é essa.

Tam frágil, meu amor, que não resiste
Ao peso duma lágrima caída.
E agora que eu me dei, de frente erguida,
Só podes vê-la enquanto a cor existe.

Não tardes, meu amor, que a Primavera
 É breve como um hálito de orvalho,
 E quando a flor murchar, de nada valho,
 E ficas sem saber quem ela era.

Senhor de uma sensibilidade enternecida, lucida e profunda que lhe dá uma visão do mundo despida de sentimentalismos, mas de intensa comunhão humana,—António Norton percorre os caminhos do Universo para se descobrir a si próprio... e conhecer a sua ansiedade:

Sou de barro.
 Vim do barro.
 Não me falem de ser forte.

Entre dois lençóis de linho
 Ou sob as rodas dum carro
 Cruzadas no meu caminho
 Hei-de ter a morte breve.

Não me falem de ser forte.
 Eu não vou mudar a vida
 Nem vou lutar contra a morte.

Antes ser água, ou ser fruto
 Que cai no chão, e apodrece.
 À força do homem bruto
 Eu prefiro esse minuto,
 Só esse por quem eu luto,
 Onde o milagre acontece.

O poeta descreve com emoção e define com subtil exactidão e grande pureza expressiva. Fala de uma teia de aranha e dá-nos a surpresa de luz corporizada, suspensa na transparência do ar... e na maravilhosa leveza da forma.

O tempo que decorre em cada fio
 Na transparência do ar.
 Tecido, que nenhum ser vestiu,
 E aonde caiu
 Uma nódoa que não pôde lá ficar...

Nem parede, nem muro, nem barreira,
 Mas luz corporizada, e real,
 Que estende o seu limite natural
 Ao fácil alimento da cegueira.

Geometria que nunca foi medida
 Mas que nasceu exacta, e pura,
 Para um voo que tinha a sua altura
 E a razão final da sua vida.

Invisível, como uma ideia total
 Que só em si recomeça,
 É aonde a morte é possível.

Antonio Norton é um temperamento ardente e exaltado, de raiz pagã, com um extraordinário sentido de unidade essencial do seu próprio eu, tão complexo, onde se cruza a seiva de íntimos desejos naturais.

É de tensão, ansiedade e calma, a espera silenciosa e quente do poeta:

Espero.
 O fruto amadurece.
 Só quero para ti
 A seiva que me apetece.

308

Só quero que me colhas.
 Vivo e natural como já sou,
 Sobre o leito de folhas que te dou.

E que depois tu sejas como o vento
 Que não chega ao fundo da raiz,
 E que eu possa dizer, à face dum momento,
 Que foi só a tua face que me quis.

Só esse pomar aonde a luz se espanta.
 Só essa folha imóvel que respira.
 Só esse corpo nu que geme e canta.

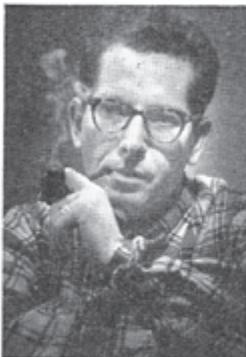
António Norton tem um sentido admirável do valor e do sabor das palavras. Estrutura os seus poemas ao ritmo do sentir dramático, mas libertador. Simultaneamente delicado e rude, exprime-se com subtilidade e violência. Tem o sexto sentido do destino que o homem não alcança, embora lhe pertença. E dá-se à poesia sem reservas. Sonha numa quietação enlouquecida, fica a cismar nas coisas, a memória adormecida em ondas de ternura e de distância. E, quando acorda ao bafo quente da realidade, a poesia surge com nitidez de estrelas. Um quadro vivo e real serve de cenário ao drama silencioso de um olhar azul—perdido na névoa da tarde.

JORGE LISTOPAD

com «Tristão ou a Traição dum intelectual»

(Tradução do Poeta Eugénio Andrade)

por OLIVEIRA GUERRA



Segundo o que se diz, *Drystan era uma das tres divindades celtas do Amor. O seu nome significava temperamento ardente e na mitologia celta Drystan consumia-se de paixão sem esperança por Essylt. Mas lenda com lembranças mitológicas ou simples evocação apaixonada e apaixonante de Trystan, filho do célebre guerreiro Tallwech, todo dado à sua paixão por Essylt, mulher do seu tio March Meirchion, o que é certo é que a linda história de Tristão e Iseu atravessou com o seu raro sortilégio toda a Idade Média, seduzindo os espíritos, enfeitando as almas, comovendo príncipes e povileus, inspirando troveiros, jograis e narradores de toda a Europa e dando enfim origem a numerosos poemas e romances de grande tomo e a um mundo de cantigas de poetas bretões, provençais, germânicos, anglo-normandos, nórdicos e hispânicos, que foram cantados nos serões e nos eirados dos palácios, nos recantos mornos das*

lareiras pobres, ao longo do Caminho francês que trazia os romeiros a Compostela...

Dentre esses poemas e romances de grande tomo citam-se principalmente o poema anglo-normando de Beroldo, o que é atribuído a Thomas que viria a inspirar Godofredo de Estrasburgo, a narrativa de velhos manuscritos editada em Ruão em 1489, o romance do alemão Oberg e o poema «Sir Tristem» descoberto na Escócia por Walter Scott. Entre o aluvião de poemas, narrativas breves e simples referências às duas lendárias figuras do amor infinito, impossível e condenado lembremo-nos apenas da alusão que lhes faz Dante no Canto V e das alusões que deles fazem, entre nós, o Rei D. Diniz (n.º 115 C. V.), Fernão da Silveira no Cancioneiro, Garcia de Resende e também Gil Vicente, algures. Porfim, inspirado sem dúvida por muitas leituras e retirando o núcleo do seu drama duma das lendas medievais, que modificou à feição das suas tendências filosóficas, Wagner produziu a sua Obra mais notável «Tristão e Isolda».

Entre tantos artistas que durante séculos glosaram na inteireza do seu drama ou comentaram, interpretaram, e esclareceram os amores mitológicos ou históricos de Tristão e Iseu, surge-nos Jorge Listopad o amigo distante de Paris que nos últimos dois anos se fez amigo de ao pé da porta e que, integrado na vida social e cultural do Porto, logo entrou de realizar no nosso periodismo e na nossa Televisão um trabalho que já vai sendo notável e que entre as realizações em Portugal acaba de trazer a público o seu ensaio «Tristão ou a traição dum intelectual», em tradução cuidadosamente revista pelo notável poeta Eugénio de Andrade.

Jorge Listopad nasceu em Praga em 1921 e estudou Filosofia na Universidade da sua cidade natal. Durante a guerra participou na resistência contra os ocupantes. Fundou e dirigiu com J. Horec o diário «Mlada Fronta». Publicou os livros «Esplendor do Mau-Olhado» (Poemas), «Ar» (Poemas), «Primeiro Andamento» (Sonetos), «Pequenos Amôres» (Contos), «Festa» (Poemas), «A Luta pela Venezuela» (Novelas) e o conjunto da sua Obra poética obteve em 1.947 o Prémio da Academia de Praga. No ano a seguir foi nomeado

Adido à Embaixada Checoslovaca em Paris, mas algum tempo depois e por discordância com a política do seu país demitiu-se desse cargo e passou a trabalhar na Radiodifusão e Televisão francesas. Durante esse período de vida em Paris publicou «Contos Manchados», «Liberdade e outros Frutos» (Poemas), «Os Quartos e o Espaço» (ensaio) e «Tristan ou la Trahison d'un Clerc», que teve o prémio da Academia Cristã de Roma e o Prémio do Conselho Cultural de Estocolmo e que, assim premiado e qualificado se apresenta agora em Portugal.

Tive o ensejo de ler uma esboçada tradução da Obra, logo que Listopad se instalou no Porto, mas essa leitura, pelo hermetismo conceptual da exposição e do discorrimento, pela insuficiência do trabalho em português ou pela excessiva e condenável ligeireza da minha leitura, não me permitiu apreender e sentir nessa ocasião todo o encanto destas páginas, que contém não um estudo ordenado e científico, mais ou menos exaustivo e árido, da origem da lenda na história, do meio geográfico e das realidades históricas, mas um estudo poético, misto de ensaio e criação lírica, que, diz Augustina Bessa Luis, se pode considerar uma pequena Obra-prima. Não se trata, como se poderia supor, dum trabalho de mera investigação e de divulgação á cerca da génese, lendária ou histórica, do «Tristão e Iseu», dum esmiuçado desfibramento do conflito, da caracterização da época, dos costumes e das personagens, da discussão de problemas subsistentes, da verificação de circunstâncias e da chegada a corolários: É o poeta Jorge Listopad fazendo uma lírica análise de almas e sentimentos maravilhosos e deixando escorrer o seu lirismo como linfa clara através uma vegetação por vezes espessa de conceitos e definições, em que muitas mentes consideradas bem estruturadas e até superiores se hão-de perder, talvez indecisas ou confusas...

Prefiro não me abalançar teimosamente a querer fazer a penetração íntima desse acervo penumbroso do que há de conceptual no trabalho de Listopad, (que por certo não deixará de sorrir da minha escusa) e embalar-me apenas na toada melódica, sentir apenas o eflúvio poético que se desprendem da sua obra que é, bem vista ou pensada, um canto aos amores de «Tristão e Isolda», às suas figuras lendárias e ao seu destino peregrino de imolados pelo mito do Impossível ou pelas realidades da Vida, o seu destino jogado entre velas brancas e pretas, filtros mágicos, maldades humanas, tempestades nas almas, brancura e negror, poema e tragédia...

Entretanto e apesar de não ter querido entrar no desfibrar analítico da tessitura mental do ensaio, eu senti o desejo de, num fim de jantar em minha casa, fazer algumas perguntas que satisfizessem algum tanto a minha própria curiosidade...

- Diga-me, Jorge: Quais as fontes de que se serviu para alicerce do seu trabalho?...

—Para começar pelo princípio... parece-me que conheci desde sempre a lenda, o mito, a história, o canto (chamem a isso o que quiserem...) de Tristão e Isolda. Ora este conhecimento original, conhecimento *avant la lettre*, conhecimento íntimo e inerente ao estado semi-consciente era bruscamente projectado em plena luz. Porquê? Para contar resumidamente, certas circunstâncias pessoais *«soit disant»* objectivas e subjectivas, encontraram-se dum modo estranho diante duma paisagem extraordinária em Roscoff, na Bretanha, nessa paisagem celta por excelência onde se desenrola há séculos o velho romance. Depois, puz-me a ler em várias línguas, várias versões (todas autênticas! E porque não?) da lenda, alguns comentários literários, enfim, tudo o que é necessário mas não demais para não abafar a inspiração lírica com a erudição. Interessei-me também pelas obras inspiradas directa ou indirectamente por Tristão e Isolda; o meu Tristão pretendia ser manifestamente anti-Wagneriano e dentro de certos limites oposto igualmente à bela concepção de Charles Morgan em Sparkenbroke... Um posto emissor português que teve a gentileza de difundir passagens do meu Tristão, a meu ver pecou, ilustrando-as com a música de Wagner...

—E diga-me uma coisa: Acredita na base da lenda mitológica ou na tradição histórica?...

—Mitologia é a história esquecida. A história, mesmo a mais contemporânea, é o mito em potência.

—Mas não concebe a existência do mito em fusão com a realidade histórica? Dê-me uma síntese do problema de Tristão e Isolda...

—Não há problema de Tristão e Isolda. Também, por esta razão, eu considero a lenda como um dos modelos interiores da humanidade: arquetipo da existência.

Listopad fitava-me com o seu olhar bom e malicioso e eu fiquei a cismar...

AQUILINO IGLESIA ALVARIÑO

e o seu «Día a Día»



D. Aquilino, o incomparável, imaginôso D. Aquilino de verbo fácil e ideias esfusiantes; o D. Aquilino que eu escutei, divertido e embebecido, durante horas nos serões longos daquele Café da Rua del Vilar onde êle costuma reunir com os amigos; D. Aquilino que chegou a assombrar-me pêla presteza dos seus raciocínios, contraditórios e desconcertantes, pelo poder dos seus argumentos e da sua predisposição para a contradita, pêlo chiste do seu espírito e das suas atitudes e ideias e palavras, D. Aquilino mandou-me o seu «Día a Día».

A sua formação clássica parece manifestar-se logo na elegante sobriedade da edição e na legenda de abertura, mas verifica-se que Aquilino regressa à terna e doce e marulhante fonte galega. A edição é bonita e cuidada, toda em creme, o título a vermelho. Na primeira página, pela sua mão, «A Oliveira Guerra,

pastor de sonhos». O número do registo, 1695-60, Ediciós Celta, etc. e logo

«...milleiros de noites e días, ó paso,
vai, inza que inza, o tempo sin cabo.»
Sofocles, Edipo en Colono, 617-618

citação em grego seguida da tradução galaica a lembrar-nos logo no limiar da porta a estrutura essencialmente clássica do seu espírito...

...E os poemas desfilam à luz dos meus olhos amortecidos, um a um, datados desde 1933 a 1960, como que ligados por um fio condutor de organização antológica. Em todos eles bassa a figura do autor, da cabeleira a branquear, sorriso irónico, olhar fino e bom, dizendo coisas ledas e subtís e riso-nhas, às voltas com breves motivos que êle atopa e observa e aprende com a finura do seu lirismo, o seu verbalismo vasto e aprofundado, a sua posição de mestre e superior da poética galega dos nossos dias...

«Señor ¿ ónde hei botar este cansacio
que levo ás miñas costas coma un feixe
de carabullos ?

?Qué sementar na arca do serán
que abroche e esfarne e seña loura espiga ?

¿Cómo erguer unha rosa de silencio
neste rilar de vermes
que vai raendo o pe de cada instante,
na sucada que esfende un cada día?

¿Cómo encher estes ocos que hai no peito
e calexa-la y-arca hasta limpala
de todo este follato de horas mortas?

¿Onde iréi polo aire novelado,
e a sombra recénascida,
e a estreliña alumbrigando,
e o silencio que fai nace-lo musgo,
pra alegrar esta hora de derrubos escuros
no que o meu corazón se volve contra as pedras?

Nos seus poemas há como que um sabor ático ou gaulez que transcende o húmido lirismo galego, éste sempre subjectivo e inconsciente e por vèzes mediúnico, e aquele, o seu, muito mais reflectido, nítido, recortado, cerebrino. ¿Não será Aquilino galego ou será um galego que fugiu do humus telúrico da camada argilosa e espessa do seu terrunho para se superiorisar, pelo cérebro, pelo seu pensamento, pela cultura classisante? Em que medida a formação intelectual intensamente helenista e latinista, quase até à medula, amoldou ou modelou a sua alma e a transformou e a arrancou do contacto do nebuloso e longínquo sentimento celtico todo feito de *vaguedades* e impressões poéticas fugídias? Aquilino é assim totalmente ou quase totalmente intelectual e tem disso a consciência e defende a sua posição com entranhada fé e entranhado amor. Com o seu braço enfiado no meu, em lento calcurrear pelas ruas de Santiago batidas por uma lua bonita, falava-me ele, uma noite, da sua crença ou idea firme de que a Poesia deve ser destilada atravez o cérebro, trabalhada a buril, depurada, bem joerada. Não concordei com o categórico irrevogável daquela afirmação, e, admitindo embora a superioridade do seu ponto de vista de intelectual inteiriço, considerei que a nossa poesia, a poesiagalaico-portuguesa, é mais correntemente (ia a dizer mais genuinamente) de pura geração expontânea, mercê do fenómeno psico-poético creador, que parte da emoção, vai ao cerebro e se filtra por ele, ao contrário desse outro fenómeno que parte da ideia e realiza o milagre da criação poética puramente intellectiva...

Tudo isso, entretanto, e porque é grande a finura do seu dizer e a graça do seu espirito e a beleza formal dos seus poemas, tudo isso não significa que Aquilino não seja hoje um dos maiores ou o maior poeta galego, um dos maiores poetas da Espanha, e que não seja difficilmente irremovível a sua posição de mestre e de lírico. Houve quem discutisse comigo, na Galiza, acerca do léxico e do estilo *dificeis*, por vezes *penosos*, de Aquilino (eram estas as expressões classificadoras do meu opositor) mas tudo isso é riqueza e riqueza opulenta nos seus trabalhos e não deixa de ser poesia. Eu admiro profundamente Aquilino e releio enlevado coisas como esta:

NENA BARQUEIRA

De banda á banda barquiña pequena.
Un abrir de ollo-los reinos e as velas.
Na barca nova
a nena barqueira.

De día á día, unha barca na ría,
Sal pola noite e chega co día.
A nena, alborada
de cotrollas.

De hora á hora, unha ponte de ferro.
Vai cara á aurora. Chega do esquezno.
A nena na ponte:
¡Qué río tan ledó!

Pontes das noites, barcas dos ríos.
Pérde-na conta das onda-los lirios.
A nena, pas' ora
de anos noviños

Ponte da Luz, a que vem é moi alta.
Desde ela vese o país das calandras.
Nena feliz
da ponte da Luz.
Amén Xesús.

SÍLVIA DORA

E OS SEUS LIVROS



Falar de Sílvia Dora não é talvez empresa fácil nos nossos dias, em que a crítica se habituou sobretudo à análise da poética moderna, isto mesmo quando os críticos usam daquela isenção que os coloca à margem de épocas e correntes e critérios. E porquê? Porque Sílvia Dora apegou-se tanto à sua época, não à época em que viveu mas à época em que foi estruturada a sua formação intelectual, que as transigências que usou na adopção de formas menos antigas não resultaram satisfatórias, agradam menos, e porque, em suma, Sílvia Dora feita à antiga é magnífica e Sílvia Dora feita nos nossos dias contenta muito menos ou até descontenta...

A que atribuir esta dispar maneira de se expressar? Únicamente à sua formação intelectual? A uma compleição por assim dizer sanguínea, biológica? O que é certo é isto: A poetisa ao expressar a sua angústia, a sua tormenta, o seu drama na forma clássica do soneto satisfaz plenamente e surge-nos como uma Florbela, que lembra constantemente, com quem se pode medir sem peias nem estorvos; e ao expressar-se em formas rítmicas diferentes como que nos deixa à margem de si e da sua obra, não nos incluindo naquele halo de transporte que deve desprender-se do poeta, comunicar-se-nos e arrastar-nos para longe...

Os seus sonetos são magníficos e nós podemos dizer que se colocam e colocam a autora no melhor plano da lírica amorosa nacional, podemos dizer mesmo que por virtude deles ficará o seu nome, sem qualquer esforço, vinculado e numa posição que nada poderá destruir, quando se queira fazer uma resenha justa e imparcial, liberta de peias e de compromissos com épocas, escolas e correntes...

Eu já disse um dia que *a poesia está onde está* e continuo a afirmá-lo. Não importa o veículo condutor, o molde em que a vasmos, a forma que se lhe dê. Importa apenas e irrevogavelmente a unção poética, a substância, a beleza. Vamos regeitar um soneto prenhe de lirismo só porque é um soneto e admitir uma forma revolucionária, mais ou menos revolucionária, e isenta de lirismo, sêca e imbecil? Seria um absurdo.

Haverá entretanto quem diga que Sílvia Dora, com os seus vinte e poucos anos cometeu um erro grave integrando-se numa época estética caída em desuso para realizar o melhor, o mais eloquente ou válido da sua obra. Está bem, ou parece estar bem. Mas quem sabe a que circunstâncias obedecerá um fenómeno desse tipo, (o da criação poética) que forças imponderáveis o terão comandado, que determinantes irremovíveis terão agido junto do espírito que se expressa ou se traduz? Porque foi Sílvia Dora realizar-se na velha forma clássica de Petrarca e descurou as possibilidades da sua época? Eu já falei atrás de *compleição por assim dizer sanguínea, biológica* e haverá talvez quem ria deste meu emprego de palavras que, dirão, nada traduzem do que se relaciona com as forças íntimas que comandam em nós as realizações artísticas. Fi-lo de propósito, para dar mais força a essas forças íntimas que actuam em nós, de dentro para fora, derivadas não se sabe de que reconditos e misteriosos refohos do ser humano que é animal pela estrutura física e algo de superior por esse halo infinito que dizem vir de Deus. Ora Sílvia Dora foi arrastada por ignotas forças psíquicas e estéticas para o soneto e não importa se foi nos seus catorze versos que ela encontrou o vaso magnífico para moldar a essência da sua alma, narrando a sua dor, a sua dor intensa e quase sangrenta, vertendo as gotas dum fel que não é novo mas que nunca é velho, porque é sempre igual a si mesmo, porque é sempre o mesmo. Optou depois por formas diferentes para falar de tudo o mais que não continha a sua dor pessoal e feminina e só porisso, apenas pela natureza dos temas, o nível dos seus trabalhos afrouxou. Ela não estava tão preparada, sem dúvida, para falar de Cristo nas «Canções do Natal» como para falar do seu coração latejante no «Desejado» e nisso está a explicação de tudo. Tivesse ela sentido a predisposição interior para verter o seu problema pessoal noutra forma que não o soneto, mas arrastada pelo mesmo sincerismo e pelo mesmo sofrimento, e, por certo, a altura da realização seria a mesma... A forma, portanto, é um elemento secundário. O que conta é a Poesia, é o conteúdo, é a essência...

Retirados ao acaso do «Desejado» reproduzamos dois magníficos sonetos:

CANÇÃO DE NOVEMBRO

Novembro vem, tristíssimo e cansado,
vestindo chuva, sombra e ventania...
Traz o cabelo solto e desganhado
e a magra face descorada e fria.

Ele é um rei, deposto e desterrado,
que foi senhor de um reino de alegria;
fez-se poeta ao ver-se desgraçado
porque a desgraça gera a poesia.

Os seus poemas cheios de amargura,
com tantas sombras como a noite escura,
anda a cantá-los numa voz dorida.

Ninguém compreende sua língua estranha
mas há nos versos uma dor tamanha
que se adivinha que ele canta a vida.

V E S P E R A L

Fina-se o dia... Sinos vão dobrando...
Reso baixinho tristes orações...
Feitos de Sombras, eis que vão chegando
gnomos, fantasmas, duendes e tritões!

Sinto que estão mil olhos espiando
meus pensamentos, gestos e acções;
sinto que há gente em meu redor andando,
vinda talvez de estranhas regiões.

Paira no ar uma tristeza imensa
que do azul parece estar suspensa
por irreal mas vigorosa mão.

Sem confissão o dia, enfim, morreu:
cortou as veias—ensanguenta o ceu...
A noite vem e mete-o no caixão.

O livro «Canções do Natal» apresenta na capa um bonito desenho do seu e meu amigo, o pintor japonês Watanuki.

MANUEL DE LA FUENTE

com «INTIMO LA TIDO» e «LA BELA OTERO»

Este rapaz pequeno, magro e nervoso que numa tarde florida de Setembro me apareceu no Hotel em Vigo como reporter ou colaborador de «La Noche» de Santiago afim de me entrevistar acerca das minhas andanças pela Galiza e dos meus trabalhos atinentes à constituição do Circulo de Estudos e que, horas volvidas, à noite, fui encontrar sentado a uma mesa da redacção do «Faro de Vigo», trabalhando afanosamente; que em Dezembro, estando eu de novo em Vigo, me surpreendia com um recital que os jornais noticiaram copiosamente, acabou por me espantar quando em Janeiro e por um artigo de Alejandro Requeijo vim a saber que tinha sido admitido no limitado âmbito da antologia alemã «Panorama Modern Lyric» de

Rudolf Hortung e Gunther Steinbrinker que se elabora com poetas escolhidos de todo o mundo.

É do «Intimo Latido» esse poema escolmado que se intitula «Momento de Ansiedade» que acabo de ler e na lombada do pequeno volume branco eu encontro uma resenha biográfica que me ilumina e explica um tanto o que me tinha surpreendido, resenha reveladora duma actividade jornalística, radiofónica, declamatória e literária verdadeiramente surpreendente...

Livro branco de poemas vermelhos, feitos de sangue, nervos, amor, vibração, eu li-o dum folego e lendo-o eu tive sempre na ideia a figura do autor, a inquietação da sua voz máscula, dos seus gestos firmes, da sua dialética vigorosa. Eu conjugo sempre dentro de mim o parecer físico do poeta com a fisionomia interior, emocional ou intelectual dos poemas que leio e considero íntima a correlação fisiológica de Manuel de La Fuente com os seus artigos e as suas expressões líricas. Nele a oração literária é como a frase musical que se desprende de oculto alaúde e que vibra enérgicamente na atmosfera e que longo tempo fica fendendo o ouvido, com pouca pressa de se evadir ou desvanecer...

316

Disseram que Manuel de La Fuente fazia os poemas antes de os ler, eu imaginaria por certo que os seus poemas aconteceriam assim tais quais são, que não poderiam gotejar como lantejoulas, gotas de luar, murmúrio de água pingolejante, que seriam vergastadas luses, sonoras, dum clarim de amor altisonante em frémitos e em espasmos sempre a renovarem-se, diluído agora e logo remoçado. Talvez possamos dizer que Manuel de la Fuente não é galego (e ele de facto não é galego) porque não há nele o estatismo dormente da alma distante e embebida em névoa e sonho da poesia galega. Nele, o sonho dormido dá lugar ao sonho activo, acordado, de olhos abertos, e a palavra substantiva das coisas que se enunciam apenas pelos nomes dá lugar a uma adjectivação que expressa, determina, agita, esclarece à luz meridiana das ideias e dos sentimentos, os impulsos e as vibrações. Ele mesmo o reconhece, quando numa técnica talvez nova e original e afoita de se apresentar (em vez de se fazer apresentar por outrem) formula: «*Soy yo poeta?...No lo sé. Pero es que oigo, a traves de mais apresurados latidos, la luminosidade efervescente de las sensaciones...*» e eu acho que não se pode pôr em causa o «ser ou não ser poeta» aquele que com tamanho sincerismo se interroga e interroga os outros. Há que compreende-lo, estima-lo e afoita-lo...

Depois disso apareceu, editado na coleção «QUIEN FUE...» de Barcelona, «La bella Otero», livro cinematográfico ou de jornalista, despretençioso e vivo, em que é feita uma história muito interpretativa dessa mulher galega que veio parar a Lisboa e depois, num suceder imenso de aventuras que ela veio a escrever ou a ditar, fez sucesso e ruido no seu tempo. Pelo assunto e pela ligeireza literária, é livro que desperta menos interesse e que, interessante apesar de tudo, não inspira desejo de mais larga referência do que um bom agradecimento pela oferta.

DORA VÁZQUEZ

E O MUITO QUE ESCREVE



Quando naquela doirada e quente tarde corunhesa Juan Naya saiu comigo da Real Academia de Letras e da casa de D. Gala de Castro e decidiu acompanhar-me a Armenton, de visita a Dora Vázquez, eu já a conhecia, por um trato bastante assíduo de cartas e atravez os periódicos galegos, que vou lendo sempre. A sortida foi um tanto difícil, porque Dora Vázquez mora num lugarejo sito no alto dum pequeno monte mal ligado á carreteira, e tornou-se preciso calcurrear caminhos estreitos, que de inverno devem ser intransponiveis, talhados à beira dos campos. Mas foi agradável pela desanuveada predisposição de Juan Naya e pelo convívio com a poetisa orensana e seu simpático marido, pela singeleza

do seu trato e pela bondade calma e infinita da sua expressão, pela alegria que a curta visita lhe deu e pela jovialidade de todos, e quando dali saímos ao lusco-fusco, ao encontro de Augusto Assia e Maria Victoria Armesto que nos tinha convidado para cear, eu estava fatigado mas contente da jornada...

Desde então não mais deixei de comunicar com Dora Vázquez, carta vai, carta vem, e pude também verificar, no decorrer de bastantes meses e de leituras mais ou menos assíduas, que dificilmente se encontrará qualquer outro escritor galego que tanto escreva e publique nos periódicos, dispersando, espalhando a sua prosa, as suas possibilidades, semeando ideias, narrando coisas, transmitindo emoções, oferecendo o seu nome à popularidade das gentes ledoras. Com efeito Dora Vázquez aparece muito, aparece quase sempre, aparece continuamente, manifestando uma predisposição para comunicar com o público que não me espanta e até acho muito natural, porque é ou deve ser uma imperiosa necessidade espiritual em causa, mas que não obstante admira, porque não deve sobrar-lhe muito tempo das funções de professora e dos arranjos do seu modesto e geitoso lar, alcandorado raquele montículo e isolado do mundo pouco distante e alegre da Corunha.

Lendo bastantes trabalhos de Dora Vázquez, eu não leio entretanto apenas o que os jornais que recebo me vão oferecendo, mas também os recortes que, amavelmente, ele me tem proporcionado, de periódicos que eu não recebo, e ainda cópias como a que em Janeiro me enviou, do magnífico, interessantíssimo trabalho «Personalidade e Obra de Pondal» que em 960 foi premiado em Montevideu, no concurso literário da Casa da Galicia, e também a cópia da sua novela inédita «Bergantiña» de 170 fólhos, recebida e lida recentemente. Dora Vázquez escreve bem e esta novela é, pela trama, pelas person-

gens e pelas situações das personagens, pelo jeito de dizer e de pôr as figuras a falar, dum grande encanto que prende e seduz. Eu considero-a mais do que uma novela, sinto-a em muitos trechos ou casos como um autentico poema rústico, vasado num linguarejar galego de verdade e sedução, deixando aparecer, como atravez dum cristal de água transparente e pura, a ingénua floração de cada alma, sobretudo daquela alma candida da rapariga que se chama Marixuana...

Tanto como escritora, entretanto, é Dora Vázquez para mim personalidade de relevo pela sua ajuda entusiástica, afervorada, persistente, à ideia da congregação espiritual galaico-portuguesa, e a sua adesão pronta e espontânea à ideia foi de tal modo aliciante, que me cumpre curvar-me perante ela e beijar-lhe a mão com todo o respeito e estima. E é o que faço, ao ultimar estas palavras.

A. ABUIN DE TEMBRA

318 e os seus artigos e poemas

Numa das minhas antigas e frequentes paragens no Padron para respirar a atmosfera de Rosália e falar um pouco com Camilo Agrasar Vidal, travei conhecimento com Abuin de Tembrea e muito longe estava eu então de pensar o interesse que o contacto com esse moço viria a ter para mim e para os meus planos. Soube então da sua estadia bastante longa e como professor em Lisboa, mas, como às vezes acontece, esqueci depois o seu nome e quando, dois anos volvidos, Agrasar Vidal me enviou um exemplar de «La Noche» inserindo um extenso artigo falando de mim, de poemas meus e dos meus intentos de aproximação galaico-portuguesa eu não consegui descobrir quem era o generoso autor do artigo, aquele Abuin de Tembrea, e só mais tarde e quase por acaso o lobriguei...

Abuin de Tembrea apareceu-me depois no Porto, de repente, corado o entusiasmado com as minhas ideias e os meus trabalhos que já vinham sendo carteados entre nós, esteve dois dias aqui, conversou bastante, manifestou-me a mais viva disposição de colaborar, de ajudar de todas as maneiras e com os seus melhores esforços à constituição do Círculo de Estudos Galaico-Portugueses, e, porisso, quando em Setembro de 60 andei percorrendo a Galiza e parei em Santiago, tive Abuin de braços abertos à minha espera, predisposto a dar o melhor do seu coração e do seu esforço. Pude então conhece-lo melhor, a ele, ao seu íntimo, ao seu meio e aos seus trabalhos e veriquei que, como tantos, ele tinha perdularisado durante alguns anos o melhor do seu tempo e do seu talento em trabalhos diversos de jornalismo, dos quais li muitos com o maior interesse e por vezes com admiração, interesse e admiração tanto maiores quanto é certo que em grande parte dirigidos de Lisboa para os jornais de Santiago, os seus artigos constituíram um repo-

sitório imenso de análises, observações e comentários interessantíssimos da nossa vida social, política, religiosa e nacional...

O Carnaval em Ourem... A aspereza do inverno de 956 em Portugal... A criação da autopista Mariana de Italia a Fátima, comemorativa do centenário de Lourdes... Os orçamentos para a construção de casas económicas em Portugal... A vida caritativa de Madame Carmona... Paralelismo na História de Espanha e de Portugal... A impressão causada entre nós pela morte do Infante D. João de Espanha... Os Congressos médicos realizados em Portugal... Os precalços da linguagem galega com o português... As «visões turísticas» de Marcelo Caetano... O Folklore Português... O apogeu da carreira de Paulo Cunha... A visão de novecentos mil peregrinos em Fátima... Os desafios empolgantes do Hokey em Patins... Os discursos de Salazar no IV Congresso da União Nacional... a Discussão da Defeza Civil do Território português em caso de guerra, na Assembleia Nacional... A maior parte dos galegos emigrados em Portugal fizeram aqui a sua América... Braga, a Augusta, rodeada da mais bela paisagem de Portugal... A Morte do Padre Américo... O caso do treinador de Futebol Yustrick... Angola e Moçambique, duas potências económicas do futuro... A construção do Metro de Lisboa... A vida e a Morte de António Ferro... Cristovão Colombo Português?... A visita da Tas K. Force 26 americana a Lisboa, com 11.000 homens e 16 navios... A impressão que causou em Portugal a morte do historiador Pardo... O dia da Raça em Portugal... O Conflito Indo-Português de Gôa no Tribunal de Haia... O vulcão dos Açores... etc. etc. foram os assuntos dos longos e interessantes artigos que Abuim de Tembra durante perto de 3 anos, escreveu de Lisboa a respeito de nós, das nossas coisas, da nossa vida...

Abuim de Tembra regressou depois à sua terra, casou no Padron e continuou em «La Noche», «El Correo Gallego», «Vida Galega» e outros periódicos a publicar os seus artigos, tratando variados temas galegos, como o Folklore, a História, a Arte, fazendo crítica literária, desenvolvendo uma actividade jornalística meritória e séria, nas poucas horas vagas da sua vida de professor. Colaborou nos cadernos da «Celtica» até agora publicados, com os seus poemas que sugerem a lírica dum velho bardo das montanhas romanas e anuncia a publicação do livro de poesia que deve ter o maior interesse, a ajuizar pelos poemas já conhecidos. E como amigo e colaborador desde a primeira hora, pela actividade em tempos desenvolvida em Lisboa à volta dos assuntos de Portugal, pela predisposição de colaborar nesta empreitada de aproximação galaico-portuguesa e pela anunciação do seu livro, era grato dedicar-lhe algumas palavras, estas palavras amigas, e concita-lo a prosseguir, forte e animoso.

AUTO DO LABREGO

A Ramón Patiño, amigo, pintor e poeta. E mais
que nada, galego.

por MANUEL MARÍA

A escea é un campo de labradío. Ó fondo unha montana que ten a variedade mais completa de verdes: na falda, o verde do piñeiro e de carballo e mais enriba, o verde das tenzas de toxo: unhas com toxo novo i outras co toxo xa apañado. No meio do toxal o verde das carpazas e dos penedos. Na divisoria, entre a montana i o val, un regato ledo i algareiro e unha música como a da canción do melro

No pano ollarase unha leira arada. Os sucos semellan pequenos ríos: eses ríos que fan xogando os nenos aldeás, con cadullos e cómaros. Os cómaros serán verdes e con minúscula — pra diferencia-los dos «Cómaros verdes», de Aquilino Iglesia Alvariño,—cun verde de pasteiro que tira a branco.

A luz é lene e vai caendo amorosamente sobor da escea dando unha sensación de vida: da nosa vida de acotío.

O Tempo estará presente e quedo.

ESCEA PRIMEIRA

Labrego — ¡Esta terra pesa!

Muller — É natural que a terra pese.

Labrego — Según. A quen non sinte a terra non lle poide pesar. A min esta terra pésame porque é miña. Porque a levo comigo a onde vou. Porque eu tamén lle pertenezco a terra. Eu son terra, miña amiga. E sintome na terra, no suco recién arado e na leira gradada de recién. Asoballar a esta terra é asobalhar-me a mín.

Muller — Está ben.

Labrego — ¡Está ben! ¡Craro que está ben!

Muller — Eu decía que a terra está ben como está. Mais a terra é escravitude.

Labrego — No mundo, na vida, todo é escravitude. Olla ós namorados. Olla a este. Olla a aquel. Ollate a tí mesma. Todo é escravo de algo ou de alguén. Eu son escravo da terra: a mellor das escravitudes.

Muller — os namorados non son escravos.

Labrego — ¡E logo qué son?

Muller — Servidores.

Labrego — É o mesmo.

Muller — Non é o mesmo. A estrela sempre aluma.

Labrego — E cando a estrela non aluma hai que pechar os ollos. E cando aluma hainos que pechar tamén.

Muller — Todos imos cos ollos pechos.

Labrego — Todos non: eu sei o que quero.

Muller—¿E tí que queres?

Labrego—Quero ser unha singularidade.

Muller—Pois xa a eres.

Labrego—Ainda non ¡Eu quero ser eu!

Muller—Pois tí xa eres tí.

Labrego—Inda non. Eu quero ser eu ó meu xeito de home. Eso é: eu coa miña terra. A miña terra e mais eu. Despois tí. E despois a estrela. E despois a noite.

Muller—¿I o home? ¿I o home?

Labrego—O home despois, Ou antes. Cecais sempre. O home é sempre o derradeiro. ¿Comprendes?

Muller—Non.

Labrego—Pois tes que comprender.—¿Tí non eres a miña muller?

Muller—Son a tua muller. Só a tua muller. E doime deso.

Labrego—¿E logo que querías?

Muller—Non sei si me espicarei ben: quería ser tamén a tua terra. Esa terra que está metida en tí como unha maldición. Sempre me falas da terra, Sempre a mesma conversa. Sempre a mesma terra...! Deus! Deus!

Labrego—Xa eres a miña terra. Unha terra doada que só teño que sementar nela, E ben doado ¿non...? Cumpro coa miña obriga. Boto en tí a miña semente e despois es tí a que a tes que facer agromar. ¿Non é así?

Muller—Non. Non é así.

Labrego—Pois ten que ser así.

Muller—Tí non aloumiñas. Quero o aloumiño que l'e das a terra. Quero o amor que pos na semente do trigo e do centeio.

Labrego—Ese aloumiño está na miña semente. Os leiros só teñen o aloumiño que eu les dou. Os...

ESCEA SEGUNDA

Aparez a Terra. É unha vella de moitísimos anos. Trai máscara. Por ollos duas estrelas. Por cabelos algo que semelle ramallos e palla de centeio. Por vestido escravina verde e saia parda.

Muller—¡Deus nos valla!

Terra—¡Cala! ¿Qué sabes tí de Deus?

Labrego—Eu coído coñocerte.

Terra—Eso coidas. Tí tripasme todos os días, mancasme as entranas. asoballasme. Tes o corazón cheo de fel. Só anceías os froitos que che da terra. Tí eres un home cheo de terra cativa.

Muller—As tuas verbas dan arrepío. ¿Quén eres tí?

Terra—Unha realidade case eterna.

Labrego—¡Ja! ¡Ja! ¡Ja!

A gargallada de risa do Labrego é case histórica. Semella como si a fondura do seu ser se abalara como unha folla movida polo furacán. A risa do Labrego alongase deica chegar ó iño.

ESCEA TERCEIRA

Esta escea debe dar a sensación do mouro. Os persoaxes terán una estilización como a dos persoaxes de ballet.

PROSADORES DA GALIZA E DE PORTUGAL

Homes vestidos de mouro coa pecheira da camisa branquísima como unha cunca de leite. A faciana pálida, os ollos fondos. A luz proietarase sobor dos homes pra marcar a sua cor moura. Un mouro como o agoiro do corvo. Un mouro como o da morte. Un mouro que da medo.

Labrego — Sinto algo tristeiro en min.

Un Labrego — Ê como si a morte andivera facéndolle a ún as veiras.

Outro Labrego — Esto non me gusta. Voume pra casa.

Terceiro Labrego. — Ê como si a luz tivese a luz da terra. A min a terra dame arrepío. Quixera fuxir dela.

Labrego — Non sabes o que dices.

Terceiro Labrego. — Sei moi ben o que digo. E por qué o sei quero fuxir. ¿Entendes? !Quero fuxir!

Outro Labrego. — Da terra poidese fuxir. De ún mesmo non se poide fuxir.

Labrego. — Non sabedes o que queredes, Non sabedes nin a onde queredes ir. Sondes como o vento. Pasades sin decatarvos por onde pasades e derramades todo, Sondes como sombras, Nin tan siquer sondes sombras: a sombra polo menos é algo, E vós sondes tan pouca cousa que nin siquer sondes algo.

322

Outro Labrego. — O que nos dis non me importa. Dende que fuches Pedaneo andas cheo de fachenda.

Labrego. — Teñovos lástima. Vós non sondes ninguén. Hai que saber que ún é. Vós sondes probiños porque sondes escravos. I eu non son escravo. A terra é miña escrava. A terra ten que ser nosa escrava. E falades de fuxir. !Non sondes homens!

Un Labrego. — ¡Eso si que non!

Outro Labrego. — ¡Non sabes o que falas!

Terceiro Labrego. — Non che consinto que...

Labrego. — ¿Non me consintes que...? Non me consintes que eu sexa un home que che diga a verdade. ¡Un home que cavila e que queira facer de tí, de vos, algo que se semelle a un home!

Outro Labrego. — ¡Eu xa son un home!

Primeiro Labrego. — ¡Eiquí todos somos homes!

Un Labrego. — Ben dito: eiquí todos somos homes.

Lobrego. — Os homes...! Ja! !Ja!, !Homes: labregos, que lhe teñen medo a terra!

Un Labrego. — ¡Está tolo!

Primeiro Labrego. — ¡Tolo de remate!

Terceiro Labrego. — ¡Éu voume!

Un Labrego. — ¡Eu tamén!

Primeiro Labrego. — ¡I eu!

Vance. A escea fica en silencio. Nun silencio pecho que moi ben se poide cortar cun coitelo. A luz vai mermando. A luz vai agonizando como si tivera sentimentos humás.

O Lobrego fica en visio, ollando a luz: Cos xeitos dará a impresión que lle fai a agonía da luz: unha agonía semellante a do seu esprito como si toda a dor do mundo pesase na sua conciencia e se espellase na sua faciana. Hai un intre no que a escea fica na escuridade. Oise un laio longo e melanconico. Depois a luz vai medrando como medra un mencer ledo i amoroso do mes de Maio.

ESCEA CUARTA

Labrego. — !A terra! !A terra! Quedei só coa terra. Coa miña terra. Eu son un Labrego i a terra é miña. Deus criouna pra que fose a miña escrava. Pra que eu —só eu— fose o dono da terra. Pra que eu a poseia con todas as miñas potencias. Aquela vella é unha meiga. Unha mala muller que veu encher de sombra a miña conciencia, que veu alodar a miña conciencia. !E non! !A min non me pon medo ninguén! !Ninguén !A terra! Eu sei que son terra: I a miña muller tamén é terra. Bueno; esa nin tan siquer é terra: é esterco. O esterco tamén é bó...

Os meus leiros teñen a miña vida, todo o meu latexar humán. A miña mulher doulle mais do que meresce: doulle a miña semente. Ela ten dabondo con facela agromar e despois frolecer. !Ainda se queixa! !Inda non lle semella dabondo! A miña muller entende i é muller. Por eso me ten que dar a min o seu garimo pra que eu llo dea a terra que fai posibel a sua vida i a miña vida.

Nada hai no mundo mais fermoso que gradar as terras. E logo aralas. E despois sementalas. I ollar como agroma a semente, como vai medrando, como frolece. E logo a colleita! qué ledicia! O trigo dourado como o ouro. O dourado do ouro é fermosísimo. Mais fermoso que a miña muller. E todo gracias ó meu esforzo. Gracias ó meu amor que vai regando a terra xenerosamente, sin reparar en cousa ningunha. Todo gracias a mín.

A terra é miña escrava i obedéceme sempre. Non ten outro remedio. Eu seille facer ben as cóxegas. Seina facer parir: pra eso son un home. I a terra dame todo canto aneio. Os meus veciños son como bestas e non se decatan de nada. !Qué lle imos facer! Non saben mais. Non saben do gozo que é facer que a terra dea todo canto ún aneia, todo canto ún precisa. Non cavilan. Non saben valorar a cor do trigo que é xustamente a cor do ouro.

A luz da escea vai medrando deica as derradeiras verbas. Entón a luz é unha explosión de forza: fire nos ollos cómo o coitelo mais afiado. A cor da luz é metálica como a cor do ouro. Despois unha cor azul. Unha luz azul: azul é tamén a nosa esperanza. Un azul esmaiolado e lonxano como o azul dos montes no Outono.

Labrego. — Eu pidolle todo a terra. Hai quen anda co gando. Hai quen é pegureiro, por exempro. O pegureiro non ten que facer ningún esforzo; só ir de lugar en lugar tripando terras inutilmente que non quedan no seu corazón.

Eu amo a esta terra que se apega ós meus pes i as miñas roupas, dándome o seu recendo. Unha terra que me agarima e que entrou no meu corazón como unha amante e que na miña hora derradeira so misturará co este meu corpo de home.

ESCEA QUINTA

A luz é natural. A escea é unha mistura de seriedade e de inxenuidade. Seriedade xeométrica de leira recién arada por parte do Labrego e de inxenuidade—a tenra e milagreira inxenuidade do pardal—por parte dos nenos. Os nenos teñen os ollos verdes de ollar tanta campía, a fala cantareira de escoitar tanto regato, a faciana un tanto escura de esculcar tanto horizonte, resistir tanto sol, tanta choiva e tanto vento.

Neno Primeiro — ¡Señor Labrego!

Neno Segundo — ¡Sorria, señor Labrego!

Labrego — ¿Qué demo queredes?

Neno Terceiro — Eu non quero ningún demo: quero un ouriol.

Neno Cuarto — Eu un chifre,

Neno Primeiro — Eu unha mazán.

Neno Segundo — Eu un aradiño.

Labrego — ¿E pra qué queres o arado?

Neno Segundo — Pra facer um leiro

Labrego — Está ben.

Neno Primeiro — Eu quero unha mazán.

Neno Terceiro — Eu un xilgaro.

Neno Cuarto — Eu quero unha navalla.

Labrego — Eu quero que vos vaiades.

Neno Cuarto — Non me quero ir.

Neno Terceiro — Eu tampouco.

Neno Segundo — Nin eu.

Neno Primeiro — Nin eu.

Labrego — ¿Qué é o que queredes?

Neno Segundo — Eu quero un carriño.

Neno Primeiro — Eu quero unha pistola.

Neno Terceiro — Eu quero un peixe.

Neno Cuarto — Eu quero unha estrela.

Neno Segundo — ¡Eu quero un carriño! ¡Eu quero un carriño!

Labrego — Voltadesme tolo. ¿Pra que queres o carriño?

Neno Segundo — Pra levar o trigo que recolla na miña leira. Pra levar ó meu cabaceiro o millo que recolla na miña leira. Pra levar pró meu pataqueiro as patacas que recolla na miña leira.

Neno Primeiro — Eu non quero un carro. Quero un carrula.

Neno Terceiro — Eu quero unha gaiola pra meter nela un pazpallar que pillou meu irmán.

Neno Cuarto — Eu quero un ichó pra pillar perdices.

Neno Segundo — ¡Eu quero un carriño! ¡Quero unhos bois pra ir de carreto co meu carriño.

Labrego — Todos queredes algo. Eu non teño que vos dar. Todos sondes a pedir. Tendes a alma de esmoleiros de vosos pais.

Neno Primeiro — Meu pai ten unha eixada que relumbra como unha estrela.

Neno segundo — Meu pai ten unha escopeta pra ir as perdices.

Neno Terceiro — Meu pai ten un can de palleiro que laia como un cristiano.

Neno Cuarto—¡Meu pai ten un reló!
Labrego—¡Está ben! ¡Está ben! Deixademe en paz.
Neno Segundo—Señor Labrego: ¿vostede ten pombas?
Neno Primeiro—Señor Labrego: ¿vostede ten un chisqueiro?
Neno Terceiro—Señor Labrego: ¿vostede ten unha estrela?
Neno Cuarto—Señor Labrego: ¿vostede ten un neno?
Labrego—Eu só teño terras.
Neno Primeiro—Vostede é un probe.
Neno Segundo—Vostede é un labrego.
Neno Terceiro—Vostede é un coitadiño.
Neno Cuarto—Vostede é un esmoleiro.
Labrego—¡Largo de aquí!
Neno Primeiro—¡Fero!
Neno Segundo—¡Malo!
Neno Terceiro—¡Langrán!
Neno Cuarto—¡Mal home!
Neno Segundo—¡Non te quero!
Neno Primeiro—¡Pousafoles!
Neno Terceiro—¡Rañán!
Neno Cuarto—¡Correcás!

Vanse os nenos. A escea fica silandeira i escura. O Labrego olla o anco polo que fuxiron os nenos.

Labrego—¡Condenados de nenos! ¡Voltan a un tolo!

Escoitase o chíio dun paxaro; un melro roubauvas, ledo e rexoubador que semella cantar no meio dunha silveira que hai no decorado. A canción do melro é unha ribeirana que ten toda a ledicia que poide dar o viño e toda a tristura melanconica e fonda deses serans tépedas que non teñen presa ningunha de morrer.

ESCEA SESTA

Labrego—Xa estou só. Estou somentes co meu tempo e poido cavi-
lar. O Lamagón de Sobrevila está botando moita gorga: teño
que desinzar. Cando a un leiro lle da por criar mala herba é
como cando un mal pensamento prende en ún. Ós malos pen-
samentos hai que lles retorcer a gorxa. Eso é.

Entra o Pegureiro. É un home ledo que trai un ar quedo na sua ollada. Un ar como auga estancada. Viste zamarra, calzón de pana i un chapeo de pel. Trai un caxado que semella o báculo dun bispo. A sua sorrisa é maina como as raiolas de sol que entran a través dun cristal e que deixan arredor de si unha quentura tépeda, case humán.

O Pegureiro sorri. Queda us intres parado diante do Labrego. A luz proietase sobor do Pegureiro que é un home outo. O Labrego fica entre fusco e lusco.

Labrego—¿Quen eres tí?

Pegureiro—Xa ollas quen son: un home que está a tua veira.

Labrego — ¿E qué fas a miña veira?

Pegureiro — Falar.

Labrego — ¿Falar de qué?

Pegureiro — Do que sexa.

Labrego — ¿Eres moi falador?

Pegureiro — Moito non.

Labrego — ¿E quén eres tí? ¿Un pelengrino?

Pegureiro — Non: un pegureiro.

Labrego — ¿E qué peguras?

Pegureiro — Ovellas. Ovellas brancas e mouras. Unhas brancas como os meus anceios i outras mouras como a miña soedade. Como esa tristura que moitas vegadas che da o estar contigo mesmo.

Labrego — Un pegureiro sempre ten que estar só. Aínda que esto é ó comenzo. Despois xa non. Despois é uha ovella mais do seu fato. Unha ovella moura que sempre anda a cavilar cousas mouras.

Pegureiro — Eso según. Un home non é unha ovella. E ún non só cavila cousas mouras.

326

Labrego — Os pegureiros non sondes bos. Andades polo monte e deprendes as mañas arteiras do raposo e tendes a fame do lobo carniceiro. Sodes ruís.

Pegureiro — Coñocesnos mal, amigo. Os pegureiros somos homes como calquera, ganamos o noso pan como calquera. Eso é todo.

Labrego — Pero andades de eiquí pra acolá, de galiñeiro en galiñeiro como o raposo, de fato en fato como o lobo carniceiro e non parades en ningún lado.

Pegureiro — Esaxeras.

Labrego — ¿Pra onde vas agora?

Pegureiro — Ficarei ó pe deste monte. Pola Primaveira, entre o val i a montana, hai os mellores pastos.

Labrego — ¿E de onde ves?

Pegureiro — Traio o meu gando da corte. De Inverno hai que encortellar a avenza.

Labrego — ¿Vas estar moito tempo?

Pegureiro — Moito non.

Labrego — Deica que o teu gando arrase as nosas terras. ¿Non é eso?

Pegureiro — Non. Pra eso estou eu.

Labrego — Ben te entendo.

Pegureiro — É craro. Teño pouco que entender. Son sempre como o vento da serra e craro como o ceio limpo.

Labrego — ¡Eres un desarraigado!

Pegureiro — Son un home que sei o meu oficio. Estasme aguiollando i eu, de que seipa, nada malo che fixen.

Labrego — Estoume defendendo. Defendendo as miñas terras do teu latrocínio.

Pegureiro — Eu non che veño roubar nada. Son un home honrado.

Labrego — Si eres un home honrado, como dices, debeste de ir.

Pegureiro — Non poido. Teño que manter o meu fato de avenza.

Labrego—Nesta terra non. Esta terra está tan apegada a min como está a miña alma. ¿Comprendes?

Pegureiro—Non comprendo. Non entendo nada do que me estás decindo.

Labrego—Pois falo ben craro. Non te quero ollar nin a tí nin ó teu gando por estas terras. E todo canto teño que che decir.

Pegureiro—A terra é de todos i a todos nos ha sobrar terra.

Labrego—A terra é miña.

Pegureiro—Ti eres un avarento.

Labrego—O que eu son a tí non che importa.

Pegureiro—Eres un cego. Un home co corazón cheo de terra. E no corazón de cada ún debe de haber mais que terra.

Labrego—¡Non te escoito!

Pegureiro—¡Non che falo mais!

ESCEA SETIMA

O Labrego fica desasosegado. As verbas do Pegureiro fixeronlle mal: ferirono no sitio en que o tiñan que ferir. O Labrego sinte unha carraxe forte dentro de sí. A mesma caraxe que debeu sentir Caín cando matou a Abel. A ollada do Labrego ten algo de sombrizo, algo de xeado. A sombra arrepiante do crime bailalle na ollada, tráxica e fonda.
Van entrando Labregos.

327

Labrego Primeiro—¡Hai boa colleita de centeio!

Labrego Segundo—¡Inda non hai queixa!

Labrego Terceiro—¡Peor podía ser!

Labrego Cuarto—A min na Leira da Cancela, mancoumo algo a xeadá.

Labrego—O Pegureiro vai vir co seu fato de avenza arrasar as nosas leiras.

Labrego Cuarto—As nosas leiras non. Virá ó monte.

Labrego—Co gallo de que ven ó monte logo pace os nosos labradíos.

Labrego Primeiro—A min os pegureiros nunca mal me fixeron.

Labrego Segundo—Nin a min tampouco.

Labrego Terceiro—Eu fun pegureiro e nunca lle fixen mal a ninguén.

Labrego Cuarto—Co pasto das Regas ten dabondo prás ovellas.

Labrego Quinto—Os pegureiros son xente de paso e non adoitan a facer mal.

Labrego—A nosa terra é nosa somentes. A nosa terra só a nós nos pertence. E somos nós os que a temos que gardar.

Labrego Primeiro—Eu xa gardo a miña terra.

Labrego Segundo—Non se metendo comigo eu non me meto con ninguén.

Labrego Terceiro—Non ollo de quen haxa que defender os nosos eidos.

Labrego Cuarto—Os pegureiros non nos fan mal.

Labrego Quinto—Cadro conforme.

Labregos.—¡Sondes como coellos: non sabedes defender o voso!

Labrego Primeiro.—Andas cheo de fachenda.

Labrego Segundo.—Cando estás só cavilas moito demais.

Labrego Terceiro.—Hai que coller as cousas como son.

- Labrego Cuarto* — Non esfaragulles mais os miolos.
Labrego Quinto — Cadro conforme.
Labregos — !Sondes unhas galiñas! ¿Sabedes que vos digo?
Labrego Primeiro — ¿É qué?
Labrego — Que este ano o Pegureiro non virá co seu gando.
Labrego Segundo — ¿E logo?
Labrego — É logo non.
Labrego Terceiro — Eso é figuración tua. ¿Por qué non ha vir?
Labrego — Por que eu non quero.
Labrego Cuarto — ¿E quén eres tí pra llo privar?
Labrego — Un home con todo moi ben posto.
Labrego Quinto — Eu gosto do son da fruta do Pegureiro.
Labrego — Deixate de sermós.
Labrego Quinto — O son da fruta do Pegureiro dalle voz a tarde.
Labrego — Ti es lelo. O Pegureiro non virá. Como veña heino de matar.
Labrego Primeiro — ¡Non sabes o que dices!
Labrego Segundo — ¡Non sabes o que fas!
Labrego Terceiro — ¡Non o cavilache ben!
328 *Labrego Cuarto* — ¿Tí sabes o qué é matar?
Labrego — Sei: matar é desfacer unha vida.
Labrego Quinto — ¡Deus nos alume!
Labregos Todos — ¡¡¡Amén!!!

ESCEA OTAVA

O Labrego está case eu sombra. A escea ten unha tensión forte como si fora pasar algo irremediable. O Labrego está murcho, fora de sí como si unha forza allea a él o poseera e domeñara. Aparez a Terra. Tras sí deixa un ronsel de negrura, fea e moura como o pecado mortal.

- Terra* — ¿Qué tal, meu amigo?
Labrego — Eu non son teu amigo. Eu non amigo de ninguén.
Terra — Pois hai moitos anos que nos coñecemos.
Labrego — Imposibel. Eu nunca tiven trato coas meigas, Mais agora é posibel que...
Terra — ...Precises de min.
Labrego — Adiviñache.
Terra — ¿Tí non sabes quen son eu?
Labrego — Non.
Terra — ¿E querelo saber?
Labrego — Quero.
Terra — ¡Eu son a Terra!
Labrego — ¡A Terra! ¡Non é posibel! ¡A Terra non fala!
Terra — Pois son eu: a Terra, tua dona.
Labrego — ¡Eu non teño donos!
Terra — ¡Eu son a tua dona!
Labrego — ¡Ti serás a miña escrava en todo caso!
Terra — Eso coidalo tí, ¡coitadiño!. Eu a Terra ¿tua escrava?

- Labrego*—Co meu esforzo a Terra dame todo canto quero.
Terra—O teu esforzo pouco val. Todo o que tes doucho eu porque quero. E aínda che hei de dar mais si...
Labrego—¿E que me has de dar?
Terra—Todo o que tí queiras. Pero tesme que facer algo en troque.
Labrego—¿E qué che hei facer?
Terra—Moi sinxelo: dar-me de beber.
Labrego—¿Darche de beber?
Terra—Eso é.
Labrego—¿E cómo?
Terra—Matando ó Pegureiro. O sangue do Pegureiro mata a miña sede e faime froitificar porque é sangue inocente. Eu son fértil gracias a sangue do primeiro Pegureiro do mundo: Abel. Aínda me estremezo de pracer cando lembro o sangue de Abel.
¿Darasme tí de beber?
Labrego—Darei.
Terra—¿E non terás medo?
Labrego—Non.
Terra—Así que me deas de beber serei tua escrava.
Labrego—Está ben.
Terra—Dareiche todo o que tí queiras sin esforzo algún.
Labrego—¿Darasme moito trigo?
Terra—Moitísimo.
Labrego—¿E moito millo?
Terra—Todo canto queiras
Labrego—A min gustame o trigo i o millo: ¿sabes por qué?
Terra—Non
Labrego—Porque o millo i o trigo son dourados como o ouro.
Terra—Eu tamén teño moito ouro.
Labrego—¿E onde?
Terra—Agachado nas miñas entranas.
Labrego—¿I hasme de dar ouro?
Terra—Hei. Tí tes que matar ó Pegureiro. Teño necesidade de sangue pura e nova que me remoce: eu son vella.
Labrego—Xa sei: entendote perfectamente.
Terra—Confío en tí.
Labrego—Poides confiar.

ESCEA NOVENA

Fai un sol de groría que ilumina toda a escea con gran gozo. Escoltase o canto dos paxaros. A luz do sol aloumina as cousas co garimo tenro co que a nai agarima ó seu nenho. Esta escea dará sensación de ledicia. A ledicia labrega das seituras, das mallas.

- Labrego*—Esta terra non da nada.
Muller—Queixarse sin razón é ofender a Noso Señor.
Labrego—Eu non son unha muller que se queixe sin mais nin mais.
Muller—Este ano a colleita foi boa. Dendes que son muller non lembro outra igual. Debes tirar de tí malos pensamentos. Canto mais ún ten mais quer.

Labrego—Eu quero mais. Moitísimo mais.

Muller—Eu o único que quero é que teñas paz i amor.

Labrego—Pois xa teño o teu amor ¿ou non?

Muller—Querote meu enteiramente. E que deixes de matinar tanto na terra e que matines unha miguiña mais en min. Só matinas na terra como si non tiveras terra dabondo.

Labrego—Inda quero mais.

Muller—¿E pra qué?

Labrego—Pra tela. Hei ter mais terra !Moita mais!

Muller—!Nunca cheo de terra te vexas! !Dasme noxo!

Labrego—Non está ben alporizarse. Escoita.

Muller—Dí o que queiras.

Labrego—A ti gustariache que non che coupera o trigo nas tullas?

Muller—Gustaría, pero temos dabondo.

Labrego—¿Gustariache que non che coupera o millo no cabaceiro?

Muller—Tamén, pero temos millo dabondo pró consumo e aínda pra vender.

Labrego—¿Gustariache ter mais ouro que ninguén?

Muller—¿A qué veñen todas estas cousas?

Labrego—Que imos a ter todo eso que che dixen.

Muller—¿E cómo?

Labrego—Matando ó Pegureiro?

Muller—¿O Pegureiro...? ¿Matando...? !Non comprendo!

Labrego—Eso é: matando.

Muller—¿Sabes qué vas facer...? !Ti deche en tolo!

Labrego—!Sei o que vou facer!

De súpeto aparece o Pegureiro. Ven asubiando, Trai un coitelo na man co que labra un pao. O Labrego i a Muller enmudecen. Fican estantíos. O Labrego reponse axiña.

Labrego—¿Onde deixache o gando?

Pegureiro—¡Nas Regas!

Labrego—¡Voute matar!

Muller—!Non! Non!

Esta escea desenrollase con moitísima rapidez: O Labrego saca un revolver. O decatarse o Pegureiro chántalle ó Labrego o coitelo no peito. O Labrego cai morto.

Pegureiro—!Caín! !Caín! !Pola tua culpa perdinme! !Caín! !Pola tua culpa! !Caín! !Caín!

A Muller, (índo ó pe do Labrego)—!Non! !Non poide ser! !Señor! !Señor...!

A voz do Pegureiro fora da escea—!Caín! ¡¡Caín!! !!!Caín!!!

ANGELES INUTILES

de FERNANDO ECHEBARRIA

De palabra a palabra
los ángeles construyen
un corazón intenso
para todas las nubes.

Los ángeles se afanan;
y el corazón se sube
de sí a sí mismo. Salta
y desborda su cumbre

entregándose al vivo
en tristes plenitudes.
Dos ángeles trabajan
unos tristes azules.

Las palabras son nadie.
Y el corazón no sufre
en su llanto la nada
de tanta pesadumbre.

Trás lágrimas y lágrimas
se quedaron inútiles
mis ángeles, parados
trás sus ojos azules.

331

O TEMPO I A MEMORIA

de XOHANA TORRES

*¿Cál é o Tempo que corre
e me move o silencio?...*

Ana Maria, escoita, a tí che falo
dende o Castro pasando os piñeirás
logo de paseiar Xinebra ou Londres.
Nada leva que ver iste poema
cá mesta fog nin a sede da Onu.

Acó siguen as cousas
coma cando berrábamos
dende o fondo dos boscos.

332

Tal coma se de novo escomenzásemos
algún pirmeiro curso de canciós,
campos cheios de chuvia,
maus ós froitos impávidos
pra gostar a dozura que xa sabes.

Eu quérote engadir, a ponte, as dalías,
a tal beira caían os laranxos.

Aínda me escoito o mor. Onte sabíamos
de ónde lle viña, de remate, a iauga.

! Qué manancial a salvo, qué verdade
feita soio de pan, de xesta ou aire!...

.....
Cada día váinos deixando agora
ísa soidá tan boa para o lobo.
¿ Foi perciso gastar ou desvelarnos
as estrelas máis grandes
para atopar un portalón ás cegas
por onde vai sen compasión o Tempo?

Miña idade ten visto
perder a voce que ía a dicir algo
para ganarlle á vida por um soio silencio.
Aprendín ardentes vaticinios:
Qué cousa é Patria e corazón de home.
Puxen en venta os inocentes muros
pra todolos que amaron meu anaco de sombra.
Pechei a beira perto de mín mesma
E COMPROBO

que hai un naufraxio de onte. de palabras
que denantes flotaban coma hinos
cara a gorxas unánimes.

Non hai volta. Non hai. Imos pra historia.
Pasou o Tempo aquí de presenciarnos
claros espellos na avidez da iauga.
Pero sabendo que a vida é outra cousa
que o sol é outra cousa,
que xa nos perseguiron o Mañá,
(Téño visto matar sen previo aviso)
que haberá que negar ollos e brazos,
noustante, digo,
hei de cangar no sangue ista cidade
que erguín pirmeira, que habitei pirmeira
dende o punto de vista dos meus soños.

Dime ¿ qué de facer
con tantas cousas que non me seguiron?
Ista que eu son ás veces
nunha tarde quixera consagrarme
e confesar así moi simplemente
meus máis duros pecados venías.

Ana María Auz, ¿ iremos xuntas
pelo mesmo lugar onde nascimos?
! Quedan tantas preguntas por facer!
Eiquí me tés onde a pisada é doce
hoxe que no meu Tempo caíron as palabras.

Ana María Auz, acó istas cousas
i eu póño-me a chorar coma unha tola...

(Estou soia de antonte. Estou sabendo
meu corazón antigo pela man)

FAGULHAS

de REALVA

334

Serena
A barca
No Sena

Corridos os sons
Ao longe perdidos

Ar azulado
Espalhado
Crescendo
Descendo
Mas parado e mudo

Momento tenso
Suspenso
Escondido
Contido
No quieto absurdo

Fugidia brisa
A roçar o dia

Que lembrança
Subtil e mansa?
Que sonho
Fácil e risonho?
Levados nas águas
Levados nos ventos
Onde se foram os pensamentos?

Serena
Se foi
A barca
No Sena

Paris, 1958

A menina feia
Ficou para lá das estrelas
Luarenta e calma
Com um fragil sorriso
Na alma

Cá em baixo
Os outros tinham mudo e espanto
E piedade
Mas a menina feia
Era verdade

Para além da noite
Há enorme inquietação
Mas um êxtase
Enche o Coração
Da menina feia

A menina feia
Tem olhos de música e côr
Apenas parados
Para lá do Infinito
E ignorados

Os que não viram
Nunca nem estrêlas nem luz
Ficam rolando
Olhos de admiração
E falando

Dizem que a menina feia
É uma menina muito feia

London, 1956

CONTO

de MIGUEL GONZÁLEZ GARCÉS

O sapiño que foi príncipe
tragouse a esmeralda dunha hora
no curruncho dun prado de metal.
E catro globos cos que xogou o vento ríanse.
Non se soupo por que a nena do conto
nunca chegou a medrar.
Un orballo de outono meditou no fin da ialma do home
e atopou unhas folhas amarelas.
Namentras os lagartos
ergueronse moi graciosamente
pra bailar o minué

335

SUPLÍCIO DE TÂNTALO

de ALICE DE AZÉVEDO

Amor: noivam estrelas pelo céu,
Anda o luar as trevas possuindo,
E as próprias pedras sonham, pressentindo
Que a Primavera há pouco renasceu!
Amor: noivam estrelas pelo céu...
O Mar suplica à Terra um beijo infindo...
E os roseirais palpitam, entreabrindo,
Num anseio de afecto igual ao meu!
Amor: desperta!— vá, sorri à noite!...
Dá-me os teus braços para que me acoite
—Embala-me no som da tua voz!
Amor: não me respondes, que tortura!
Estar junto da fonte da ventura,
Condenada a morrer de sede atroz!

ELES NON SABEN

de A. TOVAR BOBILLO

336

Escoita, meu canciño,
irmau lonxano:
Eles non saben, non,
que algús estamos esbarando
na quietú dos solpores,
na tristura do campo,
na señerdá da frol e do animal,
sin albiscar o trunfo, xa pasmados
para sempre; que algús
temos no sol un fato
de lumes morredizas
e no vento salaíos,
que atinguimos coas maus
unha colleita de relamos,
namoros, glorias, deuses;
que imos á esculca de un anaco
pequeneiro, ruín,
mendiños dun farrapo;
que somos nenos
tristes, ilusionados
na canseira cruel
de andar ós viosbardos.
Eles non saben, non,
de algús predestinados
poetas, tolos.
O mesmo andacio
pegóu en nós
no corazón do orballo.
Escoita, meu canciño,
irmáu lonxano:
pasan os homes na cidade,
ríndose en alto,
coas pistolas da lei,
iñorantes e sanos
coa carteira runfante,
os fortes cos seus látegos
de bombas, baionetas,
de leixes e vocabros
mentirosos de patrias
prós escravos,
é unha vergoña triste
sentirse un espantallo
de soños sin poderes
pra acantazalos.
Pasan rente de nós.
e temos medo nós, os mácios,
os perguiceiros tolos,
medo, rabia e cansancio.
Somos inútiles degoros
na señerdá esbarando
como froles ou nubes
a veira das estradas, xunto o orballo.
Escoita meu canciño
irmau lonxano.

ESCOLA TIPOGRÁFICA DA OFICINA DE SÃO JOSÉ
RUA DE ALEXANDRE HERCULANO, 123 — P O R T O

Esta edición facsimilar ve luz
o 18 de decembro do 2020,
coincidindo co sesenta aniversario da aparición
da revista *Céltica* e da constitución do
Círculo de Estudos Galaico-Portugueses,
iniciativas ambas as dúas impulsadas
por Manuel Oliveira Guerra



ISBN 978-84-453-5371-4



9 788445 353714

